Coquinhão Espirita Cristã do Lisboa

N.º 1 JUNHO DE 1905 1.º ANNO

ESTUDOS PSYCHICOS

REVISTA MENSAL DE ANIMISMO
E ESPIRITISMO EXPERIMENTAL

Director — SOUSA COUTO

COLLABORADORES — Drs. Maxwell, Laurent de Faget, De Reyle, Wolowski, Marzorati, Roso de Luna, Quintin Lopes, Martins Velho, etc.

Escriptorio — Rua do Ouro, 149, 2.º LISBOA

O NOSSO TITULO E INTUITOS

O titulo que buscamos para esta publicação foi intencionalmente escolhido, afim de n'elle se comprehender uma vasta área de trabalhos e conhecimentos, necessarios ao assumpto integral da psychologia, na phase que modernamente vai atravessando.

A psychologia, na etymologica e ampla significação do vocabulo, abraça hoje um campo latissimo d'acquisições scientificas nos dominios da chimica, da physica e da biologia e que não pódem desprezar-se no inquerito pleno do seu primacial capitulo: existencia e persistencia do principio animico após a morte.

Não se trata, pois, da psychologia fundada no methodo subjectivo, do senso intimo, da introspecção, porque, explorada por largos annos e haurida em todos os seus recursos, não pôde conseguir estabelecer a certeza, como resultante dos seus esforços.

Os trabalhos psychicos que vamos tentar n'esta Revista, lançam mão de dados mais seguros e de methodos mais decisivos, pelo emprego da rigorosa observação e experiencia, incidindo na flagrancia dos factos externos e submettendo-os ao methodo positivo, d'inducção, iniciado pelos Bacons, erigido seguramente por Comte, Littré, Mill e Spencer, etc., incontestavelmente o unico tramite seguro na pesquiza da verdade.

Seria inutil encarecer as vantagens d'um methodo, que em si mesmo tem a garantia d'efficacia, e a cujo emprego devem as sciencias o grande incremento que nos ultimos tempos têm attingido.

Julgamos de necessidade frizar bem este exclusivismo de methodo, para afastar errados conceitos, que acaso possam fazer-se sobre a mentalidade ou criterio scientifico dos investigadores d'esta materia.

Felizmente, passou já essa epocha, crise historica inevitavel na annunciação de toda a inesperada e brilhante descoberta, em que o fallar-se apenas de magnetismo, suggestão, telepathia ou espiritismo, movia ingenuamente ao sorriso e ao desdem.

Hoje os tempos são outros; mas para estabelecer-se a tolerancia ou a prudente reserva, foi preciso que summidades scientificas da envergadura de Richet, Myers, Carl de Prel, Wallace, Gibier, Maxwell, Weber, Crookes, Mangin, Morselli, Lodge, etc., viéssem arcar com a insensata hostilidade, que em todos os tempos o preconceito ergueu contra os mais bellos emprehendimentos.

No decurso d'esta publicação terá o leitor logar de vêr o trabalho enorme, verdadeiramente grandioso, realisado no terreno do animismo experimental desde ha cincoenta annos; e então melhor ajuizará da dilatada área de investigações feitas e de factos accumulados, justificando assim o comprehensivo alcance que démos ao titulo d'esta revista.

Como se vê, a pedra angular em que assenta o valor e o pezo de qualquer opinião sobre esta materia, está no apanhado dilemma: saber ou não saber...

O juizo dos que nada estudaram, dos que nada experimentaram, ápriorístas de noções incompletas ou de illações falsas sobre a especialidade, não póde ter entrada de coefficiente na solução do problema psychico.

Só o estudo e a experiencia habilitarão ao juizo seguro, mas tal preparação é laboriosa e extensa, não comportando um exame superficial ou precipitadas deducções.

E' de toda a evidencia que o scopo principal do nosso programma é verificar, se no homem existe um dualismo, composto de corpo e espirito, não por meras especulações philosophicas ou processos methaphysicos, mas pelos meios de verificação experimental, que deve ser o apanagio da sciencia digna d'este nome.

E desde que se falla em experiencia, a concepção do espirito immaterial desappareceu, para dar logar á noção d'um principio material, embora extremamente tenue, captavel em circumstancias especiaes e agente de toda a actividade animica.

Era esse elemento que a Buchner faltou para poder sahir do apertado circulo do seu estudo e inducções.

Esse principio existe; é esta pelo menos a conclusão a que chegam os indagadores de largos annos. Este estado de consciencia, porém, só póde constituir-se legitimamente, estudando e confrontando com reflexão os phenomenos das duas distinctas regiões: *animismo* e *espiritismo*.

Na primeira comprehendem-se as manifestações d'aquelle principio em dependencia do organismo vivo; e á segunda pertencem os phenomenos do mesmo principio desintegrado já, livre e desprendido dos laços corporaes.

O discernimento das duas cathegorias de phenomemos, para ser judiciosamente feito, carece de aturada experiencia e d'um cauteloso criterio, com o indispensavel auxilio das diversas hypotheses, até hoje suscitadas, para explicação d'estes factos.

A psychologia physiologica, nos seus recentes estudos, é sem duvida importante, mostrando a correlação e dependencia entre a vida psychica e as condições organicas da sua manifestação; mas isto é pouco ou quasi nada perante a extensa phenomenalidade hoje desvendada.

Foi preciso que o magnetismo e o hypnotismo se estudassem accuradamente, na sua interessante dynamica d'exteriorisação, nas phases ultraclassicas, antes inexploradas, na sua acção transperiferica, para começar a fazer-se uma idéa mais justa da sua interpretação; e foi preciso tambem, que observações e experiencias, denominadas espiritas, viéssem completar o edificio, habilitando-nos a inferencias mais amplas, logicamente deduzidas dos novos materiaes.

Todos conhecem os progressos enormes realisados pela sciencia nos seus diversos ramos desde uma epoca relativamente proxima: a astrono-

mia, a chimica, a physica, a biologia, etc., têm dado passos de gigante.

Era, pois, justo, e impunha-se ás exigencias da mesma sciencia, que o estudo do espirito humano, no que toca á sua individualidade e destino, se aclarasse tambem, erguendo o seu conhecimento á altura de uma verdade proclamada, tão interessante á vida social e ás aspirações de cada um, que não será por certo o menor legado ás gerações vindouras.

Os intuitos d'esta publicação deprehendem-se bem claramente do que acabamos de dizer.

Entendemos que em Portugal se devia impulsionar a cultura d'um estudo, a tanto titulos salutar, que se está accusando por toda a parte com não igualado ardor.

Os que não conhecem este assumpto, nem a extensão que modernamente vai tomando, estão muito longe de suspeitar a vitalidade que a propaganda toma, e quanto n'ella está empenhado o mundo inteiro, pela grandiosidade intrinseca do litigio.

Todos aquelles que uma vez se convenceram, por qualquer modo que fosse, pois que a convicção segue diversos caminhos para entrar na consciencia de cada um de nós, não renunciam jamais á verdade.

Aqui não ha deserções, e o terreno conquistado não se abandona: defende-se valorosamente, custe embora o ultimo sacrificio aos seus defensores

Porque é bem notavel e digno de meditar-se este facto eloquente, unico que saibamos na historia da humanidade: a investigação faz-se simultaneamente por todos os pontos do globo, e dos mais afastados logares surgem verificações concordantes e tendentes á demonstração dos mesmos principios.

Não se dá, n'esta especie, o mesmo que succede com as outras descobertas, em que um Edison, um Hertz, um Roentgen, um Becquerel, um Ramsay, trabalham separadamente. Não.

Aqui congregam-se em muitos paizes os esforços dos individuos com os de associações definidas, no *desideratum* commum da investigação e proclamação dos resultados.

E não são só associações e federações de associações, são congressos internacionaes, onde delegados de todos os centros se reunem, para dar conta dos progressos e descobertas feitas e sommar n'um todo elementos dispersos.

O nosso fim é entrar, como parcellar insignificancia n'esse concurso universal, para que Portugal não seja o unico paiz da Europa e da America sem representação n'esses estudos.

Vimos modestamente, sem sombra de pretenções dogmaticas, nem de offensas a qualquer crença estabelecida, pois que tres artigos principaes constituem a nossa lei fundamental: inquebrantavel respeito ás convicções alheias, culto devido á verdade e sincera homenagem que a sciencia nos merece, quando seus ensinos se baseam no methodo experimental.

O objectivo d'esta moderna cruzada, reconhecendo a evolução, consiste em dar-lhe mais afastados horisontes, do que os até hoje previstos, forcejando por conquistar á methaphysica a sua primeira zona.

Spencer e com elle os representantes da escola positivista, dividiam todas as realidades em cognosciveis e incognosciveis, considerando intangivel esta segunda cathegoria.

Era então rigorosa esta divisão pela falta de elementos seguros d'estudo e concludencia. Hoje porém, factos repetidos e bem averiguados, observações e experiencias, conduzidas sob o mais sincero espirito de critica, vêm atacando as fronteiras do desconhecido, pôndo a descoberto uma faxa uberrima de noções importantes.

E' pela logica ineluctavel de taes factos, que, entre muitos, Charles Richet, cuja doutrina, nos estudos physiologicos anteriores, definia a alma «uma funcção do cerebro», vem ainda ha pouco affirmar nos Annaes de Sciencias Psychicas:

1.º que não ha contradicção alguma entre os factos e theorias do espiritismo e os factos positivos estabelecidos pela sciencia.

2.º que o numero dos escriptos, livros, memorias, relatos, experiencias é tão consideravel e appoiado por taes auctoridades, que não é permittido repellir esses innumeraveis documentos, sem prévio e profundo estudo.

3.º que a sciencia contemporanea está ainda tão pouco adiantada, relativamente ao que serão um dia os conhecimentos humanos, que tudo é possivel, mesmo o que nos parece mais extraordinario.

Ora é este exame prévio e profundo dos phenomenos, que pretendemos iniciar entre nós, pedindo que, sem elle, se não aventem antecipados juizos, sempre fallazes, quando o conhecimento falta e supre o preconceito.

O nosso desejo não é impôr convicções formadas a ninguem, porque a convicção só se conquista pelo esforço e pelo estudo.

Mas não é pouco, que lhe forneçamos os materiaes para esse resultado, indicando as provas já colhidas e os processos praticos para chegar a ellas.

E' de primeira intuição, que a publicação d'uma revista especial sobre a materia sugeita, constitue entre nós um tentamen arriscado, d'exito contingente pela impreparação do meio.

Todavia, ponderadas as razões especiaes da nossa situação, impõe-se-nos a tarefa como um acto de coragem litteraria, cuja renuncia seria imperdoavel, e como um dever de probidade scientifica, que manda exalçar a verdade, sempre, onde e quando a sua descoberta se realise.

Sousa Couto.

PLANO DE MATERIAES

Seria nosso desejo iniciar desde já o estudo mais ou menos profundo dos principaes capitulos d'esta psychologia moderna, abrindo assim caminho ás conclusões immortalistas que d'ella dimanam.

Haveria largo campo á analyse do magnetismo, hypnotismo, seus diversos estados, manifestações transcendentaes, telepathia nas suas variadas formas, exteriorisação da sensibilidade, da motricidade, do pensamento, etc.

Na supposição, porém, de que uma parte dos leitores desconhece ainda a phenomenalidade actual, é justo o receio de que, internal-os de chofre no dominio das grandes discussões e theorias, seria fornecer perniciosamente um alimento demasiado fórte a um organismo fraco.

E porque se trata d'uma revista e não d'uma obra fundamental, systhematica e completa, pareceu-nos preferivel preparar a receptividade do meio, pela ministração graduada de noções, factos e argumentos, afim de que posteriormente se possa, com mais proveito e desassombro, tratar todas as questões importantes do nosso programma.

E' assim que fazem as mais acreditadas revistas, e nem d'outra forma podia ser, visto que o seu fim principal é acompanhar as descobertas, quotidianamente feitas n'este ramo de investigações.

N'esta orientação vai justificada a ordem d'exposição, qualquer que seja, e o fraccionamento, ás vezes necessario, d'assumptos a tratar em successivos numeros.

O que mais particularmente constituirá o objecto da revista será o facto, a phenomenalidade e as condições da sua producção.

Os factos são argumentos incoerciveis; e um só, bem comprovado, vale mais e melhor do que um magistral discurso.

Só depois d'um grande numero de factos, obtidos em accurada observação e em austera experiencia, se poderá passar á sua interpretação logica, á critica das hypotheses ayentadas para a sua explicação, ás considerações doutrinaes deduzidas, e emfim a um trabalho geral de synthese.

Mas não devemos antecipar conhecimentos, ora inopportunos, e cuja deslocação da natural emergencia, seria prejudicial a um juizo fundado e seguro.

Não obstante o exposto, é de toda a conveniencia apresentar um schema, mais ou menos completo, tanto dos phenomenos animicos (durante a vida), como dos phenomenos espiritas (manifestações posthumas).

D'esta forma comprehender-se-ha com mais facilidade a natureza d'uns e d'outros, discriminando como convém, os respectivos campos.

Pertencem ao primeiro grupo os phenomenos de magnetismo e hypnotismo, nos estados classicos de lethargia, catalepsia e somnambulismo, como nas phases ulteriores, em que se exteriorisa a sensibilidade, a motricidade e a intellectualidade, até á formação e emancipação do duplo ou corpo astral, que é sem duvida a causa dos mais importantes casos de telepathia.

O agente d'estes phenomenos ou o vehiculo pelo qual se operam é o fluido odico, embora denominado diversamente, cuja existencia e leis estaticas e dynamicas nenhum investigador ignora.

Por este mesmo agente se explica hoje a suggestão, a transmissão do pensamento, a transposição dos sentidos, a clarividencia, a visão a distancia, etc., phenomenos que no decurso teremos occasião d'apresentar, com toda a authenticidade d'experiencias completas.

O que convém fixar é que nos casos de desdobramento acima referido, a exteriorisação do *eu* realisa-se em toda a integridade animica.

Quanto aos phenomenos espiritas, que são as manifestações do *eu* apoz a morte corporal, devemos fazer duas cathegorias: phenomenos d'ordem physica, e phenomenos d'ordem intellectual.

Os primeiros comprehendem as percussões e sons produzidos sem causa apparente, movimento de objectos sem contacto ou com contacto insufficiente para o effeito, penetrabilidade da materia, *apports*, isto é, apresentação e apparição de objectos por acção estranha aos assistentes, a visão do fluido odico e formas luminosas, quer definidas, quer amorphas; materialisações incompletas, geralmente de mãos ou bustos humanos; materialisações ou apparições de formas completas, luminosas ou não; impressões, moldagens, graphicos, alteração do pezo dos corpos, etc.

As manifestações d'ordem intellectual, exprimindo idea ou raciocinio, são: typtologia nas diversas variantes, significando o pensamento por percussões; escripta automatica, immediata pela escripta propriamente, e mediata por outros systhemas; escripta directa, fóra da acção visivel dos assistentes; incarnação ou possessão do medium pela entidade que se manifesta: factos d'audição directa, isto é, vozes que não são dos assistentes; percussões directas, sem causa conhecida, e mostrando que são produzidas com intelligencia, materialisação escrevendo ou fallando, etc..

As manifestações quer d'ordem physica, quer d'ordem intellectual algumas vezes são expontaneas, ao menos sem dependencia *conhecida* da presença d'alguem; mas, geralmente são provocadas nas experiencias e sessões, por intermedio de pessoas, chamadas *mediums*, isto é, que têm a faculdade de produzir esses phenomenos.

Como, segundo creio, alguns leitores não estão familiarisados com a technica e noções d'este assumpto, apresentamos rapidamente uma classificação das diversas mediumnidades, a fim de melhor comprehenderem o que de futuro se relacionar com os differentes phenomenos.

A primeira grande divisão de mediumnidade é em mediums d'*effeitos physicos* e mediums d'*effeitos intellectuaes*, segundo a sua especialidade consiste na producção d'uns ou outros phenomenos.

Em geral o medium especialisa as suas faculdades para algum ou alguns phenomenos, que se tornam as suas manifestações mais importantes.

Todavia alguns mediums são igualmente aptos para a producção de diversos phenomenos, como formas luminosas, materialisações, apports, incarnação, etc.

Em cada uma d'aquellas duas grandes cathegorias, os mediums subdividem-se ainda, conforme a sua qualidade especifica para a produção de determinado effeito, e do phenomeno physico ou intellectual produzido deriva a denominação da mediumnidade.

Assim, nos phenomenos de percussão, chama-se medium *typtologico;* nos de movimento dos corpos inertes, medium *motor;* nos de suspensão d'objectos ou elevação do proprio corpo do medium, chama-se medium de *levitação;* quando se dá a apparição d'objectos não existentes na sessão, o medium é de *apports;* ha mediums de *phenomenos luminosos;* mediums de *materialisações;* mediums de *moldagens*, de *impressões*, de *graphicos*, etc.

Quanto aos effeitos d'ordem intellectual, ainda a denominação é tirada do phenomeno produzido. Por isso, quando a manifestação é escripta, se diz medium *escrevente*, e segundo a escripta é inconsciente, devida a inteiro impulso extranho, ou um tanto consciente, mas involuntaria, ou

consciente, sendo a idea extranha, assim os mediums são *mecanicos, semi-mecanicos* e *intuitivos*.

Se o escripto apparece, sem que o medium o tenha feito, chama-se *medium* de escripta *directa*. Ha ainda mediums d'escripta *mediata*, mediums de *autographos*, mediums *polygraphos*, etc.

Se o espirito se appropria dos orgãos do medium e falla por elle, chama-se medium d'*incarnações*; ha-os tambem *auditivos e videntes*, segundo as communicações vêm por um ou outro sentido.

Ha mediums, que não sabendo linguas as fallam: são mediums *polyglotas*; ha outros analphabetos que dão communicações escriptas: são mediums *illetrados*.

A mediumnidade ás vezes exerce-se, estando o medium *em transe*, ou extase, e póde dizer-se que os melhores phenomenos são produzidos n'esse estado.

Ha outras variedades de mediums, segundo o seu desenvolvimento, aptidões, qualidades moraes, etc., mas o que por ora nos importa é a ligeira classificação feita.

O objecto comportava e merecia mais dilatada explanação, se não fôra a persuasiva necessidade de dar apenas noções preliminares indispensaveis á comprehensão das materias subsequentes.

A tal intuito bastam por agora os esboços acima delineados.

O redactor d'esta revista desde ha bastantes annos tem, até aos ultimos dias, observado o conjuncto d'uns e outros phenomenos, exceptuando a moldagem, a transposição dos sentidos e a materialisação completa, pois que só teve occasião de presencear materialisações parciaes.

Em compensação outros phenomenos, além dos enumerados, têm intercorrido nas suas experiencias, accentuando-se sobretudo aquelles, que n'uma raciocinada exegése, conduzem á prova da immortalidade.

As precauções tomadas têm por vezes excedido os limites d'uma estoica exigencia, e os documentos, as provas colhidas, as actas, os autographos, os apports, os mais severos testimunhos, emfim todo um material d'irreductivel evidencia, dão aos factos um cunho de certeza muito superior á que reveste e authentica os actos mais solemnes da vida social, e á que tantas vezes illumina a consciencia d'um jury esclarecido para decretar a maxima pena ao accusado.

Eis a genése do meu conhecimento logico, e só por ella se explica a intemerata decisão de vir tomar publicamente a ponderosa responsabilidade d'estas affirmações.

Sousa Couto.

Phenomeno d'exteriorisação e visão a distancia

A observação e relato d'este phenomeno pertencem ao nosso illustre collaborador J. Maxwell, doutor em medicina e procurador da republica junto á Relação de Bordeus.

Encontrando-se elle uma vez em casa de madame Agullana, em companhia de M. B., adormeceu-a, emquanto não chegava um medium, que aliás não veio.

«Prolonguei, diz elle, os passes longitudinalmente, desde a fronte ao epigastro, durante mais de 20 minutos.

De 7 ou 8 em 8 minutos, perguntei-lhe o nome. Ella dizia-o, mas chegou o momento em que pareceu não lembrar-se já, e ter perdido o conhecimento da sua personalidade.

Continuei ainda os passes, chamando a attenção do assistente M. B. sobre o facto de que, se madame Agullana parecia ter a anesthesia cutanea, mostrava sentir as picadas a 2 ou 3 centimetros fóra da pelle. Os passes continuaram ainda por cerca d'um quarto d'hora; e então madame Agullana accusou as duas particularidades seguintes:

1.º —A sensibilidade parecia localisada proximamente um metro atraz d'ella, e a 60 centimetros acima do nivel da cabeça. Ella estremecia quando, tomadas as precauções para não se ser percebido, se picava no ar, no ponto acima indicado.

2.º — Só as pessoas *en rapport* com ella, — no sentido que a esta expressão deu de Rochas — podiam impressionál-a: o contacto e a picada feitos por outras pessoas, não eram percebidos.

Estas duas particularidades, embora em condições não assaz precisas, para que a minha observação se possa considerar boa, merecem menção, porque me pareceram provaveis.

Depois os phenomenos desabrocharam mais: madame Agullana affirmava estar fóra de casa.

Disse-lhe então para ir vêr um dos meus amigos (dando-lhe o nome), bem conhecido d'ella. Eram 10 horas e 20 da noite. Com grande surpresa nossa, ella nos disse que o via, meio despido, passear descalço sobre a pedra.

Affigurou-se-me isto um absurdo. Comtudo no dia seguinte tive occasião de vêr o meu amigo, que, posto estar ao facto dos phenomenos do espiritismo, se mostrou muito admirado e me disse textualmente: «Hontem á noite eu não estava bom; um amigo que habita em minha casa, me aconselhou para ensaiar o methodo Kneipp; e me instou de tal fórma, que para lhe dar satisfação, puz em pratica pela primeira vez, hontem á noite, o passeio descalço sobre a pedra fria. De facto eu estava meio despido, e eram 10 e 20 da noite, andei algum tempo a passear, sobre os primeiros degraus da escada, que é de pedra». Excerpto dos *Phenomenos Psychicos*.

Uma manifestação expontanea em casa do dr. Dariex, redactor, com Ch. Richet dos Annaes de Sciencias Psychicas de Paris

Ha casas *visitadas* ou *mal assombradas* (*hantées*), em que ás vezes occorrem factos inexplicaveis, não podendo attribuir-se á acção d'um ser vivo, mas sim ao effeito d'uma força psychica.

Vamos dar a acta d'um d'esses phenomenos, e verá o leitor, que as

precauções tomadas revestem um caracter de excepcional segurança e os resultados obtidos contêem a feição d'uma prova irreductivel.

«Os abaixo-assignados: dr. Barbillon, da faculdade de Paris, antigo interno dos hospitaes, morador no caes d'Orléans, 16; Paul Bessombes, empregado de pontes e calçadas, morador na Rua Boutarel, 7; dr. Méneaut, da faculdade de Paris, antigo interno do hospital maritimo de Berck-sur-Mer, morador na Rua Monge, 51; Louis Morin, pharmaceutico de 1.ª classe, morador na Rua de Pont-Louis Philippe, 9 — todos de Paris, certificam a exactidão dos factos seguintes: Parecendo ao dr. Dariex, morador na Rua Bellay, n.º 6, d'esta cidade, que por vezes e nomeadamente em 25 de Janeiro de 1889, alguns phenomenos extranhos se produziam durante a noite no seu gabinete de trabalho, rogou aos abaixo designados, para virem verificar as observações que elle tinha já feito, sobre a existencia de taes phenomenos.

Tratava-se, no dizer do dr. Dariex, do factod'apparecerem por vezes cadeiras cahidas no seu gabinete, apezar de todas as precauções para evitar a fraude, parecendo impossivel que algum ser vivo ahi se podesse introduzir, porque as portas e janellas tinham sido methodicamente fechadas e selladas.

Desde 27 de janeiro a 4 de fevereiro, os abaixo assignados reuniram-se regularmente em casa do dr. Dariex, ás 8 da noite e 8½ da manhã, faltando ás vezes alguns, mas nem uma só vez faltaram á serie d'experiencias, o dr. Barbillon e o dr. Dariex.

O gabinete em questão é no primeiro andar da casa n.º 6 da Rua Bellay, formando a esquina da Rua Saint-Louis — en l'Ile, com 2 janellas para a rua, e 2 portas, sendo uma para o salão e outra para a casa de jantar.

Os moveis reduziam-se estrictamente a uma estante, uma papeleira, uma mesa, um divan, um fauteuil e quatro cadeiras. Examinado tudo com escrupulo, os abaixo-assignados, convenceram-se de que nada podia operar a queda ou deslocamento de qualquer movel ou objecto, por virtude de machinismo, fios ou outro qualquer meio, e que era igualmente impossivel occultar-se alguem no gabinete ou lá introduzir-se, depois de fechadas e selladas as portas e janellas. N'estas condições ás 8 horas de cada noite foram minuciosamente tomadas todas as precauções, que se podem resumir em fechar as janellas e portas, deixar por dentro a chave da porta do salão, sellar os fechos e fechaduras, por meio de tiras e lacre, tudo segura e rigorosamente; fixar a posição e ordem das cadeiras, sahirem todos, sendo o primeiro o dr. Dariex; vêr ainda de fóra se tudo estava conforme, fechar por fóra a porta da casa de jantar, ficando o dr. Barbillon com a chave, sellar a fechadura na abertura com o carimbo de Morin, que o guardava, fixar a ordem e numero d'esses carimbos, 7 ou 8, e voltar ás 8 ½ da manhã fazer um exame minucioso aos sellos, destruil-os e examinar o interior do gabinete.

Nunca foi notada a menor violação dos sellos ou cousa que sombra de duvida fizesse, e todavia na noite de 28 para 29 de janeiro, duas cadeiras estavam por terra, uma sobre o lado esquerdo junto á estante, outra de costas na direcção da janella e mesa. E na noite de 4 para 5 de fevereiro, outras duas cadeiras appareceram tambem deitadas, uma na direcção do divan e outra na direcção da janella.

Concluem: 1.º que ninguem podia ficar no gabinete, depois da sahida d'elles; 2.º que ninguem ahi podia introduzir-se de noite, antes que elles chegassem. Que pelos factos expostos, nas duas vezes descriptas, houve manifestação d'uma força, em apparencia mysteriosa, agindo fóra das condições habituaes, não admittindo uma explicação ordinaria; e que, não querendo conjecturar sobre a natureza intima d'esta força ou derivar conclusões positivas, se inclinam a pensar que se trata de phenomenos d'ordem psychica, similhantes aos que teem sido descriptos e verificados por outros observadores. — Dr. Barbillon; P. Bessombes; dr. Méneaut; L. Morin; dr. Dariex.» (Da obra do dr. Dupouy).

UM MEDIUM ANALPHABETO

Nos meus livros d'actas e de phenomenos, acha-se relatada uma sessão, a que presidi, na noite de 15 de novembro de 1902, em minha propria casa, e cuja summula vou dar, aproveitando a parte essencial. N'uma sessão anterior, viéra a indicação expontanea de que tinha mediumnidade aproveitavel uma nossa serviçal, de nome Ermelinda, de 18 annos d'edade, litteralmente analphabeta, na mais genuina significação d'esta palavra.

Feitas algumas experiencias, reconheceu-se que de facto Ermelinda era medium, como mostrou em varias sessões, entre as quaes escolhi a de 15 de novembro de 1902, para synthetisar agora.

Cumpre ponderar, que esse medium, se bem que de qualidades moraes excellentes, era d'uma extrema ingenuidade e não menor ignorancia, tanto relativamente a assumptos d'espiritismo, como a outros quaesquer conhecimentos.

Sobre tudo convém especialmente frizar, que ella nunca soube conhecer um *a* ou um *b*, nunca soube soletrar uma palavra e emfim a memoria deixava muito a desejar.

A' referida sessão estiveram presentes, além do medium, mais sete pessoas, cujos nomes constam da acta em meu poder.

Ermelinda costumava entrar em profundo estado somnambulico, primeiramente lethargico e depois cataleptico, mas não se manifestava o periodo de lucidez, sendo preciso para a despertar o emprego prolongado de passes transversaes e os processos costumados em taes casos.

Como das mais vezes, o medium ficou sentado n'uma cadeira junto a uma pequena mesa, e em volta sentaram-se em circuito os assistentes, dando as mãos para formar a chamada *cadeia*.

Tanto a mesa como o medium ficaram completamente isolados, sem o menor contacto com os assistentes.

Passado algum tempo, menos ainda d'um quarto d'hora, principiou a mesa a dar por golpes ou pancadas, segundo a convenção geralmente adoptada, as seguintes lettras: «p p o r t s e s s a o o i t o h o r a s q u a r t a f e i r a».

Interpretando eu successivamente as lettras, vi que resultava esta phrase: «pport, sessão oito horas quarta feira».

Em seguida perguntei o que queria dizer a primeira palavra, e fôram repetidas as lettras *apport*.

Então reconstitui a communicação inteira, e interroguei se queria dizer «que havia apport na sessão da quarta feira proxima ás oito horas da noite».

A resposta foi affirmativa.

Esta communicação pareceu aos assistentes devéras genuina, não só pelo estado em que o medium ficava, como pelo conhecimento que d'elle tinham, sendo mesmo difficil que um analphabeto, de memoria enfraquecida, podésse fixar uma communicação, que se exprimia por uma serie extensa de numeros variados.

Para o demonstrar, decompônhamos as lettras da communicação total nos numeros respectivos, pois que o *a* era representado por uma pancada, o *b* por duas, o c por tres e assim successivamente; e sendo a resposta affirmativa uma pancada e a negativa duas.

D'esta fórma, a serie de pancadas ou de golpes, separados por intervallos, para indicar lettra nova, foi constituida pelos seguintes grupos, representativos das respectivas lettras:

16 — 16 — 15 — 18 — 20 — 19 — 5 — 19 — 19 — 1 — 15 — 15 — 9 — 20 — 15 — 8 — 15 — 18 — 1 — 19 — 17 — 21 — 1 — 18 — 20 — 1 — 6 — 5 — 9 — 18 — 1 — 1 — 16 — 16 — 15 — 18 — 20.

Como o medium é analphabeto, não podemos explicar o phenomeuo por auto-suggestão, devendo attribuil-o a outra causa. Tambem nos pareceu que não houve suggestão ao menos consciente, porque nenhum dos assistentes pensava n'este resultado nem intencionalmente desejou ou procurou transmittil-o.

SOUSA COUTO.

Exemplo d'uma communicação por meio d'um medium escrevente

Este facto é recolhido dos trabalhos de Erny e de Gabriel Delanne, onde podem vêr-se os dados da sua authenticidade:

M. Mendum, director por longo tempo do *Boston Investigator* morreu em 1891; M. Wnderwood, collaborador do jornal, mantivera com elle relações d'amizade durante 25 annos, mas madame Wnderwood apenas conhecia M. Mendum, nada sabendo da sua vida particular. O numero do jornal que noticiava a morte de Mendum era datado de 21 de janeiro, porém só chegou no dia 23 do mesmo mez a Chicago, e só em 25 madame Wnderwood leu essa noticia e seu marido sómente d'ella teve conhecimento em 24, porque tinha sahido.

Não obstante, no dia *20 de janeiro á noite*, e portanto antes do conhecimento do obito, a senhora Wnderwood sentiu uma impressão no

braço, especie de choque electrico que costumava preceder as communicações. Nem ella nem seu marido pensavam em Mendum, quando a mão de senhora Wnderwood que era medium escrevente, traçou esta phrase: «Desejava fallar ao sr. Wnderwood. — Quem? — I. Mendum. — Que tendes para dizer-nos sobre o estado novo em que vos encontraes? — *Que estou muito surprehendido, não posso ainda comprehender onde me encontro.*

— Qual é o vosso estado d'espirito? — Perplexo...

«Eu estava tão pouco preparado para o que aqui vejo!»

Então o sr. Wnderwood disse: «se é realmente I. Mendum que está presente, que nos diga de que doença morreu?» — E' inutil, reflectiu sua mulher, pois ambos nós sabemos que elle morreu de velhice (elle tinha 80 annos d'edade). Insistindo o sr. Wnderwood, o medium escreveu com difficuldade a palavra «ulcera».

Em que parte do corpo? perguntou de novo. — «No estomago», foi a resposta.

Posteriormente, como se viu, veio confirmada a verdade d'esta communicação mostrando que o facto era exacto, e accrescenta madame Wnderwood, que nem a telepathia, nem a consciencia subliminal podem explicar como ella conhecesse estes factos 4 dias antes da sua publicação.

Manifestação d'um espirito com provas d'identidade

O relato, feito na Revista de G. Delanne, é firmado por Henri Carreras, um nome bem conhecido e respeitado por seus estudos e trabalhos. Eil-o textualmente: «Nos primeiros dias de fevereiro ultimo (1904), uma noite, foi obtida a communicação typtologica seguinte, em casa do advogado italiano Adolpho Daddi, que estava á mesa com sua irmã, D. Marianna, casada com Piero Bindi: — «Sou Gerolamo Capsoni, morto de doença do coração, no mez d'outubro ultimo, em Manleale, provincia d'Alexandria (Piémont)» — Pediu-se-lhe para provar de qualquer fórma a sua identidade e veio a resposta: — «Fallai de mim a Carreras, que me conhecia» — No dia seguinte, Bindi veio a minha casa, para me perguntar, se effectivamente eu conhecia Capsoni. Respondi affirmativamente, pois o havia conhecido, quando era director da revista espirita a *Medianitá*; mas as nossas relações limitaram-se á troca d'algumas cartas, porque Capsoni era em vida um convicto e fervente espirita.

A mesma entidade se manifestou na minha presença na noite de 2 de fevereiro.

Tendo a sr.ª Bindi perguntado: — Onde te encontras? Como estás? Que fazes? o espirito respondeu pelo poesia seguinte, que começáva assim: (Damos a versão em prosa).

«Eu vagueio no nada. Do bem supremo a vista sublime me faz ainda falta. Pedi a Deus consolação ás minhas penas. Sinto, tenho a intuição do immortal aspecto d'Aquelle, que é amor e harmonia no céo, mas não posso achar-me em sua presença. Como a flôr, queimada pela neve,

sem que um raio de sol lhe dê vida, parecendo estiolar-se na haste, tal eu sou na amplidão infinita, privado do irradiante sol que inflama o coração, apagada para mim a fonte do bem. Ah! que agonia! Não existe maior dôr para o espirito errante, a quem é prohibido, para se limpar de todo o erro humano, o chegar a tal fim, unica esperança e unica ancia dos que fôram «despojados pela morte da inutil argamassa» (este verso foi traçado por *escripta directa*, isto é, por meio d'um lapis, movido por mão invisivel).

O' piedosos! elevae ao céo o pensamento e uma prece pelos que fôram; elevae vossa alma para Aquelle que escuta todas as supplicas! Quando para vos chegar a ultima noite, a santa caridade que hoje vos anima, dirá aos pés do Senhor: Espero na eterna clemencia que perdôa».

Na noite de 3 de fevereiro ultimo, veio ainda este dictado na minha presença: «Sou Jeronymo Capsoni — Se tu o és em verdade, peço para me dizeres alguma cousa que te faça reconhecer de tua familia.—«Fui conselheiro provincial de 1895 a 1899 (facto verdadeiro, mas as datas não são rigorosas). Envio um beijo para o meu amigo Falcomer» — De que modo pódes tu fazer-te conhecer por Falcomer?

— «Que elle se recorde do meu adeus antes de eu morrer» — De que se trata? — «De phenomenos luminosos» — M. Falcomer confirmou-me ter visto no seu proprio quarto scintillações luminosas em pleno dia, precisamente no momento da desincarnação do seu amigo Gérolamo Capsoni.

Tudo que disse a entidade, que se apresentava como meu amigo Capsoni, foi reconhecido verdadeiro; e como ninguem sabia que eu o conhecia, que elle era poeta, que era religioso, creio bem que o facto tem todas as apparencias d'um phenomeno espirita.

Thereza Parvopassu, viuva de Capsoni, confirmou-me tudo que o espirito dictou, accrescentando que pelo conjuncto de factos, não duvidava de que era seu chorado marido.

Por seu lado, o espirito muitas vezes fallou em sua esposa, pedindo-me para lhe enviar suas communicações e saudações mais cordeaes.

Na noite de 7 de março elle disse que era obrigado a ausentar-se de nós, por esta fórma: — «Devo deixar-vos...

— E' a ultima vez que te manifestas?

— «Sim; a vontade de Deus e a sua infinita bondade, me ordenou na outra vida uma santa missão».

— Queres dizer que vaes reincarnar? — «Sim».—E depois de ter dictado uma precê, nunca mais se manifestou.

Estou firmado na convicção de que se tratava d'uma communicação espirita, e não d'effeitos de automatismo ou subliminal, porque ao mesmo tempo houve apports de flôres, deslocamento d'objectos, fórmas luminosas, contactos sem causa conhecida, etc.»

Henri Carreras, Via Aurora, 43, Roma.

APPARIÇÃO TELEPATHICA NO ESTADO DE VIGILIA

Vê-se dos annaes da Sociedade d'Investigações Psychicas (ingleza), o o seguinte facto, presenceado e relatado por F. Barker, antigo reitor de Cottenham, Cambridge: —

«Em 6 de dezembro de 1873, cerca das 11 horas da noite, eu acabava de me deitar, mas nem adormecera nem ainda tinha somno, quando abanei minha mulher, que me perguntou a razão. Eu respondi: — «Acabo de ver minha tia; ella appareceu, esteve aqui a meu lado, sorriu com o sorriso que lhe era proprio e desappareceu». Essa tia, a quem tinha muita affeição, era irmã de minha mãe, e n'essa occasião encontrava-se na Madeira, por motivo de saude, em companhia d'uma sobrinha, minha prima portanto.

Nenhuma razão havia para suspeitar que n'esse momento ella estivesse doente; mas a impressão que eu recebi, foi tão profunda, que no dia seguinte participei a minha familia, inclusivé a minha mãe, o facto que eu havia presenceado.

Decorrida uma semana, nós tivemos noticia da sua morte na mesma noite em que eu a vi, e levando em conta a longitude, a morte teve logar quasi no mesmo momento, em que a visão me appareceu. Quando minha prima, que a acompanhou até aos ultimos momentos, ouviu referir o que eu tinha visto, explicou que isso não a surprehendia, porque a finada havia chamado continuamente por mim durante a sua agonia.

E' a unica vez, acrescenta Barker, que me succedeu um facto d'esta natureza.

UMA SESSÃO COM O MEDIUM POLITI

PHENOMENOS DE MATERIALISAÇÃO

O relato d'esta sessão é feito pelo professor Milési, da Universidade de Roma, que a ella assistiu, dando-lhe particular garantia de verdade e authenticidade, vista a sua competencia e probidade conhecidissimas.

O professor Milési é um dos mais reputados campiões da moderna escola psychologica e criminologica italiana.

Tendo obtido um enorme successo em Bruxellas n'uma serie de conferencias sobre a obra d'Augusto Comte, foi depois convidado a vir conferenciar á Sorbonne, o que demonstra a fundada estima em que é havido. Como Lombroso, seu chefe d'escola, e cujos passos vem trilhando, ousou leal e corajosamente prestar homenagem á evidencia dos factos.

«Nos aposentos de Pierre Cartoni, praça de Ara-Coeli, 22, em Roma, reuniram-se na noite de 10 de Fevereiro de 1904, as seguintes pessoas: o professor Milési, da Universidade de Roma, o sr. e a sr.ª Franklin Simmons, americanos, moradores na Rua Agostino Deprétis, 86; Joseph Squanquarillo, dono d'um estabelecimento na Praça de Sant'Ignazio, 144, o sr. e a sr.ª Cartoni, e emfim Politi, que servia de medium.

Em taes circumstancias obtiveram-se phenomenos absolutamente maravilhosos, e tanto mais notaveis, quanto dois assistentes (o casal Simmons) nunca tinham assistido a sessões medianimicas.

O professor Milési ficou á esquerda do medium, e Cartoni á direita. Em breve Politi, dando mostras de somnolencia, e pedindo obscuridade, se retirou para um gabinete formado de pannos que chegavam ao pavimento, e em cujo interior havia uma cadeira. Primeiro começaram a apparecer pontos luminosos partindo do gabinete; depois madame Simmons sentiu varios contactos, ao mesmo tempo que grandes pancadas se ouviam sobre a mesa, em volta da qual estavam assentados os experimentadores.

A segunda serie foi de phenomenos muzicaes.

Politi annunciou a vinda de Maria, fallecida irmã do professor Milési. N'um piano distante dos assistentes, ouviram-se escalas bem executadas, sendo certo que a finada irmã de Milési era boa pianista, em quanto que nenhuma das pessoas presentes sabia tocar piano. Uma mandolina collocada sobre o piano, começou tambem a ouvir-se, baloiçando-se no ar, até que veio cahir sosinha ao lado das mãos de madame Simmons, sem cessar de tocar. Havia tambem sobre o piano um pequeno tambor que, depois de ter tocado um pouco, cahiu por terra.

Mais tarde, a intervallos, o piano levantou-se, recahnido com grande barulho, sendo de notar que para levantar o piano d'um lado é preciso dois homens. Depois da sessão verificou-se que o piano tinha sido deslocado meio metro do logar primitivo.

O que n'esta sessão houve de mais extraordinario foram 9 apparições de natureza luminosa vistas por todos, n'uma meia luz sufficiente.

Ellas produziam-se entre os assistentes e o gabinete, cerca de meio metro distantes d'este. A sua duração era de 3 segundos pouco mais ou menos.

As tres primeiras reproduziram os traços da irmã de Milési, fallecida ha 3 annos, aos 32 d'edade, em Crémona, no convento das «Filles du Sacré Coeur».

Ella appareceu com o seu sorriso especial, a cabeça coberta até ao meio da testa d'um toucado branco, e o vestido, visivel só da cinta para cima, era d'um amarello claro, entrecortado de tons avermelhados.

A quarta apparição foi reconhecida por Squanquarillo, como sendo de sua mãe, e as cinco restantes reproduziram os traços de dois filhos de Pierre Cartoni, que com elles conversou, recebendo respostas, sendo abraçado e cumprimentado com apertos de mão, e sentindo-os mesmo sentaram-se sobre seus joelhos.

Madame Simmons diz ter sido abraçada pela irmã do professor Milési, e sentiu uma pequena mão poisando-se sobre a sua, e a qual era muito differente da mascula mão de «John», cujo contacto sentiu nas costas, dirigindo-lhe a palavra em inglez, que se suppõe ser a sua lingua.

Por ultimo, as diversas entidades espirituaes, que haviam intervindo, apresentaram-se juntas, e em seguida retiraram-se, acabando assim a sessão. A primeira a retirar-se foi «Maria», irmã de Milési; despediu-se, abençoando os assistentes. A sombra de toda a sua pessoa apparecia distinctamente sobre o panno do gabinete; no principio ella esteve voltada para o gabinete e de costas para os assistentes, mas depois voltou-se para

estes, abençoando-os muitas vezes. Os seus movimentos doces e graciosos foram notados por todos; o professor Milési reconheceu-a perfeitamente.

Em seguida retiraram-se os filhos de Cartoni, repetindo por vezes: «Adeus, papá».

Todos os assistentes ouviram então o som de beijos.» Roma, 11 de Fevereiro de 1904.

Assignados — J. B. Milési — M. Cartoni, M.me Cartoni — Mr. Franklin Simmons, Joséph Squanquarillo. (Revista d'Estudos Psychicos).

Para obter phenomenos é preciso insistir

O Dr. Cyrax, como póde vêr-se na obra de Gardy «Cherchons», desejando obter phenomenos ao abrigo de toda a suspeita, resolveu fazer as sessões em familia, mas só á vigesima primeira sessão conseguiu alguns movimentos da meza e mais tarde a escripta Eis como elle se exprime:

«Na vigesima primeira sessão, senti de repente uma sensação muito particular, ora de frio, ora de calor, uma especie de corrente de ar frio, que me passava pela cara e pelas mãos, pois me pareceu que o braço esquerdo adormecia, como se diz. A impressão, porém, era mui diversa da da fadiga que tinha sentido nas outras sessões, e que eu podia fazer cessar, quer mudando a posição, quer movendo o braço, as mãos ou os dedos. Na ultima sessão, o meu braço estava como paralysado, sendo a minha vontade impotente para fazer mexer tanto o braço como os dedos.

Em seguida tive o sentimento de que alguem punha meu braço em acção, e qualquer que fosse a rapidez com que elle se agitava, eu não podia paral-o.

Ora como havia analogia entre estes movimentos e os que se fazem a escrever, minha mulher foi buscar papel e um lapis, collocando-os sobre a meza.

De repente minha mão se apoderou do lapis, e durante alguns minutos traçou no ar varios signaes com tal rapidez, que as pessoas ao meu lado esquerdo e direito foram obrigadas a desviarem se para traz, a fim de não serem atingidas. Depois d'isto, minha mão cae bruscamente sobre o papel, percute o com violencia e quebra a ponta do lapis.

N'este momento, repousada a mão sobre a mesa, eu reconhecia perfeitamente, que a vontade havia sido extranha aos movimentos que eu acabava d'executar, do mesmo modo que ella tambem não intervinha na actual phase de repouso. O facto é que eu não tinha podido suster os meus gestos, e bem assim agora não podia igualmente mexer o braço, que jazia insensivel e como se já não me pertencesse.

Mas quando, aparado o lapis, foi de novo pôsto ao meu alcance, a mão se apoderou d'elle e começou a estragar muitas folhas de papel, cobrindo-o de grandes traços e rasgões, até que se acalmou, e com grande surpresa nossa principiou a fazer exercicios d'escripta, iguaes aos que se

mandam fazer ás creanças, a saber : N, M, A, C etc., e emfim o O, no qual persisti algum tempo, até que a força que animava meu braço, conseguiu fazel-o mover em circulo, sempre o mesmo, com uma grande rapidez.

Depois d'isso, essa força pareceu exgotada e meu braço deixou de agitar-se. Senti uma nova corrente de ar frio atravessar-me e passar-me sobre a mão, e em breve toda a fadiga e toda a dor tinham desappare cido.

Tendo-se estabelecido a calma, levantamos a sessão, felizes por ter observado *a manifestação d'uma força independente da nossa propria vontade*, e á qual nos era impossivel resistir.

Que esta força fosse magnetica ou espirita ou que ella proviesse da actividade inconsciente do cerebro, era uma questão reservada para mais tarde. Por pequeno que fosse o resultado obtido, não ficamos socegados em quanto não tentamos novas experiencias.

No dia seguinte á noite posemos mãos á obra, e d'esta vez não esperamos muito tempo. Teriam passado cinco minutos apenas, e eu sentia já o ar frio e igual sensação recebiam os circumstantes, depois seguiram-se os movimentos bruscos e ás vezes dolorosos de minha mão esquerda, que durante muitos minutos e repetidamente batia no bordo da mesa, dando golpes precipitados e tão violentos, que eu julgava haver-me ferido; todavia com surpreza reconheci depois não ter recebido qualquer ferimento, e todo o vestigio de dor desappareceu como por encanto.

Desde esse dia, a minha mediumnidade se desenvolveu rapidamente. Comecei a escrever com a mão esquerda, ao principio como exercicio ; depois vieram communicações de differentes espiritos, e uma noite desenhei um cesto de flores. Devo dizer que no estado normal, eu sou muito desageitado da mão esquerda, não sabendo servir me d'ella para comer, quanto mais para escrever. Quanto a desenho, avenho-me muito pouco n'elle, mesmo com a mão direita.

Agora tinha eu adquirido *a mais inteira certeza* de que a força que escrevia e desenhava por meu intermedio era independente de mim e que devia residir n'uma outra intelligencia diversa da minha, pois que durante estas manifestações eu conservava *toda a minha lucidez*; eu não sentia nenhum outro inconveniente, salvo o que respeita ao meu braço esquerdo que durante toda a sessão era como se não me pertencesse, parecendo que era utilisado por outrem, sem consciencia da minha parte e até contra minha vontade

O meu espirito entrava n'isso tão pouca cousa, que emquanto minha mão escrevia, eu podia perfeitamente manter conversação com as pessoas que me rodeavam.

Um meu collega que assistiu um dia á sessão, desejando uma vez suster o movimento de minha mão, e tendo-a para isso agarrado com as duas mãos d'elle e deitado em cima todo o peso do corpo, nada conseguiu, absolutamente nada: minha mão foi seguindo o seu curso, escrevendo com decisão e regularidade, em quanto que eu mal sentia o peso das suas mãos poisadas sobre a minha !

Alguns phenomenos obtidos com o medium Eusapia Paladino

Seria longa a narração dos phenomenos produzidos na presença d este medium; por hoje basta apontar algumas sessões notaveis, e resumir alguns factos, cuja investigação se deve aos mais illustres psychologos modernos.

Para que Lombroso, incredulo e impugnador, se penitenciasse de passadas duvidas, foi preciso que Chiaia o desafiasse á observação dos factos. N'uma serie de sessões em Milão, Napoles, Roma e Varsovia, os phenomenos se produziram, despertando a curiosidade de muitos; e foi assim que em 1895 Ch. Richet, o eminente physiologo, fez sessões com Eusapia na ilha de Roubaud, na costa de Provença; no anno seguinte o conde de Rochas faz novas experiencias no seu castello d'Agnélas; no outro anno assiste Flammarion ás sessões de Montefort-l'Amaury; em 1901 é Sully-Prudhomme, d'Academia, que em Auteuil experimenta tambem.

Posteriormente, em Gênes novas experiencias se fazem com resultados iguaes ou superiores, produzindo-se factos que não deixam duvida sobre a intervenção de forças intelligentes, extranhas ás pessoas que assistem, entre as quaes Lombroso, Morselli, Vassallo, etc.

De todas estas investigações se fizéram relatos minuciosos, mostrando as precauções tomadas, para que a apreciação dos resultados se podésse fazer d'um modo severo e rigoroso.

Porque o não comporta o espaço de que dispômos n'este numero, faremos só das sessões realisadas em Gênes um resumo, segundo as notas do illustre escriptor Vassallo, director do *Secolo XIX*, que as reuniu em volume, e sobre ellas fez uma larga conferencia na Associação da Imprensa em Roma, sob a presidencia de Luzzati, ex-ministro d'Estado e presidente da mesma Associação

Na 1.ª sessão, o phenomeno mais importante foi, em plena luz, e á vista de todos os assistentes, a elevação d'uma meza de pinho, com 1 metro de comprido, 10 centimetros acima do pavimento, isto repetidas vezes, sem que nenhuma mão a tocasse, e em quanto tanto as mãos como os pés do medium estavam seguros e fiscalisados, reconhecendo-se claramente que no phenomeno não tinha Eusapia intervenção directa ou contacto de corpo.

Na 2.ª sessão, tomadas as mesmas precauções e fiscalisação do medium, ouviam-se pancadas violentas; sentiam-se mãos masculas, viam-se, exerciam contacto, e outras mãos mais pequenas, femininas, se manifestam tambem, sentindo os assistentes osculos de labios invisiveis.

E para prova duravel e irrefuctavel da existencia real d'estas mãos obtem-se as suas impressões n'uma substancia appropriada ao caso, a plastilina.

Nas outras sessões dão-se tambem phenonemos importantes, mas para não alongar demasiado esta exposição, apresentaremos só referencias a algumas d'ellas.

Na 3.ª sessão, sempre com as mesmas precauções e seguranças, apparece sobre a cabeça do medium uma mão branca, saudando todos os assistentes. Vassallo sente o contacto d'uma pessoa, um abraço terno;

duas mãos pequenas o acariciam, e recebe repetidos beijos que todos ouvem.

A' luz sufficiente d'uma vela, desenha-se um perfil visto por todos e em que elle reconhece os traços de seu filho Naldino, fallecido ha tempos.

Esta apparição é bem visivel, e demora-se alguns segundos até desapparecer.

Na 4.ª sessão os phenomenos tomam mais intensidade. Valdino, o filho do escritor Vassallo, materialisa se de novo, mais vivido, mais humano do que anteriormente. Primeiro um longo abraço d'uma delicada forma de creança, depois uma infinidade de beijos que todos percebem, depois palavras em seu dialecto proprio, que o medium não falla, porque é napolitano. Essas palavras todos as ouvem no seu timbre particular, tão conhecido a Vassallo e que o não pode trahir : «Papa mio ! caro papa ! ó dio !»

Ainda um novo abraço e tres longos e frementes beijos. «Estes são para a mamã», disse, dissipando-se.

Ainda depois, á luz electrica, como ultima prova do invisivel, e realisando-se um phenomeno entrevisto por Lombroso n'uma sessão anterior, uma forma humana, tendo toda a similhança com a descripta, avança para Vassallo, abre os braços e estreita-o.

Entretanto o medium está sempre á vista de todos, na sua cadeira, em hypnose profunda, tendo as mãos seguras pelos assistentes.

Na 5.ª, as mãos do medium são bem seguras pelos assistentes.e não se lhe dá logar á menor acção ou movimento que não seja percebido e bem notado.

Não obstante, o medium, que pesa 70 kilos, e a cadeira em que estava sentado começam a elevar-se sem ponto d'appoio algum, como se uma força occulta e invisivel os erguesse, e assim vão vagarosamente, suspensos no ar, até que tanto os pés do medium como os da cadeira ficaram ao nivel do taboleiro da meza.

A ausencia de todo o contacto foi bem verificada por dois assistentes que passaram as mãos cuidadosamente sob os pés do medium e da cadeira, nada existindo que modificasse a authenticidade do phenomeno.

A 6.ª sessão foi ainda mais notavel, porque houve phenomenos que nas outras não se tinham dado tão nitidamente e com tal variedade.

Uma bussola, lousas, instrumentos de musica são transportados sem contacto de pessoa alguma. Flôres, anneis, tambem são levados por agentes invisiveis.

Um dynamometro, descido a zero, por vezes é tirado ao seu dono, e é-lhe restituido outras tantas vezes, mas de cada uma tendo recebido e accusando um esforço differente, d'um minimo (força d'uma creança), até a um maximo (força adulta, herculea).

Houve uma sessão em que o dr. Morzelli, professor de psychologia na Universidade de Gênes, era o director. O medium ficou nas condições da maxima segurança, atado n'um leito e minuciosamente examinado. Houve n'essa sessão 5 materialisações, sendo a ultima a d'uma mulher com uma creança ao collo.

N'algumas sessões as apparições são variadas, perfis, cabeças, contornos de fórmas, phantasmas brancos, d'uma extrema tenuidade, etc.

Morzelli reconheceu a apparição d'uma filhinha fallecida com 11 annos d'edade.

Emquanto os phenomenos se dão, o medium geme, pede auxilio de seus amigos invisiveis, reconhecendo todos que os factos são absolutamente genuinos.

O professor Morzelli, reduzido pela clareza das provas, exprime-se assim n'uma das suas replicas aos incredulos :

«Declaro que o espiritismo merece inteiramente ser estudado, e confesso que creio n'elle absolutamente. Eu, o materialista obstinado, eu, o director energico d'um jornal intransigente e positivista, a mim quererme-hão fazer passar por victima d'uma allucinação ou por um credulo neophyto ?»

Um facto historico de visão a distancia

Alguns factos outr'ora considerados *miraculosos* são hoje plenamente explicaveis pelo estudo do animismo.

Entre elles podemos citar o que succedeu a Affonso Liguori, narrado pelos historiadores Rohrbacher, Giuseppe de Novaes, e ainda pelo Barão Henrion na *Historia Geral da Egreja*, accrescendo que no processo da canonisação do referido Liguori constitue esse phenomeno uma importante peça de beatificação.

Foi o caso que em 21 de setembro de 1774, depois de ter celebrado missa, cahiu Affonso Liguori n'um estado de grande prostração, como ás vezes succede aos somnambulos, e em consequencia d'esse abatimento physico e moral, não pôde levantar se d'uma cadeira até ao dia seguinte, em que despertou do estado lethargico

Durante este tempo ninguem ousou fallar-lhe, nem mesmo as pessoas ao seu serviço, pois vendo-o n'aquella posição, o respeito as impedia de o irem perturbar.

Desde o dia 21 ao dia 22. por um periodo superior a 24 horas a prostração foi ininterrompida até recuperar o estado normal.

Como este incidente fosse conhecido, varias pessoas se acercaram do prelado a saber noticias de sua saude, respondendo elle que durante esse tempo tinha ido assistir á morte do pontifice, tendo d'ella rigorosa idea.

Esta resposta pareceu a todos o resultado d'uma allucinação, pois que Affonso Liguori não tinha deixado um só momento os seus aposentos, nem podia transpor a grande distancia até Roma.

Contudo passado pouco tempo veio a noticia da morte de Clemente XIV, precisamente no dia 22 de setembro e pouco antes de Liguori despertar.

N.º 2 JULHO DE 1905 1.º ANNO

ESTUDOS PSYCHICOS

REVISTA MENSAL DE ANIMISMO
E ESPIRITISMO EXPERIMENTAL

Director — DR. SOUSA COUTO

COLLABORADORES — Drs. Maxwell, Laurent de Faget, De Reyle, Wolowski, Marzorati, Roso de Luna, Quintin Lopes, Martins Velho, etc.

Escriptorio — Rua do Ouro, 149, 2.º LISBOA

A NOVA PHASE DA PSYCHOLOGIA

O artigo d'apresentação do 1.º numero d'esta *revista*, qual synthese d'um extenso campo de estudos, foi como um discurso da corôa, a desenvolver em successivas discussões sobre os seus diversos pontos.

Entre elles avulta o papel importante que a nova orientação da psychologia está destinada a desempenhar na constituição integral da sciencia.

De facto o conhecimento moderno do *animismo* e *espiritismo*, baseando-se nos dados da experiencia, como instrumento d'investigação, veio lançar uma luz inesperada no problema da alma.

O que até então estava entregue somente ás especulações da philosophia ou á indagação interna de cada um, e portanto ás incertezas resultantes da imperfeição dos methodos, passou para o dominio da observação e experiencia, permittindo vêr, conhecer e estudar o *espirito* d'uma maneira exacta e effectiva.

Os ensinos officiaes da psychologia experimental, no apertado ambito em que até agora teem sido professados, constituem apenas preliminares valiosos para ulteriores conhecimentos; mas estes, completando o estudo do *eu*, só podem buscar-se nas experiencias do *magnetismo* e do *espiritismo*, onde o principio animico se patentea na sua vida essencial, livre e independente dos orgãos que o escravisavam.

Na controversia psychica, o escolho que os esforços de tantas gerações não poderam vencer, foi a impossibilidade de separar do corpo o nucleo pensante e sensivel, de modo a encontrar n'esta separação a prova da existencia do espirito.

E' por isso que, no decurso dos tempos, grande numero de trabalhos philosophicos negava a realidade d'esse principio, e as mesmas escolas immortalistas consideravam a alma como uma essencia incorporea, um sôpro immaterial, cuja apreciação nunca poderia fazer-se pelos sentidos ou pela observação externa.

Ora o conhecimento da desintegração animica e em consequencia a noção da substancialidade da alma, como unidade emancipavel do organismo, só póde obter-se depois que a analyse tomou conta dos phenomenos que fazem objecto das nossas pesquizas.

Em vão o physiologo sondou á ponta do escalpello os meandros da cellula para encontrar ahi o elemento vivificante; e em vão tambem re-

gistou as constantes modificações organicas sob a influencia dos movimentos psychicos ou reciprocamente.

No primeiro caso elle procurou conhecer um agente que emigrou, explorando assim sem fructo o *habitat* abandonado; e no segundo o parallelismo da phenomenalidade psychica e phisiologica apenas exprime uma relação de dependencia sem esclarecer a causa intima das manifestações.

E todas estas obscuridades se illuminam, todas as sombras se desvanecem perante as modernas experiencias, em que a sensibilidade se exteriorisa, a intellectualidade abandona o cerebro, a motricidade se expande além dos seus orgãos, e em fim o *desdobramento* se produz, dando-nos a irreductivel prova de que o *eu* é alguma cousa de real e concreto, e de que póde abandonar o corpo, sem quebra dos seus peculiares modos de ser, das suas faculdades d'acção.

A proclamação d'esta verdade é devida ás investigações modernas, e nenhuma outra epoca podia, com razão, reivindical-a para si.

Os trabalhos d'observação e experiencia levadas a este campo, datam desde ha pouco mais de cincoenta annos, pelo menos os trabalhos de precaução scientifica, capazes de fornecer factos de inatacavel segurança.

E' certo que toda a verdade tem percursores e esta tambem os teve em todos os tempos e systhemas.

Desde a antiguidade se admittiu um *corpo etéreo*, como assento das manifestações do espirito.

Para muitos esta affirmação não era simplesmente hypothetica, devia mesmo fundar-se n'alguns dados d'ordem real.

Para outros era uma necessidade da razão, á qual custa admittir uma força sem séde material em que resida.

Esse corpo etéreo ou substancia animica era para os occulistas o *corpo astral*, para os gregos o *ochema* para os egypcios o *bai*, para Leibnitz o *organismo subtil*, para S. Paulo o *corpo espiritual*, para Van Helmont a *archée*, para Dassier a *forma mesmeriana*, para de Prel *o estado odico*, pois que elle define a morte a passagem do homem a esse estado, etc.

Estas asserções individuaes, soerguendo aliás uniformemente um facto embora sob diversas denominações, careciam de confirmação experimental repetida, concordante, universal, e foi essa confirmação que primeiro lhe deram os magnetisadores, para depois ser reforçada e corroborada pelas experiencias chamadas *espiritas*.

O phenomeno da *bi-corporeidade* ou *desdobramento* é hoje um facto conquistado, porque ha milhares de casos bem averiguados d'apparição do *duplo* ou imagem objectiva d'uma pessoa viva n'um ponto muito distincto d'aquelle, em que o seu corpo se encontra.

E não se trata d'uma hallucinação do observador, porque teem sido postas em jogo todas as contra-provas da realidade tangivel da apparição, desde o vestigio permanente deixado por ella, até á impressão photographica, que é um testimunho imperjuro da existencia do phenomeno.

Por outro lado e como complemento e reforço da existencia do *duplo*, vêm as experiencias d'espiritismo, nas quaes se confirmam a persistencia d'esse *duplo* e as suas manifestações animicas d'individualidade e identidade após a morte.

O acervo de factos, d'experiencias, de provas, de documentos, de confissões imparcialissimas e desinteressadas de incontaveis homens de sciencia, é hoje verdadeiramente colossal; e sem uma grave offensa á dignidade humana e á legitimidade dos nossos conhecimentos, não póde o animo imparcial ou o desinteressado investigador admittir duvidas sobre a existencia do que em linguagem technica se chama *perespirito*.

Qual seja a natureza intima d'essa substancia, a sua intrinseca constituição, é que tem até hoje escapado á indagação scientifica, como de resto succede com a restante materia e mesmo com as forças cosmicas, cuja essencia escapa ao conhecimento humano.

Todavia é possivel ao menos encontrar analogias que nos esclareçam e por ventura formular hypotheses que tranquilisem as nossas exigencias no estado actual do saber.

A descoberta do estado radiante da materia, e de todas as radiações ultimamente estudadas póde auxiliar-nos na comprehensão de similares ou ultra-rarefeitos estados da substancia ponderavel, em que as energias se tornem mais vivazes e intensas, podendo o *perespirito* affectar um d'esses modos de ser.

D'aqui vem o desapparecimento da idea do sobre-natural ou maravilhoso, para tudo se disciplinar por leis naturaes e inflexiveis, embora pouco conhecidas; e assim torna-se a persistencia do *eu* n'um phenomeno d'ordem natural e necessario á conservação da energia individualisada.

Sem nos alongarmos em outras considerações d'ordem expeculativa, passamos a corroborar estas noções com factos d'observação e experiencia, que são os mais convencentes argumentos.

SOUSA COUTO.

Novas experiencias relativas ao corpo astral e ao «rapport» magnetico

E' do nosso sympathico amigo e insigne investigador, Conde de Rochas o excellente artigo que se segue:

«A hypothese do corpo astral é, de todas as que teem sido propostas para explicar os phenomenos psychicos, a mais antiga, a mais espalhada e racional.

No emtanto ella é combatida simultaneamente pelos materialistas que não admittem nem a alma nem o corpo astral, que não encontraram nunca sob o seu escalpello, e pelos theologos que, fundando-se nas decisões não sei de que concilio, negam a existencia dum intermediario entre a alma e o corpo.

Conclue-se pois a importancia das experiencias tendo por fim provar a realidade deste intermediario.

Rogo ao leitor a permissão de recordar-lhe, em breves palavras, as que publiquei já, para permittir-lhe comprehender aquellas cujo relato desejo fazer-lhe.

Se se magnetisam por meio de passes ou se se adormecem por meio de correntes electricas convenientes certos sensitivos, determina-se n'elles a exteriorisação do agente, que parece ser o vehiculo da sensibilidade, de sorte que o sentido do tacto póde exercer-se a distancias maiores ou menores da pelle, segundo a energia da acção e a sensibilidade dos *sujets*.

Com alguns este agente, que denominarei *od* segundo Reichembach e Carl de Prel, é projectado para o exterior normalmente á superficie do corpo e parece submettido aos movimentos rythmicos do organismo (a respiração e palpitações do coração que não teem periodos de egual duração) de modo a apresentar *maxima* e *minima*, formando desde logo camadas concentricas em que a sensibilidade diminue com o affastamento.

A' medida que se prosegue na operação, o *od* parece rarificar-se á frente e atraz do *sujet* para condensar-se aos flancos e formar ahi dois pólos analogos aos d'um magnete.

Esta condensação acaba por tornar-se assaz intensa a ponto de formar á direita e á esquerda do *sujet* dois phantasmas luminosos reproduzindo d'um modo mais ou menos nitido as metades correspondentes do seu corpo.

Emfim, os dois semi-phantasmas, que se encontram a 1 metro, pouco mais ou menos, do corpo physico, reunem-se entre o magnetisador e o *sujet* para formar um phantasma completo, que deve ser o duplo dos Egypcios, o corpo astral dos occultistas.

Tive occasião de observar recentemente uma dama na qual este *processus* de formação era notavelmente rapido.

O *od* exteriorisava-se muito; mas desde que saía do corpo physico, subia ao longo do corpo e ia formar o *duplo* acima da cabeça do sujet.

Esta senhora que via o *od*, comparava a sua marcha á do ar quente subindo ao longo do tubo duma estufa [1].

Em todos os casos, o corpo astral que o *sujet* póde deslocar fazendo um esforço de vontade, está ligado ao corpo physico, por um liame fluidico que é sensivel e parece tornar-se mais tenue á medida que augmenta a distancia entre os dois corpos.

Neste caso seria o magnetisador que forneceria o *od*, permittindo a extensão do laço fluidico, porque o *sujet* pede sempre a continuação dos passes, quando o seu duplo deve affastar-se, e diz geralmente que a ruptura d'este laço lhe trazia a morte como consequencia immediata.

Com alguns *sujets* o corpo astral comporta-se como se fosse muito denso e não póde elevar-se: fica ao rez do solo; o que se póde observar verificando a sensibilidade do ar em volta do corpo physico.

Com outros, ao contrario, tende sempre a elevar-se; todos estes, sem excepção, manifestam uma verdadeira beatitude quando attingem as regiões superiores, que não querem já deixar para reentrar na «sua miseravel morada».

Esta concordancia nas declarações dos *sujets* tem certamente um grande valor, sobretudo quando se póde verificar que as suas indicações a

---

[1] Sou levado a crêr que este modo de exteriorisação é proprio dos *sujets* em que a mentalidade é muito desinvolvida; já o tinha encontrado, mas sem reflectir no processo, n'outra dama extremamente intelligente.

respeito da posição do seu corpo astral são sempre confirmadas pelas reacções, que se produsem sobre o seu corpo phisico, quando se opera sobre os pontos do espaço em que elles disem que o seu duplo se encontra; mas, até ao presente, eu não tinha feito verificações senão com *sujets*, em logares onde se poderia suppor que seguiam os meus movimentos e que reagiam consciente ou conscientemente para appoiar as suas affirmações.

Ha algumas semanas, circunstancias favoraveis permittiram-me fazer uma experiencia mais rigorosa.

Tinha mandado vir M.me Lambert, o mais antigo e um dos melhores *sujets*, á minha casa de campo de Agnélas; desejava verificar com ella os phenomenos que acabava de constatar perto de Paris com o medium romano Politi, com relação á transmissão das contracturas por meio das correntes d'agoa e dos *rails* do caminho de ferro.

Uma noite alguns amigos pediram-me que lhes mostrasse como se effectuava o movimento do corpo astral. Depois de levar M.me Lambert ao estado extatico de que fallei precedentemente, deixei-a, segundo seu desejo, n'este estado e prosegui a conversação sem me preoccupar com ella.

Veiu-me então a ideia de verificar, se o liame fluidico prendendo o seu corpo physico ao astral, que ella dizia fluctuar então nos ares a grande altura, atravessava realmente os planos superiores, e, sob um pretexto qualquer, deixei o rez-do-chão em que nos encontravamos.

Subi a passo estugado ao primeiro andar; corri ao quarto que se achava sobre o salão, e adiantei, com grandes precauções, a minha mão até ao ponto que julguei estar na vertical da cabeça do *sujet*.

Quando desci encontrei os espectadores em grande commoção; durante a minha ausencia M.me Lámbert saltára repentinamente sobre a sua cadeira, proferindo um violento grito de dór e juntando as mãos sobre a cabeça.

Todo o seu corpo estava contracturado, os movimentos do coração e respiração estavam suspensos.

Só após alguns minutos, por insuflações quentes sobre os principaes pontos hypnogenicos, a fiz retomar a consciencia.

Ella queixava-se então de horriveis dores de cabeça que eu em vão tentei allìviar com energicas suggestões.

Foi preciso transportar a pobre senhora para um leito, onde ficou sem poder dormir nem comer durante a noite toda e parte do dia seginte.

Tinha-se produzido uma especie de fractura cerebral por onde o *od* se escapava em grande abundancia; qualquer objecto, que se lhe approximasse da cabeça tornava-se-lhe insupportavel e tinha as extremidades inferiores geladas.

Não consegui diminuir-lhe os soffrimentos, senão fasendo-lhe muitas veses por dia e muito tempo passes descendentes para libertar a cabeça e carregar os membros inferiores [1].

Reflectindo no que acabava de passar-se, interroguei a mim proprio

[1] Foi por este meio que curei Lina, quando uma doença analoga se declarou em seguida ás sessões de la Bodinière com M. Jean-Bernard.

como tal accidente não se tinha produzido depois de mais de 10 annos em que tenho determinado, centenas de vezes, a exteriorisação do corpo astral de diversos *sujets*, quer em minha casa, quer nas casas em que os andares superiores eram habitados por extranhos.

Mas, approximando este facto das experiencias que acabava de fasér com Politi e M.me Lambert sobre a transmissão das contracturas [1] e lembrando-me que, cada vez que eu tinha tido a occasião de verificar a acção dum estranho sobre o corpo astral ou o liame fluidico, tinha, por precaução, observado eu proprio a mão deste estranho, ou seguido com muita attenção os seus movimentos, fui levado a suppôr que a *substancia astral duma pessoa viva não podia ser impressionada senão por agentes em rapport com esta pessoa*.

Eu verifiquei de resto, a hypothese, constatando que o jacto fluidico que se escapava do vertex de M.me Lambert e que era tão doloroso quando o tocava, era insensivel para uma outra pessoa, emquanto ella não entrava em communicação commigo por um contracto ou um olhar.

E' provavel que, se um extranho ficasse exposto durante algum tempo a um destes jactos fluidicos, elle acabaria por entrar em relação com o *sujet* e determinar n'elle as mesmas sensações que o magnetisador.

Em presença do estado doloroso em que eu collocava M.me Lambert, não quiz tentar a experiencia.

Os interesses da sciencia não devem fazer esquecer os direitos da humanidade.

* * *

O *rapport magnetico*, cuja existencia não é duvidosa, porque fo verificada por todos os magnetisadores de todos os tempos e paizes, mas que a sciencia official tem hesitado em admittir, por causa das suas propriedades em apparencia maravilhosas, carece de ser estudado com methodo hoje, que se constataram phenomenos analogos nos *cohereurs* da telegraphia sem fios e a insensibilidade do organismo humano para as correntes electricas, não comprehendidas em certos limites.

Parece-me fornecer a chave d'uma serie de outros phenomenos psychicos e de muitas praticas magicas.

Assim se póde, graças a elle, conceber por quê a telepathia não se produz entre todas as pessoas, por isso mesmo que poucas percebem os abalos psychicos radiando em todos os sentidos do agente activo.

E' talvez assim para determinar o *rapport* que as feiticeiras recolhiam, com cuidado o sangue, os dentes, as aparas das unhas, etc., das pessoas que queriam attingir projectando sobre ellas o proprio corpo astral que ellas sabiam exteriorisar.

E muito certamente os factos devem ter sido amplificados e desfi-

[1] Estas experiencias que não foram ainda publicadas a não ser em revistas italianas ou allemãs, mostram que servindo me d'um conductor conveniente eu podia determinas, a centenas de metros, por um ligeiro esforço muscular contracturas em *sujets* com os quaes me tinha posto em relação permanente pelo meio da previa magnetisação.

O effeito era nullo quando o esforço era empregado por um outro, mas bastava-me tocar, simplesmente olhar com fixidez esta pessoa par communicar-lhe o poder.

gurados, mas toda a legenda tem um fundo de verdade, e, desde agora, temos clarões que pódem guiar-nos nestas regiões brumosas, em que, durante muito tempo ainda será preciso guardar affirmações muito precisas com respeito a phenomenos extremente delicados de que o aspecto é tão vago e instavel como as nuvens do ceu.»

ALBERT DE ROCHAS.

Experiencias de A. Aksakof com o medium Fox-Jencken

Em 1883 a celebre Kate Fox, fundadora do movimento espirita, chegou a São Petersburgo.

Em geral suscita-se a objecção de que os phenomenos medianimicos podem ser produzidos com a ajuda das mãos e pés do medium, especialmente na obscuridade, em que teem logar as mais importantes manifestações.

Tratava-se, pois, de averiguar, se o medium podia ficar em condições de tal segurança, que houvesse de admittir-se a authenticidade dos pheuomenos produzidos apezar da obscuridade.

Se, por exemplo, se experimentasse na presença do medium, segurando-lhe as pernas e collocando-lhe as mãos sobre uma placa luminosa e cobrindo-as ainda com as mãos dos experimentadores, taes precauções poderiam ser consideradas como absolutamente provantes, de que nem as mãos nem os pés do medium nada tinham podido fazer do que se passava em volta?

Estas condições se me afiguraram inteiramente satisfatorias e convincentes mesmo na obscuridade.

Assim me pareceram e a M.me Nadejdat Boutlerow, viuva do professor Boutlerow.

Muito sceptica por indole esta senhora não partilhava as convicções de seu marido, rindo-se de tal crença e reputando-a a resultante de larga insistencia.

Quando lhe propuz uma serie de experiencias com Kate-Fox, nas condições acima expostas, M.me Boublerow consentiu, dizendo que, se em tal caso, alguma cousa se désse, acreditaria.

Foi então organisada uma serie de sessões durante o mez de março de 1883, nos aposentos de M.me Boutlerow, sendo medium Kate-Fox, que de boa vontade e sem a menor opposição se prestou a todas as condições propostas.

No meio da sala collocou-se uma mesa de jogo, cujos pés não tinham travessas, permittindo perfeitamente ao medium estender as pernas debaixo da mesa e a M.me Boutlerow cercar-lh'as com as suas. Eu fiquei ao lado de Kate, que pôz as mãos sobre uma placa luminosa de vidro.

A luz do gaz foi diminuída até ao extremo, destacando-se as mãos do medium em relevo sobre a placa luminosa; e para que Kate não podesse fazer o mais imperceptivel movimento de mãos, um de nós as recobria a maior parte de tempo com as suas.

As sessões não duravam geralmente mais d'uma hora.

Não fallarei aqui das percussões, unico phenomeno que nas condições descriptas poderia ser simulado, batendo no soalho com os dedos dos pés.

Tendo isto em vista interessava-me muito saber, se as percussões entravam na cathegoria dos phenomenos medianimicos: eis porque os submetto a uma investigação especial, a cujo proposito terá o leitor algumas palavras no fim d'esta memoria.

Assim, pois, nas condições acima referidas, observamos por diversas vezes os seguintes phenomenos:

I — MOVIMENTO D'OBJECTOS FÓRA DO CONTACTO DO ASSISTENTES.

a) O phenomeno mais usual d'este genero consiste no movimento d'uma cadeira ou em geral de qualquer objecto escolhido para este fim e collocado a certa distancia dos assistentes.

b) Este movimento póde tornar-se visivel, envolvendo differentes objectos, por exemplo, uma campainha, placas de vidro ou um pedaço de cartão, n'uma substancia luminosa.

c) Um dos phenomenos mais interessantes é o telintar d'uma campainha. Envolvida n'uma substancia luminosa e posta sobre a mesa das sessões, levantava-se subitamente da meza e começava a tocar, girando no espaço, sendo depois lançada por terra ou sobre a mesma mesa.

II — IMPRESSÕES DE CONTACTO RECEBIDAS PELOS ASSISTENTES.

Estas impressões são recebidas logo depois do começo da sessão pelas pessoas collocadas em frente do medium: por exemplo, os dois hombros são tocados simultaneamente, e sente-se que é um contacto só — dir-se-ia que os dois hombros são apalpados por duas mãos; ou ainda, a ponta d'um dos nossos pés que envolvem os pés do medium, é apertada, recebendo-se a impressão de que isto é executado pelos dedos d'uma mão.

E' preciso ter em vista que as pernas do medium e as do assistente que envolvem aquellas, estão dirigidas em sentidos oppostos, e que n'essas condições, o menor movimento dos pés do medium havia de ser apercebido.

III — MATERIALISAÇÃO.

Os phenomenos precedentes nos mostráram já, que se fórma um orgão, que póde produzir não sómente os movimentos d'objectos, mas tambem os contactos; que estes phenomenos são realisados por uma força intelligente, a cuja acção a obscuridade não faz obstaculo algum.

Assim, por exemplo, se alguem tiver sob a mesa e sem que o medium saiba, qualquer objecto, suppônhamos um lapis, percebe-se em seguida que elle é tocado e tirado da mão; larga-se e não cai no chão, mas é transportado para cima da mesa ou d'uma cadeira.

Se tomardes uma campainha, e do mesmo modo, a tiverdes debaixo da mesa ou a distancia, de novo sentireis que é tomada; se a tiverdes pelo cabo, tomam-n'a pelo badalo, e contrariamente, se a tiverdes pelo badalo, tomam-n'a pela parte superior; se a largaes, não cai, mas toca com regularidade no espaço livre, quer sob a mesa, quer atraz do medium.

Póde até vêr-se sobre a superficie luminosa da campainha, o orgão em acção, a fórma escura dos dedos que a seguram. Ou ainda sobre a placa luminosa vêdes os contornos dos dedos d'uma mão, que não per-

tence a nenhum de vós, e esta manifestação se dá tambem sobre a placa luminosa de vidro, que nos é retirada das mãos.

Emfim, para colher um vestigio permanente d'esta mão ephémera, empregaes o papel esfumado, collado sobre uma ardosia, pondo-a sobre uma mesa ou cadeira a distancia do medium, e obtereis sobre este pepal impressões distinctas, reproduzindo os dedos que a tocaram.

M.me Boutlérow fez uma experiencia muito interessante d'este genero: na obscuridade, e sem dizer cousa alguma a ninguem, tomou uma ardosia assim esfumada, collocando-a a distancia do medium, com o lado limpo voltado para este, emquanto segurava com a outra mão, as mãos do medium postas sobre a placa luminosa. Em seguida notou dois ligeiros contactos na ardosia e muitos outros minusculos. Feita a luz, viu-se sobre a ardosia duas pequenas manchas brancas devidas aos dedos, e muitos outros pontos, que pareciam haver sido feitos com um lapis, que se encontrou cahido por terra, no sitio correspondente ao logar occupado pela ardosia.

IV — PHENOMENOS LUMINOSOS.

Resta dizer que de tempos a tempos apparecia como que um corpo luminoso que ora subia ora se abaixava, já cerca do medium, já entre a mesa e os assistentes; qual fôsse a natureza d'esta luz não pôde chegar a determinar-se. E apenas faço menção d'este facto, porque elle foi observado no decurso das experiencias. Todas estas observações são por mim extrahidas dos apontamentos da epoca, os quaes eu tomava immediatamente após as sessões.

NOTA SOBRE AS PERCUSSÕES (COUPS FRAPPÉS) OBSERVADOS COM KATE FOX

Foi só nos fins da serie das sessões, que começou a notar-se melhor as percussões, servindo-se d'um guarda-vestidos, sobre tudo quando Kate se collocava no interior d'elle.

As diversas espessuras da madeira davam tons differentes. Na porta do guarda-vestidos havia uma almofada que oscillava, dando um som definido quando era percutida.

Quando esta porta estava aberta e visivel das duas faces, e emquanto Kate sómente collocava a mão sobre a porta, havia golpes ou percussões sobre ella.

Vindo a minha casa uns chimicos, emittiram a ideia de que o medium batia com o cotovello. Kate lhes agradeceu a franqueza, e começou a collocar a mão de fórma que o cotovello absolutamente não tocava na madeira. Uma outra vez, Gorbow, um dos chimicos, sem dizer palavra, quando os golpes se produziam na almofada, collocou a mão entre ella e o cotovello do medium, segurando-lh'o até, e as pancadas continuaram a ouvir-se muito nitidamente na madeira.

O que se tornava notavel eram as percussões como feitas com o punho, que se ouviam na almofada posterior do guarda-vestidos, quando Kate de fórma alguma lhe tocava.

Estes golpes produziam-se a pedido, quer quando eu batia com o punho na almofada do guarda-vestidos, quer quando me preparava para o fazer. Apenas eu levantava o punho, logo ouvia o golpe soar.

Havia no gabinete de trabalho do professor Wagner na Universidade, uma divisão muito apropriada para estes phenomenos. Ahi se notavam pancadas como produzidas pelo punho, que as faria vibrar plenamente.

Para o estudo d'estes factos, poder-se-ia construir um armario, com diversas especies d'almofadas para os sons mais complicados.

Quer o medium estivesse calçado de botas, quer de chinelas ou sómente em meias, as percussões produziam-se da mesma maneira.

Mas quando se lhe seguravam os pés, algumas vezes, mas nem sempre, as percussões se suspendiam: isto dependia da pessoa que segurava.

E' assim que o professor Dobroslavine, estando Kate em pé, lhe segurou os joelhos, e não obstante os golpes se fizeram ouvir.

Tendo M.me Boutlerow convidado o medium a vir ao seu laboratorio chimico, onde o pavimento era de pedra, as percussões tivéram ahi um som muito original. Em vez dos golpes habituaes sob os pés do medium, ouviam-se as pancadas no pavimento de pedra, como se se batesse com duas pequenas espheras de madeira do tamanho de avelãs.

Uma vez sómente, que Kate estava sentada a uma mesa defronte de mim, as percussões ouviram-se simultaneamente em dois logares, á direita e á esquerda, não alternadamente, ora aqui, ora acolá, mas exactamente ao mesmo tempo... Esqueci de referir que algumas vezes, durante as as sessões escuras, pancadas mui violentas. ensurdecedoras — uma ou duas apenas —, se ouviam na mesa. O facto assimilhava-se exactamente a descargas, detonações ou pancadas d'uma acha vibrada com toda a violencia sobre a mesa.

Isto occorreu muitas vezes em nossas sesssões, sendo perfeita a fiscalisação das mãos e dos pés do medium.»

(Dos *Annaes de Sciencias Psychicas.*)

A. Aksakof.

Phenomenos luminosos e apparição de formas humanas

E' do nosso illustre collaborador, doutor J. Maxwell o relato que abaixo apresentamos:

«A primeira vez que appareceram phenomenos luminosos, não estavamos em volta da mesa.

Os experimentadores estavam sentados: o aposento em que eu e elles nos encontravamos era de pequenas dimensões.

O medium [1] foi o primeiro a vêr diversos *luares* e *rostos* sobre a parede que lhe estava fronteira.

Estes *luares* e formas não eram visiveis para mim.

N'outras occasiões julguei ter visto *luares*, mas extremamente fracos e no limite da visibilidade.

Tenho razões para pensar que estes *luares* são subjectivos, e comtudo muitas vezes, não sempre, me succedeu perguntar ao medium o sitio em que o luar era visto por elle, a forma que tinha, a direcção que

[1] Estas experiencias foram feitas com um medium instruido, intelligente, pertencendo a um meio social cultivado. (N. da R.).

seguia quando estava em movimento, e assim verifiquei que as indicações do medium concordavam com as minhas proprias observações.

Mas, coisa curiosa, e que como testemunha tenho de assignalar : estes *luares* muitas vezes se me mostravam da mesma maneira, quando tinha os olhos fechados.

Esta consideração parece-me decisiva, determinando-me a pensar que estes *luares* são subjectivos.

Com effeito não creio que se possa admittir que a luz emittida seja de tal natureza, que os seus raios atravessem as palpebras fechadas.

Mas esta visibilidade do *luar* deveria existir em todos os casos, e a verdade não é essa, porque só com este medium é que eu observei esta *visibilidade interna.*

Comtudo uma ou duas vezes a suspeitei n'uma serie d'experiencias anteriores.

Por outro lado, eu não posso considerar estas visões como hallucinatorias, excepto admittindo tambem que esta hallucinação entoptica é collectiva.

N'esse caso, porém, por que é que estas illusões não se dão em todas as sessões ?

Porque razão é que a manifestação de *luares* se acompanha de abundantes ruidos, sem contacto, sobre uma meza, ? Estes ruidos ou golpes precedem immediatamente a apparição da forma e se comportam como signaes destinados a chamar a attenção dos observadores.

Ha n'esse facto uma coincidencia que não é fortuita, pois que é quasi constante.

A primeira vez que vi formas definidas com este medium, não estavamos em sessão.

O medium viu sobre a parede uma apparição conhecida, vendo tambem a palavra *cortinas* desenhar-se em lettras brilhantes sobre a mesma parede.

O medium não comprehendia a significação d'esta palavra, porque nunca tinha assistido a nenhuma sessão d'espiritismo.

Então disse-lhe eu, para continuar a observar, pois julgava comprehender o sentido d'esta mensagem.

Immediatamente organisei com uns reposteiros escuros uma especie de gabinete n'um canto da sala, fazendo uma obscuridade completa depois de sentados em volta d'uma mesa e ficando o medium de costas voltadas para os reposteiros.

No fim d'algum tempo, ouvimos pequenas pancadas sobre a meza, sobre a cadeira do medium, sobre o pavimento e sobre a parede dentro do gabinete.

Interessado nos phenomenos, o medium poz-se meio voltado para os reposteiros.

Em breve, depois da producção d'alguns *luares* muito esbatidos e muito moveis, eu apercebi uma arrebatadora figura de mulher, pallida, d'olhos levantados ao ceu, n'uma attitude de prece.

Os olhos e cabellos eram negros ; o penteado era formado por dois bandós iguaes, no genero do que era moda ha cincoenta ou sessenta annos.

O rosto estava envolto n'um véo branco que lhe cobria a cabeça e a emmoldurava completamente.

A physionomia era dulcissima e d'uma peregrina belleza.

A apparição era ligeiramente luminosa e d'um tom branco de leite.

O logar em que se produziu foi acima do medium, para o lado esquerdo, a uma grande altura, junto ao tecto.

A duração do phenomeno foi bastante curta.

Interrogado prudentemente por mim, o medium deu-me os signaes exactos da figura que eu acabava de vêr.

As minudencias concordavam da maneira a mais completa...

Não tenho tido muitas vezes uma visão tão nitida.

Só raras vezes obtive este phenomeno curioso, todavia tres vezes o observei claramente com o medium de que fallo.

Da segunda vez, as figuras formaram-se incompletas para mim: não vi mais do que porções de rostos que me eram desconhecidos.

O medium reconheceu uma d'estas apparições.

Da terceira vez, não estavamos á meza.

O medium via as formas, emquanto eu apenas via os *luares*, quando bruscamente surgiu um rosto, olhos e nariz, que representavam os traços d'um querido amigo, que eu tinha perdido recentemente.

O medium viu a figura completa.

Não o tendo o medium conhecido em vida, teve no entanto curiosas e bem extranhas apparições posthumas, em condições que seria interessante indicar.

Infelizmente não estou auctorisado a fazel-o de modo completo.»

J. Maxwell.

PHENOMENOS OBTIDOS PELO DR. BAYOL

No congresso espiritualista realisado em 1900 em Paris, entre outros muitos relatos de phenomenos, o director d'esta revista ouviu mais d'uma vez o dr. Bayol, ex-governador de Dahomey, hoje senador e presidente do conselho geral des Bouches-du-Rhône expôr n'aquella eloquencia quente e suasiva, ao mesmo tempo elevada e sincera que é tão peculiarmente sua, varios phenomenos d'alto valor d'investigação e interesse scientifico.

O dr. Bayol fôra magnetisador, colhendo n'esse terreno os phenomenos classicos que as escolas reconhecem, mas só esses. Penetrando, porem, um dia na região fronteira, em que desapparece o magnetisador para dar logar ás manifestações espiritas, colheu-as das mais brilhantes, como póde vêr-se das actas do congresso, publicadas pela casa Leymarie, em que vem o extracto das suas experiencias.

O que o levou a tomar parte no congresso foi a consideração de que o caminho da verdade é direito, não sendo interdito ao homem aprofundar mysterios, quaesquer que sejam.

Para elle o ridiculo que tanto susto causa a muita gente, é cousa que o não detem.

As suas primeiras experiencias datam de janeiro de 1899, e foram realisadas em Aliscamps (Arles) servindo de medium Michel Regardier, em-

pregado dos caminhos de ferro, intelligente, vivo e bastante instruido. O seu methodo foi o da maior independencia de critica e rigor de observação, animado pelo interesse da sciencia e todo o desinteresse pessoal.

Os assistentes eram da maior competencia, entre os quaes varios doutores em medicina, advogados, escriptores, o perfeito, etc.

Foi na sala d'uma velha casa, onde havia muitas pedras tumulares, que se fizeram as sessões, não havendo n'essa sala cousa que se prestasse á menor fraude, nem gaz nem electricidade.

Durante um mez todas as communicações diziam precisamente um nome inscripto e escondido previamente.

A intelligencia ou espirito que se manifestava dizia ser «*Acella*», joven romana do tempo dos Antoninos, morta no momento em que ia para casar-se, cuja inscripção na sua sepultura que perto se encontrava, dizia: «A minha filha Acella, morta aos 17 annos, na propria noite de nupcias.»

Tendo-a evocado, uma chamma appareceu, e chamando-a, vinha a elle e todos os assistentes a viam.

Como prova de que se tratava d'uma realidade, d'um phenomeno objectivo é que os espelhos a refletiam.

Veio-lhe á ideia de fallar a essa flamula d'uma maneira intelligente, e assim se lhe dirigiu como a uma pessoa viva, e essa luz mysteriosa veio poisar-lhe sobre a cabeça. Este facto affirma-o pela sua honra. Chegou a vêr depois 10 a 12 chammas iguaes que lhe pareciam intelligentes.

«Estariamos nós allucinados»? — perguntou elle.

—«Algumas vezes eramos 19 assistentes, e creio que é difficil allucinar um velho colonial como eu.»

A segunda serie de experiencias foi em Eyguiéres, sendo mediums Glatier e Durand, dois modestos rapazes, um cocheiro e um padeiro que sem ganhar a menor retribuição. se prestaram a todos os trabalhos e experiencias.

Havia alem d'isso outros dois mediums, uma costureira e uma camponeza ignorantissima, nas quaes nunca descobriu sombra de fraude, apesar de sempre precavido contra ellas.

Os diversos phenomenos que obteve n'esta serie de experiencias, foram: 1.º *leviação*; 2.º *apports*; 3.º *materialisação*; 4.º *escripta directa*; 5.º *penetração da materia*.

Os casos de levitação em plena luz são numerosos. Havia uma mesa que por pancadas indicava o momento exacto em que deviam começar. Todos retiravam as mãos, e *mais de cem vezes a mesa se levantou*.

A meia luz, podendo fiscalisar-se o que se passava, estando um bandolim sobre uma mesa, começou a tocar sosinho sem contacto de nenhum assistente.

N'outra sessão o mesmo bandolim em iguaes condições tocou uma área deliciosa e depois executou uma musica, a que o dr. Bayol tinha adaptado a lettra.

Tambem á luz sufficiente houve apports.

N'uma sessão, estando um medium em somnambulismo e outro em lethargia, aquelle começou a ter uma visão, descrevendo o espirito *d'Acella*, vendo-a lançar rosas, e acrescentando: «tu as encontrarás no bolso esquerdo do pardessus». O pardessus estava a dois metros de distancia dos

mediums. Indo o assistente Taillot verificar encontrou de facto o bolso esquerdo cheio de petelas de rosas.

N'uma sessão viu o dr. Bayol uma forma materialisada, e para prova de que era real essa apparição, obteve a moldagem d'uma cabeça, conseguindo este phenomeno por tres modos differentes e concordantes.

O primeiro modo foi indicado n'uma communicação que dizia: «tomae um vaso, deitai-lhe agua quente e por cima lançai a parafina viva». Assim se fez, ficando o vaso a tres metros de distancia do medium, e para maior precaução, semearam arêa entre o medium e o vaso, de forma que não podia chegar-se a este sem deixar vestigios; não obstante ao fim d'um quarto d'hora estava produzida a moldagem d'uma cabeça na parafina.

O mesmo phenomeno se obteve com a farinha, e ainda com a parafina sem agua.

Quanto á escripta directa, obteve-a tambem collocando uma ardosia e um lapis junto a ella. Sem acção mechanica visivel o lapis traçou uma communicação em grego, sendo a medium um pobre rapaz padeiro que nada comprehendia de similhante lingua.

Com Seraphina Vanucci, outro medium analphabeto obteve tambem o dr. Bayol communicações escriptas.

Deu-se tambem n'estas sessões por duas vezes a *penetração da materia*, phenomeno diversas vezes colhido n'outras experiencias e attestado por muitos investigadores.

Da primeira vez foi um lenço que passou para dentro d'um cesto hermeticamente fechado com todas as precauções, de forma a tornar o facto impossivel d'uma maneira normal.

D'outra vez, por uma communicação recebida, construiu uma caixa de folha de Flandres de $0^{m},20 \times 0^{m},10$, que foi fechada perante todos sem ter nada dentro.

Primeiramente foi essa caixa bem fechada com previo exame e com toda a precaução necessaria á certeza de que ficava vasia; depois foi envolvida n'um papel grande bem dobrado e bem sellado a carimbos de lacre em varios pontos, com um cuidado extremo.

A pedido do invisivel, um cartão limpo do antigo deputado M. Gaillard foi collocado em cima d'uma mesa distante da caixa.

Passados poucos minutos tres pancadas se ouvem, como indicando que o phenomeno se tinha produzido.

Verificam-se a integridade dos sellos, o estado anterior do papel, emfim a plena inviolabilidade.

Abre-se a caixa e apparece dentro o cartão, dobrado em duas partes, e tendo de novo escriptas estas duas palavras: «Salve! Apostolo».

Emfim, apezar dos mediums serem creaturas simples, sem illustração litteraria alguma, Glandier adormecido produziu uma poesia em provençal d'uma grande elevação.

DR. BAYOL.

UMA PROVA D'IDENTIDADE

Na revista «The-Harbinger of Light», que se publica em Melbourne, Australia, appareceu ultimamente um artigo intitulado *uma boa prova certificada por W. Stead*, cuja versão vamos dar, por nos parecerem provantes os factos ahi narrados.

«Antes da morte de meu irmão, durante mezes tivemos occasião de fallar ácerca da communicação com os espiritos, até que uma manhã meu irmão me pediu um pedaço de louça, pena e tinta.

Sobre uma face d'esse fragmento de louça, elle fez á tinta dois signaes, e sobre o avesso desenhou ainda outro signal, dividindo em seguida o fragmento em duas partes.

Depois entregou-me um d'esses pedaços, com recommendação de eu o guardar cuidadosamente, e em quanto á outra fracção, tratou de a esconder n'um logar occulto que só elle conhecia, para vêr se depois da sua morte poderia indicar o sitio, onde esse pedaço de louça se encontrava.

Se este facto se desse, eu ajustaria as duas partes da louça, e teria a prova de que meu irmão realmente se communicára, sem eu intervir em tal resultado, pois ignorava por completo o esconderijo.

Meu irmão morreu; mas apesar do nosso grande desejo de conseguirmos qualquer communicação com os espiritos, foi-nos impossivel durante muitos mezes obter o menor resultado satisfatorio.

Um dia, porém, estando eu e minha mãe á meza, foi-nos dada a seguinte communicação, soletrando as lettras do alphabeto: — Encontrareis o fragmento de louça no meu escriptorio, debaixo do «tomahawck» — e authenticou a communicação com o seu nome «Benja».

Dirigi-me ao escriptorio que tinha ficado fechado, desde que elle deixou de lá ir levando a chave.

De facto encontrei ahi o fragmento em questão no proprio logar indicado, e juntando-o ao outro que tinha ficado em meu poder, reconheci que os dois pedaços se ajustavam perfeitamente.

Meu irmão o tinha embrulhado n'um papel e mettido n'uma concha, no fundo do escriptorio, debaixo do «tomahawck», como constava da communicação.

Para maior esclarecimento devo accrescentar que o fragmento se achava totalmente escondido na concha, e não podia encontrar-se sem abrir o escriptorio; demais, o papel que o envolvia estava bem collado e mettido na concha, cuja abertura se encontrava tambem obturada com um papel gommado, nada apparecendo fóra da concha.

O logar onde esta foi posta, era nas taboas inferiores do escriptorio apercebendo-se só a parte superior.

Accrescentarei ainda um outro incidente que tem para mim um valor igual ao do que acabo de expôr.

Pela mesma epoca, em que meu irmão me deu o pedaço de louça, a que acima faço referencia, entregou-me tambem uma carta fechada e carimbada, dizendo-me ao mesmo tempo que não era para eu ler ou responder, mas para me indicar um dia o contheudo.

Ora esse contheudo foi-me depois indicado, obtendo eu á mesa uma

communicação como a precedente, em que me eram dictados os dizeres da carta.

Aberta ella, reconheci que as palavras da communicação eram exactamente as expressões da carta, sem modificação alguma.

Como se trata da verdade, e é só essa que expônho, não tenho a menor hesitação em subscrever o meu nome.»

Uma communicação inexplicavel pela suggestão ou telepathia

Em 1902 tinha o signatario, além d'outros modos d'indagação, um grupo familiar para sessões, composto de quatro pessoas de casa e um assistente extranho.

Só excepcionalmente assistia mais alguem, quando tivesse os requesitos necessarios para a sua admissão.

Entre as quatro pessoas de familia havia apenas a mediumnidade typtologica, e nunca com ellas sós, se obtiveram outros resultados.

Mas o assistente extranho dava logar a outras manifestações, porque a sua mediumnidade produzia outros phenomenos.

Estava marcada uma sessão para o dia 27 de dezembro d'esse anno, pelas 8 horas da noite, conforme se tinha determinado para essa epoca do anno.

Chegada a hora estabelecida e quando já se extranhava a não comparencia do *medium* a que me referi, recebi d'elle um cartão explicando-me a impossibilidade de assistir, visto achar-se doente, guardando o leito

Apezar disso e como não se esperava mais ninguem, resolvi fazer a sessão com os elementos de casa, para não interromper a serie dellas, que vinha realisando desde ha tempos.

Começada a sessão, houve alguns dictados typtologicos que não veem ao caso, visto que um ponto especial quero destacar para relacional-o com um facto que posteriormente se produziu de modo expontaneo, em logar e hora que abaixo se verá.

Esse ponto especial consiste no seguinte: ao terminar a sessão. perguntei á entidade que se estava communicando, *se tambem se achava presente «Luiz»*, outra entidade que com este nome costumava assistir, porque frequentes vezes se manifestava.

A resposta a esta pergunta foi negativa.

Em seguida inquiri ainda, *se podia eucarregar-se de transmittir-lhe da minha parte um pedido que desde ha tempo pretendia fazer-lhe.*

A resposta a esta parte foi affirmativa.

Expuz então, que como já tinha obtido *apports autographos*, queria que lhe exprimisse o meu desejo de vêr *se poderia* dar-me o *esboço* do seu retrato, pois que não o possuia nem se havia jámais photographado, segundo essa entidade «Luiz» me tinha já dito e eu conclui de varias informações que tomei a tal respeito.

Assentindo o meu interlocutor á incumbencia, terminou a sessão sem outros incidentes, seriam 9 horas da noite.

Pois bem, no dia seguinte fui eu visitar o assistente extranho, o medium acima alludido, que havia faltado á sessão por motivo de doença.

De facto encontrei-o ainda na cama e a primeira cousa que me disse foi que tinha para me dar uma resposta da parte de «Luiz», informando-me o modo d'obtenção e contheudo d'essa communicação.

E dando-me um apontamento da occorrencia, referiu que na vespera (na noite da sessão acima fallada), passava já da meia noite e lia ainda um livro que eu lhe havia emprestado — «*A alma é immortal*» de Gabriel Delanne, quando ouviu distinctamente pequenas pancadas na madeira do leito; que lembrando-se que seria uma manifestação espirita perguntou quem era, sendo respondido typtologicamente, por lettras successivas que foi apontando, a palavra «Luiz».

Que depois, pelo mesmo modo lhe foi feito o pedido de me transmittir mais tarde a resposta d'essa entidade ao meu desejo, significando que forcejaria por me dar o retrato, n'um prazo relativamente curto, se as circumstancias favorecessem a producção d'elle.

Mais me informou que essas pancadas eram perfeitamente expontaneas, que para ellas não concorreu com a minima acção mechanica e que se encontrava absolutamente só, tendo a certeza de que o phenomeno se deu como o relata.

Por outro lado, este medium nada sabia do que se tinha passado na sessão, entre a qual e esta communicação espontanea houve apenas o intervallo de pouco mais de tres horas.

Procurando submetter o facto exposto a qualquer das theorias animistas até hoje suscitadas como explicação d'estes phenomenos, para muitos dos quaes podem considerar-se sufficientes, parece-me que o mesmo não póde ser satisfatoriamente explicado por ellas.

Os assistentes á sessão affirmam não terem previsto, nem desejado a communicação obtida pelo medium ausente.

Nao houve, pois, suggestão consciente.

Mas poderia havel-a inconsciente?

Uma resposta affirmativa é pouco logica, vista a intorvenção d'um factor d'ordem physica: a typtologia directa, sem acção mechanica do medium.

Acresce que, como no principio fiz ver, nas pessoas assistentes á sessão não havia *força psychica* capaz de se exteriorisar para produzir essa acção a distancia, nem as experiencias directas accusam uma tal acção.

Quanto á coincidencia parece-nos tambem explicação insufficiente, não só porque a resposta incide precisamente no pedido, havendo uma correlação perfeita entre os dois termos, como tambem porque o facto affasta-se notavelmente da lei das provabilidades.

Além d'isso, a coincidencia não póde produzir factos d'ordem physica, quaes foram as pancadas intelligentes, ouvidas e interpretadas pelo medium.

Cremos, portanto, que a explicação mais racional dos factos narrados é a intervenção espirita, unica theoria que cabalmente os póde interpretar.

Sousa Couto.

UM FACTO BASTANTE PRECISO D'IDENTIDADE

O dr. Moutin é bem conhecido pelos seus estudos scientificos e incontestaveis faculdades de trabalho.

Estas qualidades revelam-se nas suas obras, e ninguem póde pôr em duvida o notavel equilibrio da sua competencia e da sua probidade.

Como presidente da «Sociedade d'Estudos dos Phenomenos Psychicos» de Paris, tem sempre correspondido á importancia do logar e comprovado invariavelmente o merito que só o valor real póde dar.

O facto que vamos apresentar foi por elle communicado á «Revista Scientifica e Moral do Espiritismo» no numero correspondente a março de 1891. E' textualmente assim:

«Durante a epidemia do cholera, que em 1884 invadiu Marselha, assisti, nos ultimos momentos, a uma minha parente, que foi victimada no espaço de algumas horas.

Antes de morrer, e ao tempo em que já não podia exprimir-se por palavras, quiz-me ella dar uma informação, que eu tinha como importante a julgar pelos seus gestos desesperados.

Emfim, reunindo todos os seus esforços, duas vezes articulou a palavra «espelho», ao mesmo passo que dirigia a mão no sentido do que ornava a chaminé do quarto. Seu marido andava n'essa occasião embarcado.

Informado, porém, ao seu regresso, e sabendo que sua finada mulher tinha a mania de esconder por toda a parte o dinheiro, resolveu levantar o fundo ou costas do espelho para verificar, mas este exame não deu resultado algum.

Decorridos quinze mezes, assistindo eu a uma sessão em casa de madame Decins Deo, em *Avignon*, rua dos *Marchants*, e cahindo esta senhora em *transe*, o espirito da minha parente me interpellou por bocca do medium, que não conhecia aliás meu nome, tratando-me por elle, e dizendo: «Luciano, venho dizer-te o que não pude fazer-te comprehender antes da minha morte. Eu tinha collocado uma *obrigação* de 500 francos da Companhia Fraissinet entre o vidro e as costas do espelho, que está na cosinha. Como elle vai desfazer a casa, e talvez vender este objecto, é preciso informal-o d'isto.»

Escrevi logo ao viuvo, e fazendo elle as pesquisas necessarias, encontrou no sitio indicado a *obrigação* de 500 francos.

Depoimento de VARLEY perante o comité da Sociedade Dialectica de Londres

Varley é um engenheiro electricista distincto, e director da Companhia dos cabos submarinos, tendo sido encarregado do lançamento do primeiro cabo transatlantico. Como o seu depoimento é um tanto longo, darei só a parte essencial d'elle.

Começando por affirmar o seu scepticismo ao ouvir pela primeira vez fallar dos phenomenos psychicos, e mostrando que taes phenomenos nada teem com a electricidade, como concluiu depois de porfiados estudos, falla

das suas experiencias ácerca da influencia ou acção a distancia, que elle exercia sobre sua esposa, atravez de corpos solidos ou de paredes.

«Tres ou quatro annos mais tarde, diz elle, uma doença pulmonar de minha mulher tornou uma marcha muito séria: emmagrecia e julgal-a-iam invadida de consumpção; a aspiração tomava uma pouca quantidade d'ar, e foi decidido que ella não podia viver mais de trez mezes.

Uma noite minha mulher fallou-me d'ella mesma, fazendo-o na terceira pessoa:

— Se não tiveres cuidado, ella perde-se.

— Quem? — perguntei eu.

— Ella — tua mulher.

— Quem me falla n'este momento? — insisti.

Eis a resposta em substancia:

— Nós somos espiritos; não um apenas, mas muitos, e podemos cural-a, se observares o que vamos dizer-te:

«Tres abcessos se formarão em seu peito.

«O primeiro abrir-se-ha d'aqui a dez dias, ás 5 e 36 minutos da tarde.

«E' necessario que tenhas então em teu poder taes e taes remedios.

«Nenhuma outra pessoa deve estar comvosco, pois a sua presença seria uma causa d'excitação; e cumpre que ella não tenha conhecimento d'esta communicação, pois isso lhe causaria um abalo que a mataria.»

No decimo dia entrei cedo para casa.

Tinha acertado o meu relogio com precisão pela hora de Greenwich.

A's cinco horas e trinta e seis minutos precisamente, minha mulher deu um grito: tudo que tinha sido annunciado succedeu, e ella restabeleceu-se. A segunda crise foi predita com antecipação de tres semanas, e a terceira foi igualmente fixada quizne dias antes que se realisasse.

Esta ultima foi previamente annunciada para o dia do eclipse annular, visivel em Peterborough.

Ora eu tinha promettido a minha mulher de a levar commigo a Peterborough, mas conclui que o abcesso devia abrir exactamente durante a viagem. Comtudo novamente os espiritos disseram, que era escusado causar-nos desarranjo.

Assim pois, levei os medicamentos no bolso e partimos.

Meia hora antes da hora designada, minha mulher sentiu-se indisposta, e rigorosamente á hora marcada abriu o abcesso.

Foi com grande surpresa que ella viu os remedios, porque ignorava completamente a premonição.

Taes foram as minhas primeiras experiencias espiritualistas, por quanto não foi minha mulher, mas os espiritos que me indicaram o que tinha a fazer, e foi seguindo suas instrucções que ella ficou inteiramente restabelecida.

Mais tarde, depois do nascimento de meu primeiro filho, fui uma noite acordado por tres pancadas formidaveis.

Pensei que havia ladrões em casa, e em vão os procurei por toda a parte. Pensando que isto podia ter relação com o espiritismo, recebi resposta affirmativa por novas pancadas, indicando-me que fosse a um aposento visinho.

Fui e encontrei a ama prostrada e minha mulher rigida, em estado de catalepsia. Com alguns passes fil-a voltar ao estado normal.

Tendo-me estes factos preoccupado vivamente, quiz vêr se alguma verdade haveria no que se contava de M. Home (medium).

Fui vel-o, contando-lhe as minhas observações.

Combinou-se uma sessão e ahi me apresentei com minha mulher.

Compareceram tambem madame Milner Gibson e duas ou tres pessoas mais. Madame Gibson disse que um seu filho fallecido estava presente, e algumas pancadas se ouviram. Pediu-se a essa creança para me tocar.

Respondeu que não ousava; porém mais tarde, no correr da sessão, declarou que a apprehensão se lhe tinha dissipado, e minhas mãos, postas sob a mesa foram tocadas e a minha roupa puchada tres veses.

— Isto não prova, disse eu, porque é sob a mesa.

Logo depois, em resposta ao meu desejo mental, as abas do meu casaco foram levantadas, 3 vezes do lado direito e 3 vezes do esquerdo.

Em seguida senti pressões nitidas sobre o joelho e sobre o hombro, tantas veses quantas pedi.

Isto era á luz de cinco bicos de gaz, tendo-me rogado madame Gibson e M. Home para eu fazer um exame completo, para pesquizar por baixo da meza e para tomar todas as precauções.

Durante a sessão produsiu-se um grande numero de phenomenos.

Por veses a mesa levantou-se no ar, fluctuando e tomando todas as direcções que eu lhe indicava.

Minha mulher auxiliou-me nas observações, e emquanto eu examinava a parte inferior da mesa, ella vigiava a parte superior.

Taes foram os primeiros phenomenos physicos que observei.

E' certo que me impressionaram, mas estava apenas vivamente admirado, para me declarar convencido.

Felismente no momento em que eu entrava em casa, deu-se um incidente que me tirou toda a especie de duvida: emquanto estava só na minha sala, reflectindo profundamente no que acabava de vêr, varios golpes ou pancadas se fizeram ouvir.

No dia seguinte, recebi de M. Home uma carta, em que me disia:

«Na noite passada, em que o sr. estava só na sua sala, ouviu de certo ruidos, e por isso me julgo muito satisfeito.»

Home me affirmava que os espiritos o haviam informado de me terem seguido e de terem podido produzir taes ruidos.

Essa carta conservo-a eu, para mostrar que n'isto não entra a imaginação. Os olhos podem-nos atraiçoar e enganar; o testimunho d'uma só pessoa nunca é concludente.

Só em provas confirmativas podemos fundar a nossa confiança.

A realidade das pancadas que eu ouvi, foi confirmada pela carta de M. Home, e eu quero limitar as muitas citações aos factos apoiados em provas decisivas.

(Continuá)

Para satisfazer o desejo de varios leitores, no numero seguinte começarão a dar-se indicações praticas para fazer sessões.

Os srs. assignantes que queiram mandar os preços d'assignatura, podem fazel-o por vale, estampilhas, etc., deduzindo na importancia a despesa da remessa.

IMP. LUCAS — Rua do Diario de Noticias, 93

Comunhão Espírita Cristã de Lisboa
Phone 314 36 08
R. Ferreira Lapa, n.º 5 - A - 2.º
1150 LISBOA

N.º 3 AGOSTO DE 1905 1.º ANNO

ESTUDOS PSYCHICOS

REVISTA MENSAL DE ANIMISMO
E ESPIRITISMO EXPERIMENTAL

Director — DR. SOUSA COUTO

COLLABORADORES — Drs. Maxwell, Laurent de Faget, De Reyle, Wolowski, Marzorati, Roso de Luna, Quintin Lopes, Martins Velho, etc.

Escriptorio — Rua do Ouro, 149, 2.º LISBOA

RESPOSTA A UM INCREDULO

Ex.mo Sr.

Pela erudita carta que se dignou de escrever-me, tornou-se V. Ex.ª credor dos meus maiores respeitos, pois que não só se revelou cultor de palpitantes conquistas hodiernas, como se patenteou o homem de caracter austero, a quem o labor firmou uma convicção positiva, baseada no methodo scientifico da escola philosophica, que para sempre se firmou indestructivelmente nos dados da rigorosa experiencia.

Applaudo a V. Ex.ª sinceramente pela franqueza com que sustenta a sua opinião, attentas as acquisições feitas e o estado de cultura em que se encontra a sua mentalidade.

V. Ex.ª podia deixar de responder-me, votando-me á indifferença, como tantos fazem; mas, inspirado nas descobertas scientificas, que veem illustrando os ultimos tempos, preferiu apresentar denodadamente o conceito pessoal, cimentado nos seus fundos estudos.

E' a attenção d'essa resposta, que eu venho, muito penhorado, agradecer a V. Ex.ª, e ao mesmo tempo ponderar tambem, com a lealdade e franqueza, de que me deu nobre exemplo, que ha entre nós divergencias sobre certos corollarios, em virtude dos diversos pontos de vista em que nos collocamos, talvez por não termos attingido simultaneamente o mesmo gráo de conhecimento e o mesmo poder de critica.

Embora esta carta seja, primordialmente, de gratidão, não destoa do caracter d'ella, vistas as circunstancias que a originaram, discretearmos um pouco, em palestra amigavel, a que a generosidade de V. Ex.ª ha-de assentir, sobre o valor das permissas em que assenta a convicção, aliás respeitavel de V. Ex.ª

Creia, Ex.mo sr., que se o faço assim, não me móve outro intuito senão levantar alguns reparos a certas affirmações da sua carta, mostrando tambem, que ao fundar a Revista tinha consciencia da minha preparação para tão espinhosa empreza.

Perdoe-me, pois, V. Ex.ª algumas considerações que vou fazer, tão legeiramente, como apenas m'o permittem as muitas occupações que me impendem.

Diz V. Ex.ª que o assumpto que me propônho tratar, «é hoje gasto e considerado uma velharia.»

Urbanamente contesto; e como V. Ex.ª adiante verá a proposição é circularmente falsa.

Estando eu habituado a prescrutar os factos e os caracteres, as nimias revelações da consciencia, investigador accurado até d'insignificantes incidentes, não posso deixar de exprimir a minha admiração perante este paradoxo:

V. Ex.ª tão versado nas ultimas faces do bio-dynamismo desconhecer o concomitante, ou melhor, o dianteiro progresso dos estudos psychicos no que elles têm de mais grandioso e promettedor!

E note V. Ex.ª, que sendo as tendencias d'esta psychologia, com todos os vislumbres de triumpho, *espiritualistas*, o methodo é o positivo, d'inducção, objectivo; e é desde que este methodo se arvorou, colhendo os factos e subjeitando-se ao criterio rigoroso de raciocinada analyse, que essa psychologia surgiu com uma pujança não igualada em qualquer outra sciencia.

Chama V. Ex.ª «*velharia*» a um estudo de renovação assombrosa, tendo actualmente na vanguarda verdadeiras, celebridades intellectuaes!

Eu não posso comprehender como V. Ex.ª saiba umas cousas e desconheça outras!

Tão lido como V. Ex.ª é, tão admirador e ufanando-se de conhecer os descobrimentos, que enobrecem o homem actual, tão versado no patrimonio da biologia, não posso acreditar que V. Ex.ª desconheça o que ha de recente, de palpitante e de novo nos modernos estudos animicos!

Se V. Ex.ª fosse outro, era explicavel o caso; mas sendo V. Ex.ª uma das primeiras envergaduras da sciencia portugueza, um homem superior que acompanha o incessante progredir da sciencia, é difficil conciliar estas duas ideas: *saber* e *não saber*.

Sim, V. Ex.ª sabe muitas cousas, mas acaso desconhecerá o complemento d'ellas, as grandes e extraordinarias descobertas na phase positiva d'estes conhecimentos?

V. Ex.ª não póde duvidar, pelo contexto da minha circular, de que o objecto da Revista são os estudos psychicos, mas o methodo é o objectivo, segundo a escola de Comte e Littré.

Ou pensa V. Ex.ª que se trata de metaphysica, ou da antiga psychologia fundada na observação interna?

Nada d'isso; a psychologia tem conquistado fóros da cidade só depois que começou a seguir os processos experimentaes dos factos concretos, como o fizeram as demais sciencias para attingirem o elevado gráo a que chegaram. Ora o estudo do animismo experimental é moderno, devendo classificar-se de incongruencia chamar-se-lhe *velharia*.

O meu desejo é espalhar os conhecimentos d'elle, adquiridos nos tempos recentes, e os phenomenos hoje estudados com viva actividade em toda a parte, os quaes V. Ex.ª não toca na sua apreciavel carta, parecendo assim ignoral-os.

Fique aqui consignado que esse estudo não deve envergonhar ninguem, ao contrario é digno e honroso para a sciencia.

São os collegas de V. Ex.ª, os physiologos e os naturalistas que estão dando o exemplo nas avançadas do combate.

E' *Charles Richet*, a quem já eu em 1900 encontrava afanoso ás 8 da manhã, na sua grande bibliotheca de Paris, e que a mim me confes-

sou quanto o interessava este estudo. E V. Ex.ª sabe qual o valor do notavel trabalhador e como é acatado universalmente o seu nome.

E' *Maxwell*, a quem devo o favor de colloboração, doutor em medicina e direito, cujos trabalhos como investigador têm uma valia incontestavel.

E' *Flammarion*, credor do meu grande reconhecimento pelo modo como me recebeu em Juivisy e cuja obra é apreciada em toda a parte.

E' *Lombroso*, rendido á evidencia dos factos.

E' o Dr. *Hodson*, tão illustre como adversario ferrenho por largos annos, que alfim ficou domínado pelo peso da prova.

E' *Hislop* igualmente illustre, que de censor se converteu em campeão.

E' o professor *Morselli* nas suas mais cathegoricas affirmações sobe a realidade dos phenomenos.

E' *William Crookes*, o descobridor do thalium, do estado radiante, da polarisação da luz, sagaz prescrutador da natureza, a que tantos segredos tem arrancado.

E' *Wallace*, naturalista de profundos estudos e acutissimas vistas, cujas experiencias lhe fomentaram inabalavel certesa.

E' o malogrado Dr. *Gibier* successor de Pasteur nos trabalhos de microbia, apreciadissimo pelo rigor de seus estudos.

E' *Carl de Prel*, cujo ultimo trabalho, remate da immensa obra, constitue um verax testimunho de sciencia e convicção.

E' *Myers*, inegualavel investigador durante uma parte da vida, que ao finar-se, nos lega um padrão de certeza immortalista.

E' Aksakof, é Bodisco, é Joire, é Sexton, é Chambers, é Encausse, é Charasain, é Doupouis, são tantos outros medicos illustres, pelo saber e pela tenacidade na pesquiza do desconhecido, que veem trazer a solução á tela rasa da conquista feita e que não receam perante incondicionaes affirmações dos grandes phenomenos.

V. Ex.ª que é incontestavelmente um douto, um culto, e por isso mesmo merece o meu respeito, como costumo tributal-o aos que se elevam pela intelligencia, parece esquecer ou ignorar (e a disjunctiva é lamentavel) as acquisições modernas, os ineluctaveis phenomenos psychicos, quando affirma que a psychologia é uma velharia.

Desarmado, não se avança ao combate; carente de noções, não se entra em discussão.

Eu assevero a V. Ex.ª, pois que perante os homens de talento devemos ser abertos e francos, em face do estudo e experiencia de muitos annos, que a grande phenomenalidade, em que legitimamente se funda a persistencia do *eu*, existe, e que o espiritismo é uma absoluta realidade.

V. Ex.ª para elevar-se á altura d'um verdadeiro critico n'esta especialidade devia possuir condições de que se acha privado.

Não era só a experiencia diuturna, era tambem pelo menos o estudo das obras fundamentaes que constituem o curso da escola «Altos Estudos» de Paris; eram os trabalhos de tantos congressos, os fructos das innumeras sociedades que indagam esta materia.

Já viu V. Ex.ª coisa mais grandiosa, incremento mais notavel ou golpe mais certeiro na archaica e commoda doutrina materialista?

Eu chamo a attenção do illustrado espirito de V. Ex.ª, ou se quizer,

da sua bem elaborada cerebração, para este ponto incontroverso: — os factos são tudo; as negações são nada. O psychologo moderno, o mais avançado, affirma e prova com os irrespondiveis argumentos dos factos, mas o materialista limita-se a negar: não tem factos, não tem provas da sua negativa.

Foi assim que V. Ex.ª se limitou a simples palavras de negação.

Mas como explica V. Ex.ª a telepathia, quando a agencia é posthuma?

Como as apparições que se identificam e photographam? Como as materialisações tangiveis ou que deixam a moldagem? Como, o movimento intelligente sem contacto, a escripta directamente feita por essas entidades, os *apports*, as incarnações, as manifestações variadissimas d'ordem physica ou psychica, que não deixam a menor duvida sobre a existencia de seus agentes?

Eu tenho obtido, attenda bem V. Ex.ª, estes phenomenos, assistido de meus e collegas de V. Ex.ª, investigadores cuidadosos, e conservo todas essas provas, tendo immenso prazer em lhe mostrar as actas, os objectos, as irrefragaveis condições d'estas experiencias.

E por toda a parte se obtêm iguaes phenomenos.

Mais de trezentas obras e revistas, que alli tenho, o attestam.

Então julgava V. Ex.ª que eu ousaria a publicação d'uma revista especial, de enorme e ponderosissima responsabilidade, se não estivesse garantido com os factos brutaes, incoerciveis, eloquentes? Ou que metteria hombros á audacissima empresa, sem o escudo de larga preparação anterior?

Trabalho n'isto ha mais tempo do que V. Ex.ª gastou com a formatura, e cada dia novos estudos e novas experiencias.

Primeiro o magnetismo e animismo nas suas manifestações mais significantes, depois a zôna litigiosa em que os phenomenos do espiritismo se impõem á nossa razão, ás leis logicas do raciocinio.

Em 1900 concitava eu, n'uma serie de 50 artigos, ao estudo d'estes phenomenos e no terreno acceitava a ampla controversia.

Porque eu era um experimentador saturado de convicção pelos factos, esmagado pela evidencia, e tinha assim esta intemerata coragem que fez os martyrs d'outro'ora.

Em França fiz experiencias com o mesmo exito, e convidei a ellas varias celebridades.

Já deve V. Ex.ª vêr que eu não sou um recemvindo a estas paragens pouco exploradas. Sou um trabalhador e colhi na especie a *positividade* como a requer a escola positivista.

E V. Ex.ª que é lucido e de acúta mentalidade, deve ter reconhecido já, por esta fugace exposição impropria d'uma carta, que eu verso um assumpto meu conhecido, e que, se o estudo dos trabalhos alheios me foi d'alguma cousa, só a experiencia pessoal me podia ter inspirado o temerario denôdo de o vir trazer á luz publica.

Julguei um dever moral fazel-o.

A honra não está somente em pagar as dividas, mas tambem em illuminar as trevas e ensinar a verdade.

A coragem não consiste apenas em expôr-se ao perigo, reside tam-

bem no desprêzo do ridiculo, que tantas vezes ignaramente se ergue contra os que pregoam pela primeira vez uma inaudita verdade.

Perdoe-me V. Ex.ª, mas eu não tenho outro intuito senão illucidar o publico á cerca d'uma inapreciavel verdade cujas beneficas consequencias são de toda a intuição.

V. Ex.ª mesmo não desejaria ser immortal? Não quereria persisttir em evolução e attingir o ideal, que tantas vezes lhe deve ter prepassado pela fronte?

E V. Ex.ª que tem estudado, enriquecido o peculio intellectual, quereria, que para sempre fosse tudo perdido sob um punhado de terra?

Nunca as maravilhas do cosmos lhe fascinaram o olhar ou incendiaram a aspiração?

Nunca perdeu V. Ex.ª ninguem de familia?

Acha logica a solução do aniquilamento? Nunca pensou nos frizantes paradoxos da natureza, creando o opulento e o mizeravel, o doente e o válido, se alguma cousa não houvêra além da morte?

Mas ha e pouco basta a abrir escancarada brecha na antiga muralha.

V. Ex.ª devia conhecer a telepathia, a sua modalidade, a exteriorisação do pensamento, da sensibilidade, da motricidade.

Devia conhecer o desdobramento, a emancipação temporaria do núcleo animico nos estadios profundos da hypnose.

Devia conhecer a emigração do fluido odico, arrastando comsigo toda a personalidade.

Devia estudar as manifestações posthumas d'esse principio, e dir-me-ia então, se algo lhe faltava na supposta insoluvel equação.

Estas manifestações posthumas são innumeras e nenhum investigador as desconhece.

Veja V. Ex.ª os annaes da «Sociedade Ingleza de Investigação Psychicas» e terá o irrefutavel testimunho.

Chegados a este ponto, eu quero expressar a V. Ex.ª a minha grande mágoa em reconhecer que parou, retardatario, no estudo de certos phenomenos e não avançou os limites d'uma área determinada.

E' isso muito de lamentar, porque então V. Ex.ª veria mais claramente e completaria os desaggregados conhecimentos que possue.

D'esse estacionamento lhe advem palpavel desvantagem, porque as aptidões de V. Ex.ª, a meu vêr incontestaveis, achariam alli largo ambito á expansão do juizo, em prol das proprias aspirações naturaes de todo o homem de valor, e em proveito da sciencia que é patrimonio dos eleitos.

Se V. Ex.ª meditar um pouco, os poderosos recursos da sua pujante intellectualidade hão de suadil-o, a que é um crime de lesa-sciencia deixar subjugar a razão pelo preconceito, erigindo um escudo contra os largos emprehendimentos a mais cega obstinação.

O homem douto deve ser livre, liberrimo no exercício da elevada qualidade da critica, da analyse, do raciocinio.

A ufania de este attributo engrandece a propria dignidade humana.

Ora eu busco esse livre exame, sôlto de convenções magistraes, venham ellas donde vierem, e não póde soffrer menosprezo meu plausivel proceder.

E' por isso que buscando independencia, não posso lisonjear os que se escravisam ao grilhão da chamada sciencia official, tantas vezes mais fanatica do que o mesmo Santo Officio.

N'esta orientação reconhece V. Ex.ª quanto me opprime vêl-o afferrado ás ideas do passado, obscurecido pela pseudo-sciencia, que, possuido pouco, vive da illusão de tudo possuir.

E se me contrista esta lembrança, é porque julgo que V. Ex.ª podia e devia, em face da sua cultura intellectual, romper o circulo d'essas ideas obsessoras, nutridas parasitariamente á custa das melhores faculdades do seu talento, porventura desde a educação scientifica do seu cur. so academico.

A águia quer-se liberta, embora no aphelio do seu vôo possa offuscal-a o brilho do sol; e era como a águia que V. Ex.ª devia elevar-se, e não estiolar, desalentado e algido, na verdadeira masmorra intellectual, que é o materialismo.

Para V. Ex.ª vêr, quanto eu desejaria tiral-o d'esse marasmo desolado, fendendo uma abertura de luz e de esperança no cerrado horisonte do seu atro destino, não posso deixar, apesar meu, de o ir atacar no proprio reducto a que se confinou, aluindo os alicerces da argumentação que julga inexpugnavel.

(Continua.) SOUSA COUTO.

Escripta automatica. Revelações inesperadas

A narração que vai fazer-se, assignada por Gordigiani e reproduzida nos «Annaes Psychicos», encerra uma communicação, em prova de cuja authenticidade militam diversos elementos de valor.

Gordigiani começou pelas experiencias de typtologia e em breve desabrochou a *mediumnidade* escrevente, quando ainda tinha apenas 15 annos d'edade.

«Tive este genero de *mediumnidade* (movimento da meza) durante muitas semanas; mas depois desenvolveu-se em mim a escripta automatica, renunciando á mesa e ás outras experiencias physicas, que podem ter muito interesse para os sabios, mas não para os que buscam n'estes phenomenos a prova da immortalidade da alma.

Minha mãe queria a prova da sobrevivencia de sua filha, e tinhamos a crença de a ter obtido.

Automaticamente escrevi cousas, que minha irmã quando doente, tinha dito a minha mãe, isto no campo, onde a doença a assaltou, emquanto eu estava no collegio militar de Florença, donde só sahi depois da morte de minha irmã.

Outras provas vieram em reforço d'esta; e o phenomeno tinha um caracter especial, pois que nos meus escriptos se manifestaram mais de 150 individualidades, das quaes não tinha o minimo conhecimento ou a

menor consciencia; e cada vez que ellas se manifestavam de novo, era sempre o mesmo estylo, a mesma lingua, a mesma epoca e o mesmo caracter moral.

Sem saber nem comprehender o que escrevia, d'um modo automatico, tracei rapidamente a lapis, *na lingua italiana do seculo XIII*, visões mysticas, que foram admiradas pelos nossos melhores escriptores.

Dialogos phylosophicos d'alta moral foram o resultado de numerosas perguntas formuladas pelos assistentes; muitas respostas eram em lingua moderna, *e um grande numero d'outras era em antigo dialecto, quasi latim*, que se chamava *vulgar* no seculo XIII.

N'estes dialogos desenvolveram-se pouco a pouco as theorias boudhistas e o quietismo de M.me Guyon.

Nem eu, nem minha mãe, nem qualquer das pessoas presentes, sabiamos uma palavra sequer d'estas cousas ou d'estas doutrinas.

Obtive escriptos relativos á cidade de Rodi, na Ombria e a seus arrabaldes: pequenas aldeias, quasi desconhecidas, ahi eram mencionadas.

Nomes, hoje extinctos, d'antigas familias italianas, foram citados a proposito d'anedoctas desconhecidas, mas que tinham sempre um grande caracter de verdade.

Muitas vezes fomos verificar, nos archivos de Florença e Sienne, a exactidão *d'estes nomes*

As anedoctas, nomes de pessoas, de cidades, d'aldeias, nunca appareciam sem rasão de ser, mas sempre em virtude de conversação precedente, e na qual *eu nunca tinha tomado parte*.

Nunca passei d'um instrumento passivo, inconsciente, como se fora um telephone; porem não *entrava no estado de transe*.

Por veses nos succederam penosas aventuras com a minha escripta inconsciente.

Vou em seguida transcrever uma d'essas aventuras que nos foi particularmente desagradavel:

Em 1883 meu pae estava executando o retrato d'uma senhora americana, muito conhecida por sua posição, alta intelligencia e philantropia (cujo nome não posso citar, porque lhe póde ser desagradavel o facto em questão).

Uma vez, que se fallou d'espiritismo, emquanto essa senhora estava no atelier para o fim indicado, soube ella, que eu era o que se chama *medium escrevente*.

Grandes foram suas instancias para a deixar assistir a uma sessão: meu pae via-se muito embaraçado, porque sabia que minha mãe punha sempre grandes difficuldades na admissão d'uma pessoa nova ás nossas reuniões, que já não tinham o caracter de experiencias, mas de momentos de recolhimento e de consolação intima para ella.

De feito, minha mãe pretendeu obter que meu pae lhe permittisse de não receber essa senhora, mas a insistencia d'esta foi tão viva e tão instante, que absolutamente foi necessario ceder para a contentar.

N'esse intuito, minha mãe pediu a uma de suas amigas, que falla muito bem o inglez, o favor de servir d'interprete, e d'esta forma nos reunimos em nossa propria casa, com o fim de tentar a evocação do marido d'essa senhora americana, o qual tinha fallecido ha bastantes annos.

Emquanto meu pae procedia á execução do retrato, esta senhora tinha-

lhe contado o luto severo que guardou por morte do marido, os cuidados que teve na satisfação das suas ultimas vontades, respeitando os seus minimos desejos, quer relativamente á educação dos filhos, quer com respeito ao assumpto da successão, e não deixava de exprimir o seu intimo prazer por ter assim cumprido os seus deveres para com a memoria do marido.

Eis tudo o que sabiamos d'esta familia, que aliás não conheciamos, antes que essa senhora tivesse procurado o atelier de meu pae.

Na noite que devia preceder a nossa reunião com esta americana, minha mãe pediu-me para *pensar* (é assim que dizemos, em vez da expressão *evocar*, como tantos outros fazem, e de resto é exacto, porque basta-me *pensar* para obter quasi sempre a personalidade pedida) em um de seus tios, que, segundo a crença d'ella, poderia auxiliar, n'esta deffi-culdade, a obter alguma cousa satisfatoria para a nova assistente.

Isto foi como uma sessão preparatoria com o fim d'evitar um insuccesso completo; porem nada mais podémos obter do que promessas vagas.

No dia seguinte, ás 9 horas precisas da noite a referida senhora entrou em nossa casa.

A interprete já ahi estava com minha mãe, assistindo tambem meu pae e um advogado seu amigo.

Eu sentei-me a uma mesa, de lapis na mão e papel branco diante de mim.

Alguns instantes depois, o lapis traçou estas palavras em francez: «Ha uma inimisade que não posso comprehender entre essa senhora e seu finado marido.»

Minha mãe, persuadida assim como todos nós, da perfeita harmonia d'este casal perturbou-se com estas palavras, fingindo não as ter comprehendido para não as dizer, e de novo pediu, se seria possivel que se manifestassse o marido da mencionada senhora.

E o lapis inexoravel repetiu a phrase:

«Ha uma inimisade que não posso comprehender entre essa senhora e seu finado marido.»

A interprete nos disse então que a americana queria a todo custo, saber o que tinha sido escripto, e a phrase foi lhe traduzida em inglez.

Jamais poderá nenhum de nós apagar da memoria a profunda emoção que sentiu ao vêr esta senhora levantar-se e muito pallida exclamar: «Como! Ainda!» Foi um verdadeiro lance dramatico.

Então essa senhora explicou rapidamente em inglez, dirigindo-se á interprete, que tinha havido mui graves desaccordos entre ella e seu marido, mas julgava que a morte devia ter dissipado n'elle todo o ressentimento, pois que por sua parte tambem tinha perdoado, executando com a maxima fidelidade todos os seus ultimos desejos.

Minha mãe quiz insistir, para saber se de futuro seria possivel obter uma communicação mais favoravel.

Meu lapis traçou em seguida esta phrase extranha: «Impossivel, elle está na Nigricia.»

No momento, tinhamos a convicção de que estavamos sendo ludibriados, querendo minha mãe, deveras confusa por se haver dito uma semelhante tolice, terminar a sessão forçosamente.

Todavia o advogado que estava presente insistiu, no empenho de descobrir a chave d'este enygma, e perguntou:

«Por que rasão dizeis que elle está na Nigricia?»

E o lapis escreveu:» Elle tem por missão trabalhar para a abolição da escravatura.» -- Porque teve elle semelhante missão? — «*Porque é um negro*»,

Minha mãe muito desanimada, não se interessando já pela sessão em virtude d'esta explicação inaceitavel, tão offensiva para a viuva, tomou rapidamente a folha de papel e julgando não ser vista, amarfanhou-a entre as mãos, atirando-a por terra.

A americana, porem, observou o facto, significando para minha mãe que ella não tinha o direito de o fazer, e que tudo o que n'aquella occasião se escrevesse lhe pertencia; e em consequencia reclamou a bola de papel que logo lhe foi entregue.

Desenrolou-a e a interprete traduziu-lhe o contheudo.

Em seguida ergue-se aprumada muito commovida, dá-nos as «boas noites», retirando-se.

Quanto a nós, estavamos fulminados de estupefacção e bem pesarosos da impressão que aquella senhora tinha soffrido.

Minha mãe não cessava de repetir: «E' a primeira vez que assim fomos mystificados. porque a ultima phrase é um gracejo fóra de proposito, em quanto que a primeira bem podia ser verdade, visto ter commovido bastante a americana.»

Na manhã do dia seguinte meu pae recebia a visita d'essa senhora no atelier.

Quando elle veio a casa almoçar, ria perdidamente e dizia á minha mãe com vehemencia:

«*Era um negro! era um negro!*»

Nenhum de nós comprehendia.

Foi então que elle nos explicou que a senhora americana lhe tinha largamente contado a sua historia, referindo-lhe que depois do casamento sua familia tinha descoberto que o marido era d'origem india, isto é, homem de côr. Isto pouco se fazia notar, mas constituia uma alliança muito vexatoria para os Americanos. D'ahi a origem d'esta inimisade que durou toda a vida, mas que a viuva julgava extincta com a morte, porque, dizia ella, tinha cumprido todas as vontades de seu marido.

As communicações que obtive pela escripta automatica têm um caracter muito mais interessante, do que tudo que acabo de referir; mas infelizmente são escriptas em italiano e na maxima parte em italiano do seculo XIII, que não posso traduzir.»

GORDIGIANI.

UMA MANIFESTAÇÃO D'IDENTIDADE

No jornal *L'Echo* de Paris, de 1 d'outubro de 1902, publica René Le Bom o relato d'uma sessão, em que, sem forçar um prudente criterio, são plausiveis as provas d'identidade.

N'essa sessão a que além do relator, versado nas sciencias psychicas, assistiam mais cinco pessoas sem conhecimentos de taes materias, teve logar a communicação que abaixo reproduzimos.

A intelligencia invisivel ou espirito manifestou-se por phenomenos d'ordem physica, como adiante se verá, dando assim logar a ser interrogado e a poder responder com precisão.

«Interroguei-o, diz René, por esta forma:

— Quem és tu?

— Sou teu tio.

— N'esse caso prova-me que o és.

— Em outubro do anno passado já eu fallei comtigo; depois, no inverno, em dezembro e fevereiro tornamos a conversar.—

O facto era verdadeiro, e ninguem entre as pessoas presentes conhecia estas particularidades ou datas a que se referiam.

— Desejo ir ao piano, continuou o «espirito» a dizer — E tu sabes como eu amava a musica.—

Apenas tinha terminado a manifestação d'este extranho desejo, tanto eu como todos os outros cinco assistentes, ouvimos distinctamente vibrar a nota *la*, como se fosse tocada por uma mão mysteriosa.

Julgando-me victima d'uma hallucinação, pedi a essa «entidade» a fineza de recomeçar.

Então, não somente ouvimos a nota *la*, mas tambem o harpejo completo d'esta nota, o que prova claramente que uma força, uma intelligencia qualquer estava presente e feria as cordas do piano da maneira que queria e que bustava.

Como o teclado ficava immovel, concluia-se que este phenomeno se realisava no interior do piano.

Para melhor nos convencermos de que assim era de facto, tratamos de levantar a tampa d'aquelle instrumento. Logo que terminamos tal operação, todas as cordas vibraram successivamente umas após as outras, desde as mais graves até ás mais agudas.

Admirados do que acabava de produzir-se, mais o ficamos ainda, vendo que o phenomeno se reproduziu mas no sentido inverso, ouvindo-se a escala descendente desde as notas mais agudas até ás mais graves.

Os sons eram muito distinctos e muito claros, e ouviam-se perfeitamente na sala contigua.

Emquanto estes factos se produziam, estavamos com as mãos postas sobre uma pequena meza, collocada a quatro metros de distancia do piano, o que affasta d'um modo absoluto a idea de qualquer fraude.

N'essa occasião, o «espirito» deixando de produzir sons no piano, manifestou-se typtologicamente pela meza, dictando:

— «Dei-vos prova de que existo. Agora vou demonstrar a minha identidade, já que isso me pedis. Ha pouco fiz vibrar as notas que quiz; ide novamente collocar-vos em volta do piano, que eu volto tambem para lá.

Fomos, e apenas tinhamos collocado as mãos sobre o movel indicadado, quando ouvimos as primeiras notas d'um trecho musical compôsto por meu tio alguns dias antes da sua morte!

Emfim, fazem-se ouvir notas plangentes, lamentos primeiramente abafados, depois n'um largo *crescendo*.

E' do meio das cordas do piano que estes lamentos são emittidos. Ora para obter este resultado, para levar a harmonia até ao ponto de dar a illusão de vozes humanas, vozes doloridas — e faço appello a qualquer muzico que seja — é preciso uma arte consummada.

Havia, pois, alli uma intelligencia, que não só tinha deliberação, como poder d'execução.

O phenomeno durou ainda alguns instantes; de repente porem, o piano como movido por uma força mysteriosa, levanta se sobre os pés e cai pesadamente. O facto repete-se primeira e segunda vez. Depois um forte ranger de madeira e a manifestação terminou.

— Meu tio, acrescenta ainda René Le Bom, era um musíco notavel, sendo o seu maior prazer a interpretação das obras dos autores francezes.

O «espirito» transporta-se para o piano e n'elle patentea a sua presença por sons intelligentes. Esse «espirito», como o ser humano sob cujo nome se apresenta, é muzico. Depois executa as primeiras notas d'uma composição musical desconhecida, inedita, composta pelo homem, cujo nome toma. O «espirito» é pois em verdade aquelle que diz ser e não póde ser outro. Porque seria então impossivel explicar o conhecimento perfeito d'este trecho muito especial.

Em consequencia, se é impossivel explicar este conhecimento, é preciso admittir que a identidade está bem e devidamente estabelecida.»

Comunhão Espírita Cristã de Lisboa

Phone 314 36 08

R. Ferreira Lapa, n.º 5 - A - 2.º

1150 LISBOA

Contínuação do depoimento de Warley

«No inverno de 1864 a 1865, eu occupava-me de cabo transatlantico, deixando em Birmingham um empregado encarregado de o experimentar.

Este meu empregado tinha algumas noções de espiritismo, mas não acreditava.

Elle tinha um irmão que nunca havia visto.

Uma noite, no meu quarto houve violentas pancadas.

Sentei-me na cama e vi mover-se no ar uma figura de homem, um espirito, vestido á militar, mas translucido, podendo eu vêr a travez d'elle os desenhos do papel que forrava as paredes do meu quarto.

Minha mulher não viu, porque se achava n'um estado singular e em breve cahiu em *transe*.

Então o espirito me fallou por bocca d'ella, pois quando uma pessoa está em *transe*, o espirito dirige o corpo, falla e opéra por meio dos seus musculos e dos seus orgãos.

Esse espirito me disse o seu nome e acrescentou que tinha visto o irmão (o empregado referido) em Birmingham, mas que não pudéra fazer-lhe comprehender o que desejava communicar-lhe.

Então pediu-me para eu escrever esta communicação a seu irmão, e eu assim o fiz, recebendo esta resposta:

«Sim, sei que meu irmão nos viu, pois que elle veio junto de mim, e pôde fazer-se conhecer.»

E' de notar que o meu empregado estava em Birmingham e eu em Beckenham.

O espirito a que me refiro fez-me saber que havia sido môrto em França quando ahi estudava.

Este facto não era conhecido senão do irmão e da mãe, tendo-se occultado ao pae, por causa do estado melindroso de sua saude.

Quando eu fiz esta narração ao irmão, elle empallideceu e confirmou que era tudo verdadeiro.

O terceiro facto que posso citar se passou em New York em 1867. Por causa d'um apparelho de minha invenção, tinha um contracto com a companhia do cabo transatlantico, mas como varios pagamentos ficaram em atrazo, o accordo foi desrespeitado, sem que todavia me fizesse conhecer esta decisão.

Por este tempo achei-me doente, consultando tres mediums para vêr se n'elles encontrava uma opinião commum.

Quanto ao principal, ao fundo, assim foi. Um d'estes mediums era M.me Manchester. Entre outras cousas ella me fez saber que a proposito d'um processo, eu ia ter alguns dissabores, e que além d'isso já vinham pelo correio varios documentos d'importancia respeitantes a este assumpto.

Isto deu-se n'uma segunda feira, e no dia seguinte, terça feira, chegou o paquete, trazendo-me um maço de papeis relativos á questão e uma carta explicativa de meus advogados, dizendo que se propunham intentar uma questão em virtude do procedimento da companhia, se eu lhes não desse telegraphicamente instrucções contrarias.

Era impossivel ao medium, M.me Manchester conhecer cousa alguma de tudo isto, e quanto a mim, nada estava tão longe da minha ideia como uma demanda.

Eu era absolutamente desconhecido d'estes tres mediums e não tinha n'essa epoca relações com qualquer espirita na America.

Eis um quarto caso, em que sou o principal actor. Tendo feito varios estudos sobre a faiença, ensaiei largamente o emprego do acido fluorhydrico, d'onde me sobrevieram espasmos da laringe. Seriamente attingido d'esta doença, succedia-me por vezes acordar por causa dos ataques espasmodicos.

Foi-me receitado ter sempre á mão ether sulfurico para respirar, afim de obter prompto allivio. Seis ou oito vezes o empreguei .mas repugnava-me tanto o cheiro, que acabei por me servir do chloroformio. Collocava-o junto ao leito e quando tinha necessidade de o applicar, inclinava-me sobre elle, n'uma situação tal que, produzida a insensibilidade, eu retomava a posição de costas, deixando cair a esponja.

Uma noite, porem, voltando a esta posição, retive a esponja que ficou applicada á bocca.

Minha mulher, que a esse tempo creava um filhinho doente, encontrava-se no andar superior. Passados instantes voltou-me a consciencia: apercebia minha mulher no outro andar e via a mim mesmo deitado de costas com a esponja sobre a bocca, na impossibilidade absoluta de fazer o menor movimento.

Por minha vontade fiz penetrar no seu espirito a clara noção de que incorria n'um perigo.

Então ella ergueu-se como sob o estimulo d'um vivo alarme, desceu e apressadamente tratou de me tirar a esponja.

Empregando todas as minhas forças, disse-lhe: decerto esqueço tudo isto, bem como o modo por que se deu o acontecimento, a menos que m'o racordes amanhã pela manhã. Por isso não te esqueças de me dizer o que te impelliu a descer e poderei então recordar-me dos pormenores.

No dia seguinte minha recommendação foi posta em pratica, mas ao principio mal eu podia recordar qualquer cousa. Durante o dia fiz energicos esforços, e consegui por fim lembrar-me gradualmente, até se constituir a scena inteira.

Meu espirito estava na sala junto a minha mulher, quando consegui levar-lhe a consciencia do meu perigo.

Este caso me ajudou a formar ideia do modo como os espiritos se communicam. Ella viu o que meu espirito desejava e ressentiu as mesmas impressões.

Observei um outro facto em 1860.

Tinha conseguido estabelecer o primeiro cabo transatlantico. Quando cheguei a Halifax meu nome foi telegraphado a New York. M. Cyrus Field transmittiu a noticia em Saint-Johnet para o Havre, de maneira que quando ahi cheguei, por toda a parte fui mui cordealmente recebido, havendo no Havre um banquete preparado para me receber.

Numerosos brindes foram levantados, prolongando-se muito a festa.

O vapor onde eu devia embarcar, partia no dia seguinte pela manhã, e fundado era o meu receio de o perder por não acordar a horas convenientes.

Chegou a manhã e eu via-me a mim mesmo profundamente adormecido no leito. Tentei despartar-me, mas foram baldados meus esforços.

Passado um certo tempo, procurando vivamente um meio bastante efficaz para acordar, apercebi um pateo, onde havia um montão de madeira e dois homens que se iam aproximando.

Os dois individuos subiram para esta pilha de madeira e levantaram uma pesada taboa.

Tive então a ideia de provocar em minha mente o sonho de que uma bomba era lançada contra mim, sibilando ao sahir do canhão, e de que rebentava e me feria no rosto, no momento em que os homens atiraram a taboa do alto da pilha.

Isto me despertou, mas com a lembrança bem nitida dos dois factos, consistindo o primeiro na acção de meu ser intellectual impôndo ao meu cerebro a crença na realidade das illusões ridiculas procuradas *pela força da vontade.*

Sem perda d'um momento, precipitei-me de meu leito, abri a janella e verifiquei que o pateo, o montão de madeira e os dois homens eram exactamente taes como meu espirito os havia visto.

Não tinha o menor conhecimento dos logares; era noite quando de vespera cheguei á cidade e ignorava completamente que existisse alli um pateo.

E' evidente que tinha visto tudo isso, emquanto meu corpo repousava adormecido. Para vêr a pilha de madeira, seria obrigado a abrir a

janella. Taes são os principaes factos que motivaram as minhas crenças espiritualistas.

Com relação a meus filhos tambem recebi communicações. O mais novo que é muito nervoso e precoce, adoeceu.

O médico recommendou para não se lhe dar de comer, mas as melhoras não se accentuavam.

N'esta conjunctura minha mulher cahiu em *transe*, e um espirito se manifestou, aconselhando para em nada alterar o regimen anterior da creança, para suspender o tratamento que se estava empregando e para procurarmos um magnetisador.

Foi o que se fez, e em pouco tempo o pequenito foi restabelecido por meio dos passes magneticos.

*

Raramente pude obter dos mediums de effeitos physicos, que elles se prestassem a meus estudos minuciosos.

Em 1867, Kate Fox, o medium americano bem conhecido, de bôa vontade se prestou em New York a uma serie d'experiencias sobre as relações possiveis entre as forças physicas conhecidas e as forças espirituaes...

O sr. Livermore e o sr. Townsend, em cuja casa tiveram logar as sessões, assistiram ás minhas experiencias. Uma batteria de quatro elementos de Grove, uma bobina de 8 pollegadas de diametro, apparelhos electromagneticos e outros foram dispostos por mim.

Eis o plano que me propuz seguir: provocaria uma serie de phenomenos e as inteiligencias ou *espiritos*, como se costumam chamar, e com razão em meu conceito, deviam referir o que viam, e explicar as analogias entre as forças que eu punha em jogo e as que elles utilisam...

Os unicos resultados positivos que obtive, foram os seguintes:

Como estavamos na obscuridade e por vezes as manifestações eram violentas, tomei a precaução de collocar a batteria e as commutadores sobre uma mesa visinha e os fios iam dos commutadores aos apparelhos collocados na meza em volta da qual estavamos sentados, de modo que eu podia na obscuridade fazer os diversos ensaios qne propunha verificar.

Todas as vezes que por acaso minhas mãos encontravam um fio, sem eu saber qual era, perguntava: — «Passa alguma corrente atravez d'este fio?» — se a resposta era affirmativa,de novo inquiria: — «Em que direcção atravessa a corrente a minha mão?» — Se me não falha a memoria, a experiencia foi repetida dez vezes pelo menos.

Pois, acendendo-se a luz logo que a direcção da corrente era indicada, em todas os casos verifiquei que a resposta tinha sido exacta, partindo do principio de que a corrente vae do pólo positivo ao pólo negativo.

As experiencias com a bobina foram de duas especies — 1.º procurei qual a acção que sobre mim ella tinha, quando, atravessada por uma corrente, a collocava acima da cabeça; 2.º se os espiritos podiam provocar a acção magnetica da bobina sobre uma barra de ferro ou agulha de bussola.

Na obscuridade os espiritos viam quando eu collocava sobre a ca-

beça a bobina atravesssada pela correnter e me avisavam de que isso era prejudicial, e todavia não havia dôr apreciavel nèm qualquer acção sensivel.

Como ninguem sabia que eu collocava a bobina sobre a cabeça, é claro que a noção do facto era transmittida por qualquer meio ainda inexplicavel para a sciencia official.

O que me auctorisa a assegurar que os espiritos realmente nos visitam, é o seguinte: —

1.º — Muitas vezes os tenho visto distinctamente.

2.º — Em diversas occasiões me foram reveladas eousas que eram só conhecidas por mim e por pessoas fallecidas, as quaes diziam annunciar-se, ignorando o medium todas estas circunstancias.

3.º — Outras vezes, factos que eu havia totalmente esquecido, me eram trasidos á memoria por communicação d'espiritos; não se tratava pois do caso de leitura de pensameuto.

4.º — Succedia tambem que as communicações obtidas, eram respostas a perguntas mentaes, sendo o medium uma senhora das nossas relações n'uma situação social independente e não tendo nenhnma noção do sentido de taes communicações.

5.º — A data e natureza d'acontecimentos futuros, imprevistos e desconhecidos tanto do medium como de mim mesmo, em mais d'um caso me foram annunciados com muitos dias de antecipação.

Como os meus correspondentes me diziam a verdade á cerca d'estes acontecimentos e ao mesmo tempo me affirmavam que eram *espiritos*, e como por outro lado, nenhuma das pessoas presentes sabia o quer que fosse de taes factos, não encontro razão plausivel para os não acreditar».

C. Varley (electricista).

UMA COMMUNICAÇÃO NÃO ESPERADA

Póde vêr-se na revista ingleza *Ligt*, 1884, a narração d'um facto, observado pelo general Drayson e por elle apresentado á Sociedade *Spiritual Alliance*, em que as provas sobre a authenticidade da communicação parecem resistir a qualquer duvida fundamentada. Pelo menos um imparcial criterio encontra n'essa manifestação grandes probabilidades de verdade.

«Uma manhã, diz Drayson, recebi um telegramma a participar-me o fallecimento de um dos meus amigos intimos, um sacerdote que residia no norte d'Inglaterra.

No mesmo dia da recepção d'essa noticia fui assistir a uma sessão medianimica. Durante ella, a morte do meu amigo não me sahia da idea, a ponto de absorver todos os meus pensamentos.

N'esta disposição, perguntei ao medium se não via um espirito recentemente desincarnado, isto é, de pessoa ha pouco fallecida. A' minha pergunta respondeu o medium affirmativamente, e entretanto no meu in-

timo, via a imagem do sacerdote meu amigo. Porém o medium acrescentou que via um homem vestido de uniforme, indicando-lhe que acabava de morrer de morte violenta. Em seguida, não se limitando só a isto, citou o seu nome, appellido e alcunha que os camaradas lhe costumavam dar. Quanto ás minhas perguntas relativamente aos incidentes da morte, foi.me respondido que lhe tinham decepado a cabeça, depois, que o corpo tinha tido lançado n'um fosso, e que isto tinha tido logar no Oriente, mas não em territorio das Indias.

Por mim, confessa o general Drayson, attento o nome d'este official que não tinha visto desde ha tres annos, á data das ultimas noticias que d'elle havia recebido, encontrava.se o mesmo nas Indias.

Posteriormente a esta communicação, cujo contheúdo ignorava, procedi a informações em *Woolvich*, resultando d'ellas vir a saber, que o referido official devia ter estado nas Indias, mas que depois d'isso tinha estado na China.

Passadas algumas semanas, novas noticias se recebem, participando que tinha sido feito prisioneiro pelos chinezes e que, apezar da offerta d'uma consideravel somma para o seu resgate, não foi possivel conseguil.o, tendo desapparecido sem outros vestigios do seu paradeiro.

Durante a minha ultima estada nas Indias, encontrei um irmão d'este official, perguntando-lhe logo se nada sabia ácerca da morte de seu irmão na China.

Como resposta me disse que de facto seu irmão tinha ido á China, e que de fonte segura tinha sabido, que o commandante da força mongol, furioso por ter perdido um dos seus amigos, tinha mandado decapital-o como prisioneiro, sobre o *dique* d'um pequeno canal, ao fundo do qual foi lançado seu corpo.

No commentario do general Drayson o facto em si basta para refutar a theoria animista de que nada se póde manifestar no medium que não esteja nos assistentes.»

Algumas indicações praticas para proceder a experiencias

Eu nunca aconselhei a entrada ás cegas no campo da experimentação.

Esta attitude ao mesmo tempo prudente e scientifica provem de duas origens distinctas: uma, a experiencia propria de largos annos sobre o assumpto; a outra, a recommendação unanime de todos os investigadores d'esta materia.

N'estas duas origens de conhecimento filia-se uma serie de considerações, a cuja rapida exposição devo por hoje limitar as indicações praticas a que me refiro na epigraphe d'este artigo e que me são pedidas por alguns assignantes.

Para poder-se entrar com esperança de proveito e sem receio de inconsequencia no terreno experimental, é recommendada uma prévia e sufficiente preparação pela leitura d'algumas obras especiaes tratando d'este objecto.

Os livros de León Denis, Kardek (León Rivail), Gabriel Delanne etc. podem servir a tal proposito.

E' tambem da maior utilidade o conhecimento das acquisições feitas no estudo do animismo, para comprehender-se a genése e producção de seus phenomenos, bastando para o caso citar os trabalhos de Durville, de Rochas, Jules Liégeois, M. Sage, etc.

Pelo confronto d'uns e outros phenomenos, melhor se poderá fazer juizo sobre a sua proveniencia e discernir com criterio o dominio a que pertencem.

O conhecimento das sciencias naturaes e os largos horisontes que nos abrem as leis cosmicas, fortalecem grandemente a intelligencia do investigador, habilitando-o a encarar serenamente os momentosos problemas.

Estas condições de cultura não dispensam outros requisitos individuaes respeitantes á consciencia e intencionalidade de cada um dos assistentes.

Não aconselhamos a investigação singular, porque além da insufficiencia do meio, dá-se a circunstancia anti-scientifica de se reunirem na mesma pessoa as duas funcções distinctas *de investigador* e de *medium*.

Não quer isto dizer que sejam para desprezar os phenomenos que expontaneamente occorrem perante uma pessoa só, no estado de vigilia, ou quando á consciencia normal venha a certeza de taes phenomenos, como audições, visões etc.

Devem pois, as experiencias ser collectivas, e se bem que o numero d'assistentes não é facto essencialmente verificado, a theoria e a pratica teem nos dictado, que é conveniente respeitar o minimo e o maximo d'esses assistentes, desde 6 até 12 pessoas.

As condições de preparação acima referidas devem extender-se a todos os assistentes, pois muitas vezes os insuccessos são devidos a essa falta de condicionalidade.

Mas não basta só isto.

O que mais instantemente se recommenda são as disposições individuaes no proprio acto da sessão.

O respeito pelo acto em si, a maior circunspecção, a elevação moral a maxima seriedade, o desejo de proveito moral proprio e alheio, o silencio completo, a paciencia e a persistencia, são absolutamente aconselhadas como elementos indispensaveis.

Formado um núcleo d'investigação com assistentes certos e permanentes, não é conveniente admittir ulteriormente elementos novos, a não ser em casos raros e quando o adventicio satisfaça os preceitos apontados.

As intelligencias invisiveis só podem manifestar-se, aproveitando a radiação ambiente e esta só se obtem pela continuação e harmonia que elementos novos podem perturbar.

Todos os investigadores são concordes n'este ponto, e o signatario por vezes tem colhido a tal respeito valiosas indicações.

Ainda não ha muito, que Lombroso, fazendo com exito experiencias de *trasmissão de pensamento*, verificou de modo incontroverso, que a presença de determinada pessoa frustava o resultado da transmissão. E' sempre a mesma causa fundamental: a perturbação do ambiente pela desharmonia da radiação.

Qualquer d'estes assertos comportava amplos desenvolvimentos, mas o nosso fim é apenas tocar nos pontos praticos essenciaes.

A escolha dos assistentes requer um delicado tacto. Ha pessoas que são verdadeiros isoladores, elementos negativos; mas previamente não pódem conhecer-se, como previamente não póde determinar-se quaes são os sensitivos. Só a experiencia ensinará, e muitas vezes o medium em transe selecciona esses elementos, como tenho presenciado.

Mas a posse dos requesitos que ficam apontados quasi sempre garante contra a possivel exclusão.

A boa fé e probidade são a meu vêr attributos de primeira ordem, sem os quaes não deve por modo algum admittir-se ninguem nas investigações.

Nunca hesitei perante a eliminação dos elementos, em que se notou a falla de taes qualidades.

As sessões pódem ser á luz ou na obscuridade.

A luz deve ser attenuada, sendo preferivel a luz azul ou violeta.

A luz crúa e viva molesta muito a sensibilidade dos mediums.

A obscuridade é util e ás vezes necessaria á producção de certos phenomenos physicos, como *apparições*, *formas luminosas*, etc.

E' certo porem, que a obscuridade se presta á fraude e é preciso tomar todas as precauções e conhecer bem a moralidade e austeridade dos assistentes. A suspeita, porem, não é uma prova. Mesmo em chimica, por exemplo, a luz prejudica certas reacções. Em photographia, a luz prejudica igualmente os trabalhos de revelação.

A semente não póde germinar á luz. A onda hertzeana não se propaga com facilidade na luz, etc.

Não admira, pois, que para a combinação fluidica necessaria á producção dos phenomenos seja preciso esta condicionalidade. Ha até exemplos da forma *materialisada* se *fundir* pela incidencia da luz sobre essa formação fluidica instavel.

As sessões devem ser apenas de 8 em 8 dias, e não antes; a hora fixa, sem faltas e sem soluções de continuidade na sequencia.

Depois de reunidos os assistentes, cumpre affastar discussões, conversas frivolas, assumptos sem elevação.

Depois das sessões é que se devem discutir os factos e abrir desaffogada critica sobre elles.

Quando, porem, alguma «entidade» se manifestar e assumir o papel de guia, devem acatar-se as suas determinações quanto á epoca, modalidade, assistencia, actos preparatorios das sessões, etc., pois que essa entidade dará ao director as instrucções que convem manter.

Suppôndo que n'estes termos se reunem as sufficientes pessoas para iniciar os trabalhos, é preciso distinguir entre os grupos que não teem *medium*, e aquelles que pódem conseguir um *medium* já conhecido como tal.

No primeiro caso, isto é, não havendo ainda medium, torna-se necessario vêr, se se descobre entre os assistentes.

Para isto, parece-me preferivel um dos dois meios: ou tentár as manifestações pela mesa, ou ensaiar a escripta.

Eu não recommendo invocação; aguardam-se as communicações. Fallo de invocação determinada, desta ou d'aquella «entidade.» Convem apenas elevar o pensamento e desejar a intervenção d'espiritos bons.

A experiencia pela mesa consiste em sentarem-se os assistentes em volta d'uma mesa, preferindo-se leve e d'um pé só, pousando as mãos suavemente perto do rebordo, sem pressão. Não é preciso o contacto das mãos dos assistentes.

Conserva-se a passividade, e não se faz o menor movimento voluntario.

Deve persistir-se pelo menos 30 minutos durante uma serie de sessões até 20 ou 30, ou até que se notem os movimentos da mesa. A paciencia e persistencia são imprescindiveis. Conheço casos em que as manifestações se fazem só depois da trigesima sessão.

Se for notado um movimento, o director urbanamente estabelece o dialogo, por uma convenção adoptada, especie de telegraphia de Morse, em que, nas respostas um movimento significa *sim*, e dois movimentos dizem *não*.

Nas communicações dictadas por esta forma, um movimento exprime o *a*, dois movimentos o *b*, tres o *c*, etc.

A luz attenuada e colorida como fica dito, deve collocar-se a distancia.

No ensaio pela escripta sentam-se os assistentes em volta d'uma mesa maior, munido cada um de papel e lapis e collocando a mão em attitude de escrever, mas não pondo na execução esforço, acção ou vontade. Se o lapis começar a escrever traços ou executar escripta deixa-se continuar, sem se inhibir o acto, até terminar.

Estas primeiras tentativas não devem ser em sessão escura.

Esta é reservada para quando haja medium d'effeitos physicos, mediumnidade, que raras vezes desabrocha desde os primeiros tempos.

Logo que um dos assistentes revela mediumnidade escrevente póde desempenhar o logar de medium no grupo, e em quanto elle mediar, os assistentes conservam-se na maior passividade.

Se elle fôr medium de transe, igualmente. Se fôr d'effeitos physicos, convem formar em volta d'elle a cadeia, dando os assisrentes uns aos outros as mãos, e não devendo, de modo o mais absoluto e rigoroso, romper-se essa cadeia durante toda a sessão.

O medium para tal effeito deve ficar no centro, n'uma *chaise longue* ou *fauteil*.

Referi-me acima ao director do grupo, porque para boa ordem dos trabalhos e uniforme orientação convem que cada grupo tenha um director, embora este encargo possa ser de duração temporaria.

O director é escolhido entre os assistentes, devendo na preferencia ter-se em attenção a experiencia, os conhecimentos technicos e theoricos, a probidade, a competencia em summa.

As questões d'ordem material, os propositos interesseiros, as perguntas de mera curiosidade, os inqueritos banaes, emfim tudo que não tenha o caracter d'elevado interesse moral deve affastar-se das sessões.

Devemos dizer, que as sessões de typtologia (pela meza) e as de escripta, pódem tentar-se com um numero de pessoas inferior a seis, mas nunca é conveniente reduzir esse numero demasiadamente.

As provas mais convincentes adveem muitas vezes nas sessões formadas com elementos de familia, onde, pelo conhecimento intimo das pessoas, mais facil se torna descobrir ou eliminar o coefficiente de fraude.

Achamos de grande utilidade para o funccionamento regular e fru-

ctuoso d'um grupo, estabelecer como lei organica um regulamento severo, cujas disposições não devem estabelecer tolerancia para ninguem. N'esse regulamento deve fixar-se o local das sessões, hora precisa da reunião, recommendação sobre as disposições individuaes dos assistentes, comparencia d'elles 20 a 30 minutos antes da hora marcada para principio das sessões, modo como antes se devem apresentar e aguardar o principio da sessão, as condições de silencio e recolhimento durante os trabalhos, etc..

Quando o medium fôr de *transe* e se manifestem por incarnação (fallando por sua bocca) uma ou mais individualidades, cumpre ser-se cauteloso na investigação, para que as perguntas, desejos ou intenções não vão suggestional-o.

Toda a prudencia é pouca, convindo mais aguardar do que inquirir, para melhor captar o contheudo genuino das communicações. Só assim poderá a critica ser independente e mais seguro o juizo.

Para as sessões escuras, com mediums d'effeitos physicos, ha disposições especiaes que n'outro artigo se delinearão.

Souza Couto.

Informações varias

Por falta de espaço, não poderam publicar-se hoje varios factos de observação e investigação do director d'esta revista, mas o relato ir-se-á fazendo nos numeros subsequentes.

— Tambem, permittindo-o os recursos d'esta publicação, ha o desejo de a illustrar com gravuras respeitantes a alguns assumptos a tratar.

— Roga-se aos srs. assignantes, que mudarem de residencia, o favor de o participarem á administração da revista, para evitar escusadas devoluções.

— Aos que não pagaram ainda suas assignaturas, vae-se fazer a cobrança pelo correio, esperando-se a fineza d'attenção, pois só na boa cobrança se póde basear o equilibrio financial e a regularidade d'esta revista.

— Se de futuro, a receita d'esta publicação o facultar, tem o seu director a intenção de, ou augmentar-lhe o numero de paginas ou distribuir supplementarmente folhas avulsas, para mais larga informação dos leitores; todavia, uma e outra cousa dependem da acceitação publica.

Pede-se por isso aos srs. assignantes a benemerencia do possivel auxilio, na propaganda e diffusão da revista.

N.º 4 SETEMBRO DE 1905 1.º ANNO

ESTUDOS PSYCHICOS

REVISTA MENSAL DE ANIMISMO
E ESPIRITISMO EXPERIMENTAL

Director — DR. SOUSA COUTO

COLLABORADORES — Drs. Maxwell, Laurent de Faget, De Reyle, Wolowski, Marzorati, Roso de Luna, Quintin Lopes, Martins Velho, etc.

Escriptorio — Rua do Ouro, 149, 2.º LISBOA

RESPOSTA A UM INCREDULO

(Continuação)

Affirmar que todas as funcções animicas se pódem explicar pela physica e pela chimica, é resolver precipitada e incompletamente o melindroso problema.

As leis physicas do calor, luz e electricidade não nos dão a evidencia de tal interpretação.

As acções e reacções chimicas, as leis d'affinidade, d'eleição, de composição e de decomposição, estão muito longe de nos explicar a genése d'uma idea, a elaboração d'um raciocinio, a emoção d'um sentimento.

Dizer simplesmente e passar ávante: a bio-mecanica e a bio.dynamica tudo explicam, é não explicar cousa alguma.

E' claro que existem uma mecanica e um dynamismo vitaes, porém esse estudo, importante sem duvida, apenas patenteia um conspecto do problema e não nos dá da vida psychica a noção plena e exacta.

E' preciso preliminarmente distinguir entre a vida animal e a vida consciente e intellectual do ser.

A mecanica e a chimica no seio dos organismos vivos existem, mas a disciplina e regimen d'essas acções operam.se como se realmente no organismo houvesse um agente material, fluidico, principio superior d'ordem e harmonia, coodernador synergico, segundo têm entendido culminancias scientificas, bastando para o caso citar Bouchut, na obra *La vie et ses attributs.*

Todos os indagadores experimentalistas o apregoam.

Modernamente ainda, o dr. Geley accentúa tambem a necessidade d'esse principio dynamico e psychico, desempenhando uma funcção predominante, independente do funccionamento organico, preexistente e superstite ao corpo.

Poderia memorar a V. Ex.ª muitos outros, porem quero ainda recorrer aos factos, não á especulação, mas á base scientifica, para fazer-lhe sentir que desconhece, que não appropriou todo o ambito da questão.

V. Ex.ª vai vêr que esse agente coordenador existe: e se V. Ex.ª o não conhece é porque lhe falta o estudo theorico das innumeras indagações feitas e provas existentes e nunca pôz mãos investigadoras e incançaveis na descoberta d'esse principio.

Quando no estado hypnotico ultra-classico se começa a estabelecer a

anesthesia, a sensibilidade irradia, exteriorisando-se e podendo encontrar-se nitidamente em camadas externas, extra-cutaneas.

Esta exteriorisação tem um progresso, por phases, e aqui a genése do desdobramento, que arrasta comsigo a vida animica, independente e vivída.

Se a reintegração se não faz, o organismo perde a vida e nenhum outro principio lh'a póde restituir depois d'esta emigração definitiva.

Confronte V. Ex.ª os diversos trabalhos desde Charpignon até Baraduc, e este conhecimento se lhe radicará indelevelmente.

Não bastam pois os factores da mecanica e da chimíca para explicar a vida superior do organismo.

Mas ha mais ainda.

Se V. Ex.ª analysar a vida animica nos casos d'emancipação tantas vezes observados, ha de reconhecer a sua independencia do corpo, que para ella não é condição *sine-qua*.

Do estudo feito sobre a fórma mesmeriana posthuma, revelada em numerosos casos, que em principio tanto embaraçaram a comprehensão da telepathia, conclue-se ainda que a vida psychica não soffre a explicação restricta que conhecimentos incompletos pretendem dar-lhe.

Nós não devemos contentar-nos com palavras, o que pretendemos são factos. Ora V. Ex.ª mascára com palavras, apenas sonóras e nem sequer commentariadas, a ausencia absoluta dos conhecimentos especiaes chamados a dirimir a controversia.

Classificar pontificalmente os altos phenomeuos do espirito humano de bio-chimicos e bío-dynamicos, e não dizer por quê, como, a rasão persuasiva, a causa intrinseca, scientifica e plena por que assim é, não passa de pôr uma etiqueta grega á ignorancia propria.

E' impossivel que á delicada percepção de V. Ex.ª não avulte caracteristica a differença entre os phenomenos mecanicos ou chimicos, e os phenomenos psychicos mais elevados. Devemos convir em que uma idéa, um affecto, esta mesma opposição que entre nós se suscita, são bem differentes das meras reacções chimicas ou actos meramente mecanicos.

Como explica V. Ex.ª que as simples forças chimicas produzam no homem a vida superior da rasão, do sentimento, do altruismo? Como, a conservação da memoria, a identidade da personalidade, se as cellulas, as particulas materiaes do corpo tem um cyclo limitado e curto, renovando-se e substituindo-se n'elle?

Como se comprehende que na regressão da memoria se despertem as noções adquiridas em epocas passadas, cujas cellulas coevas se acham ha muito eliminadas?

Não só estes factos como outros muitos nos levam a alargar a prespectiva a campos muito mais extensos do que os limites de estudos apertádos e preconceituosos.

Mesmo a escola experimental moderna, que Ribot apreciou em dois turgidos volumes aqui presentes, nada esclarece sobre o problema do espirito.

O *processus* psycho-phisiologico occupa se do dynamismo animico, accusando o parallelismo ou relação de coexistencia entre os phenomenos phsychicos e phisiologicos, sem ter captado o agente intrinseco d'elles.

E ainda assim nem sempre a correlação existe, mórmente nos senti-

mentos moraes, esteticos, na funcção memorial e na logica do pensamento.

Esse agente, essa causa intima vai-se agora estudando e descobrindo, mas foi preciso que a investigação passasse ás mãos de incançaveis e ás vezes obscuros peoneiros n'uma nova região de trabalhos e de buscas.

Fallo dos phenomenos de animismo e espiritismo experimental, que constituem um novo, brilhante e feracissimo capitulo aberto na psychologia positiva, e no qual se vai resolvendo a incognita, debalde procurada nas anteriores tentativas e pelos methodos nimiamente adstrictos *ad locum*.

Se V. Ex.ª imagina que os estudos officiaes da psychologia experimental pódem resolver satisfatoriamente o problema da alma, ou desconhece a área restricta d'aquellas acquisições, os embaraços e inconcludencia de seus investigadores, ou infére exhorbitante e tumultuariamente dos principios que assentam.

Salta aos olhos do menos apercebido, pelo exame dos estudos desde Cabanis e Weber até Ribot e Hersen e ainda posteriores physiologos, que a solução d'esse problema não foi achada.

V. Ex.ª deve saber que para muitos dos mais illustres trabalhadores d'este dominio, a questão da hypothese era posta fóra do intuito : a psychologia phisiologica estudava os phenomenos limitadamente inter-periphericos, e não discutia a essencia, a causa material ou espiritualista d'essas manifestações. A pesquiza limitava-se á acção, ao phenomeno, á dynamica, ao effeito, sem entrada na theorisação especulativa.

Mas o que n'esse campo apertado se colheu, peculio embora estimavel de noções positivas, foi pouco ou quasi nada para base d'origem segura.

Percorre-se em vão a larga obra de trabalhos physiologicos, e fica-se alfim na mesma obscuridade sobre a existencia ou não existencia do principio animico. Não é saciada a sêde ; não é dirimida a anciedade de saber se alguma cousa immortal existe em nós.

Que importa fundamentalmente a este desejo, que sem duvida deve ser tambem o *desideratum* da sciencia, o conhecimento das leis do Weber, o estudo das sensações, a transmissão centipreta, a transformação ou phase psychica e a transmissão centrifuga ?

Que nos illucida a supposição de uns ou a opinião de outros, de que o pensamento é uma secreção ou um movimento, se qualquer d'estas theorias soffre os mais rudes embates d'argumentos irreductiveis ?

Que os phenomenos d'ordem animica se achem ligados a phenomenos d'ordem sensivel : que haja um equivalente nervoso do movimento. como o ha mecanico do calor ; que possa aventar-se uma lei de proporção entre as manifestações mentaes e os correspondentes phenomenos physicos ; que a psychometria formúle suas bases ; que se tenha verifiado a elevação da temperatura concomitando o exercicio da intelligencia; etc., etc. ; nada d'isso nos esclarece sobre a essencia intima do espirito ou sobre a sua real existencia.

E V. Ex.ª bem deve saber, que as investigações psycho-physiologicas nem são todas concordantes a formar um corpo unitario de doutrina, nem todas se nos affiguram egualmente logicas e concludentes.

Se aos olhos de V. Ex.ª os ensinos officiaes d'esta materia parecerem completos, sou forçado a notar a pequenez de conhecimentos em que tal criterio assenta, e a dizer intemeratamente, que pretender resolver o pro-

blema psychico sem conhecer as experiencias d'animismo e espiritismo, o mesmo é que pretender pronunciar-se sobre a existencia da electricidade, estudando apenas os seus apparelhos e modo d'acção.

Dos physiologistas que V. Ex.ª conhece e cujas obras se acceitam e doutrinas se professam nos institutos, queira V. Ex.ª dizer quaes são os que profundaram e sufficientemente applicaram as experiencias de magnetismo, das mais completas manifestações animicas extra-perifericas e sobre tudo, do espiritismo.

Estas ultimas, nenhum; e as primeiras, raros, muito de leve e pobremente.

E mais ainda:

Varios physiologistas conheço, pregoando antes o organicismo, materialistas da vespera, aos quaes o conhecimento dos phenomenos animicos e espiritas modificou as noções anteriores, patenteando-lhes a certeza do principio consciente, independente e perduravel.

Não acha V. Ex.ª bem significativo, que reunindo-se varios congressos espiritualistas, uma parte importantissima de trabalho e propaganda seja desempenhada pelos investigadores de magnetismo?

Não merece funda reflexão que emeritos physio-indagadores, como Fechner, Weber, Myers, Morzelli e tantos mais, tenham feito aquella enunciada transicão, depois que novas luzes vieram esclarecer as suas intelligencias?

Não póde considerar-se menos d'um crime o vulgarisar em livro ou jornal a doutrina materialista sem a longa preparação experimental, unica base segura de competencia, pois delicto é — um ensino pernicioso sob o duplo aspecto scientifico e social.

A especialisação do trabalho é a lei.

Ao chimico pedem-se as leis das reacções; ao mathematico as leis dos numeros; ao jurista as leis positivas. Para merecer-se o voto sobre um assumpto, é preciso estudal-o, e V. Ex.ª mostra desconhecer as conquistas modernas no terreno de psychismo. Quantos annos trabalhou? Que experiencias fez? Que phenomenos obteve? Que interpretação lhes deu? Que theorias conhece? Que rasões adotou na preferencia d'alguma? — Nada!

V. Ex.ª faz lembrar o barqueiro de cabotagem, que depois do regresso de Vasco da Gama, ainda negasse a existencia da India.

Na estrada do progresso ha marcos miliarios, cravados no torrão das primeiras jornadas, como nas camadas inferiores ha fosseis testimunhando as primitivas edades.

Como uns e outros V. Ex.ª petrificou no seu ponto d'evolução, cego d'olhos abertos, na atonia retinea, incapaz de receber uma imagem nova e grandiosa!...

(Contin a). SOUSA COUTO.

PHENOMENOS NOTAVEIS NA AMERICA

O illustre investigador e nosso presado amigo, conde de Rochas, recebeu a carta que abaixo publicamos e que teve a amabilidade de mandar para Lisboa pelo grande interesse que a mesma encerra.

O signatario d'ella é um escriptor consideradissimo, e vê-se pelo convite feito ao Conde de Rochas, qual o valor dos phenomenos relatados.

«— S. Francisco, California, 10 de Fevereiro de 1905.

Meu presado amigo

Ha já alguns mezes, o barão e a baroneza von Zimmermann, da Silesia, pessôas da melhor sociedade que passam uma parte do anno na California, na villa «Los Angeles», vieram pedir-me que assistisse, com elles, a algumas sessões de materialisação dadas por um medium de nome Miller, francez, natural de Nancy, mas que aqui habita ha onze annos. Desejavam conhecer a minha opinião sobre os phenomenos que se apresentavam.

Acceitei o convite e fui, mas as apparições de phantasmas eram tão extraordinarias, os espiritos tão naturaes, tão inacreditavelmente humanos, que não obstante ser-me permittido inspeccionar minuciosamente o o gabinete, encerrar-me ahi com o medium e segurar as mãos d'este emquanto os phantasmas faziam a sua apparição, conversavam commigo, falavam aos espectadores; emfim, podendo examinar o que se passava de modo que não me era possivel sequer suspeitar de uma fraude, eu não podia ainda assim dar-me por convencido. Porque o facto, tão realmente verdadeiro, era de uma importancia enorme para a humanidade, pois que provava, sem sombras de duvida, a possibilidade de se voltar aqui depois da morte, e portanto a sobrevivencia.

Passado um mez, e depois de terem viajado por varios pontos, o barão e a baroneza voltaram a S. Francisco. De novo me procuraram e pediram-me ainda a minha comparencia em uma sessão que Miller promettera dar especialmente para elles e para mim.

Chegamos a casa do medium ás 8 horas, e seguidamente deu-se começo á sessão. Assistiram á reunião tres ou quatro pessoas destinadas a prestar forças ao medium.

O que n'esta sessão se passou é verdadeiramente inacreditavel.

Appareceram successivamente varias fórmas, pequenas e grandes, homens e mulheres, um egypcio de sete pés de altura, uma menina de 14 annos fallando primorosamente o francez; depois veio um corpulento allemão, de voz singular, proximo parente da baroneza, sendo perfeitamente reconhecido por ella, que lhe fallou e o abraçou! Emfim, uma sessão de todo o ponto extraordinaria.

No dia seguinte o barão e a baroneza vieram procurar-me a minha casa, e disseram-me: «Sabemos que V. é amigo do coronel de Rochas, cujas obras conhecemos e em que muito apreciamos o espirito scientifico

e a competencia experimental. Pois bem: sabendo quanta auctoridade se liga por toda a parte ao testimunho d'esse senhor, desejariamos que V., em nosso nome, lhe fizesse uma proposta: era que elle viesse aqui.

As viagens presentemente são tão faceis e fazem-se tão confortavelmente! Nós pagariamos gostosamente todas as despezas da sua viagem, vinda e ida em 1.ª classe, e aqui hospedar-se-hia em nossa casa. Proporcionamos-lhe dez a doze sessões, no lugar que elle escolher e nas mais severas condições que determinar. Elle poderá publicar os resultados, acompanhados de photographias, se assim o desejar, como fez quando experimentou com Eusapia Paladino. O nosso unico fim é dar a conhecer ao mundo, por intermedio de um medium, cujas manifestações não possam deixar a menor duvida sobre a sua invulneravel realidade e authenticidade, por provas absolutas, a possibilidade da manifestação dos espiritos, a communicação d'estes com os mortaes, a perfeita identificação da sua personalidade e, por consequencia, provar que para além da morte a vida continúa. E' este o fim que aqui nos trouxe.»

O barão e a baroneza são tão sinceros nas suas opiniões, tão fervorosos na sua fé; teem uma confiança tão illimitada na sciencia do meu bom amigo, na sua prudencia e no seu caracter, que eu fiquei realmente impressionado.

Respondi-lhes que a sua proposta envolvia considerações mui graves e delicadas: era expôr a minha reputação de homem serio, e talvez tambem em parte a do senhor de Rochas. Que assim não podia consentir em fazer essa proposta ao coronel sem que me permittissem tomar eu o lugar d'elle por uma noite, considerarem me como se fôra elle, acceitarem de mim as condições que eu sei que o senhor de Rochas imporia ao medium afim de afastar toda a possibilidade de fraude, conluio ou de duvida.

Transmittiram isto ao medium, que acceitou dizendo: «O sr. Van der Naillen que faça de mim o que quizer; acceito antecipadamente todas as condições.»

Era correcto; não podia responder melhor.

Puzemos immediatamente mãos á obra. Primeiramente eu propuz que as sessões se effectuassem em minha casa, mas percorrendo-a com o barão e a baroneza não nos foi possivel encontrar um canto onde pudesse armar o gabinete com um reposteiro, sem que nesse gabinete houvesse alguma porta ou janella.

Em vista d'isto, dirigimo-nos ao *Palace-Hotel* e ahi escolhi um compartimento que me pareceu em tudo favoravel á installação nas condições de confiança que eu desejava e taes como o meu amigo as haveria exigido.

Determinado o local, fui procurar o Dr. Carl Renz, o Dr. Burgen, e ainda o meu professor de electricidade, pois não queria arcar sosinho com a responsabilidade de uma experiencia tão importante. Expliquei minuciosamente a estes senhores o nosso projecto, dando-se elles por muito satisfeitos com as condições.

O barão, a baroneza e eu, fomos então em busca de um armazem de fato feito para homens. (Nós sabiamos as medidas do medium).

Compramos-lhe um jaleco de vestir por baixo, um par de ceroulas e uma camisa, tudo em tecido escuro, e mais um fato completo para vestir por cima, e fizemos remetter tudo para o hotel em uma caixa fe-

chada. Eu queria comprar tambem reposteiros pretos para o gabinete, e para forrar as paredes do quarto, as portas e as janellas, mas o medium havia pedido á baroneza para mandar os seus proprios reposteiros, dizendo que, como estes já estavam saturados do seu fluido magnetico, era provavel que com elles se obtivessem melhores resultados do que com os novos; que os mandaria para o hotel com algumas horas de antecipação, afim de se poder examinal-os á vontade; mas que ainda assim, se nós insistissemos em comprar reposteiros novos, nos deixava inteira liberdade de o fazermos.

Achei acertadas estas razões do medium e não tive duvida em acceitar os reposteiros de que elle se servia, os quaes nos foram immediatamente remettidos para o hotel. Fil-os então examinar por um operario estofador do meu conhecimento. Eram simples reposteiros escuros de algodão estampado. O meu operario pregou-os nas paredes e diante de uma grande janella que dava sobre a rua a 40 pés do solo. Em seguida foram todos os reposteiros cosidos uns aos outros e pregados por baixo no soalho. Deixou-se uma unica abertura na parte de diante do gabinete, para que o medium, afastando as cortinas que fechavam esse lado, ahi pudesse entrar e sahir. Durante todos os preparativos, o barão e a baroneza mantiveram-se delicadamente a distancia, de maneira a deixarem completamente ao nosso arbitrio todas as disposições e condições de verificação.

Uma vez terminados estes preparativos, e parecendo a todos que a observação dos phenomnnos que porventura se produzissem estava sufficientemente garantida, dois de nós ficámos de guarda ao aposento, emquanto outros dois foram buscar o medium, que se achava no quarto do barão com a caixa contendo o fato para elle comprado. Esse fato foi novamente examinado pelos membros do comité, depois do que o medium se despojou completamente do que trazia e vestiu o novo, tudo na nossa presença.

Feito isto, foi o medium collocado entre todas as pessoas e conduzido á sala preparada para a sessão, dando directa e seguidamente entrada no gabinete, onde se lhe havia collocado uma cadeira feita exclusivamente de madeira.

Tirei então da minha algibeira uma peça de nastro branco, de uns vinte metros, e de um centimetro de largura, e, acompanhado pelo Dr. Renz, ligámos as mãos, os pés, os braços e as pernas do medium, passando-lhe depois a fita pelo peito e pescoço e amarrando-o em conjuncto aos braços e costas da cadeira; as pontas que restavam foram solidamente pregadas ao soalho. Alem d'isto, tirei da minha algibeira uma agulha previamente enfiada e preparada, e cosi todas as voltas da fita umas ás outras, em todas as suas intersecções, nós e cruzamentos.

As condições de registro e verificação foram por todos declaradas absolutamente perfeitas. As pessoas presentes foram collocadas em circulo, dando-se as mãos, a uma distansia de 3 a 4 metros do gabinete; do ponto em que eu estava podia vêr as fitas brancas que ligavam o medium á cadeira, bem como a entrada e sahida dos espiritos, se acaso elles apparecessem. Ao fundo da sala poz-se um candieiro com reflector que permittia regular-se a luz á vontade dos espiritos. Durante toda a sessão houve a luz sufficiente para se poder distinguir se alguma pessoa se ap-

proximava do gabinete, se é que era possivel haver ali alguem que tivesse essa desastrada ideia.

A sessão começou. Foi-nos pedido que entoassemos alguns canticos proprios d'estas occasiões. Passado pouco tempo fez-se ouvir a voz de Betsey, o dirigente principal do medium, dizendo-nos que as condições do meio se apresentavam muito favoraveis e que esperava se nos proporcionasse um bocado de noite bem aproveitado. Emquanto Betsey dizia isto, o medium falava em voz alta com um dos membros do circulo.

1.º — Passados alguns minutos, uma fórma branca entreabriu os reposteiros, deu-nos as boas noites e avançou alguns passos fóra do gabinete, o que nos permittiu vêr que era de grande estatura. Pediu em seguida para vêr sua mãe, M.me Engel, que se achava presente.

Esta adiantou-se para sua filha, a quem reconheceu e abraçou. O espirito conversou com ella por espaço de uns dois minutos ao mesmo tempo que o medium conversava comnosco. O medium pediu a M.me Engel que se afastasse de sua filha n'uma distancia de dois pés, afim de que todos os membros do circulo pudessem vêr o espirito. Em seguida o phantasma foi recuando aos poucos na direcção do gabinete e desmaterialisou-se entre os reposteiros.

2.º — Pouco depois appareceu á sahida do gabinete uma fórma branca com a cabeça circumdada por um toucado singularmente brilhante. Disse-nos que era um dos espiritos que vigiavam o gabinete e que vinha provar-nos que podia materialisar-se; que o seu nome era Lilly Roberts. Apresentára-se bem visivelmente fóra do gabinete, e eu pude perfeitamente distinguir a cauda do seu vestido, que se estendia até aos reposteiros. Pediu-nos que não desligassemos as mãos, para que a força não diminuisse. Voltou então a entrar no gabinete, onde se desmaterialisou rapidamente á nossa vista. Durante todo o tempo em que a apparição esteve visivel, o medium conversou, ora com um, ora com outro dos membros do comité, para nos provar com toda a evidencia que elle e a apparição constituiam duas pessoas.

3.º — Uma voz forte, com entonação desusada, fez-se ouvir no alto do gabinete, e dirigiu-nos a palavra em allemão. Esta voz foi immediatamente reconhecida pela baroneza como sendo a de um seu parente fallecido. A voz tratou-a pou «Mitzel» diminutivo familiar do nome d'ella em creança, e lamentou não poder materialisar-se em razão da insufficiencia das forças n'um aposento novo.

4.º — O medium annunciou-nos n'esta altura que Betsey, o seu dirigente principal, ia tornar-se visivel para nós, sahindo do gabinete bem á vista de todos; rogava-nos, porém, que não lhe tocassemos. As cortinas afastaram-se, e uma bella forma branca appareceu entre ellas. Como avançasse alguns passos, nós podemos notar a longa e bella cauda branca do seu vestido, bem como este muito abrilhantado por pequeninos pontos luminosos. A fórma adiantou-se, como que deslisando bella e magestosa, na direcção de um homem idoso chamado Durban, um dos seus antigos amigos, que se achava sentado a cerca de oito pés de distancia do gabinete; tocou-lhe no braço de modo a elle o sentir muito bem e perguntou-lhe como estava de saude. Havia-se estabelecido entre elles uma conversação a meia voz quando o medium gritou do fundo do gabinete, n'uma expressão de angustia: «Vinde breve, Betsey, porque eu sof-

fro horrivelmente». Betsey voltou immediatamente para o gabinete, e nós ouvimos o medium soltar um suspiro de allivio.

5.º — Depois de um momento de intervallo (como sempre), Betsey e o medium, fallando ao mesmo tempo, disseram-nos que olhassemos para o chão, porque um espirito ia tentar materialisar-se na nossa presença. Vimos então como que uma grande toalha phosphorescente movendo-se no chão, fora do gabinete, mas, passado um minuto de agitação, desappareceu no sobrado.

6.º — Ouviu-se no gabinete uma voz suave de menina, dizendo em excellente francez: «Boa noite mamã». M.me Marchand, que estava sentada ao meu lado, reconheceu a voz de sua filha. Essa voz dirigiu-se em seguida a mim dando-me as boas noites e dizendo, em francez, que tinha andado na escola com minha filha Rina. M.me Marchand perguntou-lhe se ella podia materialisar-se n'aquella occasião, ao que ella respondeu que não, que não se sentia com forças sufficientes para isso, porque tinha havido um suicidio no quarto onde nós estavamos.

7.º — A voz particular do amigo da baroneza voltou a fazer-se ouvir, tratando-a pelo nome de «Mitzel» e dizendo-lhe que, na impossibilidade de se materialisar, ia retirar-se.

8.º — Uma outra fórma branca appareceu, tambem muito bonita, e dizendo chamar-se «Norma Kurz»; depois de ter pronunciado algumas palavras desappareceu no sobrado.

9.º — Uma menina, tendo na cabeça uma especie de bonnet singularmente luminoso, veiu apresentar-nos as suas saudações, dizendo que o seu nome era «Jerémiah Clarke». Depois de mais algumas palavras, desappareceu igualmente no soalho como se n'elle entrasse.

Foi o final da sessão.

Todos os membros do circulo foram novamente convidados a inspeccionar todas as disposições e preparativos do compartimento, e a verificar que o medium continuava perfeitamente ligado á cadeira e as fitas se achavam do mesmo modo solidamente pregadas ao soalho...

A ideia de se pedir a V. a sua vinda a esta cidade funda-se em as condições aqui serem favoraveis ás manifestações. O medium está cercado de algumas pessôas que lhe são sympathicas e lhe dão forças; n'este centro poderia melhor realisar os sessões a que V. devesse assistir do que entre pessôas extranhas e n'um paiz onde não conhece os assistentes. Tendo tudo isto em consideração, elle receia aventurar-se n'um meio desconhecido. Ainda assim diz que, se o meu amigo quizer, depois de aqui ter vindo e de ter chegado a convencer-se de que as manifestações produzidas na sua presença são verdadeiras, não hesitaria em ir á França dar sessões sob o seu patrocinio...

A. Van der Naileen.»

Uma sessão com o medium Politi

Damos em seguida o extracto d'uma sessão, feita com aquelle medium, resumindo o relato que d'ella fez e publicou na revista italiana *Vessillo Espiritista*, o general Ballatore, assistente a essa sessão e testemunha dos phenomenos n'ella obtidos.

«Na noite de 18 de junho de 1900, reunimo-nos eu, minha mulher, o Dr. Secundari e o tenente coronel d'artilheria L. Rennati, estando tambem presente o medium Politi, que serviu ás experiencias.

O medium ficou entre o Dr. Secundari e L. Rennati, atando-se-lhe as mãos e os pés ás mãos e pés dos dois assistentes.

Fez-se a cadeia em volta d'uma meza.

Feita a obscuridade, como de costume, fez se a invocação, aguardando-se os resultados. O medium cahiu em transe, e em breve o Dr. Secundari sentiu pressões bem distinctas sobre as costas, e todos nós ouvimos pancadas sobre a sua cadeira que é sacudida, emquanto o medium é lançado por terra, fazendo-o depois o espirito que se manifestava, assentar sobre os quatro pés da cadeira.

Na parte da parede lateral correspondente ao intervallo entre o medium e o Dr. Secundari, havia pregado na parede um porta-jornaes, que foi lançado por terra e depois atirado ora contra a parede, ora contra as cadeiras, sendo tambem atirado contra Secundari com uma certa força. Em seguida Rennati sentiu varias pressões, como feitas por uma pessoa, o Dr. Secundari recebe a sensação de que sobre suas mãos passava alguma cousa aveludada, ao mesmo tempo que se fazia notar um sopro de vento frio.

Veio então a explicação de que era a materialisação do espirito guia, chamado Jiulio que produziu esses factos.

Logo depois um volumoso pacote de livros e musicas que tinha ficado sobre um tamborete, *ainda mais distante do que o porta-jornaes*, foi por seu turno atirado ao chão, e de vez em quando ouvia-se folhear nos livros e nos cadernos de musica, sem que todavia elles ficassem desarranjados.

Durante este tempo, a mesa por duas vezes se ergueu no ar, mantendo-se ahi um momento em equilibrio, e o medium tambem foi igualmente levantado.

Então, o espirito guia pediu um instante de descanço. Accedemos ao pedido, para em seguida continuar a sessão, que deu resultados os mais interessantes.

Recomeçada a sessão, e á nosso pedido, como por outras vezes se tinha notado, observou-se uma cruz luminosa por cima do gabinete, que é formado d'uma tapeçaria branca, que se illuminou pouco a pouco.

Depois o gabinete abriu-se sem nenhum assistente lhe tocar do lado do tenente coronel Rennati, dando passagem á magestosa apparição d'um phantasma ou fórma materialisada, que tanto eu como minha mulher logo reconhecemos ser a de Jiulio Del Bianco.

Os assistentes o contemplavam em extase, no seu aspecto sereno, fulgurando com sua propria luz. Esta apparição, emquanto com a mão direita levantava a cortina do gabinete, mostrava a mão esquerda intei-

ramente illuminada, lançando reflexos, que envolviam uma luz ou facho luminoso collocado mais alto.

Seu rosto era ligeiramente bronseado, a barba curta, bigode negro e farto, olhos negros e vivos, a cabeça ornada com um gracioso turbante branco, tendo o corpo envolvido, como costuma a apparecer, n'um amplo manto branco, arranjado com arte ; olhou em volta d'elle, saudou e retirou-se. Por tres vezes o mesmo espirito reappareceu com a mesma graça e a mesma desenvoltura, e pela ultima vez, a nosso pedido, exclamou : «viva Deos !»

Entretanto convem fazer notar, que emquanto esta pessoa materialisada estava á nossa vista, do gabinete vinham directamente os gemidos do medium que soffria e que nos fallava, annunciando que o espirito de John King appareceria tambem.

De facto, logo depois este espirito se apresentava, mostrando-se em toda a sua estatura, vendo-se bem a sua silhueta sobre o fundo d'uma luz branca diffusa, que o faz resplandecer.

As feições pallidas são lisas. Vem vestido á moda oriental, mas o veu que lhe envolve a cabeça está menos artisticamente composto que o de Jiulio. Por duas vezes apparece, e desapparece, fazendo de cada vez uma saudação. Da segunda vez, exclamou tambem : «viva Deus !», e, antes de entrar no gabinete, fez menção de nos abençoar, estendendo sobre nós seus longos braços.

A mesma phrase : «viva Deus !» ouviu-se por duas vezes, parecendo provir de dois pontos differentes da sala ; primeiramente parece ter-se proferido por traz do tenente coronel Rennati, e depois junto á parede por traz do gabinete.

Em, seguida se ouviu uma voz enfantil ; *Babbo, babbo!* (papa ! papa !). E' a voz de Lina, filha fallecida do conde Brussi. Tendo-lhe minha mulher perguntado, se tinha alguma cousa para mandar dizer a seus paes desolados, respondeu : «saudai o papa, adeus». Repetidas vezes minha mulher sentiu os beijos de sua pequena bocca fluidica e a caricia de seus dedos nos cabellos.

Em seguida Rennati foi tambem afagado pela pequena mão de Lina, que não manifestou a sua presença só pela apparição e por estes actos, mas ainda pelo fremito dos repetidos beijos e bater das mãos, exclamando ao mesmo tempo : «viva Maria !» Mas a força do medium, não era já bastante para outros phenomenos. Ainda assim se preparou mais uma explendida materialisaçao, semelhante, ainda que menos intensa, ás dos espiritos de Jiulio e John King.

Todos os espectadores viram uma luz astral, emquanto que meus olhos reconheceram bem essa apparição, quando se apresentou nas suas puras vestes de luz astral. Estas vestes faziam-se sentir, quando, a pedido, as fazia voltejar em redor de nós, roçando-nos a cara e o corpo.

Alguns luares ainda deslisaram no ar, e depois quatro leves pancadas sobre a mesa nos avisaram para terminar a sessão. Rompeu-se a cadeia, illuminando-se a sala. Fui com o dr. Secundari examinar o medium que despertava. Os assistentes referidos, signatarios da acta da sessão, affirmam a certeza de não haverem sido enganados, nem estarem hallucinados.»

GENERAL BALLATORE.

DUAS SESSÕES QUE SE COMPLETAM

Jules Gaillard, o brilhante articulista da Tribuna Psychica, relata ahi no numero correspondente a agosto de 1902, duas sessões realisadas com a sua assistencia, as quaes se não são ricas em phenomenalidade, não deixam de ser interessantes no conjuncto.

«Vou referir aqui dois factos psychicos de que fui testemunha em duas sessões em Avignon, a primeira no fim de junho e a segunda nos começos de julho.

Estes factos nada teem de extraordinario para os iniciados. A meu ver todavia teem d'interessante a particularidade de haverem sido produzidos em circumstancias d'onde naturalmente deriva a sua authenticidade e sinceridade.

Trata-se de phenomenos d'incarnação.

Vou contal-os com toda a sinceridade, para em seguida formular algumas apreciações.

Quando digo que vou contal-os, exagéro. Não reconheço em mim tal direito, não tendo sequer pensado em pedir aos interessados a auctorisação indispensavel.

Para guardar, pois, as conveniencias, sou constrangido a supprimir certos nomes e certos pormenores bem precisos para inteira publicidade.

Mas no fundo fica o ensino que elles encerram.

Primeira sessão — Medium, Affonsina Maudin.

O espirito que se incarna e se manifesta pelo medium é a mãe d'um meu amigo, que assiste tambem a esta sessão intima. Somos apenas quatro pessoas.

O espirito accusa-se de faltas commettidas durante a vida, e ao mesmo tempo implora o perdão de seu filho presente e de seu marido que é fallecido tambem.

Declara encontrar-se ainda sem luz, envolto em trevas, no silencio e no frio.

Segunda sessão — Medium, Paulina Serres.

Pedimos ao medium para invocar o espirito que alguns dias antes se tinha manifestado por Affonsina Maudin, isto é, o espirito da mãe do meu amigo, assistente á sessão anterior e presente tambem a esta.

A mãe do meu amigo incarna então no novo medium Paulina Serres, e por sua bocca faz as *mesmas declarações* que tinha feito na semana precedente por intermedio do medium Affonsina.

1.º — O espirito se accusa. Pede, implora o perdão de seu filho e o perdão de seu marido.

2.º — Declara encontrar-se na noite, no silencio e no frio, empregando quasi as mesmas expressões.

N'uma palavra: nós ouvimos formular duas series de declarações identicas, com alguns dias apenas d'intervallo, pelo orgão de dois mediums differentes.

Estes mediums não se conheciam totalmente, e nunca sequer se tinham visto.

O segundo medium vê pela primeira vez o meu amigo, cujo nome e

familia ignorava. Esse medium tinha chegado na mesma noite de fóra, d'uma viagem. Absolutamente nada se lhe tinha contado.

Ambos os mediums são, um e outro, mulheres de dois camponezes, habitando duas aldeias pertencentes a dois departamentos diversos.

As declarações identicas formuladas pela bôcca de dois mediums differentes não são profundamente caracteristicas ?

Antes de fallar da objecção que os scepticos costumam oppôr a tal phenomeno, convém consignar um segundo facto d'incarnação produzido tambem n'esta mesma sessão.

Entre as 6 pessoas presentes a esta sessão havia um pobre velho palafreneiro, conductor d'omnibus n'um estabelecimento do genero. Eu via pela primeira vez este pobre homem, chamado José Teye.

A meu pedido, o medium Paulina Serres evocou Hippolyto Teye, filho do palafreneiro José.

Passado pouco a incarnação pedida teve logar. Uma scena emocionante se produziu.

Falta-me o tempo para entrar nos pormenores tão interessantes do quadro desenrolado á nossa vista.

Cito sómente este incidente: interrompi a manifestação para perguntar ao espirito:

— «Tendes irmãos e irmãs? — Resposta: sim. Nomeadamente vejo minha irmã Adelaide casada em Villeneuve-les-Avignon.

Então perguntei ao pae José Teye:

— Tendes uma filha chamada Adelaide, casada em Villeneuve? — Resposta: sim, senhor.

Voltemos agora á objecção que certos sabios costumam formular contra taes factos para lhes diminuir o alcance, para negar a sobrevivencia e a presença real d'um invisivel, cuja identidade se affirma por declarações provantes.

Dizem: estes factos não provam a intervanção d'Hippolyto Teye, filho invisivel de José Teye. E' o medium que leu no espirito de José Teye seus proprios pensamentos.

Pois bem! Mas eis já um facto que constituiria um bello phenomeno. Isto exigiria importantes commentarios.

Mas é preciso aqui estudar a differença que existe entre o *transe* e o *somno* hypnotico ou magnetico.

Porém como este estudo me levaria muito longe, limito-me a oppôr á objecção aventada pelos scepticos, a contra-objecção seguinte:

Por que rasão o medium sente assim regularmente a necessidade de mentir? Porque razão esta mentira eterna dos mediums d'incarnação, em todos os paizes, sob todas as latitudes?

Por que preludiam elles sempre as suas declarações por esta mentira: Pae, sou teu filho; meu filho, sou tua mãe, etc...

Por que motivo a leitura do inconsciente ou do pensamento estaria sempre ligada á mentira, ao engano?

Que a este facto se encontre uma rasão de ser, uma explicação em circumstancias determinadas, vá, póde admittir-se. Mas sempre! Sempre!

A leitura do inconsciente inaugurada pela mentira!... Srs. scepticos, a vosso turno procurai explicar-nos isto.»

JULES GAILLARD.

Phenomeno d'exteriorisação animica obtido em Lisboa

Devo preliminarmente dizer que, tratando d'estes phenomenos, nunca gostei do testimunho envolvido em pseudonymos ou iniciaes. Sempre entendi que a investigação não desdoura ninguem, e quando se busca um estudo sincero e verdadeiro, a independencia e a franqueza devem occupar o primeiro plano.

Foi assim que eu nunca occultei ou transfigurei o meu nome ao subscrever os factos por mim presenciados.

Devo, porém significar que a lição pratica me tem mostrado não ser sempre possivel realisar esse *desideratum*, em respeito a variadas e especialissimas circumstancias alheias. A situação individual dos assistentes não lhes permitte muitas vezes poderem usar d'essa independencia.

Ora as exigencias do experimentador não pódem, e não devem mesmo, ir tão longe, que desconheçam o direito de cada um, no que respeita á conveniencia da reserva do seu nome.

E' por consideração a este principio, apesar meu, que no relato abaixo alguns nomes são dados pelas respectivas iniciaes, sem quebra da verdade e da integridade das actas que o signatario possue.

De entre a serie de sessões, que com diversos mediums venho realisando desde ha tempos em Lisboa, destaco hoje um incidente da sessão de 6 de fevereiro d'este anno, na qual se produziu o phenomeno de *visão a distancia*, que acima classifiquei de *exteriorisacão*, segundo, em meu conceito, no caso melhor lhe corresponde.

Essa sessão teve logar ás 9 e ½ horas da noite do referido dia, dirigindo-a eu, e sendo assistentes : os srs. Fernando de Lacerda, José Simões dos Santos, o dr. A. d'O., e C. F., e as sr.as D. Emilia Campos, D. Ernestina do Espirito Santo, M. L., D. Maria da Piedade, D. Marianna Grillo, D. C. G. e D. R. L. — Era medium S. S.

Começada a sessão, com observancia das precauções e preliminares costumados, o medium entrou em transe, notando o signatario que, depois d'uma violenta agitação, adviéra o estado cataleptico com arrefecimento pronunciado dos braços e mãos.

Ouviu-se então a queda d'um objecto, reconhecendo-se depois ser o *apport* d'uma moeda em cobre (1834).

Começaram a rolar por cima do medium nitidas phosphorescencias, algumas amorphas, outras de contornos definidos, tendo a principal origem de emanação nas extremidades digitaes e nos olhos e bocca do medium. Este phenomeno foi plenamente observado por todos, e affirmado por por unanimidade.

Começou então o medium a accusar o seu desprehendimento pela fórma peculiar a este phenomeno, bem conhecido dos experimentadores.

O medium reconhecia que evolava como que de si mesmo, que se soltava elevando-se no ar ; queixava-se, mostrava receio de cahir. Depois principiou a dizer anciadamente as impressões da trajectoria do seu percurso : via em baixo as casas, as ruas, a illuminação... até que se encontrou no interior d'uma casa.

A sua primeira apprehensão foi o receio de ser visto ; assegurei-lhe

que não, que socegasse, pois que a sua presença não seria alli notada : e pedi-lhe para descrever o que via.

Como tenho observado outras vezes, a visão não podia exercer-se de prompto no conjuncto do ambiente ; era preciso a adaptação prévia, regular e sufficiente ; a vista ia conquistando os pontos ou o campo restricto d'acuidade de modo gradual e analytico, e por vezes tenho observado com este medium, que quando se pede a descripção d'um objecto determinado elle ensaia aquella adpatação e vai fazendo a descripção gradual.

O medium affirmava a sua presença *in loco* ; tinha d'isso consciencia, não era como quem vê a distancia ; via estando realmente alli.

Para não alargar muito este artigo resumirei os pontos capitaes da visão : — era uma sala, tendo ao centro uma meza e varias cadeiras.

Havia duas senhoras, uma de mais edade, cuja descripção fez, e outra, menina ainda, estava lendo um livro. Era uma sala de jantar, onde havia dois jarrões de forma especial, que descreveu. Havia tambem a um lado um piano.

Instado para vêr o nome do livro, o medium declara não puder lêr á distancia em que está, mas aconselhado a aproximar-se, assim o faz, segundo diz e lê : «Diabo na Côrte».

Nesta altura o assistente sr. dr. A. d'O. affirma a veracidade dos factos.

No fim da sessão apurou-se o seguinte :

O sr. dr. A. d'O., antes de sahir de casa, deixou as cousas dispostas para vêr, se porventura o medium podia exteriorisar-se e descrever a sua casa, que aliás não conhecia. Esse facto realisou-se, auctorisando-nos elle a affirmar peremptoriamente a sua realidade.

O sr. Dr. A. d'O. é de probidade e severo escrupulo scientifico, que só o levam a induzir de factos bem averiguados o justo alcance dos mesmos factos.

No caso presente, derívou elle, sob um criterio que plenamente perfilhamos, a legitimidade do phenomeno das seguintes considerações :

Não conhecer o medium a casa, fazer uma descripção exacta das pessoas e das cousas, não ser natural, e antes facto d'excepção, estar na sala de jantar o piano, e emfim a precisão do titulo da obra que sua filhinha estava lendo.

Sousa Couto.

Algumas indicações praticas para proceder a experiencias

SESSÕES ESCURAS

Prometti tratar das sessões em que certos phenomenos melhor se produzem na obscuridade. Sobre esta especie de sessões, cumpre fallar com desassombro, mostrando os seus inconvenientes e vantagens. E' preciso a lição da larga experiencia propria e o conhecimento da practica alheia para dizer das sessões escuras alguma cousa de util.

Systhematicamente não me parece proficuo o emprego exclusivo de sessões com luz, ou sessões ás escuras.

As circumstancias e os resultados obtidos é que nos devem aconselhar o emprego d'umas ou outras, sem nunca pôr de parte o conjuncto de precauções peculiares a qualquer d'ellas.

Acho digna de ponderar-se a objecção que commummente se costuma levantar contra as sessões escuras, especialmente pelos que desconhecem ou tentam pelas primeiras vezes estes estudos.

De facto são de molde a favorecer suspeitas tanto a obscuridade como a comprehensão da necessidade d'ella.

Todavia essa objecção tem menos valor intrinseco do que geralmente se lhe attribue.

Vem a proposito citar a auctoridade de Charles Richet nas seguintes palavras que se lêem a paginas 24 do 15.º anno dos *Annaes de Sciencias Psychicas*:

«...nenhum absurdo ha em admittir que a luz exerça uma influencia inhibitoria sobre determinados phenomenos.

«A cada passo se ouve dizer:

— Se a obscuridade é precisa aos espiritos, é apenas porque com a obscuridade todos as fraudes são possiveis,

«Mas esta conclusão é ridicula. O photographo para revelar as chapas tem necessidade de um quarto sem luz: e seria uma extranha objecção á photographia censurar suas operações mysteriosas ao abrigo da luz e portanto em condições que inspiram desconfiança e nos impedem de concluir.

«Este exemplo da photographia deve meditar-se, pois nos prova que a luz muito bem póde prejudicar certos phenomenos, sendo preciso acaso a obscuridade completa para tal ou tal experiencia.

«Além de que, seria injusto considerar como nullas todas as experiencias na obscuridade, porque, tomando-se precauções minuciosas, a fraude não póde ter logar, ainda na obscuridade completa...»

Eu tenho feito sessões com todos os gráos de luz, desde a sufficientemente intensa até á extincção da luz e a experiencia me tem elucidado sobre a acção d'este agente.

Com a luz intensa o estado cataleptico do medium é mais difficil de reduzir, e geralmente todas as manifestações são mais pobres.

Repetidas vezes tenho colhido a indicação durante as sessões, para reduzir a luz e outras vezes para a coar em vidros azues ou violetas, sendo ainda aconselhado que os raios d'estas côres se attenuem e não incidam sobre o medium.

Finalmente tenho tambem observado, que outras vezes é ordenada a suppressão da luz, e é assim que tenho obtido innumeras vezes luares, nucleos phosphorescentes e varias manifestações luminosas, que á luz viva é difficil conseguir.

Igualmente para os *apports* e para as materialisações parece ser prejudicial a luz, se bem que eu tenha presenceado materialisações parciaes, *apports* e transportes mesmo com luz sufficiente.

Admittindo, pois, que a luz desfavorece a producção dos phenomenos d'ordem physica, o que convém sobre modo é usar das necessarias precauções para nos assegurarmos da authenticidade das manifestações, quando a sessão é escura.

Vou indicar summariamente as diversas cautelas que tenho tomado, segundo os casos differentes de que se trata.

Quando o medium no estado de transe dá a escripta automatica quer seja autographa, quer seja invertida, mas em todo o caso inconsciente e superior pelo contheudo ou pela execução, aos seus recursos de possibilidade ou intelligencia, basta especificar o papel de modo absoluto, de fórma que esse papel não possa ser substituido por outro.

Para esse fim, tenho rasgado os cantos do papel para depois ajustar e identificar, ou tenho-o marcado por modo que o medium não saiba essa marca ou mesmo apposto algumas rubricas, para me certificar de que o papel é o mesmo sobre que se faz a experiencia.

Para as sessões de fórmas luminosas é conveniente atar e sellar o medium, depois de o terem préviamente examinado duas ou tres pessoas em acto singular e minucioso.

Para os mediums *d'apports* tenho por vezes empregado estes tres meios: o exame rigoroso e a fiscalisação de todos os seus movimentos posteriores ao exame; algemas e as mais completas ataduras; o sacco de tela fina, perfeitamente acabado, cerrado, atado e lacrado; e emfim o gabinete isolado, onde não fique mais do que *o fauteil* ou *chaise-longue* para o medium e algum apparelho determinado a qualquer face da experiencia.

Estas precauções não são as unicas que se pódem tomar.

Ao criterio do investigador e á necessidade da conjunctura fica o supprimento ou o complemento para occasiões dadas.

Tenho visto que cada um emprega novos meios de cautela, e quanto a mim mesmo seria longo enumerar mil differentes modos, pelos quaes tenho em diversissimas sessões verificado a realidade dos factos.

Um d'esses modos consiste em ficar o medium na propria corrente ou cadeia, de fórma que a mão direita d'elle fique segura pela mão esquerda do assistente que lhe fica á direita; e a mão esquerda fique segura pela mão direita do assistente que lhe fique á esquerda.

Succede frequentemente que o medium é pessoa de familia, sendo incapaz de fraude; outras vezes, sendo extranho, o seu caracter está acima de toda a suspeita; mas é sempre util precaucionar e estudar com o maximo escrupulo as manifestações.

Muitas vezes o proprio estado em que o medium fica, demonstra a impossibilidade d'uma simulação.

Nomeadamente o somno hypnotico, as baixas de temperatura, as alterações da funcção circulatoria e o estado de rigidez das articulações ou catalepcia contribuem a mostrar a genuidade dos factos.

Nas sessões escuras, costuma haver a indicação, ou por typtologia convencionada ou por indicação verbal da entidade que se manifesta, para se terminar a sessão.

Quando essa indicação é dada, convém conservar a cadeia cerrada até o medium despertar.

Para isso um dos assistentes, sem romper a cadeia, liga-a no seu ponto de sahida, aproximando as mãos dos seus confinantes da direita e da esquerda, de modo que elles reatem sem interrupção a cadeia.

O assistente assim isolado, accende então luz, sendo melhor n'um compartimento contiguo, de maneira a illuminar escassa e indirectamente a sala ou divisão onde se fazem as sessões.

Depois sempre no mesmo silencio e tranquilidade se aguarda um pouco, até que o medium desperte. Se porém o facto se demorar e a catalepsia ou outra phase, continuar, o director das sessões, desligando-se da cadeia, como precedentemente se diz, tratará de despertar o medium, com a fricção dos dedos na base da testa, alguns sôpros intensos entre os olhos e passes transversaes.

Cumpre sómente guardar serenidade e ter calma e paciencia no esperar.

Por vezes o medium desperta por si, mas podem persistir todos ou alguns dos symptomas descriptos.

Outras vezes a hypnose continua mais ou menos tempo até á vigilia completa, segundo a diversidade de mediums e de circumstancias.

Souza Couto.

UM CASO DE PREMONIÇÃO

Do ultimo numero dos *Annaes de Sciencias Psychicas*, fazemos a synthese d'uma sessão que teve logar em Roma, a 7 d'abril passado, assistindo o advogado Adolpho Baddi e seu filho M. Gino e M.me Bindi. O relator é H. Carréras.

A sessão foi feita á luz attenuada, corada, e não obstante, passado pouco tempo, vê-se brilhar ao lado do medium (M. Daddi) uma luz branca, muito accentuada, que em breve desapparece. Depois por typtologia é ditado o nome «Janer», personalidade que costuma manifestar-se. Os assistentes pedem-lhe conselho sobre a collocação d'uma pessoa por quem muito se interessam.

Resposta: Dirigi-vos a Fulano (o nome por extenso) que póde ser-vos util.

Esta resposta surprehendeu o advogado Baddi, que apenas conhecia um irmão da pessoa indicada.

— E como póde ser-nos util Fulano?

— Porque é collega e amigo de quem deve recommendar o vosso protegido, acrescentando: a occasião favoravel deve apresentar-se ámanhã, porque Fulano deve pedir um favor a Adolpho, vindo procural-o ao escriptorio com o irmão para tomar uma consulta.

— Como o sabeis?

— Os dois irmãos decidiram-n'o hontem.

De facto, no dia seguinte o advogado Adolpho Baddi não ficou pouco surprehendido vendo chegar ao seu escriptorio o tal Fulano e seu irmão, para ouvirem a sua opinião n'uma questão juridica, como tinha dito o supposto «Janer».

O advogado Baddi aproveitou a occasião para expôr o seu desejo, que foi attendido, sendo em breve obtida collocação para a pessoa de que se trata. Este relato é authenticado pela assignatura dos assistentes.

H. Carréras procedeu a investigações sobre o caso para o estudo d'este phenomeno, apurando o seguinte:

1.º — Que o advogado Baddi desde ha muito não tinha fallado com o irmão do indicado Fulano

2.º — Que o mesmo advogado não podia ter tido conhecimento por qualquer meio sensorio normal do desejo dos dois consulentes.

3.º — Que, pelo contrario, nem Adolpho Baddi nem ninguem da sua familia tinham exposto a quem quer que fosse, a intenção de recommendar a pessoa de cuja collocação se falla.

4.º — Que não havia possibilidade alguma de connexação passada ou futura entre os assumptos de consultas passadas ou presente com o favor pedido agora aos consulentes.

5.º — Que a predicção se realisou com todos os dados e no tempo determinado.

H. Carréras é de opinião que as theorias fundadas na acção da subconsciencia ou telepathia são insufficientes para uma explicação do caso, que lhe parece ser resultado d'uma intelligencia extranha (de «Janer»), que já tinha dado outras provas de vontade e intelligencia, independentes do medium.

Nota da Redacção — Sem contestarmos a plausibilidade da intervenção d'uma intelligencia extranha, parece-nos todavia que o phenomeno não é propriamente a *premonição*.

No caso sujeito, a personalidade «Janer» sabia qne os dois consulentes tinham decidido vir consultar Baddi, tendo decerto assistido a essa conversa, e pela mesma rasão podia saber que um d'elles era amigo da pessoa, que carecia d'um empregado.

N'estes termos, «Janer» transmittiu conhecimentos que possuia, adquiridos por ter presenciado conversas respeitantes a elles.

Ha casos em que a *premonição* é mais inexplicavel, por escapar mais facilmente á analyse a origem, o vehiculo logico do conhecimento de factos futuros.

O MEDIUM MAGGIE WAITE

Actualmente este medium produz varios phenomenos, entre os quaes extractamos da *Ligt* de 8 de julho passado a narração seguinte, que nos persuade fortemente da identidade do espirito que se manifestava.

«Durante uma sessão, em que o medium cahiu em estado de transe apresentou-se o espirito d'uma menina, que dizia chamar-se *Maude Philippo*, fallecida aos cinco annos d'edade, em consequencia d'um ataque de diphtheria.

Acrescentava que seu pae e sua mãe viviam na cidade do Sacramento, onde o medium nunca tinha estado. Esta indicação era mais desenvolvida, precisando mesmo a rua Jay, onde os paes moravam.

Seu pae chamava-se Henri e sua mãe tinha o nome de Maude, havendo agora uma outra filhinha com o mesmo nome de Maude.

Este espirito pediu ao medium para fazer-lhe o favor de escrever a seus paes, recommendando-lhes para não estarem tão tristes, e de não chorarem mais, como costumavam fazer muitas vezes, quando viam o seu

par de sapatinhos n'uma caixa verde, dentro d'uma gaveta d'um movel antigo.

O medium tratou de satisfazer este pedido, mas sem grande esperança de receber resposta á carta. Todavia, passado o tempo normal da ida e volta do correio, recebeu resposta com informação exacta de todos os pormenores, confirmando-os em todos os seus pontos.

O pae d'esta creança fazia-lhe saber que de facto tiveram uma menina, chamada Maude, que havia fallecido ha alguns annos, e que actualmente havia uma outra filhinha, que tinha o mesmo nome de Maude. Accrescentava o pae, que o seu proprio nome era exacto, bem como o de sua esposa; mas o que mais o admirava era a indicação relativa aos sapatinhos, que com effeito estavam n'uma caixa verde, na gaveta d'um movel antigo. porque absolutamente ninguem, além d'elle e sua mulher, conhecia tal facto. Que sua filhinha realmente morrera de diphtheria, e que era certo chorarem muitas vezes, á vista d'aquellas reliquias—os sapatinhos de sua filha.

Emfim, na mesma carta lhe declarava que devia vir a San Francisco e que de viva voz lhe havia de dar pormenores complementares, promessa que cumpriu.»

Indicações e expediente

Pedimos aos srs. assignantes dos *Estudos Psychicos* para conservarem todos os numeros d'esta publicação, que de futuro deve constituir um vasto repositorio de factos e provas, tendentes á demonstração d'um principio animico ou espiritual, subsistente á desintegração organica, chamada *morte*. No fim de cada anno será distribuido aos srs. assignantes um indice geral das materias contidas em todos os 12 numeros, indicando os assumptos tratados e as paginas em que se encontram, de maneira a poder formar-se um volume relativo a cada anno.

* * *

O director d'esta revista aproveita o ensejo, para agradecer á «Sociedade d'Investigações Psychicas» de Milão, a honra de lhe haver conferido o titulo de socio honorario, tanto mais que é nada o seu nome perante os primeiros investigadores da actualidade, que patrocinam aquelle instituto.

* * *

Durante o corrente mez de setembro tem o director dos *Estudos Psychicos* de se ausentar de Lisboa, pelo que roga ás possoas que houvessem de lhe escrever, a finesa de só o fazerem no proximo outubro.

Se entretanto se fizer a cobrança pelo correio, espera-se a benevolencia dos srs. assignantes, a fim de poder manter-se a vida economica d'esta publicação.

N.º 5 OUTUBRO DE 1905 1.º ANNO

ESTUDOS PSYCHICOS

REVISTA MENSAL DE ANIMISMO
E ESPIRITISMO EXPERIMENTAL

Director — DR. SOUSA COUTO

COLLABORADORES — Drs. Maxwell, Laurent de Faget, De Reyle, Wolowski, Marzorati, Roso de Luna, Quintin Lopes, Martins Velho, etc.

Escriptorio — Rua do Ouro, 149, 2.º LISBOA

RESPOSTA A UM INCREDULO

(Conclusão)

Diz V. Ex.ª na apreciavel carta, cuja autopsia venho fazendo, que os raios N estão destinados a explicar todos os phenomenos da psychologia.

Não comprehendo bem pelo enunciado, se tal proposição constitue um dogma scientifico de sua lavra, se é apenas um lance prophetico, inspirado n'uma prespectiva segura, que lhe póde dar a vista perfurante de visionario douto.

A asserção, em todo o caso, apparece desamparada de qualquer demonstração ; surge, axiomatica, como se fôra uma firme deducção incorruptivel de dados incontroversos.

Eu asseguro a V. Ex.ª que aquella these não é apenas falha de erudição pertinente, mas sobre tudo excede muito os limites d'uma inducção legitima.

E' possivel que V. Ex.ª deposesse alli de *ouvida* alheia, sem experimentação pessoal que lhe fizesse conhecer algumas das radiações humanas, e n'este caso só lhe é imputavel a temeridade.

Pois eu vou mostrar a V. Ex.ª que a *effluviação e vehiculo* dos phenomenos animicos, *substractum* em que elles se produzem, propagam e manifestam, é cousa bem differente dos raios N.

Se V. Ex.ª estudasse, cathegorisasse e differenciasse as diversas radiações humanas, chegaria a outra conclusão, e só poderia inserir os raios N em algum argumento analogico.

Estes raios para o nosso caso nada explicam, e pelo contrario, a natureza, modalidade, leis estaticas e dynamicas de outras effluvições do ser humano, dão-lhes caracteristicas peculiares, que as destacam abertamente d'aquelles, de modo especifico e decisivo.

Os raios N, descobertos por Blondlot, de Nancy, de cuja inicial tomam o nome, manifestam-se aos nossos sentidos, augmentando o brilho luminoso d'um *ecran* phosphorescente (Dr. Regnault).

Esses raios são vibrações provenientes de todo o corpo expôsto á luz solar, ou outra qualquer excitação.

Estas radiações tem a propriedade de facilitar a passagem d'uma faisca, tornar mais luminoso um fio incandescente, de suscitar a phosphorescencia, etc. (A. Breydel).

E' facil deprehender d'aqui que esta especie de vibrações não explica

melhor os phenomenos animicos, do que outras muitas vibrações já conhecidas, como o som, a luz, o calor, etc.

Se as funcções psychicas, se as idéas, as emoções, a consciencia, a actividade do *eu*, teem uma séde d'elaboração, um campo de genése, um meio d'expansão transferente, não o devemos buscar nos raios N, mas n'outras radicações de que V. Ex.ª não falla e que mais logicamente mostram ser o vehiculo de taes phenomenos.

Permitta-me V. Ex.ª que lhe lembre descobertas, principios e classificações inolvidaveis, quando se aborda o problema qnestionado, sobre o qual é desauthorisada a opinião dos que desconhecem as acquisições de tantos investigadores.

As radiações humanas conhecidas são diversas e d'ellas poderia fazer um extenso quadro ; para o caso porem, bastará mostrar a V. Ex.ª que quando Blondlot descobriu os raios N, outras effluviações eram conhecidas e por ellas muito melhor se interpretava a existencia do principio animico e a modalidade da sua emancipação.

Já em 1813, *Deleuze* affirmava que a maior parte dos somnambulos via um fluido luminoso cercar o magnetisador, irradiando-lhe sobre tudo da cabeça e das mãos.

No meado do mesmo seculo, o Dr. *Charpignon* fazia experiencias rigorosas para demonstrar a existencia d'esse fluido, e d'ellas concluia seguramente, que tal existencia não era uma chimera, antes um facto real.

Passando em claro affirmações concordantes de outros trabalhadores n'este ramo de estudos, devo salientar as indagações de *Reichenbach* que em 1866 fazia á Academia de Vienna as suas celebres conferencias sobre os *effluvios odicos*, e que no anno seguinte publicou com esta denominação. Estes e os seus trabalhos de 1849 eram o resultado de milhares d'experiencias.

Para não protrahir demasiado os limites d'esta carta, referirei só algumas noções de *Reichenbach*, no que respeita ao facto em discussão.

Na natureza existe uma força que denominou *odica*. Esta força é dotada de polaridade. No homem todo o lado esquerdo se encontra em opposição odica com o lado direito. A sua coloração e a sensação produzida são differentes nos dois lados ou pólos :

Do lado esquerdo é avermelhada, desagradavel e dá a sensação de calor ; do lado direito, azul, agradavel e dá a sensação de frescura.

O *od* ou força *odica* é differente do calor, da electricidade e do magnetismo.

* * *

Em 1886, o Dr. Chazarain e Décle reconheceram a existencia de correntes odicas no corpo humano e determinaram a direcção de taes correntes.

No anno seguinte o Dr. Baréty estuda tambem esta força, cuja realidade se lhe manifesta, dando-lhe o nome de *força neurica-radiante e circulante*.

Eis algumas das suas formulas achadas :

Existe no homem a *força neurica* quer no estado estatico quer no dynamico, dando logar ao radiamento.

Esta força emana sobre tudo dos olhos, dedos e pulmões.

Os raios neuricos propagam-se em linha recta, reflectem-se, refractam e atravessam os corpos e substancias inanimadas.

* * *

As radiações biometricas são tambem um facto incontestavel.

Sem fallar em *Lucas* e Fortin, detenhamo-nos um pouco sobre as experiencias do Dr. Baraduc e modernamente sobre as experiencias do Dr. Paul Joire.

O primeiro applicou o melhor do seu esforço e largos annos ao estudo das emissões da força fluidica humana, e seguindo o tramite de *Lucas*, aperfeiçoou o apparelho biometrico de Fortin, de modo a obter a mais segura evidencia d'essa força fluidica, registada por aquelle apparelho.

Não se trata d'uma illusão, d'uma phantasia : trata-se d'um phenomeno exacto e positivo, mathematicamente comprovado n'um registo impassivel.

Quanto ao Dr. Paulo Joire, tão seguro nos seus processos e tão claro nas suas demonstrações, é de data relativamente moderna a invenção e applicação do seu biometro, e por elle se conhece a existencia da mesma energia oriunda do corpo humano.

* * *

E não se tracta da manifestação de outra força que podesse influenciar o apparelho : todas as hypotheses foram prevenidas, a da ambiencia, a da luz, a da electricidade, a do calor ; e excluidas todas ellas por experiencias e contra-provas seguras, chegou-se sempre á prova certa de que aquella força era especial e differente d'aquelles factores.

Se foram precisas outras demonstrações, o Dr. Luys e o conde de Rochas as tinham dado, provando claramente a existencia concreta e exacta das effluviações.

Seria muito longo seguir passo e passo a sua demonstração.

Em todo o caso ella foi feita de modo scientifico e incontrastavel.

Passemos sobre os trabalhos excellentes de Lebon, em 1899, para dar entrada a outras confirmações rigorosas e scientificas d'aquella energia, que se desprende do organismo humano.

Cumpre lembrar os resultados das repetidas experiencias do commandante Darget que obteve repetidas vezes e em condições diversissimas, pela photographia, as impressões digitaes, e até as fórmas do pensamento.

Os seus trabalhos são complexos e a prova resalta sempre da variedade.

Essas impressões não eram obtidas em *clichés* somente preparados por elle ; mesmo com apparelhos e chapas de photographos profissionaes, na presença e laboratorio d'estes, o phenomeno se produzia, para que á prova absoluta nada faltasse.

Não ha muito ainda, que com uma notavel e elevada independencia, elle fazia notar á Academia das Sciencias de Paris o seu direito de prioridade, com relação á descoberta d'outras radiações modernas.

Trazido o rapido bosquejo historico até aqui, vai V. Ex.ª vêr, que phenomenos de maior alcance vêm denunciar que a affirmativa de V. Ex.ª

é leviana e insubsistente, e ao contrario, que eu sigo o rastro mais luminoso da verdade.

V. Ex.ª quiz encontrar a essencia animica, a explicação de todas as manifestações do espirito, na especialidade e na pobreza notoria dos raios N, e eu vou mostrar-lhe, que se as leis da critica disciplinada valem alguma cousa, é para essa explicação ser deferida a outras radiações averiguadas.

As differenças entre os raios N e as effluviações de que fallei, são bem marcadas e profundas, porque aquelles têem apenas as poucas propriedades d'ordem physica que acima ficam assignaladas, e estas dão logar a phenomenos d'ordem animica da mais alta significação e transcendencia.

E' principalmente para esta *facies* do pleito que pretendo chamar a desviada attenção de V. Ex.ª.

As radiações rapidamente apontadas não se caracterisam, como os raios N, nas vibrações de natureza meramente physica.

O Dr. Baraduc, na tenacidade incançavel d'um valoroso descobridor, realisou muitas experiencias comprovativas da acção dos sentimentos humanos e das paixões sobre a placa photographica.

E o commandante Darget, perseguindo na mesma ordem d'explorações, conseguiu impressionar diversa e caracteristicamente as chapas, segundo a diversidade d'emoções, como a cólera, o amor, a crença, o odio, etc.

Colhidas estas provas pela fixação indelevel da radiação n'uma lamina, que não mente nem se hallucina, é preciso concatenar uma serie d'observações desde ha muito feitas e unanimemente certificadas por todos os magnetisadores.

Seria extensa a lista. Basta só assentar algumas soluções positivas.

A acção odica ou radiante entre o magnetisador e o magnetisado era um facto conquistado em differentes epocas e latitudes.

Havia innumeras provas d'essa acção effectiva, confirmadas por experiencias, que excluiam todas as possibilidades d'outra interferencia.

Essa radiação era o vehiculo tambem dos estados intellectuaes e moraes, porque tanto a transmissão do pensamento se fazia, como se engendrava o estado de relação affectiva entre aquelles dois elementos.

Mas não páram aqui as descobertas nem arrefece a eloquencia d'outros factos, mais extraordinarios ainda e mais demonstrativos da effluviação psychica.

Diversas experiencias teem realisado a impressão da chapa photographica, mesmo a grandes distancias. Os ensaios levados a effeito por *Asdeu* e o Dr. *Istrati*, em condições de grande severidade, não deixam logar á menor duvida sobre a veracidade do phenomeno. Mas não é só isto.

A emancipação odica tornou-se observavel, visivel, podendo assim captar-se, apreciar-se e affirmar-se a sua objectividade.

Poderia apontar variados exemplos, mas quero só citar as experiencias de Rochas e de Luys, entre tantos que antes e depois d'aquelles as tem observado.

Eu mesmo em numerosas experiencias tenho visto a radiação odica, sendo o phenomeno tão real e incontestavel que é affirmado pelo testemunho unanime dos assistentes.

Abordemos agora a região mais feraz, mais fecunda em que os phe-

nomenos da radiação attingem um valor peculiar e muito mais elucidativo do que as descobertas anteriormente relatadas.

V. Ex.ª melhor apreciará agora a insufficiencia dos raios N para a apregoada explicação dos phenomenos psychicos.

A irradiação odica, quando intensa e prolongada géra a exteriorisação da sensibilidade, de maneira que as impressões exercidas sobre aquella irradiação são transmittidas ao cerebro, despertando ahi a correspondente sensação.

Não ha sómente trabalhos especiaes sobre o extraordinario phenomeno, ha muitos e muitos factos obtidos por diversos investigadores que plenamente o confirmam.

Veja V. Ex.ª os estudos do Dr. Luys, do conde de Rochas, do Dr. Paulo Joire, do Dr. Maxuell e terá do facto inteira demonstração. Escusado será expôr a technica e o processo d'estas experiencias; basta apenas consignar resultados. Por vezes eu tenho observado essa exteriorisação especialmente em dois *sugets*, nos quaes, a distancia e estabelecida previamente a anesthesia, eu provocava nitidas sensações.

N'este mesmo dominio, o illustre collaborador d'esta revista, Dr. Martins Velho, obteve tambem provas incontestaveis. Levado a um certo gráo d'hypnose o *suget* com quem experimentava, era absolutamente impassivel ao contacto de fortissimas correntes electricas, e inversamente, tornavam-se-lhe insupportaveis as mais fracas correntes, quando se exerciam a certa distancia.

* * *

A mesma fonte d'energia odica leva tambem comsigo a motricidade: a força psychica é para sempre uma perduravel acquisição scientifica.

Se V. Ex.ª desconhece, convido-o delicadamente a que se illustre no conhecimento dos multiplos estudos que levam a esta irrefragavel conclusão.

As experiencias em que esta força se revela, são tantas, tão repetidas, e no meio da variedade d'orientações e fórmas d'operar, tão concordantes e eloquentes, que soerguer a duvida, seria apoucar o raciocinio.

Medite V. Ex.ª as rigorosas experiencias de William Crookes, do coronel de Rochas, de Edmonds, de Wallace, de Vassalo, d'Esperance, d'Aksakoff, etc. etc., e reconhecerá que este phenomeno é tão certo, como é certo existir o ar que respiramos.

Por mim o affirmo cathegoricamente, pois que diversas vezes tenho visto a acção da força psychica, fazendo mover objectos sem contacto. Ainda não ha muito, que na minha presença e de diversas pessoas, emquanto um *medium jazia* ligado e no mais absoluto repouso, se moviam violentamente, a distancia e sem contacto algum, cortinas como agitadas por mão invisivel.

Unanimemente todos os assistentes o affirmam, pelo terem rigorosamente observado.

Mas ha mais ainda; muitas vezes a força psychica é dirigida intelligentemente, e reconhece-se á evidencia que essa intelligencia é extranha, não sendo nem do medium nem das pessoas presentes.

N'este ponto tambem as affirmações dos experimentadores são uniformes, resultando um sommatorio de provas, que affastam do nosso criterio todas as incertezas.

O relatorio do grande comité da Sociedade Dialectica de Londres é bem expressivo a tal respeito.

Uma das conclusões a que chegaram diversas secções dos trabalhos, foi esta — da intellectualidade extranha accusada nas manifestações.

Do grande numero d'investigadores que eu conheço, poderia referir muitissimos que teem chegado á mesma conclusão.

Seria interminavel esta referencia, se houvesse de apresental-os todos.

Nem os nomes mais laureados se absteem d'esta affirmação, igualmente feita por Boutlerow, Crookes, Hare, Uallace, Zollner, Gibier, etc., etc. Não terminam porém aqui as manifestações d'esta radiação.

Observa-se tambem que ella se póde condensar, concretisando-se n'uma fórma, ora parcial, ora total humana; e emquanto essa fórma se patenteia e deixa indeleveis vestigios de realidade objectiva, dá simultaneamente provas d'individualidade, differente do *medium* ou de qualquer dos assistentes.

Se V. Ex.ª quizer conhecer um pouco do muito que tem sido observado e experimentado, queira lêr Aksakoff, o ultimo trabalho do Dr. Gibier, a obra do Dr. Dupouys, os trabalhos de Delanne, de Denis, de Solanot, as actas dos congressos e os relatos de muitas revistas sobre a especialidade.

Se eu fôsse referir a V. Ex.ª o que tenho lido e observado pessoalmente, não bastava uma carta, eram precisos grossos volumes.

Em face de tudo isto, se bem que muito mais fica por dizer, deve V. Ex.ª ter concluido que ao refugiar-se nos raios N para interpretação da phenomenalidade animica, deu um desastrado passo em falso.

Ha pessoas a quem a novidade ou a canoridade d'uma phrase seduz, applicando-a a phenomenos que nem sequer conhecem.

V. Ex.ª invocou os raios N como poderia ter invocado a brisa ou o fulgor d'uma estrella.

Eu já tenho ouvido explicações tão inscientes como a de V. Ex.ª: uns dizem que os phenomenos animicos são devidos á electricidade, outros aos raios X, outros ao nervoso, etc.; mas quem assim fala, não precisa de dizer por outras palavras que é um leigo, um profano no assumpto.

V. Ex.ª, porém, não está n'este caso; creio mesmo que não deixará sentar a estulticia na cadeira de Minerva.

O que houve simplesmente da parte de V. Ex.ª foi o impulso da incontinencia — não quiz acantonar-se na sua especialidade, quiz fazer uma temeraria incursão na zôna alheia.

D'ahi o insucesso.

Mas talvez que o exemplo fructifique, bem vê, pois as contrariedades obrigam-nos a reflectir.

E assim ficará V. Ex.ª de futuro meditando, que ha muita cousa nova, a sondar, a persondar; que os raios N são realmente fracção d'insignificante denominador perante tantas outras radiações descobertas, e que n'estas, sim, reside a vida animica, que n'ellas se exteriorisa e perpetúa.

Eu não quero mal a V. Ex.ª; busco apenas illuminar-lhe o horisonte ferrenho e por ventura levar alguma esperança ás suas desditas.

Por que não trabalha V. Ex.ª, por que não prescruta, não investiga, não estuda, não crê? —

Souza Couto.

ESPIRITUALISMO E MATERIALISMO

O artigo que abaixo se segue, extraido da *Nouvelle Revue*, é de Camillo *Flammarion*, como resposta a outro, que com o mesmo titulo publicou *Saint-Saens* n'aquella mesma revista.

Embora o illustre astronomo seja, em nosso entender, bastante reservado em affirmações precisas d'hypothese e por vezes d'uma nimia reserva nas inducções, é certo que o artigo é interessante, mormente sob o aspecto da documentação. Eis porque o publicamos.

«Vosso erudito e encantador artigo da *Nouvelle Revue* acaba de passar-me sob os olhos — um pouco tardiamente, mas como sabeis, habito mais tempo o ceu do que a terra — e li-o como quem escuta uma d'aquellas poderosas symphonias de que tendes o segredo, nas quaes a sciencia rivalisa com a arte para produzir sobre nosso espirito o maximum d'effeito.

N'esse artigo pareceis tocar o assumpto. Na realidade deixais-nos entrever todas as suas profundezas.

Tendes absolutamente razão em dizer que as palavras «espiritualismo e materialismo» não são hoje mais que palavras, porque a essencia das cousas nos é desconhecida, e que as recentes descobertas da sciencia fazem repousar o mundo visivel sobre um mundo invisivel, que d'aquelle é, em certo modo, o substratum.

Agradeço-vos a referencia á minha modesta excursão no dominio do «Desconhecido»; mas venho pedir licença para responder á vossa interpretação.

Pareceis ter a receosa supposição de que a etymologia da palavra *psychico* tenha exercido influencia sobre meu pensamento.

Os factos expostos na minha obra não conduzem, segundo vossa opinião, a admittir a existencia da alma.

Taes factos, que com razão acceitais como authenticos, estabeleceriam sómente isto: «a força desconhecida que produz o pensamento teria o poder de se projectar para fóra dos limites do corpo, um cerebro poderia operar a distancia sobre outros cerebros, não se seguindo que esta força fosse de natureza espiritual, independente do cerebro.»

Eis a argumentação que desejaria examinar e dissecar.

Tomemos um facto, se assim o permittis, e analysemol-o.

No meu gabinete e em Paris, uma senhora apresentou a narração seguinte, na qual eu supprimo os nomes:

— Ao tempo da nossa primeira entrevista, eu tinha 20 annos, elle tinha 32: nossas relações duraram por espaço de 7 annos.

Amavamo-nos ternamente.

Um dia elle annunciou-me, não sem pesar, que a sua situação, a sua pobreza, etc., etc. o forçavam ao casamento, e n'estas explicações embaraçadas, via um vago desejo de que nossas relações não fossem definitivamente interrompidas.

Eu atalhei breve a esta penosa conversa, e apesar da minha immensa magoa, não o tornei mais a vêr, não transigindo, no meu amor unico e absoluto, em partilhar de boa mente com outra o homem que eu tanto amava.

Mais tarde soube que elle se havia casado e que já tinha um filho.

Alguns annos depois d'este casamento, uma noite d'abril de 1893, *vi entrar no meu quarto uma forma humana:* esta forma, de estatura alta, estava envolta n'um tecido branco que lhe recobria o rosto.

Vi-a com terror avançar, inclinar-se sobre mim, depois senti uns labios collarem-se aos meus, mas que labios! jámais esquecerei a impressão que me produziram; não senti nem pressão, nem movimento, nem calor; apenas frio, o frio d'uma bocca sem vida!

Comtudo experimentei uma possessão, um grande bem-estar durante este longo beijo, mas em nenhum momento desta phase se apresentou á minha idea nem o nome nem a imagem do amante perdido.

Ao despertar pouco ou nada pensei n'esta especie de sonho até ao momento em que, cerca do meio dia, percorrendo o jornal, li o que se segue:

«Escrevem-nos de... que hontem tiveram logar as exequias de M. J...» (aqui as indicações do fallecido); depois o artigo terminava attribuindo a morte a uma febre typhoide causada pelo excesso de trabalho desempenhado com consciencia.

«Querido amigo, pensei eu, desembaraçado das convenções mundanas, vieste dizer-me que era a mim que tu amavas e que amas ainda além da morte; agradeço-te e amar-te-ei sempre.»

M.elle Z.

Eis o facto tal como se produziu; a antiga e commoda hypothese d'uma hallucinação simples não nos satisfaz actualmente. O que se trata d'explicar é a coincidencia da morte com esta apparição.

As manifestações d'este genero são tão numerosas, que as coincidencias não pódem attribuir-se ao acaso, antes indicam uma relação de causa e effeito.

Livres de quaesquer preconceitos, ambos nós admittimos que aquella senhora viu e sentiu a presença do seu amigo, n'aquelle momento critico da sua partida d'este mundo. Existem centenas d'exemplos da mesma ordem.

Mas nós damos differente interpretação: vós vêdes no facto apenas um acto cerebral do moribundo, em quanto que eu vejo ahi um acto psychico.

Sem duvida não é facil distinguir o que pertence ao espirito, á alma e o que pertence ao cerebro, e naturalmente cada um se deixa guiar em suas apreciações e juizos pelo sentimento intimo que resulta da discussão dos phenomenos.

Ora no caso, não ha essencialmente uma manifestação do pensamento?

Quanto a mim, eis o que eu julgo:

—No momento da morte aquelle homem pensou na mulher, na amiga dos seus dias felizes, e sentiu por ella a saudade, o remorso talvez, e quem sabe, acaso tambem uma esperança na eternidade.

Como o magnetisador opéra sobre o seu *suget*, elle foi até esta senhora, apesar da distancia, que não era muita (uns cem kilometros), impressionou seu cerebro e manifestou-se a ella.

Não é propriamente um phantasma que se transportasse d'uma cidade á outra.

Não, é um movimento vibratorio do éther, segundo toda a provabilidade ; é a telegraphia sem fios.

Houve uma transmissão mental, uma communicação de pensamento, que tomou uma certa fórma.

Em rigor pódem admittir-se só dois cerebros, uma transmissão puramente nervosa, physiologica, physica, mecanica, o que quizerdes (o nome nada importa), n'uma palavra, material, como se diz, e não d'origem psychica, espiritual.

Comtudo, não parece que a balança propende para este lado ?

Ora a balança inclina-se mais e mais para uma causa psychica, espiritual, animica, á medida que avançamos no estudo d'estes phenomenos.

Vejamos, por exemplo, um segundo caso.

— «Estudando na Universidade de Kiev, já casado, fuí passar o verão ao campo, em casa de minha irmã, que habitava um logar de Pskou.

No regresso por Moscou, minha mulher, que eu adorava, cahiu subitamente enferma d'influenza, e, apesar da sua extrema juventude, em breve me foi arrebatada.

Uma paralysia de coração a matou instantaneamente, como um relampago que passa.

Não procurarei descrever a minha dôr e o meu desespero.

Mas eis o que eu devo apresentar ao vosso conhecimento, o problema, cuja solução ardentemente desejo receber.

Meu pae morava em Poulkovo, ignorando a doença da sua querida nóra, e julgando que eu e ella estavamos em Moscou.

Qual não foi, porém, a surpreza de meu pae ao vêl-a *ao seu lado, acompanhando-o* durante um instante, quando elle sahia de casa!

Foi breve esta apparição.

Tomado d'espanto e de oppressão, meu pae mandou-nos logo um telegramma, para se informar da saude de minha estremecida companheira.

Era precisamente o dia da sua morte...

Ficar-vos-hei reconhecido para sempre, explicando-me este facto extraordinario.

Wenecian Bililouski
Estudante de medicina, Nicolskaja — 21 Kiev.»

* * *

N'este exemplo não temos a impressão d'uma origem não material do phenomeno, d'uma causa moral, mental, indicando tanto a existencia de faculdades desconhecidas do ser humano, como a existencia d'um agente intellectual ?

Não posso vêr a obra da anatomia, da physiologia animal ou da chimica organica n'esta ordem de factos.

Examinemos ainda um outro exemplo, differente tambem dos dois precedentes, pôsto que pertencendo como elles á telepathia.

Ouçamos a propria narração do observador :

— «Nos primeiros dias de novembro de 1869, parti de Perpignam,

minha terra natal, para ir continuar meus estudos de pharmacia em Montepellier.

N'esta epoca, minha familia compunha-se de mãe e quatro irmãs.

A' minha partida todos ficaram felizes e de perfeita saude.

Em 22 do mesmo mez, minha irmã Helena, uma robusta moça de 18 annos, a mais nova e preferida, reuniu na casa materna algumas das suas amigas.

Cerca das tres horas da tarde todos se dirigiram em companhia da minha mãe até ao passeio dos Platanos.

O tempo estava magnifico.

Teria passado meia hora quando esta minha irmã foi acommettida repentinamente d'um grande mal-estar.

— Minha mãe — disse ella — sinto um arripio extranho percorrer todo o meu corpo; tenho frio, e sobre tudo a garganta tomada.

E' preciso voltar para casa.»

Doze horas depois, minha querida irmã expirava nos braços de minha mãe, asphyxiada, arrebatada por uma angina, que dois medicos não poderam debellar.

Minha familia — eu era o unico homem para a representar no funeral — enviou-me telegramma sobre telegramma para Montepellier.

Por uma terrivel fatalidade, que ainda hoje deploro, nenhum me foi entregue a tempo.

Ora na noite de 23 para 24, desoito horas após a morte da pobre creança, uma espantosa hallucinação occorreu.

Eu havia recolhido a casa ás duas horas da manhã, com a consciencia livre, a trasbordar da felicidade que gosei nos dias 22 e 23 consagrados ao divertimento.

Deitei-me cheio d'alegria.

Cinco minutos depois estava a dormir.

Seriam quatro horas da manhã, vi apparecer diante de mim a figura da minha irmã, *pallida*, *soluçante*, *inanimada*, e vinha ferir meus ouvidos este lamento agúdo, repetido: «*que fazes tu, meu Luiz? Mas vem já, mas vem já!*»

No meu somno nervoso e agitado, tomei uma carruagem; mas ai! apesar d'esforços sobre-humanos, não podia fazel-a avançar.

E via sempre minha irmã pallida, soluçante, inanimada e o mesmo lamento agúdo e repetido vinha ferir os meus ouvidos: «*que fazes tu, meu Luiz? Mas vem já, mas vem já!*»

Levantei-me bruscamente, com a face congestionada, a cabeça em fogo, a garganta secca, a respiração curta e irregular, em quanto o suor me inundava todo o corpo.

Saltei fóra da cama, procurando restabelecer-me..

Uma hora depois tornei a deitar-me, porém não pude encontrar repouso. Pelas 11 horas da manhã cheguei á pensão dominado por uma tristeza invencivel.

Perguntado por meus commensaes, contei-lhes o facto brutal, exactamente como o tinha sentido.

Valeu-me isso alguns gracejos.

A's duas horas dirigi-me á Faculdade, esperando encontrar no estudo algum descanço.

Sahindo do curso ás quatro horas, vi uma mulher de luto pezado encaminhar-se para mim.

A dois passos, levantou o veu; reconheci minha irmã mais velha, que inquieta a meu respeito, vinha, apesar da sua dôr extrema, saber o que era feito de mim.

Informou-me então do fatal acontecimento, que nada me podia fazer prever, pois que tinha recebido noticias excellentes de minha familia na manhã do dia 22 de novembro.

Tal é o relato que vos confio sob a minha honra, absolutamente verdadeiro.

Não exprimo nenhuma opinião, limito-me apenas a narrar.

Vinte annos são passados desde então, a impressão é sempre tão profunda — agora sobre tudo — e se os traços de minha Helena não me apparecem com a mesma nitidez, oiço sempre o mesmo appêllo queixoso. multiplo, desesperado: «que fazes tu pois, meu Luiz? Mas vem já, mas vem já!»

Louis Noel
Pharmaceutico em Cette.»

Tal é a narração do phenomeno psychico.

Se não sentis, meu querido amigo, que o cerebro da morta, desoito horas depois do fallecimento, não é a causa d'esta impressão; que ha ahi outra cousa alem do organismo material; que quer o espirito de Noel se haja transportado durante o somno para sua irmã morta, quer a acção telepathica tenha tido aquella como ponto d'emanação, estamos em presença d'uma acção pertencente ao dominio da alma e não ao do corpo, levando-nos a crer que a alma existe pessoalmente, e não é um effeito, uma funcção, uma secreção do cerebro, não; se vós não o sentis, vós o artista e o pensador que eu conheço, é que não vos desteis á tarefa de pezar o problema.

Que quereis que tenha feito o cerebro d'esta menina desoito horas depois da morte?

Qualquer hypothese «material» é inverosimil.

O mais simples seria negar, quero dizer, declarar que o estudante teve simplesmente um pesadello, e que por acaso o pesadello coincidiu com a morte de sua irmã.

Sim, é o mais simples.

Mas satisfaz-nos tal solução?

E sobre tudo, satisfaz-nos quando tendes sob os olhos centenas de narrações da mesma ordem?

Satisfaz-nos ainda nos casos em que o narrador viu, o que se chama *viu* a distancia, todos os pormenores d'uma morte, d'um suicidio, d'um accidente, d'um incendio? Não.

Tendes o espirito bastante scientifico e d'uma exigencia assaz racional, para não poderdes ficar satisfeito com a velha hypothese do acaso, e sabeis que o calculo das provabilidades demonstra que tal hypothese é inadmissivel. Pois que?

Agora outro ponto: O problema psychico está aberto, confessêmol-o sem reticencias.

Não tomo o encargo de o explicar. A sciencia lá chegará.

Admittir e explicar são duas cousas differentes.

Somos forçados a admittir os factos quando mesmo os não explica mos.

Passa um homem no angulo d'uma rua e cai-lhe um vaso de flores sobre a cabeça: forçosamente elle regista o facto, sem por isso explicar donde o vaso veio e como é que a vertical e a horisontal se interceptaram justamente sobre sua cabeça.

Não. Em verdade, o que nós chamamos materia e suas propriedades não basta para explicar estes factos, e eis por que elles são d'uma outra ordem, d'uma ordem que tem todos os direitos de ser qualificada de *psychica* e que nos leva a admittir a existencia d'almas, d'espirito, de seres intellectuaes, espirituaes que não são simples funcções do cerebro.

A transmissão mental, a vista a distancia sem o auxilio dos olhos e a visão de successos a realisar não nos dão os mesmos testemunhos?»

Continua

CAMILLO FLAMMARION.

Phenomenos espiritas na America

Os grandes jornaes dos Estados Unidos não desdenham de occuparse d'assumptos psychicos, mostrando os seus progressos e o grande movimento que a tal respeito se nota na importante republica.

Ainda em janeiro passado o *New York Herald* dava as seguintes informações:

«Todas as grandes cidades dos Estados Unidos teem actualmente um centro espirita. O mais importante d'estes existe em Brook-lyn, com mais de quinhentos membros regulares que pertencem ás melhores familias, mas accorrem ahi muitas outras pessoas, sendo ao domingo a assistencia muito numerosa. Sendo o edificio um dos mais importantes da cidade, com lotação para 800 pessoas, não é sufficiente para a gente que ahi afflue.

E' director o medium bem conhecido S. M. Pepper.

E' muito de notar que os periodicos como o *Herald*, o *World*, e o *Journal* que no conjunto fazem uma tiragem diaria de cerca de um milhão d'exemplares, celebrem denodadamente este medium, appoiando se no testimunho de sabios illustres, como os professores James, Hyslop, Quachenbon, e até theologos celebres, como Funk, Savage, Neuton Heher.

Eis as proprias palavras do Dr Isaac Funk citadas pelo *Herald* e pelo *Journal*:

Fiz com o medium M. Pepper uma serie de experiencias, tornando impossivel toda a occasião de fraudar, de adivinhar, ou mesmo de recorrer á consciencia subliminal ou a personalidades segundas; e contudo produziram-se phenomenos que indicaram a presença de espiritos invisiveis.

Taes phenomenos me convenceram das faculdades supra-normaes do medium, justificando-me os estudos mais aprofundados.»

M. Handrich dá em seguida alguns pormenores sobre o modo d'operar do medium, e cujo resumo podemos concretisar, para reconhecermos o valor e os resultados da sua mediumnidade.

Sobre um estrado ou plata-forma, brilhantemente illuminada a electricidade, ha uma pequena meza.

E' sobre este movel que os assistentes quando chegam, depositam directamente as cartas dirigidas aos seus amigos fallecidos.

Estas cartas veem mettidas em enveloppes fechados, mas sem endereço, e formam um montão muito grande.

O medium costuma fazer uma prece, depois aproxima-se da meza pequena e toma uma carta qualquer na ruma ou montão d'ellas, suspendendo-a no ar um pouco de tempo, como ensaio para se influenciar, para entrar em condição medianimica.

Depois lê as letras W. H. R. e diz que deve ser ao contrario, porque a pergunta é feita a um espirito chamado Robert H. William, e que n'ella se lhe pede conselho sobre uma questão antiga.

Em seguida o medium pergunta aos assistentes:

E' isto verdade? E o interessado confirma a exactidão.

Em continente diz o medium qual a resposta ajustada que o espito deu:

«Era bom deixar estar as cousas sem reforma.»

Depois toma outro enveloppe, não somente bem collado, mas ainda ligado com uma fita; e dirigindo-se a um assistente de bastante edade, diz-lhe que aquella carta lhe pertence e que uma menina lhe ajudou a fechal-a: e acrescenta: ha aqui n'este monte de cartas mais duas que lhe pertencem, contendo cada uma um fragmento d'uma pergunta.

Tudo isto era exacto e era de notar claramente o embaraço do velho consulente, a quem o medium promette a resposta em particular depois da sessão, por assim ser conveniente.

Depois d'isto toma outra carta e demorando um pouco, diz que no interior ella é dirigida por um neto a um avô, chamado Figueria.

Então o medium pede ao auctor da carta o favor de levantar a mão, mas todas ficaram quietas, não se vê uma mão erguida.

— Pois bem, diz ainda, é preciso que o avô me ajude a encontrar uma outra carta, que se deve achar em qualquer sitio entre as outras.

E inclina-se por cima da plata-forma, como para favorecer o auxilio do espirito, depois levantando-se e em quanto todos os olhares estão fixados sobre o medium, pede ao espirito, que sem duvida deve estar invisivel deante d'elle para procurar a segunda carta que lhe é dirigida.

O interesse do publico é supremo n'este lance, e quasi de respiração suspensa se aguarda o que vai succeder, e deante de todos os olhos, alli na presença de numerosas testemunhas, o montão de cartas começa a mecher-se, a agitar-se e uma carta se destaca e como por uma mão invisivel, é lançada por terra.

O medium toma-a tranquillamente, e um homem que se encontra afastado, ao fundo, declara ser o auctor.

Trata-se, diz o medium, d'um assumpto relativo a aço; quereis saber se faeis bem em abrir uma succursal.

O auctor das cartas confirma que isto é verdade.

— Podeis, acrescenta o medium, executar o vosso projecto, porque nem eu nem o avô vê n'isso inconveniente.

Tomando depois outra carta, sobre cujo enveloppe está a letra P. o

medium diz que o espirito a quem ella é dirigida se chama Parshall, e então pergunta a quem é que essa carta pertence.

Uma senhora vestida de luto levanta a mão.

D'um tom sympathico o medium falla para esta senhora, dizendo que o espirito é d'uma pessoa que se suicidou por meio d'inspiração d'um gaz deleterio; que se chamava Iréne Parshall e que pretendia dizer a Nellie, que não podéra por mais tempo supportar as suas magoas, as suas desventuras e por isso tomára a resolução de fazer o que fez, mas agora muito e muito lamentava tal acto, pois que não tinha comprehendido nunca o triste resultado do suicidio, e que demais nunca julgou que Carlos soffresse tanto aquelle golpe, porque elle estava mais ao facto das circumstancias do que ella pensava.»

Perguntou o medium a esta senhora, quem era Nellie e quem era Carlos, ao que a mesma respondeu que Nellie era ella mesma, e que Carlos era o marido de Iréne. cujo espirito consultára.

Esta senhora muito commovida e chorando confirmou a verdade de todos estes factos, e a commoção attingiu igualmente um cavalheiro que acompanhava essa senhora.

Esse cavalheiro, vestido de luto pesado, ao ouvir tudo isto tornou-se pallido como um cadaver.

Os jornaes diarios teem publicado exemplos, que provam as faculdades extraordinarias do medium Pepper, e não deixam a menor duvida sobre os phenomenos.

Nota da Redacção. Este medium não é unico no genero.

De futuro haverá occasião de narrar phenomenos analogos obtidos por outros mediums, tambem em condições de perfeita segurança.

UM NOVO MEDIUM

No numero correspondente a março passado dos Annaes de Sciencias Psychicas, de Paris, encontra-se a informação seguinte :

«N'uma carta dirigida á redacção dos *Psychische Studien*, Sansão Tyndel (morador em Ringplatz-Kolomea-14, Galicia) conta que descobriu um novo medium, que deseja muito submetter-se a uma commissão de sabios competentes para verificação de seus phenomenos.

Este medium é ainda novo, tendo feito bons estudos universitarios e occupando uma situação independente ; nenhuma remuneração, absolutamente nenhuma recebe pelas suas sessões, submettendo-se da melhor vontade a todas as medidas de precaução, e elle mesmo segue os phenomenos com o maximo interesse.

Tyndel teve em sua propria casa quatro sessões com este medium, em condições de segurança absoluta e em presença de muitos universitarios que estudam os phenomenos no interesse da sciencia.

Antes de cada sessão, Tyndel e um outro dos assistentes, revistaram o medium, ataram-n'o, verificaram os nós e os sellos com o mais minu-

cioso cuidado, e depois de cada manifestação, as cordas, os nós, os sellos de novo eram examinados.

De quanto se produziu e se passou foi lavrada uma acta que todos os assistentes assignaram.

Eis os resultados que em taes condições se obtiveram :

1.º — Escripta directa. As ardosias que se empregaram, foram preparadas pelos assistentes (não intervindo em tal preparação o medium), depois ligadas e selladas.

A claridade do dia não obsta a que este phenomeno se produza.

2.º — Passagem da materia atravez da materia, o que se realisa de tres maneiras differentes a saber :

— passagem de corpos vivos atravez de materia inerte ;
— passagem de materia inerte atravez de materia inerte, e
— passagem de materia inerte atravez do corpo do medium.

D'esta fórma, em plena luz, um annel foi tirado do dedo do medium, em quanto um assistente lhe segurava firme esse dedo.

3.º — O medium sentou-se no gabinete, tendo as mãos e os pés bem atados á cadeira, e estando os nós perfeitamente sellados. Então ouvem-se muitos instrumentos tocar ao mesmo tempo, depois do que o medium deixa o gabinete e passeia na sala.

Vão se examinar os nós e os sellos, e embora o medium esteja solto, tudo está intacto.

A pedido, os assistentes põem uma corda sobre os joelhos do medium, em seguida abrem immediatamente as cortinas e já veem o medium ligado de pés e mãos como anteriormente, porem os nós são tão numerosos e tão apertados que os assistentes não conseguem desatal-os não obstante todos os seus esforços, e por isso são obrigados a cortar as cordas para soltar o medium que está em transe.

4.º — A levitação (suspensão no ar) d'uma pequena meza massiça.

5.º — Phospherescencias e raios luminosos.

6.º — Maravilhosas impressões de mãos.

Para este ultimo phenomeno, duas especies de precaução se tomam; primeiramente as mãos e os pés do medium são ligados d'uma maneira especial, e com mais rigor ainda do que o ordinario, e em segundo logar o gabinete é cuidadosamente examinado.

As personalidades que se manifestam n'estas sessões promettem dar proximamente photographias d'espiritos e materialisações parciaes.

Ordinariamente as sessões teem logar uma vez por semana.

Tyndel accrescenta ainda, que se a redacção dos *Psychische Studien* podesse enviar áquelle referido grupo uma commissão scientifica, para estudar o medium de que se trata, considerar-se-hia muito feliz em recebel-a, no interesse da sciencia.

Comunhão Espírita Cristã de Lisboa
Phone 314 36 08
R. Ferreira Lapa, n.º 5 - A - 2.º
1150 LISBOA

Uma communicação por meio de signaes

O original da acta da sessão em que esta communicação teve logar, está em poder do brilhante escriptor Léon Denis, como elle affirma na sua ultima obra «No Invisivel».

«A 23 de janeiro de 1899 reuniram-se 12 pessoas para realisar a sessão semanal d'espiritismo, em casa de M. David, Praça dos *Corps Saints*, n.º 3. *Avignon.*

Depois d'um momento de recolhimento, viu-se que medium, madame Gallas, em estado de transe, se voltou para o lado do abbade Grimaud e lhe fallou na linguagem dos signaes empregados por certos surdos-mudos.

Sua volubilidade mimica era tal que foi preciso pedir ao espirito para se exprimir mais de vagar, ao que elle desde logo attendeu.

Por uma precaução, cuja importancia é facil de comprehender, o abbade Grimaud não fez mais que enunciar successivamente as lettras, á medida que lhe eram transmittidas pelo medium.

Como cada lettra isolada nada significa, era impossivel ainda que se quizesse, interpretar o pensamento do espirito; e foi sómente no fim da communicação que o seu sentido se conheceu, depois que a leitura foi feita por um dos dois membros do grupo encarregados de transcrever os caracteres.

Além d'isso o medium empregou um duplo methodo, — o que enunciava todas as lettras d'uma palavra para indicar a orthographia, unica fórma sensivel aos olhos e o que indicava a pronuncia, sem ter conta da fórma graphica, methodo de que é inventor M. Fourcade e que está em uso apenas no Instituto dos Surdos-Mudos d'Avignon.

Estes pormenores são fornecidos pelo abbade Grimaud, director e fundador do estabelecimento.

A communicação obtida e relativa á obra de alta philantropia a que se tinha votado abbade Grimaud, era assignada por *Fourcade, fallecido em Caen.*

Nenhum dos assistentes, á excepção do veneravel sacerdote, tinha conhecido ou podia conhecer o auctor d'esta communicação nem o seu methodo, posto que aquelle tivesse passado algum tempo em Avignon, ha trinta annos.

Esta sessão foi assignada por varios membros do grupo, como Toursier, director aposentado do Banco de França, Domenach tenente do 58.º, Brémond, Canuel, Roussel, etc., etc.

A' acta está junto o attestado seguinte:

O abaixo assignado, padre Grimaud, director fundador do Instituto dos enfermos da palavra, surdos-mudos, gagos e creanças anormaes, em Avignon, certifico a exactidão absoluta de tudo o que acima é relatado.

E' um dever para com a verdade, dizer que estava longe de esperar uma tal manifestação, da qual conheço toda a importancia, no ponto de vista da realidade do espiritismo, cujo adepto fervente sou, não pondo nenhuma difficuldade em o declarar pnblicamente. Avignon, 17 d'abril de 1899, (a) Grimaud, sacerdote.»

PHENOMENOS DE MATERIALISAÇÃO

Vamos apresentar o resumo d'algumas sessões de materialisação, a que assistiu e que relatou *W. Hull*, de Sparta, Connecticut, na revista de Chicargo «The Progressive Thinker, as quaes, pelas precauções tomadas e pelas manifestações obtidas, não deixam de interessar grandemente todos os que se occupam d'esta materia.

Eis as affirmações, que sob o titulo «Notaveis experiencias», publica W. Hull.

«Em julho do anno ultimo, indo minha filhinha, de 7 annos d'edade em companhia de duas outras meninas e um barqueiro já idoso, dar um passeio de barco, por uma lamentavel desgraça afogaram-se todos.

Não houve testemunha alguma d'este accidente, que ficou envolvido no mais profundo mysterio.

Esta circumstancia augmentava ainda o meu pesar, quando na manhã de 22 de janeiro, seis mezes exactamente depois que appareceu o corpo de minha filha, eu fui com minha mulher a casa do medium *Aber* em Kansas City.

Repetidas vezes examinei com o maior cuidado, ora sosinho, ora acompanhado pelos outros assistentes, a sala das sessões, certificando-me de que era absolutamente impossivel empregar nas sessões qualquer fraude.

A sala referida está no primeiro andar d'uma casa construida de tijôlo, tendo as paredes revestidas de cimento, e existindo n'ella uma unica porta, que era a de entrada.

O gabinete em que o medium *M. Aber* ficava assentado, tinha cerca d'um metro quadrado e ficava collocado a um canto da sala, sendo feito por pesadas cortinas pretas, mas não suspensas do tecto.

No principio da sessão fomos novamente convidados a inspeccionar o aposento.

Para precaução com o medium, usou-se o seguinte meio: minha mulher coseu solidamente a parte inferior das calças do medium ao tapete e as mangas do casaco foram igualmente cosidas ás calças, acima dos joelhos; quanto a mim, enchi as mãos do medium com farinha de aveia.

Duas horas mais tarde, no fim da sessão, tudo foi encontrado exactamente como tinha sido preparado: nem uma particula de farinha tinha sido espalhada, e foi preciso empregar as tesouras para cortar os pontos e pôr o medium em liberdade.

Nas condições descriptas, assistimos a cinco sessões, durante as quaes vinte e cinco personalidades que nós reconhecemos, vieram conversar comnosco, entre as quaes algumas eram nossos parentes e outros nossos amigos.

Em todas as sessões nos appareceu nossa filhinha, conversando comnosco pelo menos quinze minutos, do mesmo modo que costumava fazer quando era viva, pousando as mãos sobre mim e fazendo-me caricias.

No decurso d'estas sessões foram-nos dadas todas as provas que nos aprouve pedir ácerca da sinceridade das faculdades do medium, *M. Aber*.

*

Assim, era cousa totalmente impossivel enganar-nos com respeito á voz, maneiras, estatura, etc. de minha filha : o timbre da sua voz fez com que eu a reconhecesse desde a primeira vez, antes mesmo d'ella se apresentar á minha vista ; outras vezes, eu via-a, antes mesmo que ella fallasse ; e em nenhum caso podia existir a menor duvida sobre a sua identidade.

Nas mesmas sessões materialisaram-se tambem as outras duas meninas, que morreram afogadas juntamente com minha filha ; ellas vieram fallar comnosco ; uma d'ellas especialmente nos pediu para dizer a seus paes que não se affligissem tanto por ella ter morrido, pois que isso lhe causava muita pena.

Affirmou mais, que estava constantemente com elles, posto que não conseguiu manifestar-se-lhes.

Um meu amigo, de quem ha muito tempo já eu não tinha noticias algumas, e de quem até mesmo ignorava o fallecimento, me appareceu, conversando familiarmente commigo.

Por informações, a que posteriormente procedi, soube que esse meu amigo tinha de facto morrido ha muitos annos.

N'uma sessão, obtive uma communicação escripta pelo medium Aber, sob a influencia de seu guia, que usa do nome *Sam*.

Essa communicação é devida ao velho barqueiro que acompanhava minha filha e que morreu afogado quando ella.

Nesta mensagem e nas conversações que elle teve commigo durante as suas apparições, explicou-me completamente a natureza do desastre occorrido, dizendo que um grosso ramo de arvore, ferindo-o na cabeça, lhe tinha feito perder os sentidos.

Se não fôra esta circumstancia, accrescentou ainda, teria podido salvar as meninas ainda mesmo que o barco se tivesse virado por completo.

Esperava por isso que eu não incriminasse a sua conducta n'esta conjunctura.

Durante o tempo em que elle estava materialisado, collocou a mão sobre a cabeça e mostrou-me o ferimento feito pelo choque do ramo de arvore.

Este facto era-me inteiramente desconhecido ; mas depois pude saber pela bocca d'aquelles que o tinham sepultado, que em verdade tinha uma ferida precisamente no sitio que me tinha indicado.

Muitas outras mensagens me foram dadas sobre a ardosia, sendo da parte de *meu pae*, *de minha mãe*, d'um *meu irmão*, e ainda de outras pessoas fallecidas, entre as quaes o barqueiro que se afogou quando minha filha.

Devo dizer que minha filha ainda não frequentava a escola, não sabendo por isso escrever, mas tinham-n'a ensinado em casa a imprimir, e era por este meio que quando eu estava ausente, ella me mandava as suas noticias.

Pois foi por este meio que ella impriu sobre uma ardosia a communicação seguinte :

«Queridos papá e mamã, amo-vos igualmente a ambos».

Nas sessões, das vinte e tantas personalidades que vieram conversar comnosco, todas o fizeram expontaneamente, á excepção d'uma unica que invoquei, e que appareceu sem se fazer esperar.

Certo dia comprei uma ardosia de dobradiça: não a larguei das mãos antes que ella fosse coberta d'escripta e antes de ter conhecimento do conteudo.

As suas faces interiores ficaram todas escriptas.

Possuo assm tres exemplares, um dos quaes está escripto em diversas cores, que não estão dispostas por ordem, mas as palavras que se seguem são de côres differentes.

Aquella communicação foi assignada por tres apparições, entre as quaes minha filha.

Por cousa nenhuma eu daria esta lembrança.

Mandei encaixilhal-a, e tenho a pendurada na parede, onde os meus amigos a podem vêr.»

W. Hull.

Dois casos de premonição

Os Annaes de Sciencias Psychicas, no numero correspondente a junho passado, referem dois casos de premonição, que vamos resumir por sua ordem.

O primeiro assignado pelo Dr. Samas, é o seguinte: «Na noite de 24 para 25 de maio de 1900, um individuo morador n'uma cidade do norte de França, sonhou que seu pae morreria a 2 de junho seguinte.

Contando este facto á familia, pois morava com seus paes, ninguem deu o menor credito nem importancia ao facto.

Por aquella occasião o pae gosava de perfeita saude, e só a longos intervallos tinha tido alguns accessos d'asthma.

No dia 1 de junho o proprio pae, rindo, contou o facto a um amigo, commentando alegremente: «Se eu devo morrer amanhã, não tenho tempo a perder.»

Passou o dia na melhor disposição.

A' noite, chegou um filho, que era soldado em Verdun, e fel-o sem que ninguam o esperasse, porque nem sequer contava vir, tomando aquella resolução á ultima hora.

Toda a familia reunida conversou aprasivelmente pela noite dentro.

A's 11 e meia da noite o pae deitou-se na melhor disposição de saude.

A' meia noite porém, assalta-o uma crise da oppressão:

— Dyspnea intensa, tosse violenta, expectoração mucosa e sanguinolenta. Vão chamar o medico; mas é tarde, tudo é inutil.

A' meia noite e vinte minutos, e portanto no dia 2 de junho, realisava-se o facto de que tinha havido o prenuncio.

O Dr. Samas pondéra judiciosamente o seguinte: certamente os scepticos explicarão com facilidade o caso, dizendo que se trata apenas d'uma questão de coincidencia.

Sem duvida, o acaso pôde fazer muitas cousas, mas elle não explica nada.

Poderia pretender-se talvez que ha aqui *uma relação de causa e effeito*, sendo assim o pae, cardiaco, influenciado por este sônho, tendo tam-

bem a segunda emoção pela chegada de seu filho; ou talvez que a sua imaginação excitada tivesse visto n'este concurso de circunstancias um funesto presentimento, capaz de determinar reflexamente a acção moral sobre o physico, produzindo a crise.

Mas vimos acima, que nem o pae nem pessoa alguma de familia, tinha dado a menor importancia a tal sonho.

Não será mais logico consideral-o como um caso premonitorio?

Dr. Samas.»

O segundo caso é referido pelo correspondente d'Athenas para o *Petit Bleu* de Bruxellas, onde foi publicado no numero de 23 d'abril proximo passado.

Trata-se da descoberta d'um crime por meio da premonição, como se póde ver da integra do relato.

«A justiça grega occupa-se actualmente d'um extranho processo de assassinato, que remonta a dois annos.

Em 1903 um barco de pesca, tendo por patrão um individuo chamado *Antonios* largou o Pireo com destino a Syra, levando a bordo, além d'aquelle, dois tripulantes ou marinheiros, um cretense, de nome Balazakis, e outro Samiaco.

Algum tempo depois, e após um dia de tempestade, os dois tripulantes apresentaram-se sós, em Syra, contando que na noite da vespera, o barco tinha naufragado, e que só os dois poderam salvar-se á custa das maiores difficuldades. Acreditou-se esta narração.

Todavia na mesma noite em que o patrão *Antonios* desappareceu, uma sua irmã teve um sonho terrivel: via seu irmão estrangulado e lançado ao mar pelos marinheiros.

Este sonho, porém, não lhe fez maior impressão, porque conhecia a dedicação de Balazakis, que estava ao serviço do irmão já ha dez annos.

Mas ha alguns dias ella teve outro sonho: tornou a vêr seu irmão, que lhe arguiu tanta indifferença, dizendo — «Tu és cumplice de meus assassinos, pois que não queres vingar-me! Vê tu o barco e a casa de Balazakis: elle comprou-os com o dinheiro que me roubou, e de que tu ficaste despojada!»

A pobre mulher levantou-se aterrada.

Começou depois a investigar, e descobriu com effeito, n'um logar que nunca tinha visto, tanto a casa como o barco indicados por seu irmão.

Preveniu então a justiça, e quando passados dois dias, Balazakis entrou no porto, prenderam-n'o.

A sua confissão confirmou os factos: declarou que durante o somno tinha estrangulado o patrão, deitando-o em seguida á agua; indicou tambem o logar para onde tinha fugido seu cumplice; e preso este, a seu turno fez igual confissão.»

Tendo o redactor dos ESTUDOS PSYCHICOS regressado a Lisboa, fica ao dispor dos srs. assignantes para aquillo que lhes possa prestar.

A sua ausencia motivou o atrazo involuntario d'este numero.

IMP. LUCAS — Rua do Diario de Noticias, 33

N.º 6 NOVEMBRO DE 1905 1.º ANNO

ESTUDOS PSYCHICOS

REVISTA MENSAL DE ANIMISMO
E ESPIRITISMO EXPERIMENTAL

Director — DR. SOUSA COUTO

COLLABORADORES — Drs. Maxwell, Laurent de Faget, De Reyle, Wolowski, Marzorati, Roso de Luna, Quintin Lopes, Martins Velho, etc.

Escriptorio — Rua do Ouro, 149, 2.º LISBOA

A CRITICA E OS CRITICOS

I

A faculdade da critica é um direito perfeitamente legitimo, necessario mesmo ao progresso das sciencias e cujo bem entendido uso muito tem contribuido para o aperfeiçoamento de todas as descobertas e theorias. O espirito humano é por sua natureza essencialmente critico, e por certo esta feição não é dos menos valiosos attributos na marcha ascencional da sua cultura.

Mas todo o direito tem restricções derivadas da sua propria indole. Quem diz critica, diz competencia, e para a critica ser ponderosa e profícua deve sempre manter-se na elevação e seriedade do assumpto versado, pena de desvirtuar o seu proprio caracter e de contrariar o fim que se propunha.

Sem duvida a competencia impõe-se como condição impreterivel na apreciação e controversia de dada materia, e se o senso commum repelle toda a intervenção desauthorisada em qualquer contenda, a mesma consciencia do critico futil ha de lembrar-lhe a temeridade do commettimento e, acaso, arguir-lhe rudemente que mente a si proprio e que desnatura a sua elevada funcção.

Desconhecer quasi totalmente umassumpto, não ter lido e meditado suas obras fundamentaes, ser alheio aos numerosos e variados trabalhos experimentaes realisados sobre um objecto, não ter tido a pertinacia e o esforço de investigar acuradamente, por largos annos, e todavia tomar desdenhosa e altaneiramente a penna para vir esboçar gracejos ou decretar canones irreductiveis, poderá ser quanto quizerem, mas nunca fazer critica digna e scientifica.

A honestidade d'um nome ou a affeição d'um amigo não devem impedir, que aqui digamos as cousas com intemerata sinceridade: alguns raros artigos de critica, que depois do apparecimento d'esta revista, têm sido publicados em Lisboa, carecem totalmente dos requesitos elementares d'exegése valiosa.

Os phenomenos psychicos são, na sua essencia, muito mais difficeis d'apreciar e de captar, do que muitos outros phenomenos, que diariamente cahem sob a acção de nossos sentidos.

Sem uma experiencia pessoal, assidua e indefectivel, sem uma decidida tenacidade em busca das condições necessarias á producção d'esses

factos, sem o flagrante da sua manifestação genuina durante longas series d'observações e experiencias, como poderá alguem, cathedraticamente, vir formular opinião, solucionar questões ou editar theorias ?

Já se viu alguem, leigo em chimica, sem ter jámais entrado n'um laboratorio, vir negar que d'uma mistura se possa separar um dos seus componentes ?

Já se viu alguem, alheio á astronomia, vir negar que póde medir-se a distancia da Terra á Lua ?

Ousou já alguem, ignorante em physica, dizer que o magnetismo terrestre é uma utopia ?

São raros e testimunham a sua ignorancia, os criticos d'esta ordem.

Negar sem ter observado e criticar sem ter estudado, são dois graves erros de grande responsabilidade perante a historia, que tem de registar os tropeços da evolução.

Bem sabemos que ha criticos de boa fé, mas ella não basta : é preciso tambem a prudencia.

E hoje consideramos imprudentes os que, afferrados aos preconceitos, verdadeiros *neophobos*, negaram a circulação do sangue, a rotação da terra, a anesthesia, o galvanismo, a locomoção a vapor, a telegraphia electrica, a vaccina, a phonographia, a sugestão mental, o magnetismo etc.

Os nomes de todos os retardatarios teem o seu logar á parte ; ficam no purgatorio dos reaccionarios a expiar o seu crime de gréve contra o progresso.

O verdadeiro espirito scientifico, seja embora reservado, deve ser confiante e sereno perante as descobertas de novo annunciadas.

Porque a lição é desde ha seculos e dia a dia nova desillusão vem áquelles que julgam que a sciencia do seu tempo disse a ultima palavra ou exhumou todos os segredos da natureza.

Mas nem todos teem a sua mentalidade obsecada a tal ponto, nem a opinião dos homens póde mudar o curso natural dos successos.

Oliver Lodge, professor de physica na Universidade de Cambridge, n'um discurso perante a «Associação Britanica para o avanço das Sciencias,» dizia :

«As possibilidades do Universo são infinitas, como a sua extensão physica.

Para que negar *á priori* a possibilidade das cousas que sahem da nossa percepção ordinaria ?...

Não devemos recuar diante de problema nenhum, chegado que seja o momento de o abordarmos.

Não devemos hesitar em proseguir livremente a investigação das leis mysteriosas que regem a vida e o espirito.

O que sabemos é nada perante o que nos resta apprender ainda, diz-se algumas vezes sem convicção... Mas para mim é a verdade mais plena, e querer restringir o exame aos territorios já meio conquistados, é enganar a fé dos homens que teem luctado pelo direito de livre exame, é trahir as mais legitimas esperanças da sciencia.»

Não se enganou *Oliver Lodge*, como não se teem enganado os que, com a mesma amplidão de vistas, nutriram o conceito do progresso intellectual.

A cada momento se está confirmando essa esperança, e absurdo se-

ria crasso suspeitar que o homem nada mais póde descobrir ou que ha zônas vedadas ao seu inquerito.

Aquelles que uma vez o supposeram ou doutrinariamene o proclamaram, tiveram o dissabor em vida ou sua memoria teve a sombra, de vêr a cruel realidade desmentir-lhes os assertos.

E nem sequer os mais prestigiosos pensadores se livraram d'este desmentido.

Augusto Comte disse : «Concebemos a possibilidade de estudar a fórma dos astros, suas distancias, seus movimentos, mas nunca poderemos estudar, por meio algum, a sua composição chimica.»

Pareceu a Comte dogmatica esta affirmação ; pois não obstante ser um dos chefes da escola positivista, enganou-se redondamente.

O que se lhe antolhava então impossivel e como tal o proclamava, tornou-se pouco tempo depois uma verdade.

Bunsen e Kirchow, descobrindo a analyse espectral, mostraram a possibilidade de se conhecer a composição chimica dos corpos celestes.

Se Comte tivesse vivido apenas mais cinco annos teria reconhecido o seu engano : a descoberta do espectroscopio era um desmentido formal ás suas palavras.

E' que o philosopho era presa da mesma contumacia que obscurece tantos espiritos doutos — queria d'ante-mão traçar a fronteira das cousas possiveis ou impossiveis.

Se essa pretenção póde ser desculpada em homens indisciplinados, é imperdoavel a um positivista, que assim renega a propria profissão de fé, o methodo d'observação e experiencia, cujo alcance não se póde traçar antecipadamente.

Erros d'estes, enganos d'esta ordem, pretenções intempestivas, contrariadas logo pela eloquencia de novos phenomenos, encontram-se infelizmente a cada passo em todos os ramos das pesquizas scientificas.

Mas nem por isso ellas deixam de continuar a fazer-se e a verdade a revelar-se.

Impugnar a phenomenalidade psychica, demonstrada hoje por mil modos concordantes em todos os paises, documentada com as provas mais irrefutaveis e numerosas colhidas em toda a parte,é pretender suster com a mão um rio caudaloso ; e se aquelle que nega, nunca trabalhou, nunca observou, pratica o acto d'um cego que fosse depôr *de visu* sobre qualquer occorrencia.

E' evidente que sem trabalho nada se conquista, nem mesmo a convicção fundada sobre uma elementar verdade.

Mas onde mais persistencia se precisa, é exactamente n'estas investigações, pois só com o tempo se pódem encontrar os seus mais importantes phenomenos.

Não é em duas ou tres sessões que podem colher-se resultados : é preciso a continuação de meses e annos para que os fructos appareçam. Poderia trazer em confirmação as palavras de muitos investigadores, o que em momento opportuno farei, porem basta affirmal-o pela minha experiencia pessoal.

O instruir-se, o convencer-se da realidade dos factos psychicos, a todos é dado conseguil-o, pôndo ao serviço d'este *desideratum* uma grande tenacidade e boa vontade.

E' o que fazem todos aquelles que encaram o problema sob o aspecto do seu alto valor intrinseco.

Muitos ha que põem na investigação muito tempo, trabalho e despezas, fazendo até viagens e sacrificios n'esse sentido.

Ainda ha pouco que o conhecido escriptor *Gabriel Delanne* e o professor *Charles Richet*, foram passar á Algeria respectivamente dois mezes e um mez, para observação do phenomeno de *materialisação*, nas sessões do general Noel.

Pois após todo esse tempo e das mais rigorosas precauções, ambos elles veem affirmar nas suas revistas, da maneira a mais cathegorica, que essas *materialisações* existem, são authenticas, e que o facto entra incomtestavelmente nos dominios da realidade.

Em breve teremos occasião de dar o extracto d'essas importantissimas sessões.

E que dizem a isto os negadores do nosso burgo, que nem um mez apenas consagraram á pesquiza, nem uma excursão sequér fizeram para alem das barreiras da cidade ?

Diga o que disser a myopia patricia, a luz existe e quando mesmo o ceo é atro e a tempestade se desencadeia, o sol continúa a brilhar por sobre as nuvens, mui alto, gloriosamente.

Em opportunidade e sem quebra dos bons principios de camaradagem leal, mas justa, faremos mais especial analyse d'algumas criticas apparecidas. Impõe-se-nos imperiosamente este dever — de deixar alguma cousa perduravel, verdadeira e séria sobre a momentosa questão.

(Continua)

Souza Couto.

ESPIRITUALISMO E MATERIALISMO

(Continuação)

«A transmissão *mental* não é facto duvidoso, especialmente entre um magnetisador e seu *sujet*.

Poderia citar-vos mil exemplos.

Eis um d'elles, pouco sentimental certamente, mas muito caracteristico, citado pelo doutor Bertrand, um dos investigadores mais competentes na questão :

«Um magnetisador, imbuido d'ideas mysticas, tinha um somnambulo que, durante o somno, não via senão anjos e espiritos de toda a ordem: taes visões serviam a confirmar mais e mais o magnetisador na sua crença religiosa. Ora, como elle argumentava sempre com os sônhos do seu somnambulo em appoio do seu systhema, um outro magnetisador das suas relações encarregou-se de o desilludir, mostrando que o seu somnambulo apenas tinha as visões, cujo typo existia em sua propria cabeça.

E para comprovar o que avançava, propôz fazer vêr ao mesmo somnambulo a reunião *dos anjos do paraiso sentados á meza e comendo um peru.*

Para tal fim, adormeceu o somnambulo e passado algum tempo, perguntou-lhe se não via nada d'extraordinario.

Este respondeu que via uma grande reunião d'anjos.

— E que fazem ? — Inquiriu o magnetisador.

— Estão sentados a uma meza e comem.

Comtudo não pôde indicar que iguaria tinham diante d'elles.»

Eis um exemplo de suggestão mental, como tantos outros que vós mesmo conheceis.

A vontade do magnetisador operou, sem palavras, sobre o *sujet*.

Sem duvida, podemos aqui dizer que foi a acção d'um cerebro sobre outro, mas não parece que o cerebro é apenas um instrumento da vontade ?

Não felicitaría mais o cerebro por pensar, do que felicitaria a luneta por ver bem Saturno.

Não é verosimil que o cerebro é o orgão do pensamento, como os olhos são o orgão da visão ?

E a vista a distancia, em sônho ?

Acaso este phenomeno não nos põe em presença d'um ser espiritual dotado de faculdades especiaes ?

Um maritimo, por exemplo, escreve-me de Brest relatando :

«De 1870 a 1874, tive um irmão empregado no arsenal de Fou-Tchéou na China, como assentador mecanico.

Um de seus amigos, tambem mecanico, compatriota, da mesma cidade (Brest) e igualmente empregado no arsenal de Fou-Tchéou, veio uma manhã visitar meu irmão á sua residencia e contou-lhe o que se segue :

Meu caro amigo, estou afflicto.

Sonhei esta noite que meu filhinho estava *morto, d'uma angina, sobre um edredon vermelho*

Meu irmão zombou da sua credulidade, fallou d'um pezadello, e para dissipar esta impressão, convidou o amigo a almoçar.

Porem nada pôde distrail-o : para elle seu filho estava morto.

A primeira carta que recebeu de França depois d'esta narrativa, e que era de sua mulher, annunciava-lhe a morte do filhinho, *morte de angina*, em grandes soffrimentos, e extranha coincidencia, *sobre um edredon vermelho*, na propria noite do sonho.

Recebida esta carta, veio elle em lagrimas mostral-a a meu irmão, do qual tenho este relato.»

Factos d'esta natureza, igualmente muito numerosos, não indicam acaso no homem outra cousa além do corpo ?

Que pensaes vós tambem da visão seguinte ? :

«Meu pae tinha um amigo d'infancia, o general Charpentier de Cossigny, que sempre me testimunhára grande affeição.

Como o general soffria d'uma doença nervosa, que lhe tornava o caracter bastante esquesito, não nos surprehendia que nos fizesse algumas veses tres ou quatro visitas umas atraz d'outras, embora passassem meses sem apparecer.

Em novembro de 1892 (havia já quasi tres meses que o não tinhamos visto), tendo eu um dia fortes dores de cabeça, fui-me deitar cedo.

Estando no leito ha bastante tempo, principiava a adormecer, quando ouvi meu nome, primeiramente pronunciado em voz baixa, e depois um pouco mais alto.

Puz o ouvido attento, pensando ser meu pae que me chamasse, mas ouvi-o dormir no quarto contiguo, e seu respirar era muito igual, como o de quem dorme desde ha muito tempo.

De novo entrei no somno e tive um sônho.

Vi a escada da casa que o general habitava (7, cité Vaneau).

Elle mesmo me appareceu encostado ao corrimão do patamar do primeiro pavimento; depois desceu, approximou-se de mim e me cingiu a fronte.

Seus labios estavam tão frios, que o contacto me despertou.

Vi então distinctamente, no meio do meu quarto, illuminado pelo reflexo do gaz da rua, o perfil alto e fino do general, que se afastava.

N'esse momento, eu não dormia, pois ouvi bater onze horas no Lyceu de Henrique IV e até contei as horas.

Não pude mais adormecer, e a impressão fria dos labios do nosso velho amigo me ficou na face toda a noite.

Pela manhã, as primeiras palavras que dirigi a minha mãe foram:

«Teremos noticias do general de Cossigny, vi-o esta noite».

Pouco tempo depois, meu pae encontrava no jornal a noticia da morte de seu velho camarada, fallecido n'essa noite, em consequencia d'uma queda na escada.

Jean Dreuilhe. *36, rue des Boulangers*, — PARIS.»

Como no caso precedente, e como em todos os outros analogos, é difficil não admittir que o espirito vê a distancia.

Deveis tambem ter conhecimento do caso do marechal Serrano, contado por sua mulher:

«Desde ha dose longos mezes, uma doença bem grave, ai! pois m'o devia arrebatar, vinha minando a existencia de meu marido.

Seu sobrinho, o general Lopez Dominguez, vendo approximar-se rapidamente um desenlace fatal, dirigiu-se ao presidente do conselho de ministros, sr. Canovas para obter que, quando Serrano morresse, fosse enterrado n'uma egreja, como os outros marechaes.

O pedido do general Lopez Dominguez foi repellido por El-Rei, que se encontrava então no Prado.

Todavia acrescentou que prolongaria a sua residencia n'este dominio real, para que a sua presença em Madrid não impedisse, que se prestassem ao marechal as honras militares devidas á cathegoria e situação que o mesmo occupava no exercito.

Os soffrimentos do marechal augmentavam dia a dia; já não podia querer deitar-se e permanecia constantemente n'um fauteuil.

Uma manhã, ao romper d'alva, meu marido, que um estado de completo aniquilamento, causado pelo uso da morphina, paralysava completamente e que não podia fazer o menor movimento sem o auxilio de muitos assistentes, levantou-se de repente, sósinho, direito e firme, e com uma voz mais forte do que nunca teve em toda a vida, exclamou no profundo silencio da noite:

«Depressa, que uma ordenança monte a cavallo e corra ao Prado: El-Rei morreu».

E cahiu exhausto no fauteuil.

Todos nós julgamos que era delirio, apressando-nos a dar-lhe um calmante.

Adormeceu, mas passados alguns minutos, de novo se ergueu.

Com uma voz enfraquecida, quasi sepulchral, disse :

«Meu uniforme, minha espada, El-Rei morreu.»

Foi o seu ultimo clarão de vida.

Depois de ter recebido, com os ultimos sacramentos, a benção do papa, expirou.

Affonso XII morreu sem estas consolações.

Esta subita visão da morte do rei por um moribundo era exacta.

No dia seguinte, toda Madrid soube com espanto da morte do monarcha, que se achava quasi só no Prado.

O corpo real foi transportado a Madrid.

Por este facto Serrano não pôde receber as homenagens que haviam sido promettidas.

Sabe-se que quando El-Rei está no palacio de Madrid, as honras são sómente para elle, mesmo que morto seja, emquanto ahi estiver seu corpo. Foi por ventura o proprio rei que appareceu a Serrano ?

O Prado fica longe ; tudo dormia em Madrid ; ninguem sabía de cousa alguma. Como teve meu marido tal noticia ?

Eis um assumpto de meditação.

Condessa de Serrano,
Duqueza de la Torre.»

D'esta forma, eis um moribundo, duplamente aniquilado pelo uso da morphina, que annuncia uma morte imprevista e ignorada de toda a gente. Aqui tambem, como fugir á conclusão de que sua alma viu a distancia, apercebeu d'uma maneira qualquer o acontecimento realisado ?

A vista a distancia, especialmente em somnambulismo e em sônho, está verificada por um numero tão consideravel d'observações, que o facto se torna incontestavel.

N'elle não posso descortinar um appoio em favor das hypotheses chamadas materialistas ; pelo contrario vejo nos factos outros tantos argumentos em prol d'um ser psychico dotado de faculdades especiaes.

Mas que direis vós dos sônhos premonitorios e da precisão da vista, pelo espirito, de acontecimentos que ainda estão para realisar-se ?

E' por elles que me parece muito opportuno coroar esta resposta.

Lêde, por exemplo este sônho, aliás banal, e que não póde considerar-se preparado pelas theorias philosophicas transcendentes.

«Dirigia-me para o collegio como externo, e em meu sônho, vi que ia atravessando a praça da Republica, em Paris, com uma carteira debaixo do braço, quando exactamente defronte dos armazens do Pauvre-Jacques, um cão passou perseguido por um bando de rapazes, que o maltratavam.

Vi perfeitamente o numero d'elles, eram oito.

Os empregados começavam a fazer a exposição, uma vendedeira ambulante passava com a carroça cheia de fructos e flores.

Na manhã do dia seguinte, encaminhando-me para o collegio, vi, no mesmo quadro, no mesmo sitio, a scena que tinha visto em sônho.

Nada ahi faltava, *o cão* corria pela valeta da rua, os *oito rapazes* o perseguiam, a *vendedeira* subia com a carroça, dirigindo-se para o boulevard Voltaire e os empregados do Pauvre Jacques dispunham os pannos á porta do armazem.

D. Hannais — *10, Avenida Lagache, Villemouble* (Seine).»

Se o cerebro, orgão physico é capaz com todas as secreções imaginaveis, de vêr tambem um facto que ainda está para acontecer, é preciso, creio eu, supprimir no Instituto a Academia de sciencias moraes e substituil-a pela Academia de medicina, ou mais simplesmente ainda, por uma clinica qualquer.

Vêr o futuro!

Não nos achamos aqui em pleno psychismo?

Notai bem que estes sônhos premonitorios não são já muito raros.

Citei um certo numero d'elles, mas conheço muitos outros ainda.

Recordais-vos do que me foi referido pelo pae da encantadora pensionista do segundo theatro francez?

«Em 1869, por occasião do plebiscito, tive um sônho, ou para melhor dizer. um pesadello terrivel.

N'este pesadello eu via-me soldado, tinhamos guerra, sentia todas as privações da vida militar: a marcha, a fome, a sêde; ouvia as vozes de commando, a fuzilaria, o troar do canhão; via cahir ao meu lado os mortos e os feridos; ouvia seus gritos.

Subito, encontrei-me n'uma região, n'uma aldeia, em que deviamos sustentar um attaque tremendo do inimigo, e eram Prussianos, Bavaros, cavalleiros, dragões de Baden — notai bem que eu nunca tinha visto d'estes uniformes nem se tratava de guerra.

N'um dado momento, vi um dos nossos officiaes subir ao campanario da aldeia, munido d'um binoculo, para observar os movimentos do inimigo, depois descer, formar-nos em columna d'attaque, tocar a avançar, e precipitarmo-nos, de bayoneta calada, sobre uma bateria prussiana.

N'este lance de meu sônho, estando em lucta, corpo a corpo, com os artilheiros d'esta bateria, vi um d'elles descarregar-me uma prancha-da de sabre na cabeça, e de tal fórma violenta que m'a abriu ao meio.

Foi então que eu despertei, prostrado no tapete da cama: sentia uma forte dôr de cabeça.

Ao cahir do leito, tinha batido com a cabeça n'uma pequena estufa que me servia de banca.

A 6 d'outubro de 1870, todo este sônho se realisou: aldeia, escola, mairie, egreja, nosso commandante subindo ao campanario para observar as posições do inimigo, descendo e á voz d'attaque, lançando-nos á bayoneta sobre as peças prussianas.

Em meu sônho, no mesmo momento, um golpe de sabre me tinha aberto a cabeça!

Aqui, perante a realidade, eu o esperava tambem, mas eu não recebi senão um golpe (destinado talvez á cabeça) que, sendo defendido, resvalando veio ferir-me a coxa direita.

A. Régnier

DA COMPANHIA DOS FRANCO-ATIRADORES
DE NEUILLY-SUR-SEINE

23 — Rue Jeanne — Hachette, au Havre.»

(Continua)

CAMILLO FLAMMARION.»

Séssões com o medium Charles Eldred

Da revista de Gabriel Delanne :

«Fomos longe para ver um bom medium, mas em compensação não foram estereis nossas fadigas, porque ao voltar traziamos a certeza da immortalidade, certeza que não é uma fé ou calculo de provabilidades, porem a estricta observação dos factos.

O instrumento que serviu para demonstrar esta verdade é um homem de situação modesta, que vive n'uma aldeia d'Inglaterra. Simples, mas d'uma grande dignidade natural, intelligente e d'espirito largo, seus olhos exprimem a franqueza, a bondade, a pureza de sua alma ; tem o humor jovial; tudo isto com seu ardor pela causa espiritualista torna-o o mais sympathico possivel.

Eramos quatro pessoas vindas de França : M. Garsault, do Havre, sua filha M.me Bossel, de Paris, eu, o signatario e minha mulher.

O medium tinha-se compromettido antecipadamente a dar-nos duas sessões particulares : a primeira no domingo 30 de julho, e a segunda na quarta feira, 2 d'agosto de 1905.

Chegamos á gare de Chesterfield no dia 30 de julho ás 3 e um quarto da tarde ; o medium Charles Eldred e um amigo, M. Edwards aguardavam-nos ahi.

Tinham vindo para nos acompanhar em carro até á aldeia que habitam.

Cerca das cinco horas, paravamos deante da casa de M. Eldred, dando-nos sua esposa um amavel acolhimento, como se não fossemos estrangeiros. Se o marido é sympathico, M.me Eldred não o é menos ; um pouco mais tarde nos dizia ella : «Muito desejava que estivesseis como em vossa propria casa.»

Quem quizer obter resultados satisfatorios, tem de crear uma boa harmonia antes da sessão ; por isso desde as 5 ás 7 horas, na sala da habitação de Eldred, situada no rez do chão, tomamos o chá, passamos duas horas agradaveis com o medium, sua mulher e tres amigos da casa, M. Edwards já fallado e os srs. Walters e Grabow, que a nosso pedido tinham sido convidados para a sessão, a fim de ajudar a estabelecer boas condições.

De mais, estes senhores costumam geralmente assistir ás sessões ; M. Edwards fica ao harmonium, e M. Walters, que tem uma voz magnifica, é o cantor.

M. Grabow, photographo de profissão, tem já obtido photographias d'espiritos. Por isso conversamos, examinamos as photographias espiritas, fizemos musica, e uma harmonia perfeita se estabeleceu entre nós.

Quando pelas 7 horas subimos para a sala das sessões, situada no primeiro e unico andar do predio, ainda era dia claro ; a luz que ahi entrava não deixava nenhum recanto obscuro.

Foi o proprio medium com sua esposa que nos rogou para examinar tudo muito bem.

A divisão onde se fazem as sessões tem quatro jardas e meia de comprimento por duas e tres quartos de largura. Seu pé direito (altura) é de tres jardas. As paredes acham-se adornadas com algumas photographias

psychicas. Não ha nenhuns moveis a não ser um harmonium, o fautenil do medium e as cadeiras dos assistentes. Ha uma unica porta que é a de entrada. Ao lado d'esta porta, no angulo opposto da saleta, está formado o gabinete, que tem uma jarda de largura por 3/4 de jarda de comprimento. Sobre uma regua de madeira que corre d'uma parede á outra, no sentido da largura da saleta, e quasi á altura do tecto, estão presas por argolas duas cortinas de veludo grenat. E' a frente do gabinete. O fundo e o lado á direita dos assistentes são formados pelas paredes da saleta.

Para formar o lado á esquerda dos assistentes, o qual está perto da porta, levantou se um madeiramento, desde o soalho ao tecto, pregando-se á parede do fundo e revestindo-o do mesmo veludo grenat.

E' n'este gabinete que está o fauteuil do medium, o qual é feito de madeira com varias travessas. A sua estructura é descoberta ; tem as costas elevadas para o medium appoiar a cabeça ; o assento, de molas e crina, é coberto de couro cor parda.

Sobre a parede do fundo do gabinete, ha um pedaço de panno cor cinzenta sombria, que eu examinei, e que tem por fim fazer destacar bem sobre este fundo, a forma do espirito, quando a materialisação ahi se conserva com as cortinas abertas. Tres pregos sustentam este panno a toda a altura do gabinete e cerca d'um terço da largura.

A saleta é coberta de oleado e ao meio, no sentido do comprimento ha uma passadeira que vae do fundo até ás cadeiras dos assistentes. Tudo eu examino, levanto uma parte do oleado, toda a parte que está no gabinete e a passadeira que lhe corresponde ; com grande facilidade tudo isto se levanta ; por baixo existe o soalho perfeito e unido.

Uma só janella tem a divisão, uma janella chamada á guilhotina ; um caixilho de madeira coberto d'um veludo verde tecido com fio de prata se ajusta perfeitamente no desvão da janella, e quando se adapta sobre ella, toda a luz exterior é impedida. Sob a janella e em toda a largura do compartimento, corre um pequeno estrado de madeira, d'alguns centimetros apenas d'altura, sobre o qual está o banco dos assistentes, e uma unica ordem de cadeiras.

Atraz na parede, ao lado da janella e por cima dos assistentes, ha uma serpentina de gaz, com dois bicos ; d'aqui ao gabinete vae o tubo conductor, o que permitte ao espirito materialisado regular á sua vontade a luz, quando está no gabinete.

Em geral, o gráo mais fraco de luz é como d'uma lamparina, e o mais forte como o d'uma vela, claridade assaz sufficiente para que nada escape do que se passa em uma sala que não é grande.

Comtudo, duas ou tres vezes ao todo, no curso das tres sessões, a luz do gaz foi um pouco mais forte que a d'uma véla.

Ha tambem uma pequena bateria electrica sobre o estreito rebordo da chaminé, e foi ahi posta por indicação dos espiritos, servindo a produzir no ar certas vibrações.

SESSÃO

A porta foi fechada, guardando eu a chave no bolso, e ahi a conservei durante toda a sessão. O caixilho de madeira foi fixado no desvão da janella, com o que se obturou completamente a luz exterior ; um dos bicos de gaz foi acceso; M. Walters e M. Grabow ficaram no banco, e os outros collocaram-se na primeira fila, nas cadeiras e pela ordem seguinte,

da esquerda para a direita : M.me Eldred, M. Garsault, M.me Bossel, eu e minha mulher. Era impossivel ás pessoas sentadas no banco deslocar-se sem afastar algum de nós. Um pouco á frente, para a esquerda, M. Edwards estava ao harmonium, para o devido effeito.

Os assistentes, pois, teem diante de si o gabinete e a porta da sala, e durante toda a sessão distinguem perfeitamente esta porta.

Depois do canto e alguns hymnos, que M. Edwards acompanhou no harmonium, o medium entrou em transe. Sob a influencia de seu irmão Arthur, que é o principal guia, approximou-se de nós e pediu a nossa sympathia, dizendo que os resultados da sessão dependiam sobre tudo do appoio moral que nós prestassemos ; depois entrou no gabinete e correu as cortinas.

Ouvimos os gemidos do medium e podémos ver, por debaixo das cortinas o seu pé esquerdo agitado ; depois o pé retirou-se. Então M. Edwards levantou-se, recitando em voz alta uma prece ; em seguida posemo-nos a entoar um canto. Do gabinete abaixaram subitamente a luz, e M. Edwards que após a prece voltára para o harmonium, veio sentar-se á direita de minha mulher.

Formamos a cadeia, dando as mãos uns aos outros. Um pouco mais de obscuridade foi ainda feita, e em breve vimos, sobre o fundo sombrio da cortina, apparecer qualquer cousa branca, que se definiu, e uma forma humana se desenhou nitidamente ; todavia o rosto só se apercebia vagamente. A forma entrou no gabinete, a luz augmentou um pouco mais, e a forma tornou a sahir, depois de ter afastado as cortinas e adiantou-se para nós com um passo solemne. Vinha toda envolvida n'um tecido branco impossivel de descrever com exactidão. Os que conheciam o espirito por o haverem visto muitas vezes, a senhora Eldred, e os srs. Edwards, Walters e Grabow, disseram: «E' Arthur», e o espirito inclinou graciosamente a cabeça para responder, que era realmente elle.

Do gabinete augmentaram ainda mais a luz e o espirito arregaçou a manga direita do seu grande vestido branco, até ao cotovello, e notamos distinctamente os musculos do braço, povoado d'uma penugem fina cuja sombra cobria o tom rosado da carne ; do mesmo modo nos mostrou o braço esquerdo, mas durante menos tempo ; podemos tambem examinar-lhe as mãos de dedos compridos, bem articulados.

Não perdiamos um só gesto do espirito.

Elle tomava o estofo leve, se bem que opaco que o envolvia, reunia-o entre as mãos ; esse tecido desapparecia, desmaterialisava-se, e com um gesto, se reconstituia a veste maravilhosa, que se derramava, se recortava em pregas mais turgidas até ao soalho.

Fez mais, approximou-se de nós, tomou este tecido n'uma braçada e nol-a entregou. Um por um, nós os quatro estrangeiros, o tocamos, o apalpamos bem.

Minha mulher diz que sentiu bem um fio d'este tecido prender-se-lhe a um dedo. Desde a cinta até aos pés, esta veste tem cinco ou seis pregas.

Os outros espiritos que vieram depois, tinham longas roupagens brancas, como d'um manto arabe, porem nenhuma d'essas roupagens apresentou a caracteristica das pregas.

A pedido do sr. Garsault, o espirito lhe deu a mão, assim como a M.me Bossel, e ambos lh'a apertaram bem.

Voltando ao gabinete, o espirito afastou as cortinas, que occultavam o medium á nossa vista, e todos o vimos adormecido no seu fauteuil, e o espirito postado ao lado direito.

Observei que o medium estava como reduzido na cadeira, a cabeça mergulhando nos hombros e as pernas pendentes sem tocarem o chão.

Do gabinete, o espirito fez signal com a mão a minha mulher para que entrasse ; levantou-se e obedeceu.

Copio de seus apontamentos o que se refere a este incidente : «O espirito me fez signal com a mão para ir, diz ella, e fui ao gabinete, cujas cortinas se conservavam abertas. Alli, nitidamente vi deante de mim, á esquerda o espirito em pé, e á direita o medium abatido no fauteuil. De nossos logares todos haviamos visto as duas formas, mas eu via melhor e notei qualquer cousa que me impressionava fortemente e sem duvida me teria amedrontado, se não me recordára de alguns relatos de factos analogos : o medium abatido sobre si mesmo, tinha diminuido, a cabeça mergulhava nos hombros, a cara parecia mumificada, e havia sobre as faces o rubor da febre. Demorei-me no gabinete um minuto ou mais ainda e em todo o caso o bastante para estudar o medium e contemplar ao mesmo tempo o espirito. Além de que as duas formas eram tambem observadas pelos outros assistentes, e M.me Bossel bem como meu marido, reconhecendo perfeitamente o medium, affirmam ter notado a sua diminuição corporea.»

Voltando minha mulher ao seu logar, o espirito de novo sahiu do gabinete, fechou as cortinas, approximou-se da pequena bateria electrica e a dispoz ; em seguida desmaterialisou-se deante de nós, começando desde os pés até ao tronco ; amontoou nas mãos o tecido branco, que ao mesmo tempo se dissolvia e não restava já cousa alguma para baixo do diaphragma ; nada mais se via junto á cortina do gabinete do que o busto fluctuante do espirito ; depois, d'um gesto, deixou cahir suas vestes invisiveis, e novamente apparecia de pé, envolvido de todo no seu vestido branco.

Para terminar desmaterialisou-se completamente a mais d'um passo á frente do gabinete. Diminuiu, dissolveu-se, e não ficou mais do que um rastro branco que foi recolhendo até ao gabinete e desappareceu por traz das cortinas. A forma voltou ainda, trazendo-nos duas luzes d'espirito ; entregou-as, passando-as nós de mão em mão.

Não se póde de taes luzes dar sequer uma idéa, pois creio bem que, assim succede com relação aos tecidos, nada ha similhante sobre a terra.

Eram dois discos, sendo um do tamanho d'uma moeda de cinco francos e o outro mais pequeno ; tinham uma apparencia de alabastro, ou um jacto d'agoa clara, atravessada pela luz ou pelo luar.

Esta materia desconhecida não irradiava calor, tinha a temperatura da mão e era inodora. Com a permissão do espirito puz nos labios, e na lingua essa substancia ; não tinha sabor algum.

M. Garsault pediu ao espirito, em francez naturalmente, para lhe dar outra vez a mão ; o espirito comprehendeu e gratificou M. Garsault com duas palmadas sobre a mão, que soaram bem e nenhum mal lhe fizeram; depois retirou-se, dizendo-nos : «boa noite».

Esta noite seguramente esteve comnosco mais d'um quarto d'hora.

Uma explicação. Arthur tem duas pollegadas e tres quartos d'altura a mais que o medium.

A altura foi marcada na parede á direita dos espectadores, um pouco á frente do gabinete.

A mensuração do medium foi tomada, collocando-lhe as costas contra a parede e fazendo um traço grosso a lapis precisamente na extremidade da cabeça.

Arthur submetteu-se á mesma operação que foi feita n'uma sessão precedente, em que assistiu M. Shaw, de Nottingham, que ajustava o calcanhar da forma, mantendo-o no pavimento, e M. Edwards marcava sobre a parede a medida da estatura afim de provar bem que a materialisação não se erguia nos dedos dos pés.

Depois de Arthur apresentaram-se muitas outras fórmas, maiores ou menores, mas todas differentes umas das outras.

Entre ellas appareceu uma menina de oito annos que tinha os movimentos vivos d'uma creança.

Um general escossez, Mac Donald, bem conhecido no exercito inglez, apresentou-se muito bem materialisado. Era maior e mais forte do que o medium, tinha o rosto pallido como a face empoada d'um Pierrot, e um bigode muito farto ; avançou para nós com passo energico e fez a continencia militar.

M. Edwards tinha seguido a carreira em vida, d'este militar, que se havia suicidado em Paris ao voltar da guerra do Transwaal.

Tinha-se achado infeliz depois da morte, me disse elle, e os outros espiritos o tinham trazido já uma vez alli, pedindo para o receberem, e isso o auxiliaria a reconhecer-se, fazendo-lhe bem.

Depois foi um Israelita, com o typo accentuado de sua raça que veio vêr-nos, e emfim cinco outros espiritos, nos quaes reconhecemos amigos pessoaes.

Sahiam do gabinete com hesitação, paravam indecisos ; sem duvida seu estado materialisado e a luz do gaz os impediam ao principio de nos aperceberem bem ; perguntavamos-lhes para quem vinham e nossa voz os guiava.

O primeiro d'estes espiritos, de pequena estatura, approximou-se de M. Garsault e lhe tomou a mão.

M. Garsault julgou reconhecer seu filho, mas não lhe distinguia os olhos. «E's tu, meu Luiz ?» — exclamou elle, e o espirito inclinou-se affirmativamente, e depois levou a seus olhos a mão de M. Garsault para lhe fazer sentir as lagrimas.

Tentou fallar mas não pôde, ouvindo-se como um suspiro.

Quanto a mim, nunca conheci o filho de M. Garsault, e este espirito todavia não me era desconhecido.

Em Paris n'uma das sessões que temos em casa todos os oito dias, tendo isto logar no fim do inverno passado, vi apparecer junto ao nosso pequeno grupo um espirito que descrevi.

Ninguem o reconheceu e retirou-se.

Voltou ainda a uma outra sessão.

Não ha muito, em julho ultimo, estando em casa de M.me Bossel, esta pediu-nos para ir vêr a um quarto um bom retrato de seu marido, que não conheceramos.

Divisei sobre a chaminé o retrato d'um mancebo, ainda com pequeno buço e exclamei : «mas eu conheço este homem... parece-se com

o espirito que duas vezes veio ás nossas sessões e que não foi reconhecido.»

M.me Bossel nos disse então, que era seu irmão.

Pois bem, o espirito que eu tinha deante de mim e que se dirigia a M. Garsault parecia-se com o que eu tinha visto duas vezes em nossas sessões, e com a photographia, que está no quarto de M.me Bossel.

Accrescentarei que no dia seguinte, em Londres, n'uma sessão que nos dava o medium Cecil Husk, a mim, minha mulher, a M. Garsault e M.me Bossel, e ainda no dia posterior, n'uma outra sessão com o medium Williams, devia eu receber igualmente na obscuridade, com um e outro medium, o mesmo espirito, tendo materialisado sómente o busto e a cabeça ; apenas se mostrava alguns instantes, deixando-se vêr á luz das ardosias luminosas, que estavam pousadas sobre a meza.

Mas é sobre tudo com o medium Williams que o espirito foi bem reconhecido por M. Garsault e por M.me Bossel sua filha.

M. Garsault affirmava em seguida :

«Elle disse-me isto : Sim Papá.»

Minha mulher perguntou-lhe : «O senhor reconheceu a sua voz ? — Sim, sim — confirmou elle.

Após o espirito que se dirigiu a M. Garsault, uma mulher nova sahiu do gabinete e fez signal a minha mulher para se approximar d'ella, não ousando afastar-se muito do gabinete.

Era delgada, tinha as faces coradas e minha mulher julgou reconhecer n'ella uma menina que tinha sido uma de suas melhores amigas, e que, nova ainda, tinha morrido phthisica. — Es tu, Morren ? — perguntou-lhe em norueguez.

O espirito inclinou-se como para affirmar, mas logo se retirou.

A seguir foi um homem d'edade, pequeno, de bigode e barba.

Tambem fez signal a minha mulher e a mim, parecendo que por causa d'ella é que viéra.

Todos estes espiritos, como vinham pela primeira vez, não eram fortes. O gaz tinha de novo sido diminuido, por isso não podiam distinguir-se bem seus traços.

Minha mulher perguntou-lhe em norueguez se elle era seu conhecido, ao que o mesmo respondeu com um aceno affirmativo de cabeça, depois olhou-nos fixamente, e afastou da cara os tecidos d'uma maneira que bem podia significar : «reparai em mim, pois ! Não me reconheceis ?»

Varios nomes foram pronunciados aos quaes não respondeu ; algumas vezes meneou a cabeça, retirando-se depois sem que o houvessemos reconhecido.

Este espirito tinha muita similhança com um de meus tios, fallecido ha dois annos e a unica cousa que nos punha duvida era que o cabello e barba do espirito materialisado pareciam louros, emquanto que meu tio, sendo castanho quando mais novo, tornára-se branco, como o vimos alguns annos antes de seu decesso.

No outro dia, mostrando minha mulher a photographia d'este tio a M.me Bossel, ella sem saber de quem era o retrato, desde logo disse :

«Já vi este homem! E' o espirito que hontem á noite se vos dirigiu.»

Uma outra forma materialisada sahiu do gabinete, sendo muito maior do que a que acabava de entrar ahi.

Apresentou-se deante de M. Garsault e de M.me Bossel, que a não reconheceram.

M. Garsault nos disse depois que este espirito tinha os olhos incompletos, o que o impedia de o identificar, crendo todavia que a cara não lhe era extranha.

Devo accrescentar que no dia seguinte, M. Garsault, que ficou sempre pensando n'esta apparição, disse subitamente :

«Ah, sei agora quem era ! Meu cunhado ! Espero que elle voltará. Eramos bons amigos, e tenho pena de o não ter reconhecido.»

A' noite d'este mesmo dia, 31 de julho, n'uma sessão com o medium Cecil Husk, este espirito se manifestou de novo, cabeça e busto apenas, na obscuridade, mas á luz da ardosia luminosa, sendo então perfeitamente reconhecido.

Sendo perguntado, respondeu que era realmente elle, que na vespera se tinha mostrado em casa de M. Eldred.

O ultimo espirito que se mostrou na sessão de 30 de julho foi uma mulher.

Dirigindo-se especialmente a mim, foi todavia bem visto por todos.

Lésta e bem segura de si chegou, parou no meio da sala, afastou bem o tecido branco que lhe contornava o rosto extraordinariamente vivo e os cabellos castanhos ; sorridente e jovial, lançava o seu olhar a uns e a outros e parecia dizer :

«Sim, sou eu em pessoa ! saí-me bem do intento !»

Eu e minha mulher levantámo-nos.

Pronunciei diversos nomes aos quaes ella respondeu negativamente, mas tendo-se-lhe illuminado os olhos e desabrochado o sorriso, todo o seu rôsto se aclarou para mim, e reconheci minha ama Florença, que tanto amor me teve n'este mundo e que no outro me continua a amar.

— Es tu, Florença ? — perguntei, e ella me disse que sim.

A apparição representava a idade que Florença tinha, quando cuidava de mim e eu era pequenino.

N'esse tempo era ella jovem, trigueira, viva, rosada, tal como estava n'esta noite ; mas a ultima vez que a vi, nos meados de março de 1897 a idade tinha feito progressos, os cabellos estavam brancos, o andar era tranquillo e sempre o mesmo sorriso para mim.

«Posso tocar-te», — perguntei.

Não, não, respondeu com a cabeça, recuando.

«E tu, podes tocar-me ?» — Ainda o mesmo gesto de negação, e recuando sempre, desappareceu no gabinete, sem se voltar.

Duas pancadas foram dadas no gabinete, depois que Florença entrou, signal que indicava o fim da sessão.

M. Edwards em pé recitou uma prece, depois entoamos cantos durante todo o tempo em que o medium voltava a si.

Charles Letort

23 — Rue du Bac (PARIS)

Certifico que o precedente relato é em todos os pontos conforme ao que eu vi e ouvi.

Ellen S. Letort.

A EFFLUVIAÇÃO ODICA

Meu caro Dr. Sousa Couto.

No numero 5.º da sua importante revista *Estudos Psychicos* na sua primorosa — *Resposta a um incredulo*, diz V. que — «A irradiação odica, quando intensa e prolongada, gera a exteriorisação da sensibilidade, de maneira que as impressões exercidas sobre aquella irradiação são transmittidas ao cerebro, despertando ahi a correspondente sensação». E entre outras experiencias feitas por eminentes summidades scientificas, cita V. o meu nome alludindo a umas experiencias que ha tempo realisei. Como porem me pareça que a narração circumstanciada d'essa experiencia, pode, pelo rigor scientifico com que foi realisada, e pela competencia e valor intellectual das pessoas que a presenciaram contribuir para levar a convicção ao animo de algum leitor mais ou menos incrédulo, permitta-me V. que passe a relatar como os factos se passaram.

No anno de 1900, estando eu residindo em Elvas, tive occasião de fazer uma serie de 50 a 60 sessões de magnetismo animal com um rapaz de 14 a 15 annos, que do melhor grado se prestou a ellas, e que por um feliz acaso era um passivo ou *suget* de primeira ordem.

Por isso poude repetir e verificar *de visu* todas as experiencias classicas do magnetismo e em especial as feitas pelo eminente sabio – Conde de Rochas. N'essas experiencias realisadas com o *suget* Virgilio tive occasião de observar *cinco estados* ou *phases magneticas* perfeitamente nitidas e caracterisadas pelos seus effeitos e symptomas.

Essas phases eram, por ordem de intensidade de somno, as seguintes : 1.º Estado de credulidade ou fascinação. —2.º Estado lethargico. — 3.º Estado cataleptico. — 4.º Estado de exteriorisação.— 5.º Estado de somnambulismo lúcido ou dupla vista.

Se bem que essas experiencias feitas em minha casa, muito particularmente, assistindo apenas tres ou quatro amigos mais intimos, fossem realizadas com o mero intuito de estudo e investigação pessoal, não tardou muito, que, espalhado o boato do que se passava, eu me visse forçado, cedendo a pedidos de uns e outros, a admittir a ellas numerosas pessoas das mais qualificadas da cidade.

E' assim que essas experiencias foram presenceadas pelo menos por 80 pessoas diversas, muitas das quaes se tornaram assistentes effectivos, não deixando eu todavia assistir a cada sessão mais de 14 a 15 pessoas.

Nunca empreguei n'essas experiencias os processos adoptados pelo hypnotismo, preferindo, como mais innocente, o processo magnetico dos passes sem contacto. Exclusivamente com esse meio de acção obtinha todas as phases do somno magnetico.

Adormecido o passivo e depois de passar pelos 3 primeiros estados e fazer durante cada um d'elles as experiencias que lhes correspondiam, fazia-o attingir por meio de passes o estado de *exteriorisação animica.*

Durante esse estado a *sensibilidade cutanea e muscular desapparece por completo* do corpo do passivo ; mas em compensação forma-se em tôrno do corpo, mas afastada mais ou menos d'elle, uma *effluviação odica*, *envolucro ou atmosphera* de uma espessura maior ou menor, na qual reside toda a sensibilidade corporea.

Se, levando escondido na mão um alfinete, o approximarmos lenta e gradualmente da pelle, e então picarmos esta resolutamente, penetrando mais ou menos no tecido muscular, este não accusa a minima dor ou sensação.

Mas se, apresentando o alfinete de ponta, fizermos o gesto de picar, e a ponta do alfinete attingir essa atmosphera animica, a que, como os occulistas, daremos o nome de *aérosoma*, ou phantasma odico, immediatamente o corpo do passivo accusa uma dor violenta na parte do corpo correspondente.

E deve notar-se que no *aérosoma* ha uma *hyperexcitabilidade sensivel* extraordinaria, que lhe permitte accusar dor em circumstancias em que, nas condições normaes, o corpo ficaria completamente insensivel.

N'estas condições psychicas o passivo tinha as palpebras completamente cerradas ; mas, para evitar duvidas, eu collocava sempre nas cavidades oculares umas pequenas almofadas de panno de linho cheias de algodão em rama, seguras por uma venda, formada por um lenço de seda preta convenientemente dobrado.

* * *

Um dia fiz esta experiencia, alem de outras, de que agora não fallo, por uma forma mais completa e demonstrativa.

Alem de outros cavalheiros cujos nomes me não occorrem, assistiram a ella o dr. Luiz Daniel d'Ornellas, distincto medico, o dr. Possidonio Laranjo, notario, e o distincto pharmaceutico Antonio Joaquim Rosado e Silva, todos residentes em Elvas, podendo-se então verificar até que ponto póde chegar a insensibilidade cutaneo-muscular e a hyperexcitabilidade sensoria do *aérosoma*.

Preparou-se convenientemente uma d'essas machinas ou baterias electricas que em medecina se empregam para dar choques, e todos os circunstantes experimentaram em si proprios previamente,qual era a maxima intensidade da corrente que um homem pode aguentar, verificando-se ser ella tão forte que os musculos adormentados perdem a faculdade de obdecer á propria vontade, sendo indispensavel que uma outra pessoa, ou interrompa a corrente, ou agarrando os reophoros pelos cabos isoladores, os arranque das mãos, que mau grado seu os não podem largar.

Experimentaram qual a corrente minima que a machina podia produzir, verificando que era tão fraca, que mal se tornava perceptivel por um pequenissimo formigueiro nas cabeças dos dedos.

Feitas estas experiencias preliminares, e interrompendo previamente a corrente, colloquei nas mãos do passivo adormecido os dois reophoros, feito o que o medico alludido estabeleceu a corrente *com toda a sua intensidade*.

Era uma descarga electrica capaz de fazer gritar o homem mais valente. O medico tomou o pulso ao dormente e preparou-se para verificar pela physionomia os signaes de qualquer contracção muscular, com que contava sem d vida.

Pois o passivo soffreu esta tremenda descarga com a *impassibilidade de um morto*, sem que as pulsações augmentassem ou diminuissem, e sem que a mais leve crispação muscular, durante mais de um minuto que a descarga durou, viesse traduzir o mais ligeiro vestigio de sensação ou soffrimento.

E' inutil dizer que tamanha prova de insensibilidade deixou todos absortos, e mais ainda o ficaram com a experiencia que se lhe seguiu.

Retirados os reophoros das mãos do passivo, disse ao dr. Ornellas que puzes-e a machina a funccionar com o seu *minimo* de intensidade.

Então approximei *lenta e cautelosamente* do corpo do dormente os reophoros que eu segurava pelos cabos isoladores.

A corrente era tão fraca que os circunstantes estavam persuadidos de que nenhum effeito se manifestaria n'um individuo que resistira a uma descarga intensissima.

Pois apenas os reophoros tocaram na camada externa do *aérosoma*, que estava situada a um decimetro ou pouco mais do corpo immobilisado, *uma crispação violentissima lhe sacudiu todos os membros*, por forma que desequilibrando-se, cahiria da cadeira em que estava sentado, se não fosse amparado.

Devo repetir que durante toda esta experiencia os olhos do passivo estavam completamente vendados, como já anteriormente indiquei.

* * *

D'esta experiencia pode pois logicamente deduzir-se : que, sob a acção dos passes do magnetisador, o fluido vital do passivo ou, o que vem a ser o mesmo, o agente transmissor das sensações ao cerebro, — *é projectado para fora do corpo*, sahindo d'este por todos os seus póros em quantidade anormal, formando se em tôrno do corpo, mas afastado d'elle, uma especie de *casca aeriforme*, formada como que de camadas superpostas nas quaes reside toda a sensibilidade que abandonou o corpo, a qual, achando-se desprendida dos laços materiaes, attinge por isso uma grande sensibilidade extraordinaria, como nunca se encontra no corpo em estado de vigilia.

Nunca tentei com este passivo levar a exteriorisação a mais dos 12 centimetros que elle dava sem custo ; é certo porem que, com um outro, essa exteriorisação se manifestou, desde a vez primeira, a mais de meio metro.

Mas esse passivo era uma menina de constituição nervosa, e o seu somno era por tal forma irregular, que não sendo facil dominar-lhe a phenomenalidade, renunciei a proseguir com ella nas experiencias.

E' indubitavel que este *aérosoma*, irradiando do corpo, e isolando-se d'elle, continua mantendo com elle as mais intimas relações, uma especie de *laço fluidico* : pois que o corpo *sente energicamente* as picadas feitas no *aérosoma*, que é indubitavelmente o *quid* onde reside a *sensibilidade humana*.

Mas. qual é a sua natureza? Será uma substancia *corporea* embora invisivel ?

Será de natureza *animica* ?

Não sei : comquanto me incline bastante para esta ultima hypothese.

Seja porem como for, o que posso affirmar é que esse fluido é *differente* e *muito mais subtil* do que a electricidade, porque atravessa todas as substancias, mesmo aquellas que, como o vidro, são isoladoras da electricidade.

Por vezes fiz esta experiencia interpondo entre a pelle do passivo e o seu *aérosoma* (mas sem tocar em nenhum d'elles), laminas de ferro, latão, taboas e espessas laminas de vidro, e os effeitos produzidos eram

identicamente os mesmos, como se taes substancias não houvesse de permeio.

Estes são os factos e o meu modo de sentir ; e não me consta que os raios N ou X ou os de qualquer outra letra do alphab to tenham produzido taes resultados.

MARTINS VELHO.

O medium pintor Machner

O medium Machner, morador actualmente em Steglitz, perto de Berlim, nasceu em Jeve (Ost-Friesland) em 1866.

Desde sua infancia manifestou a faculdade de clarividencia que foi mal apreciada ou despresada pela ignorancia dos que o cercavam.

Primeiramente abraçou a carreira de maritimo, mas em seguida teve de abandonal-a, em virtude d'um caso de desdobramento, que lhe creou inimizades. Nomeadamente accusaram-no de desobediencia, no momento em que, pelo testimunho de muitas pessoas fôra visto adormecido profundamente no mesmo instante, não tendo elle a menor lembrança do delicto por que era accusado.

Haverá quatro annos foi iniciado no que respeita ao espiritismo, que aliás ao principio combateu com toda a violencia.

Succede porem que durante uma sessão, Machner cahiu em transe e fez um longo discurso em favor d'aquillo que antes impugnava.

Voltou-lhe a clarividencia a ponto de chegar a descrever espiritos que eram reconhecidos pelos assistentes.

Pouco a pouco não obstante as duvidas bem difficeis de dissipar, teve de render-se á evidencia dos factos.

Foi n'esta epoca que Machner, não tendo até então feito o menor estudo com o lapis, chegou a desenhar na obscuridade as feições dos espiritos que via.

D'uma vez, uma d'essas entidades, que assigna com o nome de «Botho», annunciou que ensinaria a pintura a Machner, e com effeito este começou a pintar a oleo e aguarella, e sob a direcção do seu guia chegou a executar paysagens, flores, que fazem a admiração dos entendidos, tanto pela technica como pelo colorido.

Machner começa invariavelmente suas obras á esquerda do papel ou tela, sem auxilio de nenhum croquis.

Affirma elle vêr traçado antecipadamente todo o desenho.

Eis como se exprime a seu respeito Luis Pietoch, o critico berlinez d'arte bem conhecido e estimado, na *Vossichen Zeitumg:*

«M. von Rudiger, creador da cornija em motivos, mostrou-me numerosos trabalhos devidos a uma singular e maravilhosa faculdade artística que constituiria para o psychologo um problema de solução difficil.

M. Machner, o auctor d'estes trabalhos decorativos, nunca viu nem muzeu nem exposição, nem livro, nem jornal illustrado de estylo moderno.

Mas d'improviso, como movido por uma força invisivel, sente a necessidade de desenhar, por vezes com as duas mãos ao mesmo tempo, ornatos ou paysagens.

A imaginação do desenhador parece infatigavel.

Desenha quasi divertindo-se, sem modelo, em traços vigorosos e seguros; pinta motivos ornamentaes phantasticos, semelhantes a plantas nos tons mais variados.

Suas paysagens á aguarella são arrebatadoras pelo effeito do colorido e seu caracter faz lembrar as de Leistikow, que Machner affirma nunca ter visto.

São perfis sombrios de florestas, grupos de casas que se destacam fortemente sob um ceu de nuvens doiradas e purpurinadas aos raios d'um poente explendido.

São reflexos quebrando-se n'uma agoa luminosa, a illuminar uma paysagem pardacenta.

Uma faculdade natural tão extraordinaria não ficará muito tempo esquecida e deve encontrar applicações praticas numerosas e lucrativas.

Um artista levou Machner á Escola das Bellas Artes de Berlim, mas foi-lhe impossivel sugeitar-se aos methodos officiaes, e bem depressa abandonou os processos convencionaes.

Presentemente Machner forceja por viver do seu talento, mas não ainda desafogadamente, não obstante ter a protecção de certas pessoas dedicadas. Seria para desejar que se alargasse a reputação de Machner, cujas obras medianimicas parecem tão completas como as de M.me Wajditich, de Budapest, que no estado de transe e na obscuridade a mais completa desenhava, em ponteado, com uma technica singular e nova, animaes e flores

Depois de quarenta sessões esta Senhora perdeu suas faculdades.

Berlim deu o exemplo, organisando uma exposição das obras de «Botho». Não se poderia persuadir M. Machner a mandar suas paysagens a Paris?

(Da Luce e Ombra, de Milão).

Publicações Recebidas — L'Institut International de la Paix, de Monaco, enviou-nos as tres seguintes publicações tendentes á propaganda das ideas pacificadoras:

Philosophie de la guerre, por Michel Revon.

La guerre est elle devenue impossible? por William Stead».

Annuaire de la vie internationale, por A. Fried.

Recommendamol-as vivamente pelo interesse que encerram.

O Espiritismo é a Philosophia, de M. Gonzalez Soriano, traducção do nosso querido amigo, Manoel José dos Santos. A edição é da Empreza Litteraria e typographica-editora, rua de D. Pedro IV, 178, Porto.

E' impossivel, em poucas linhas, dizer da excellencia da obra e do cuidado da versão.

Estes dois elementos se adunam n'um trabalho alevantadamente meditado e elaborado, em que os mais graves problemas de philosophia são magistralmente analysados.

Este livro constitue uma preciosa acquisição para quantos buscam uma orientação profunda na pesquiza do nosso destino.

Felicitamos o nosso presado amigo M. Santos, por haver enriquecido a litteratura patria com uma obra tão apreciavel.

N.º 7 DEZEMBRO DE 1905 1.º ANNO

ESTUDOS PSYCHICOS

REVISTA MENSAL DE ANIMISMO
E ESPIRITISMO EXPERIMENTAL

Director — DR. SOUSA COUTO

COLLABORADORES — Drs. Maxwell, Laurent de Faget, De Reyle, Wolowski, Marzorati, Roso de Luna, Quintin Lopes, Martins Velho, etc.

Escriptorio — Rua do Ouro, 149, 2.º LISBOA

A CRITICA E OS CRITICOS

II

Affirmâmos o nosso dever indeclinavel d'analysar algumas criticas apparecidas depois da publicação d'esta revista.

Vamos cumprir a promessa, animados de tanta benevolencia, quanto desejo de servir a causa da verdade e de franquear a estrada ampla do progresso scientifico.

Começaremos pela apreciação dos artigos intitulados «A materialisação dos espiritos» publicados no jornal «*Noticias de Lisboa*», cujas asserções e lances suppostos de mór valia não podiam passar sob silencio, que seria assentimento offensivo para o trabalho e esforço de tantos investigadores incançaveis.

Soerguem-se em taes artigos algumas chamadas contradicções compromettedoras da veracidade dos factos, proclamados n'estas pesquizas.

Antes de respondermos successivamente a essas arguições, cumpre levar a expressões irreductiveis certos termos e aclarar situações d'animo, para que uma apreciação integral e sincera se possa fazer.

O emprego de formulas de desdem ou menospreço, o apodar de espiritas ingenuos, apostolos, crentes os que luctam por arrancar á natureza os seus segredos, o jogo da ironia n'uma materia incontestavelmente digna d'attenção e valorisada no mesmo grandioso intuito, são argumentos que não empregaremos, pelos reputarmos sobre modo inadquados ou contraproducentes.

Declara-se preliminarmente o articulista incrédulo.

Julgamos traduzir bem esta declaração pela confissão singella de que nunca experimentou, nunca empregou annos consecutivos na obtenção dos phenomenos psychicos, e portanto de que nunca viu, nunca presenceou os factos affirmados pelos outros.

A incredulidade em materia de facto e de investigação positiva equivale á insciencia *de visu* sobre determinado phenomeno.

Quem, n'este campo, diz *não creio*, implicitamente affirma que ou não experimentou pessoalmente, ou tendo-o feito, não encontrou phenomenos legitimos capazes de fundar o estado de certeza.

Mas essa confissão individual e concisa não póde minorar o valor da proposição contraria, cathegoricamente feita pelos que teem durante annos experimentado e obtido os resultados, ao affirmarem que têm como real a existencia dos phenomenos.

Não crêr é o mesmo que não saber, pois quando o conhecimento se radica, a crença indistructivel se estabelece.

O cego de nascimento póde dizer que não crê na existencia de Syrius, mas o astronomo que repetidas vezes ha estudado a sua passagem na meridiana, tem d'essa estrella inatacavel certeza.

E' tambem util notar-se, que chamar campo pseudo-experimental ao campo das experiencias psychicas, sem ter abordado essa região, é comprometter notavelmente a logica.

Como póde alguem interpretar uma experiencia, conhecer-lhe o valor e o resultado, sem se ter collocado no proprio terreno da experimentação?

Como póde á priori negar-se um phenomeno ou theorisar-se uma duvida, sem ter buscado esse phenomeno na sua condicionalidade essencial, no proprio ambiente da sua emergencia?

E se a experiencia lhe offerece reparos, porque a não repete innumeras vezes, afastando todas as objecções e levando a precaução até ao limite d'uma exigencia perfeita?

Este seria o verdadeiro caminho da critica proveitosa, tributaria da sciencia, que só engrandece á custa de acquisições positivas e não á sombra de negacões estereis.

Partindo d'esta incredulidade, porventura culposa, o critico aliás argúto, collocando-se fóra da arena propriamente experimental, apenas forceja oppôr argumentos de inducção e deducção elementares á phenomenalidade psychica, em algumas das variedades que modernamente reveste.

Ora o progresso humano não teria dado um passo, desde as primeiras idades, se taes argumentos houvessem logrado uma parcella de efficacia contra a marcha ascencional das descobertas successivas, crescentes, inopinadas, que a investigação vem trazendo á luz cada dia.

Seria superfluo repetir aqui esses palpaveis erros da especulação á medida que novas conquistas são annunciadas.

Todas as invenções actuaes tiveram no seu apparecimento os mais rudes e crueis embates; mas a todos os embates da palavra, embora astuciosa, resistiu e resistirá sempre a força intrinseca d'uma verdade que se conquista e se proclama.

Devemos pois dizer, que o raciocinio, seja qual fôr o processo logico empregado, fica sempre ao serviço de noções anteriormente adquiridas, e assim, quando essas noções são incompletas sobre determinado objecto, a sua argumentação resente-se da origem defeituosa.

Tanto o nosso juizo como as nossas concepções apenas pódem nutrir-se dos conhecimentos assimilados até ali, e quando um phenomeno novo se apresenta, é natural, mas baldada, a insurreição contra a existencia de tal phenomeno.

Um facto não se póde destruir a golpes de syllogismo, porque o facto é a expressão real de todas as suas possibidades.

Mas desçamos á analyse concreta das principaes arguições do artigo em discussão.

Extranha-se ahi que investigadores de nomeada não tenham feito as suas experienciar perante as academias e universidades!

Não é preciso ser muito versado na theoria e pratica d'esta materia, para se reconhecer o nenhum valor do argumento, duplamente infundado quanto á condicionalldade e quanto á historia.

Quanto á condicionalidade:

Assim como para as observações astronomicas são precisos um observatorio, apparelhos, condições atmospherica, etc., assim como para as reacções chimicas são precisos reagentes, tubos d'ensaio, condições de temperatura etc., assim como (cingindo-nos mais com a especie) para a obtenção dos phenomenos magneticos, para os de suggestão e transmissão de pensamento, são precisos requisitos especiaes tanto do agente como do paciente, e até condições da propria ambiencia, muito mais delicadas e especificas são as condições requeridas no meio, em que as grandes experiencias psych cas têm logar. Eu não conheço investigador nenhum que as não proclame e as não recommende premidamente.

E não são apenas recommendações genericas d'investigadores como *Oxon*, *Wallace*, *Denis*, *Delanne*, *Solanot*, etc. etc.; são ainda trabalhos especiaes sobre este capitulo, entre os quaes podemos citar a notavel memoria do dr. Paulo Joire, pnblicada nos Annaes de Sciencias Psychicas.

Mas tão imprescindivel se torna a necessidade de observar o preceito das condições, que todos os investigadores chegam á mesma conclusão, e uma das cousas mais curiosas com que se depára no portico d'esta região, é a recommendação repetida de observanc a da condicionalidade.

E que admira isso?

Póde a semente germinar na treva secca e fria?

Póde o raio X destacar-se fóra da sua camara fechada, apropriada?

Póde o radium obter-se sem os longos trabalhos da sua pesquisa?

E' bem sabido que todo o phenomeno requer condicionalidade propria e insugir-se contra ella é fazer uma estulta exigencia á natuteza.

O ambito de producção dos phenomenos psychicos é um meio de vibração tão especial e homogenea que só uma grande paciencia e persistencia os pódem por vezes captar.

Quem conhecer os estudos feitos ácerca ás radiações humanas, sobretudo nos estados emotivos, e, de mais, souber que as rad;ações — condição dos phenomenos animicos mais importantes—precisam ser harmonicas, unitarias, elevadas, põe por inane o argumento fóra de polemica.

Quanto á historia:

E' inexacta a recusa suscitada.

Os investigadores trabalham desassombradamente como nos mais ramos de saber, mas ainda são talvez mais denodados e audazes.

Para obter os phenomenos nos meios adquados e cultivar a condicionalidade e o estudo, têm-se feito todos os esforços, apesar de mordacidade ou azedume dos retardatarios.

As sociedades publicas de investigação, pelos calculos recentes andam por novecentas nos diversos paizes, afóra innumeras particulares, onde muitas vezes se obteem os melhores resultados.

Grandes sociedades têm reunido intellectualidades pujantes e têm se consagrado a este estudo, como a Soc edade Dialectica de Londres, a Sociedade de Investigações psychicas ingleza, a Sociedade Anglo-Americana, a Sociedade Franceza d'Estudo dos Phenomenos Psychicos, o Instituto Psychico Internacional, e para não alongar demasiado este artigo, muitas e muitas sociedades importantes nas capitaes e principaes cidades da Europa e America.

Quem, pois,não sabe, é porque não quer conheeer o movimento actual.

Além d'isso é erroneo suppôr-se que os experimentadores querem impôr aos outros convicções.

Quem as quizer que as alcance na lucta. Não é a escola que vem ao alumno; o alumno é que deve ir á escola.

Outra objecção levantada no artigo consiste na extranha affirmativa de que o phenomeno de desdobramento não está verificado. Vê-se perfeitamente por este asserto que o articulista não é experimentador e que obedeceu apenas ao incentivo d'uma erudição limitada, antiquada e muito incompleta sobre esta materia.

Se fôra um trabalhador pratico, se n'uma longa serie de sessões experimentaes tivesse observado algumas das modalidades que o phenomeno reveste, certamente não o negava, e veria ainda certificada a sua convicção pelos resultados analogos, colhidos em centenas de casos alheios.

Por que admira elle que haja menos casos de desdobramento apparente, corporeo, do que de materialisações?

Porque desconhece a génese e a possibilidade d'um e d'outro phenomeno.

São mais raros os phenomenos de bi-corporeidade do que os d'apparição posthuma, por um conjuncto de razões elementares. O nucleo animico durante a vida custa a emancipar-se; é preciso um bom *suget* capaz do phenomeno e nunca a desintegração se faz completa; e ao contrario, pela emancipação definitiva, pela passagem ao estado odico, na expressão de Carl de Prel, o duplo astral recupera a liberdade plena e tem mais facilidade de se revestir e de se patentear.

Mas o desdobramento não consiste apenas n'aquella face particular de manifestação pela bi-corporeidade.

O desdobramento effectua-se todas as vezes que o *eu* se exterioriza embora fique em ligação aurica com o corpo.

A exteriorisação da sensibilidade, a da motricidade e a da intellectualidade, a visão a distancia, tendo o *suget* plena convicção da sua presença consciente no logar distante, os casos differenciados de telesthesia, telesskinia, telesplastia, etc., são manifestações incontestaveis do desdobramento, e nem outra interpretação mais justa pódem ter.

Ora isto não se demonstra com os tres casos citados no artigo; demonstra-se por milhares de investigações differentes e univocas.

Não basta conhecer só os *Phantasms of Living*, é preciso conhecer o Relatorio da Sociedade Dialectica, os Annaes da Sociedade Ingleza d'Investigações Psychicas, os casos citados por Flammarion, as mesmas numerosas observações e experiencias d'uma pleiade de magnetisadores desde Mesmer, as principaes obras de fundo, onde veem relatados numerosos casos e um acervo enorme d'exemplos colhidos nas principaes revistas especiaes, Light, Luce e Ombra, Vessillo, Revue Spirite, Revue Scientifique, Annales des Sciences Psychiques, etc., etc.

E para que o leitor se convença do extenso numero d'estas experiencias bastará o largo trabalho denominado «Exteriorisação do pensamento» que Gabriel Delanne eruditamente vem fazendo na sua revista.

E mais ainda: para onde se ha-de relegar a prova tensa de factos eloquentissimos? Que se ha-de dizer á exteriorisação obtida pelo conde de Rochas com o medium M.me Lambert?

Que se anteporá ás experiencias de Solanot?

Que se dirá dos resultados colhidos por Hasdeu e Israti?

Que havemos de concluir perante os relatos de Dassier?

E' preciso pôr de parte o preconceito, urge subjugal-o, domesticando-o na familiaridades das descobertas modernas, quaesquer que sejam, inverosimeis mesmo.

Porque a sciencia não póde constituir-se sobre essa base movediça e viciosa, e só do facto, da investigação e do esforço se poderá alentar.

(Continua) SOUSA COUTO.

PHANTASMAS DOS VIVOS

Comquanto o artigo que vai lêr-se seja bastante resumido e incompleto, pois o assumpto requeria e merecia um estudo bem mais profundo e documentado, resolvemos publical-o para demonstrar que a imprensa extrangeira, quando mesmo alheia a estas investigações, não se envergonha de tratar a sério de vez em quando esta materia.

E' sobre tudo por esta consideração, como exemplo de louvavel independencia, que transcrevemos o artigo, sob a epigraphe dada, do *Petit Bleu* de 29 de maio do corrente anno.

«Ser nos-ha possivel projectar nossa alma para fóra de nós mesmos?

Poderá um vivo apparecer e manifestar-se a distancia a um outro vivo afastado d'elle?

Em summa, a hypothese do phantasma será possivel e sustentavel no estado actual da sciencia?

Sim! respondem claramente os psychologos Myers, Gurney e Podmore, cujos audaciosos trabalhos emprehendemos expôr aqui.

Depois das descobertas de W. Crookes e G. Le Bon pôndo em relêvo a preeminencia da energia sobre a materia e a faculdade que possue normalmente a força de se manifestar sem o atomo corporal; estando provado que acima das faculdades cerebraes de que temos consciencia, ha outras que animam mais vastas e mais profundas zonas da nossa personalidade; a possibilidade de emittir para fóra de nós uma certa quantidade da energia vital que nos anima, ou por outros termos, a possibilidade do phantasma não passa d'um caso particular do problema geral.

Que gráo d'independencia póde attingir o inconsciente, o subliminar do cerebro? - Não é já permittido rir d'esta formidavel questão, sobre a qual repousa a revolução da psychologia humana; a sciencia póde, pois, sem desaire occupar-se do phantasma, de que zombavamos não ha muito ainda.

Em todo o caso, é n'um grossissimo e interessante volume de narrações, todas affirmadas como authenticas por seus auctores, que eu escolho o exemplo de projecção da personalidade humana longe do seu fóco organico, de que aqui vou fallar.

E' entre centenas bem mais dramaticas, que por sua propria simplicidade, escolho a seguinte:

«Fui vêr, no sabado ultimo — conta M.me Gladstone, de Botley — pela tarde, um velho e sua mulher, a um kilometro de distancia de nossa casa.

M.me Redfort guardava o leito, pelo que subi para fallar-lhe alguns instantes.

Emquanto ahi me demorava, veio-me á idea, sem aliás dizer cousa alguma, de fazer-lhe presente d'um cortinado para a cama, pois que não tinha nenhum.

Ora hoje, segunda feira, voltando eu a visitar o velho casal, o senhor Redfort, mesmo do quarto do rez-do-chão, disse-me :

«Minha mulher, lá em cima, viu-vos hontem, domingo, de manhã».

«Ella voltou a cabeça para o rebórdo do leito e disse :

«E' ella ? — sim, continuou, é M.me Gladstone ; tem no ar suspenso nas duas mãos um cortinado, mas diz que não é bastante comprido.»

«Agora está sorrindo e desapparece.»

— Quando M. Redford me contou isto, eu exclamei : «Mas é exactamente o que eu fiz hontem de manhã !...

Com effeito abri um armario no meu quarto; tirei para fóra um cortinado levantei-o no ar com as duas mãos para vêr o comprimento e disse para mim mesmo : «não é bastante comprido.»

Devo acrescentar, que embora fizesse minha visita a M.me Redford em toilette de passeio, diz ella que na apparição eu não tinha chapeu, o que é exacto, mas uma especie de bonnet branco, d'um modelo especial que eu tinha feito, e que ella descreveu.»

Assignada : Augusta Gladstone.

— Psu ! exclamará um medico.

Isso não é mais que um caso banal d'hallucinação visual e de delirio senil.

Tudo isso nasceu no espirito da velha dama.

— Perdão, respondem os psychologos inglezes.

O facto realisou-se em casa de M.me Gladstone, e M.me Redford, a um kilometro de distancia, apercebeu tal facto.

Hallucinação, se quiserdes, mas então, hallucinação veridica.

— Mas emfim, para vêr uma dama a examinar um panno, e ter do facto consciencia, é preciso um cerebro, olhos, um meio transparente e haver em realidade uma dama a examinar o panno.

Portanto, atravez de que teria logar a percepção de M.me Redford ?

— Por uma communicação entre as porções inconscientes, subliminaes, isto é, que jazem sob o limiar da consciencia das duas damas.

Como nós vemos claramente, durante os sônhos, sem que nem luz nem retina, nem objecto real estejam em jogo ; como o homem de genio, em sua inspiração, toma subitamente consciencia d'um conjuncto de pensamentos ou d'imagens, elaborados abaixo do limiar da sua consciencia, assim aquella velha senhora pobre viu sua protectora.

Quer dizer, ella percebeu directamente em seu espirito, sem auxilio dos olhos ou da luz, qualquer cousa, chamemos-lhe : onda magnetica, elemento animico desprendido do espirito, ou phantasma de M.me Gladstone, vem tudo a dar na mesma.

Assim falla M. Myers

E elle denomina esta communicação entre dois sublimiares cerebraes:

telepathia ; o que quer dizer muito simplesmente : faculdade de sentir ao longe.

A funcção por excellencia da vida, o seu fim suprêmo é a manifestação da mesma vida.

Nós não conhecemos por ora estas manifestações senão associadas á materia ; do mesmo modo que ha alguns annos não podia fallar-se da energia senão junta ao atomo.

Porem não sabemos se a vida, que por tanto tempo se tomou como simples força de direcção, não tem em si mesma, uma força d'acção.

Começamos a acreditar que a vida poderá bem ser um modo particular de energia.

E as observações telephaticas teem o immenso interesse d'abrir n'este sentido novas prespectivas.

Certamente não é facil explicar a fundo o mecanismo d'esta communicação entre dois cerebros, independentemente de intervenção dos orgãos dos sentidos conhecidos, comtudo M. Crookes julga poder ligar estes phenomenos á theoria das ondas cerebraes.

Similarmente ao que se passa entre o motor d'ondas electricas e o receptor d'ondas, no apparelho de telegraphia sem fios, haveria entre dois cerebros, previamente afinados uma troca d'ondulações ethereas d'uma amplitude menor, d'uma rapidez mais consideravel do que as dos raios X.

Estes movimentos d'ether se propagariam entre um sub-limiar cerebral e o outro, sem o recurso dos orgãos dos sentidos especialisados, reproduzindo sobre a placa sensivel do cerebro que os recebe a propria imagem ou a idea que lhes deram origem.

E' bem possivel.

No mundo das vibrações, como diz Myers, nada parece mais natural do que invocar de mais ou de menos para explicar um phenomeno novo.

E, por outro lado, n'um systhema da natureza, construido sobre o dogma recente da evolução, é rasoavel chamar em favor da telepathia a idea da continuidade na creação, que outr'ora revoltou tão fortemente os espiritos religiosos e que hoje toda a gente admitte.

Ora se um laço estreito e demais descripto minuciosamente pela biologia, liga o homem a esses seres inferiores, considerados n'outro tempo como separados de nós por um abysmo inultrapassavel, não estamos auctorisados, dizem os novos psychologos, a suppôr que um laço igualmente intimo prende nossa vida a vidas superiores e aperta a creação n'um todo que forma uma escala ininterrompida do que é menos que o homem e mais do que o homem ; do bruto ao ser espiritual, da materia sem intelligencia á intelligencia sem materia ?

Os phenomenos actuaes da telepathia, nossos phantasmas, seriam os anneis isolados d'esta cadeia mysteriosa, que muito naturalmente une o homem ao sobre-homem.

Phantasias, respondereis vós a Myers !

Phantasias ?... Pensai no que se passou com o magnetismo animal e com o hypnotismo.

Era uma fabula, uma legenda ridicula, que ninguem queria admittir.

Era preciso esconder-se das universidades e das academias para oc-

cupar-se d'estes phenomenos, e os mais honestos investigadores eram tratados de charlatães ou de sonhadores!

Quem nos diz que para a telephatia não assistimos a igual transformação na opinião e que a audacia de hoje não parecerá uma infantil banalidade amanhã?

Tal é pelo menos, n'estas pesquizas assombrosas d'uma sciencia incipiente, a opinião de M. Ch. Richet, professor da faculdade de medicina de Paris.

E parece bem justa esta opinião.

Entre os que cahem de joelhos e os que riem perante o mysterio da vida, parece bem que haja logar para os homens ávidos de comprehender e curados da enfermidade do preconceito — verdadeiros homens de hoje!

DR. LOUIS DELATTRE.»

ESPIRITISMO E MATERIALISMO

(Conclusão)

Muitas vezes deduz-se a objecção de que taes sônhos foram modificados e reparados tardiamente, aliás com toda a sinceridade, na imaginação dos narradores.

Por certo, não é impossivel succeder que diversas modificações se produzam na memoria; mas a objecção cai por si mesma perante a impressão do observador, pois que é precisamente esta impressão da *visão prévia* que o faz reflectir.

E depois ha sônhos tão simples, em que nenhuma modificação é possivel, por exemplo o caso seguinte:

«Sonhei que dando um passeio de bicyclete, veio um cão atravessar-se no meu caminho, pelo que cahi por terra, quebrando o pedal da minha machina.

Pela manhã contei o sônho a minha mãe, que sabendo quanto de ordinario meus sonhos costumam ser exactos, me pediu para ficar em casa. Resolvi, pois, não sahir; mas cerca das 11 horas na occasião de irmos para a meza, veio o entregador com uma carta informando-nos da doença de minha irmã, que residia a uma distancia de oito kilometros.

Sem me lembrar do sônho e não pensando senão em saber noticias de minha irmã, almocei a toda a pressa e parti em bicyclete.

A viagem correu sem incidente até ao sitio onde eu, no sônho da noite precedente, me tinha visto a rolar na poeira e quebrando a machina.

Apenas o sônho me tinha prepassado pela mente, eis que subitamente surge um cão enorme, correndo d'uma herdade visinha e procurando morder-me as pernas.

Sem reflectir, quiz dar-lhe um pontapé, mas no mesmo instante, perdi o equilibrio, cahi sobre a machina, parti o pedal, realisando assim o sônho com todos os pormenores.

Ora notae, peço vos, que era pelo menos a centesima vez que fazia este percurso, sem que jámais tivesse a deplorar o menor accidente.

AMADEU BASSET
notario em Vitrac (Charente)»

E ainda este outro exemplo :

«Em 1868, tinha eu então 17 annos d'edade, estava empregado no estabelecimente d'um tio meu, merceeiro na rua de Saint-Roch, n.º 32.

Certa manhã, depois de eu lhe ter ido dar os bons dias, meu tio, ainda sob a impressão d'um sônho que tivéra durante a noite, contou me, que n'esse sônho se achava na soleira da porta e tendo o olhar na direcção da rua nova des *Petits-Champs*, vira chegar um omnibus da Companhia dos caminhos de ferro do Norte, parando defronte do seu armazem ; que *sua mãe* desceu e o omnibus continuou a marcha, indo n'elle uma senhora, que tinha sido companheira de viagem de minha avó, emfim que essa senhora vestia de preto e tinha um cesto sobre os joelhos.

Tanto eu como meu tio nos rimos de tal sônho, tão pouco em harmonia com a realidade, pois que nunca minha avó se tinha aventurado a vir da gare do Norte até á Rua de Saint-Roch.

Como minha avó habitava perto de Beauvais, todas as vezes que queria vir passar algum tempo em Paris com seus filhos, escrevia de preferencia a meu tio, que era o filho que mais estimava, e ia a esperar á gare, d'onde invariavelmente a trazia em carruagem de praça.

Ora na tarde d'esse dia, estando meu tio á porta a ver quem passava, e dirigindo machinalmente o olhar para o canto da rua nova des *Petits-Champs*, viu vir um omnibus do caminho de ferro do Norte e approximando-se parou deante do seu armazem.

N'este omnibus vinham duas senhoras, das quaes, uma era minha avó, que se apeou, e seguindo o carro o seu caminho, levou a outra senhora exactamente como havia sido vista em sonho, isto é, vestida de preto e tendo um cesto sobre os joelhos. Imaginai a estupefacção geral ! Minha avó julgando que nos fazia uma surpreza, e meu tio fazendo lhe a narração de seu sonho !

PAULO LEROUX
Neubourg (Eure).»

Detenho-me n'estes testimunhos, porque de mais, hoje em dia basta sómente abaixarmo-nos para colhermos tantos quantos quizermos.

As sciencias mais rigorosas, as mais positivas, apenas se estabelecem sobre apreciações do nosso raciocinio e a propria astronomia, esta rainha das sciencias, tem por base a theoria da gravitação, da qual Neuton, seu fundador, dizia simplesmente : «as cousas passam-se como se os corpos celestes se attrahissem na razão directa das massas e na razão inversa do quadrado das distancias.»

Pois bem, perante os phenomenos de telepathia, perante os exemplos de visão a distancia pelo espirito, sem auxilio dos orgãos corporaes, perante este facto mais mysterioso e mais incomprehensivel ainda do futuro visto rigorosamente por uma visão mental, eu digo :

«As cousas passam-se como se no organismo humano houvesse um ser psychico, espiritual, dotado de faculdades de percepção ainda inexploradas.

Este ser, esta alma, este espirito opéra e percebe por meio do cerebro, mas não é uma funcção material d'um orgão material.»

Eis ahi, segundo me parece, conclusões logicas, que o mais escrupuloso e o mais austéro methodo não póde illidir.

E julgo-as superiores ás affirmações despidas de provas, fundadas n'uma crença cega. A crença, os pretendidos milagres, o martyrio mesmo, nunca provaram cousa alguma, porque têm estado ao serviço de todas as causas, religiosas ou politicas, as mais diversas, as mais contradictorias, as mais infundadas.

Só a sciencia póde esclarecer verdadeiramente a humanidade.

CAMILLO FLAMMARION.»

Sessões com o medium Charles Eldred

(Continuação)

SEGUNDA SESSÃO

Na quarta feira, 2 d'agosto, tivemos a segunda sessão. Reunimo-nos na pequena sala do andar unico da casa, mas com um de nossos amigos a mais, o sr. Blackwell, de Londres, que me acompanhou d'esta cidade e que é bem conhecido dos espiritualistas inglezes por suas investigações e por sua magnifica collecção de photographias psychicas.

Foi elle que, fechada a porta, metteu a chave no bolso e ahi a conservou durante toda a sessão; foi elle que examinou o gabinete e levantou uma parte da passadeira e oleado, como eu já fizéra precedentemente.

Blackwell sentou-se na segunda fila, sobre o banco, entre os srs. Grabow e Walters, ficando nós como na primeira sessão. E como no domingo precedente, o sr. Edwards acompanhou o canto no harmonium e recitou uma prece em vóz alta.

O espirito que primeiro se mostrou foi o guia principal, Arthur, irmão do medium. Expoz á nossa vista os braços nús, e de novo verificamos a facilidade com que fabrica o branco e leve tecido envolvente.

Entregou-nos ainda as luzes d'espirito «*spirit lights*» e desmaterialisou se diante de nós, bastante á frente do gabinete, depois de nos ter mostrado os pés nús, um após outro de sob o longo vestido.

Esta roupagem tomava-a elle nos braços, desapparecendo tudo até á cintura, pés, pernas e ventre, até ficar só o busto e a cabeça; e depois, agitando e deixando-a cahir até ao pavimento, marchava com facilidade na sala, com claridade bastante para nos permittir notar seus menores movimentos.

Arthur entrou no gabinete, afastou completamente as cortinas e collocou-se ao lado do medium adormecido; levantando os braços, desandou por si a torneira do gaz, cujos tubo vem do gabinete.

N'este momento a luz é bastante intensa.

Blackwell, que tem assistido a numerosas sessões de materialisação tanto na Europa, como nos Estados Unidos e Canadá disse-nos que nunca

tinha visto produzirem-se taes phenonemos com luz branca tão forte.

Arthur repetidas vezes se inclinou sobre seu irmão, abraçou o, e ao passo que nós observamos o gesto, apercebemos o som de beijos.

Depois vimol-o dar pequenas pancadas no braço do medium e o som d'ellas vinha até nós.

Em seguida Arthur fechou as cortinas e logo uma forma feminina sahiu do gabinete.

Essa forma vinha por causa de M.me Eldred que reconheceu sua tia.

A esta succedeu o general escossez, que de passo rapido veiu perto de nós, fazendo a continencia militar.

Um espirito que outr'ora habitára aquelle localidade e que era bem conhecido, approximou-se de nós com bastante força; em especial parou defronte do sr. Edwards, sentado á direita de minha mulher, e a pedido d'esta, estendeu-lhe uma ponta de seu vestido branco, permittindo-lhe de o apalpar.

Diz minha mulher ter observado que o tecido era d'um branco mate, muito leve e fino, ainda que intransparente e cujos fios se faziam sentir.

Um dos assistentes pediu a este espirito para cobrir com uma parte do vestido o sr. Edwards, e o espirito, depois de ter magnetisado o tecido, collocou uma parte d'elle sobre a cabeça e hombros do sr. Edwards, que assim ficou envolvido.

Entrando o espirito no gabinete, a luz foi diminuida, e uma criança, afastando as cortinas, saiu sem ousar avançar, talvez por não ter forças.

Perguntamos-lhe para quem vinha, e á voz de minha mulher e minha, fez-nos signal; levantamo-nos e fomos; reconheci meu filhinho fallecido ha 5 annos e 5 dias, com 19 mezes d'edade. Agora tem apparencia d'um pouco maior, como o tenho visto pela clarividencia no seu desenvolvimento.

«Es-tu, meu René?» perguntou com emoção minha mulher. O menino inclinando a cabeça, disse muitas vezes: «sim».

Não podendo tocar-nos nem ser tocado, retirou-se, como chamado por outros espiritos.

Como a phisionomia não podesse ser bem vista, minha mulher, nada quer affirmar não obstante ter a convicção de que era em verdade nosso querido filho.

Na vespera, na sessão do medium Husk, em Londres, nosso filho embora invisivel, estava presente: a mão de minha mulher foi tocada pela d'uma creança, e perguntando se era «René», a resposta foi affirmativa, ouvindo-se dizer: « vou tocar no papá», e uma pequena mão me acariciou a mão esquerda.

Ainda os espiritos tentaram auxilial-o a materialiar-se.

Um d'elles tomou uma ardosia luminosa de sobre a meza, levantando-a para illuminar a creança, com a rapidez d'um relampago.

O sr. Garsault e eu vimos apenas uma claridade; minha mulher viu porém a forma infantil fundir sobre o soalho, e M.me Bossel viu uma forma de creança.

Com o medium Williams o menino não pôde ainda materialisar-se.

Minha mulher dirigiu-se-lhe, e ouviu-se uma pequena voz em tom desesperado: «Sou muito pequenino, mamã!... sou muito pequenino!»

«Boa noite papá... boa noite mamã?»

Continuando a sessão de Eldred; depois sahiu do gabinete uma forma masculina, bastante alta e com barba no queixo. Avançou de passo firme para Blackwell, chamando-o, e este foi, collcando-se-lhe na frente e perguntando-lhe se era parente ou amigo. Houve um acêno negativo.

«Photographastes-vos commigo?» perguntou Blackwell. O espirito inclinou-se.

Eu examinava a bella presença do espirito, que procurava mostrar-se bem; Blackwell hesitava, e eu não o podia reconhecer, porque o não tinha cônhecido em vida.

N'isto o espirito, como impacientado de seus esforços para bem se mostrar, tomou uma posição a tres quartos, afastou das fontes a roupagem que lhe envolvla a cabeça, e assim a luz do gaz o illuminou melhor.

Reconheci-o então, posto que nunca o tivesse visto. Parecia-se com os retratos dos ultimos annos da sua vida terrestre; era com effeito a exacta reproducção da figura posta no frontispicio da maior parte dos exemplares de suas obras. Era Carlos Dickens. Blackwell, no mesmo momento em que eu o reconhecia, perguntava: «E' Carlos Dickens? e o espirito respondia affirmativamente. Demorou-se ainda alguns instantes e deixou-se vêr bem por todos nós.

Blackwell contou-nos depois, que tinha sido proprietario d'uma casa outr'ora muito amada de Dickens, na qual costumava a passar o verão.

O grande escriptor inglez tinha-se-lhe já manifestado n'esta casa, e quando mais tarde Blackwell nos mostrou uma photographia psychica de Dickens, eu e minha mulher podemos notar a similhança.

Explicou-nos nosso amigo, que se tinha hesitado em reconhecer o espirito, era porque, nunca tendo visto Dickens senão em retrato, julgava que elle era mais trigueiro e os cabellos da forma materialisada pareciam-lhe mais claros.

A mim parece-me que eram mais grisalhos do que loiros, e é esta tambem a opinião de minha mulher.

O espirito que em seguida se manifestou veio por minha causa.

Avançou para mim com um passo um pouco mais hesitante do que Carlos Dickens.

Era de estatura mediana e tinha tanto a barba como os cabellos castanhos.

Perguntando-lhe minha mulher e eu para quem é que elle vinha, logo me indicou a mim.

Levantei-me e minha mulher acompanhou-me n'este movimento.

O espirito então afastou o veu de cima das fontes, para que o podessemos reconhecer.

Olhamos bem, mas não podemos reconhecel-o.

Perguntei se era meu parente; fez signal que não.

«Conheceu-vos meu marido?» perguntou minha mulher. Ainda um signal negativo.

«Viu o vosso retrato?

Signal affirmativo.

«Sois vós um guia?» perguntou de novo.

Elle respondeu: «sim».

«Um escriptor talvez» inquiriu ainda.

E o espirito respondeu tambem affirmativamente.

Com as mãos a fórma apartava ainda mais os véus que lhe cercavam o rôsto, e eu forcejava trazer á lembrança os retratos d'escriptores, mas não consegui identificar um d'estes retratos com o espirito que tinha diante de mim. A barba me illude e leva-me a pronunciar o nome d'um escriptor recentemente fallecido, e o espirito responde com um signal negativo.

N'este momento, vejo bem a fronte, os olhos, o nariz grande e identifico-os com o retrato e gravuras d'um notavel escriptor francez.

Reconhecria este escriptor se não tivesse barba, que em vida lhe não conheci ; todavia enuncio o nome d'aquelle que me parece ter reconhecido, e o espirito inclina-se affirmativamente, toma-me a mão e m'a aperta.

Confuso balbucio : «Não sois vós ?» e minha mulher exclama : «Ah ! sois vós !... Sabeis que vos admiramos tanto !»

Isto é verdade e explicaria talvez a rasão porque o espirito veio mostrar-se a seus admiradores. Depois de ter reunido todas as obras, todos os documentos que podiam pôr-nos ao facto de sua vida, ensinar-nos os segredos de sua arte, emfim conhecel-o bem, estudamol-o especialmente durante bastante tempo, eu e minha mulher, e ainda na vespera d'esta manifestação, fallamos muito d'elle, em Londres, com um inglez, aquem persuadimos que lesse e amasse este grande francez.

Entretanto pedi ao nosso visitante para me dar a mão se podesse, fazendo elle signal que sim.

Estendi a mão, onde elle depôs uma das suas, e a outra collocou-a por baixo da minha, que durante algum tempo assim ficou cerrada.

Ao apertar-lhe a mão, senti que era bem uma mão, de carne e quente.

Apalpei tambem até á primeira phalange seus dedos, ainda que delgados, de forma elegante.

Este escriptor de facto, quando vivo, tinha umas bellas mãos.

Minha mulher pediu-lhe, para tambem lhe apertar a mão, o que o espirito cordealmente fez. Diz ella que os dedos, que legeiramente cerrou, eram longos e delicados.

Fallarei agora da mais tocante e por ventura melhor identificada manifestação de todas aquellas a que assistimos.

Depois da apparição do grande escriptor, appresentou-se uma forma feminina.

Dirigiu-se logo para o sr. Garsault, e para sua filha, M.me Bossel, que se levantou de subito, exclamando : «É a mamã !»

Então o sr. Garsault, muito commovido e traduzindo o sentimento no tom de voz, — avançou estendendo os braços e exclamando: «E's tu!»

O espirito lançou os braços em redor do collo do sr. Garsult, cingiu-se affectuosamente a elle, envolvendo-lhe todo o rôsto.

M.me Bossel cahira de joelhos, extendo as mãos. Então o espirito voltou-se para ella, tomou-lhe as mãos, murmurando palavras que não pudemos perceber e levantado-a sem esforço.

O sr. Garsault disse, depois, que tinha reconhecido perfeitamente sua mulher que se tinha deixado abraçar pelo maneira peculiar como outr'ora tinha o costume de fazer.

Accrescentou que, estreitando o espirito nos braços, tinha sentido o

seio de sua mulher atravez da roupagem, e que o mesmo halito quente da forma materialisada lhe tinha passado sobre a cara.

Esta manifestação foi a ultima da segunda sessão. Depois que o espirito se internou no gabinete, ouviram-se duas pancadas; o sr. Edwards levantou-se e fez uma prece; depois entoaram-se cantos durante algum tempo, até o medium voltar a si.

(Continúa.) CHARLES LETORT E ELLEN S. LETORT.»

Um interessante discurso do professor Barret

Escusado será encarecer o valor do illustre conferente, professor da Universidade de Dublin, ex-presidente da Sociedade Ingleza d'Investigações Psychicas, logar hoje brilhantemente occupado pelo emerito phisiologista Charles Richet.

Em 20 d'outubro do anno passado fazia o professor W. Barret, na *London Spiritualist Alliance*, um notavel discurso, cuja summula vamos dar:

«Nem o logar nem a opportunidade são proprios para fazer considerações sobre a obra desempenhada pela Sociedade de Investigações Psychicas, no periodo dos ultimos vinte e tres annos.

Este instituto contribuiu a modificar a opinião publica sobre estas questões e confirmou a realidade dos phenomenos, que outr'ora apenas chamavam sobre si o ridiculo...

Como já tive occasião de dizer em meu discurso presidencial de janeiro ultimo, nós devemos muito a estes bravos pioneiros, que como nós, têm tido a coragem de fazer investigações e proclamar sua crença em phenomenos que a maioria do publico despresava e repellia.

Estes phenomenos, tanto tempo desprezados pelo preconceito, eram todavia os mais importantes para nosso interesse e nosso exame, pois que se referiam a nada menos que a communicações entre as intelligencias visiveis e invisiveis.

Era realmente o espirito da verdadeira investigação scientifica o que animava estes primeiros pesquizadores.

Vós e os que vos precederam, affrontasteis o ridiculo e a perseguição social para fazer estas investigações e para declarar e manter o que tinheis como verdadeiro.

E todavia, appellidaram-vos de supersticiosos! Não, Senhores, não é a vós que esse titulo pertence; supersticiosos são os que recusam fazer investigações e enterram a cabeça na areia. (*Vozes d approvação!*).

Com effeito, que é a superstição? — O receio do desconhecido, como dizia Charles Kingsley, é a base e a essencia da superstição; receio de que alguma convicção religiosa possa ser abalada; receio de que alguma opinião preconcebida ou qualquer dogma seja destruido, receio de que se possa rir de vós ou dos outros.

O medo é, repito-o, a essencia da superstição; por isso affirmo que

os supersticiosos do nosso tempo não são sómente os credulos que existem em todas as communhões, mas tambem os incredulos que recusam examinar as questões e inventam toda a especie de hypotheses absurdas, para evitar pôr em duvida o dogma dos nossos modernos saduceus — de que a personalidade não póde existir sem um corpo visivel. (*Muito bem!.*)

E' e bem poderá ser sempre impossivel obter uma certeza logica e mathematica respeitante á existencia d'uma ordem de seres invisiveis.

Mas o raciocinio formal e logico, como o prova Newman, não consiste no methodo que nos permitte, em linha de facto, obter a certeza do que é concreto.

O methodo real e necessario, diz o Dr. Newman, «é a acumulação de provabilidades, independentes umas das outras, derivadas da natureza e do caso especial de que nos occupamos.

E' por esta rasão que eu sustento que a verdade das communicações espirituaes e de todos os phenomenos a que prestaes o vosso assentimento, deve ser julgada d'esta fórma, isto é, pelas provas tomadas em seu conjuncto.

Se assim fizermos, as provas que possuimos pódem cathegorisar-se em dois grupos, não tendo comtudo entre elles uma linha definitiva de demarcação.

A causa dos phenomenos pertencente a um d'estes grupos parece ser o resultado de certas forças, que residem latentes na nossa personalidade humana presente, e que nos são reveladas pelo organismo especial do que se chama um medium.

No outro grupo mais restricto, a causa parece estar nas mesmas forças, exercidas agora por *personalidades invisiveis*, algumas das quaes viveram já sobre a terra; isto é, o inconsciente do medium seria o instrumento, *do qual*, no primeiro caso, e *pelo qual*, no segundo, nos vem a communicação.

Naturalmente não é preciso concluir d'aqui que todas estas ultimas communicações teem uma origem ultra-terrestre, pois hoje todos sabemos que influencias telapathicas, vindas de pessoas distantes, pódem dar-lhes origem.

Digo isto de passagem, unicamente para recordar quanto cumpre submetter as manisfestações espiritualistas a um exame rigido, antes de pronunciar-se sobre a sua proveniencia.

Com effeito por mim sustento energicamente que o «Continente Obscuro», que em nós mesmos existe, contem mais alguma cousa que as recordações do passado e as impressões esquecidas.

Como vós eu tambem proclamo que ha alguma cousa de *supra liminal*, bem como alguma cousa de *subliminal*, tendo as faculdades mais elevadas de nossa consciencia um laço que prende nossa vida individual á fonte da mesma vida, ao oceano da vida universal.

E n'isto acreditou e isto affirmou esse profundo philosopho, Kant, que antecipando nossos conhecimentos actuaes, tão limitados ainda, disse ha tanto tempo já:

«E' pois quasi provado que a alma humana, mesmo n'esta vida, se acha em communhão indissoluvel com todas as naturesas immateriaes do mundo espiritual, que opéra directamente sobre ellas, e d'ellas recebe impressões, que todavia não apercebemos no estado normal.

E um pouco mais adiante : «E' pois realmente um só sujeito pertencendo, ao mesmo tempo, ao mundo visivel e ao invisivel, mas (como as representações sensoriaes de um d'estes mundos não estão associados com as idéas do outro) o que eu penso como espirito não é lembrado por mim como homem.»

Taes foram as notaveis affirmações d'este grande pensador ; iguaes idéas teem sido exprimidas por outros, antes e depois de Kant. Ha certamente um mundo para além do nosso conhecimento normal, do qual não estamos separados nem pelo espaço, nem pelo tempo, mas tão só pela barreira das nossas percepções sensoriaes. Esta barreira constitue o que justamente se tem chamado limiar da sensibilidade, e que limita a superficie da nossa consciencia.

O organismo d'uma ostra, por exemplo, tem um limiar muito baixo, d'onde ella não póde perceber quasi parte alguma do nosso mundo sensivel.

Do mesmo modo o organismo physico é uma barreira que o separa do mundo vasto e transcendental de que fórma parte ; mas este limiar — e eis o ponto estabelecido por nossas investigações — não é inamovivel. Por vezes é deslocado em extase, nos sonhos, no somno hypnotico ; o espirito humano percorre, em certas occasiões, temporariamente, «os mundos inexplorados» por nossos sentidos. Na clarividencia, nos estados profundos d'hypnose e no somnambulismo, o limiar encontra-se muito afastado ; uma consciencia mais elevada e mais profunda vem á superficie e ultrapassa as noções da nossa vida ordinaria. Esta intelligencia que bem poderia chamar-se com mais justeza a consciencia supraliminal, tem faculdades e percepções mais vastas e mais profundas que a da nossa consciencia normal.

D'aqui podemos deduzir que a morte desloca ainda mais e d'uma maneira permanente o limiar de que se trata ; a consciencia sensorial constante desapparece, e esta faculdade perceptiva e raciocinante que nos clarividentes se nos mostra independente do corpo, não deve provavelmente poder ser destruida com elle.»

Os *Annaes de Sciencias Psychicas* d'onde é tomado este extracto, commentam ainda : «Inutil será dizer que o discurso do professor Barret, d'uma feição tão espiritual, foi vivamente applaudido n'este meio, em que alguns annos antes, havia sido friamente acolhida uma conferencia feita por um ontro physico eminente, Sir O. Lodge, que em breve devia ser um dos predecessores de Barret na presidencia da Sociedade d'Investigações Psychiças.»

RELANCE SOBRE OS PHENOMENOS PSYCHICOS

Reproduzimos o seguinte artigo do Dr. Moutin, bem conhecido por seus estudos na especialidade.

«Vejo, com grande prazer, que muitos de meus collegas se interes

sam pelos estudos psychicos, não receiando já fazer conhecer o resultado das suas pesquizas. Ao lado dos que já se conhecem, muitos outros experimentam e estão promptos a publicar o resultado de suas observações.

O Doutor Toudeur, de Aunemasse (Alta Savoia) teve a boa fortuna de encontrar um sujet admiravelmente dotado, que produz — elle experimenta com um grupo de Geneva phenomenos muito importantes e muito variados: este medium mereceria ser tão procurado como a Paladino.

Estou persuadido de que os bons mediuns não faltam; é questão de os procurar; infelizmente, uma vez encontrados, não querem sempre prestar-se ás experiencias.

Nos ultimos tempos li um trabalho manuscripto do Doutor Toudeur, trabalho que sem duvida mandará imprimir, pois está bem concebido, no qual o auctor passa á luz da razão e da sciencia os phenomenos que observou.

Seria demasiado longo, se quizesse enumerar apenas os factos relatados por meu collega; de mais estes factos são conhecidos no espiritismo salvas as variantes, tendo sido observados por outros investigadores.

A parte philosophica do seu trabalho é simplesmente admiravel.

Pelo que toca á parte experimental, permittir-me-hei fazer-lhe uma ligeira critica.

Acho — abstracção feita da boa-fé dos asssistentes — que as precauções scientificas poderiam ser mais rigorosamente tomadas e em summa que as experiencias não foram bem dissecadas.

Devemos, se queremos chamar a attenção dos doutos, dos scepticos sem preconceitos, responder, d'antemão, a todas as objecções, collocando-nos em condicções exprimentaes inatacaveis: isto é facil, pondo em pratica o modus faciendi dos sabios que tem estudado estes phenomenos.

Antes de tudo, que bnscamos?

A verdade.

Cumpre pois evitar com o maior cuidado forjar armas contra nós mesmos.

Um outro medico muito conhecido, morador n'uma grande cidade do sul, estuda, desde algum tempo, os phenomenos psychicos.

Não estou auctorisado a declarar o seu nome: quer elle por motivos pessoaes, guardar momentaneamente o incognito.

Eis a maneira d'operar e algumas de suas experiencias:

As sessões fazem-se n'uma sala quasi desguarnecida; apenas quatro cadeiras, duas mezas e alguns pequenos objectos: pandeiro, campainha, cascaveis, trombeta, etc..

Quatro pessoas, incluindo o medium, estão sentadas em volta d'uma pequena meza, e ao lado, encontra-se uma outra meza quadrada, sobre que ficam collocados os pequenos objectos acima referidos.

As experiencias fazem-se em casa do medico, e apesar da confiança que elle tem em seu sobrinho — é o medium — examina o em presença de dois amigos, antes de cada sessão, afim de evitar todas as objecções que poderiam fazer os incredulos, como o Dr. Philippe Davis.

Toma a temperatura e as pulsações do sujet antes e depois da sessão: verifica sempre que a temperatura e as pulsações augmentam durante as operações. Este phenomeno physiologico é mais accentuado quando

as manifestações teem maior intensidade e duração. Estas alterações physiologicas, como sabem todos os que estudam a questão, produzem-se com todos os verdadeiros mediuns.

As outras precauções tomadas são as seguintes: uma larga fita de panno está fixada ao pé da meza; d'ahi partem ramificações que veem ter aos pulsos dos assistentes, onde se atam e são selladas a lacre. O medico, principal operador, depois de ter tomado estas disposições necessarias, apaga a luz.

Estas sessões são ordinariamente divididas em duas partes: a primeira é feita em completa obscuridade, e a segunda em plena luz.

Ordinariamente, depois de alguns minutos, oscilações e pancadas se produzem sobre a meza; estas pancadas ouvem-se igualmente nas paredes, no soalho e no tecto da sala, em que se faz a experieneia.

Os objectos collocados sobre a meza ao lado — separada dos assistentes — são levantados alternadamente, e algumas vezes muitos ao mesmo tempo, e são levados por diversos pontos da sala; frequentemente veem tocar ou roçar pelos operadores, produzindo uma cacaphonia curiosa.

A mesa em que estão os objectos é muitas vezes deslocada, e quatro ou cinco vezes, no espaço de dois mezes, elevou-se até ao tecto.

Meu collega apalpando de todas as vezes os pés da mesa, pôde verificar muito exactamentamente a sua posição.

Os outros assistentes, ligados como estavam á meza pequena, não podiam fazer esta verificação.

Como disse, as sessões são divididas em duas partes. Após um quarto de hora ou vinte minutos — o que depende da fadiga do medium — accende-se a luz, e *sempre*, mesmo quando nenhum ruido se haja produzido, os objectos que servem ás manifestações, estão espalhados por sobre o pavimento.

E' inutil dizer que os sellos estão sempre intactos.

Por via de regra, depois de meia hora de repouso começa a segunda parte, mas sempre em plena luz; eis as disposições: — colloca-se sobre a meza uma caixa de madeira branca, hermeticamente fechada, de o,5o cent. de comprimento por o,3o cent. de largo.

Essa caixa além de fechada, fica para maior segurança tambem sellada.

Dentro d'ella são mettidos diversos objectos: ardosias, pélas fitas, flores, etc., etc..

Depois de cinco ou seis minutos d'espera, ouvem-se pequenos ruidos, attritos, raspadelas, e como signal convencionado — a força intelligente deve dar tres pancadas secas e espaçadas — quando a operação, está terminada, abre-se a caixa.

Repetidas vezes encontra-se a escripta, em diversas côres, sobre as ardosias; as mais das vezes é a côr amarella — oito vezes sobre dez — outras vezes, phenomeno mais raro, cada linha tem sua côr particular; e cousa curiosa, apesar da analyse mais meticulosa, nunca se pôde descobrir o menor vestigio de côr na caixa.

Ha dias em que as ardosias ficam limpas de escripta, mas então teem desapparcido os diversss objectos. Frequentemente encontram-se espalhados pela sala, e n'outras occasiões só são encontrados passados dias e em logares fóra da sala das experiencias.

Os phenomenos obtidos por meu collega são excessivamente interessantes e muito notaveis ; por isso vivamente desejo que obtenha outros mais convencentes, pois estou certo que não tardará a fazel-os conhecer officialmente.

Estas provas scientificas chegarão a proposito, ao menos o espero, e serão um reforço importante para o triumpho definitivo da verdade.

Não pude descrever aqui todas as meticulosas precauções tomadas por meu collega ; mais tarde elle mesmo supprirá esta lacuna no trabalho que se propõe publicar-

Pelo que precede vê-se, que pretendi simplesmente fazer conhecer aos leitores, não phenomenos novos, mas novos experimentadores ; busquei mostrar-lhes quanto estes estudos conseguem interessar até os indifferentes, inicialmente inimigos do assumpto, e fazer vêr a importancia que dia a dia e perante os homens de sciencia, vae tomando a questão, que nos importa em gráo supremo.

(Da *Tribuna Psychica*, n.º 30)

DR. MOUTIN.»

Sessões em Lisboa — Um caso de levitação

Em 28 d'agosto passado presidiu o signatario a uma sessão em Lisboa, a que assistiram, além de outras pessoas, o sr. Dr Martins Velho, Fernando de Lacerda, Antonio de Paula Roberte, D. Ernestina do Espirito Santo, D. Emilia Campos, etc., e em que foi medium S. S.

D'essa sessão vou destacar um incidente, que por um conjuncto de antecedentes, circumstancias e provas, parece estabelecer que o medium se levantou da posição horisontal em que estava, a uma altura de cerca de 0,70 centimetros, sem appoio algum que o sustentasse no ar.

Primeiramente começou a envolvel-o como uma luz astral que lhe irradiava sobre tudo do peito.

Depois as extremidades digitaes começaram a escoar em grande quantidade phosphorescencias, que por vezes rolavam sobre elle e eram bem unanimemente vistas por todos os assistentes. Ainda depois, tornaram-se bem visiveis como fócos de irradiação os olhos e a bocca, distinguindo-se nitidamente, estes orgãos como fonte de luz e sendo a tal respeito uniforme o testimunho de todas as pessoas presentes.

Passado algum tempo todos estes pontos luminosos se altearam, de forma que não havia duvidas sobre a elevação do medium, pois ficando elle primitivamente deitado em posição mais baixa do que as cadeiras dos assistentes, via-se claramente que os fócos de irradiação se elevavam no espaço.

Pediu então o signatario ao sr. Fernando de Lacerda para sahir da corrente, ligando-a pelos seus confinantes, a fim de verificar a posição do medium, o que elle fez.

Verificou então o sr. Fernando de Lacerda que o medium estava n'uma

posição horisontal, mas elevado sobre a *chaise longue* cerca de 0,70 centimetros, affirmando mais d'uma vez o sr. Lacerda que lhe correu inferiormente as mãos desde os pés á cabeça e que não encontrou ponto d'appoio.

Descido o medium á posição primitiva, novamente se viram altear as formas luminosas, indo na direcção do sr. Dr. Martins Velho que diz ter sido tocado perto do hombro pela cabeça do medium.

Foi então que o medium resvalou por se ter rompido a corrente, sendo outra vez reposto no seu logar pelo sr. Fernando de Lacerda.

Ora n'uma outra sessão em que o medium ficou na corrente como assistente, já eu notei outro principio de levitação, a ponto de D. Ernestina que lhe prendia a mão direita, não o poder sustentar, deixando-o elevar-se e vendo-se coagida a deixar romper a cadeia.

Pelo conjuncto d'estes factos e sobre tudo, porque se corrobóra a unanimidade dos assistentes ao verem subir toda a luz astral irradiada pelo medium com a verificação feita e repetidamente affirmada pelo sr. Lacerda, a levitação parece ter-se realisado, como se vê tantas vezes relatado em sessões analogas.

Souza Couto.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

— *A Immortalidade da alma*,» pelo dr. J. D. de Leon, traducção de Domingos Duarte Velloso ; Curityba.

O auctor é lente de sciencias na Escola Nacional do Mexico, e o traductor dirige superiormente a revista *A Doutrina*.

A leitura do magnifico trabalho convenceu-nos de que o dr. Leon, n'uma alliança rara, consegue impor-se á nossa admiração como naturalista do melhor quilate, phisiologisia sagaz, psychologo no sentido moderno da palavra, theosopho versado, e philosopho profundo.

O seu livro é uma marcha firme, segurissima por todos esses dominios, tocados com uma elevação desusada. E n'essa ascencão, agitando a questão importantissima da immortalidade, o erudito escriptor busca o argumento na observação positiva, nos pontos valorisados da sciencia actual, sem recurso á metaphysica esteril em conclusões seguras.

Ao benemerito traductor o nosso agradecimento.

— *Principios Theosophicos*», por Aimée Blech, traducção e commentário de H. Serra.

A publicação é feita pela casa editora Laemmert & C.ª, do Rio de Janeiro e S. Paulo, e o assumpto é dos mais interessantes, alliando ao valor intrinseco a mais elevada fórma literaria.

O traductor, Henrique Serra, redactor do «Mundo Occulto» de Campinas, é um patricio que nos honra no hospitaleiro Brazil, pela cultura invulgar da sua intelligencia e pela força tenaz da sua vontade, postas ao serviço d'um grande ideal.

A todos o nosso reconhecimento.

N.º 8 JANEIRO DE 1906 ANNO 1.º

ESTUDOS PSYCHICOS

REVISTA MENSAL DE ANIMISMO
E ESPIRITISMO EXPERIMENTAL

Director — DR. SOUSA COUTO

COLLABORADORES — Drs. Maxwell, Laurent de Faget, De Reyle, Wolowski, Marzorati, Roso de Luna, Quintin Lopes, Martins Velho, etc.

Escriptorio — Rua do Ouro, 149, 2.º LISBOA

A CRITICA E OS CRITICOS

III

A objecção de que o anonymato envolve muitos d'estes trabalhos, não tem o valor que se lhe attribue.

Não estamos nós mesmo respondendo a um anonymo?

E significa isso que o artigo não foi meditado e escripto por alguem?

Mas nem o anonymato nos trabalhos psychicos é geral, nem elle se póde interpretar de fraqueza de prova, senão attribuir-se a outras causas.

E' certo que muita gente não tem coragem da affirmação publica d'estes phenomenos.

A conveniencia, o receio, a gravidade, mil nadas de educação ou do meio, induzem a occultar o nome do observador.

Em compensação nós citâmos nomes e instituições, sendo certo que as obras e as revistas d'estes estudos estão cheias de relatos, firmados franca e abertamente pelos assistentes.

Quando, porém, tal argumento valesse a anniquilar a realidade e o futuro d'uma descoberta, dir-se-ia que o magnetismo nunca conquistaria fóros de verdade — e elle triumphou das porfiadas batalhas da ignorancia e da cegueira incuravel do preconceito.

E não é só nas obras de magnetismo e hypnotismo, desde Lafontaine até Bernhein, que se encontram, em series de casos, as iniciaes e os anonymatos nas experiencias, é mesmo nas communicações hodiernas feitas por celebridades medicas aos institutos sobre psychologia normal ou psycho-pathologica, que esse uso se mantem, por considerações bem obvias ao animo sensato e imparcial.

Assim pois este argumento não tem valor algum, e denuncía apenas da parte de quem o invoca, ou uma acidez impropria da serenidade d'uma discussão ou despreso de considerações ponderaveis, attendidas em trabalhos analogos e respeitadas por todos os investigadores.

Se o auctor dos artigos que estamos analysando, assistisse um dia a sessões de que fossemos relator e nos expusesse a conveniencia de substituir ao seu nome inteiro as iniciaes, não deviamos nem podiamos ser tão exigentes, que o não permittissemos.

A par d'estas faltas de coragem communs á nossa especie e meio, occorrem tambem motivos justos de reserva, que não é licito desprezar.

O signatario, porém, não póde ser accusado de se occultar sob anonymatos ou iniciaes, porque sempre considerou virtude a hombridade d'uma affirmação sincera e trabalhosamente radicada.

E' por isso que seus artigos se paternisam sempre com a firma insophismada de seu nome.

Passa depois o critico uma fugaz revista ás sessões de William Crookes, e, esquecendo mil experiencias concordantes, muitas vezes realisadas com inultrapassaveis cautelas, e proclamadas até em indagações modernissimas, formúla uma objecção verdadeiramente médieval.

E é que, se a alma contém os elementos creadores d'um organismo e póde revestir a forma humana objectiva, é escusada a fecundação e a vida uterina!

Depois entra na dissertação demonstrativa, caminhando, n'uma especulação obscura, atravez d'um labyrintho de palavras, cuja nervadura logica não podémos surprehender certeiramente.

Mas embora; respondamos á cabeça da objecção.

A idea-ariete, que tem brechado a muralha da ignorancia e arrazado os reductos de vetustas noções, é esta, sempre na vanguarda de todos os descobrimentos novos: a dialectica do passado não póde embargar o passo ao progresso; a especulação firmada nos conhecimentos de hoje não póde destruir as descobertas de amanhã; o modo de vêr, o raciocinio, o preconceito individual são sombras que ladeam a eloquencia incoercivel dos factos; porque o facto é como um monumento de bronze e a critica preconceituosa como o sôpro d'ébrio que pretendesse derruil-o.

Ora os factos existem; as materialisações são factos reaes, hoje certificados por milhares de pessoas; o signatario mesmo já presenceou *materialisações* parciaes que deixaram irrecusaveis e duradouros vestigios de realidade, e esta certeza plena só poderá apagar-se de seu cerebro, quando toda a memoria se diluir.

Mas terá a objecção alguma base, ao menos de apparente fundamento?

Nem isso; ella é a auto-condemnação do arguente, apresentando-o despido de toda a preparação para o debate.

Como é que elle comprehende e póde sustentar, *pela materialisação*, a desnecessidade da vida uterina?

Porque nem possue ao menos os dados essenciaes do problema, nem distr bue ou relaciona sufficientemente os poucos que conhece.

Todos os investigadores sabem, que a *materialisação* é feita á custo dos elementos materiaes do medium principalmente, porque a assistencia é um menor tributario; e para esse phenomeno se dar, não só o organismo do medium perde peso — o que por vezes se tem verificado— pela irradiação, como o proprio medium entra no estado de transe, e de abandôno psychico, parecendo que como que desapparece a sua individualidade.

Demais as *apparições* são instaveis e mais ou menos fugazes, sempre attentas e cuidadosas pela vida do medium a quem logo vão restituir os elementos que lhe hauriram.

A materialisação, portanto, é a constituição ephémera d'um corpo á custa d'um outro corpo, é uma desintegração um emprestimo, que não póde dar á forma nova uma vida integral, independente e viavel.

Todas as experiencias conduzem sempre a esta conclusão e em consequencia a affirmativa de que a materialisação não póde supprir a vida uterina..

E' por esta e por o desenvolvimento posterior e progressivo do sêr, que o muleo animico se adapta perfeitamente, n'uma vida de relação plena, com o organismo que elaborou lentamente, com o edificio que construiu e que é o seu *habitat* proprio.

Ou julgava o articulista que assim não era? ou queria reconstituir uma vida á custa d'outra, anniquilando-a em prol d'aquella?

Ou queria legitimar esta appropriação definitiva, custasse embora uma existencia, desapossada d'aquelle a que pertencia?

Nada d'isso póde ser.

O sêr psychico que formou, em vagaroso rude labor, um corpo, um organismo, domina-o e rege-o, e para tanto tem de o construir cellula a cellula desde o ovulo.

O mais que as experiencias têm conseguido, é que um outro sêr psychico aproveite momentaneamente esse organismo formado, para manifestações breves e variadas, mas abandonando-o prestes ao seu legitimo dôno.

Se o critico tivesse presenciado algumas das multiplas modalidades da interferencia animica alheia nas manifestações medianimicas, havia de reconhecer o descabido da sua objecção.

Para as manifestações d'incorporação, para as d'escripta mecanica, para as de materialisação, etc., a vida como que sae do medium, cujo estado de transe o torna uma móle inerte, machina passiva, inconsciente, abatida na prostração lethargica do anniquilamento.

Quantas vezes o tenho observado!

A's vezes só os labios se movem n'uma articulação syllabada, intermittente, pausada e tenue, como se a personalidade que se manifesta, só podesse mover a custo aquelles orgãos.

Outras vezes, é só a mão que se move para traçar a escripta e nem força tem para suster o lapiz, que é preciso atar.

E n'este estado, se o braço resvala da mesa, nem sequer o medium o póde levantar.

Quando as materialisações mesmo parciaes se dão, ao menos pelo que tenho observado, o medium encontra-se no mais fundo estado de abatimento e inconsciencia, parecendo que a vida por um momento o abandonou.

N'estes estados, tenho já explorado a sensibilidade dos *mediums*, e quer na lethargia quer na catalepsia, tenho encontrado a anesthesia, resistindo a picadas profundas.

Vê-se assim, que a objecção se desvanece como o fumo, pois nem a materialisação dá vida resistente e perduravel, nem será jamais licito reconstituir um organismo á custa d'outro, uma vida em sacrificio de outra vida.

Não ha por isso uma duplicidade inutil, como affirma. Se a inutilidade existe é nos dados do seu criterio, na nesga estreita do seu olhar, que não vê, que não conhece a genése, a complexidade e a particularidade do phenomeno.

Não é certo, segundo pretende, que o espirito contém os elementos creadores d'um organismo.

O espirito não cria, appropria os elementos extranhos, na estructura do organismo: appropriação lenta, quando edifica o proprio corpo, que será seu organismo normal e permanente; appropriação rapida, temporaria, breve e incompleta, quando se materialisa medianimicamente.

Ainda se a objecção se urdisse na implausibilidade d'esta appropriação rapida, poderia ter o merito de apparente valor ; mas nem assim.

A irradiação odica é um facto demonstradissimo.

A perda de peso dos mediums materialisantes, durante a sessão, é outro facto averiguado.

E estes factos nos induzem á admissão de inesperados corollarios.

Nós sabemos que o diamante é produzido por um trabalho lento da natureza, e no entanto elle já se produz no tratamento rapido dos altos fórnos.

E' tão difficil comprehender e admittir que a sensibilidade se exteriorisa, como admittir e comprehender que a materia tambem se exteriorisa ; porque o primeiro phenomeno, hoje verificado, assenta propriamente n'uma emigração fluidica, que não deixa de ser material.

Temos a sinceridade e ao mesmo tempo o pezar de dizer, que não atinamos com a logica de varias passagens de taes artigos. Um exemplo textual : «Nós que não somos espiritas, acreditamos na sobrevivencia do espirito á decomposição da materia. Mas quanto mais espiritualistas somos nós, os materialistas, dentro dos nossos principios positivos, do que os illuminados d'essa seita espiritual... etc.»

Poucas perguntas inoffensivas :

Mas então o que é o articulista ? E' materialista ? E' espiritualista ? Não é nada ou não sabe o que é ? — Francamente não se percebe.

Diz que acredita na sobrevivencia do espirito ; mas que idea faz d'essa phase posthuma ? Crê n'uma abtracção da materia, como séde de energia e de força animica ? Mas como ?

Por outro lado é materialista-espiritualista dentro dos seus principios positivos ; mas que principios, que bases para tão paradoxal theoria ?

Os principios positivos, se os tivesse n'esta materia, devia tel-os conquistado ou cimentado no methodo experimental, que é o caminho seguro da sciencia, e não devia perder-se nos dominios estereis da especulação pura e por ventura mal servida de preparação.

Podemos convictamente repetir que o critico não é um investigador, nunca se internou aturada e attenciosamente n'estas pesquizas. A cada ironia, a cada phrase se denuncia esta notoria pobreza technica e theorica até, que torna irrito o seu esforço e incongruente a sua argumentação.

E estes defeitos mais avultam ainda na objecção final, em que interroga assim :

«Onde está pois a correlação entre a alma e a sua imagem ?»

Se bem comprehendemos, apezar do sombrio retincto do argumento, parece querer impugnar a materialisação, com a falta de relação entre o espirito e uma dada phase da sua vida terrestre.

Se é isto, cumpre recordar lhe noções ora esquecidas ou sempre ignoradas.

O principio animico é um substractum real, ou se quizer, um estado radiante da materia, que continúa a vida intellectual e consciente, apos a dissolução do corpo, — principio cuja existencia se revela nas proprias

manifestações do magnetismo e na complexa phenomenalidade animica.

Ora esse principio, «duplo» do nosso organismo physico, evoluciona.

Pela desintegração ou morte do corpo, continúa a existir no plano astral, ainda sujeito á evolução. Quando se materialisa, nada mais faz do que revestir-se temporariamente, de fórma que possa ser apreciado por nossos sentidos.

A materialisação é mais ou menos saturada, mais ou menos completa, segundo as possibilidades do medium.

As materialisações completas são menos frequentes, porque para ellas é necessario o transporte de grande quantidade de materia viva, irradiada pelo medium.

Ora estes mediums são um tanto raros, e além d'isso para chegarem a essa possibilidade de desintegração, carecem d'um desenvolvimento methodico e aturado.

Quando a materialisação se realisa, nada admira que se apresente envolta em roupagem fluidica, pois tão difficil deve ser agrupar a materia para formar um orgão, como para formar um tecido.

Ao contrario, sob o ponto de vista theorico da difficuldade e da inverosimilhança do facto, ainda os orgãos nos parecem mais difficeis de concretisar. Mas estes são os factos, e perante factos não valem argucias.

Este phenomeno está por mil modos verificado, em experiencias diversissimas, realisadas por muitos e doutos investigadores.

N'este mesmo numero começamos a publicar os estudos do medico Gibier, sobre materialisações, e verá o leitor se é possivel exigir mais ou precaucionar melhor.

Do ponderado, premido nos limites de curta replica, será forçoso concluir o valor despresavel de taes objecções que um rhetorico não experimentador, em conceitos de má lavra, veio levantar contra resultados seguros d'experiencias verazes e positivas.

(Continúa)

SOUSA COUTO.

Investigações sobre as materialisações dos phantasmas e outros phenomenos psychicos

PELO

Dr. Paulo Gibier

I

Desde ha muito que alguns amigos e assignantes me pediam informações sobre o ultimo trabalho do illustre medico, Paulo Gibier, director do *Instituto bacteriologico* (*Instituto Pasteur*) *de New York*, por lhes constar que esse trabalho tinha um interesse palpitante e constituia uma serie de experiencias preciosas.

Satisfazemos hoje essa justa curiosidade e o nosso desejo.

O Dr. Gibier assignalára o seu valor intellectual e a tenacidade d'um firme esforço em duas excellentes obras, respeitantes a psychismo; a

primeira, 1886, intitulava-se : *Espiritismo* ou *Fakirismo Occidental*, e a segunda : *Analyses das cousas*, 1890

Ambas tiveram merecido successo, constituindo prestimosos volumes de pesquizas, d'exames, de independencia e de criterio.

O ultimo trabalho do erudicto malogrado escriptor foi uma memoria, que preparou para pessoalmente lêr no 4.º Congresso de Psychologia Internacional de Paris (agosto de 1900) ; mas a morte colheu-o pouco tempo antes, e assim não pôde occupar n'esse congresso um distincto logar conquistado.

E' o theor d'essa memoria, que começamos hoje a publicar.

MEMORIA

«Parece que estamos destinados a ser em breve testemunhas de bem estranhas cousas.

Já a Psychologia moderna, dissociando, até certo ponto, os strata atavicos e adquiridos da personalidade, nos fez entrevêr um abysmo abaixo da consciencia humana. As manifestações d'estas camadas sub-conscientes, sobre que lançaram vistas subtis e profundas os antigos psychologos da Grecia e sobre tudo os da India, têm sido, nos ultimos annos, consideradas como porções d'um sêr mysterioso, existente em cada um de nós, de quem seria por assim dizer o «duplo».

Este sêr psychico sempre despérto — principalmente quando dormimos — seria dotado de faculdades especiaes superiores, segundo uns, ou restos de funcções esquecidas n'um dado momento da raça, em qualquer parte na noite dos tempos, segundo outros.

Em summa, é a theoria do *inconsciente*, do subconsciente, do subliminal, etc.

Ainda que, d'uma maneira geralmente satisfatoria, possa adaptar-se ao quadro d'esta theoria um bom numero de symptomas anormaes, observados nas hysterias e nos differentes estados hypnoticos, somnambulicos e medianimicos, ha outros a que em rigor ella não póde difinitamente applicar-se.

E' sobre certos sympthomas ou phenomenos d'esta ultima cathegoria, os quaes submetti á minha observação, que tenho a honra de chamar a attenção dos psychologistas.

Lembrarei primeiramente, que ha cerca de quinze annos já, que publiquei as minhas primeiras investigações sobre os phenomenos psychicos.

Foi principalmente sobre o facto da escripta directa, obtida quer sobre uma, quer sobre duas ardosias, que eu fiz as primeiras experiencias.

Este phenomeno, observado com todas as precauções requeridas n'uma experimentação rigorosa, no decorrer de numerosas sessões, e por ventura umas quinhentas vezes, foi descripto n'um volume, que podem consultar os investigadores interessados [1].

Desde então, tive occasião de vêr um certo numero de mediums, e pude experimentar muitos d'elles. A America do Norte, onde o espiritismo forma uma especie de religião organisada sobre o modelo de nume-

[1] *Spiritisme* ou *Fakirisme occidental*, O. Doin, editeur, Paris.

rosas seitas que ahi vivem umas ao lado das outras, é particularmente favoravel ao genero de investigações de que se trata : os mediums d'ambos os sexos são lá bastante numerosos.

Uns são «profissionaes», vivendo de sua mediumnidade, outros não profissionaes permittem o uso ou estudo d'esta faculdade,em grupos intimos mais ou menos privados.

Desde ha mais de dez annos de residencia nos Estados Unidos, tem me sido dado experimentar com sugets possuindo diversas formas de mediumnidade.

N'este trabalho propônho-me descrever duas classes de phenomenos que observei com um medium de materialisações.

1.° — As materiaiisações de phantasmas [1].

2.° — A penetração da materia ou desmaterialisação.

Fui testemunha de manifestações chamadas psychicas com muitos outros mediums, mas foi fóra de minha casa; e sem que aliás me domine o preconceito de vêr n'estas manifestações apenas o resultado da fraude, o assumpto é de natureza muito delicado e presta-se ao dólo muitas vezes, parà que o experimentador interessado em bem observar... e para não ser enganado, não tome todas as precauções possiveis.

Portanto nunca fiz caso dos factos senão quando os pude vigiar, verificar possoalmente, e cuja realisação provoquei no meu laboratorio, em presença: 1.° dos preparadores que me assistem nos trabalhos ordinarios de biologia e cuja acuidade d'boservação me é familiar, e 2.° em certos caos, d'um pequeno numero de pessoas extranhas á sciencia, mas sérias e que são das minhas relações [2].

O medium com que foram observados os phenomenos que vou descrever, será designado com o nome de Mrs. Salmon.

E' uma senhora americana com a qual tenho feito frequentemente experiencias desde ha dez annos para cá; em repetidas epocas residiu nos meus aposentos do Instituto bacteriologico de New-York, variando esses periodos desde alguns dias a um mez

As senhoras da minha familia, durante todo este tempo, poderam

---

[1] Na obra acima citada (*Spiritisme* etc.), descrevi a materialisação parcial d'uma mão, que observei em plena luz.

[2] E' em summa pouco mais ou menos o methodo que adoptei em 1885-1886 com Slade. Quando publiquei o meu trabalho não ignorava que esse medium fôra suspeitado de fraude ou talvez apanhado a fraudar. Mas desde aquella epoca eu tambem sabia que se devessemos considerar só os factos observados com mediuns, inteiramente isemptos de dólo, ou acima de toda a suspeita, nada se publicaria, e que dos mediuns «profissionaes» nenhum se póde considerar livre de faltas.

Apresso-me a accrescentar que, segundo a minha experiencia, n'um grande numero de casos, a fraude é só em apparencia, quer os movimentos sejam dissociados, de certo modo automaticos, parecendo suspeitos, quer a fraude ainda que real, seja commettida em estado de inconsciencia mais ou menos completa, quer tambem, porque a fraude grosseira, ouso dizer brutal, tenha por causa um agente completamente extranho ao medium. Não insistirei n'um ponto bem conhecido dos investigadores psychicos.

O que importa conhecer é esta propenção de que fallei ha dez annos, para nos prevenirmos contra ella, e por outro lado estar sempre álerta contra tudo que acontecer nas sessões. Se me disserem que um medium fraudou, não me surprehendo ; provaria isso apenas, que elle quiz produzir mais do que lhe era possivel, e em consequencia adulterou a mercadoria. E' aos investigadores que compete tomar suas precauções,

n'a observar e mesmo examinar os seus vestidos antes das sessões.

Devo dizer que todas as vezes que fiz experiencias com o auxilio de suas faculdades medianimicas, Mrs. Salmon recebeu uma quantia estipulada antecipadamente, visto que seus meios de fortuna não lhe permittiam dispôr gratuitamente do tempo.

Esta circumstancia, porem, longe de nos prevenir contra ella, deve antes redundar em seu favor, porque n'uma occasião, e quando mais necessidade tinha de meios, ficou ella durante muitas semanas no Instituto, sem poder obter manifestação de qualquer importancia, comquanto as condições experimentaes impostas fossem as mesmas que para as outras sessões anteriormente realisadas.

Foi preciso toda a persuasão imaginavel da parte de meus parentes para que ella persistisse e para a consolar do insuccesso (devido verosimilmente a uma especie de crise neurastenica, que o medium atravessava n'este momento).

Quando essa senhora estava só, chorava e fazia seus preparativos para nos deixar e voltar a sua casa.

De facto, desolada por me ter feito perder um mez em tentativas infructuosas, não quiz receber senão uma parte da quantia convencionada.

Afim d'evitar repetições inuteis, vou descrever, uma vez por todas, certas disposições geraes que se repetem em cada experiencia, taes como: o local das sessões, o modo d'illuminação, a caixa ou gabinete em que o medium fica preso, etc.

Além d'isto, um grande numero de dialogos secundarios, assim como os dialogos travados entre as formas manifestadas e os assistentes, serão omittidos n'este trabalho, para não o sobrecarregar de minudencias, que n'outro ponto poderão ter seu logar.

Comtudo, poder se-ha fazer uma idea da marcha das «manifestações» e da maneira como ellas foram observadas, pela descripção tão completa quanto possivel de uma das sessões de melhores resultados entre as obtidas com Mrs. Salmon.

Porque é um facto, digno de notar, que nas condições em apparencia semelhantes, em dez experiencias mais de metade são como abortadas, truncadas, ficando os phenomenos apenas no estado de esboço

E isto quando o medium parece o melhor disposto, sem fallar dos casos, em que durante o mez que Mrs. Salmon ficou sob minha observação, sua mediumnidade quasi a tinha abandonado.

— Logar em que as experiencias foram feitas.

Como já acima referi, só tenho por averiguadas as sessões realizadas sob a minha fiscalisação.

Estas experiencias tiveram logar quer em New-York, n'uma dependencia do meu laboratorio, transformada para o caso, quer nas montanhas Ramapo, n'um local que mandei dispor para este effeito n'uma propriedade situada a cerca d'uma hora de caminho de ferro da cidade.

Nos dois casos, a sala tem proximo de 6 metros de comprido por 4 e meio de largo.

As paredes são atapetadas, ou melhor cobertas de pannos escuros, sobre os quaes a menor nuvem de substancia clara póde vêr se.

Em geral além do gabinete ou caixa descriptos mais adeante, a sala

não contém senão cadeiras para os assistentes, e, em certos casos, uma meza, em que se collocam diversos instrumentos (phonographos, dynamometros, machina photographica, machina electrica, etc.) [1]

(Continúa) PAULO GIBIER.

Sessões com o medium Charles Eldred

(Conclusão)

TERCEIRA SESSÃO

«Depois da segunda sessão, o sr. Garsault e M.me Bossel voltaram para França, mas eu e minha mulher decidimos ficar ainda uma semana junto de M. Edred, de sua mulher e de M. Edwards, pessoas tão sympathicas, que se tornaram nossos amigos como se fossem antigas relações.

Na quarta feira, 9 d'agosto, o medium trabalhou muito, até ás 3 horas da tarde, encontrando se a esta hora bastante fatigado.

Cheios d'affeição para com elle, estavamos longe de querer importunal-o; em consequencia, nada dissemos ou fizemos para obtermos uma sessão.

Alguns amigos do sr e da sr.ª Eldred vieram de Sheffield visital-os, e ao chá fallou se de espiritualismo e de phenomenos psychicos, e executou se alguma muzica.

Pouco depois das 7 horas estas visitas partiram para o comboio, e a pedido do sr. Eldred que tomára o violino, minha mulher acompanhou-o ao piano, e ambos executaram dois trechos; então o sr. Eldred consultou o relogio, e sua mulher, adivinhando-lhe o pensamento, disse : «Oh ! se quizesses conceder nos uma meia hora, serias bem amavel !»

O sr. Eldred dirigindo-se a minha mulher, inquiriu, se queriamos uma sessão; e ponderando ella, se não se encontraria muito fatigado, o sr. Eldred respondeu simplesmente :

«Elles querem que eu faça sessão.» E subimos.

Presentes estavamos apenas o medium, sua mulher, o sr Edwards, eu e minha mulher.

Ao principio o medium sentou-se n'uma cadeira, dizendo: «Não sinto a presença de meu irmão... mas alguem o procurará » Quando começámos a entoar uns canticos, o medium estava junto de nós, mas entrou em transe logo no fim do primeiro; e foi seu irmão Arthur que com o bello sorriso habitual, nos fallou. «Não estamos tão longe como imaginaes Estive junto de vós todo o tempo, e fui eu que inspirei ao medium a ideia de fazer uma sessão».

E dizendo o, veio junto de mim e de minha mulher, e tomando-nos as mãos, accrescentou, que tinha lido em nós e que era por nossa causa

[1] Experimentamos a machina estatica, com a idéa de que um desprendimento de electricidade e de azote na visinhança do gabinete, favoreceria as manifestações : resultado duvidoso.

que tinha desejado esta sessão. Pronunciou em seguida palavras simples e commoventes sobre a vida ultra terrestre, sobre a grande e consoladora verdade, que com seus amigos e sob a direcção d'espiritos mais elevados ainda, se esforça por espalhar e fazer conhecer ás almas inquietas, desejosas de luz; e para esta obra pediu o nosso appoio.

Depois entrou no gabinete, fechou as cortinas, e nós recomeçámos o canto.

Não fallei no delicioso perfume que nas outras sessões se espalhou na sala em certos momentos. E' Lily, de côr, um dos guias do medium, que *faz* este perfume caricioso e subtil, especie de mistura de rosa e de incenso, para dar uma ideia bem pouco approximada.

Lily não diz que faz o perfume, segundo nos informaram, mas diz apenas que «faz cheirar as suas flôres.»

Na sessão presente, logo que o medium entrou no gabinete o arôma espalhou-se na sala; algum tempo depois, sendo do gabinete diminuida a luz, as cortinas afastaram-se e duas fórmas se mostraram.

Uma veio até nós. Era B. que appareceu já na segunda sessão. Eu e minha mulher reconhecemos perfeitamente seu rosto, um nariz cheio e energico, suas longas suissas escuras. Passeou livremente diante de nós, e sentou se a'guns instantes na cadeira occupada ha pouco pelo medium.

O outro espirito, uma creança de rosto escuro, não sahiu do gabinete, ficando quieta ao lado do medium.

A perguntas do sr. Edwards e da sr.ª Eldred, se esta forma infantil, cujas vestes brancas faziam destacar o rosto escuro, era Lily, B. respondeu affirmativamente.

As cortinas ficaram abertas durante toda esta manifestação e todos os assistentes viram ao mesmo tempo tanto os dois espiritos distinctamente, como o medium immovel na sua cadeira.

Cerraram-se as cortinas e quando novamente se abriram, sem que nenhuma mão parecesse tocar-lhes, vimos, formando um bello relevo, uma cabeça e hombros sobre o fundo escuro da parede do gabinete: era a figura bem recognoscivel do general escossez. Subito apparece á esquerda o espirito B., que afastou ainda mais a cortina da direita e sahiu do gabinete. Dissemos então que no busto exposto á nossa vista, reconheciamos o general Mac Donald, e B. fez um signal affirmativo.

Então este espirito chamou minha mulher, fazendo-a sentar na cadeira deante do gabinete.

Eis as notas d'ella ácerca d'este incidente: «Encontrei-me muito perto de B., assim como do medium. A luz era mais forte do que durante a primeira manifestação, e pude estudar bem o rosto tão vivo do espirito B., e vêr á minha vontade a face pallida do general Mac Donald: áquelle reconheci-o bem pelo haver visto nas duas sessões precedentes, mas este busto apresentava o aspecto d'um verdadeiro baixo relevo.»

Voltou minha mulher ao seu logar, e o espirito fez me signal de eu ir occupar a mesma cadeira.

Fui e reparei. O medium estava abatido na sua cadeira e B. apontou me com a mão o busto de Mac Donald. Era uma face empoada de Pierrot, a mesma que tinhamos visto nas sessões precedentes e que nos diziam ser o general escossez.

B. tocou-lhe a fronte e depois seguiu-lhe os contornos com as extre-

midades dos dedos; e eu julguei-a immovel, como de gesso, acaso creada pelos espiritos á semelhança de Mac Donald para mostrarem o seu poder.

Meu pensamento foi talvez adivinhado, porque o busto se animou gradualmente, voltando se para o lado direito, e fez isto mais d'uma vez. Não era pois uma apparencia, era um sêr vivo Ainda de novo fixei o general, o espirito B. e o medium, e vi-os bem todos deante de mim. Voltando ao meu logar, B. nos atirou um beijo com a mão, e todos ouviram o som dos labios.

Depois retirou-se para o gabinete, cerrando as cortinas

Em seguida manifestaram-se duas formas femininas.

A uma luz tenue, appareceu Minnie, espirito familiar da sr.ª Eldred, a quem abraçou, permittindo a minha mulher de se approximar.

Diz minha mulher, que sem distinguir bem os traços, viu todavia um rosto feminino, oval, delicado, d'uma expressão doce.

Poucas vezes Minnie se materialisa, más n'uma sessão expressamente feita para esse fim, foi photographada ao lado do medium. Possuimos uma prova d'essa photographia psychica.

O segundo espirito feminino foi Florença, que na primeira sessão se materialisou com bastante poder. A luz foi augmentada. O espirito veio direito a mim chamando-me com as mãos. Eu e minha mulher levantámo-nos. Facilmente a reconhecemos.

Como da primeira vez sorriu-nos d'olhar tranquillo, e collocou os braços sobre meus hombros com caricia, inclinando a sua testa contra a minha. Senti distinctamente o osso frontal de Florença contra a minha fronte, como se fôra um corpo duro, e um calor são se communicava da sua cabeça á minha.

Deu tambem a mão a minha mulher, batendo-lhe cariciosamente leves pancadas com os dedos.

D'esta vez, como se sondára meu pensamento, Florença nos apparecia tão reconhecivel como da primeira vez, mas mais adiantada em annos, cabellos a branquear, seu bello sorriso, seu andar calmo, tal como eu me lembrava, e como a tinha visto pela ultima vez sobre a terra.

O ultimo espirito foi um pastor anglicano, cabeça completamente descoberta, uma longa veste branca, sobre a qual pendia até aos pés uma estola preta

Levantou as mãos, murmurou alguma cousa, que certamente era uma prece, porque se notava uma expressão de grande fervor; mas não comprehendemos as suas palavras, e apenas nitidamente ouvimos a sua ultima expressão, ao retirar-se: «Que Deus vos abençõe».

Parece nos necessaria uma explicação. Se os espiritos embora fortes e bem materialisados, fallavam tão pouco, é porque o medium tem a garganta muito delicada, soffrendo d'ella, em virtude d'uma operação que fez.

Quando elle tem a garganta melhor, os espiritos fallam mais e melhor, segundo informam os que o conhecem intimamente.

Apenas pude dar uma pallida ideia d'estas tres maravilhosas sessões, e é me impossivel tambem descrever a alegria que sentimos ao receber as brilhantes provas da immortalidade, e pintar a estranha e grata sensação de sermos transportados, durante algumas horas, a uma vida mais

perfeita, cercados d'espiritos d'amor, trabalhando para esclarecer a humanidade ignorante e soffredora.

Accrescentarei ainda algumas palavras, relativas ao grande escriptor de que fallei na segunda sessão e a Carlos Dickens.

(Resumo). Em duas sessões dadas pelo medium Peters, ás quaes assisti, descreveu elle um espirito, que via a meu lado, e tanto n'uma como n'outra se produziram incidentes que me auxiliaram a reconhecer a identidade do espirito, como sendo d'esse primeiro escriptor.

Na terça feira, 8 d'agosto, estando eu com outras pessoas e o medium Eldred em casa de M. Edwards, aquelle descreveu ainda esse escriptor, pois que a descripção coincidia realmente com a d'elle, excepto uma circumstancia relativa á barba, que não condizia com aquillo que suppunhamos.

Quando porém regressei a Paris, fiz algumas investigações sobre esse ponto, e em virtude d'ellas, conclui que essa circumstancia era exacta, apesar de ser por nós anteriormente ignorada.

Accresce ainda, que no domingo 13 d agosto, em Londres, o medium Vango descreveu na minha presença o mesmo espirito com exactidão e deu mesmo uma prova de identidade.

O medium Vango via-me pela primeira vez, ignorando pormenores que me diziam respeito, e todavia o espirito revelou-os.

Devo destacar o incidente relativo aos meus manuscriptos, a que o espirito se referiu incitando me a revêr e corregir um manuscripto composto de dez partes (o que era exacto), indicando-me o quinto, sexto e setimo manuscripto, e promettendo-me a sua assistencia e inspiração.

Eis talvez a razão, porque esse escriptor me appareceu materialisado, me foi descripto por varios mediums clarividentes, e designou perfeitamente a minha obra composta de sete manuscriptos, a unica que possuia com esse total de manuscriptos

Quanto a Carlos Dickens, o sr. Blackwell acaba de me informar, que no dia em que esteve comnosco em casa de medium Eldred, uma irmã d'elle Blackwell, estando em Hastings com uma sua amiga, fizera uma sessão, e que entre outros ahi se manifestou Dickens.

Que então informou este espirito de que Blaakwell ia n'essa noite assistir a uma sessão de materialisação, perguntando se elle não poderia lá manifestar-se, ao que Dickens respondeu que ia forcejar por fazel-o, e foi n'essa noite que se materialisou em casa de Eldred.

CHARLES LETORT.

23, Rue du Bac

Paris, agosto de 1905.

Certifico que o relato precedente é em tudo conforme ao que vi e ouvi.

ETLEN S. LETORT »

As Materialisações de Algeria

(VILLA CARMEN)

Como ultimamente na imprensa, quer jornalista quer especial, tem feito certa resonancia as materialisações, a que na Algeria assistiram Gabriel Delanne e Charles Richet, e porque aquelle assistiu por mais tempo ás sessões e as descreve mais minuciosamente, começamos hoje a publicar o relato feito por G. Delanne, para mais tarde fazermos tambem conhecer as observações do professor Richet.

Antes d'entrar na descripção das sessões, diz Delanne que os leitores da sua revista já têm conhecimento dos phenomenos que na Villa Carmen se produziam, testimunhados pelos homens mais serios e dignos; que n'essa serie d'experiencias *Bien Boa* se materialisou durante muitos annos com mediums differentes e que outras individualidades do espaço igualmente appareceram com todos os attributos de corporeidade.

Os processos verbaes d'essas experiencias foram publicados, mas não faltaram criticas por parte das pessoas pouco familiarisadas com estes factos, na suspeição de que faltariam condicções de rigorosa observação ou provas materiaes indestructiveis dos phenomenos referidos.

Tendo trocado estas impressões com o general Noël, recebeu sempre d'este todas e attenciosas explicações e por fim o convite para que fosse pessoalmente verificar a realidade das manifestações.

Gabriel Delanne acceitou e foi.

Durante quasi dois mezes, não só recebeu a mais cordeal hospitalidade na Villa Carmen, como teve ensejo de estudar de perto e livremente estas materialisações, que são, como affirma «a mais absoluta prova da realidade da vida futura.»

E não era elle só; uma senhora estrangeira, proprietaria d'um grande jornal inglez e mais tarde, o illustre phisiologista bem conhecido, Ch. Richet, assistiram tambem.

Promette enumerar com cuidado as precauções tomadas para evitar as causas d'erro e os meios empregados para assegurar a existencia positiva do phantasma, que muitas vezes se mostrava.

E considera-se feliz Gabriel Delanne, em poder annunciar que, pessoalmente, está absolutamente seguro de que Bien Boa (a entidade que apparecia) é na realidade um espirito, esperando que os leitores partilharão mais tarde a mesma convicção, quando tiverem percorrido todas as peças do processo.

Para sermos quanto fieis á narração de Delanne, não devemos omittir alguns preliminares que estabelece, para poder fazer se uma idea a mais ajustada d'estas sessões.

A minha convicção, diz elle, quanto á realidade dos phenomenos de materialisação está feita desde ha muito tempo; essa convicção basea-se sobre um certo numero d'experiencias pessoaes desde ha mais de 23 annos até agora, e cada dia mais se confirma pela leitura de novos relatos publicados em todo o mundo por homens de sciencia, que, de incredulidade cerrada, são compellidos a reconhecer a realidade d'estas apparições tangiveis.

Não deve julgar se, comtudo, que a minha certeza me leva a acceitar, d'olhos fechados, quanto se apresenta sob o rótulo espirita.

Muitas vezes tenho assistido a tentativas de fraude, para não me precaver cuidadosamente contra todos os dólos possiveis ; é por isso que nas sessões tenho por principio absoluto ficar sempre sob a maior reserva e apenas acceitar como phenomenos espiritas aquelles que não pódem explicar-se por nenhuma outra causa conhecida.

Muitas vezes se observa que uma incredulidade systhematica é prejudicial á producção dos phenomenos; esta attitude ultra-sceptica não podia ser a minha ; e se estava decidido a passar sob rigoroso exame tudo que se passasse deante de mim, queria fazel o sem *parti-pris* e sem ideas preconcebidas.

Devo declarar que não tinha duvidas sobre a boa fé absoluta de meus hospedeiros, affirmada por todas as pessoas minhas conhecidas que desde ha muitos annos ahi tomavam parte nas experiencias ; e hoje sinto me feliz em poder juntar meu testemunho aos seus para proclamar bem alto a perfeita sinceridade do general Noël e de sua esposa.

Mas estes estudos estão eriçados de difficuldades, proprias das condições em que os phenomenos se produzem, e é sempre possivel perguntar se todas as medidas de precaução se tomaram, e até que ponto a maginação, a illusão, a hallucinação podem intervir para explicação dos factos.

E depois, a convicção profunda dos observadores não terá como resultado a quebra da propria attenção ?

Não haverá em alguns assistentes interesse em simular estas apparições ?

Todas estas ideas me obrigavam a ser d'uma extrema circumspecção; e desejando vêr produzirem-se estes magnificos phenomenos, creio ter sido assaz vigilante e bem senhor de mim mesmo, para não ter acceitado como certos senão os factos resistentes a toda a critica.

Durante dois mezes a minha attenção não afrouxou, mesmo quando se tinha radicado a convicção sobre a realidade das apparições, até ao momento em que tive a prova absoluta que buscava : a photographia simultanea dos mediums e do phantasma materialisado.

Este resultado foi difficil de obter e deve-se á perseverança e energia de M.me Noël, cuja coragem e vontade venceram a propria doença, para merecerem o reconhecimento de quantos se interessam por estes estudos.

Devo tambem informar que tive o cuidado, após cada sessão, de escrever immediatamente uma acta tão fiel quanto possivel, para evitar os erros que a memoria póde trazer passados dias.

E' por estas notas que me guiarei na exposição dos factos.

Cumpre agora fazer uma descripção summaria da propriedade do general Noël.

A Villa Carmen está edificada a meio da encosta, no flanco das montanhas em amphitheatro, que formam como um escrinio verdejante á magnifica bahia d'Alger.

Compõe-se d'uma bella habitação e d'um jardim em pendor, em cujo fundo se erguem dois pavilhões symetricos ; o do lado esquerdo era o meu aposento, o do direito era destinado ás sessões.

Uma escada bastante inclinada passa entre os dois pavilhões e dá entrada pela rua Darwin para o jardim e para a casa.

Os pavilhões são d'um só andar, e por causa do declive do terreno a porta do rez do-chão de cada um está ao nivel da rua Darwin, emquanto que pelo jardim sóbe-se ao primeiro andar por uma escada de 3 degraus apenas.

— Descripção do pavilhão direito e salla das sessões.

O pavilhão direito compõe-se d'um rez-do-chão, que serve de cocheira ao carro do general Noel, com entrada pela rua Darwin, e d'um andar com uma unica salla, que era a das sessões, com entrada pelo jardim, como acima se diz.

Apezar de ser inverosimil que a salla fosse construida para trucs de theatro, era indispensavel uma investigação rigorosa para responder a esta objecção.

Por muitas vezes e com toda a liberdade, durante as 7 semanas da minha permanencia, examinei com toda attenção as paredes, o pavimento da salla das sessões, e a sua parte inferior que forma o tecto da cocheira;

O pavimento da salla é formado d'abobada em tijolos, sem qualquer solução de continuidade.

Com a senhora ingleza examinei cuidadosamente o tecto da cocheira e mais tarde acompanhado de Richet, que subiu a uma escada de mão, verificamos que sobre toda a superficie occupada pela salla das sessões, o tecto percutido dava um som massiço e pleno, certificando-nos que não existia alçapão nem escada occulta que désse communicação para a salla das sessões.

A altura do sólo ao tecto é de cerca de $4^{m},25$.

O pavimento da salla é ladrilhado em toda a extensão e tambem não apresenta a minima solução de continuidade.

A porta d'entrada abre para dentro.

Existem duas janellas, uma para rua Darwin, a 5^{m} d'altura, e outra sobre a escada, a cerca de 4^{m}.

Estas janellas tem persianas de madeira que estão fechadas, tendo uma barra de ferro atravessada no interior.

Os caixilhos igualmente fechados e sobre a esquadria interior está pregada uma tapeçaria de maneira a impedir absolutamente a penetração da luz. Alem d'isso os cortinados asseguram uma hermeticidade completa.

Comprehende-se que seria absolutamente impossivel alguem introduzir-se, durante a sessão, pelas janellas sem ser apercebido, pois que era preciso : 1.° forçar a fechadura das persianas, 2.° abrir a janella, 3.° despregar a tapeçaria, 4.° abrir as cortinas.

Todas estas operações successivas não podiam praticar-se sem ruido e sem deixar entrar a luz do dia.

A salla tem a fórma d'um parallelogrammo de $5,^{m}25$ de comprimento por $4,^{m}60$ de largura.

A altura é de $2,^{m}60$, e o tecto da salla é tambem formado por abobada de tijolo.

O gabinete das materialisações está situado no angulo da direita.

De forma triangular, compõe-se simplesmente de duas espessas cortinas que correm n'um varão de ferro, tendo superiormente ajustado um docel.

As cortinas estão pregadas ás paredes, de forma que n'este ponto ninguem póde entrar para o gabinete ; podendo-se apenas fazel-o levantando as cortinas ou affastando-as pelo meio.

Os lados do gabinete teem $1^{m},50$.

O tecto é formado por uma tela forte, escura, e as paredes pintadas de roxo sombrio.

Ha no gabinete um fauteuil de verga, com uma almofada.

O chão ladrilhado está coberto d'um tapete pregado em toda a volta do gabinete.

Um exame attento e repetidas vezes feito, deu-me a certeza absoluta de que nem no gabinete nem na sala existia alçapão, armario, porta falsa ou qualquer outra abertura.

As paredes e o pavimento são massiços.

Esta salla teve primitivamente varios usos, como casa de barrella e de banho, de forma que ainda ahi se conservam um cofre, uma estufa, e uma maceira de lavagem com torneira, hoje coberta e revestida d'estofo, como igualmente o estão uma banheira e um esquentador.

Uma mesa e cadeiras completam o mobilario, não fallando n'uma pequena etagére por cima da porta, onde se colloca a lanterna de vidro vermelho, distante $4^{m},25$ do gabinete.

Posso affirmar que em quanto fui o unico estrangeiro na Villa Carmen, jamais,salvo uma unica vez, houve sessão em que eu não fosse o primeiro a entrar na salla e a examinar cuidadosamente todos os objectos mesmo por dentro, verificando as janellas, as cortinas e não encontrando nada duvidoso nem cousa se servisse para vestir um phantasma.

O gabinete era objecto d'uma attenção especial da minha parte.

As cortinas eram inspeccionadas e sacudidas e o espaço entre estas e o docel era examinado á luz d'uma vela.

De todas as vezes verifiquei que o tapete estava pregado e não occultava nenhum corpo estranho.

O fauteuil era examinado por todos os lados, apalpado, voltado, até á certeza de nada esconder.

A parte superior do gabinete era igualmente inspeccionada.

Depois do exame, não abandonava a salla até á chegada dos mediums e dos assistentes.

Mais tarde a sr.ª ingleza investigou igualmente commigo, e em fim na ultima parte das experiencias esta inspecção foi feita com o Dr. Richet cuidadosamente antes de cada reunião.

Tenho a convicção que nada ali se podia occultar para servir á fraude sem que estas multiplas verificações o não descobrissem.

— A luz. A sua falta é uma condição desfavoravel á observação scientifica ; mas posso felizmente dizer que nunca fizemos sessões na obscuridade

Antes das sessões havia a illuminação d'um bico de gaz Auer.

Tomados os logares designados e que ninguem deixava, o general Noël apagava o gaz, ficando accesa a lanterna vermelha, alimentada por uma vela : luz sufficiente para ao fim d'um minuto se destinguirem perfeitamente as pessoas presentes sentadas á mesa e todos os pontos da salla.

Posto estivesse a cerca de 3 metros da lanterna, eu podia com boa

attenção conhecer as horas no relogio de algibeira e lêr caracteres de corpo 12 d'um jornal (*Dépêche Algerièmne*).

Esta era a luz das boas sessões, em que o phantasma se materialisava o bastante para a supportar.

Mas nas primeiras sessões ás vezes o vidro do lanterna ficava voltado para a esquerda relativamentes ao gab nete, o que diminuia bastante a illuminação. Comtudo, em todos os casos, a luz era sempre sufficiente para permittir a certeza de que todas as pes oas estavam presentes, tornado se visiveis as mãos e o rôsto.

(Continúa) GABRIEL DELANNE.»

(*Revista Scientifica e Moral do Espiritismo.*)

Varios phenomenos psychologicos de minha vida

Do nosso presado collaborador amigo, Dr. Roso de Luna, illustre redactor do *Globo* de Madrid e escriptor tão erudito como brilhante, recebemos o seguinte interessante artigo:

«Julgo do meu dever relatar varios phenomenos que me têm occorrido durante a vida, relacionados com realidades do mundo hyperphysico.

Ha muitos annos já, que minha familia, pobre e desvalida, chegou pela primeira vez a Logrozán (Cáceres), n'uma noite tempestuosa do mez de Março.

O vehiculo que a conduzia parou n'um largo ao Nascente d'esta povoação, mesmo fronteiro á ermida chamada «Christo das Angustias».

Sem saber o destino a tomar nem onde refugiar-se, alli chorou amargamente e dir-se-ia que aquelle logar ficou consagrado para nós no futuro.

Tempo depois com effeito — ainda que meu nascimento foi posterior áquella epoca — cahi gravemente enfermo de *meningite cerebral*, que pôz em grave risco a minha vida.

Os medicos affirmavam um desenlace fatal.

Quando pude sahir, meu pae costumava levar-me a passear por aquelle ponto.

Certa tarde de Dezembro, ao atravessar por aquelles sitios, minhas frequentes hallucinações, filhas da propria doença, me fizeram vêr, estendido na valeta da estrada um singular mendigo *sem cabeça*.

O effeito que me produziu tal hallucinação foi intenso, mas meu triste estado não permittiu fazer considerações mentaes ácerca do que via nem ainda communical-as a meu pae.

Poucos dias depois e em circumstancias analogas, passeando novamente com meu pae, vimos que pela estrada avançava em direcção a nós, com passo galhardo, um moço formosissimo, loiro, d'excellentes cores.

Cobriam-lhe o corpo uns andrajos singulares, parecidos aos da hallucinação anterior, mas que nenhuma repugnancia causavam: sua idade poderia ser proximamente a minha, uns dezesete annos.

*

O que então occorreu não posso explical-o.

Pedi a meu pae dinheiro, para dar-lhe, como dei, uma esmola. O mendigo passou ao meu lado sem pronunciar uma palavra, captivando-me com a sua formosura.

Nem a meu pae nem a mim veio a *idéa* de volver a vista atraz, para seguil-o com o olhar, pois ficamos olhando-nos um ao outro, desatando simultaneamente a chorar, cheios de ternura.

E esta exclamação unisona de nossos peitos em plena inconsciencia: «Parece o Anjo de Tobias!» dissemos reciprocamente.

Sem duvida aquelle momento marcou a crise na minha molestia, pois é certo que desde então se iniciou uma convalescença tão inesperada como rapida.

Em sete dias me achei curado contra a opinião de meus medicos assistentes.

Falta porém o mais extraordinario.

Quatro annos e meio eram passados, em 1893, e levado não sei por que premonição indefinida, tornava a percorrer aquelles mesmos lugares, na madrugada de 5 de Julho, para ir a uma diligencia judicial como advogado, e, cousa estupenda. Ergui a vista ao ceus, tintos já pelos primeiros esplendores da aurora, e encontrei na constellação de *Auriga* um astro novo de quarta grandeza . . *Era o cometa* que desde então tem o meu nome!

* * *

Entre os muitos incidentes raros que aconteceram durante a minha grave doença, recordo que, velando meu pae certa tarde á cabeceira de meu leito, á minha vista se illuminou o aposento com extranhas luzes.

Uma luz violacea indefinivel inundava o ambiente; de meu corpo parecia irradiar um effluvio de côr amarellenta, em quanto que a cabeça do auctor dos meus dias apparecia circumdada d'um roxo-rosaceo intenso.

Meu estado morbido desabrochou d'aquella não sei que especie de prodromos.

Depois, em diversas occasiões em que me levantaram, tornei a vêr o ambiente illuminado d'aquella luz, ambiente de deliciosa suavidade que todo me embebia de um prazer intraduzivel, alguma cousa assim, como o aspirar a fundos haustos ondas de vida.

Ainda tornei a vêr aquella luz, sublimando o ambiente realista de não poucos sônhos, entre os estudados na minha obra: «Preparação para o estudo da phantasia, sob o duplo aspecto da realidade e do sônho», e as circumstancias de taes phenomenos veem coincidir n'um todo com os tres mesmos sonhos, cheios de luz semelhante, que refere o brilhante escriptor francez, Brillart-Savarin, na sua «Phisiologia do gosto», capitulo — Do somno e dos sônhos. —

* * *

Certo dia — a vespera d'aquelle em que começaram as relações com aquella que hoje é minha mulher — caminhava a pé, dirigindo-me da estação de Medellin para uma povoação distante d'alli dois kilometros.

N'um recanto do solitario caminho sahiu-me ao encontro um cão com todos os synptomas apparentes de hydrophobia. Rapido e seguro

avançou para mim sem um latido, de bocca escancarada para me atacar.

Uma idea-relampago atravessou então meu cerebro horrorisado: permanecer quieto, vista a impossibilidade de fugir ou encontrar refugio, para que não se enfurecesse em mim, lacerando-me mais e mais com suas mordeduras.

Detive-me pois. O cão arrojou se até mim e de bocca aberta executou o movimento de morder-me n'uma perna, mas não sei que phenomeno se verificou então.

Fosse por minha apparente serenidade de animo, ou porque se achasse no principio ou fim do accesso ou por outra causa inexplicavel, uma especie de hesitação o assaltou, e subito desviou a cabeça, quasi raspando-me a perna e sem lesar-me!

Desde então tornaram a invadir-me frequentes pesadellos de cães hydrophobos que tanto me affligiram o anno passado.

* * *

Os outros factos anormaes que vou referir relacionam-se com a morte de meu pae em 1904.

Achava-me ausente d'elle, em Madrid.

Na madrugada do primeiro de Junho, o simples e naturalissimo facto do estrepito na cosinha pela queda d'uma cacerola, ao tempo em que eu entrava em casa, me suggeriu, não sei por que via de mysteriosas relações psychologicas, a idea de algum desagradavel acontecimento na minha familia.

Quedas semelhantes, tão frequentes em casa, como é sabido, nunca me determinaram associações psychologicas analogas.

Deitei-me não obstante, livre de qualquer idea fixa, mas a trama do sônho versou toda aquella noite sobre uma porção d'incidentes mal definidos, tão extranhos como desagradaveis.

No meio de todos elles julgava vêr grande agitação, até mesmo no quarto de meu pae, cuja janella parecia aberta de par em par.

Os dias subsequentes, passados sem novidade alguma, pareceram tranquilisar-me, mas cerca de duas semanas depois, um telegramma urgente me chamava a casa: o ser querido por quem receava, jazia com effeito gravissimamente enfermo.

A premonição confirmava-se.

Um fervente desejo de salval-o se apossou de mim por forma inexplicavel, e comquanto reconhecesse que meu pae estava ferido de morte, a gravidade do seu estado desappareceu por então.

Nas noites do estio costumava eu passear pelas cercanias sem que nada de extraordinario me acontecesse.

N'uma d'ellas, todavia, experimentei subitaneos e inexplicaveis terrores, em mim nada communs, que me obrigaram a voltar a casa sem detença.

A imaginação me suggeria mil e mil phantasias de caracter bem especia ...

No dia seguinte de novo recahiu meu pae, morrendo tres ou quatro dias depois.

Oito dias mais tarde, quando ainda me achava sob a impressão do

triste acontecimento, comecei a sentir ao deitar-me aquelle descripto terror, e uma vez adormecido, embrenhei-me n'um sônho bem curioso.

Via-me deitado na cama, ao lado minha mulher e proximo meus filhos, na percepcão do mais perfeito realismo.

Envôlto como em veste fluidica, mas não luminosa, meu pae entrou no aposento, approximou-se de mim, beijando-me com o maior carinho, e o mesmo fez a minha mulher e a meus filhos um por um.

Logo me julguei a acompanhal-o por diversos pontos da casa exactamente como na vida ordinaria, sentando-nos nos fauteuils do salão e conversando com a maior naturalidade ácerca de diversos pormenores do seu padecimento.

Em verdade o sônho offereceu-me então uma particularidade impressionante e phantastica: ao lado dos nossos fauteuils — circumstancia menos verdadeira — appareciam como adôrno duas magnificas plantas parecidas com as chamadas *don-diegos* e *animadas de vertiginoso movimento rotatorio*: alguma cousa como a visão astral, por todos os lados simultaneamente, segundo o ensino theosophico.

Depois voltou meu pae ao seu leito, onde pareceu atravessar as phases da sua ultima doença, sem dar o menor signal de soffrimento.

Então desvaneceu-se o sônho com tal doçura, que ao despertar em seguida o encontrei tão natural e logico, como se houvera sido a propria realidade.

Dir-se-hia com effeito que do sônho ao despertar apenas tinha descido um degráo, pelo esfumado de seus confins com a vigilia.

As deducções que tiro d'estes e de algum outro caso menos importante da minha vida não são para consignar-se hoje mas é para mim evidente que minha condição de sônhador e poeta, iniciado nas sciencias naturaes e psychologicas, me colloca tão proximo das percepções hyperphysicas, que a mais ligeira anormalidade circumstancial, m'as torna por ventura sensiveis.

Renuncio por agora ao prazer de fallar das possibilidades d'esse mundo hyperphysico.

Fal-o-hei quando experimentalmente aprofunde o estudo d'esta faculdade creadora que é a chave de todos estes apparentes mysterios.

Madrid, 7-1-1906.

DR. M. ROSO DE LUNA.

Publicações recebidas:

Recebemos do nosso illustre collaborador, Dr. Roso de Luna, o seu brilhante opusculo: «Projecto de uma escolă modêlo para educação e ensino de creanças anormaes».

E' impossivel sobre o assumpto tecer melhor e mais valiosa doutrina, do que o faz o seu auctor, n'uma synthese que versa e concretisa conhecimentos profundos e variados da especialidade, nunca antes tratada com vista, tão prespicazes. Muito lh'o agradecemos.

*

EXPEDIENTE

Vae proceder-se á cobrança d'assignaturas d'esta revista. Se alguma duvida se levantar em tal serviço, rogamos a fineza de nos esclarecerem.

N.º 9 FEVEREIRO DE 1906 ANNO 1.º

ESTUDOS PSYCHICOS

REVISTA MENSAL DE ANIMISMO
E ESPIRITISMO EXPERIMENTAL

Director — DR. SOUSA COUTO

COLLABORADORES — Drs. Maxwell, Laurent de Faget, De Reyle, Wolowski, Marzorati, Roso de Luna, Quintin Lopes, Martins Velho, etc.

Escriptorio — Rua do Ouro, 149, 2.º LISBOA

A CRITICA E OS CRITICOS

IV

Proseguindo na serie d'estudos, que n'este logar vimos fazendo, cumpre nos analysar um artigo de critica aos phenomenos psychicos, publicado nas *Novidades* de 27 de setembro passado.

De fonte incontestada sabemos, que o auctor d'esse artigo é um nosso querido amigo, cujas brilhantes faculdades intellectuaes se sublimam n'um caracter immaculado, d'excepção, raro, sempre prompto ao sacrificio.

Esta circumstancia, se torna mais difficil a nossa funcção analytica, serve tambem a secundal-a, pela impersonalisação da controversia, localisada na méra divergencia de pontos de vista.

E assim divagaremos como nas conversas de intimo convivio.

* * *

O que ao nosso dever importa, é apreciar o commentario final d'esse artigo, ou theorisação sobre os phenomenos psychicos, cuja realidade o seu auctor não contesta.

Reconhecemos que a interpretação da causa productora dos phenomenos se tem prestado á formulação de diversas hypotheses, tendentes a mostrar qual a sua origem; mas reconhecemos ao mesmo tempo, que uma critica prematura, uma opinião antecipada, uma hypothese inicial são muitas vezes abandonadas, á medida que o nosso estudo se aprofunda e que a observação e experiencia nos vêem trazendo conhecimentos e dados novos, inabraçados na primitiva theoria.

Sobre a verdade da evolução d'este conceito, poderiamos citar, além de nosso exemplo pessoal, muitos outros entre os investigadores d'esta materia; mas tendo de ser concisos, apontamos apenas tres grandes nomes: *Hyslop*, professor da Universidade de New-York; *Myers*, o douto e incançavel *pychologo*, e Lombroso, assaz conhecido para ser especificado.

O primeiro, n'um nutrido e documentado volume de 649 paginas, marca essa evolução; o segundo d'uma investigação pertinaz de mais de 15 annos, sob o mais severo espirito scientifico, lega-nos seu livro «A Per-

sonalidade Humana,» que é um verdadeiro monumento de prova, de criterio e de concludencia.

Quanto a Lombroso, o nosso querido amigo conhece bem a primeira parte do seu cam nho trilhado.

Em 1888, no n.º 34 da *Fanfulla*, era elle reptado por Chiaia para assistir ás sessões d'Eusapia Paladino, a fim de pessoalmente se certificar da veracidade dos phenomenos.

Depois de varios incidentes e troca de correspondencia, acceitou, e pela realidade palpavel das cousas, pela incontestavel verdade dos factos, não hesitou na sua affirmação, escrevendo em 1901: «*Io sono molto vergognato e dolente di aver combattuto com tanta tenacia la possibilitá dei fatti cosi detti spiritici*».

Era a esse tempo Lombroso, como confessa, escravo apenas dos factos, e não acceitava a theoria espirita, porque as suas observações eram limitadas, e os factos presenciados não o podiam auctorisar as mais largas deducões.

Era então prudente e cautelloso, sómente por falta de base, em que legitimamente fundasse uma theoria mais comprehensora e ajustada.

Passaram-se os annos; a sua observação continuou; phenomenos de outra transcendencia passaram sob seus olhos e forneceram ao seu criterio elementos novos de austera conjectura.

Eu conheço alguns trabalhos d'indagação psychica e de assistencia de Lombroso á producção dos phenomenos, mostrando que o seu inquerito continuou colhendo dados de inferencias novas.

O anno passado morre Ercole Chiaia, que com uma hombridade e tenacidade dignas de memoria indelevel, tinha acompanhado e proclamado as faculdades medianimicas de Paladino, tornando-as conhecidas como provas immortalistas positivas.

A' commemoração que lhe é feita, accorrem por gratidão e justiça, muitas celebridades italianas e estrangeiras, como os professores Leonardi Bianchi, Enrico Morselli, Schiaparelli, Scarpa, Falcomer, Carreras, Tummolo, Volpi, Hoffman, Sardou, Richet, Rochas, Sage, Maxwell, Flournoy, Dariex, etc. etc.

Lombroso tambem prestou o seu tributo á memoria do grande trabalhador, e nas suas palavras destacam-se phrases sobre a nova concepção do problema:

«E' a elle — diz — que muitos devem (e eu entre elles) o verem aberto um novo mundo ás observações psychicas — e aberto com o methodo unico para convencer os homens cultos, a observação directa.»

E no mesmo numero de *Luce e Ombra*, onde se acha estampada a brilhante e devida commemoração a Ercole Chiaia, vem a affirmação, até hoje não desmentida, de que o professor Cesar Lombroso crê na *sobrevivencia*, d'uma parte ao menos, *da personalidade humana*, em face da evidencia dos factos.

Esta confissão de Lombroso foi repetida na Redacção d'aquella revista, como o certifica a auctoridade grande e insuspeita de Marzorati, accusando-se assim a orientação que queriamos marcar.

São numerosissimas estas transições da concepção animista para a adopção da hypothese espirita, sinceramente feitas pelos investigadores, á medida que novas prespectivas se abrem ás suas pesquizas.

* * *

Devemos fazer aqui inteira justiça ao nosso querido amigo.

Se houvera sido investigador, se o seu trabalho pratico viesse desde ha largos annos, se atravez d'elle, a sua cautella e o seu rigor se tivessem avigorado com a lição da experiencia, e em meios differentes com mediums diversos, lhe tivessem surgido factos incontroversos, provas intimas, dados frisantes da intervenção d'um parente, d'um amigo fallecido n'essas manifestações, e se a lucidez do seu criterio, incidindo sobre os factos e illuminando-os ao fulgor d'uma logica severa, eliminasse todos os factores, que para ahi, inconsideradamente, inscientemente, se põem na origem d'elles, cremos bem que a sua opinião havia de ser a nossa — a convicção da persistencia animica após a desintregação corporea.

Porque os factos são bem eloquentes, proclamando a hypothese, e a verdade é que todas as manifestações se comportam, como se ella fosse absolutamente verdadeira.

Se o tempo nos sobrar, aqui mesmo chamaremos alguns d'esses factos de incoercivel concludencia, e não o fazemos agora, porque outras considerações merecem prioridade.

Sem fallar dos paradoxos que a especulação nos suscita, irreductiveis fora d'esta theoria de justiça, de coherencia, de consolação ; sem lembrar a universalidade da crença, não privativa apenas dos periodos iniciaes da evolução, mas retemperada até nos ultimos fulgurantes esforços da sciencia ; sem mostrar, nos systemas de definitivo anniquilamento, a inutilidade do esforço, do altruismo, da aspiração, e a cruel anciedade do nosso anhelo insaciado, presos ao miserrimo torrão que nos sugará todas as egregias qualidades ; a verdade é que á hypothese espirita conduzem de modo intuitivo todas as experiencias e todos os descobrimentos do magnetismo, em qualquer dos aspectos da sua modalidade.

Na tentativa saluberrima d'esta demonstração tem trabalhado afanosamente um grande numero de investigadores pertinazes e de intelligencias superiores.

A obra percorrida é grandiosa e mal sabem os extranhos a estas pesquizas, quanto se tem conseguido já, de certo e de irrevocavel.

Mas os que se avergam ao peso da evidencia, não são os que de longe consideram os factos, narrados apenas em descrições alheias ; são os que procuram, obtêm, sondam, prescrutam os phenomenos e buscam acuradamente as suas causas. Aos olhos d'estes investigadores é que o problemas parece resolvido.

No artigo a que nos referimos, attribue-se ao animismo do medium a complexa phenomenalidade observada nas sessões ; é um tentamen de interpretação acceitavel para certos factos e bastante a uma área determinada, mas insufficiente para a explicação integral de muitos phenomenos. Como o espaço nos obriga a cortar por aqui esta apreciação no numero seguinte mostraremos que muitos phenomenos escapam abertamente ao quadro d'essa theoria, para sustentar o immortalismo, cuja defesa a experiencia nos impõe.

(Continúa)

SOUSA COUTO.

Investigações sobre as materialisações dos phantasmas e outros phenomenos psychicos

PELO

Dr. Paulo Gibier

II

ILLUMINAÇÃO DA SALLA

Durante as experiencias de materialisação, a salla acha se illuminada unicamente por uma lanterna, collocada ao fundo do aposento, na extremidade opposta áquella em que está o medium e por traz dos assistentes, cuja vista d'este modo não é incommodada de fórma alguma pela luz directa.

A lanterna fica collocada perto do tecto, e assim o corpo dos assistentes não projecta sombra alguma sobre o gabinete, que fica em frente d'elles : a lanterna consiste n'uma caixa de madeira de faces espessas, salvo a parte anterior, fechada por um vidro de côr azul, deante da qual póde subir ou descer mais ou menos, segundo a quantidade de luz que se deseje, uma tampa de madeira em corrediça vertical.

Ao principio empreguei a lampada d'azeite, que posteriormente substitui por um bico de gaz acetyléne, tamisando-lhe a viva claridade por uma folha de papel branco desgommado, posta sobre o vidro azul.

A tampa de corrediça é movida por meio d'um cordão que desce desde o tecto, onde passa por umas escapulas, e cuja extremidade equilibrada por um contra-pezo vai dar ao gabinete, entrando pela parte superior.

Esta extremidade do cordão fica fóra do alcance do medium, quer elle esteja dentro da caixa, quer atado no gabinete.

Tal disposição permitte ás «forças» que se irradiam do medium e que se organisam em projecções *personalisadas*, o regularem a luz segundo o seu gráo de desenvolvimento e seu poder.

CAIXA MUNIDA D'UM GABINETE

Algumas das minhas experiencias foram feitas com o emprego d'uma caixa, especie de gaiola, completada por um gabinete de téla; outras realisaram-se com um gabinete especial sem caixa.

A caixa compõe-se de cinco paredes de grade metalica, assente sobre um quadro ou base de madeira, e d'uma porta da mesma construcção munida de dobradiças e d'uma fechadura de cadeado.

As cinco paredes (tres lados, fundo e tampo superior) são formadas por esquadria de madeira, revestida de uma forte rêde de fios de ferro galvanisado, formando malhas quadradas de 12 a 13 milimetros de lado, nos quaes apenas entra a extremidade do dêdo minimo.

Os fios que formam esta grade teem cerca de milimetro e meio de diametro, e estão todos soldados entre si a zinco, depôsto pela galvanoplastia.

Esta rede metalica está fixada pelo lado de fóra dos quadros de madeira por meio de travessas cravadas e as dobradiças da porta igualmente estão aparafuzadas pelo lado de fóra.

Os quadros estão reforçados na parte media por uma travessa de madeira, e são entre si ligados por um systhema de longos parafusos, cuja cabeça fica na extremidade da caixa logo que esta está montada.

Quando a caixa está fechada a cadeado, póde considerar se impossivel a um homem robusto sahir d'ella com o unico auxilio das mãos.

E é preciso dizer, que se fosse praticada, n'uma das paredes ou da porta, uma abertura sufficiente para dar passagem a uma pessoa, isso não poderia executar-se sem fazer ruido nem deixar signaes.

No topo superior da caixa estão fixados, por meio d'escapulas, duas barras metalicas,que se extendem horisontalmente seguindo os bordos anterior e posterior, até cerca de um metro do lado direito da caixa.

Grandes cortinas, tão impermeaveis á luz, quanto possivel são lançadas sobre o todo, de maneira a cobrir inteiramente a caixa, pois no interior d'ella não deve entrar nenhum raio luminoso.

Em virtude d'essas barras horisontaes, as cortinas extendem-se para além, do lado direito da caixa. O conjunto fórma uma especie de gabinete cuja fachada tem o dôbro do comprimento da caixa ou por outra: estamos em presença d'uma caixa fechada, tendo do lado direito um gabinete quadrado, constituido por cortinas.

As dimensões da caixa são as seguintes:

Altura.....	$2^{m},04$
Profundidade.....	$0^{m},94$
Largura da porta.....	$0^{m},87$

O medium é introduzido no interior da caixa, onde existe uma cadeira vulgar, a porta é fechada em seguida, applicando-se-lhe o cadeado e depois sellada.

As cortinas são ajustadas com exactidão.

Para deante se verá a razão d'estas disposições.

DESCRIPÇÃO DO GABINETE DE MADEIRA

Em virtude de razões que opportunamente exporêmos, as experiencias feitas com a caixa foram abandonadas, e por indicação de um dos «guias» do medium, foi construido um gabinete de madeira a um canto da sala, onde essas experiencias tinham logar.

Este gabinete é fechado por todos os lados, salvo uma abertura de $1^{m},88$ de altura por $0^{m},51$ de largura, fazendo face á lanterna collocada na outra extremidade da sala cerca de cinco metros de gabinete.

Além de ser de madeira, o gabinete é forrado, tanto interior como exteriormente, por um panno escuro, em quanto que uma especie de guarda-vento ou amplo reposteiro da mesma côr, compôsto de duas cortinas, podendo abrir-se ao meio, fecha a referida abertura.

D'este modo, o interior do gabinete fica na mais absoluta obscuridade qualquer que seja a intensidade da luz collocada no exterior.

Uma obscuridade ainda mais completa que a da camara escura é

necessaria no gabinete, em que o medium fica (pelo menos com Mrs Salmon), mesmo quando na salla dos assistentes é possivel conservar uma luz sufficiente para vêr as horas do relogio de bolso ou ir escrevendo os factos á medida que os phenomenos vão occorrendo.

As dimensões do gabinete são as seguintes:

Altura	$1^{m},98$
Largura	$1^{m},57$
Profundidade	$1^{m},02$
Largura da entrada	$0^{m},51$
Espessura das taboas	$0^{m},02$ [1]

A entrada (como se disse) está situada á direita do gabinete e mesmo á extremidade da sua face anterior.

Dois buracos d'um centimetro de diametro e distantes um do outro tres centimetros estão feitos á altura de $1^{m},80$ do sólo e a $0^{m},49$ da face esquerda da entrada, ficando assim a um metro da extremidade direita e $0^{m},57$ da extremidade esquerda do gabinete.

Estes buracos servem para atar o medium, como se verá mais adeante.

Um outro buraco, tambem de $0^{m},01$ de diametro existe na parte posterior e á direita e sobre o tecto do gabinete, para deixar passar o cordão ligado á porta corrediça da lanterna e regular a luz como acima se disse.

Devemos emfim acrescentar que as taboas de toda esta construcção são ajustadas por meio de entalhes reforçados por travessões, que abraçam toda a peça, tanto em cima como em baixo, e que estão pregados sobre as taboas.

PHENOMENOS DE MATERIALISAÇÃO OBSERVADOS FÓRA DA CAIXA ONDE O MEDIUM ESTÁ FECHADO Á CHAVE

Desde que o medium está installado dentro da caixa, o cadeado fechado á chave e esta em meu poder, colla-se uma estampilha franceza de 15 centimos sobre a abertura do cadeado e duas outras estampilhas sobre a junta da porta, sendo uma superiormente ao cadeado $0^{m},40$ e outra a igual distancia na parte inferior. [2]

O medium senta-se tão confortavelmente quanto possivel na cadeira collocada na caixa, voltada para nós; depois as cortinas são ajustadas como se disse.

As pessoas presentes como é de seu dever, teem já tomado seus

---

[1] Afim d'augmentar o volume de ar no interior do gabinete em que o medium fica encerrado por vezes mais de duas horas, aquellas dimensões foram ampliados em experiencias feitas mais recentemente, e estabeleceu-se um systema de ventilação, sem que a luz podesse entrar

[2] Apezar de seus protestos de boa vontade em se submetter ás condições da experiencia, o medium, susceptivel como são quasi todos, mostrou todavia que estas precauções offendiam seus sentimentos profissionaes. A primeira vez que me viu collocar as estampilhas, como acabo de descrever, Mrs. Solmon perguntou-me, n'um tom reservado, se eu pretendia andal-a para o correio n'aquella caixa.

logares nas respectivas cadeiras, dispostas em semi-circulo em volta da caixa. [1]

Eu tomo assento tambem o mais perto possivel da extremidade direita do gabinete.

Até este momento as preparações são feitas em plena luz do gaz, que se apaga desde que o medium está seguro de que nenhum raio luminoso penetra até elle.

Preparadas assim as cousas, primeiramente nosso olhar é surprehendido pela diminuição brusca da luz, mas, passados alguns segundos, começamos a vêr os objectos circumstantes e o rôsto de todos os assistentes, assim como as mãos e partes claras de seus vestidos, pois tudo nos apparece de maneira satisfatoria [2].

N'estas condições e após uma espera, variando desde alguns segundos a muitos minutos, vi desenrolarem-se successivamente os phenomenos que vou expôr em condensado relato de minhas observações, segundo as notas de muitas sessões.

1. — Varias vozes, differentes umas das outras, se fazem ouvir, não na caixa (onde estava o medium), mas no gabinete situado ao lado d'ella.

Primeiramente é uma voz de menina, dando-nos as boas-noites.

Esta voz toma umas vezes o tom sério, outras o tom alegre.

E' um dos espiritos «director» ou «guia» do medium, e que diz chamar-se Maudy (diminutivo de Maud); depois uma voz de basso nos sauda tambem; é a voz de Ellan, o outro «guia».

Em tom sentencioso, faz-nos um pequeno discurso sobre as precauções a tomar (por nossa parte) nas sessões, e sobre as grandes difficuldades que elles e os outros invisiveis teem a vencer, para produzir os phenomenos que nós chamamos psychicos, e para dar a prova «d'esta verdade explendida: a sobrevivencia do espirito após a morte do corpo »

2. — Em muitas occasiões, mãos brancas e finas, por vezes maiores, uma diaphana apenas visivel, acompanhando uma outra d'apparencia mais

---

[1] As idas e vindas (qualquer movimento) depois que o medium está prompto prejudicam as manifestações.

[2] Quando tudo está prompto e uma luz suave illumina a salla, é costume os assistentes cantarem em côro.

Não é necessario que o canto seja religioso ou monotono, ou mesmo que haja ju-tera na execução, comtanto que cada um cante como poder.

Nas primeiras experiencias, um dos assistentes tocava piano, collocado na salla para esse fim.

E' claro que um espectador não prevenido, não iniciado, está no direito de julgar este facto infantil ou suspeito, assim como a meia-obscuridade; mas é averiguado que com todos os mediums que vi, os phenomenos, qualquer que fosse a sua natureza, appareceram mais promptos e mais intensos na penumbra, desde que o canto estabelecia uma especie de vibração harmonio a (?) senão na atmosphera, ao menos no pensamento dos assistentes.

Nunca perdi de vista, que o canto póde, em certas casos, favorecer a fraude, ou no gabinete ou fóra, e assim punha ouvidos attentos em todas os sons que podessem vir do sitio onde estava o medium.

Muitas veses o canto a meia-voz dos assistentes, no qual eu nunca tomava parte permittia me ouvir de tempos a tempos, a respiração do medium, mas nada mais.

material (mas não tendo similhança com a do medium que é curta e cheia), deslizam do alto do gabinete até á sua parte media.

3. — Um braço e uma mão nús por muitas veses se mostram ao mesmo tempo nas duas extremidades do gabinete-caixa, a cerca de dois metros de distancia.

4. — Uma forma feminina vestida de branco, sendo mais alta que o medium pelo menos deseseis centimetros, afasta as cortinas do gabinete que está á direita da caixa, e sae para a frente das mesmas cortinas, depois parece abater até enterrar-se no tapete que cobre o soalho.

5. — Uma outra apparição feminina de estatura menos elevada, tendo uma coroa e um cinto luminoso sai bruscamente das cortinas, sem fazer o mais leve ruido.

Seu rôsto não se parece com o da forma precedente; é mais trigueira, os vestidos são d'uma côr quasi escura e os cabellos negros.

Esta apparição murmura em voz muito baixa algumas palavras que não podemos comprehender.

Em seguida entra no gabinete sem deixar o menor vestigio de odor phosphorescente e de outro qualquer.

6. — Decorridos alguns minutos, durante os quaes os assistentes cantam a meia voz, agitam-se as cortinas do gabinete; o canto cessa, e ouve-se na caixa a voz da menina.

Depois uma cousa branca se mostra entre as cortinas, e um homem de estatura mais que mediana apparece na abertura.

Em breve desapparece sem proferir uma palavra, mas a pequena voz de Maudy nos annuncia que o que vimos era Ellan, e acrescenta que vai ella mesma fazer tentativa de vir mostrar-se, se puder tomar força sufficiente, e que Ellan igualmente ia vêr se podia vir uma outra vez.

7. — A base das cortinas levanta-se e uma forma de creança sai e se agita, batendo no chão com as mãositas e fazendo ouvir n'uma voz de bébé (voz que vem do sitio onde vemos a creança) nos seus seguintes; *tá ttá*, *tttá*, *tátá*.

A forma desapparece, e uma voz se ouve do interior da caixa, dizendo que a apparição que acabamos de vêr e ouvir é de um menino de alguns mezes, morto recentemente.

8. — Ellan apparece entre as cortinas do gabinete, avança para nós e falla-nos d'uma maneira distincta, com a mesma voz com que nos fallou de dentro do gabinete ou da caixa; demora-se deante de nós alguns segundos e então peço-lhe licença para lhe apertar a mão.

A apparição extende-nos a mão em seguida: levanto-me (e n'esse momento uma voz, vinda do gabinete, recommenda-me para me dirigir devagar), approximo-me da forma e tomo a sua mão direita na minha mão direita.

Cerro-lhe a mão e a forma materialisada corresponde, dando-me tambem um cerrado cumprimento. A mão, que aperto na minha, é tepida, comprida, firme, um pouco ossuda, uma mão de operario, em quanto que o medium tem a mão mais pequena, flexivel e gorda. Verifico então que a forma é mais alta do que eu metade da cabeça (esta mesma differença para menos tem o medium, que é mais baixo do que eu); a apparição tem vestido um fato escuro, e o plastron branco da camisa destaca-se claramente da côr d'esse fato.

O cabello e barba são castanho carregado, os olhos tambem castanhos, ao passo que o medium tem os olhos azues claros.

A edade apparente d'esta forma é de trinta e cinco a quarenta annos.

Depois de me fazer a saudação retira-se para o gabinete.

Trocando minhas impressões com as pessoas presentes, cada um diz suas observações; todos viram a mesma cousa.

Posto que todos nós estivessemos interessados, nenhum parece particularmente emocionado. Em verdade, a maior parte dos assistentes já presenceou phenomenos mais ou menos similhantes a estes e mesmo tres pessoas presentes, cuja absoluta sinceridade e seriedade conheço, assistiram anteriormente a numerosas sessões com Mrs. Salmon, que por sua intervenção conheço.

9. — Depois da apparição precedente e quando o silencio se restabeleceu, alguns minutos depois, ouvimos a voz de Maudy, primeiramente na caixa e depois no gabinete, e uma cabeça de menina maliciosa, d'uns oito annos d'edade apparece entre as cortinas, exclamando: «Boas noites, Papão!»

Depois afasta as cortinas, sai e começa a correr no espaço de $1^{m},50$ que existe entre o gabinete e uma senhora presente, a quem tomou as mãos.

Demora-se apenas um instante, e volta-se correndo para o gabinete onde desapparece. (Vêr a nota B. inserta adeante, n'esta memoria).

10. — Muitas outras apparições se mostram ainda.

Entre ellas uma mulher, que segundo dizia, perdêra a vida n'um naufragio recente e que vinha apresentar-se com os vestidos todos molhados. Muitos de nós que a tocamos, ficamos com as mãos cheias de agoa.

Essa forma dissolve-se e desapparece no meio de nós, n'uma sessão, e n'uma outra não se dissolve á vista, mas entra no gabinete.

Esta forma feminina exprime-se em francez, ouvindo se-lhe porem só algumas palavras.

11. — Uma outra forma feminina que apparece em quasi todas as sessões boas de Mrs. Salmon, diz chamar-se *Musiquita*, pronunciando o primeiro *u* á maneira hespanhola ou italiana.

Tem a apparencia d'uma cigana e nunca deixa de pedir uma viola franceza.

Quando se lhe entrega este instrumento, toma-o em posição e com a unha do index desfére as cordas, tendo o instrumento com o braço estendido durante quinze ou vinte segundos, depois desapparece levando a a viola para o gabinete ou depondo-a á entrada.

Abster-me-hei de descrever mais extensamente estas apparições, porque em parte se reproduziram com mais ou menos similhança n'uma outra sessão, cujo relato pormenorisado adeante farei.

(Continúa)

PAULO GIBIER.

As Materialisações da Villa Carmen

(Continuação)

Como já notei precedentemente, as exigencias da investigação experimental são implacaveis.

Impõe-se ao experimentador como um dever absoluto o discutir todos os phenomenos e só acceitar aquelles que são objectivamente certos, sem que os mediums ou as pessoas em casa das quaes se fazem as sessões possam melindrar-se com estas precauções rigorosas.

Quando cheguei á Villa Carmen eram ahi mediums, M.lle Martha, ex-noiva do filho de general Noel e M.me Ninon.

Desde longa data prestam amavelmente seu concurso ás experiencias, sendo tão dedicadas como encantadoras; mas, justamente, estas qualidades tornavam meu papel de censor ainda mais delicado.

Mesmo com mediums profissionaes muitas vezes nos defrontamos com recusas, quando se trata de os despir completamente, e comprehender-se ha que não podia tratar-se de submetter senhoras a uma tal inquisição, cuja idea nem sequer me acudiu, e contra ella se teriam revoltado sua dignidade e seu pudor.

De mais, este exame para ser realmente provante, deveria ser realisado na propria salla das sessões, antes de começarem, por uma senhora extranha á casa, e nenhuma havia então para tal fim na Villa Carmen.

Mas meu papel de observador imparcial me impunha a obrigação de estar precavido contra o possivel disfarçe debaixo dos vestidos, de quaesquer pannos ou accessorios que podessem servir a simular uma apparição.

Apresso-me a dizer que durante toda a serie de sessões nada vi que pudesse legitimar minha desconfiança a tal respeito; ainda assim, jámais perdi de vista esta possibilidade theorica de fraude, e foi a verificação da sua impossibilidade absoluta que m'a fez abandonar, como ha de vêr-se pela discussão de algumas sessões particularmente demonstrativas.

Minha tendencia natural para a reserva foi ainda estimulada durante o primeiro periodo da minha estada na Villa Carmen, em virtude d'alguns phenomenos de realidade discutivel, pois que se produziram em condições em que não era possivel uma boa observação.

Eis um exemplo:

A 11 de Julho, dia da minha chegada, estava eu jantando na salla das refeições com os donos da casa e com M.lle Bertha.

Querendo servir agua á minha visinha com um bello jarro de crystal, a aza ficou-me na mão em quanto o vaso se despedaçava no soalho, espalhando o liquido

Quando estavamos olhando para a criada que limpava a agua e apanhava os fragmentos do jarro, de repente M.me Noel soltou um grito estridente, dizendo-nos que qualquer cousa, á direita, tinha sido lançada contra ella: era um ramo de jasmim.

Um pouco mais tarde, foi lançado outro ramo como o primeiro completamente d'improviso, de modo que não era possivel saber d'onde vinha.

Infelizmente, a porta da salla de jantar estava entreaberta, de ma-

neira que nada impedia qualquer pessoa de atirar as flores para fazer crêr n'um apport ; eis porque classifico este facto entre os phenomenos duvidosos.

Afim de não alongar demasiado este relato, passarei em silencio as sessões realisadas antes da chegada da Sr.ª ingleza, que fez a sua primeira visita á Villa Carmen no domingo, 16 de Julho.

Essas sessões offerecem pouco interesse, por se haverem realisado em más condições de fiscalisação no quarto de M.me Noel.

A lealdade todavia me impõe o dever de consignar, que o cocheiro arabe, chamado Areski, foi por mim duas vezes apanhado em tentativa de fraude.

A primeira occultando-se perto do gabinete de *toilette* de M.me Noel, batendo contra a porta de communicação para fazer acreditar na presença d'um espirito máo e perturbador ; a segunda vez occultando uma peça de panno, chamado haïck, no docel da salla de sessões, onde eu pesquizando o descobri, n'um dia em que elle julgava assistir a uma sessão, que aliáz nada produziu.

O General Noel explicou-me que era em estado de transe e sob a obsessão d'um máo espirito molesto, que o creado praticava estes actos reprehensiveis.

Porèm como, consciente ou inconscientemente, taes actos são sempre embustes, foi decidido que de futuro se prescindiria de seu concurso, e assim nunca mais elle tornou a tomar parte em qualquer experiencia.

Continuando a ser máo o estado de saude de M.me Noel, não se fizeram sessões desde 16 a 20 de Julho.

N'este dia tivemos a visita d'um tenente da armada, meu amigo e da familia da casa, e assim todos, incluindo a senhora ingleza, tivemos á tarde uma sessão no pavilhão já descripto.

SESSÃO DE 20 DE JULHO

Teve logar em breve, cerca das quatro horas da tarde.

Inspecção da salla.

Estavam presentes : M. e M.me Noel, o tenente, a senhora iugleza, M.lle Martha, Paulette e Maria Béraud, M.me Ninon e eu.

Sentamo-nos em volta da meza pela ordem seguinte : M.me Noel á esquerda, M. Noel, eu, M.lle Martha, a senhora ingleza, M.lle Paulette, o tenente, M.me Ninon e M.lle Maria.

A lanterna tem o vidro vermelho n.º5, um pouco mais fraco que o que ordinariamente se emprega, por causa dos novos elementos introduzidos no grupo.

Mas a luz é sufficiente para se distinguirem todos os assistentes.

Foi d'esta vez apenas que eu não inspeccionei pessoalmente a salla, porque só entrei quando todos já estavam sentados.

Após a prece feita por M.me Noel, Martha e Ninon entraram no gabinete.

A direcção das sessões pertence completamente a M.me Noel, que recommenda a cada um para não sahir do seu logar, não fallar, formar a corrente e cantar, quando fôr determinado.

Tendo-se entoado alguns cantos em côro, ao fim d'um quárto d'hora

approximadamente, agitaram se as cortinas, e a da direita (direita com relação aos assistentes) foi legeiramente repuchada.

Por a entre-abertura dos pannos, vi, por diversas vezes, uma forma pardacenta pouco distincta.

As cortinas afastam-se ainda mais, e então esta forma está situada entre os dois mediums, que se veem adormecidos sobre as respectivas cadeiras. Um pouco mais tarde a senhora ingleza declara vêr uma luz, mas eu não a distingo.

A forma pardacenta apparece agora um pouco mais accentuada, embora ainda indistincta.

Passados instantes, parece-me que este phantasma tem um aspecto ligeiramente phosphorescente, ignorando comtudo se tal effeito será ou não devido ao reflexo da luz vermelha sobre esta forma.

As cortinas são fechadas do interior do gabinete, sem que possa saber-se quem as cerrou.

De novo se entoam alguns cantos, mas nada se produz.

Depois d'um tempo bastante longo, vinte minutos talvez, os dois mediums, Ninon e Martha sahem, um após outro do gabinete, e já na salla dirigem-se para a porta.

Parecem ainda em somnambulismo.

Martha senta se na cadeira defronte da porta e Ninon colloca-se deante d'aquella.

N'este momento ouve-se, por differentes vezes, uma voz masculina bastante forte, mas d'um timbre velado, que M.me Noel declara ser de seu filho Mauricio (fallecido).

Em seguida Martha executa uma especie de dança, voltando sobre si mesma e curvando o busto em diversos sentidos.

Mme Noel diz que é uma dança indiana. Quanto a mim nóto simplesmente a grande flexibilidade do medium.

Depois d'isto finalisa a sessão e logo os mediums sahem para o jardim.

CRITICA — Devo lembrar aos leitores que minhas criticas não se dirigem em cousa alguma á honorabilidade das pessoas.

Collocado nas condições que já expuz, impunha-se me a discussão livre dos factos e o exame de todas as supposições que viriam á idea de qualquer sceptico, que assistisse ás manifestações.

Direi, pois, que os phenomenos observados n'esta sessão foram pouco provantes; 1.º porque a forma vista entre os dois mediums era muito indistincta, muito esfumada, e que um estofo branco ou pardo collocado pelos mediums entre elles teria podido simular esta apparencia, que occultava d'esse lado os braços dos mesmos mediums; 2.º porque o estofo póde com facilidade occultar se debaixo dos vestidos, tendo havido tempo desde o principio da sessão para permittir todas estas manifestações.

Já disse que a apparencia phosphorescente não era muito nitida, e demais o facto seria facil de simular, empregando um panno empregnado d'um sulfurêto fluorescente. Emfim a voz que se ouviu, poderia ser imitada automaticamente por qualquer dos dois mediums, pois que ambos conheceram o filho do General Noel.

Era preciso, portanto, esperar ainda factos mais demonstrativos.

(Continúa)

GABRIEL DELANNE.

A EFFLUVIAÇÃO ODICA

II

Meu caro Dr. Sousa Couto

Continuando na narrativa das experiencias por mim realizadas em Elvas, no anno de 1900, com todas as cautellas e espirito scientifico, vou hoje relatar lhe, d'entre muitas analogas, algumas outras experiencias, que, como a inserta no N. 6 da sua importante revista — *Estudos Psychicos*,— provam,para quem não preferir fechar propositadamente os olhos á luz da evidencia, — que, alem da materia visivel e trangivel, existe no nosso ser um *quid* mysterioso e subtil, que a domina e que, em determinadas circumstancias,abandona o envolucro carnal e vae longe, muito longe mesmo, observar factos que os sentidos corporaes não podem accusar nem resentir.

E, se é certo que encontramos na phenomenalidade superabundantissima do espiritismo a demonstração *visivel* e *palpavel* desse principio psychico que denominamos *alma*, não é menos certo que podemos obter a demonstração *racional* e *frisante* da sua existencia com bem menor difficuldade sem sahir do campo *animista.*

E' mesmo opinião minha que todo aquelle que se propõe estudar systhematicamente os phenomenos do espiritismo, deveria começar pelo estudo attento da phenomenalidade magnetica.

O estudo assim é progressivo, sem saltos nem lacunas.

O *somnambulo lucido* é um instrumento delicado que o magnetisador maneja *mais ou menos* a seu talante, em quanto que o *medium* é um instrumento meramente passivo dominado *absolutamente* pelos espiritos desincarnados.

* * *

No meu artigo anterior alludi a uma experiencia que mostra que : — achando-se o passivo em estado cataleptico, e fazendo-o passar, mediante o emprego de alguns passes, a um estado de somno mais profundo, irradiava em volta de todo o corpo d'elle uma como que atmosphera animica (*aerosoma*), na qual passava a residir toda a sensibilidade cutanea, que abandonava por completo a epiderme e o tecido muscular.

Pois bem: empregando mais alguns passes por forma adequada e magnetizando mais intensamente o cerebo, Virgílio (o suget a que me referi) entrava gradualmente no estado de somnambulismo lúcido. Neste estado os olhos permaneciam hermeticamente cerrados, e a intensidade do fluido magnetico paralizava lhe os orgãos vocaes.

Mas alguns passes desmagnetizantes e sopros sobre os labios faziam desapparecer esse impedimento, e elle ficava apto para fallar.

Apezar de se manterem as palpebras fortemente cerradas, collocava-se-lhe a venda costumada, para desfazer a suspeita de que elle pudesse vêr por entre as palpebras.

Julguei a principio que a visão n'este estado se exercesse pela testa ou pelo esophago, como é vulgar nos somnambulos : mas em breve reconheci que n'este a visão se exercia pelas extremidades dos dedos, que

elle agitava constantemente, estendendo os braços, quando procurava vêr alguma cousa.

Ha uma differença profunda entre os phenomenos magneticos que se produzem no estado somnambulico e os que se dão em qualquer dos outros estados – lethargico, cataleptico, de exteriorisação da sensibilidade, de fascinação ou credulidade.

Os phenomenos proprios destes estados são *fataes*, produzindo se *sempre com a mesma perfeição* seja deante de quem fôr, pois que dependem *unicamente* da vontade do magnetizador, e o passivo não tem relação alguma com os circumstantes.

Pelo contrario os phenomonos somnambulicos são *variaveis de intensidade, dependendo pouco do magnetizador, e muito das condicções psychicas do meio ambiente*, isto é, da atmosphera de benevolencia ou hostilidade dos circumstantes ou de alguns delles.

Se todos os assistentes são sympathicos ao passivo e não o julgam capaz de fraude, elle, sentindo se plenamente á vontade, gosa de toda a sua lucidez e acuidade visual ou auditiva.

Se pelo contrario, algum ou alguns lhe são hostis ou desconfiam mentalmente d'elle, o somnambulo sente se visivelmente incommodado, faz esforços para vêr bem e responder com acerto ao que se lhe pergunta; mas os seus esforços não são coroados por um resultado completamente satisfatorio.

Por vezes ao terminar a sessão dizia me o sumnambulo em particular:

— F... e F... fazem me mal, incommodam-me os nervos... seria bom que não voltassem, porque não me deixam vêr bem.

E' por isso que eu entendo que córre o risco de um monumental fiasco aquelle que tentar realizar n'um theatro uma sessão somnambulica.

O verdadeiro campo em que a lucidez do somnambulo se póde manifestar em toda a sua intensidade maravilhosa é n'um grupo de 12 a 15 pessoas, como o que assistia ás minhas experiencias, em que a grande maioria eram assistentes habituaes e só admittia 3 a 4 pessoas extranhas de cada vez. — Assim a atmosphera sympathica constituida pela grande maioria dos assistentes, que já acreditavam nos phenomenos, contrabalançava, *em regra*, com vantagem a *descrença* ou *desconfiança* que por ventura existisse no espirito dos que assistiam pela vez primeira.

* * *

Agrupados os assistentes em semi-circulo em torno do somnambulo, convenientemente sentado e vendado, faziamos com que os assistentes mudassem de logares, feito o que, passavamos a perguntar-lhe o nome de cada um, a côr do fato, natureza da fazenda e seu desenho, natureza do relogio e respectiva cadeia, objectos que traziam nas algibeiras, dinheiro etc.

E a tudo elle respondia com exatidão, salvo se se tratava de individuo que lhe fosse antipathico, porque então errava a meudo.

Se por ventura os circumstantes traziam comsigo botões, anneis de ouro, relogios ou cadeias do mesmo metal, o somnambulo ao topar *psy-*

chicamente com esses objectos, retirava rapidamente as mãos com que tacteava o espaço, e dizia : — *é de ouro, queima-me.*

Deve notar se que n'esta exploração *digito-ocular* os seus dedos ficavam sempre a mais de um metro de distancia da pessoa a que se referiam.

Para destinguir as côres diversas do vestuario das pessoas, usava elle de um processo singular, mas que lhe dava resultado — molhava com saliva os dedos indicador e polegar, estendia o braço em direcção ao individuo a que se referia, esfregava os dedos um pelo outro, levava depois a mão em frente dos olhos, e considerando attentamente atravez da venda dizia : — *é azul, cinzento ou encarnado.*

E advinhava.

Distribuidas ao acaso pelos circumstantes as cartas de um baralho, elle, se estava em perfeito estado de lucidez, dizia qual a carta que cada um tinha, apezar de estar com o verso voltado para cima.

Por vezes apresentava-lhe chromos ou desenhos cobertos com uma espessa folha de papelão, e elle via nitidamente a figura que estava por baixo, descrevendo-a minuciosamente. Devo, porem, dizer que uma ou outra vez errava.

Porque é mister não esquecer que a *lucidez somnambulica* ou *dupla-vista* é uma faculdade *intermittente*,sujeita por isso a *oscillações* de *intensidade.*

Ha no somno magnetico anomalias que se não explicam Assim, por exemplo, um dia que lhe mostrava a mais de um metro de distancia um pequeno cartão onde havia uma flor hygrometrica (que pela mudança das côres indicava o bom e o mau tempo), - elle vio a flor, leu uns dizeres em letra meudissima que havia por baixo d'ella, mas não foi capaz de ler o titulo que estava por cima em *letras maiusculas* de perto de um centimetro de alto!...

Por uma serie de experiencias, neste sentido, mais de 60 vezes repetidas na presença de numerosas testemunhas, pude concluir por uma forma incontroversa — que o somnambulo lucido *vê nitidamente* (mas não com os olhos que estão cerrados e vendados) *tudo o que o rodêa*, e mesmo *atravez de corpos opacos* ou *dentro de caixas fechadas.*

Daqui resulta que os olhos *são apenas um instrumento* atravez do qual a visão se exerce normalmeute ; — mas que a *faculdade de vêr* é cousa *mui diversa*, e reside essencialmente *n'outro principio.*

No proximo artigo terei occasião de citar outras experiencias, que mostram ser a visão *a grandes distancias* ou *telescopica* uma faculdade *indubitavel*, de que podem gozar muitos somnambulos, quando verdadeiramente lucidos.

MARTINS VELHO.

Um caso d'identidade espirita n'uma sessão com o medium Politi

Tal é o titulo dado por Ernesto Senarega ao seguinte interessante artigo :

Em 29 de setembro ultimo, fiz em Roma uma sessão com Politi, em que se produziram factos bem interessantes para mim. Foi na rua Cola di Rienzo, n.º 44, na casa dos esposos Targhini, unicos assistentes commigo.

Foram tomadas todas as precauções necessarias, posto que os esposos Targhini, bem conhecidos de todos os espiritas romanos, estejam acima de toda a suspeita.

Omitto uma serie de phenomenos ordinarios, para chegar ao que especialmente me respeita.

Feita a obscuridade, o medium entra no gabinete, e quasi em seguida sinto-me tocado na face direita por um objecto cuja natureza não pude conhecer : qualquer cousa leve, suave, indeterminada, com um ruido *sui generis*. E tornando-se os contactos mais nitidos, todos reconhecemos que se tratava do roçar d'um tecido de seda, que só podia ser o resultado d'uma materialisação por uma entidade espiritual, pois na salla nada existia similhante.

Perguntei a Alfredo, que se diz espirito guia de Politi, quem me tocára. Respondeu me, por bocca do medium, que tinha sido por um dos meus *parentes fallecidos*. Pensei então vivamente em minha avó, fallecida ha 6 annos, cuja phisionomia busquei, com a mais energica vontade, gravar na mente do medium, para ensaiar se podia, e até que ponto, provocar um phenomeno de suggestão.

Perguntando depois a minha avó se estava presente, foi a resposta negativa :

«E' tua mãe que está e foi ella que te tocou.»

Pedi a minha mãe para me dar uma prova d'identidade. Respondeu-me que ia satisfazer-me e que esperasse. E inquirindo seu nome, recuzou, allegando que podia invocar-se a suggestão e que tal prova era insufficiente.

Então entre mim e o casal Targhini trocaram-se algumas palavras a meia voz, e de repente ouvimos no ar, acima de nossas cabeças, uma voz, dizendo *Erné*... com uma inflexão arrastada e morosa.

O casal Targhini, que é romano, não podia comprehender a significação d esta palavra, assim murmurada. Quanto a mim, bem certo de não ter sido victima d'uma hallucinação, observei logo : Erné é meu nome em dialecto Genovez ; era assim que me chamavam em familia, e muito provavelmente foi que assim me chamou.

A meu pedido a palavra foi repetida e d'uma maneira bem intelligivel para todos.

Julgava que n isso estava toda a prova que me fôra promettida, mas minha mãe mandou ainda esperar.

Por isso, voltamos a conversar.

Sem demora ouve-se o ruido d'aquelle tecido, que havia sido notado no principio da sessão, e que se reproduz com mais intensidade.

Tinhamos a sensação d'um vestido de seda, que crepitasse por cima de nossas cabeças.

Notava-se que não se tratava d'um simples *frou-frou* d'um vestido de seda de mulher ao passar.

Não : era qualquer cousa differente d'isso.

Para fazer-se uma idea justa d'este ruido, é preciso imaginar que uma senhora toma nervosamente o seu vestido, o agita, o sacode, o espana, como para o limpar do pó ou tirar-lhe qualquer cousa que n'elle tivesse pousado.

Este phenomeno durou cerca d'um quarto de hora, augmentando sempre de intensidade, e todos percebemos que era produzido *com intenção* por parte da entidade que se manifestava.

Terminado emfim este facto, cujo intuito não podiamos comprehender, perguntei a minha mãe, se era ella, e n'este caso, o que é que significava e se era a prova d'identidade que me tinha promettido.

(Para apreciar bem o alcance d'este facto, cumpre saber que eu tinha apenas sete annos, quando minha mãe morreu, e que por motivos particulares, pouco tinha vivido junto d'ella Por isso, não me ficou maior lembrança, do que se ella fosse extranha).

A' minha pergunta a resposta foi affirmativa, acrescentando : «E' preciso que saibas que quando vivi, tinha o máo habito de apanhar sempre o vestido e de o sacudir como acabas de presencear.»

E ponderando-lhe que pouco a tinha conhecido e conservava sómente uma vaga idea, disse-lhe que talvez minha tia podesse informar alguma cousa a tal respeito.

«Sim, respondeu a entidade, interroga tua tia ; ella poder-te-ha dar explicação».

Outros phenomenos se seguiram áquelle.

Ouviu se uma voz no espaço dizer :

«Meu filho!» Em seguida produziu-se a apparição do phantasma de minha mãe, por diversas vezes, mostrando se fóra do gabinete e *desvanecendo-se na salla.*

Todos nós vimos este busto de mulher, um pouco inclinado, e que estendia os braços, avançando a cabeça.

Comtudo não posso dizer que reconheci minha mãe, cuja phisionomia, como disse, não ficou nitidamente gravada na minha lembrança.

Posto que parecesse similhante a uma photographia sua, que conservo, é preciso desconfiar da propria imaginação, e por isso não insisto sobre este phenomeno

O unico facto que retenho é o do *ruido da saia*, porque o pude verificar ereconhecer perfeitamente.

Com effeito, logo depois da sessão, escrevi a uma tia, irmã de minha mãe, e que com ella tinha vivido muito tempo e intimamente a conhecia.

A' primeira pregunta que lhe fiz, respondeu textualmente :

«*E' bem exato que a boa alma que era tua mãe fazia esse gesto com os vestidos, tornando se um habito de que muita gente se ria.*

Constantemente remexia os vestidos mesmo na parte interior, e quando á noite se ia deitar, sacudia com ruido a saia e o vestido »

Terminando devo affirmar 1.º — que não conhecia esta *particularidade* de minha mãe e achava-me mesmo na impossibilidade de a conhecer.

2.º — Que se dá o caso de excluir, d'uma maneira absoluta, a possibilidade d'um *truc* da parte do medium Politi, meu conhecido desde ha pouco tempo e que nunca teve com minha familia quaesquer relações.

ERNESTO SENAREGA.

EXPERIENCIAS EM LISBOA

UM CASO DE MEDIUMNIDADE INTERESSANTE

Como sabem todos os que estudam esta materia, quer pela experiencia propria, quer pela leitura de trabalhos alheios, occorrem por vezes manifestações medianimicas, cujo execução toma um aspecto normalmente inexequivel.

Em data relativamente recente, pois foi no decurso d'alguns mezes do anno passado, tive occasião de presencear e verificar uma especie de mediumnidade escrevente *sui generis*, sobre que tenciono fazer de futuro mais extenso e profuudo estudo, e que hoje apenas esboçarei na sua linha principal.

Eu já tinha tido ensejo de colher em repetidas experiencias a escripta medianimica d'essa natureza, realisada no estado de transe e com a mão direita; mas no caso que agora relato havia mais uma singularidade pouco vulgar.

Eis o phenomeno a que me quero referir:

O medium entrava em transe pela crescente invasão dos symptomas, que este estado costuma apresentar, ainda que por vezes com variantes de um para outro individuo. As mãos iam gradualmente arrefecendo, a respiração ia-se opprimindo os orgãos vocaes accuzavam movimentos de constricção, até que o medium perdia a consciencia.

N'este estado é que o phenomeno de escripta se dava. Como no principio da manifestação, o medium sentia mais tendencia na mão esquerda para escrever do que na mão direita, era com aquella que exercia a mediumnidade.

As costas da mão esquerda ficavam sobre o papel os dedos voltados e fechados sobre a palma da mão e o lapis preso entre o dèdo indicador e o maior.

O lapis começava a deslizar, mas em vez da escripta sair em fórma

usual, ao contrario era invertida e só podia lêr-se por transparencia, voltando o papel contra á luz.

Esta fórma de execução dava a apparencia graphica que se obtem, pondo-se um escripto ás avessas perante um espelho.

O escripto n'esta posição reflectindo-se, dá perfeitamente a imagem d'esta escripta medianimica.

Succedeu por vezes o braço resvalar da mesa e não ter força para voltar á posição abandonada. Era então preciso levál-o a essa posição e a escripta continuava.

As communicações assim feitas não eram assignadas pelo medium, nem a caligraphia parecia sua. Não era sempre a mesma individualidade que se manisfestava, pois que diversas assignaturas firmaram essas communicações.

Succedeu, que em algumas experiencias, viéram varias communicações com assumptos e pensamentos diversos, e cada uma d'ellas era assignada por um nome differente.

Quando a sessão terminava, era preciso ás vezes despertar o medium, gastando se algum tempo a trazêl-o a uma relativa vigilia.

Maior do que a dos circumstantes era a surpreza do proprio medium que de nada se lembrava nem tinha consciencia do menor acto executado

SOUSA COUTO.

Um caso de clarividencia

E' da revista ingleza *Light*, dezembro de 1904, que é extractado este caso, revestindo no fundo um certo interesse.

Refere o seu auctor, Reginald Span, que em novembro de 1904 se encontrava na pensão Annonciata de Menton, quando um dia, á mesa, a palestra derivou para factos d'espiritismo e d'ahi resultou o phenomeno, que elle relata.

Reproduzimos a sua propria narração:

«Fallava a respeito de espiritismo com alguns de meus commensaes, e para alguns o facto era inteiramente novo.

No dia seguinte á noite, em vez de nos reunirmos como de costume na salla de bilhar, convencionou-se que eu lhes mostraria como se faz uma sessão.

Ainda que meu estado não fosse muito favoravel para isso, porque tinha passado a tarde no sallão de jogo de Monte Carlo, consenti ainda assim em fazer uma experiencia.

Para isso, collocamo-nos em volta d'uma mesa, e fez-se a obscuridade na salla.

Comecei por mostrar a minha faculdade de clarividencia descrevendo os espiritos que via junto de cada assistente, e dos quaes a maior parte foi reconhecida pelos parentes ou pelos amigos.

De repente a sessão é interrompida por uma exclamação de receio e de espanto por um francez assistente, declarando que via com toda a nitidez uma grande forma que estava em pé atraz de mim.

Era um homem vestido á moda antiga, que elle julgava ser do decimo sexto ou decimo setimo seculo, sem que lhe fosse possivel especifical o

Pela descripção minuciosa comprehendi logo que devia ser do tempo de Carlos I.

Essa apparição era de estatura elevada, de porte distincto, longos cabellos cahiam sobre os hombros ; o bigode espesso e os traços phisionomicos bellos.

As botas de cavalleiro passavam acima dos joelhos ; as esporas eram como de ouro ; uma longa espada pendia-lhe da cinta e a mão branca e comprida pousava sobre o punho incrustado de ouro.

Uma banda de seda vermelha lhe crusava o peito e fazia resair mais a cor sombria do gibão de veludo.

A cabeça estava envolvida d'uma luz de tal modo intensa, que o assistente que a via e descrevia, declarava não a poder supportar, e tão impressionado estava, que foi preciso terminar a sessão.

O que ha de mais impressionante, é que o mesmo espirito me appareceu n'uma sessão, em casa de Cecil Husk em Londres, ha muitos annos.

A sessão era particular (era a primeira a que me foi dado assistir) e não fui eu só a vel-o, pois foi egualmente visivel para todos os assistentes.

Tinha então um grande chapeu ornado de plumas, mas não tinha aureola luminosa ; destacava bem sobre o fundo d'uma ardosia phosphorescente, e conservou-se tão perto de mim, que o pude examinar minuciosamente.

Devo acrescentar que o assistente francez, de que fallei, nada absolutamente sabia sobre minhas experiencias espiritas ; não podia por isso ter sido suggestionado por nenhuma narração que me ouvisse.»

REGINALD SPAN.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

— *Histoire du Mouvement de la Paix en Noruège*, par Halvdan Koht.

— The Tzar' Rescript — by Evans Bauby.

— Tratado de telegraphia humana — Brinde da revista *Luz y Union* de Barcelona.

Agradecimentos.

N.º 10 MARÇO DE 1906 1.º ANNO

ESTUDOS PSYCHICOS

REVISTA MENSAL DE ANIMISMO
E ESPIRITISMO EXPERIMENTAL

Director—DR. SOUSA COUTO

COLLABORADORES—Drs. Maxwell, Laurent de Faget, De Reyle, Wolowski, Marzorati, Roso de Luna, Quintin Lopes, Martins Velho, etc.

Escriptorio—Rua do Ouro, 149, 2.º LISBOA

A CRITICA E OS CRITICOS

V

É muito facil e muito commodo dizer que os phenomenos mediani-micos se pódem explicar pelas faculdades do medium e que apenas representam, ou fórmas superiores da actividade psychica ou modalidades da sua exteriorisação.

Não basta, porém, enunciar uma theoria e encerral-a indemonstrada n'uma affirmativa gratuita; o que principalmente importa é a discussão ampla da hypothese e a verificação de que ella abraça e satisfatoriamente explica todos os factos que pretende interpretar.

Ora até hoje a theoria do animismo não conseguiu realisar essa condição impreterivel de validade, e emquanto o não fizer, inscientifico seria arvoral-a como explicação unica e universal da phenomenalidade psychica.

Seria imperdoavel esquecer, que quasi todos os que abordam pelas primeiras vezes este assumpto, forcejam desde logo por submetter os factos a uma interpretação animista, como mais natural e mais acceitavel; mas esta disposição vae-se dissipando á medida que o estudo se aprofunda e a experiencia se repete, pelo apparecimento de phenomenos que aquella theoria não comprehende.

N'um resumido artigo de resposta, é impossivel percorrer todas as provas, todos os argumentos actualmente feitos em prol do que affirmamos. Isso só poderia ser objecto d'uma extensa obra; ainda assim, vamos tentar o esboço d'uma demonstração, fortificando-a com diversos factos mais eloquentes do que qualquer divagação especulativa.

*
* *

Atravez da variedade dos phenomenos chamados espiritas, muitos apparecem que, no rigor d'uma critica severa e d'uma irrefragavel logica, não pódem deixar de se attribuir a uma *intelligencia extranha* tanto ao medium como ao meio assistente.

Não é com uma leitura limitada, ou com a experiencia individual de alguns mezes apenas, que esta convicção se radica: é preciso uma larga erudição especifica e uma tenaz e longa investigação pessoal para que gradualmente, lentamente, este conceito vá constituindo para nós uma verdade inatacavel.

Ao principio tudo são duvidas, descrenças, pontos obscuros, illaqueando-nos as perspectivas d'uma concludencia segura; mas depois, a pouco e pouco, as duvidas se desvanecem, a descrença substitue-se e a obscuridade vae cedendo o logar á nitidez definida do raciocinio. Só a persistencia póde realisar esta evolução.

Nunca será demasiado repetir esta affirmação; é mesmo indispensavel insistir n'ella, pois que representa uma lei, conquistada já e proclamada por quantos cultivam estes estudos. E não pequenos fructos do seu conhecimento adveem, pelo estimulo aos estudiosos e pelo combate ao desalento dos que começam no presupposto falso de que pouca experiencia bastará a fundar uma convicção.

Não; á medida que mais e mais factos se conhecem, á medida que novos resultados se colhem n'uma pertinaz indagação, n'uma larga variedade de circumstancias, de condições e de meio, tambem mais e mais as incertezas e as difficuldades desapparecem no estudo dos phenomenos medianimicos, até que o problema por fim nos apparece resolvido com uma luz sufficiente á nossa percepção.

Nas obras fundamentaes de psychismo, extensamente documentadas com grande multiplicidade de experiencias, ha provas irreductiveis de que o medium não é, não póde ser, o agente de muitos phenomenos.

Milhares de factos o attestam, desde as affirmações do Comité da Sociedade Dialectica de Londres até ás mais recentes obras sobre a especialidade.

Têm-se agrupado em classes esses phenomenos e têm-se ao mesmo tempo formulado varias hypotheses, como tentamens de explicação; mas a verdade é que muitos d'esses factos resistem tersamente a essas hypotheses, e uma só, a *hypothese espirita,* tem sobrepujado todas as objecções, conseguindo que d'ella façam adopção numerosos e profundos pensadores.

Dando mesmo a mais ampla interferencia á telepathia e á subconsciencia, alargando demasiado os seus limites, tomando em conta as maximas possibilidades da suggestão e da força psychica, ainda surgem perante o investigador numerosos casos demonstrativos da insufficiencia de taes factores.

E' esta demonstração que hoje iniciaremos, fundando-nos em varios factos irrevocavelmente averiguados e que escapam de modo frizante a todas as outras theorias.

Sem prejuizo de opportuno e mais largo desenvolvimento que a este capitulo pretendemos dar de futuro, citaremos hoje alguns exemplos em reforço do que deixamos dito.

Pode vêr-se nas actas do IV Congresso de Psychologia, Paris-1900, que o doutor Van Aeden obteve com o medium Thompson provas para elle irrefutaveis da identidade do espirito que se manifestava.

N'uma das sessões communicou-se um dos seus amigos suicidado, fallando-lhe em hollandez, lingua que o medium completamente desconhecia. As respostas eram correctas e promptas, e o proprio medium não os podia dar em vigilia.

O suicida tinha anteriormente feito uma tentativa infructuosa, sendo achado ainda com vida, mas com a garganta cortada. O medium ignorava tudo isto, até mesmo a existencia do suicida, e todavia as manifestações

eram acompanhadas de tosse convulsiva, espasmo, anciedade, consequencias d'aquella tentativa.

Houve n'essas communicações a revelação de factos e de nomes de pessoas que o Dr. Aeden não conhecia, mas cuja veracidade reconheceu após futuras investigações.

Eis um trecho das suas proprias palavras: «Nada nas minhas experiencias me deu a impressão mais viva de que o medium é apenas um instrumento, pôsto temporariamente á disposição de seres que vivem e podem mesmo gracejar nas regiões que não conhecem nem tempo nem espaço».

E bem classico e conhecido o caso de *Abraham Florentine,* em que foi medium o proprio professor Stainton Moses, como relata em suas obras.

Achando-se elle com o Dr. Speer e a esposa d'este n'uma sessão em Shanklin, veio uma communicação como sendo dada pelo espirito de Abraham Florentine, fallecido em Brooklin a 5 do mesmo mez, e accrescentando que tinha tomado parte na guerra de 1812.

As palavras: «um mez e dezesete dias», foram tambem dictadas. Reconheceu-se depois que ellas se referiam á edade do communicante, pois se verificou ter exactamente 83 annos, 1 mez e 17 dias.

Procedendo-se a inquerito perante as auctoridades militares de New York, verificou-se que Abraham Florentine era voluntario, tendo pertencido ao regimento de milicias de New York e que de facto tinha servido durante a referida guerra.

O dr. Eugenio Crowell se encarregou de pesquisas supplementares, descobrindo que nos registos se achava o nome de Abraham Florentine; e procurando a viuva d'este, por ella soube que o marido havia fallecido a cinco do mez em que se realisou a sessão e que eram exactos todos os mais pontos da communicação medianimica.

Stainton Moses faz sobre este caso a seguinte textual reflexão: «Nenhum de nós jámais tinha ouvido fallar de Abraham Florentine, e nem sequer tinhamos amigos na America que nos podessem dar estas informações... Affirmo que tudo isto nos era perfeitamente desconhecido.»

Na *Revista de Estudos Psychologicos,* de Barcelona, fasciculo correspondente a setembro de 1900, é relatado um caso de identidade, que não póde ser interpretado fóra da theoria espirita.

É assim referido esse caso: «Tres pessoas, um professor de mathematica, um medico e um theologo, tinham pedido ao sr. Segundo Oliver, medium desinteressado, para lhes fornecer provas da realidade dos espiritos. Depois d'um instante de recolhimento, a mão do medium traçou mecanicamente as seguintes palavras:

«Isidora, edade 50 annos, natural de San Sebastian, fallecida em 31 de Março de 1870; doença, cancro intestinal; deixou tres filhos; seus nomes e edades: P., 15 annos; C., 19 annos; M., 25 annos.»

Com estes pormenores, um dos assistentes reconheceu o nome de sua mãe.

Surpreso e commovido, perguntou se ella tinha alguns conselhos para lhe dar. De novo o medium tomou o lapis, mas, com grande admiração sua, em poucos minutos traçou o retrato d'uma pessoa que lhe era desconhecida, e no qual se reconheceu o espirito de Isidora, que nunca,

emquanto viva, tinha consentido em deixar-se photographar. O medium jámais tinha aprendido desenho nem sabia desenhar.

Todos os assistentes declararam que em nada tinham pensado do que foi escripto e que não podia haver ali phenomeno de suggestão ou de leitura de pensamento.»

São actualmente sem conta os phenomenos de varias especies, que demonstram a intervenção d'uma intelligencia extranha, mas como não podemos exceder o espaço destinado a este artigo, proseguiremos depois esta ordem de considerações.

(Continúa). SOUSA COUTO.

INVESTIGAÇÕES SOBRE AS MATERIALISAÇÕES DE PHANTASMAS E OUTROS PHENOMENOS

PELO DR. PAULO GIBIER

(Continuação)

III

As experiencias feitas com o emprego da caixa deram logar a um phenomeno especial, que é meu dever relatar tão minuciosamente quanto possivel. E' o seguinte:

Passagem do medium atravez da porta da caixa

Quando a sessão se prolongava já por o espaço de duas horas approximadamente, ouviu-se a voz de Maudy fallando do interior da caixa e dizendo-nos que as forças do medium estavam esgotadas e que por isso as manifestações iam terminar.

Logo que Maudy deixou de fallar, ouviu-se a voz de basso de Ellan, dirigindo-se a mim n'estes termos:

«Vinde receber o nosso medium, que vae sahir e que carecerá de vossos cuidados.»

Julgando eu que era tempo de abrir a porta da caixa e de dar liberdade ao medium, que estava preso n'este pequeno recinto desde o principio da experiencia, ia para dar mais luz, quando a mesma voz de basso me disse: «Não augmente a luz antes que o medium tenha sahido.»

Como não estava prevenido do que ia passar-se, avancei então para a caixa, a fim de abrir a porta, cujas grades senti atravez das cortinas. N'este momento repelliram-me a mão suavemente, mas d'uma maneira irresistivel, e vi a cortina tornar-se turgida, como sob a pressão d'um corpo volumoso. Então tomei esse volume que se apresentava deante de mim e fiquei deveras surprehendido ao reconhecer que tinha nos meus braços uma mulher desmaiada.

Tratei logo de a desembaraçar da cortina que a cobria; Mrs. Salmon (pois era ella) ia a cahir por terra, se eu a não tivesse sustentado.

Sem perda de tempo, installei-a logo n'uma cadeira, onde as senhoras presentes a ajudaram a voltar a si.

Sem quebra d'um minuto e emquanto um dos meus ajudantes accen-

dia o gaz, apalpei a caixa e particularmente a porta, em que nada notei que me chamasse a attenção.

Desde que todas as lampadas se accenderam, examinámos as cortinas do gabinete, encontrando-as no mesmo estado em que se achavam no principio da experiencia.

Os reposteiros foram então levantados; a porta da caixa e todas as malhas da grade sobre as differentes paredes da mesma foram rigorosamente inspeccionadas: tudo estava absolutamente intacto.

Do mesmo modo as tres estampilhas colladas na junta da porta e sobre a abertura da fechadura de cadeado, todas estavam taes quaes haviam sido colladas, depois que o medium foi fechado na caixa. O cadeado estava no seu logar, passado nas argolas e fechado. Tirei a chave do bolso direito do meu collete, em que a tinha guardado, e abri; as dobradiças da porta funccionaram livremente, e assegurei-me que não tinham sido deslocadas. De resto, durante toda a sessão, eu tinha ficado a menos d'um metro de distancia da porta da caixa, cujos menores movimentos haveria de ter presentido; escutava attentamente os sons que podessem partir da caixa.

Nenhum ruido, nenhum movimento suspeito tinha sequer chamado a minha attenção, e em especial, quando o medium tinha sido transportado atravez da porta da caixa, tenho a certesa de não ter ouvido, e todos os assistentes egualmente declaram não ter ouvido o menor ruido.

Tal é o notavel phenomeno de que fui testemunha em duas experiencias differentes, feitas em meu laboratorio, com alguns dias apenas de intervallo, assim como uma terceira vez n'um local fóra de minha casa.

Mrs. Salmon já não se presta á experiencia da caixa, desde que uma hemoptyse parece ter sido a consequencia que d'ahi lhe sobreveio.

Seus *guias* ou *directores* lhe teriam mesmo prohibido o emprego da caixa metalica como meio de prova *(test seance)*, e não lhe permittem agora senão o uso do gabinete de madeira, que acima descrevemos. (Vêr a nota B. sobre a passagem do medium atravez da grade ou rêde metallica da porta).

Experiencias feitas com o gabinete

Numerosas experiencias foram feitas com o gabinete de madeira. Não foram ellas egualmente coroadas do mesmo exito; e como já tivemos occasião de dizer, foram quasi nullos os resultados obtidos durante um mez inteiro. Relatando uma das melhores sessões que tivemos, penso poder dar uma idéa sufficiente do genero de phenomenos obtidos com o medium observado. Em todos os casos sem excepção, as precauções tomadas eram em egualdade de circumstancias as mesmas, e em summa, a descripção feita para uma experiencia póde ser applicada a todas as outras.

Todavia, antes de fazer o relato da sessão typo, em que o medium estava atado no proprio gabinete, mencionarei este facto — que, em muitos casos, o medium ficava com duas outras pessoas, não no interior, mas fóra e á porta do gabinete.

O medium collocava as mãos sobre o braço esquerdo da pessoa que ficava no meio, e sobre as tres pessoas assim dispostas, fazendo face aos

assistentes, collocava-se uma cortina de côr escura (de maneira a não deixar vêr senão a cabeça).

A luz era regulada como nas outras experiencias.

N'estas condições, todos nós vimos mãos de differentes tamanhos virem do gabinete e acariciarem os hombros, a cabeça ou o pescoço das pessoas collocadas á direita do medium.

Como alternadamente e por sua vez, nós iamos occupar esta posição junto do medium, quando me tocou a vez, fui, collocando-me no meio, ficando o medium á minha esquerda, e uma outra pessoa á minha direita. O medium collocou a mão esquerda sobre o meu antebraço esquerdo e a mão direita sobre o meu braço esquerdo.

Decorrido um minuto, senti-me tocado no hombro direito por uma mão grande de homem, e logo em seguida uma pequena, *fria,* de creança me deu palmadas no lado direito do pescoço, e estas duas mãos foram ambas vistas pela pessoa collocada á minha direita.

Sem perder um momento, pedi ao medium para me tocar no pescoço com as mãos, as quaes logo retirou de meu braço, tocando-me o pescoço; reconheci que tinha as mãos quentes.

Por cima de minha cabeça appareceu uma cara, que foi vista pelas pessoas assentadas na minha frente.

Varios objectos foram tomados do interior do gabinete e passados por entre nossas cabeças. Ouviram-se resoar fortemente e repetidas occasiões as cordas d'uma viola, pousada sobre uma mesa no gabinete e a mais d'um metro atraz do medium; depois o instrumento foi passado por entre as duas pessoas, que se achavam sentadas ao lado direito do medium.

Como n'este momento eu estava sentado em frente do gabinete, tomei a viola e senti uma certa resistencia quando a puchei para fóra.

Teria sido impossivel ao medium tomar o instrumento na posição em que se apresentou; além d'isso, o medium tinha as mãos pousadas sobre o braço da pessoa collocada á sua direita, e essa pessoa apenas tinha a espessura d'uma seda fina (pois era tempo de verão) entre a pelle e as mãos do medium, cujo contacto declarou sentir perfeitamente.

Muitas linhas de escripta foram traçadas a lapis sobre uma folha de papel branco, que ficára posto junto á viola, no interior do gabinete, n'um ponto que o medium não podia attingir do logar em que se achava.

Mas eis-me chegado á observação d'uma sessão typo com o emprego do gabinete.

As notas a respeito d'esta observação foram tomadas durante ella pelo doutor L., auxiliar no laboratorio do Instituto, que as foi escrevendo á medida que os phenomenos se produziram; e como por necessidade taes notas eram laconicas e por vezes incompletas, no dia seguinte de manhã foram completadas pelas que redigiram immediatamente após a experiencia, tanto um assistente, artista distincto, antigo alumno da Escola das Bellas Artes de Paris, como o auctor.

Ao mesmo tempo que o referido assistente e artista trouxe as suas notas, apresentou tambem alguns desenhos extemporaneos de certas apparições que se tinham manifestado, e como esses esboços dão uma boa idéa do que presenceámos n'esta sessão, tratei de os fazer reproduzir pela photogravura (e o auctor junta-os á memoria original). Aqui fica esta observação.

Sessão de 10 de Dezembro de 1898, ás 8 e meia da noite.—Ao todo somos sete assistentes, afóra o medium. Todas estas pessoas são das minhas relações desde ha bastantes annos.

O medium, posto que no começo d'um ataque de grippe, está bem disposto (o que nem sempre lhe succede). Á tarde tinha elle ido com uma pessoa de minha familia ouvir o *Barbeiro,* á Opera Metropolitain, e ainda pediu ao assistente, artista de que fallei e que tem uma explendida voz de tenor, para cantar qualquer cousa. Sem se fazer rogado, vae ao piano e canta *Pensées d'automne,* de Massenet.

Em seguida, experimentei um phonographo, com que me propunha registar as vozes, se as houvesse na sessão (1).

Depois colloquei um cylindro, em que está gravada a área d'uma canção popular e fil-a executar no instrumento, mas foi-o por forma, que todas as pessoas se riram.

Estamos, pois, n'uma disposição alegre de espirito, e de modo algum inclinados á attenção expectante, mãe das hallucinações, como se diz.

O medium retira-se para o logar, onde uma senhora encarregada d'esse mister, a examina minuciosamente e se assegura que não tem qualquer vestido branco por debaixo (2).

Os vestidos de fóra são tambem completamente escuros.

Procede-se depois á ligação do medium. Em roda do pescoço passa-se-lhe uma fita forte de seda, que levo para esse fim, tendo $1^{m},50$ de comprido por $0^{m},08$ de largo; em plena luz e na presença de todos, sou eu mesmo que a ato, por meio d'um nó, chirurgical, ainda consolidado por um terceiro nó, e o todo bastante apertado, de modo que se sinta bem a pressão passando o dedo indicador entre o laço e o pescoço.

Dois assistentes ajudam-me a installar o medium, que fica sentado sobre uma cadeira no gabinete contra a parede anterior d'este e com a cara voltada para a abertura.

Em seguida eu mesmo passo cada uma das pontas da fita por seu respectivo buraco, aberto na parte anterior do gabinete, á distancia de 49 centimetros da abertura (3). Essas pontas são esticadas e por forma que a face esquerda do medium venha ao contacto com a parede; então um assistente, meu collega no Instituto, ata a fita pelo lado de fóra, contra o tapamento por meio d'um nó duplo, muito apertado e ainda faz um outro duplo nó na extremidade das duas pontas pendentes da fita. Os dois assistentes e eu examinamos com todo o cuidado as pontas da fita e reconhecemos que seria impossivel ao medium soltar-se da posição em que o deixamos garrotado (é este o termo).

As outras pessoas presentes declaram-se conformes em face do nosso modo de proceder, e bem alto fazemos notar que os tres nós, que formam o laço no pescoço do medium, constituem uma especie de corda, occupando o pequeno espaço que o separa do tapamento do gabinete e que

(1) Foi impossivel n'esta sessão conseguil-o.

(2) Até a *chemisette* applicada sobre a pelle era escura, e o medium não tinha collete.

(3) Ver anteriormente a descripção do gabinete.

de facto não é possivel passar o dedo entre o ultimo nó e a parede, tal é o apêrto exercido pelo systhema de nós exteriores.

Em seguida desce-se a parte que tapa a entrada do gabinete, dispõe-se a luz... (Vêr a descripção já feita).

Cada um toma o seu respectivo logar, em semi-circulo, á distancia de cerca de 1m,50 do gabinete. São 9 horas e 2 segundos da noite.

Decorridos 24 segundos depois de termos occupado os nossos logares (tempo marcado por meu collega), em completo silencio e sem que fosse preciso fazer musica ou cantar, vemos luares, dando a impressão de transparencia na abertura das cortinas, em quanto que no alto do gabinete, lado esquerdo, mas direito com relação a nós, para o lado de fóra, *e afastado mais de dois metros,* vemos tambem um grande antebraço e uma mão esquerda nús, brancos como neve e perfeitamente distinctos.

O meu collega que dirigiu a confecção do gabinete, chama nossa attenção sobre a circumstancia de que n'este sitio o panno é ininterrompido, porque se extende desde a parede da salla para deante do gabinete e ajusta-se no angulo formado por este, continuando unido até á entrada que fica na parede anterior.

Esse braço e mão movem-se no sentido de cima para baixo sobre uma altura de cerca de 30 centimetros, e passado um lapso de tempo de 20 a 25 segundos, desapparecem no mesmo ponto, isto é, sem se retirarem para o gabinete.

No mesmo instante um objecto branco apparece entre as cortinas da entrada.

Passados tres segundos qualquer cousa tambem branca agita-se na parte inferior da abertura. Isto dura vinte segundos.

Terminada essa manifestação passam 43 segundos sem nada se produzir. Ao fim d'este tempo, vê-se uma forma de mão e ante-braço branco e diaphano deslisar ao longo da cobertura das cortinas e em seguida desapparecer. Decorridos 3 segundos, uma mão da mesma apparencia deslisa ainda da mesma maneira.

Ouve-se então a voz de Maudy no interior do gabinete, e depois das saudações do costume, diz-nos «que *elles* estão magnetisando os estofos e o gabinete afim de facilitar as manifestações».

Um dialogo de muitos minutos se estabele entre Maudy e meu collega, depois, durante 25 segundos, silencio.

Um ruido como produzido por uma pancada secca, violenta, ou uma pedra lançada contra o tapamento do gabinete, se faz ouvir.

Durante 25 segundos, nada. Então apparece uma forma branca, indefinida, na abertura das cortinas, afastando-as e em breve as torna a cerrar.

Tres segundos depois uma mão diaphana mostra-se no mesmo sitio e desapparece.

Ha em seguida, 25 segundos de espera, após os quaes uma forma humana, vestida de branco, entre-abre as cortinas e mostra-se durante tres segundos.

Decorrem 51 segundos; depois mostram-se um braço e logo a parte superior d'um busto e uma face, parecendo incompleta; e quasi immediatamente desapparecem.

Segundo Maudy, parece que as tentativas infructuosas são feitas para materialisar uma forma que se mostraria fóra do gabinete, mas depois de 15 minutos de espera, nada se produz.

Novamente ouvimos a voz de Maudy, do interior do gabinete, dirigindo-se a uma senhora assistente e que estava quasi ao centro do semicirculo formado pelas sete pessoas presentes.

Maudy pede-lhe para que troque o logar com o genro, que está na extremidade direita e mais perto do gabinete. «Isto, lhe diz ella, facilitará os phenomenos, porque sois medium (1) e vossa força nos ajudará.» (Essa troca de logares fez-se logo).

(Continúa). PAULO GIBIER

PHENOMENOS MEDIANIMICOS EM MESSINA

(VEBERSIMULICHE WELT, BERLIN — FEVEREIRO DE 1905)

O Dr. Walter Bormann relata alguns factos medianimicos, observados em Messina, na casa de M. Vittorio Agresta, representante das Sociedades Geraes de Seguro, de Veneza.

Uma das quatro filhas de M. Agresta, a menina Gilda, actualmente de 20 annos de edade, começou a sentir aos 12 annos movimentos extranhos no braço direito, os quaes, posto o desejasse, não podia reprimir.

O pae, receando que se tratasse de hysteria, quiz consultar um medico, porém um amigo, que tinha assistido ás sessões de Eusapia Paladino (medium italiano), exprimiu-lhe a opinião de que attribuia taes movimentos a faculdades medianimicas.

Por essa rasão, Vittorio Agresta estudou então alguns livros espiritas, começando depois a fazer experiencias, com a assistencia de sua filha Gilda.

Em breve manifestou-se n'ella a escripta automatica, que algum tempo depois foi substituida pela typtologia, movimento de objectos, mesmo muito pesados, taes como um cofre guarda-joias de 30 kilos, etc., por musica executada n'uma viola, n'um piano, e emfim pelo phenomeno de portas abrindo-se e fechando-se.

Este ultimo facto, assim como os ruidos que se faziam ouvir, produziam-se á luz.

Uma outra filha de M. Agresta, chamada Lina, com 17 annos de edade, no proprio dia do casamento de sua irmã mais velha, achou-se subitamente accommettida de convulsões, que pozeram em susto toda a familia.

Chamado um medico e apesar de todos os seus cuidados, as convulsões continuaram por mais de cinco mezes, todos os dias e até varias vezes por dia.

Durante essas convulsões, Lina sentia impulso para praticar actos que a podiam lesar e que era preciso impedir-lhe.

(1) E' certo que essa senhora é medium, mas não profissional.

Tambem por muitas vezes pronunciava paalvras em allemão, sem todavia saber esta lingua; e um dia escreveu um nome: era o d'um suicida, que dizia vir alli para fazer mal.

A este tempo tinha-se posto de parte a mediumnidade de Gilda, não se tendo feito sessões algumas com ella; porém novamente se começaram a fazer, e n'ellas houve a communicação de que se conseguiria expulsar «os maus espiritos».

Pelas indicações que foram recebidas, Gilda não assistia ás sessões, estava affastada da salla em que se realisavam e era Lina que occupava o seu logar n'essas sessões.

Veio então um periodo durante o qual se obtiveram muitos apports, e pouco a pouco as convulsões de Lina foram diminuindo, enfraquecendo até ao ponto de desapparecer completamente.

A mediumnidade das duas irmãs tem continuado.

Entre outras cousas, obtiveram, em plena luz, o apport de photographias, que estavam n'uma outra divisão da casa, sendo uma transportada do quarto de M. Agresta, e outra da salla de visitas; todos os assistentes faziam a cadeia n'estas experiencias.

N'uma outra sessão, emquanto que pessoas extranhas lhe seguravam as mãos, o medium, em pé, exclamou: «Estão-me mechendo nos pés, alguem me toca nos pés!»

De facto, ambas as meias lhe foram tiradas com os cordões dos sapatos, e os assistentes viram arremessal-as para um canto da salla; e comtudo o medium ficou com os sapatos calçados.

Por carta datada de Messina em 15 de Agosto de 1903, a proposito de um artigo do Dr. Cormann, Renzo Frangipane, inspector das Sociedades de seguro acima referidas, testimunhou ter assistido, entre outros phenomenos, á escripta directa sobre papel fechado n'uma caixa.

Ercole Bachi, commissario da casa Clara, affirma tambem os phenomenos; e Terracini, morador na Piazza Sarzana, n.º 40, Gênes, por uma carta datada d'esta cidade em 11 de setembro de 1903, garante tambem ter ouvido instrumentos a tocar, uma porta abrindo-se e fechando-se, e ter visto, entre outras cousas, apports e movimentos d'uma mesa, que pesava 50 kilogrammas.»

AS MATERIALISAÇÕES DA VILLA CARMEN

(Continuação)

SESSÃO DE 23 DE JULHO

Em primeiro logar fez-se a visita completa da salla.

Em seguida entram os assistentes, que são os mesmos da sessão anterior.

Luz fraca. Os assistentes tomam seus logares á mesa, na mesma ordem por que ficaram na sessão precedente; depois da prece, M.lle Martha, em meio-transe, levanta-se, e vae reunir-se a M.me Ninon, no gabinete.

Espera bastante longa.

Entoam-se diversos cantos.

Por differentes vezes, M.me Ninon sae do gabinete, passeando na salla para cá e para lá.

Como o calor é grande, a senhora ingleza tinha deixado, ao entrar, um mantelette de mousselina sobre o estofo da maceira situada á face da parede da esquerda.

Durante um dos seus passeios, M.me Ninon tomou esse mantelette, entrando depois no gabinete. Este facto foi observado pela senhora ingleza, que seguiu com o olhar o medium e que sobre a occorrencia me chamou a attenção.

Ao fim de certo tempo, nota-se uma agitação das cortinas e por entre ellas faz-se tocar a M.me Noel um tecido de mousselina de seda. O general Noel toca-o tambem.

No gabinete ouvem-se como risos abafados, e como a temperatura é suffocante, suspende-se a sessão.

N'este momento procura-se o mantelette, que não apparece. M.lle Pautelle declara que é M.me Ninon que o tirou. Esta nega vivamente.

No momento da partida da senhora ingleza, quando lhe trazem o chapeu ao salão, encontra ella o mantelette comprimido no interior do chapeu.

É talvez em estado de transe que o mantelette foi tomado, mas é facil de comprehender quanto este incidente me foi desagradavel, fazendo-me suspeitar dos poucos factos que até então tinha observado.

Felizmente que as sessões seguem-se e não se assimilham.

A partir d'este dia, nada mais vi de suspeito, e as sessões ulteriores formaram-me a convicção, uma vez mais, de que a paciencia é indispensavel e que não devemos formular juizos intempestivos n'esta especie de investigações, em que tantas influencias pódem intervir para lhes viciar os resultados.

Quando se lê o estudo tão consciencioso publicado por Ochorowicz na obra de M. de Rochas, *A exteriorisação da motricidade,* a proposito das experiencias d'Eusapia Paladino, reconhece-se que entre o *phenomeno verdadeiro* e a *fraude consciente*, ha intermediarios que são a *fraude inconsciente no estado de vigilia* e a *fraude inconsciente durante o estado de transe.*

M. Ochorowicz, que não póde accusar-se de ser espirita, tendo aliás seguro criterio e muita experiencia, fornece observações, que para mim teem o maior peso, e é em attenção a estas probabilidades que continuei a assistir ás sessões com M.me Ninon, tanto mais que o tenente da armada que tambem assistia, me affirmou que da ultima vez que alli estivera, tinha segurado M.me Ninon pela mão, *não estando ninguem no gabinete,* e que o phantasma se mostrou entre as cortinas e que fallou.

TERÇA-FEIRA 25 DE JULHO

Continúo sempre copiando minhas notas.

Foi esta a primeira vez que, tendo-se tomado bem todas as precauções, eu vi ao mesmo tempo a entidade que diz chamar-se Bien Boa e os dois mediums.

Eis a descripção minuciosa d'esta sessão interessante, que teve logar na salla do pavilhão, pelas 4 horas e meia.

Inspecção completa da salla feita pela senhora ingleza e por mim.

Em seguida entraram:

O general Noel e sua esposa, M.lles Martha, Paulette e Maria, M.me Ninon; toma-se assento em volta da mesa pela ordem seguinte: á esquerda, ao lado das cortinas, M.me Noel; seu marido; eu; M.lle Martha; a senhora ingleza; M.me Ninon; M.lles Maria; Paulette.

Então M.me Noel pede-me para lêr a prece. Todos os assistentes fórmam a cadeia em silencio.

Passam-se assim alguns minutos, depois M.me Ninon levanta-se e dirige-se para o gabinete, onde toma logar n'um fauteuil.

Um momento depois, M.lle Martha levanta-se tambem e dirije-se para junto de Paulette, a quem toma pela mão, trazendo-a para junto de mim, para a vir substituir na cadeia.

Em seguida, Martha entra para o gabinete.

Os mediums correm as cortinas e nós ficamos esperando em silencio.

Devo lembrar que está accesa a luz vermelha e que contra a porta se collocou em equilibrio instavel uma cadeira, que cahiria logo que alguem pretendesse entrar na sala. A luz permitte bem vêr os assistentes e os caracteres de corpo 12 do jornal *Dépêche Atgérienne*.

M.me Noel pede para se cantar. Diversos cantos são entoados em côro. Passa-se um quarto de hora, durante o qual por duas vezes se afastam as cortinas, vendo-se os mediums immoveis; parecem adormecidos nas respectivas cadeiras; depois as cortinas cerram-se.

Emfim, novamente as cortinas se abrem, e, para o lado esquerdo, perto de M.me Noel, uma apparição deixa vêr distinctamente metade do corpo. É uma fórma envolta em roupagens brancas, tendo um turbante, e cuja estatura póde ser calculada, porque o cimo da cabeça attinge a altura do docel.

A cabeça é a d'um individuo de côr trigueira, de olhos e bigodes pretos.

Inferiormente, só se vê o braço e a mão esquerdas do phantasma. Minha attenção concentra-se sobre os mediums. N'este momento, do meu logar, não posso vêr senão o vestido e o contorno das pernas de M.lle Martha, cujo busto o phantasma encobre, mas vejo mais além, inteiramente, M.me Ninon em transe na cadeira. São, pois, simultaneamente visiveis tanto o phantasma como os mediums. Por diversas vezes, o phantasma faz alguns movimentos que descobrem mais ou menos M.lle Martha.

Depois as cortinas fecham-se, tendo estado abertas de dois a tres minutos.

Por segunda vez, mostra-se ainda a mesma apparição, ficando meia encoberta pela cortina da esquerda.

Pormenor curioso: noto que o phantasma tem sobre a cabeça, aberto e pousado ao baixo, o leque de M.lle Martha, o qual bem se reconhece.

Cousa muito importante: d'esta vez notei que os olhos do phantasma remexiam e que o braço visivel se agitava, emquanto que os movimentos do corpo eram flexiveis. Estas observações parecem-me de natureza a excluir a hypothese d'uma boneca vestida, porque na posição inclinada em que se encontra o corpo de M.lle Martha, não poderia ella fazer mover um manequim tamanho e tão embaraçoso, e M.me Ninon nada auxiliaria, porque toda ella estava bem á vista.

Mas não poderia este phantasma ser a propria M.lle Martha, disfarçada, tendo deixado o vestido e o corpete sobre a cadeira?

Tal hypothese me parece difficilmente admissivel, porque um vestido vazio sobre uma cadeira não tem o mesmo relevo como quando elle reveste um corpo, e tenho para mim, que observei distinctamente o relevo das pernas.

Comtudo, desejo ainda vêr ao mesmo tempo a cara e braços dos mediums e a apparição, a fim de me convencer da sua perfeita autonomia.

SESSÃO DE 26 DE JULHO

Esta sessão teve logar ás 9 e meia da noite, nos aposentos de M.me Noel.

Como medidas de precaução, collocaram-se sellos no interior das portas e janellas.

As duas sallas e o quarto de cama são cuidadosamente examinados, verificando-se até sob o leito.

Os assistentes eram: M. e M.me Noel, as tres irmãs Beraud, M.me Ninon e eu. Sobre a chaminé foi collocada a lanterna vermelha. Martha e Ninon entram para o quarto de toilette, que serve de gabinete e a cuja porta está adaptado um reposteiro.

Lê-se a prece costumada. Ao pé do leito ficam o sr. Noel, Paulette e Maria. Eu fico sentado junto a M.me Noel, em frente da porta do gabinete.

Entoa-se o canto. Espera-se longo tempo, cerca de meia hora; depois o reposteiro agita-se e ao lado esquerdo (com relação a nós) apparece qualquer cousa branca; o reposteiro está sufficientemente afastado para deixar vêr Ninon, mas não Martha.

Bastante tempo se passa ainda sem nada se produzir, e os mediums despertam. Verifica-se que os sellos estão intactos.

Este insuccesso é talvez devido á grande frequencia das sessões.

Não obstante, decide-se fazer nóva sessão no dia seguinte.

SESSÃO DE 27 DE JULHO

Inspecção da salla. Presentes M. e M.me Noel, a senhora ingleza, Martha, Paulette e Maria; chegando Ninon um quarto de hora depois, abre-se-lhe a porta.

Martha, que formava cadeia entre mim e a senhora ingleza, levanta-se pouco tempo depois da prece, fazendo sentar sua irmã junto de mim, e dirige-se para o gabinete. Em seguida Ninon vae reunir-se com ella. Sem duvida, estas interrupções prejudicaram a condicionalidade, porque as manifestações tardaram bastante tempo.

Oiço o ruido feito pela queda d'um objecto no gabinete. Entoam-se diversos cantos. Subito, á altura do docel, apparece entre as cortinas, ligeiramente afastadas, uma cabeça revestida d'um turbante. Depois tornam-se visiveis metade do corpo e o braço esquerdo d'esta apparição. As suas vestes brancas, fluctuantes, não permittem vêr-lhe o rosto e as pernas. A cabeça e as mãos teem uma côr trigueira. Vejo uma especie de alamar dourado cercando o turbante.

Os traços são pouco distinctos. Comtudo a apparição movimenta-se; inclina-se para a frente e com o seu proprio braço esquerdo afasta o cortinado da direita, o que permitte vêr-se Ninon adormecida.

O phantasma desloca-se para a esquerda, e eu vejo a saia de Martha sentada na cadeira.

Então, *a forma por si mesma* corre os reposteiros, que ficam semicerrados.

Novamente se torna a cantar com mais ardor, e eis que a apparição se deixa vêr inteiramente.

M.me Noel levanta-se então, approxima-se, e por quatro vezes a apparição a abraça, ouvindo-se distinctamente o som dos beijos. Como as cortinas estão bastante proximas uma da outra, não se pódem vêr os mediums; mas a nosso pedido, o phantasma afasta-as de novo e sae completamente do gabinete.

Os movimentos do corpo são os d'um ser normal.

A apparição inclina-se sobre a mesa e toca a mão da senhora ingleza. Peço o mesmo favor e concede-m'o.

Sinto a mão do phantasma, que aperta a minha com a extremidade dos dedos; estes parecam-me longos, delgados e terminados por unhas pónteagudas.

A estatura da apparição póde ser muito facilmente calculada, porque a extremidade do turbante corresponde a uma faxa horisontal que divide ao meio a guarnição do baldaquino no sentido vertical, isto é, a cerca de 1m,60 de altura.

Noto que os movimentos da apparição são flexiveis, quasi ondulosos.

O phantasma demorou-se fóra cerca de dois minutos, passados os quaes entrou vivamente no gabinete.

N'este momento produziu-se um phenomeno interessante. A apparição desvia-se para a esquerda e toma a mão do medium Martha, o que sua irmã Paulette me fez notar. Em virtude do logar que eu occupo, estou infelizmente bastante para a esquerda e o phantasma occulta-me a parte superior do corpo do medium.

Por isso, só vejo o seu vestido branco, mas distingo perfeitamente M.me Ninon.

Em seguida, os reposteiros são fechados.

Uma vez ainda, a cabeça do phantasma se vê atravez da entreabertura da parte superior das cortinas.

Passa-se bastante tempo; depois os mediums declaram terminada a sessão. Despertam e sahem do gabinete.

A temperatura é suffocante; todos estamos banhados de suor, como se sahissemos d'um banho.

Sinto não ter visto a apparição tomar a mão de Paulette, o que seria de grande importancia para destruir a hypothese d'um disfarce.

Mas, d'esta vez, estou bem certo de que o phantasma não é um manequim; a marcha, o tacto, os beijos a M.me Noel e o afastamento das cortinas realisado pela propria apparição, m'o asseguram d'uma maneira absoluta.

(Continúa).

GABRIEL DELANNE.

O MEDIUM MUSICO AUBERT

Desde o anno passado, a imprensa espirita franceza tem-se occupado do medium conhecido sob o pseudonymo de Georges Aubert, que não conhecendo mais que os primeiros rudimentos da musica, executa ao piano, n'um estado semi-hypnotico, diversos trechos, no estylo de differentes compositores fallecidos, e sob a pretendida inspiração dos espiritos d'estes grandes maestros.

M. Aubert tem sido estudado por algumas individualidades scientificas, nomeadamente no Instituto Geral Psychologico de Paris, mas nenhum relatorio se publicou ainda a tal respeito.

N'uma reunião effectuada em Paris, no mez de Dezembro ultimo, e á qual assistiam muitas centenas de pessoas, após uma conferencia de Gabriel Delanne sobre as «materialisações», M. Aubert não teve duvida em deixar-se ouvir.

Eis a esse respeito o que se encontra no penultimo fasciculo da *Revue Spirite:*

«M. David, de quem se falla n'este relato, é o sabio e distincto director da Manufacture des Gobelins, e que succedeu ao illustre chimico Chevreul, como um dos seus ultimos e mais fieis discipulos.

«M. Aubert exerce uma profissão liberal, mas sempre se applicou mais ao estudo da zoologia, da physiologia, da physica e da chimica, do que ao estudo da musica.

«Depois d'um intervallo de descanço, que succedeu á conferencia de Gabriel Delanne, o medium approximou-se com calma do piano sobre o estrado, collocou ligeiramente as mãos sobre o teclado, com os braços estendidos, e esperou mais d'um minuto que a inspiração se apossasse d'elle, e então, subitamente, os dedos começaram como que a voar sobre as teclas e a executar da maneira a mais brilhante uma cadencia explendida, que não durou menos de seis minutos, após o que as mãos se lhe tornaram inertes, emquanto que uma tempestade de applausos echoava de todos os lados da salla.

«Depois M. David, que sempre se conservou sentado junto do medium, todas as vezes que o mesmo foi ao piano, e que estava cercado de excellentes musicos de ambos os sexos, perguntou em voz alta, dirigindo-se ao espirito inspirador: «Permitte que lhe perguntemos o nome?» e soletrou lentamente uma após outra as letras do alphabeto; o index de M. Aubert desferiu a nota «sol» em cada uma das letras que formaram o nome de Mendelssohn...

«Um novo repouso das mãos precedeu cada um dos trechos tocados. Oito vezes as mãos do medium executaram symphonias, sonatas, melodias e uma marcha, sendo o todo exprimido, traduzido com um talento, que raras vezes é a recompensa concedida a um artista do Conservatorio depois de dez annos de arduos estudos.

Facto digno de menção: a maior parte dos musicos presentes sobre o estrado ou entre os auditores, antecipadamente reconhecia para a maior parte a factura e o nome dos compositores sempre desconhecidos do medium.

«Aquelles cujas soberbas obras, não *posthumas,* mas *post mortem,* elle teve a felicidade de traduzir e nós de ouvir, disseram seus nomes

successivamente. Foram: Chopin, Beethoven, Schumann, Rubinstein, Mozart, Glinka, Litz e Schubert.

«Em seguida, os guias tocaram uma ligeira phrase musical sem sequencia, que se renova sempre como signal de que se retiram e que quer dizer: «Amigo, muito obrigado!...»

«Alguns dias depois d'esta sessão inolvidavel, fui visitar M. David, que tive o prazer de encontrar no seu laboratorio des Gobelins, a fim de lhe communicar o que acaba de lêr-se; então fallámos do seu amigo. «Georges, disse-me M. David, tem praticado o espiritismo comnosco desde a juventude; por meio da mesa mostrava elle já alguma mediumnidade: por typtologia obtinha communicações claras e algumas vezes, na sua presença, deslocavam-se os objectos. Mas foi sómente em 1891 — tinha o medium então quinze ou dezeseis annos — que no fim d'uma sessão um espirito dictou o seguinte: «Que Georges vá ao piano, vamos *fazer* com que elle *toque*», e pela primeira vez se sentou deante do teclado, risonho e inquieto ao mesmo tempo, mas, com grande surpresa nossa, executou um longo trecho com tal sciencia, que logo vimos bem que estava «possesso».

«O auctor d'este trecho, que podemos qualificar de *ouverture*, deu-nos seu nome. Era Méhul, o auctor de *Joseph* e do *Chant du Départ*.

«Desde então, muitos musicos se tem succedido para fazer de Georges um arrebatador automato feliz e submisso, que reservam ao seu uso exclusivo, pois fóra d'esta musica inspirada pelos maestros, é difficilmente que Georges póde tocar algumas arias de canções e de danças, em que muitas vezes o rythmo é incorrecto e os accordes imperfeitos.

«A opinião de M. David (é ella exacta?) é de que *um só* espirito se apossa de Georges, mas que esse só póde ser um espirito excepcional, cuja alma conhece todas as composições humanas. Dois grandes maestros, cuja musica a maior parte das vezes se lhe faz executar, declararam chamar-se Beethoven e Mendelssohn: sempre pensei, me disse M. David com simplicidade, que o primeiro é o inspirador de meu amigo.

Duas experiencias foram feitas sobre Georges Aubert no Instituto Geral Psychologico, 14, rue de Condé: a primeira consistiu em lhe atar uma venda sobre os olhos e introduzir-lhe no ouvido direito um tubo d'um phonographo que tocava a *Marcha da Aida* de Verdi, e no ouvido esquerdo um tubo d'outro phonographo que executava a *Marcha Indiana* de Sellenick.

«Apesar d'esta cacophonia irritante para os ouvidos d'um musico, o medium executou de maneira impeccavel uma sonata inspirada por Mozart.

«A segunda experiencia não é menos provante.

«Os olhos de M. Aubert foram desvendados, mas tiveram de fixar-se sobre uma obra de philosophia collocada na estante do piano, tendo elle de lêr em voz alta, lenta e muito attentamente, uma pagina inteira, emquanto suas mãos tocavam sem a menor consciencia uma deliciosa melodia. Emfim, para verificar bem a inercia das mãos do medium, M. Youriewitch preveniu de que lhe picaria a mão direita em quanto estivesse tocando, e no meio d'um trecho brilhante, enterrou-lhe uma agulha na mão esquerda, sem que Aubert pestanejasse ou retardasse d'um *comma* a symphonia, que terminou por um accorde magistral.»

(*Revue Spirite*, Paris, janeiro de 1906).

A EFFLUVIAÇÃO ODICA

III

Meu caro Dr. Souza Couto

Quando em cada sessão me havia assegurado de que o somnambulo havia attingido o grau maximo de lucidez, passava a outra ordem de experiencias, indubitavelmente as mais maravilhosas e surprehendentes — *a visão a distancia* ou *telescopica*. Foi ella demonstrada perante umas 80 pessoas das mais illustradas da cidade, pessoas que se revesavam em cada sessão, havendo umas cinco ou seis que eram permanentes, tres ou quatro que sem serem permanentes haviam assistido a outras sessões, e apenas umas duas a tres que assistiam pela vez primeira. Augmentar a percentagem d'estas seria perigoso, e a experiencia assim o demonstrou.

Durante esta parte da sessão os circumstantes só deviam falar a meia voz, e manifestavam-me em segredo o seu desejo com respeito ás perguntas a fazer ao somnambulo, para que elle não pudesse saber de quem se tratava.

Como se verá pelo que em resumo tenho a dizer destas experiencias, são ellas as que mais triumphantemente demonstram o poder do magnetismo, que logra desdobrar o somnambulo em duas entidades distinctas — *uma espiritual que vae aonde a mandam,* e ahi, *vê, sente* e *ouve* o que a rodeia, — e outra *corporea,* que fica *junto de nós,* servindo apenas de *orgão receptor* das sensações experimentadas *pela outra,* que anda viajando.

*

* *

Afim de evitar que o somnambulo *soubesse de ante-mão* o sitio aonde o enviava, e pudesse assim ser *suggestionado* por quaesquer *reminiscencias* da vida normal, pedia *em segredo* a qualquer dos circumstantes (geralmente d'aquelles que assistiam pela vez primeira), que me dissesse ao ouvido a rua onde morava e o numero da porta. Sabido isto dizia ao somnambulo: — «Virgilio, vamos dar um passeio. Dirige-te á rua A, B. ou C. e procura o n.º tal.

Elle então estendia a mão adeante de si como tateando o espaço. Após uma pequena busca, terminava por dizer que havia encontrado o numero desejado.

Então perguntava-lhe de que côr era a porta, se era inteiriça ou de duas meias portas e se estava aberta ou fechada.

Por acenos de cabeça ou em voz muito baixa, o inquilino ia-nos indicando e aos circumstantes se as respostas eram exactas.

Então dizia-lhe que subisse a escada e contasse os degraus.

N'esta contagem o somnambulo errava *uma ou outra vez* a conta em um ou dois degraus, para mais ou para menos.

Chegado ao cimo da escada perguntava-lhe quantas portas via, e mandava-o entrar por aquella que o inquilino me indicava. Então fazia-o penetrar nos diversos quartos e descrever minuciosamente o numero de janellas, portas, mesas, cadeiras, quandros, etc., e a natureza e côr de

cada objecto. Descrevia egualmente as pessoas que ahi se achavam, a sua edade apparente e o que estavam fazendo, etc. N'este investigação psychica o espirito do somnambulo, se bem que se deixe guiar facilmente pelo magnetizador, conserva todavia a sua independencia d'acção e espontaneidade propria, trabalhando por vezes *por sua propria conta.*

Assim, por vezes succedia elle descrever-nos objectos que *não estavam* no quarto onde eu o soppunha estar, mas que se achavam *de facto* em quarto diverso, porque, tendo o somnambulo *passado espontaneamente* para outra casa a sua resposta não correspondia á minha pergunta.

A's vezes tambem, a pedido do interessado, mandava o abrir determinado movel ou gaveta e dizer quaes os objectos principaes que ahi se achavam. N'estes casos succedeu muitas vezes o somnambulo encontrar o objecto ou objectos que o outro tinha em mira, e que nós ignoravamos quaes fossem; mas aconteceu por vezes o somnambulo *não ver o objecto desejado,* mas *encontrar* em compensação *outros objectos* em que o dono *nem sequer pensava,* mas que reconhecia *estarem de facto ahi.*

Devo declarar que as casas, onde fazia entrar o somnambulo, eram *por via de regra,* completamente desconnecidas tanto do somnambulo como de mim mesmo; não podendo por isso admittir-se aqui a hypothese de uma reminiscencia muito apurada ou a suggestão mental da minha parte, ou leitura do pensamento.

Demais, posso affirmal-o, tendo feito algumas experiencias n'esse sentido, nunca me foi possivel conseguir que *elle lêsse no meu pensamento,* como parece dar-se com alguns somnambulos.

Se por ventura nas suas digressões *animicas* topava com um animal qualquer, mesmo domestico e manso, retirava precipitadamente a mão exploradora, e o somnambulo traduzia o mais intenso susto exclamando: —*um bicho!...* No estado somnambulico era este o designativo para toda e qualquer especie de animaes.

E era preciso um certo geito e affirmar-lhe repetidas vezes *que o bicho era manso,* que *não mordia* para elle se resolver a approximar-se mais delle e dizer qual a sua especie; mas raras vezes lograva fazer com que o affagasse.

Se nas casas, em que entrava, deparava com um candieiro ou fornalha acesa, experimentava a sensação da queimadura, como se de facto se queimasse.

Que as casas onde entrava estivessem illuminadas ou na obscuridade, isso não facilitava nem obstava a uma perfeita visão psychica. Parece-me até que a *luz normal* não era perceptivel para elle, pois que elle só reconhecia que um candieiro estava aceso quando a luz—*o queimava.*

Acontecia por vezes encontrar nas sallas de jantar pratos com doce. Nesse caso fazia o gesto de metter o dedo no doce e provar reconhecendo assim a qualidade do doce. Ás vezes gostava tanto, que dizia—«E se eu *comesse um pouco?*

—Podes comer, que o dono dá licença, respondia lhe.

E elle comia com prazer o imaginario manjar, sem que o dono ficasse defraudado em um atomo sequer do seu doce.

São innumeras as observações que demonstram que este *quid,* que viaja longe do corpo material, *gosa de todas as faculdades* e *sentidos* que no *ser normal completo* residem habitualmente. Por outros termos—esse

quid viajante *vê, ouve, sente, cheira, prova, pensa* e *raciocina*, embora lhe faltem *nos logares onde divaga* os orgãos physiologicos d'essas sensações e faculdades.

Neste somnambulo a faculdade de ouvir tinha uma diminuta intensidade, sendo meramente accidental; e, se bem que as conversações *psychicamente* ouvidas, pela sua naturalidade e apropriação aos dialogantes, tenham toda a verosimilhança; devo declarar que, por certos melindres naturaes e pelo accidental e imprevisto do facto, nunca me foi possivel verificar a sua exactidão.

Entre muitos incidentes curiosissimos, que a meudo se davam nas sessões, citaremos o seguinte:

Um dia n'uma sessão diurna, mandei entrar o somnambulo (psychicamente) na loja de um determinado commerciante, que elle desconhecia quem fosse, porque mui propositadamente só lhe haviamos indicado a rua e o numero da porta.

Ordenei-lhe que visse quem estava na loja.

—Estavam lá uns homens do campo, mas sahiram agora mesmo, ficando só o dono da loja.

—E o que está elle fazendo?

—Está atando um pacote que parece uma caixa.

—Vê o que contem o pacote.

—Não posso, porque está já fechado e atado.

—Não tem duvida, retorqui, arromba a tampa e vê o que está dentro.

Elle obedeceu, e fez com a mão o gesto de arrombar a tampa; mas retirou-a precipitadamente dizendo:

—Ora esta! fiquei com a mão toda suja de verde. Como me hei de lavar agora? E estendia para mim a mão com receio de sujar o fato.

—Mas como é que te sujaste? perguntei.

—Foi na caixa. O que ella tem suja. É uma cousa verde, só verde que parece poeira.

Terminada a sessão, dirigi-me ao commerciante, para colher informações; e elle disse-me que de facto tinham por essas horas entrado na loja uns homens do campo para comprar tintas, e que elle tinha aberto e tornado a atar um pacote ou caixa que estava cheia de verde montanha.

Em artigo subsequente alludirei a outras experiencias de claro-videncia interior e a grandes distancias.

MARTINS VELHO.

UM EXEMPLO D'ESCRIPTA AUTOMATICA

Encontra-se no *Boletim da Sociedade de Estudos Psychicos*, de Nancy, (1901, desde paginas 92), uma communicação de M. Fouquet, redactor principal de *L'Étoile de l'Est*, a qual tanto pelo contheudo como pela auctoridade do relator, encerra verdadeiro interesse.

Trata-se ahi de phenomenos de escripta medianimica obtidos na presença de M. Fouquet por um seu collega, que não podemos considerar suggestionado, porque nunca cultivou estudos espiritualistas nem perteuceu a outra escola que não fosse a materialista.

N'essa communicação pormenorisa-se largamente o phenomeno, mas

d'ella extractaremos apenas os pontos, que mostram a intervenção alheia á consciencia e intelligencia do medium.

Por elles se avaliará o caracter accentuadamente automatico da manifestação, collocando-a a par dos bons exemplos d'esta especie...

«A escripta, diz M. Fouquet, differia da maneira a mais completa e variada, segundo o espirito que a dictava.

Cada uma d'essas escriptas era facilmente reconhecivel, e desde as primeiras palavras traçadas logo sabiamos de quem se tratava.

N'estas caligraphias tão diversas nunca reconheci a do medium, e ser-lhe-ia preciso um enorme talento de falsario para que podesse revestir formas tão multiplas.

Meu collega ignorava absolutamente o que escrevia. Emquanto sua mão ia traçando os caracteres, seu olhar tornava-se ligeiramente fixo, e nunca se dirigia sobre o papel. Comtudo não entrava em somno.

Certa occasião, uma nova personalidade se revelou com o nome de Alphantis, dizendo-nos que houvera vivido no setimo seculo, na Armenia, e que ahi tinha desempenhado o cargo de pontifice.

Julgamo-nos desde logo em presença d'uma mystificação e assim lhe dissemos: «N'esse caso dai-nos vosso nome em escripta armenia.»

Immediatamente a escripta que o medium estava fazendo se modificou, e vimos apparecer uma especie de assignatura em caracteres desconhecidos, e depois uma phrase inteira em caracteres analogos, e logo em seguida a traducção.

Nenhum de nós sabia o armenio, e por isso estavamos na impossibilidade de fazer uma verificação. Occorreu-me então a idea de pedir ao espirito o alphabeto armenio, afim de obter um meio de contra-prova.

Condescendeu e o alphabeto foi traçado, com as letras correspondentes.

Comparando esse alphabeto com as phrases anteriormente escriptas e com o nome mesmo de Alphantis, reconhecemos que no todo havia concordancia.

Alphantis deu-nos ácerca da historia e da geographia da antiga Armenia varias informações, que em parte podémos verificar como exactas. O medium ignorava taes pormenores».

M. Fouquet não pôde obter apezar de procurar, nenhum fragmento d'escripta armenia do setimo seculo, mas obteve um fragmento d'armenio moderno. Posto que bastante differentes um do outro — como poderia sel-o o francez moderno comparado com o do setimo seculo — o espirito de que fallamos pôde traduzil-o, sendo essa traducção mais tarde confirmada por um estudante bulgaro, que conhecia um pouco o armenio.

Tal é o phenomeno communicado por M. Fouquet. Comquanto não vulgar, isto é, não muito frequente, é ainda assim observado ás vezes nas experiencias medianimicas, como por vezes tem presenciado o redactor dos «Estudos Psychicos». —

N.º 11 ABRIL DE 1906 1.º ANNO

ESTUDOS PSYCHICOS

REVISTA MENSAL DE ANIMISMO
E ESPIRITISMO EXPERIMENTAL

Director—DR. SOUSA COUTO

COLLABORADORES—Drs. Maxwell, Laurent de Faget, De Reyle, Wolowski, Marzorati, Roso de Luna, Quintin Lopes, Martins Velho, etc.

Escriptorio—Rua do Ouro, 149, 2.º LISBOA

A CRITICA E OS CRITICOS

VI

Conforme a nossa promessa, continuamos a narração de varios phenomenos medianimicos, que não pódem explicar-se apenas pelas faculdades do medium

Depois de varios exemplos d'essa natureza, ensaiaremos demonstrar a insufficiencia das theorias que d'elles afastam a intervenção d'uma intelligencia e d'uma vontade alheias.

Atravez da longa serie de experiencias, tratadas nas obras e revistas d'esta especialidade, ha innumeros factos d'esta ordem, bastando ao nosso fim, attenta a indole d'estes artigos, referir sómente alguns d'entre elles.

O illustre escriptor C. Hall publicou na *Light* (1883) o facto seguinte:

«Recebi pelo medium Home uma communicação da filha de Robert Chambers, respeitante a um assumpto de familia, de natureza intima, e pedindo-me para d'elle dar conhecimento ao meu amigo, o sr. Chambers. Comecei por não acceitar essa missão, excepto se me fosse fornecida uma prova bastante a convencel-o de que era realmente o espirito de sua filha que me tinha fallado.

Então o espirito me respondeu: «—Dize-lhe: Papá, meu amor!»

De facto, perguntei a Chambers o que significava esta expressão. «Foram—disse elle—as ultimas palavras de minha filha antes de morrer, emquanto eu lhe levantava a cabeça de cima do travesseiro.»

Desde logo me considerei auctorisado a dar-lhe conhecimento da mensagem que me tinha sido transmittida para elle.»

Nos *Annaes de Sciencias Psychicas,* 1895, pag. 357, refere Myers um caso, sobre que abriu investigação e que não póde ter uma interpretação fóra da hypothese espirita. É o seu resumo que vamos apresentar.

N'uma sessão com Stainton Moses, sendo pedidas explicações sobre uma communicação, foi respondido:

«A mãe chamava-se Euphemia Mathilda Death. Deixou este mundo em Aldershot, a 10 de Novembro, tendo 22 annos de edade.

A pequena chamava-se Edith Ellen Death.

Tinha sómente quinze mezes quando morreu.

O nome de seu pae era William Death, medico veterinario militar. Taes são os principaes factos, nada mais sabemos.

Estes factos inteiramente desconhecidos no nosso grupo, foram depois verificados.

Pela investigação que se fez, obteve-se um escripto de Wolwich confirmando todos os pormenores e accrescentando que a menina Edith morrera escaldada em agua a ferver. H. Myers que, a seu turno, verificou tambem estas indicações, diz que no registo de obitos se encontra o seguinte: «Mathilda Death morreu em South Camp, Aldershot, a 21 de Novembro de 1874, de doença cardiaca, tendo de edade 22 annos. Edith Ellen Death, filha da supra nomeada, morreu no mesmo logar a 24 de Novembro de 1874, seis dias depois de ter soffrido uma congestão cerebral, tendo de edade um anno e tres mezes.»

A differença entre as datas do dia do fallecimento nada admira, tratando se d'uma morte que teve logar de noite e em virtude d'uma doença de coração.

Na revista em primeiro logar citada, 1885, vem tambem relatado um facto da observação pessoal do Dr. Davey, de Bristol, que demonstra a intervenção d'uma intelligencia extranha ao medium e aos assistentes.

O dr. Davey tinha um filho medico de bordo, que morreu durante uma viagem. O capitão do navio, chegando a Londres, informou o dr. Davey do triste successo, entregando-lhe a quantia de 22 libras, que haviam sido encontradas no espolio do filho.

Ao mesmo tempo, deu-lhe tambem um extracto do diario de bordo, contendo as diversas informações relativas ao assumpto.

O dr. Davey, para recompensar o capitão, fez lhe presente d'uma lapiseira d'ouro.

Mais tarde, n'uma sessão em Londres, a que assistiam o dr. Davey e sua mulher, o medium deu uma communicação em que se dizia que seu filho tinha morrido envenenado.

O dr. Davey, desejando convencer-se da identidade do espirito que se communicava, pediu-lhe uma prova em tal sentido.

Então, o interlocutor occulto fallou-lhe no presente que elle tinha dado ao capitão do navio, facto que nenhuma das pessoas presentes podia conhecer.

Na mesma sessão, tambem soube que a morte de seu filho foi devida a uma imprudencia do dispenseiro, que tinha feito uma preparação toxica em vez da que lhe tinha pedido o joven medico.

Em virtude d'estas communicações, o dr. Davey conseguiu do armador do navio uma copia do diario de bordo, vendo que ella não condizia com o extracto que lhe tinha dado o capitão.

Ainda outras circumstancias desconhecidas se descobriram, cujo caracter particular não permittiu que se divulgassem.

No relatorio da sociedade Dialictica de Londres, pag. 118, vem narrado o seguinte facto d'indentidade, affirmado por F. Simkiss, com quem o mesmo se deu:

Ha dezeseis annos, estando na Philadelphia, nenhuma crença tinha na vida futura, e assim considerava o Espiritismo como a ultima farça americana.

Comtudo um dia fui vêr Henrique Gordon que era um medium de nomeada.

Depois que entrei na salla, o medium cahiu em transe, parecendo

que seu corpo foi apossado por algum agente intelligente que lhe era extranho. Em breve estendeu a mão para mim, dizendo rapidamente:» Tom, como estás tu? Sinto-me feliz de te ver aqui. Sou o teu velho amigo Michael... (o nome inteiro)» E depois d'algum silencio:

«Eu e alguns outros impellimos te a vir aqui, para te darmos provas da immortalidade, que recusas admittir».

Ora esta individualidade era um dos meus amigos de collegio, tendo fallecido ha mais de tres annos. Eu apenas estava na America ha seis dias, e encontrava-me absolutamente extranho n'este meio. Nunca havia pronunciado o nome do meu amigo a nenhuma pessoa da America e desde ha muitas semanas que não havia pensado sequer em semelhante nome.

O meu amigo por intermedio de Henrique Gordon lembrou-me diversos incidentes de natureza particular, que estabeleceram completamente a sua personalidade na minha conviccão.»

Um facto que pertence á cathegoria dos que vimos expondo, é o que relata a Princesa Karadja, investigadora de incontestado valor, na *Revue des Études Psychiques,* maio de 1902.

«No inverno ultimo appareceu-me a faculdade de fazer desenhos medianimicos, sendo a minha especialidade fazer retratos d'espiritos.

No dia em que M. Larsen chegou a Stokolmo pela primeira vez, tinha eu executado a lapiz uma bella cabeça de mulher; a cara era tão expressiva que não podia ser uma creação da phantasia: instinctivamente se sentia que aquelles soberbos traços seductores tinham pertencido a uma creatura humana.

Tinha apenas terminado este desenho, quando M. Larsen se fez annunciar, com varias pessoas minhas amigas para a sessão.

Ao ver o retrato sobre a meza, M. Larsen soltou uma exclamação de alegria e de surpreza, dizendo que reconhecia sua mulher.

Então tirou do bolso uma photographia e mostrou-a, dizendo que o desenho ainda era mais parecido, porque a mostrava tal qual se via nos ultimos dias da vida, emquanto que a photographia a representava com boa saude.

Mais tarde escreveu-me, dizendo que seu pae tinha chorado ao ver o desenho.

Centenas de pessoas na Suecia e Dinamarca se tornaram crentes em virtude d'este facto, pois que o M. Larsen me era inteiramente desconhecido, e não tinhamos sequer um amigo commum.

Durante a sessão M. Larsen recebeu communicações as mais provantes; sua mulher lhe disse o nome de baptismo, que todos nós ignoravamos, e lhe referiu muitas circumstancias de sua vida privada. Depois pediu ao marido para ir a Copenhague a um sitio que indicou e que todos ignoravamos, e que ahi encontraria uma mulher chamada Christina, a quem se tinha feito uma injustiça que desejava vêr reparada.

Voltando M. Larsen ao seu paiz encontrou essa mulher no logar indicado. Nunca antes tinha ouvido fallar n'ella.

A este retrato está junto um certificado de confirmação de M. Larsen, Oesterbro Station, Copenhague.

(Continúa). SOUSA COUTO.

INVESTIGAÇÕES SOBRE AS MATERIALISAÇÕES DE PHANTASMAS E OUTROS PHENOMENOS

PELO DR. PAULO GIBIER.

(Continuação)

IV

Decorrem cinco minutos; depois d'isso a tampa corrediça da lanterna é abaixada ligeiramente por intermedio da corda que parte do gabinete (fóra do alcance da mão do medium, pois que ha mais de metro e meio de distancia entre os buracos a que está presa e a extremidade da corda) e a luz diminue na devida proporção.

Comtudo, nosso olhar habituado a um crepusculo artificial, póde sem difficuldade distinguir os objectos que nos rodeiam.

Depois que a lanterna se graduou até ao ponto sufficiente, esperamos durante 22 segundos, e em seguida apparece um objecto branco na base das cortinas, que continuam fechadas.

Este objecto, primitivamente do tamanho d'um ovo, toma rapido desenvolvimento no sentido da altura, tomando o aspecto da parte inferior d'um vestido.

N'este momento as cortinas afastam-se d'um modo bastante brusco, e uma fórma feminina, inteiramente vestida de branco, sahe do gabinete e avança vivamente para duas senhoras presentes, que exclamam ambas ao mesmo tempo:

—Branca! Branca!

A apparição lança-se nos braços d'uma d'essas senhoras, dizendo lhe em francez, sem nenhum accento: «Minha tia, minha tia, sinto-me tão feliz de vos vêr.» E voltando-se para a outra: «E a ti tambem, Victoria.»

Estas senhoras, muito commovidas, respondem á apparição com palavras affectuosas, abraçam n'a, e são por ella ternamente abraçadas, assim como um assistente (que era seu primo por affinidade).

Com auctorisação de Branca, um outro assistente adeanta se e toma-lhe a mão; parece «um tanto perturbado» ao declarar que tem a impressão completa da mão d'uma pessoa viva e que a temperatura da carne é normal.

A apparição demorou-se comnosco cerca de dois minutos (1), a mais d'um metro de distancia do gabinete, e voltada para nós a maior parte d'este tempo.

Examino-a de perto, sem todavia a tocar; sua estatura é pelo menos dez centimetros mais alta que a do medium; e emquanto que este é uma senhora cheia, de cerca de cincoenta annos de edade, a apparição é mais magra, delicada.

A voz do phantasma é fraca e um pouco sibilante, não se parecendo nada com a do medium, que além d'isso não conhece uma palavra da lingua franceza.

Um véo, como de communhão, lhe envolve a cabeça, porem a cara

(1) Interessado pelo phenomeno, o meu collega esqueceu-se de contar o tempo.

está descoberta; o rosto é cheio e fresco, apparentando ter de 20 a 25 annos de edade, e não tendo nenhuma similhança com o do medium.

A apparição mostra-se muito commovida e colloca a mão sobre o coração.

Por fim dirige-se para a abertura do gabinete, entreabre as cortinas e desapparece por traz d'ellas. (1)

No mesmo momento, apalpo os nós de seda por fóra do gabinete e asseguro-me de que não ha n'elles modificação alguma.

Depois que esta fórma desappareceu, as cortinas novamente se entreabrem, e uma menina, d'um metro d'alto approximadamente, talvez menos ainda, mostra-se vestida de côr clara, mas não côr branca, e falla-nos.

Reconhecemos a voz de Maudy (não se tomaram apontamentos das suas palavras).

Apenas alguns segundos esteve entre as cortinas, sahindo logo para fóra e dirigindo-se com vivacidade para uma senhora presente, como para a abraçar; e immediatamente volta para o gabinete, respondendo ao convite de vir cerrar-me a mão, apenas com este gracejo em inglez: «Só sympathiso com os novos», ao que em continente retorqui: «O que não é muito lisongeiro», e todos rimos na melhor disposição.

Todos nós notamos que era sem duvida a mesma voz que conhecemos quando nos falla de dentro do gabinete, a voz de Maudy, que, tanto como a maneira de se exprimir, é completamente caracteristica. (2)

Alguns segundos depois do seu desapparecimento por detraz das cortinas, estas novamente se abrem e deixam passar uma grande forma de mulher, maior ainda do que Branca.

Quanto ao vestido, vê-se que a jaqueta é esbranquiçada e a saia de côr escura; olha alternadamente para cada um de nós, e diz-nos o seu nome: «Muziquita».

É o phantasma que, nas sessões de Mrs. Salmon, desfere as cordas d'uma viola.

Como n'esta noite não nos prevenimos com esse instrumento, Muziquita parece desacoroçoada e volta para o invisivel.

Passa-se um longo intervallo de tempo (que aliás não se marcou para se poder dizer com precisão), e outra vez as cortinas se abrem, mostrando-se Maudy novamente á nossa vista, rindo como uma creança travêssa.

Depois retira-se, para deixar passar uma forma, um pouco mais alta do que ella e que sahe para fóra do gabinete a cantar a meia voz e com uma voz de soprano que ainda não tinhamos ouvido, uma melodia plangente, sobre que não se tomaram apontamentos.

Esta fórma apenas se demora alguns segundos; é muito indecisa, vestida de branco, não parece totalmente materialisada. Como que se funde e desapparece junto ás cortinas, que ficam immoveis.

Durante 109 segundos, não vemos manifestação alguma; e findos elles, sahe do gabinete uma outra apparição. É uma fórma maior que todas as que n'esta noite se apresentaram.

---

(1) Vêr a nota E ácerca de Branca, n'um dos proximos numeros.
(2) Vêr nota B, a respeito de Maudy, n'um dos proximos numeros.

É mais elevada que o medium pelo menos a altura da cabeça.

Os seus vestidos são de côr escura. Diz o seu nome. Chama-se «Eva», e falla-nos com uma voz lenta, cavernosa, inintelligivel, por ventura n'uma lingua que nos é desconhecida.

Tem o rosto pallido, abatido, grandes olhos espantados, olhando para cima; terrivel expressão de tristeza e de soffrimento. Esta fórma está direita, rígida mesmo. Todos os assistentes se sentiram como que allivia-dos d'um grande peso, quando ao fim de alguns segundos ella desappa-rece na abertura das cortinas.

Apenas esta forma se retirou, logo Maudy mostra o rosto e nos falla: «Ellan está no Mexico—diz ella—lá reside alguem que nos toca muito de perto e que está doente (1), mas se elle prometteu de vir esta noite, ha de vir.»

(Ellan não se tinha feito ouvir durante toda a sessão, contrariamente ao seu costume.)

Em seguida as cortinas cerram-se.

Contam-se depois 35 segundos. As cortinas afastam-se, e uma fórma de homem, d'uma estatura superior á media commum, avança vivamente até um metro pelo menos do gabinete, ficando na nossa frente, e com uma voz natural de basso e accentuadamente masculina, diz-nos (em in-glez: «Boas noites, amigos, sinto-me encantado por vos vêr.»

É Ellan, cuja voz desde logo reconhecemos.

Do mesmo modo que em muitas experiencias anteriores, está vestido de preto, com plastron branco, guarnecido com dois botões da mesma côr.

Cabellos, sobrancelhas e barba (sendo esta pouco abundante), são de côr castanho carregado. (2)

Correspondemos á sua saudação, e peço-lhe que me auctorise a le-vantar-me e apertar-lhe a mão: concedido.

Levanto-me, estendo-lhe a minha mão, o phantasma toma-a na sua; dou-lhe um cerrado aperto de mão, que é vigorosamente correspondido.

Pude então reconhecer que a fórma é mais alta do que eu, como já notei na experiencia com a caixa.

Em cousa nenhuma se parece com o medium, cuja estatura é muito mais pequena. Os hombros, o peito, são d'um homem robusto, posto que não seja nutrido. Procuro distinguir-lhe a côr dos olhos, mas não o con-sigo n'esta sessão, facto devido a que eu o vejo de frente e a luz vem da lanterna collocada á direita.

Observo que a mão é larga e firme, dura mesmo, de calor modera-do, e não fresca (caracteres diametralmente oppostos aos da mão «succu-lenta» do medium); sobre isto chamo a attenção em voz alta, convidando um assistente a vir certificar-se das minhas observações.

De novo pedimos auctorisação a Ellan, que nos dá uma resposta eva-

---

(1) Mrs. Salmon nada nos tinha dito de sua filha, residente no Mexico, pois que ella o ignorava. E é facto que essa filha estava perigosamente doente (septicemia), do que quinze dias mais tarde houve noticia.

(2) Vistos pelo meu collega e outros assistentes, a uma distancia d'um metro a me-tro e meio, pareceram-lhes escuros. Em realidade eram castanhos carregados, como pude verificar de mais perto.

siva, cujas palavras não fixéi, mas que me impressionam pelo facto de serem como que pronunciadas ao meu ouvido, no momento em que me volto para o assistente, a fim de vir apertar a mão da apparição.

N'esta occasião, a mão, que eu continúo a ter cerrada, escorrega (não ouso dizer que funde) da minha, e a fórma «Ellan», em parte desaggregada, dirige-se para a abertura, deslisa por entre as cortinas, afastando-as apenas e desapparece no gabinete.

Contam-se depois 37 segundos.

Ouve-se a voz de Ellan, de dentro do gabinete.

Dá-nos instrucções tendentes a assegurar uma melhor disposição do gabinete, em que o medium está realmente confinado. (1)

Periodo de silencio.

Passam-se 52 segundos.

Apparição entre as cortinas d'uma fórma feminina vestida de branco, que abre e fecha as cortinas, fica invisivel durante dez segundos, mostra-se ainda por um instante e desapparece definitivamente.

(Continúa). PAULO GIBIER

O ATTENTADO CONTRA AFFONSO XIII — CASO DE TELEPATHIA EM PORTUGAL

Como a imprensa largamente noticiou, por occasião da visita do rei de Hespanha á capital de França em fins de maio e principios de junho do anno passado, deu-se um attentado contra Affonso XIII, sem que todavia houvesse outras consequencias alem de ferimentos em varias pessoas.

Referiram os telegrammas de então, que na madrugada do dia 1 de unho, regressando o monarcha hespanhol da opera, em direcção ao Quai d'Orsay, em companhia do presidente da republica, na rua Rivoli, jem frente do Louvre, explodira uma bomba carregada de metralha, matando um cavallo dos couraceiros da escolta, e ferindo uns officiaes montados que acompanhavam a carruagem real.

E' com este facto que se prende o caso de telepathia, que em seguida vou narrar, em face dos documentos originaes que sobre elle me chegaram ás mãos e que conservo em meu poder á disposição das pessoas que os queiram examinar.

Em maio do anno passado, antes de ser publicado o n.º 1.º dos «Estudos Psychicos», mandei a muitas pessoas uma circular, expondo o programma d'esta revista e solicitando o favor da assignatura.

A proposito da annunciada publicação, tive o ensejo de trocar correspondencia com diversas pessoas e entre ellas com o Snr. Dr. Manuel Carrilho Garcia, distincto medico em Almodovar, a quem devo a amabilidade de desejar a minha opinião sobre um caso telepathico que acabava de dar-se com elle. E' esse caso que vou historiar e documentar.

Por bilhete postal de 5 de junho do anno passado (1905) informou-me singelamente o referido illustre medico, de que na madrugada do dia 1

(1) Estas instrucções foram observadas nas sessões seguintes.

d'esse mez tinha tido o sonho vivo e anormal de ter sido assassinado Affonso XIII e que despertando logo lamentára o facto e se sentira impressionado com elle. E sobre este facto desejava que alguma cousa o esclarecesse.

Seguindo o exemplo, em casos analogos, de doutos investigadores, como Myers, Flammarion, etc., o que aliás me parece de toda a necessidade e prudencia, abri mais largo inquerito, fazendo lhe por carta de 13 d'esse mez um questionario sobre varios pontos que precisavam ser aclarados e desenvolvidos.

Em carta de 17 do mesmo mez aqui presente, teve o Snr. Dr. Carrilho Garcia, a gentileza de me informar sobre esses pontos. E' da mesma carta que traslado os periodos seguintes:

«A respeito do sonho que tive á hora em que em Paris atiraram a bomba ao rei Affonso, o caso foi que n'essa noite, depois da meia noite, accordei assustado por ter sonhado que o dito rei tinha sido assassinado, e no dia seguinte veio o telegramma narrando o tentativa; não ouvi estampido, mas lamentei o facto do sonho ao accordar; a hora foi exactamente a que os jornaes marcaram. Contei o sonho a varias pessoas; nunca tive casos analogos, etc».

Ainda por carta de 22 do mesmo mez, a novas instancias minhas, confirmava o sr. Dr. Carrilho Garcia o caso referido, por estas palavras:—

«Depois da meia noite do acontecimento da bomba (e completamente fóra da minha hora de accordar) pois tinha adormecido ás 11, accordei assustado de sonho, que o Rei Affonso havia sido assassinado (não me lembro de que modo), tornei a adormecer e no dia seguinte contei a minha familia o sonho; horas depois vieram os telegrammas contando o acontecimento; a mais ninguem fallei por não ter sahido de casa, e só fallei ao almoço com minha familia.

Affirmo como cavalheiro: 1.º que tive esse sonho; 2.º á hora que se deu o facto, porque os jornaes nos telegrammas o deram no dia seguinte; 3.º fiquei pensativo e lamentei o caso; 4.º o dia foi o do succedido. Não me lembro de ter tido sonhos analogos e dignos de recordação; etc».

Devo acrescentar que das investigações feitas resultou a confirmação de que o sonho anormal se tinha realisado na occasião em que houve o attentado; que o Dr. Garcia não costumava a ter sonhos d'aquella ordem; que, como elle tambem affirma n'outros logares das suas cartas, nem conceitos anteriores nem qualquer associação d'ideas lhe podiam ter suggerido esse sonho; e finalmente que nunca prestou fé á possibilidade d'estes factos, pois que atravez dos estudos do seu curso não encontrára rasões para fundar uma crença espiritualista.

N'estas condições parece-me que o facto reveste as caracteristicas d'um caso telepathico, que, pela precisão de objecto e de tempo, difficilmente se poderá attribuir á coincidencia.

E' certo que o Dr. Carrilho Garcia sonhou que o Rei Affonso XIII fôra assassinado, e se bem que foi na mesma occasião do successo, elle não passou d'um attentado.

Esta consideração porém não destroe a condicionalidade telepathica, antes a confirma, porque o agente do attentado, no momento de o commetter, vibrou fortemente no desejo do assassinato, e certamente foi essa

vibração, e não apenas o resultado, que o recipiente colheu n'esse instante.

Ficam assim melhor resalvadas as leis da telepathia, vindo o sonho a parecer mais legitimamente disciplinado por ella.

SOUZA COUTO.

AS MATERIALISAÇÕES DA VILLA CARMEN

(Continuação)

SABBADO 29 DE JULHO

A sessão de hoje póde considerar-se muito boa, porque Martha é o unico medium. A apparição mostrou-se como precedentemente e tenho quasi a certesa completa de que não é produzida por meio d'um disfarce. Eis os factos:

A sessão tem logar ás 5 horas da tarde. Visita previa á salla pela senhora ingleza e por mim, sendo tudo escrupulosamente examinado. Nada suspeito.

Entram os outros assistentes: M. e M.me Noel, bem como as tres irmãs, Martha, Paulette e Maria.

Recita-se a prece; espera bastante longa antes que o medium adormeça; emfim levanta-se e dirige-se para o gabinete, depois de ter feito mudar de logar a Paulette para a collocar ao pé de mim.

M.me Noel sahe um instante para tomar ar, porque a temperatura continúa sendo muito elevada.

Depois entra com seu marido, e uma cadeira é collocada deante da porta fechada.

Espera-se ainda quasi um quarto de hora. Canta-se em côro. Hoje a luz é boa; veem-se nitidamente os assistentes e o gabinete.

Emfim as cortinas se entreabrem e a apparição se mostra, tendo a cabeça coberta por um turbante. Os braços são nús e muito brancos, assim como a cara. O phantasma dissolve-se um pouco do lado esquerdo, de maneira a descobrir o medium. Vejo-o distinctamente, sentado no fauteuil, com a mão esquerda segurando a cabeça inclinada para traz e a mão direita repousando sobre a saia escura. Os traços não se distinguem muito por causa da inclinação da face. *Ao mesmo tempo,* vejo a apparição á esquerda, meio occulta pelos pannos do gabinete.

N'este momento a fórma toma apparencia completa e sahe um pouco para fóra dos cortinados. Como na sessão precedente, a parte superior do turbante attinge meia altura do baldaquino. Vejo-lhe a figura: o nariz é direito, bigode e olhos escuros. O vestido branco tem movimentos ondulosos; não ha dourados no turbante; não ha joias.

Voltando-se, o phantasma entra até meio no gabinete, e com a mão esquerda *toma a mão direita do medium,* levanta-a e deixa-a cahir sobre os vestidos. D'esta vez vi muito bem o movimento da articulação do cotovello do medium. A senhora ingleza, em melhor logar do que eu, pois está de frente, vê as duas mãos do espirito materialisado e a do medium. Fecham-se as cortidas.

Entoados alguns cantos, a apparição se mostra ainda entre as cortinas semi-abertas, com o mesmo aspecto de ha pouco.

O phantasma abraça M.me Noel que declara «que elle transpira.»

A sessão termina pouco tempo depois d'este ultimo phenomeno. Vendo o medium despertar, noto que tem o corpete absolutamente molhado e que lhe desenha toda a fórma do busto. Nada ahi póde estar escondido. A saia é justa, e evidentemente não podia dissimular tudo que seria preciso para representar o espirito: pannos, mascara, etc., e de mais, mãos artificiaes e uma segunda mascara, pois se houvesse de representar tal papel, ser-lhe-hia necessario, além dos vestidos, uma outra cousa em seu logar sobre o fauteuil, para lhe imitar o corpo e as mãos.

N'esta sessão, ficando o medium só, ninguem lhe podia fornecer vestidos, ninguem sahiu do seu logar para ir ao gabinete, e como tenho a certesa de que ninguem lá estava occulto, nem pessoa alguma entrou na salla, tenho a convicção de que o phantasma não é um disfarce.

E, pois não é tão pouco um manequim, porque um manequim não anda nem transpira, designarei d'aqui em deante o phantasma, pelo nome que nos deu, o de Bien Boa.

Devemos fixar tambem que a apparição esteve materialisada mais tempo do que precedentemente.

Podémos observal-a durante cerca de um quarto de hora, o que marca um progresso real sobre as sessões antecedentes. Seria agora necessario que podessemos photographar ao mesmo tempo os mediums e a apparição, para que não podesse ser proposta como explicação a hypothese d'uma hallucinação collectiva. A fallar a verdade, tal hypothese não me parece muito séria, porque eu não sou hypnotisavel nem recebo a suggestão; nunca tive visões nem hallucinações, e n'outra experiencia senti bem a mão do espirito. N'estas condições, tenho a mais inteira confiança no testemunho dos meus sentidos; mas, emfim, é preciso attender a todas as objecções. Proporei a M.me Noel a photographia, que se me affigura a prova objectiva sem replica.

DOMINGO 20 DE JULHO

Só para memoria é que faço o relato d'esta sessão, porque foi quasi nulla.

Assistentes e logares os da sessão anterior. Apenas assiste mais M.me Ninon. Boa luz. Depois da prece e da mudança de Paulette, que vem sentar-se junto de mim, os mediums entram para o gabinete. Espera-se bastante tempo. Por um instante se distingue o turbante do espirito pela entreabertura superior das cortinas, e uma mão branca, comprida, apparece entre os pannos. Depois as cortinas são afastadas um pouco. Distinguem-se vagamente os mediums, mas não a apparição, apesar dos cantos e d'uma espera prolongada e fatigante.

E sem outro incidente, levanta se a sessão.

TERÇA-FEIRA 1 DE AGOSTO

Sessão nulla. Fez se a inspecção á salla, são os mesmos assistentes, mas nada se produz, apesar d'uma hora de inutil espectativa.

QUINTA-FEIRA 3 DE AGOSTO

N'esta sessão, tambem Martha é o unico medium, e obtem-se bom resultado.

Inspecção da salla e do gabinete com a senhora ingleza. Os assistentes ficam na ordem seguinte em volta da mesa: M.me e M. Noel, eu, Paulette, Maria e a senhora ingleza.

Leio a prece. M.me Noel sae um instante. Substitue-se a vela na lanterna e tira-se a tampa superior d'esta. Vê-se muito bem.

O medium adormece e entra no gabinete.

Paulette vem sentar-se ao meu lado.

Forma-se a cadeia e canta-se.

A espera é de cerca de quinze minutos. Comtudo as cortinas abrem-se por fim, sem que se veja a mão que as impelle. N'este momento vejo o medium meio deitado no *fauteuil*. A mão e o braço direitos são distinctamente visiveis. A cabeça fica occultada pela cortina da direita. O medium tem um corpete branco e uma saia preta. N'este instante, agitam-se atraz d'elle uns veus, parecendo-me um amarello. Canta-se ainda cinco vezes em côro. As cortinas continuam abertas, sem o medium mudar de posição. Emfim, vê-se á esquerda do gabinete a cabeça e o turbante de Rien Boa, estando o resto do corpo escondido pela cortina da esquerda.

Depois, o phantasma avança um pouco e torna-se perceptivel metade do corpo. Rosto trigueiro, bigode preto, sendo o resto da cara pouco distincto e envolto nas roupagens que cercam a apparição. O braço esquerdo parece envolvido n'uma especie de mousselina transparente. A pelle é branca e a fórma do braço parece-me delgada.

N'esta occasião, o proprio Bien Boa afasta um tanto a cortina da direita, de maneira a descobrir mais o corpo do medium. Vejo um pouco mais da metade do corpo de Martha, o braço e a mão direita, ficando a cabeça na sombra; mas uma vez, por um movimento da cortina, distingo uma parte do pescoço e como que adivinho o resto da cabeça. É antes uma apercepção do que vista distincta.

O espirito mostra-se muitas vezes, mas envolto na cortina da esquerda, sendo só visiveis a cabeça e o braço.

Continua-se a cantar com ardor.

M.me Noel chama por Bien Boa com energia. Então desprende-se elle da cortina, dirige-se a Martha, *toma lhe a mão, levanta-a e agita-a.*

Vejo perfeitamente funccionar a articulação do cotovello do medium, bem como os movimentos de flexão do braço da apparição. Não é portanto uma manga vasia que está presa ao corpete, é um braço redondo, pois o tecido não está achatado: está cheio pelo braço e liga-se bem á mão. Em seguida, Bien Boa desvia se para traz da cortina esquerda do gabinete.

Um instante dapois torna a sahir, meio envolto no reposteiro e inclina-se para M.me Noel; abraça a e todos nós ouvimos o ruido do beijo. Durante este tempo, o medium conserva-se sempre á nossa vista.

M.me Noel pede ao espirito para sahir, mas elle fica no gabinete.

Um momento depois, vemol-o passar deante do medium; agora está no fundo do gabinete, á direita.

Passados poucos instantes, vejo junto ao pavimento, no angulo di-

reito do gabinete, a cortina estremecer, sahindo o espirito, com o corpo inclinado para a frente, por debaixo d'ella, na parte menos illuminada. O medium está sempre visivel, sem se mexer no logar.

Bien Boa levanta-se pouco a pouco, appoia-se n'uma cadeira desoccupada, desloca-a, ouve-se o ruido d'ella arrastando no soalho. Então Bien Boa attinge a estatura ordinaria, a cabeça ultrapassa um pouco a parte inferior do baldaquino; deslisa ao longo da parte direita do gabinete e entra n'elle.

Continúo vendo sempre completamente metade do corpo do medium, o braço e a mão. N'este momento as cortinas são corridas pela entidade, mas a sessão não está finda.

Decorrido pouco tempo, o phantasma afasta a cortina da esquerda (relativamente a nós), mostra a cabeça e a parte esquerda do corpo. Subito, a estatura diminue, ficando a cabeça levantada, e rapidamente toda a parte inferior dos vestidos abaixa, funde, chegando a cabeça ao nivel do chão, onde desapparece de repente, sem deixar vestigios. De novo se mostra a fórma inteira de todo um lado, tendo o outro occulto pelas cortinas, repetindo este facto cinco vezes, porque as contòu a senhora ingleza.

Tendo minha attenção concentrada sobre as differentes phases do phenomeno, não sei exactamente quantas vezes teve logar a desapparição.

O que observei bem é que o phantasma desapparece litteralmente no soalho. Não é inclinando se para a frente até a cabeça parecer tocar o chão, que o phantasma diminue, é fazendo-o absolutamente direito, como no theatro uma figura que se some por um alçapão. Mas aqui não ha alçapão e o soalho, coberto por um tapete, é continuo. A reconstituição completa da fórma atraz da cortina, depois que a cabeça se desvanece, dura apenas tres a quatro minutos. Devemos notar este ponto muito importante, que vejo sempre durante todo este tempo a parte direita do corpo do medium, o braço e a mão.

Em seguida fecham-se as cortinas. Decorrem dez minutos e termina a sessão. Fico com as melhores impressões, porque d'esta vez, a hypothese d'um disfarce me parece bem difficil de sustentar.

Decidimos com M.me Noel que nas proximas sessões se tratará de obter a photographia simultanea do medium e da apparição.

Li este relato á senhora ingleza dois dias depois, achando-o ella conforme ao que tinha observado.

SABBADO 5 DE AGOSTO

Inspecção minuciosa á salla e ao gabinete, na presença da senhora ingleza.

Assistentes os da sessão anterior e pela mesma ordem á mesa.

M.me Noel fica quasi junto ás cortinas lado esquerdo. Luz boa. O medium, adormecendo após a prece, dirige-se para o gabinete, onde se senta no *fauteuil*, vindo Paulette occupar o seu logar vasío junto de mim.

Deve notar-se que as duas irmãs do medium estão uma ao meu lado e outra á direita da senhora ingleza, e como fazemos a cadeia e nos ve-

mos perfeitamente, não póde admittir-se a cumplicidade da sua parte, quer para fornecer aprestos, quer para as mesmas se disfarçarem.

Ao entrar no gabinete, o medium não fechou as cortinas, de modo que temol-o á nossa vista desde o começo.

Ao fim de cerca d'um quarto de hora, veem-se roupagens atraz do medium. Mas sendo o calor muito, M.me Noel, cuja saude continúa sendo deploravel, tem necessidade de sahir para tomar ar. O deslocamento de alguns assistentes e a abertura da porta com a entrada da luz exterior, suspendem os phenomenos. As cortinas cerram-se, *sem que eu veja o medium mexer-se.*

M.me Noel volta, continuando a sessão; ha uma longa espera; entoam-se alguns cantos. Entreabrem-se as cortinas. Apparece Bien Boa de turbante, roupagens brancas, com os braços cobertos d'uma especie de mousselina clara e de apparencia graciosa. O medium apenas se vê d'uma maneira indistincta. Um pouco depois, vejo ainda levantar-se a cortina no angulo direito. Observo attentamente o phenomeno; a apparição sahe do gabinete; estando de joelhos, levantou-se como uma pessoa natural. Caminha ao longo das cortinas até á abertura e torna a entrar no gabinete.

Espera-se ainda, mas nada mais se produz. Esta sessão é menos satisfatoria que as outras, pois não vi o braço e a mão do medium. Tinhamos preparado dois apparelhos para nos dar a luz do magnesium, tendo eu focado uma machina stereoscopica para photographar a apparição quando o signal fosse dado, e a senhora ingleza munira-se egualmente d'uma Kodac 13×18. Mas os apparelhos não poderam servir. Será para outra vez.

SEGUNDA-FEIRA 7 DE AGOSTO

Os mesmos assistentes. Sessão absolutamente nulla. Depois de uma hora de espera, o medium Martha, sente-se muito indisposto e a sessão é levantada.

Na sexta-feira, 11 do corrente, M. Richet vem visitar a familia Noel.

As sessões recomeçarão o mais breve possivel.

DOMINGO 13 DE AGOSTO

Realisa-se uma sessão ás 9 ½ horas da noite, a que assistem M. Richet e a senhora ingleza.

Como Martha ainda se encontra doente, o medium é M.me Ninon. Segundo o costume, faz-se inspecção á salla; luz a habitual. Sessão nulla. N'um dado momento ouve-se um ruido, como o que produziria um pau raspando exteriormente nas persianas.

Isto nada significa, podendo qualquer pessoa produzir este ruido pelo lado de fóra. Sem outros resultados, termina-se a sessão. (1)

(1) Pedimos perdão ao leitor d'estas minudencias, mas pensamos que assim se terá uma impressão mais exacta da realidade. Lendo-se apenas os relatos das sessões boas, poderá crêr-se que os phenomenos se produzem sempre, quando, ao contrario, elles são muito irregulares.

A lição que se colhe d'este estudo é que é preciso uma grandissima paciencia e

TERÇA-FEIRA 15 DE AGOSTO

Sessão ás 9 da noite, nos aposentos de M.me Noel. Examino minuciosamente o quarto de toilette e o contiguo. A porta e duas janellas são selladas. Inspecciono em todos os pontos o quarto de M.me Noel; vejo debaixo do leito e atraz das cortinas das janellas que dão para a varanda. Nada de suspeito. Os assistentes são: M. e M.me Noel, Martha, Paulette, Maria, eu e Aïcha, uma preta que M.me Noel tomou ao seu serviço e que é, segundo parece, medium. A preta e eu ficamos junto ao leito, do lado da parede da direita. A porta da toilette está tapada por um leve cortinado de panno. Martha entra no gabinete, sentando-se no *fauteuil* de verga, collocado á direita; faz-se a prece. O vidro da lanterna em cima da chaminé, está voltado para o lado da parede da direita.

Entoam-se alguns cantos. A cortina agita-se muitas vezes e por fim afasta-se, por forma a deixar-me vêr muito bem o braço esquerdo de Martha e a mão sobre a saia escura. Então Bien Boa mostra-se á esquerda da porta, primeiro envolvido na cortina, depois mais descoberto, e emfim sai de todo. Distingo-lhe vagamente o rosto e o turbante. Durante este tempo está a cortina *sem interrupção afastada pela mão sempre visivel* de Martha. Correspondendo aos appêllos vehementes de M.me Noel, o phantasma toma animo: avança na salla até um metro de gabinete, e inclina se para tomar-lhe a mão. Oiço distinctamente o ruido d'um beijo. Depois entra no gabinete e por tres vezes se inclina e se prostra com a cabeça até ao chão, á maneira dos orientaes. N'esta occasião, a preta, que havia adormecido, vem sentar-se de pernas crusadas deante do gobinete. Então tudo se suspende.

A mão de Martha recolhe, a cortina cae e em breve o medium desperta. A presença de Bien Boa durou perto d'um quarto de hora.

Peço ao general Noel o sinete que tinha guardado no bolso; dá m'o e verifico que os sellos estão intactos. São 10 horas menos um quarto. D'esta vez ainda não pude utilisar a minha machina photographica, e sinto que M. Richet não tenha assistido a esta boa sessão.

(Continúa). GABRIEL DELANNE.

A EFFLUVIAÇÃO ODICA

IV

Meu caro Dr. Souza Couto

As minhas experiencias magneticas não tinham em mira satisfazer o espirito de curiosidade meu ou alheio, mas antes obedeciam ao intuito scientifico de estudar a capacidade psychica do somnambulo e verificar *por experiencia propria* a veracidade de numerosas observações feitas anteriormente por varios e notaveis magnetizadores e hypnotistas.

---

que os experimentadores não devem desanimar, como tantas vezes acontece, se não obteem desde o principio todos os resultados que julgavam esperar.

Levado por esta orientação, ensaei com este somnambulo todas ou quasi todas as experiencias que se teem feito com outros, e tive a rara felicidade de *verificar a realidade* de quasi todas.

E se em algumas dellas não colhi *inteiro resultado,* ou mesmo não colhi *nenhum*, isso não me auctoriza a negar a veracidade das observações alheias, porque sei perfeitamente que a capacidade psychica dos somnambulos é extremamente variavel.

Com esse intuito de variar os phenomenos e ensaiar a capacidade do somnambulo, e sabendo que os ha que veem nitidamente no interior do proprio corpo ou no das pessoas com quem são postas em relação, tratei de verificar o que o meu somnambulo daria n'esse campo. Medicos ha que teem tirado um grande partido dos processos magneticos para o diagnostico das doenças, possuindo somnambulos que descortinam admiravelmente no corpo dos doentes a causa ou séde de muitas d'ellas, os tumores e absessos internos, dando assim ao medico preciosa indicação sobre o ponto principal a que deve visar o tratamento.

Em uma ou duas sessões fiz uma experiencia n'esse sentido, a qual foi interessante a pezar de incompleta, porque, estando todos os circumstantes de perfeita saude, era impossivel descobrir a séde de qualquer doença que felizmente não existia.

Fiz primeiro convergir a visão psychica do somnambulo para o interior do seu proprio corpo.

Obedecendo, começou por manifestar desde logo grande extranheza pelo que está vendo.

—Que esquisito que é tudo isto! dizia elle. E começando a interessar-se por aquelle novo campo de observações, ia fazendo a descripção do que via. Como porém elle ignora os mais rudimentares conhecimentos de anatomia, tinha grande difficuldade em dar aos diversos orgãos nomes apropriados.

Parecia até ter esquecido os nomes vulgares, que indubitavelmente conhece, quando acordado. E' assim que alludindo ao coração, descreveu com toda a perfeição as auriculas e ventriculos, o movimento das valvulas respectivas e a circulação do sangue atravez d'ellas. Mas não falava nem em coração nem em sangue, e como eu propositadamente não suggeria esses termos, elle não os empregava, limitando se a dizer que via —«*uma especie de sacco* com quatro divisões, cheias de um *liquido encarnado* que passa de umas para outras por *uns buracos,* que teem *umas tampas* que abrem e fecham com regularidade».

Empregando sempre uma linguagem descriptiva, sem dar aos orgãos os nomes por que são conhecidos, descreveu com bastante precisão (auxiliando-se com o dedo para indicar o sitio dos orgãos) a circulação arterial, o estomago e os intestinos grossos e delgados, que elle dizia ser —«*uma especie de corda, oca por dentro e enrolada em muitas voltas*».

Colloquei depois a mão sobre um dos circumstantes para o pôr em relação com o somnambulo, dizendo a este que olhasse alternadamente para o interior do proprio corpo e para o do individuo que eu tocava, a vêr se achava algumas differenças.

Elle assim o faz, dizendo-me que, a differença que encontrava era só *no liquido encarnado* que era *mais vermelho* e corria *muito mais depressa*

no corpo d'elle, ao passo que no outro individuo era *menos vermelho* e andava *mais devagar*.

Para me certificar, tanto quanto possivel, d'esta ultima affirmação, tomei o pulso a um e outro e verifiquei que o pulso do somnambulo estava muito mais forte e frequente do que o do outro, o que tendia a confirmar a observação do somnambulo.

Como este desconhecia completamente os mais leves rudimentos de anatomia, e por outro lado os frequentadores das sessões eram pessoas de uma saude normal, não prosegui n'este genero de investigações pela difficuldade de ir mais longe por uma forma proficua e conveniente.

*

* *

Assim como o somnambulo lucido póde vêr nitidamente, atravez de paredes e ruas, o que se passa, em dado momento, na mesma cidade, a uma distancia de 400 ou 500 metros, da mesma forma se pode sustentar, *como these geral* que elle poderá ver com egual nitidez o que se passa a *centenares de kilometros*. Porque, como a visão, *n'estes casos*, não se exerce *atravèz dos olhos*, mas se realisa pela *inspecção psychica no proprio local*, nada tem a perder com a distancia que se interponha entre o corpo do somnambulo e o objecto examinado.

O essencial, para que dê resultado uma experiencia d'este genero, é que o somnambulo *conheça mais ou menos* a topographia d'essa terra ou localidade, isto é a sua situação e disposição das suas ruas.

Crente n'estes principios, mas desejando acceder aos desejos de um amigo meu de Thomar, o sr. Mario de Magalhães, que me havia perguntado se seria possivel transportar-se psychicamente o somnambulo áquella cidade e a casa d'este para vêr o que ali se passasse em determinada occasião, resolvi-me a tentar uma experiencia n'esse sentido.

A empresa era difficil, porque o somnambulo nunca tinha estado em Thomar e não conhecia o caminho para ir lá. Apesar d'isso não desanimei, e tracei o meu plano, se bem que tivesse duvidas sérias sobre o seu resultado.

O plano consistia em fazel-o ir á estação do caminho de ferro d'Elvas, que elle muito bem conhecia, e d'ahi fazel-o seguir pela linha ferrea, de estação em estação, até á do Entroncamento, e d'esta fazel-o passar para a linha do Norte, e guial-o até Payalvo. D'ahi seguiria a estrada real até entrar em Thomar. Chegado ahi, não seria difficil conduzil-o atravez de algumas ruas até á casa do meu amigo, que não lhe seria difficil achar indicando-lhe o numero da porta.

Tal era o plano. Vejamos agora o resultado.

Depois de me ter assegurado de que a sua lucidez havia attingido o maximo habitual, dei-lhe ordem para ir á estação de Elvas, e passando para a plataforma seguir a linha ferrea até encontrar a estação de Santa Eulalia, aldeia que elle bem conhecia e que era o limite dos seus conhecimentos de geographia pratica. Como conhecia a terra, quiz divagar um tanto pelas ruas; mas após algumas difficuldades consegui de novo pôl-o a caminho seguindo a linha ferrea. Para não se extraviar, e eu saber onde

elle estava, fazia-o ir lendo os nomes das estações inscriptas nas paredes lateraes d'estas.

Seguindo assim o seu itinerario, passou por todas as estações até Torre das Vargens; mas, chegado ahi, deu um salto, não reparando nas estações de Ponte do Sôr e Bemposta, indo ter a uma cujo nome não poude lêr, mas que pelos dados que apresentou devia ser a de Abrantes. D'ahi deu um novo salto para a da Praia e Barquinha, descrevendo o Tejo, os barcos que passavam á vela. E quando já me preparava para o guiar na estação do Entroncamento, que era o ponto mais difficil d'esta viagem psychica, eis que elle dá novo salto para uma estação cujo nome não poude lêr, mas que pela descripção devia ser Santarem. Estava mallogrado o meu plano; mas, attenta a difficuldade de o fazer voltar para traz, achei mais prudente acceitar a situação e fazel-o seguir até Lisboa, que eu sabia perfeitamente que elle nunca tinha visto.

De Santarem, levado pela sua curiosidade natural, ancioso por descobrir mundo, deu novo salto até outra estação cujo nome tambem não poude lêr.

Mas ahi entreteve-se visitando e descrevendo um estabelecimento industrial que lhe chamou particularmente a attenção.

Viu um grande pateo onde havia um poço, grandes depositos de barro, officinas e grandes depositos de louça.

Verificando que a louça estava marcada, leu a marca, que era de Sacavem. Como elle queria visitar minuciosamente a fabrica, que sobremodo o attrahia, custou-me immenso a resolvel-o a proseguir na viagem.

De Sacavem derivou até uma cidade muito grande, onde havia muitas casas e muita agua, mas não sabia dizer que terra era.

Como já disse, até essa data elle nunca tinha vindo a Lisboa, ignorando por isso a disposição das suas ruas.

Viajando assim atravez de algumas ruas desconhecidas para elle, em breve chegou a um largo, onde havia, dizia elle—*uma mulher com azas*. Alludia a uma das Victorias que ornamentam o pedestal do monumento dos Restauradores, á entrada da Avenida da Liberdade.

Descreveu depois com perfeição todo o monumento, mas sem o reconhecer, nem lhe dar nome, passando em seguida a descrever a rua central da Avenida e as duas lateraes, e mandando-o eu seguir por uma d'estas e procurar a porta da residencia de um amigo meu, no intuito de o fazer entrar ahi, não o chegou a realisar porque, deparando com um guarda nocturno munido da sua lanterna, distrahiu-se, dando um estremeção por lhe parecer que via *um bicho*.

Averiguada a natureza do *bicho* pela descripção que d'elle fez (pois mostrava geralmente difficuldade em reconhecer a especie dos animaes, embora no estado de vigilia muito bem os conhecesse) vim no conhecimento de que era um elephante. Suppuz que elle estivesse no Jardim Zoologico; mas em breve me desilludi, por elle me dizer que o *bicho* não era vivo, mas de pedra.

Presumi desde logo que elle se achava na Praça do Commercio, e não me enganei, porque, fazendo-o rodear o monumento, descreveu com perfeição o grupo de marmore que fica do outro lado, o medalhão do Marquez e o cavallo e cavalleiro que remata o monumento, alludindo mui especialmente ao sceptro que empunha e ás plumas do capacete.

Descreveu depois com rara minuciosidade o Arco Triumphal da Rua Augusta, especialisando todas as estatuas, e as suas attitudes, bem como toda a fachada da Praça do Commercio fronteira ao mar.

Seguidamente fil-o dirigir em sentido contrario, mas em breve me declarou que não podia andar mais, pois que deante de si só havia muita agua e muitos barcos, e que tinha medo.

Como o somnambulo estava já fatigado, tratei de o despertar.

Assim, pois, esta sessão, que falhou sob o ponto de vista que eu primitivamente ideara, tornou-se apesar d'isso excellente, porque demonstrou aos circumstantes que *o somnambulo póde vêr o que se passa ou existe em sitios remotos, separados entre si pela distancia de centenas de kilometros.*

Em outras sessões posteriores tentei novamente a viagem a Thomar, mas sem resultado, porque elle, logo que chegava á primeira estação, declarava:—*Já aqui estive, já conheço isto, não vou para deante.*

E não havia rasões que o demovessem.

Já nas suas viagens psychicas dentro de Elvas, tinha notado a mesma reluctancia em ir duas vezes ao mesmo sitio.

Outro qualquer, n'estas condições teria empregado um *tour de force,* isto é, empregando maior quantidade de fluido, tentaria, pela auctoridade que o magnetisador exerce sobre o somnambulo, *forçal-o a obedecer,* mau grado seu.

Mas isso poderia trazer varios inconvenientes, taes como:

1.º—Não lograr, apesar de tudo, vencer a resistencia do somnambulo, e perder uma boa parte do prestigio para com elle;

2.º—Admittindo que o compelisse a obedecer, isso resultaria de uma lucta psychica porfiada, que o cançaria, tirando-lhe parte da clarividencia, que desapparece quasi por completo, quando o somnambulo se acha contrariado ou fatigado.

Nunca empreguei esses meios violentos, e por isso, em perto de 60 sessões que com elle realisei, *nunca o somnambulo se queixou de qualquer especie de soffrimento,* e ao despertal-o achava-se mais fresco e agil do que quando se desperta do somno natural.

MARTINS VELHO.

UM TELEGRAMMA PSYCHICO

É da revista de S. Petersburgo, *Le Rebus,* a communicação que vamos narrar, e que corresponde precisamente á denominação que lhe damos.

«Compõe-se nossa familia de minha mãe, uma irmã, eu e um irmão que, por exigencias do seu emprego, se encontra actualmente em viagem, n'uma das cidades mais afastadas da Siberia.

Havia grande necessidade da certidão de baptismo de minha irmã e apesar de todos os esforços não a podémos encontrar nos papeis de familia. Por isso escrevemos a meu irmão para lhe perguntar se a não teria guardado em qualquer sitio que não soubessemos. Os dias, porém, iam passando sem se obter resposta. Mandámos um telegramma, mas sem melhor resultado.

Todavia, approximava-se o dia em que tinhamos de apresentar esse documento á auctoridade. Uma noite sentámo-nos em volta d'uma mesa, afflictos por não termos recebido noticias de nosso irmão ausente.

No nosso pequeno grupo apenas tinhamos um excellente medium psychographo. A mão começou-lhe a escrever rapidamente diversas communicações, interrompendo-se bruscamente no meio d'uma palavra; e ao fim d'um minuto continuou a escrever, d'uma maneira hesitante e quasi illegivel, pelo que não podiamos comprehender qual era a significação d'esta phrase, e assim pedimos ao espirito que se manifestava para nos dizer o seu nome.

O medium escreveu então distinctamente o nome de meu irmão.

Uma indisivel emoção se apoderou de nós, suppondo-o morto, e d'ahi a explicação da sua ausencia de noticias. Interrompemos a sessão, tal era a nossa angustia; mas em breve o medium tomou o lapis e escreveu, com a vivacidade habitual, estas phrases que podiam lêr-se distinctamente; «A certidão encontra-se n'um esconderijo do meu contador.»

Nenhum de nós tinha tido a idéa de procurar n'este movel antigo, e logo que o abrimos, o documento foi encontrado como se indicava.

Convencidos de que nosso irmão estava morto e de que a communicação vinha do *além,* levantámos a sessão a chorar. (É um erro muito frequente nos grupos noviços, julgar que todas as communicações veem necessariamente de espiritos desincarnados).

Mas no dia seguinte recebemos de nosso irmão este telegramma:

«A certidão encontra-se n'um esconderijo do meu contador».

Posteriormente chegou uma carta, dizendo que não podia ter respondido mais cedo, por que tivera todo o tempo tomado com serviço.

Quinze dias depois escreveu-nos ainda uma carta mais extensa, contando que uma noite—a da famosa senão—recolhendo a casa muito fatigado e contrariado por não ter podido responder-nos, tinha incumbido um creado de nos expedir o telegramma acima referido; recolhido á cama adormeceu profundamente; a sua preoccupação da vigilia continuou durante o somno, e sonhou que viera pessoalmente dar-nos a resposta desejada. Este sonho tinha-lhe deixado uma tal impressão, que, estava convencido de que n'uma noite, tinhamos obtido a sua resposta.

Seguem-se quatro assignaturas certificando o phenomeno».

O TESTEMUNHO DE RAMBAUD ÁCERCA DAS APPARIÇÕES

Yveling Rambaud, auctor d'um estudo notavel sobre a força psychica, relata o facto seguinte:

«M. Baissac, official da Legião de Honra, occupava uma alta posição no Ministerio da Guerra; era, demais, um linguista notavel, escrevendo e fallando todas as linguas da Europa, sem contar a maior parte das linguas orientaes. Um dia, conversando com elle, fiz-lhe a observação de que era pena que os mediums materialisantes e seus experimentadores sabios fossem estrangeiros. Sentia eu que a França, depois do primeiro impulso dado por *Allan Kardec,* não continuasse na vanguarda das outras nações.

—Desengane-se, me contestou Baissac, ha em França não só inves-

tigadores como mediums de materialisação. Entre ontros, conheço um, que é Madame Bablin. Esta senhora é um medium em que os phenomenos espiritas atravessaram duas phases: na primeira começou por ser, como sem dar por isso, o receptaculo da incarnação de seres inteiramente seus desconhecidos, vivos ou mortos.

Pouco a pouco, as pessoas da sua familia começaram a notar esta faculdade medianimica.

Entrando, por exemplo, em conversa com qualquer pessoa, em vez de responder a essa conversa, tomava a attitude e logar da pessoa presente na memoria do interlocutor.

Mas esta faculdade dissipou-se subitamente, e Madame Bablin tornou-se um medium materialisante.

Eis uma experiencia, um facto da sua mediumnidade, que se produziu em casa d'ella ha alguns annos, Rua do Faubourg Poissonnière.

Houve uma reunião intima, assistindo umas doze pessoas, entre as quaes um empregado do Ministerio com sua mulher e tres filhos.

Este empregado tinha tido por collega um amigo, fallecido ha algum tempo, e que deixou uma filha natural, cuja mãe tinha desapparecido.

Esta pequena havia encontrado em casa do referido assistente agasalho e sustento, mas aos sete annos foi accommettida d'uma affecção variolosa que assustou a familia do bemfeitor.

A situação era critica, e o receio do possivel contagio aos seus filhos obrigou o empregado a enviar a pequena orphã ao hospital de L'Enfant Jesus, situado não longe do hospital Necker.

Tinham-se passado apenas dois dias depois da entrada da orphã na casa hospitalar, quando teve logar a reunião, que se faz em casa de M.me Bablin.

Por pedido dos assistentes, que eram pessoas das relações d'esta senhora, ella como medium, entrou em catalepsia, tendo-se previamente abaixado um pouco a luz.

Passados uns instantes, a pequena orphã doente appareceu vestida de branco, perfeitamente tangivel: chorava abundantemente.

O tutor, ou bemfeitor, sua mulher e os tres filhos, reconheceram-na immediatamente, perguntando-se-lhe o causa da sua magoa.

— Morri esta manhã ás sete horas, respondeu ella.

E segundos depois, o espectro materialisado desappareceu, deixando estupefactos todos os assistentes.

A noticia da morte da creança, dada por ella propria, tratou de ser verificada; era infelizmente exacta.

(Do n.º 108 da Tribuna Psychica).

N.º 12 MAIO DE 1906 1.º ANNO

ESTUDOS PSYCHICOS

REVISTA MENSAL DE ANIMISMO
E ESPIRITISMO EXPERIMENTAL

Director — DR. SOUSA COUTO

COLLABORADORES — Drs. Maxwell, Laurent de Faget, De Reyle, Wolowski, Marzorati, Roso de Luna, Quintin Lopes, Martins Velho, etc.

Escriptorio — Rua do Ouro, 149, 2.º LISBOA

A CRITICA E OS CRITICOS

VII

Para firmar as proposições que nos artigos anteriores temos assentado, é indispensavel condensar um grande numero de factos medianimicos caracteristicos e demonstrativos d'uma intervenção alheia, visto que os factos são o argumento por excellencia, a base essencial d'uma demonstração segura.

E' esta a rasão por que continuamos ainda com a narração de varios phenomenos d'essa naturesa, irreductiveis e inexplicaveis dentro das theorias meramente animistas.

No relatorio da Sociedade Dialectica de Londres, paginas 216 e seguintes, encontra-se o testemunho do professor Damiani, valioso tributario da investigação medianimica.

D'esse auctorisado depoimento, colhemos os dois factos seguintes:

Encontrando-se o professor Damiani na Sicilia, teve occasião de presencear as faculdades d'um medium ignorante escrevendo um poema e dando communicações em varias linguas que absolutamente desconhecia. São estas as suas proprias palavras: «Mui recentemente, estando na Sicilia, foram transmittidas na minha presença, por um medium *completamente illetrado,* pertencente á classe obreira, um poema de duzentos versos, muito bem composto em dialecto ciciliano, bem como numerosas communicações em allemão, francez, latim e inglez.»

E não menos importante é outro facto que tambem presenceou, como se vê d'esta textual narração: «Encontrei-me em Clifton com um medium novo, de *dez a onze annos de edade,* que escrevia longas dissertações sobre assumptos de philosophia espiritualista. E de tal modo tratava a materia, que as communicações podiam ser firmadas por um escriptor experimentado, ponderado e bem ao corrente d'estas questões. Durante uma sessão, puz o celebre Gravazzi em presença d'esta creança, o medium. O subtil polemista propôz ao medium, ou ao espirito que se manifestava por elle, diversas questões, sobre pontos abstractos de metaphysica e de theologia, e recebeu soluções tão profundas e sabias, que ficou convencido de que não se encontrava de modo algum perante um mero caso de *menino prodigio.*

Este medium, cujos escriptos formavam doze volumes, *traçava caracteres differentes,* segundo o espirito que se apossava d'elle e o dirigia, escrevendo por vezes em *diversas linguas mortas.*

Conheço um outro medium, de quinze annos, morador egualmente em Clifton, que sob a influencia dos espiritos, dá respostas escriptas em verso, tão distinctas pela fórma como pelo fundo, de modo que a quantos o conhecem não occorreu sombra da suspeita, de que por si mesmo e sem nfluencia extranha, elle o possa realisar.»

Ha até varios exemplos em que a manifestação se faz por uma creança de annos apenas ou mesmo de mezes, e portanto sem o menor conhecimento do phenomeno de que é instrumento.

Entre os exemplos d'esta ordem, apresentaremos o seguinte, publicado no *Spiritualist,* 1875, e assignado pelo barão Seymour:

«Minha filha era medium quando tinha dois annos de edade; actualmente tem vinte e um annos. Sua filha escreveu automaticamente, quando apenas tinha nove dias. Conservei as communicações escriptas por ella e enviar-vos-hei (refere-se a M. Jenken) a photographia d'ellas.

«A vida interuterina de minha neta foi só de sete mezes, e assim mesmo pouco desenvolvida. Tendo-a a mãe no regaço appoiada n'uma almofada e segurando-a com a mão, tinha na outra um livro, sobre o qual havia posto uma folha de papel; não se sabe ainda o modo por que o lapis foi ter á mão da creança.

«Em todo o caso, Valentina (é o nome da menina) tinha o lapis firme na sua pequenina mão.

«Desde logo começou a escrever as iniciaes dos quatro guias: R. A. D. I., e depois o lapis cahiu. Eu julgava que o phenomeno ficava por ali, mas minha filha Imogenia exclamou: «Ella tem novamente o lapis na mão!»

«Então a creança recomeçou traçando n'uma escripta incerta e por cima das iniciaes já referidas, as palavras seguintes: «*Non mutare, questa a buona prova foi cosa ti abbiamo detto; addio.*» (Não mudes nada; é uma boa prova, faze o que te temos dito; adeus.»

M. Jenken, a quem este facto foi communicado, accrescenta que a carta recebida do barão Seymour vinha acompanhada d'uma photographia d'este escripto medianimico do pequenino medium, d'uma acta assignada por sete testemunhas e d'um excellente retrato espirita, da avó do mesmo medium.

N'um opusculo de Minot Savage, presidente da Sociedade de Investigações Psychicas dos Estados Unidos, publicado em 1893, ha o relato de varios factos, que pertencem á mesma cathegoria.

Uma das suas amigas de infancia tinha fallecido ha pouco tempo, n'um outro ponto dos Estados Unidos, ignorando o medium completamente a existencia d'essa pessoa. N'uma sessão, a que Savage assistia, manifestou-se por escripta automatica esse seu antigo conhecimento, dando os nomes de familia e de baptismo. Travou-se então uma conversa, que parecia tão real como com pessoas vivas, correspondendo as respostas ás perguntas mais intimas.

«Em todos os pormenores havia indicações d'identidade, perfeitamente incomprehensiveis para um extranho, como o medium era; mas eu, diz ainda, fiquei verdadeiramente impressionado, e se é um caso de telepathia, é mais que assombroso».

Ainda outro caso, colhido em flagrante pelo mesmo investigador:

« Trata-se d'informações dadas que não podiam ser conhecidas do medium, nem de mim mesmo, diz Savage.

Só mais tarde é que a sua exactidão pôde ser verificada; e *d'esta vez a telepathia nada tem ahi que vêr.*

Estava eu sentado junto d'um medium desinteressado, *particular*, cujas faculdades tem periodos d'intermittencia. Um pretendido meu amigo fallecido dizia estar presente, e desde logo tratei de obter provas do facto.

Perguntei ao supposto espirito, se acaso sabia onde n'aquelle momento estava sua irmã. A resposta foi que não sabia, mas que podia informar-se. Passaram-se quinze minutos sem mais manisfestação, ao fim dos quaes foi dado um signal.

Perguntei se já tinha que dizer, sendo a resposta affirmativa n'estes termos: *Esta irmã está em sua casa prestes a sahir.* A resposta, pondera Savage, era exactamente o contrario do que eu suppunha, e o medium nada sabia a este proposito.

Desde logo Savage escreveu uma carta a essa senhora, irmã do seu amigo fallecido, pedindo-lhe para o informar do que estava fasendo no dia e hora da sessão e promettendo explicar-lhe mais tarde a rasão d'isto.

Essa senhora respondeu: *No dia a que se refére, estava eu em minha casa, pouco mais ou menos ás horas que mencionaes e estava-me preparando para ir fazer uma visita.*»

Ainda um terceiro facto narrado pelo mesmo auctor: « Um cavalheiro e uma dama foram assistir a uma sessão. Logo que o medium entrou em lethargia, exclamou:

« Está aqui presente vossa tia, que acaba de morrer «.

Mas não é possivel — disseram os dois assistentes — pois, se isso fôra verdade, ter-nos-hiam telegraphado immediatamente ».

E comtudo é esta a verdade — tornou o medium — vossa tia está aqui e affirma-me que morreu ás duas horas d'esta manhã, accrescentando que foi expedido um telegramma, e que o encontrareis quando chegardes a casa.» De facto, voltando estes assistentes a casa, aliás distante muitas milhas do logar onde a sessão se realisou, foi-lhes entregue o telegramma, annunciando a morte de sua tia e precisamente á hora annunciada pelo medium.

Este ultimo caso não foi dado por meio da escripta automatica ou directa, mas por communicação verbal do medium no estado de mediação; mas assim mesmo tem valor provante e como tal é citado por o então illustre presidente da Sociedade de Investigações Psychicas dos Estados-Unidos.

Com o mesmo caracter se apresentam os dois factos que vamos dar, citados pelo Dr. Dupouy:

M.me Augusta Holmès, auctora dos « Argonautas », não era só uma artista distincta, era tambem um medium sincero e apreciavel.

D'uma vez, n'uma sessão de typtologia, manifestou-se Ambroise Thomas, dizendo ser auctor d'uma composição musical, escripta na sua mocidade, e chamada « *Le Perroquier de la Régence.*»

Nem o medium nem nenhuma das pessoas presentes conheciam este facto, e por isso ficaram na maior reserva com respeito á sua ve-

racidade. Todavia, posteriormente e após numerosas indagações reconheceu-se que o facto era absolutamente certo.

N'outra occasião, estando M.me Augusta Holmès a mediar, foi recebida, como apport, uma rosa, dizendo-se que era do seu antigo e dedicado mestre, Cesar Franck, auctor de *Ghiselle,* de *Ruth* e de muitas outras operas de grande estima. Franck tinha morrido em 1890 e affirmava a sua identidade.

Começou então uma longa communicação sobre musica em geral, e em especial sobre uma grande obra, em que n'aquelle momento trabalhava M.me Holmès. N'essa communicação destacou-se um ponto que era ignorado do medium, mas que podia ser facilmente verificado. « Ha um erro, dictou Cesar Franck, no oitavo compasso do segundo violino. Esse erro é devido ao copista.»

Verificada a partitura, reconheceu-se que de facto existia o erro accusado, do qual o medium não tinha o menor conhecimento.

(Continúa). SOUSA COUTO.

INVESTIGAÇÕES SOBRE AS MATERIALISAÇÕES DE PHANTASMAS E OUTROS PHENOMENOS

PELO DR. PAULO GIBIER

(Continuação)

V

Passam-se seis segundos.—Um ponto branco apparece sobre o soalho junto do gabinete.

Do logar em que estou collocado, vejo que este ponto se acha a cerca de 25 centimetros do lado de fóra da entrada do gabinete. Em dois outros segundos attinge o tamanho d'um ôvo, lembrando á vista a casca vazia que nas salas de tiro se equilibra no cimo d'um repuxo. Então, rapidamente esse objecto alonga-se, converte-se n'uma columna d'um metro d'altura, por cerca de 10 centimetros de diametro, depois alteia-se até 1m50, e na parte superior apparecem dois prolongamentos transversaes, dando-lhe a forma d'um T.

A apparencia é de neve ou d'uma nuvem espessa de vapor d'agua.

Os dois braços do T começam a mover-se, uma especie de veu emana da sua substancia; o objecto alarga e ao principio toma vagamente e depois distinctamente a forma esbranquiçada d'uma mulher envolta n'um veu.

Dois braços brancos sahem de debaixo d'este veu, que lançam para traz. Essa gaze dissolve-se por si mesma, e vemos uma encantadora figura de menina, delgada, delicada, esbelta, elegante, de 1m60 approximadamente, que com uma voz apenas perceptivel diz chamar-se: Lucia.

Fica um instante em pé deante de nós para nos permittir que a observemos; o vestido é inteiramente branco; as mangas largas são curtas não chegando sequer aos cotovellos; os braços nús são d'uma forma fina. Os cabellos pretos d'esta apparição estão penteados em es-

pessos landós, salientes de cada lado da cabeça (o medium tem os cabellos loiros, muito curtos e frizados).

A forma adeanta-se para a extremidade esquerda do grupo dos assistentes, até junto d'uma senhora, inclinando-se por cima d'ella. Toma-lhe as mãos, voltando-lhe a face palmar para cima e sopra dentro d'ellas. No mesmo instante e como sob a influencia magica d'esse sôpro, uma onda de renda (ou de tulle) (1) se levanta das mãos d'essa senhora, sóbe e extende-se por cima de nossas cabeças, em quanto nós ouvimos o sôpro forte, regular, continuo, com ligeiros periodos de mais intensidade, dando ao ouvido a impressão de vir d'uma machina ou d'um folle de forja, e durando sem interrupção pelo menos 30 segundos (2).

Essa senhora disse-nos que sentira o sopro tanto nas mãos como na cara.

Depois a forma toma este veu nas mãos, levanta-o acima da cabeça, posição em que parece condensar-se, depois desdobra-o, e cobre-nos litteralmente com esta nuvem ondulante de tecido ligeiro.

N'este momento levanto-me e colloco-me em linha com a face anterior do gabinete, em quanto meu collega e outro assistente, levantando-se ao mesmo tempo, avançam tambem para a apparição (3), quando esta, recolhendo bruscamente a si todo o tecido espalhado sobre os joelhos dos assistentes, desmorona a nossos pés como um castello de cartas, no instante em que eu adeanto as mãos para a tocar, desapparecendo progressivamente, e em dois segundos quando muito se dissolve como tinha apparecido, mas á distancia de cerca de 50 centimetros das cortinas, junto as quaes eu estou em pé, e que continuam sempre immoveis.

De facto estou deante da porta do gabinete e a fórma materialisada não poderia lá entrar, sem me encontrar em seu caminho.

Na occasião em que o ultimo ponto branco, vestigio d'esta fórma, vae apagar-se sobre o tapete que cobre o soalho, abaixo-me para lhe pôr a mão em cima, mas não encontro signal algum; nada ahi existe já. Volto-me para o gabinete e levo immediatamente a mão ao laço que prende o medium, apalpando e puxando: o laço está firme no seu logar.

N'este momento apaga-se a lampada da lanterna; immediatamente mando accender o gaz.

A voz de Maudy convida-nos a desprender o medium, e em menos tempo de que seria preciso para dizel-o, introduzo-me no gabinete, onde encontro o medium no seu logar, immovel, a saliva a correr-lhe da bôcca e a cobrir-lhe o queixo.

Parece despertar d'uma especie de transe.

Tomo-lhe as mãos, convidando ao mesmo tempo o meu collega e o outro a que me referi, e depois todos os assistentes a virem certificar-se

---

(1) Ainda que eu tive em minhas mãos uma parte, não pude vêr exactamente o que era. Pelo tacto julguei que este tecido era resistente e forte, como algodão com gomma.

(2) Um homem com peito largo teria alguma difficuldade em sustentar um tal sôpro durante dez segundos.

(3) Posto que não o tivessemos combinado previamente, nossa intenção commum era cercal-a para a vêr de mais perto, e de lhe tocar as mãos, se fosse possivel.

do estado dos laços e dos nós. Examinamos tudo cuidadosamente; a fita de seda está humedecida de suor, mas intacta; está apertada em volta do pescoço.

O meu collega põe um cuidado extremo no exame da posição do medium. Emquanto elle está com a cabeça junto á do medium, a voz de Maudy, partindo do fundo do gabinete, o interpella e lhe faz uma observação de gracejo.

Os nós exteriores são desde logo desatados pelo meu collega, que foi quem os executou. Experimenta uma séria difficuldade em os desfazer e n'isso gasta bastante tempo.

O outro assistente toma então as duas extremidades da fita e as segura, emquanto eu as puxo para o interior (a fim de evitar que se torçam emquanto ajudo o medium a sahir do gabinete).

Parecendo o medium extenuado, pallido, as feições descompostas, coberto de suor, as palpebras inchadas e os olhos perturbados, é trazido para a luz, onde todos os assistentes poderam vêr o laço firmemente atado em volta do pescoço pelos tres nós feitos no começo da experiencia.

A fita é desatada por mim, que tinha dado os nós em volta do pescoço; é examinada; encontra-se intacta e é posta de parte.

São quasi 11 horas (10 horas e 48 minutos).

O tempo, que se não contou, foi gasto na producção dos phenomenos de materialisações, em alguns dialogos entre as pessoas presentes e as vozes que se ouviam, e no exame do laço depois que as manifestações terminaram, exame feito tanto antes de se desligar o medium, como depois que elle foi desprendido. (1)

Notas e observações

A) Observações sobre as vozes. — Posto que caracteristicas, estas vozes teem por vezes intonações que fazem lembrar a do medium, e outras vezes differem d'ella completamente.

Creio do meu dever dizer n'este logar, que nas experiencias feitas com o gabinete, em muitas occasiões entrei com o medium, em frente do qual ficava sentado ou de pé na obscuridade, e assim pude fazer as seguintes verificações: tendo as mãos collocadas nos hombros de Mrs. Salmon, a voz parecia partir ou do lado, da visinhança, do fundo do gabinete, ou pelo contrario, dos hombros, do peito, do pescoço e mesmo da bôcca do medium.

As vozes de Maudy e de Ellan são naturaes, pronunciam as vogaes, as consoantes e em particular as labiaes d'uma maneira irreprehensivel.

A explicação que pedi foi, que segundo o «volume de forças» que os invisiveis que se manifestam, pódem tirar do medium, *elles* o fazem a

(1) O relato d'este sessão foi lido passado o dia seguinte na presença das pessoas que a ella tinham assistido. O attestado que se segue foi escripto e assignado na margem da ultima pagina: «Vimos todos os apontamentos juntos e certificamos a sua exactidão.» Seguem-se seis assignaturas completas, incluindo a do dr. Paulo Gibier, e exceptuando a do medium.

maior ou menor distancia d'este ultimo, «empregando *ordinariamente* para emittir a voz os elementos da larynge e da bôcca do mesmo medium» (e d'ahi sem duvida os tons fazendo lembrar por vezes os que caracterisam a voz de Mrs. Salmon).

Da mesma maneira, *elles* empregam os elementos dos outros orgãos para as materialisações correspondentes.» (Vêr nota F sobre as materialisações). *D'onde* provêm a necessidade de algumas vezes fallarem pela propria bôcca do medium, cujos orgãos *elles* adaptam á sua mesma voz.»

Differentes meus amigos, que frequentemente assistiram ás sessões dadas por Mrs. Salmon, affirmam-me ter ouvido as vozes de Maudy e de Ellan, mesmo quando o medium tinha a bôcca tapada com o adhesivo chamado Gauthier e as mãos ligadas atraz das costas. Por duas vezes tentei a mesma experiencia, mas por mim não obtive resultado. As mesmas pessoas me affirmaram tambem que ouviram duas ou mais vozes ao mesmo tempo. Quanto a mim, nunca ouvi senão uma voz por cada vez. Mas o que tenho para mim como a cousa mais certa (se certesa póde haver no nosso juizo) é que ouvi estas vozes isoladamente, fóra do gabinete em que o medium estava prezo, e fóra da caixa onde o mesmo estava fechado á chave; e que estas vozes emanavam de figuras, cujos labios deixavam escapar os sons das palavras pronunciadas.

Diversos ensaios feitos para registar as vozes sobre um cylindro de phonographo, ficaram até ao presente infructosos, pelo menos no meu laboratorio, pois me foi referido que a mesma experiencia deu resultado com outros investigadores.

B) Observações sobre Maudy ou Maudie (diminutivo de Maud).— Esta entidade apenas falla o inglez. Conta ella que ha cerca de quarenta e cinco annos, sendo ainda creança de berço, foi massacrada juntamente com toda a sua familia pelos indios, na região que então se chamava Far West.

Ha dez annos perguntei-lhe como é que a sua apparencia não mostrava mais edade, visto que era morta ha tanto tempo já.

A resposta foi que, em primeiro logar a morte não existia, e que apenas havia uma mudança de condição, e em segundo logar, que no mundo dos espiritos a evolução não é tão rapida como n'este mundo.

Como desde então essa forma não mudou, de modo apreciavel, de estatura, de maneiras nem de linguagem (sendo este ultimo facto um pouco mais serio), novamente lhe formulei, ha alguns mezes a mesma pergunta. D'esta vez deu-nos uma resposta differente, cujo valor, bem como da primeira, não discutirei; a saber, que tendo adoptado a apparencia sob a qual se mostra e falla desde ha vinte e cinco annos, é conhecida sob essa forma, de seus amigos espiritas.

Além d'isso, accrescentou, é-lhe mais facil continuar a manifestar-se sob uma forma que lhe é familiar, do que materialisar-se com a apparencia de mais edade, porque isso modificaria as condições e exigiria mais força.

Sua voz é perfeitamente a d'uma menina de 6 a 8 annos, com as imperfeições de pronunciação e de construcção de phrases, que se notam nas creanças d'essa idade.

Nas occasiões em que falla muitos minutos consecutivos (o que muitas vezes succede), a voz apresenta de tempos a tempos, sobre tudo na pronuncia das nazaes, intonações que fazem lembrar as do medium.

Naturalmente a primeira idéa que nos occorre é que Mrs. Salmon é ventriloqua; mas quando se ouve a mesma voz sahir da bocca d'uma forma materialisada de menina com um metro somente de altura e vindo por vezes brincar em volta dos assistentes d'um grupo familiar, aos quaes de boa mente deixa tomar suas pequeninas mãos, em quanto o medium está atado no gabinete ou preso n'uma caixa, vemo-nos bem obrigados a procurar outra explicação.

N'este trabalho não desejo afastar-me do objecto a que me confinei; comtudo devo acrescentar que vi Maudy um grande numero de vezes (digamos, vinte vezes) sempre semelhante a si mesma: rôsto redondo, cheio e lindo, grandes olhos azues e cabellos louros annelados. (Vêr nota F.)

Quando sái do gabinete, apresenta-se geralmente vestida como uma creança que vem dar as boas-noites aos amigos da familia, antes de se ir deitar: penteado um pouco fluctuante e pés descalços. Estou pois familiarisado com ella, e immediatamente a reconheci n'um retrato «psychico» a carvão e n'uma photographia do mesmo genero, obtida em duas circumstancias diversas por outros investigadores fóra do meu laboratorio.

Até aqui, quanto ao physico. Relativamente ao moral, Maudy é viva nas respostas; muitas vezes tem espirito e ri dos seus proprios ditos, que não raro são mordentes (seu riso é muito differente do do medium) e se ouso empregar esta imagem duplamente figurada, ella não dá o braço a torcer.

Peço muito perdão a Mrs. Salmon, mas no curso de muitas conversas que com ella tenho tido, nunca a encontrei á altura de Maudy, tanto no ponto de vista da vivacidade do pensamento como da acuidade intellectual.

No decorrer das sessões, Maudy canta sósinha umas vezes, e outras acompanhada pelos assistentes. Seu diapasão é tão agudo como póde imaginar-se n'esta creança de 6 a 8 annos. Um assistente, que tinha o curso do conservatorio nacional de musica de Paris, escreveu nas notas redigidas após as sessões a que estava presente, que se Mrs. Salmon era ventriloqua, seria a mais notavel do mundo, e que de resto a ventriloquia apenas poderia explicar as vozes que se ouviam no gabinete e não as outras.»

(Continúa).

PAULO GIBIER

AS MATERIALISAÇÕES DA VILLA CARMEN

(Continuação)

Quarta-feira 16 de agosto

Reunião ás 9 da noite, na sala do pavilhão.

Inspecção previa á luz d'um bico Auer. Nada de anormal. Presentes: M. e M.me Noel, eu, Martha, Paulette, Maria, Ninon e Aicha. Tomam-se os logares habituaes á mesa, sentando-se Aicha no chão, de-

fronte das cortinas, ao lado de M.me Noel. Faz-se a prece. Ninon e Martha entram no gabinete, ficando aquella n'um fauteuil á direita, e esta n'uma cadeira á esquerda.

Canta-se em côro bastante tempo. Depois, entre as cortinas, mostra-se a apparição com um turbante escuro. As cortinas afastam-se mais, porém a apparição fica envolvida na cortina da esquerda.

Vê-se bastante mal, porque a luz ficou voltada para a parede do lado esquerdo. Comtudo, n'um dado momento, as mãos e os braços de Martha são visiveis, quasi immediatamente depois do phantasma entrar no gabinete. A meu pedido, é feita uma tentativa para me deixar tocar o medium, emquanto a apparição estiver á nossa vista. Deixo a minha cadeira, indo-me collocar muito perto das cortinas. Apesar d'uma espera bastante longa, a apparição não se mostra mais, terminando-se assim a sessão.

Noto que as mudanças continuas na composição do grupo de experimentadores prejudicam a boa marcha dos phenomenos.

Sexta-feira 18 de agosto

A sessão realisa-se no pavilhão, ás 3 horas da tarde.

Eu e M. Richet inspeccionamos a sala. Além de nós dois, estavam presentes os da sessão anterior e a senhora ingleza. A luz é boa, estando o vidro da lanterna voltado para o gabinete do medium. Cada um toma o logar costumado. Ninon entra immediatamente no gabinete. Aicha senta-se no chão junto de M.me Noel.

Lida a prece, Martha dirige-se para o gabinete e Paulette vem sentar-se ao pé de mim. Espera-se bastante tempo, cerca de meia hora, cantando-se diversos córos. Emfim, as cortinas afastam-se, puxadas do interior do gabinete. Vejo logo e distinctamente Ninon adormecida no fauteuil. A apparição mostra-se immediatamente, vindo da esquerda do gabinete, e me occulta em parte o busto de Martha, cujo vestido apenas distingo. A cara de Bien Boa está pallida, o bigode é preto, na cabeça traz um turbante e vem vestido de longos pannos brancos. Inclina-se para a direita e para a esquerda e depois afasta-se para traz do lado esquerdo das cortinas.

Alguns minutos depois, mostra-se ainda segunda vez, marchando da esquerda para a direita. Circumstancia importante: durante os deslocamentos do phantasma, as cortinas conservam-se abertas, e todavia os mediums estão immoveis. Em seguida cerram-se as cortinas, movidas pela parte interior do gabinete e termina a sessão depois de ter durado perto de duas horas.

Domingo 20 de agosto

A sessão tem logar ás 4 da tarde. M. Richet e eu inspeccionamos a sala.

Assistentes os da sessão anterior e nos logares do costume. M. Richet fica entre Paulette e a senhora ingleza. Aïcha fica sentada no chão, ao lado das cortinas, bem á vista.

Os dois mediums, Martha e Ninon, ficam no gabinete de materiali-

sações. A luz é boa. Faz-se a prece. Mas continuando a ser mau o estado de saude de M.me Noel, decorre mais de meia hora sem que se produza cousa alguma.

Canta-se. Por diversas vezes agitam-se as cortinas, e mesmo se entreabrem em differentes occasiões. Emfim, afastam-se largamente, e a apparição mostra-se inteira, mais elevada do que é costume, como póde conhecer-se facilmente com relação á parte inferior do baldaquino. As vestes são as mesmas, um turbante e roupagens brancas.

Nota-se-lhe barba e bigode; os olhos não são fixos; os movimentos do corpo e dos braços são naturaes.

Depois de eu ter observado a apparição, concentro a minha attenção sobre os mediuns. Vejo nitidamente a forma inteira de Ninon, mas de Martha só distingo o vestido, occultando-lhe o phantasma a parte superior do corpo.

M. Richet (segundo me contou no dia seguinte) distinguiu melhor Martha, e em certo momento, viu mover-se a mão, que estava pousada no vestido.

N'essa occasião viu elle simultaneamente os mediums e a apparição, não podendo suppôr-se que Bien Boa seja um disfarce.

As condições infelizmente não parecem favoraveis. Ninon respira muito alto, queixando-se e agitando-se no fauteuil. Cerram-se as cortinas; ainda não podémos photographar a apparição, posto que tudo estivesse preparado para tal fim. Levanta-se a sessão depois d'uma longa espera infructuosa.

Segunda-feira, 21 d'agosto

A sessão realisa-se ás 9 da noite, nos aposentos de M.me Noel, que é obrigada a guardar o leito. Assistentes as da sessão antecedente. M. Richet e eu fazemos minucioso exame nos dois gabinetes; nenhum tecido, nenhum panno ahi existe. Sellam-se a porta e as janellas. Sob o leito igualmente nada existe. M. Richet guarda no bolso o sinete.

Martha, o unico medium, entra no gabinete de toilette. Aïcha fica de fóra sentada contra o humbral da porta. Os assistentes ficam sentados por traz do leito, na ordem seguinte: Eu, M. Richet, a senhora ingleza, Paulette, Maria e o General Noel. A lanterna vermelha accesa fica collocada sobre a chaminé. Depois da prece, canta-se. Esperamos vinte minutos; depois as cortinas agitam-se e Bien Boa mostra-se á esquerda da porta. De turbante, suas vestes são as do costume, parecendo a estatura bastante elevada. N'esta noite, não se vê o medium ao mesmo tempo.

Depois de estar visivel um instante, Bien Boa entra no gabinete. Vê-se ainda apparecer duas vezes, mas não sái da abertura da porta.

Então podemos observar o phenomeno da diminuição da estatura, de que já fallei. A' nossa vista a apparição diminue, como se descesse verticalmente pelo chão abaixo, até chegar com a cabeça ao nivel do soalho. Mas d'esta vez não desapparece completamente. Quasi de repente, n'alguns segundos apenas, retoma a estatura ordinaria. Por tres vezes consecutivas, assistimos a estas variações bruscas da estatura do phantasma, cuja parte inferior parece fundir-se, d'algum modo, á medida que a altura da apparição diminue.

Depois elle mesmo corre o repostairo e termina a sessão. Eu e M. Richet examinamos o gabinete de toilette e a sala contigua, roconhecendo que todos os sellos estão intactos.

Terça-feira, 22 d'agosto

As mesmas precauções tomadas quanto á sala; os mesmos assistentes, mas não houve materialisação total.

No principio da sessão, sendo a senhora ingleza chamada do gabinete, por uma voz que parecia provir da garganta de Ninon, entra ella para dentro das cortinas e declara ter visto Bien Boa e ter-lhe ouvido a voz.

Essa senhora segurava os joelhos do medium.

Não se tendo produzido nada de interessante, apesar d'uma espera bastante longa, levantou-se a sessão.

Quinta-feira, 24 d'agosto

Hoje uma bella sessão ás 4 da tarde. Inspecção da sala por M. Richet e por mim.

Os mediums são Martha e Aïcha. Os assistentes tomam o logar do costume; a luz é boa. Faz-se a prece. Estão preparadas tres machinas photographicas, duas stereoscopicas e uma Kodac. Pódem pois obter-se cinco imagens por cada jacto de luz de magnesium. As posições são taes, que eu posso photographar o phantasma quasi de perfil, se elle apparece como costuma. M. Richet o terá a tres quartos e a senhora ingleza de frente. Para a luz emprega-se o magnesium chlorotado.

A inflammação da mistura do magnesium com o chlorato de potassium é determinada por um grão de fulminato, que se faz partir por meio d'uma haste de ferro servida d'uma mola, sendo esta accionada pela pressão n'uma bola ou pêra de caoutchouc. Os preparativos exigem muito cuidado, sem o que nos expômos a erros sérios.

Faz-se a prece e M.me Noel magnetiza fortemente os dois mediums, dando-lhes a suggestão de dormirem profundamente. Canta-se. Ao fim de dez minutos, uma voz bastante fraca, cujo timbre se não póde distinguir, chama a senhora ingleza ao gabinete.

Assim o faz. Copio textualmente os apontamentos que ella me entregou.

Sessão de quinta-feira 24 d'agosto de 1905. Nota fornecida

«Uma voz chama-me do gabinete. Quando ahi entro, julgo vêr uma forma nevoenta, vaporosa, indistincta á direita de Martha. Uma voz me falla, fazendo-me a impressão de vir ora do meu lado esquerdo, ora da frente, mas afastada de Martha.

(Seguro os dois braços de Martha e os dois de Aïcha; os mediuns estão immoveis).

A voz me diz: «Hoje não se deve tirar a photographia, mas quero photographar-me e será na vez proxima, sabbado. E' preciso observar as mesmas condições de hoje e tereis da primeira vez o meu retrato.

«Sinto dois dedos d'uma mão tocar-me levemente sobre a cabeça. Peço que uma mão repouse na minha cabeça e logo sinto uma mão passar-me na cabeça continuando eu a segurar as mãos dos mediums.»

Depois a senhora ingleza volta ao seu logar, contando-nos o que lhe disseram, e fez-se a promessa de não empregar as machinas.

De novo se entoam diversos cantos. Depois de meia hora approximada de espera, agitam-se as cortinas e correm para ambos os lados, descobrindo o interior do gabinete. Bien Boa apparece, envolvido na parte esquerda da cortina. N'este momento vejo *muito distinctamente* Martha e Aïcha, inteiras, desde a cabeça até aos pés. As mãos descançam sobre os joelhos e são nitidamente perçeptiveis.

N'essa occasião vemos, pois, ao mesmo tempo os dois mediums e Bien Boa, pois que desprehendeu-se das cortinas e é visto completámente ao lado esquerdo de Martha.

Sua estatura é bastante elevada; a cabeça ultrapassa a parte inferior do baldaquino. A tez é bastante branca, bigode castanho escuro, um tanto comprido; turbante na cabeça e roupagens que são d'uma brancura fulgurante.

M.me Noel approxima-se das cortinas para ser abraçada pela apparição.

Bien Boa dá-lhe um primeiro beijo, e logo um outro, ouvindo nós todos distinctamente o som dos labios.

Depois o phantasma entra na parte mais escura do gabinete, á esquerda, como para tomar forças.

Durante todo este tempo, *as cortinas teem estado abertas e os mediums visiveis.*

Decorrido um instante, Bien Boa sái da sombra e mostra-se na parte illuminada. Então diminue tres vezes de estatura, como nas sessões precedentes, até que a cabeça fica ao nivel do chão, *em que desapparece* sem deixar vestigios.

A reconstituição do phantasma faz-se á esquerda, na parte obscura. A desmaterialisação e reconstituição gastam apenas alguns segundos.

D'uma vez o phantasma inclinou.se graciosamente deante de nós, como para nos saudar, e todavia as cortinas não se mecheram, estando os mediums sempre visiveis.

Depois de passar para o lado esquerdo, Bien Boa ainda se mostra e com a mão envia beijos á senhora ingleza. Durante todo este tempo vejo perfeitamente os mediums. A senhora ingleza pergunta se tambem póde ser abraçada. A um signal affirmativo do phantasma, ella dirige-se á abertura das cortinas e o espirito beija-a na face.

Eis a impressão ressentida por essa senhora:

«Quando Bien Boa me dava um beijo, sentia os labios, quentes, humidos e os bigodes d'uma pessoa viva...»

A apparição ainda se mostra uma vez, inteira, e em seguida desapparece definitivamente, depois de ter fechado as cortinas; e quasi immediatamente a sessão termina.

Nunca eu observei tão bem a presença simultanea da apparição e dos mediums. O gabinete das materialisações ficou aberto por muito

tempo, e a vista dos mediums emquanto o phantasma desapparecia no pavimento torna impossivel a supposição de fraude.

Talvez que na sessão proxima possamos photographar a apparição; esperamos que tudo correrá bem.»

(Continúa). GABRIEL DELANNE.

A EFFLUVIAÇÃO ODICA

V

Meu caro Dr. Souza Couto

Para lhe dar uma idéa completa, embora muito resumida, do conjuncto de experiencias magneticas que fiz em Elvas com o *sujet* Virgilio, e sómente d'aquellas que foram inteiramente concludentes, resta-me ainda dizer alguma cousa sobre as que respeitam á suggestão magnetica *hypnotica* e *post hypnotica*.

A primeira obtinha a eu *no estado de credulidade* ou de *fascinação:* a segunda produzia-se ou antes incutia-se no estado *somnambulico*.

O estado de *credulidade* é o grau mais baixo do somno magnetico, tão baixo que para quem o observar pela vez primeira é levado a suppôr que o *sujet* está perfeitamente acordado. Os olhos ficam abertos, os movimentos perfeitamente livres, a intelligencia *apparentemente* funciona com regularidade, apenas os sentidos podem ser empolgados e dominados pelo magnetisador, sempre que elle queira exercer a sua acção fascinadora.

Em summa:—no estado de credulidade, o *passivo* é um ser apparentemente normal, no pleno goso dos seus sentidos e faculdades, sempre que o magnetisador se abstenha de manifestar opinião propria.

Apezar de ser este o primeiro gráu de influencia magnetica, nunca o poude alcançar por via *directa,* subindo d'elle para outros estados superiores. Era sempre obtido por via *regressiva* ou indirecta. Depois de haver attingido o estado somnambulico, quando tratava de acordar o somnambulo, fazia-o por uma forma incompleta, suspendendo a acção desmagnetizante logo que elle começava a abrir os olhos.

As experiencias que se podem fazer n'este estado são variadas e interessantissimas; e o que mais assombra é vêr como n'um estado tão ligeiro de somno, que mais se assemelha á vigilia, a influencia do magnetisador é tão intensa que domina, como senhor absoluto, não só os sentidos do passivo, mas todo o seu organismo. E para conseguir isto—basta uma simples *suggestão verbal* proferida com auctoridade.

Começava geralmente pelos movimentos automaticos e experiencias de catalepsia suggestiva, porque é por elles que com mais exactidão se conhece que o *passivo* está realmente n'esse estado magnetico, e que *não é um fingimento* tudo quanto vae seguir-se.

Porque, diga-se a verdade, a maior parte das experiencias que se fazem n'este estado podem ser simuladas por um habil actor. Mas a simulação tornar-se-hia patente, sujeitando o simulador a algumas das experiencias de natureza cateleptica de que vamos falar.

Vejamos agora por algumas, d'entre centenares de suggestões dadas, qual o processo empregado e o resultado obtido.

Mandava-lhe collocar, por exemplo, o dedo indicado no nariz e affirmava-lhe depois com intimativa, que o dedo estava adherente ao nariz, e que por mais esforços que fizesse não o poderia arrancar d'alli. Elle então fazia esforços herculeos para o separar, contrahiam-se-lhe as feições, irritava-se contra a sua incapacidade e ficava meditando na sua triste sorte.

Pedia eu então a alguns dos circumstantes que o auxiliassem a separar o dedo do nariz: mas era trabalho baldado, porque o braço e o pescoço estavam catalepticos, e era impossivel a separação, a menos que por um esforço extraordinario não se quizesse correr o risco de lhe fracturar o braço ou occasionar uma distensão muscular. Eu proprio, se tentasse por meios physicos, isto é pela força, fazer cessar a catalepsia nada conseguiria. O estado anormal produzido *por suggestão* só por *outra suggestão* póde cessar.

Então aconselhava-lhe um meio qualquer de curativo, quanto mais absurdo melhor. Assim por exemplo dizia-lhe que, batendo com o pé no chão por tres vezes, á terceira pancada o dedo separar-se-hia immediatamente do nariz. E assim succedia.

Outras vezes dizia-lhe que não poderia servir-se de um braço ou de uma perna, dos olhos ou da bocca, e com effeito elle ficava inhabilitado de fazer uso d'esses orgãos, emquanto um remedio heroico de natureza suggestiva não era applicado. E deve notar-se que, ainda que o passivo mostre duvidas de efficacia do remedio,—elle produzirá o seu effeito, como um verdadeiro *talisman*.

Todos os sentidos obedecem com a mesma docilidade á suggestão dada. A vista porém pela sua natureza especial presta-se a suggestões mais variadas e intensas. Alguns exemplos:

Um dia disse-lhe que olhasse para debaixo de um banco, e visse uma cousa que lá estava a mexer.

Elle appercebe o quer que é, mas com formas indistinctas.

Pouco a pouco vou-lhe inculcando a idéa de que é—um lobo. Elle affirma-se no objecto, e vê-o nitidamente. Então o medo apossa-se d'elle. Tenta fugir; mas não achando para onde, esconde-se debaixo de uma mesa, transido de susto.—Incuto-lhe coragem, faço-lhe vêr que a féra parece approximar-se, e que é preciso matal-a.

Elle tenta achar uma arma.

Dou-lhe uma bengala dizendo-lhe que é uma espingarda.

Examina a arma immaginaria, mas receia errar o alvo. Asseguro-lhe que não errará. Elle então fez cuidadosamente a pontaria e desfecha o tiro immaginario.

N'um outro dia suggeri-lhe a idéa de que tinha um gafanhoto verde empoleirado no nariz. E dei-lhe um espelho para o vêr, aconselhando-o a que o arranque, mas suggerindo-lhé a idéa de que o não conseguirá.

Elle mira-se ao espelho, e faz esforços inuteis para o arrancar. Como elle se affligisse immenso com aquella excrecencia nasal, que o incommoda e desfeia, indiquei-lhe um meio qualquer para se vêr livre d'elle; e o mal desappareceu.

N'uma sessão dei-lhe para a mão um cartão qualquer, dizendo-lhe

ser um espelho magico, onde se via tudo quanto se desejava, e suggeri-lhe apenas esta idéa concreta—*Vê o que se passa agora na guerra do Transvaal.*

Sobre este thema tão simples na forma quão abstrato e complexo no seu conjuncto, o que elle architectou foi verdadeiramente assombroso.

Começou por descrever o trecho da paisagem que estava vendo. Depois regimentos que passavam, destacamentos que se agachavam espalhando-se em atiradores. Depois o tiroteio, o perpassar da artilheria, tomando posições, e os feridos que gemiam estirados no chão...

Não reconhecia as tropas nem a nacionalidade d'ellas pelo fardamento, mas descrevia os uniformes com minucias e queria que lhe dissesse que tropas eram e quem eram os officiaes.

Chamava-me para junto de si para que visse o que elle descrevia, e zangava-se a principio por eu dizer que nada via.

E foi com bastante difficuldade que consentiu em desapossar-se de um espelho onde se viam cousas tão bonitas e diversas.

Mas a suggestão visual póde tambem ser negativa.

Assim, n'uma noite em que assistiam á experiencia umas 10 ou 12 pessoas, disse-lhe subitamente:—*Para onde se sumiriam todas as pessoas que aqui estavam? Safaram se sem se despedirem de nós.*

Elle circumvagou os olhos pela sala e disse-me com muita surpresa: —É verdade, não está cá nenhum. Mas eu não os vi fugir, e mesmo a porta está fechada. Por onde sahiriam elles?»

—«Naturalmente, disse-lhe, sahiram pelo buraco da fechadura.» E elle acreditou piamente, divisando até ainda as pernas de um atravessadas no orificio da fechadura.

Então alguns dos circumstantes lembraram-se de lhe tocar ou de lhe puxar pelo fato. E como elle não via ninguem e se sentia tocado por *seres invisiveis,* começou a assustar-se. Então a perseguição dos circumstantes redobrou de intensidade. Sentia-se agarrado ao mesmo tempo pelos braços, pelas pernas, tocado na cabeça e no fato.

O susto transformou-se em terror.—«Que é isto?—dizia elle, meio louco; sinto-me agarrado por mãos diversas, e não vejo ninguem... serão bruxas?... mas... eu julgava que as não havia!!...»

Com quanto a experiencia fosse muito interessante, attendendo ao terror immenso que o dominava, julguei prudente fazer cessar subitamente aquella suggestão.

As suggestões olfactivas e do paladar são tambem curiosissimas e muito importantes, porque são d'aquellas que mais completamente revelam o poder enorme do magnetismo.

Por vezes tomava de cima de uma mesa um pequeno frasco contendo ammoniaco liquido puro. Dava-o a cheirar a todos os circumstantes, que reconheciam ser ammoniaco o seu contheudo. Eu fingia-me admirado, affirmando que o frasco continha agua de Colonia, e dava o frasco ao passivo, pedindo-lhe para verificar se era ou não o que eu dizia. Elle então collocava o frasco sob o nariz, e aspirava por muitas vezes com prazer ineffavel o seu contheudo, affirmando ser agua de Colonia e excellente. E para melhor se utilisar do aroma molhava o lenço com amoniaco. E continuava a aspirar com prazer tão irritante aroma,

sem que as mucosas do nariz se dessem por offendidas, ou as lagrimas lhe saltassem dos olhos.

Da mesma forma transformava, para elle, essencia de violetas em ammoniaco, agua em vinho, e alcool camphorado em xarope de grozelhas. E ministrando-lhe alguns pequenos calices de agua pura chrysmada em vinho do Porto, produzia-lhe a embriaguez completa com todos os seus symptomas.

Debuxava-se-lhe no rosto o sorriso contrafeito do ebrio, a cabeça oscilava-lhe pesada, as palavras sahiam-lhe dos labios entrecortadas, o corpo desequilibrava-se, inerte, sendo mister segural-o para não cahir da cadeira. E esse estado immaginario passava lentamente fazendo-lhe beber um calix de agua pura que dizia conter algumas gottas de ammoniaco.

MARTINS VELHO.

O ARCEDIAGO COLLEY E AS MATERIALISAÇÕES QUE PRESENCEOU

O Arcediago Colley, reitor de Stockton, fez ultimamente em Weymouth uma conferencia sobre espiritismo, que teve grande resonancia na Gran-Bretanha. Colley é um investigador methodico e infatigavel, tendo colhido em longa pratica importantissimos phenomenos.

A sua conferencia, publicada depois em brochura, versou sobre pontos muito interessantes relativos a pesquizas espiritas, como formação dos phantasmas em plena luz, relações entre o corpo da apparição e o do medium, genése d'estas manifestações etc.

Vamos dar algumas das passagens mais palpitantes da celebre conferencia, baseada no proprio diario dos trabalhos experimentaes do auctor.

« N'essa noite encontravamo-nos cinco, com o nosso distincto medium, em meus aposentos, n.º 52 Bernard Street, Russel Square, Londres.

A primeira forma humana anormal que se apresentou n'esta occasião foi a d'uma creança, semelhante a qualquer menino inglez de seis a sete annos d'edade. Esta creança á vista de todos (estavam completamente accesos tres bicos de gaz), *reconstituiu-se deante de nós*.

Para não repetir constantemente e sem necessidade, como estas maravilhas se produziam, direi uma vez por todas, que a apparição de nossos amigos psychicos tinha logar da maneira seguinte:

Eu ficava habitualmente ao lado do medium em transe segurando-o e envolvendo-o com meu braço esquerdo, de modo que estava nas melhores condições possiveis para observar o que se passava.

Quando esperavamos uma materialisação (e outras vezes de repente quando não a estavamos esperando) viamos elevar se como da abertura d'uma caldeira, atravez do vestido preto do medium, um pouco abaixo do seio esquerdo, um filamento vaporoso, apenas visivel na extensão de uma a duas polegadas a partir do ponto de emersão.

Então este filamento ia desabrochando a pouco e pouco n'uma especie de nuvem, d'onde sahiam os espiritos materialisados, servindo-se

apparentemente d'este vapor fluidico para formar as amplas roupagens brancas de que estavam vestidos.

Ora a forma infantil que se encontrava deante de nós d'uma maneira anormal, vestida de branco, bellos cabellos loiros d'ouro, tinha a plena maneira de ser da infancia humana; batia com as mãositas, affeiçoava a bocca para receber beijos de cada um de nós, fallava d'um modo ameninado, com uma ligeira troca do z por ch, emquanto o medium, como um irmão mais velho, lhe dava instrucções e o mandava por aqui e por além, levar isto ou aquillo d'um lado ao outro da salla—o que a creança fazia d'uma maneira perfeitamente natural.

Emfim, approximando-se com abandono e confiança do auctor de sua existencia momentanea, a delicada creatura foi gradualmente dissolvida e absorvida pelo medium, e desappareceu fundindo-se de novo no corpo de nosso amigo.

Comecei por fallar da manifestação d'esta creança por causa d'um incidente caracteristico que se passou n'esta mesma noite d'inverno, durante a qual a neve cahia abundantemente.

Tinha-se accendido um bello fogão, e quando a creança levada pela curiosidade da sua edade se approximou da chaminé para lhe observar os ornatos, a lenha accesa crepitou faúlhas com um calor, que nos fez retirar promptamente as cadeiras, e a creança, com um grito de susto, recuou e veio cingir-se ao meu lado direito, com um gesto tal que não pude deixar de dizer-lhe: «Queimaste-te, meu querido?»

«Sim, disse o medium, porque o senti.»

Todavia o medium encontrava-se na extremidade opposta, longe do fogão.

O arcediago conferente pergunta então, que Thomaz poderia ser tão sceptico para não crêr, se tivesse assistido como elle uma noite ao facto seguinte: O medium de novo recebeu em si a exquisita forma feminina, que tinha estado materialisada algum tempo entre nós.

Eu mesmo a conduzi até junto do medium, que estava prompto a receber de minhas mãos este maravilhoso *oeon,* ou emanação humano-espiritual.

Chegada junto ao medium a materialisada forma, o filamento gazoso tornou-se de novo visivel; o ponto que se attenuava e se vaporizava era como antes na direcção do coração. Dominado da maior admiração, observei como, por meio d'este cordão vaporoso, a figura psychica se havia novamente absorvido no corpo do medium. Era como uma pequena tromba marinha, horisontal em vez de vertical, por onde parecia que a força vital do medium attrahia e absorvia a forma espiritual; mas, a meu pedido o facto operava-se tão lentamente, que tive todo o tempo para observar o *processus.*

Com effeito, appoiando-me no medium, collocando-lhe a mão esquerda nas costas e o ouvido esquerdo sobre o peito, por maneira a ouvir o latejar alarmante do coração, vio-o receber no seu corpo robusto este amavel producto das espheras invisiveis.

E emquanto eu contemplava o rôsto tão doce do espirito que se desintegrava, apenas á distancia de tres ou quatro polegadas de mim, notava uma vez mais seus bellos traços—os olhos, os cabellos, a compleição delicada—e lhe beijava a mão tão fina, no momento mesmo em

que soffria este acto de dissolução e que era reabsorvida, com o mais, atravez do tecido do fato escuro do medium, no corpo d'este...

Uma forma humana materialisada, que muitas vezes se constituia pelo modo que acabo de descrever, pelo lado esquerdo do medium, affirmava ser... um dos amigos do medium, sacerdote como elle, e fallecido ha algum tempo.

No caso em que a creança... se tornou visivel e tangivel, o medium estava como inconsciente. Do mesmo modo, quando durante esta sessão, nosso amigo que chamaremos «Samuel» se desprendeu do lado do medium, tornando-se um sêr objectivamente robusto e separado, o medium estava em transe, com o corpo abandonado contra o meu, sendo guia uma Intelligencia que conheciamos bem sob o nome de «Lily».

Um assistente exprimiu o vivo desejo de que, se tal se podesse fazer sem perigo, a forma materialisada, com o concurso de «Lily», despertasse o medium afim de que elle podesse vêr esta maravilha: a existencia anormal do seu antigo companheiro d'escola e confrade no sacerdocio, que se encontrava em carne e ôsso, como vivo, alli comnosco.

Para não assustar o medium, que era d'uma natureza muito timida, acordamol-o tomando muitas precauções.

A scena que se seguiu póde ser melhor imaginada que descripta.

O medium ao principio parecia alheado, depois espantado; com o olhar interrogou o espirito materialisado, e saltando do canapé, onde o tinhamos posto quando «Lily» o tinha deixado, precipitou-se para o seu camarada d'outr'ora, exclamando: «Mas é Sam! declaro que é Sam.» E então foram apertos de mão, saudações fraternaes entre os dois amigos; dominava o medium uma alegria infantil; nossa admiração não tinha limites deante d'este espectaculo de poder espirita...

Quando os dois amigos quizeram fallar ao mesmo tempo, houve um silencio momentaneo, e nem um nem outro parecia capaz de articular o menor som; era como se a respiração do medium fosse necessaria a «Samuel» quando este ultimo queria fallar; assim a voz de «Samuel» deixava de se fazer ouvir, desde que o medium começava a fallar.

Durante algum tempo a forma materialisada de «Samuel» permaneceu e fallou comnosco, passeando alegremente com seu amigo em volta da salla, e fazendo muitas cousas, que no momento não posso referir.

Emfim—obedecendo sem duvida a certas leis de que nada comprehendemos—«Samuel» retirou-se contra vontade e novamente foi absorvido pelo corpo do medium; este ultimo entrou em transe e logo por sua bocca se manifestou «Samuel».

Depois tocou a vez ao Egypcio, nosso amigo «o Mahedi». A côr bronzeada da pelle da nossa anormal visita, que me era permittido examinar de perto por uma lente, com a qual observava cuidadosamente as unhas, as pequenas mãos, os pés, os tornozellos, braços, pernas, os traços moveis do rôsto, em que brilhava de tempos a tempos a expressão da esphinge; o nariz acentuado, o contorno geral da cara, o perfil regular, os olhos negros, penetrantes mas benevolentes, os cabellos pretos, longos e cingidos, as barbas grandes e pendentes; os membros nervosos e musculosos, a grande estatura de mais de dois metros, tudo isto con-

firmava minhas primeiras impressões de que o «Mahedi» era um oriental, mas não da India nem do Extremo Oriente.

Meu exame feito n'esta occasião com todo o vagar, foi repetido muitas vezes; e eu tinha a consciencia d'um sentimento d'agrado, que experimentava nosso amigo mysterioso, em presença de minha importuna dissecação de sua robusta pessoa physico-psychica.

.....

Havia então, como ainda actualmente ha, o mysterio das roupagens a elucidar.

E' preciso atacar seriamente esta difficuldade do espiritismo moderno e do espiritismo biblico.

Compete aos investigadores psycho-chimicos chamar e applicar a esta questão todos os recursos da sciencia.

Quando pela primeira vez «Mahedi» nos appareceu, trazia na cabeça uma especie de capacete de metal, com um emblema scintillante na frente.

Foi-me permittido tocal-o, mas os meus dedos encontraram pouca resistencia: o ornato parecia dissolver-se como um floco de neve sob o meu tacto, e tornar-se solido desde que eu retirava a mão.

Os que se permittem prender de repente uma forma materialisada —*Spirit-Grabbers*— nada comprehendem absolutamente da verdade occulta, quando, tendo agarrado os vestidos d'uma forma materialisada, apenas encontram um panno branco ou um pedaço de musselina nas mãos ou dentro do medium, que fica alheado, fóra de si, e que mui naturalmente é tratado com pouca delicadeza e d'alli em diante é proclamado como um embusteiro.

Um conhecimento mais profundo d'este fabrico psychico-chimico— material d'um tecido corrigiria o juizo pouco caridoso que pronunciamos sobre a roupagem espirita, quando, na nossa ignorancia, temos duvidas sobre a realidade d'estes phenomenos.

Com effeito, n'uma sessão em plena luz, decidimos fazer uma experiencia perigosa.

Resolveu-se que eu mesmo segurasse «Mahedi», vestido de branco como estava, forcejando por impedil-o de desapparecer no corpo do medium (a quem n'este momento estava communicado «Samuel»), e o que me succedeu muitas vezes me fez pensar nas palavras de S. Paulo.

Parece-me que uma força irresistivel me levantava então e immediatamente fui atirado a uma distancia de cerca de seis metros, isto é, desde a porta da salla até ao sitio em que o medium estava. De repente achei o medium nos meus braços com a mousselina branca sobre o casaco escuro; tinha-o nos meus braços, como julguei ter «Mahedi». A forma materialisada tinha desapparecido e a roupagem psychica, que com ella se tinha desprehendido do lado esquerdo do medium, tomou o mesmo caminho para o invisivel com a rapidez do pensamento.

Mas donde vinha este estôfo, que cobria agora o corpo do medium e que um instante antes ahi não existia?

O embate do nosso encontro—porque como diz o meu diario—era uma verdadeira collisão, um esmagamento, um abalo—tirava-nos o desejo de repetir a experiencia, que por pouco nos ia matando. E o mysterio das roupagens fica sempre a elucidar.

. . . A força physica de Mahedi era o que devia ser a julgar pelas suas proporções vigorosas. Sentado eu no meu grande fauteuil de leitura, Mahedi levantava-me até á altura de seus hombros, sem esforço apparente.

Depois tomava uma caixa de musica, e não sabendo o que erá, parecia admirado, quando eu lhe dava corda; então segurava-a elle na mão direita, braço distendido, balançando-a com facilidade, posto que o peso do instrumento fosse de 21 libras e 120 grammas.

Mahedi mostrava interessar-se por tudo, e passeando a todo o cumprimento da sala tomava um a um todos os objectos que via para os examinar...

N'um certo momento, encontrou n'um armario um prato de maçãs cosidas, trazendo-nol-o, e pedindo-lhe eu para comer algumas.

Então o medium á distancia de mais de dois metros da forma materialisada, recusava servir-se do prato, pois que tomava o sabor á maçã que Mahedi comia. Eu scismava como é que isto podia ser... Então, com a mão direita, dei a comer ao phantasma uma maçã, emquanto que com a esquerda extendi para o medium este mesmo pedaço de papel que tenho deante de mim, quando da bocca lhe cahiram as pevides e a pelle da maçã que Mahedi acabava de comer—e eil-as aqui deante de mim, hoje, depois de bastantes annos, n'este bocado de papel, para que possa analysal-os qualquer sabio que queira.

Muitas vezes repeti experiencias d'este genero, e nos pequenos pedaços de papel, sobre esta meza que está deante de mim, reside a prova de que eu não era victima d'uma hallucinação no momento em que se produziam estes factos.

O arcediago terminava seu discurso dizendo:

Para ser arcebispo de Canterbury não retiraria uma unica palavra das cousas que vi e referi, pela primeira vez, ha já bastante tempo, e que tenho meditado em silencio durante vinte e oito annos.

Não me admiro da incredulidade dos ignorantes pelo que respeita a estas espantosas maravilhas, porque mesmo hoje e depois de toda a minha grande experiencia, as cousas que vi e referi são tão extraordinarias que se estes phenomenos inexplicaveis deixassem de produzir-se, suspendendo-se o progresso d'estas cousas maravilhosas, e não mais apparecessem provas da realidade do que eu sei ser verdadeiro, então no futuro talvez me assaltasse a duvida sobre aquillo que actualmente tenho como certo; sim, é possivel que deixasse de crêr n'estes factos, cuja verdade affirmo, empenhando a minha palavra de sacerdote, e pelos quaes arrisquei a minha posição ecclesiastica e meu futuro profissional.

O arcediago accrescentava, que estes extraordinarios phenomenos não eram de forma alguma devidos ao acaso nem obtidos sem preparação. A disciplina do jejum era imposta aos membros do grupo durante todo anno; os phenomenos obtidos eram, diz elle, a recompensa do «nosso asceticismo», de nossa abstinencia de anachoreta, de nossos habitos simples de vida.»

Todos os qué desejarem obter os mesmos resultados, devem adoptar os mesmos habitos. Os phenomenos obtidos no nosso grupo teriam sido impossiveis sem esta condição.»

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Acabamos de receber a quarta edição da magnifica obra *L'Extériorisation de la Motricité,* de Albert de Rochas, em que o illustre investigador reune uma larga serie de experiencias e observações, commentando-as com a proficiencia que o mundo inteiro lhe reconhece.

Esgotadas e portanto muito caras as edições anteriores, vem a presente satisfazer um legitimo anceio e uma necessidade palpavel. Sobre os extraordinarios phenomenos que relata e authenticamente estabelece, não póde mais a sciencia ter sombra de duvida: são acquisições certas conquistadas para o seu patrimonio.

A immensa sympathia pessoal que nos merece o sr. conde de Rochas, só póde tornar mais intenso o nosso applauso, por ter actualisado uma obra de tanto alcance, condensando n'ella um erudito trabalho enorme.

O dominio da sciencia, restricto na origem a factos grosseiros e constantes, alargou se pouco a pouco, graças ao estudo d'aquelles que por sua delicadeza ou instabilidade tinham escapado a nossos predecessores.

A antiguidade conhecia já as mesas girantes e outros phenomenos, mas ou attribuia-os ao diabo ou a fraudes conscientes e inconscientes; e tal era de feito a explicação mais natural, emquanto taes phenomenos não se poderam obter, d'uma maneira certa, sem contacto.

Numerosas experiencias modernas, por sabios eminentes em todos os pontos da Europa e recolhidas em suas fontes originaes pelo conde de Rochas, provam que algumas pessoas pódem fazer mover em diversos graus, mesmo a distancia, objectos inertes, mercê da emanação d'uma força particular do organismo humano, e que parece, em certos casos, poder ser dirigida por entidades intelligentes. Este é o facto conquistado. Sobre a naturesa d'essas entidades e que póde suscitar-se questão. A obra do coronel de Rochas estatue com segurança a certesa d'estes importantes resultados. Recommendamol-a vivamente a quantos quizerem conhecer o fundo positivo de taes phenomenos.

E' um grosso volume de 600 paginas, largamente illustrado e com 15 photogravuras fóra do texto. Preço 8 francos.—Bibliothèque Chacornac, 11, Quai Saint Michel—Paris.

Hipnotismo Fenomenal y Filosófico, por Quintín Lopes Gómez—Barcelona (San Martin de Provensals—Paseo del Triunfo, 4).—Preço 5 pesetas.

O trabalho do querido collaborador dos *Estudos Psychicos* vem confirmar plenamente o valor intellectual e o grande poder de distribuição de Quintin Lopes, tantas vezes affirmado em obras anteriores.

O actual trabalho divide-se em cinco partes, além d'uma desenvolvida introducção, a saber:—*Noções geraes—Phenomenos physicos e physiologicos—Phenomenos psychologicos—O Hypnotismo na pedagogia e na therapeutica* e *Ensaio de theoria.*

Além da claresa e proficiencia com que o assumpto é tratado, encontrarão alli os que quizerem conhecer este interessante capitulo scienti-

fico e as suas relações com outras descobertas modernas, que servem a levar-nos a concepções novas da psychologia humana. Recommendamos como maximamente proveitosa a sua leitura.

Origen y objeto de la vida, por V. Fernandes C. impresso na casa Carbonell y Esteva, editores de Barcelona. E' um volume de 226 paginas, em que o seu auctor, soccorrendo-se eruditamente das conquistas da nova psychologia experimental, vem lançar grande luz no problema da vida, encarando-o sob um palpitante e elevado aspecto. A orientação dada ao seu estudo, principalmente no ponto de vista psychico, contribue sobre modo á comprehensão do debatido assumpto, sobretudo na parte que mais nos importa conhecer—a vida animica.

Comment se fera le désarmement, memoria apresentada ao VIII congresso da paz, por Gaston Moch.

Os nossos agradecimentos.

INDICE DAS MATERIAS CONTIDAS

NO

1.º ANNO

(Junho de 1905 a Maio de 1906)

N.º 1. Junho de 1905

		Paginas
O nosso titulo e intuitos	*Sousa Couto*	1
Plano de materiaes	» »	4
Phenomeno de exteriorisação e visão a distancia	*J. Maxwel*	7
Uma manifestação expontanea em casa de Dr. Dariex	*Dr. Dariex*	8
Um medium analphabeto	*Sousa Couto*	10
Exemplo d'uma communicação por meio d'um medium escrevente	*Anderwood*	11
Manifestação d'um espirito com provas de identidade	*Henri Carreras*	12
Apparição telepathica no estado da vigilia	*F. Barker*	14
Uma sessão com o medium Politi	*Milesi*	14
Para obter phenomenos é preciso persistir	*Dr. Cyrax*	16
Alguns phenomenos obtidos com o medium Eusapia Paladino	*Vassallo*	18
Um facto historico de visão a distancia	*Varios historiadores*	20

N.º 2. Julho de 1905

A nova phase da psychologia	*Sousa Couto*	21
Novas experiencias relativas ao corpo astral	*Alberto de Rochas*	23
Experiencias de A. Aksakof com o medium Fox-Jencken	*A. Aksakof*	27
Phenomenos luminosos e apparição de formas humanas	*J. Maxwell*	30
Phenomenos obtidos pelo Dr. Bayol	*Dr. Bayol*	32
Uma prova de identidade	*W. Stead*	35

Paginas

Uma communicação inexplicavel pela suggestão ou telepathia..... *Sousa Couto* 36
Um facto bastante precioso de identidade—*Dr. Moutin*..... 38
Depoimento de Varley perante o comité da Sociedade Dialectica de Londres ..... *Varley* 38

N.º 3. Agosto de 1905

Resposta a um incredulo ..... *Sousa Couto* 41
Escripta automatica. Revelações inesperadas .... *Gordigiani* 46
Uma manifestação d'identidade ..... *René Le Bon* 49
Continuação do depoimento de Varley ..... *Varley* 51
Uma communicaçao não esperada .... *General Drayson* 55
Algumas indicações praticas para proceder a experiencias. *Sousa Couto* 56
Informações 60

N.º 4. Setembro de 1905

Resposta a um incredulo (continuação)..... *Sousa Couto* 61
Phenomenos notaveis na America..... *Van der Naileen* 65
Uma sessão com o medium Politi ..... *General Ballatore* 70
Duas sessões que se completam ..... *Jules Gaillard* 72
Phenomeno de exteriorisação animica obtido em Lisboa.... *Sousa Couto* 74
Algumas indicações praticas para proceder a experiencias (conclusão) ..... *Sousa Couto* 75
Um caso de premonição..... *Henri Carreras* 78
O medium Maggie Waite ..... *Revista Liglht* 79
Informações e expediente 80

N.º 5. Outubro de 1905

Resposta a um incredulo (conclusão)..... *Sousa Couto* 81
Espiritualismo e materialismo ..... *C. Flammarion* 87
Phenomenos espiritas na America..... *Dr. Isaak Funk* 92
Um novo medium ..... *Samsão Tyndel* 94
Uma communicação por meio de signaes ..... *Grimaud* 96
Phenomenos de materialisação..... *W. Hull* 97
Dois casos de premonição..... *Dr. Samas* 99

N.º 6. Novembro de 1905

A critica e os criticos—I..... *Sousa Couto* 101
Espiritualismo e materialismo (continuação)..... *C. Flammarion* 104
Sessões com o medium Charles Eldred ..... *Charles Letort* 109
A effluviação odica—I..... *Dr. Martins Velho* 116
O medium pintor Machner,..... *Luiz Pietoch* 119
Publicações recebidas..... 120

N.º 7. Dezembro de 1905

A critica e os criticos—II..... *Sousa Couto* 121
Phantasmas dos vivos..... *Dr. Louis Delattre* 125
Espiritualismo e materialismo (conclusão)..... ... *C. Flammarion* 130
Sessões com medium C. Eldred..... ..... *Charles Letort* 130
Um interessante discurso do professor Barret..... *Barret* 134
Relance sobre os phenomenos psychicos..... *Dr. Moutin* 136
Sessões em Lisboa. Um caso de levitação..... *Sousa Couto* 139
Publicações recebidas..... 140

N.º 8. Janeiro de 1906

A critica e os criticos—III ..... *Sousa Couto* 141
Investigações sobre as materialisações dos phantasmas e outros phenomenos psychicos—I..... *Dr. Paulo Giber* 145

		Paginas
Sessões com o medium Charles Eldred (continuação)....	*Charles Letort*	149
As materialisações d'Algeria.....	*Gabriel Delanne*	153
Varios phenomenos psychologicos da minha vida..	*Dr. M. Roso de Luna*	157
Publicações recebidas.....		160

N.º 9. Fevereiro de 1906

A critica e os criticos—IV.....	*Sousa Couto*	161
Investigações sobre as materialisações dos phantasmas e outros phenomenos psychicos—II.....	*Dr. Paulo Gibier*	164
As materialisações de Algeria—Villa Carmen (continuação).	*G. Delanne*	170
A effluviação odica— II.....	*Dr. Martins Velho*	175
Um caso de identidade d'um espirito n'uma sessão com o medium Politi	*Ernesto Senarega*	176
.....	*Sousa Couto*	178
Experiencias em Lisboa.....	*Reginald Span*	179
Um caso de clarividencia.....		180
Publicações recebidas.....		

N.º 10. Março de 1906

A critica e os criticos—V.....	*Sousa Couto*	181
Investigações sobre as materialisações dos phantasmas e outros phenomenos psychicos—III.....	*Dr. Paulo Gibier*	184
Phenomenos medianimicos em Messina.....	*Dr. Walter Bormann*	189
As materialisações d'Algeria—Villa Carmen (continuação)..	*G. Delanne*	190
O medium musico Aubert.....	*Revue Spirite*	195
A effluviação odica—III.....	*Dr. Martins Velho*	197
Um exemplo de escripta automatica.....	*M. Fouquet*	199

N.º 11. Abril de 1906

A critica e os criticos—VI.....	*Sousa Couto*	201
Investigações sobre as materialisações dos phantasmas e outros phenomenos psychicos—IV.....	*Dr. Paulo Gibier*	204
O attentado contra Affonso XIII — caso de telepathia em Portugal—	*Sousa Couto*	207
As materialisações d'Algeria—Villa Carmen (continuação).	*G. Delanne*	209
A effluviação odica—IV.....	*Dr. Martins Velho*	214
Um telegramma psychico.....	*Le Rebus*	218
O testemunho de Rambaud ácerca das apparições....	*Yveling Rambaud*	219

N.º 12. Maio de 1906

A critica e os criticos—VII.....	*Sousa Couto*	221
Investigações sobre as materialisações dos phantasmas e outros phenomenos—V.....	*Dr. Paulo Gibier*	224
As materialisações d'Algeria—Villa Carmen (continuação)..	*G. Delanne*	228
A effluvição odica V.....	*Dr. Martins Velho*	233
O arcediago Colley e as materialisações que presenceou.....	*Colley*	236
Publicações recebidas		241
Indice das materias do 1.º anno.....		242

ESTUDOS PSYCHICOS

REVISTA MENSAL DE ANIMISMO
E ESPIRITISMO EXPERIMENTAL

Director: DR. SOUZA COUTO

2.º ANNO

Junho de 1906 a Maio de 1907

1907
Typographia A PUBLICIDADE
Rua do Diario de Noticias, 147, a 151
LISBOA

N.º 1 JUNHO DE 1906 2.º ANNO

ESTUDOS PSYCHICOS

REVISTA MENSAL DE ANIMISMO
E ESPIRITISMO EXPERIMENTAL

Director — DR. SOUSA COUTO

COLLABORADORES — Drs. Maxwell, Laurent de Faget, De Reyle, Wolowski, Marzorati, Roso de Luna, Quintin Lopes, Martins Velho, etc.

Escriptorio — Rua do Ouro, 149, 2.º LISBOA

UM ANNO DE LUCTA

Entram hoje os *Estudos Psychicos* no segundo anno da sua existencia.

Não é sem uma decidida boa vontade e um persistente esforço, que esta publicação se tem mantido, n'um meio ainda pouco preparado para estudos d'esta natureza, aos quaes está reservado indubitavelmente um largo futuro de imprevistas e saluberrimas consequencias.

Essa boa vontade e esse esforço continuam e continuarão, esperamos, a animar-nos na intemerata cruzada iniciada, já que Portugal não deve ficar retardatario ou indifferente perante o grande movimento universal das indagações psychicas.

Não é phantasiando que deixamos correr da penna palavras após palavras. E' reflectindo, é ajuizando sobre incoerciveis verdades, que fazemos affirmações inconcussas.

A feição positiva dada ao estudo da alma na phase moderna da psychologia, esta modificação scientifica aberta nos antigos processos de analyse interna, tem conseguido os mais seguros resultados e proclamado provas, que a tantos seculos pareceram intangiveis.

A observação e experiencia fixaram-se n'estes dominios e por ellas se tem attingido um grau de certeza, a que por nenhum outro caminho se poderia chegar.

D'anno para anno a verdade se proclama mais vigorosamente, recrudescem os phenomenos, as provas se accumulam, a conquista alarga-se e nunca mais deixará de fortificar-se com novos e confirmantes factos.

Quem conhece o caminho percorrido e acompanha dia a dia as novas descobertas, não tem a menor duvida de que o estudo do espirito humano entrou na *senda* legitima, na estrada insophismavel da verdade scientifica, e como tal a proclamam já os que a estudam, e hão de proclamar quantos denodadamente a quizerem estudar.

As duvidas e as criticas veem da ignorancia, senão do interesse ou da pseudo-sciencia.

Estes novos conhecimentos não são obra d'imaginação ou de especulação mais um menos engenhosa; são fructos d'um trabalho indefectivel, universalisado, levado a effeito por investigadores competentissimos em toda a parte.

Podemos dizer que o estudo d'este problema constitue a maxima questão actual, interessando vivamente muitos milhões de pessoas, radicando-se, firmando-se indestructivel e successivamente n'um crescente numero de experiencias, que para sempre ficarão como pedras angulares d'este grande edificio.

E é de prever que, dia a dia, mais e mais, essas provas se multipliquem, consolidando-se n'um bloco enorme e inataquevel de evidencia, formando-se por ventura assim o primacial e mais prestimoso capitulo da sciencia humana.

Já em 1900, no 4.º Congresso Internacional de Psychologia, dizia Myers, o infatigavel e consumado investigador de Cambridge, n'uma doutissima memoria sobre a *transe*, que estes phenomenos *marcavam bem um progresso na evolução da nossa raça;* e mais concretamente se exprimia ainda n'estes termos: «Affirmo que um espirito existe no homem, sendo salutar e desejavel que esse espirito se mostre capaz, por taes factos, de se desprender parcial e temporariamente de seu organismo,... o que permittiria ao espirito d'um morto fazer uso d'este organismo, temporariamente abandonado».

Que estas manifestações se teem vindo accentuando n'uma marcha ascencional é um facto historico fóra de toda a duvida.

Mas não é historia que aqui pretendemos fazer; apenas buscamos mostrar o grande impulso que teem tomado ultimamente os estudos psychicos nas nações mais cultas e perante os homens de maior cultura intellectual.

Na America do Norte onde tantas associações e trabalhos existem, o professor Hyslop, saciado de certeza pelos estudos pessoaes, busca ultimamente fundar um grande Instituto de investigações psychicas, onde se estudem com todas as cautellas scientificas os phenomenos espiritas.

No programma d'este Instituto citam-se as palavras de Gladstone: «As investigações psychicas são a obra mais importante que se póde fazer ao mundo».

Nos Estados da America do Sul o movimento tem-se accelerado pelo apparecimento de novas publicações e fundação de novos centros de estudo e propaganda.

Na Italia a actividade recrudesce e os nomes mais celebrados estão-nos dando um alevantado exemplo de inegualavel ardor. Alli trabalha-se e discute-se; apura-se o facto e depura-se a hypothese, sendo notavel o moderno incremento dado ao estudo experimental da alma.

A Allemanha e a Inglaterra continuam denodadamente no labor iniciado, e a França da-nos a consoladora certeza de que nunca deixará de ser a generosa patria dos grandes emprehendimentos.

O governo francez acaba de auctorisar uma loteria de quatro milhões de francos, destinada á fundação d'um Instituto de estudos psychicos, incluindo n'elles as manifestações do espirito após o phenomeno natural chamado morte.

Não significa isto já um inicio de reconhecimento official, de que alguma cousa ha, alguma cousa grande e digna de estudo existe no fundo d'estas manifestações?

Não mostra que essas manifestações, annunciadas univocamente em tantos logares e por tantos individuos, merecem a attenção que tantas considerações reclamam?

Bem fez o governo da republica franceza em patrocinar uma obra do mais ponderoso alcance.

Os nomes de Flammarion, Richet, Dariex, Maxwell, Denis, Delanne, Rochas, Bonnet, Duzart, Joire, Gibier, Chazarain e tantas outros em França; os de Lodge, Crookes, Aksakof, Hodgson, Elliot, Newbold, Lombroso, Ochorowicz, Marzorati, Tummolo, Ferrari e tantissimos illustres extrangeiros, não eram garantia a desprezar no testemunho de factos observados e que por sua natureza e interpretação, devem enriquecer, como nenhuns outros, o thesouro da sciencia.

E que faz Portugal, agrilhoado n'uma indolencia secular, quasi indifferente a esta cruzada de renovação universal? Quando paizes mais pequenos teem os seus centros d'estudo, os seus jornaes de propaganda, os seus congressos da especialidade, por que não quebramos nós esta morbida apathia, lançando-nos abertamente na conquista d'esta verdade consoladora e saluberrima?

Mais uma vez fazemos um appêllo vehemente a todos aquelles, a quem o problema da immortalidade póde interessar, que são sem duvida todos os que em si sentem uma intelligencia, uma consciencia, uma aspiração, para que estudem e verifiquem por si, para que se esclareçam nos trabalhos alheios e busquem a confirmação nas experiencias proprias.

Nunca a negação insciente, infundada e prematura.

Vale mais a reserva do que a temeridade. O silencio é prudente e a opinião antecipada é anti-scientifica.

Devemos, pois, estudar e trabalhar, e conquistada a certeza, nenhuma consideração deve impedir a sua affirmação clara.

Para os que duvidam, ou julgam que estes phenomenos não teem attingido um gráo de realidade, que possa chamar-se scientifica, recommendamos-lhes a leitura de tres obras de facil acquisição, onde os phenomenos apparecem n'uma exposição inexcedivel de criterio e prova.

São ellas a *Extériorisation de la Motricité,* de Albert de Rochas, a que já fizemos referencia no numero anterior; *Sulle basi positive dollo spiritualismo,* de Vicenzo Tummolo, e *La Personalité Humaine*, de F. Meyers.

N'estas obras podem vêr os estudiosos, se em face das leis logicas da nossa rasão e até mesmo das exigencias mais severas do methodo, pódem restar sombras de duvida sobre a realidade dos phenomenos. Não. A conclusão a tirar das experiencias feitas, é que em nome da sciencia não será mais licito negar a existencia das manifestações espiritas. Fica feito o apêllo e que o resultado coroe o esforço de todos nós.

Souza Couto.

INVESTIGAÇÕES SOBRE AS MATERIALISAÇÕES DE PHANTASMAS E OUTROS PHENOMENOS

PELO DR. PAULO GIBIER

(Continuação)

VI

C) Observações a respeito de Ellan. —Ellan, segundo dizia, tinha sido primo do medium, e tinha «desincarnado» ha trinta annos. Da mesma maneira que Maudy, Ellan apenas falla o inglez, um inglez bastante correcto, mais correcto que o do medium.

Sua voz, a que póde applicar-se o que fica dito na nota A, é uma voz de basso. O tom da linguagem que emprega é sempre sério, um pouco melancolico, benevolente e digno, e, bem como as ideias que exprime, completamente superior ao do medium. A uma pergunta que lhe foi feita, respondeu que, se o seu medium morresse, ou deixasse de ser medium, a missão, d'elle Ellan, bem como a de Maudy, teria terminado, e que não mais se occuparia de manifestações como aquellas em que toma parte; que então outras occupações d'ordem mais elevada lhe seriam confiadas.

Tive com Ellan numerosas conversas, ás quaes sómente o medium assistia, mas aquelle ficava invisivel.

De muito perto apenas o observei em tres occasiões, em que lhe apertei a mão. Em cada uma das vezes notei differenças de rosto e mesmo de estatura, o que attribuo ás variantes de força fornecida pelo medium. Nas duas experiencias feitas no meu laboratorio, as differenças (com bastantes annos d'intervallo) não eram muito sensiveis, como deduso de minhas notas e da minha lembrança, mas, n'uma sessão fóra de minha casa, elle tinha parecenças com o medium, parecendo-me os olhos azues; a estatura era menor e a mão menos firme.

Se eu o não tivesse observado em duas outras occasiões, em que pessoalmente havia encarcerado e fechado á chave o medium, certamente ter-me-hia inclinado á fraude, e que Ellan não era mais do que o mesmo medium disfarçado ou auxiliado por um compadre.

Devo lembrar que n'uma das experiencias feitas no meu laboratorio, estando o medium na caixa (sem ter ninguem em sua companhia), vi Ellan de muito perto, tendo minha cara a distancia de 25 a 30 centimetros da sua, e que a côr dos seus olhos era diversa da dos olhos do medium. Accrescentarei que minha vista é das melhores.

No conjuncto, Ellan dá a impressão d'um operario que nas horas vagas fosse prégador.

Poder-se-ha perguntar porque é que eu não tratei de vêr o medium ao mesmo tempo que Ellau ou outra qualquer materialisação.

Uma vez o tentei; mas desde que introduzi a mão no gabinete, a forma desappareceu e apenas encontrei o medium atado no seu logar, o qual soltou um grito de terror quando se sentiu tocado; de mais as manifestações logo se suspenderam.

D) Passagem do medium atravez da porta da caixa.—Este phenomeno, um dos mais curiosos (não fallando nas materialisações) que me foi dado observar no decurso das minhas experiencias com Mrs. Salmon, fez lembrar o caso de Zoellner, em que, com o medium H. Slade, objectos materiaes inanimados eram atravessados por outros objectos da mesma natureza.

Mas nas minhas observações, trata-se de materia inanimada penetrada, atravessada por um corpo vivo (ou *vice versa,* vide mais adeante).

Muitos de meus amigos, espiritos convencidos, me asseguram que depois da passagem do medium atravez da caixa, notaram por diversas vezes, que a grade estava muito quente.

Devo declarar comtudo, que toquei com cuidado as paredes metalicas e a travessa de madeira que o medium acacabava de atravessar, e que a temperatura d'estas peças me pareceu inferior á de minha mão, o que não significa que em outra occasião o facto não podesse ser differente.

Sobre tudo, da segunda vez que fui testemunha do phenomeno é que prestei attenção a esta circumstancia, porque só depois da primeira experiencia é que esse facto me foi indicado.

Se tivermos em attenção as experiencias de Becquerel, Curie, Rutherford, Le Bon e outros, sobre a luz e os raios de Roentgen, vemos que moleculas de materia dissociada, de materia immaterial... podem atravessar obstaculos os mais materiaes (1).

Mas aqui estamos ainda longe da força que faz passar os corpos materiaes, até mesmo vivos, atravez da materia, sem deixar vestigios da sua passagem; força cuja natureza as investigações psychicas tendem a conhecer, sem que todavia ousem esperar conseguil-o plenamente.

Sob a influencia de que força pódem produzir-se semelhantes phenomenos? No intuito de obter esclarecimentos dos seus proprios agentes, formularam-se varias perguntas suggeridas pelo conhecimento de factos psychicos analogos. As perguntas que vamos expôr foram feitas a Ellan, que respondeu como se segue:

Pergunta:—Fostes vós que fizestes com que o medium sahisse da caixa?

Resposta:—Fui eu e os outros espiritos que me auxiliam n'estas manifestações.

P.—Como é que conseguem fazer isso?

R.—Decompomos *(desintegrate)* a materia, e recompomol-a *(reintegrate)* instantaneamente.

P.—Foi a materia do medium que desmaterialisastes e reintegrastes ou foi a da porta?

R.—Oh! naturalmente a da porta. A materia viva não a podemos dasmaterialisar, em quanto que nos é facil desmaterialisar e reconstituir a porta da caixa.

---

(1) *Revue Scientifique,* 14 avril 1900.

P.—Estaes bem certo de que a materia viva não póde ser desmaterialisada? Conheço casos em que esse facto se produziu.

R.—Sem duvida tendes razão; mas não sabia isso. Crêde que nós temos muito que aprender, e que quando nós, desincarnados o podemos, somos bem felizes em receber qualquer ensino de vós, incarnados.

Ha no vosso plano pessoas muito mais adeantadas que certos espiritos d'aqui. (Não pude perceber a menor ironia no tom d'esta resposta).

Penso que a leitura d'este dialogo poderá interessar os que estudam as cousas psychicas, posto que eu não tenha a pretenção de encontrar n'elle uma explicação satisfatoria da penetração da materia.

Ellan parece desconhecer a geometria da quarta dimensão de que se tem usado e abusado a proposito d'esta manifestação prodigiosa. Em todo o caso, elle nao poude ou não quiz dar-me mais ampla informação, quando lhe pedi para me explicar o mechanismo ou processus da *desmaterialisação*.

E depois, estava elle de boa fé, quando me dizia que a materia viva não poderia ser dissossiada *psychicamente,* e não me induzia conscientemente em erro? De facto, elle não póde ignorar, que quando reveste um corpo máterial, é á custa d'uma desmaterialisação da parte do midium para tal effeito. Devemos dar credito a suas palavras, quando diz que na passagem do medium atravez da porta da caixa, não foi o corpo vivo que se desmaterialisou? A minha opinião, baseada na sensação que experimentei ao appoiar a mão contra a caixa (atravez das cortinas) é que o que se desaggregou foi a grade em contacto com o corpo do medium, para lhe dar passagem.

E) Observações a respeito de Branca.—Este nome foi dado a uma das formas materialisadas, referidas na descripção documentada da sessão espirita de que anteriormente fallamos. Branca era sobrinha d'uma assistente e prima d'outra senhora tambem assistente, chamada Victoria. Branca morreu na idade de 29 annos, em consequencia d'um parto em 1878.

Essas senhoras, bem como o marido de M.me Victoria me affirmam que nos ultimos seis annos tem sido frequentemente visitados pelo mesmo phantasma materialisado. O que é interessante é que este facto se tem produzido por tres mediums differentes, incluindo Mrs. Salmon.

Eis alguns pormenores curiosos a respeito d'estas tres fontes ou origem de materialisação: Branca nascera no Sul dos Estados-Unidos, de paes francezes. Tendo sido educada em Paris, fallava bem francez e inglez. Com os outros dois mediuns sem ser Mrs. Salmon, quando Branca se apresenta áquelles parentes, exprime-se de preferencia em inglez, emquanto que com o medium Mrs. Salmon, emprega o francez quando se dirige a sua tia que nasceu e foi creada em França, e falla inglez quando se dirige á filha d'esta, sua prima que foi educada na America.

Estas senhoras, que por muitas vezes teem tido *Branca* em seus

braços são unanimes em affirmar que o corpo delicado d'ella differe completamente do dos tres mediums referidos, os quaes são mais ou menos nutridos.

Notas sobre as materialisações. — Estatuida uma vez a existencia das materialisações, o problema respeitante a estes phenomenos está longe de se achar resolvido.

Com effeito, em presença de tão inauditos factos, o exprimentador que, da negação *á priori*, passou á duvida e d'esta á certeza, pergunta a si mesmo o que são estas formas humanas que nos dão a impressão da vida, e logo se dissolvem deante de nossos olhos, em nossos braços; que em alguns segundos, criam carne e vestes, que fazem desapparecer com a mesma rapidez.

Então suscitam-se varias questões que vamos examinar separadamente e o melhor que nos fôr possivel.

1.º — *Estas formas que apparecem a nossos olhos, terão uma existencia objectiva ou suggestiva?*

A duração das apparições é em geral tão curta (posto que n'alguns casos excepcionaes se demorem com os assistentes, e se entretenham com elles durante cinco, dez, vinte minutos e mais), que estamos no direito de perguntar, se não somos ludribio d'uma especie de suggestão mental, de natureza hypnotica ou outra qualquer, analoga ás influencias exercidas no publico por os jongleurs do oriente; influencia, no nosso caso, vindo do medium e do nosso proprio subliminal (auto-hétero-suggestão).

Mas por um lado sabe-se que as personagens e as cousas postas em scena pelos jongleurs desapparecem do campo visual logo que os espectadores se approximam ou afastam mais ou menos, e a placa photographica não os regista. As materialisações pelo contrario pódem ser não sómente vistas e ouvidas, mas tambem tocadas, photographadas e mesmo moldadas.

(Esperamos poder apresentar um dia photographias e moldagens sem todavia pretendermos a prioridade, pois que estas provas teem sido obtidas um grande numero de vezes).

Portanto, as materialisações teem uma existencia objectiva.

2.º — *De que substancia ou substancias são as materialisações formadas?* — Segundo os ensinos obtidos de diversas origens, póde dizer-se que esta substancia vem do medium.

Conhecem-se casos em que o pezo d'este tem diminuido em proporções consideraveis durante a experiencia; outros casos em que o medium desapparecia em parte, senão totalmente, emquanto as materialisações tinham logar. E' um facto que nos propomos verificar no laboratorio, que preparamos especialmente para estas investigações.

Quanto ao tecido dos vestidos, discute-se por ora a sua proveniencia. Algumas *intelligencias* teem dito que o produzem, desmaterialisando uma parte dos vestidos do medium; outras fallam d'apports: tudo é possivel.

Tem sido permittido por vezes cortar um pedaço de panno, que em

seguida se póde examinar á vontade, até ao microscopio, do mesmo modo que os cabellos, ou as unhas ou o sangue, que tem sido permittido, segundo se diz, extrahir da carne das formas materialisadas. Vê-se que immenso e novo campo se apresenta ás investigações dos estudiosos da sciencia. Em observações que ainda não foram publicadas, pelo que me conste, e em que, bem entendido, foram tomadas as precauções necessarias para eliminar a fraude, teem-se feito signaes, a azul de anilina, e estes signaes são transportados para uma outra parte do corpo do medium. Tambem se tem notado que o odor particular ao medium se encontrava na apparição.

3).—Qual o processus por que a substancia das materialisações é transportada, aglomerada e dissolvida.?

Não buscaremos responder a esta pergunta, sobre a qual nenhum esclarecimento recebemos.

(Continúa). PAULO GIBIER.

AS MATERIALISAÇÕES DA VILLA CARMEN

(Continuação)

Sabbado, 26 d'agosto

Charles Richet chega cedo á Villa Carmen. Pede para visitar de novo a cocheira que fica por baixo da sala das sessões. Acompanho-o, e vemos que o tecto formado em abobada de tijolo, não apresenta solução de continuidade.

M. Richet sóbe por uma escada alta e sonda a obra, que dá um som massiço em todos os pontos.

As teas d'aranha mostram que não foram tiradas desde ha um certo tempo. O tecto está a 4,^{m}20 do solo.

A sessão começa ás 5 e quarto. M. Richet e eu inspeccionamos a sala. Assistentes os mesmos da sessão anterior, menos Ninon. Logares os do costume. Mme Noel faz a prece e magnetiza fortemente os medi ms que estão no gabinete.

Luz vermelha boa, havendo tambem um bico Auer meio abaixado.

Antes de começar, minha machina e as de M. Richet e da senhora ingleza focaram-se sobre a abertura das cortinas. O apparelho de magnesium está preparado atraz de M. Richet, que o deve descarregar quando se quizer.

Como o calor é suffocante, terminada a magnetisação, Mme Noel carece de tomar ar por um instante. Produz-se então qualquer cousa de novo.

Quasi immediatamente, apezar do bico de gaz e da luz que penetra pela porta entre-aberta, vê-se uma roupagem branca, entre as cortinas, a meia altura do soalho e do baldaquino.

Mme Noel volta. Apaga-se o gaz, e espera-se bastante tempo, cantando em côro; a roupagem desapparece.

N'um dado momento, vê-se um tecido branco no mesmo sitio, e uma voz, cujo timbre não póde distinguir-se, chama a senhora ingleza ao gabinete. Copio textualmente a nota que ella me deu:

Sabbado, 26 d'agosto

«Bien-Boa chama-me ao gabinete; vou e creio ter fechado bem as cortinas.

Apercebo uma forma branca ao lado de Martha; uma voz me diz: «Fechai!» Então reconheço que as cortinas não estavam bem cerradas. Por isso fecho-as. Já não vejo a forma. A voz que me falla vem primeiramente d'um sitio muito perto do meu ouvido esquerdo, depois, desloca-se pouco a pouco enfraquecendo e, finalmente, como que entrou em Martha, sendo a phrase terminada por esta adormecida. Eu tinha os cotovellos appoiados sobre as mãos dos mediums, e *de proposito,* ao entrar no gabinete, collocára a mão direita sobre a cara de Martha, para me assegurar de que os labios não buliam quando a vóz fallava».

A senhora ingleza sahe do gabinete, volta ao seu logar, e annuncia-nos que é preciso esperar com paciencia e que poder-se-hia photographar. Passa-se uma meia hora; M.me Noel pede energicamente ao espirito para cumprir suas promessas.

Colloca-se nova véla na lanterna, porque a que lá estava ardera completamente.

Emfim o espirito mostra-se entre as cortinas pouco afastadas.

A frente está cercada d'uma especie de placa que brilha como ouro, tendo por cima um turbante.

O peito, cuja parte superior se vê, está coberto de bordados a ouro, e o vestido é d'uma brancura fulgurante. Ainda que as cortinas estejam quasi juntas, vejo Martha quando a apparição se desloca. Então pede-se-lhe para abrir mais as cortinas, e vê-se seu braço estender-se do interior do gabinete e puxar a cortina da direita (com relação a nós) de maneira a permittir-nos vêr Aicha adormecida no fauteuil; as mãos negras destacam-se-lhe nitidamente sobre o avental branco, tendo a cabeça visivel, graças á seda branca que lhe pozeram nos cabellos. Ao mesmo tempo vejo Martha. Ambas dormem; *os rostos das duas, as mãos, tudo é perfeitamente visivel.*

Durante este tempo Bien-Boa tinha-se desviado para a parte esquerda, obscura.

Ao fim d'um instante, continuando immoveis as cortinas. o espirito avança de novo, completamente formado.

Poder-se-hia já photographar.

E', pois, ainda *simultaneamente que vejo os dois mediums e o espirito.*

Bien Boa afasta-se para o lado esquerdo do gabinete.

M.me Noel previne, que da primeira vez qua a apparição se mostre assim, é preciso produzir a luz do magnesium. Espera-se bastante tempo, *mas os mediums continuam sempre á vista.* Emfim Bien Boa se mostra inteiro, ao lado de Martha, sobre a esquerda.

E' dado o signal de descarregar o magnesium. Falha o primeiro fulminante. O segundo felizmente pega bem. Applico a minha machina e espero ter uma photographia dos mediums e da apparição.

Parece-me que a luz forte não incidiu sobre o phantasma, que se conservou immovel e bem á vista. Apagado o clarão, Bien Boa desvia-se para a parte esquerda. Em seguida apparece de novo. M.me Noel pede para ser abraçada; a apparição accede, ouvindo-se o ruido d'um beijo. O phantasma envia tambem beijos á senhora ingleza, que inquire se poderia sentir-lhe o contacto dos labios, e o espirito menea affirmativamente a cabeça. Essa senhora levanta-se e vae até junto das cortinas. Bien Boa beija-a na face.

Um instante depois, M. Richet estende a mão por cima da mesa e a apparição lh'a cerra com força. *Os mediums estão sempre visiveis.* Depois o espirito fecha as cortinas.

Um pouco mais tarde, expresso esse desejo por M. Richet, M.me Noel pergunta se o professor poderia verificar as pulsações do coração da apparição.

Richet desloca-se e vem para o gabinete; introduz a mão por entre as cortinas, sendo a mesma tomada por duas mãos, que a applicam sobre um peito, *que não é d'uma mulher*, declara M. Richet, mas não sente o bater do coração, porque o phenomeno não dura muito tempo.

Em seguida faz-se uma nova pergunta. Trata se de saber se a mão do phantasma não poderia *fundir se* na de M. Richet. Este introduz outra vez a mão no gabinete. Sente que lhe apresentam uma mão, mas d'uma consistencia material, e M. Richet segura-a perto d'um minuro. Sentindo que ella quer retirar-se, abandona-a.

Espera-se ainda, mas tudo é terminado. Esta sessão é de certo a mais convencente de todas aquellas a que até agora assisti.

Que a photograpia saia bem ou não, para mim a certeza da existencia de Bien Boa é completa, porque bem o vi ir e vir emquanto os mediums estavam ambos inteiramente visiveis; e como elle cerrou a mão a M. Richet e beijou M.me Noel e a senhora ingleza, seria absurdo pensar em qualquer truc, que seria impossivel de executar n'estas condições.

Decidimos continuar os ensaios de photographia. Os dois mediums despertam mui lentamente.

Martha só ao fim d'uma hora tinha recuperado a consciencia completa. Cousa importante a notar: o calor era tão intenso, que o corpete lhe tinha adherido, como se tivera sido molhado, desenhando-lhe as formas ensopadas; e mesmo lhe succede á saia curta que adhere ao longo das pernas.

Domingo, 27 d'agosto

Sessão ás 5 horas e meia da tarde no pavilhão. Os mesmos mediums e os mesmos assistentes de hontem.

Martha está muito fatigada. Faz-se a prece. M.me Noel magnetisa

os mediums, depois sahe um instante. Luz vermelha. Quasi em seguida vê-se uma roupagem branca entre as cortinas.

Volta M.me Noel. Canta-se. Passa-se bastante tempo.

N'um dado momento, Martha sahe do gabinete, parecendo adormecida; marcha em volta dos assistentes até atraz da senhora ingleza.

Depois torna para o gabinete, fazendo sahir d'ahi Aïcha. Uma especie de roupagem branca é visivel ao longo da cortina esquerda, conservando-se ahi todo o tempo em que os mediums estão cá fóra. Estes entram para o gabinete. A roupagem desapparece.

Uma voz chama a senhora ingleza ao gabinete, o que ella faz, demorando-se ahi bastante tempo.

Parece que Bien Boa prometteu para amanhã uma boa sessão; hoje as condições não são favoraveis. Termina-se a sessão sem outro phenomeno.

Terça-feira, 29 d'agosto

Reunião ás 5 da tarde na sala das sessões. Inspecção da sala por M. Richet e por mim.

A senhora ingleza não está presente. Assistentes, M. Noel, sua esposa, eu, M. Richet, Martha, Paulette, Maria e Aicha.

Prepara-se o apparelho do magnesium. M. Richet comprou um novo apparelho, munido d'uma peça de cautchout, para lançar o magnesium na chamma d'alcool. Tres machinas photographicas estão assestadas para as cortinas. Duas são estereoscopicas, a outra é uma Kodac.

Martha e Aicha vão occupar seus logares no gabiuete. A leitura da prece é feita por M.me Noel. Entoam-se diversos cantos.

Decorridos cerca de 40 minutos, afasta-se a cortina da direita. Vejo logo completamente Aicha, mas não Martha.

Passam dois ou tres minutos; depois mostra-se Bien Boa, perfeitamente materialisado, entre a abertura das cortinas. Tem um turbante, e na frente uma especie de pequenas peças de ouro, umas a seguir ás outras, em logar do frontal da penultima sessão. Tunica branca, que afastando-se na parte superior, deixa vêr os bordados de ouro sobre o vestido do peito.

Bien Boa desvia-se para a esquetda, e eu vejo completamente o corpete branco, a saia preta e a mão direita de Martha; a cabeça está inclinada para traz e pouco distincta. Sobre a cabeça de Aicha collocou-se um pedaço de seda branca, estando as mãos bem visiveis sobre o avental branco.

A apparição entra no angulo da esquerda. Preparamo-nos para a photographar.

De novo torna a sahir do mesmo sitio, ficando quasi deante de Martha, com relação a mim, que estou de lado.

M.me Noel dá o signal. O fulminante falhou, tendo nós de recomeçar.

O espirito presta-se de boamente a todas as experiencias. Per-

gunta-se-lhe, se podemos empregar um phosphoro para ascender o alcool e diz que sim.

Acende-se o phosphoro, mas não ha alcool!

Pergunta-se ainda ao espirito, se se púde sahir, para ir buscar a garrafa que ficou fóra; inclina a cabeça affirmativamente. M. Richet sahiu então, emquanto a porta está semi-aberta, *penetrando a luz na sala, vejo simultanea e nitidamente Bien Boa e os mediums.*

M. Richet entra carrega-se o apparelho e accende-se o alcool.

As cortinas são fechadas pela apparição, mas não completamente, pois fica uma abertura na parte superior, por onde Bien Boa mostra a cabeça e por vezes vê a chamma d'alcool e os preparativos. Emfim tudo está prompto.

De novo correm as cortinas; vê-se completamente Aicha, mas Bien Boa fica deante de Martha. Pedimos-lhes para desviar-se á esquerda, afim de descobrir o medium: obedece, deixando vêr Martha. E' dado o signal e um fraco clarão se produz. O espirito não se mexe.

Decide-se fazer nova descarga de magnesium, a qual deu bom resultado, illuminando ao mesmo tempo os mediums e o espirito. Faço a pressão do meu apparelho, mas receio um insuccesso, pois é muito difficil obter um synchronismo perfeito entre o rapido instante da luz e a retracção do obturador.

Para a primeira vez deixarei a machina aberta um pouco antes do signal para photographar.

Ainda pedimos se seria possivel fazer outro ensaio. A apparição quer prestar-se a isso, mas não ha magnesium no apparelho; por isso decide-se ficar para a sessão seguinte a continuação da photographia.

Encorajada pelo resultado, M.me Noel roga ao espirito para sahir completamente do gabinete. Assim o faz, e *fica deante das cortinas, na sala,* ao lado do general Noel. De repente, a estatura diminue, enterra-se verticalmente no soalho e desapparece com grande rapidez, sem deixar qualquer vestigio, produzindo um ruido, como se um corpo material se derruisse sobre o pavimento.

Torna a sahir das cortinas e recomeça o mesmo phenomeno. Ao fim d'um instante, de novo se deixa vêr perfeitamente materialisado. M.me Noel senta-se nos joelhos de seu marido para se approximar do phantasma, que a abraça e todos ouvem o ruido d'um beijo.

N'esta occasião, falla-se-lhe da senhora ingleza, que sentirá não estar presente; então faz o gesto de lhe mandar beijos, e em voz baixa, sem timbre, diz uma phrase graciosa para ella. Depois entra no gabinete.

Passados minutos, vê-se pela abertura, o phantasma atravessar para a direita. Nossa attenção está fixa n'este lado, em que se produz um phenomeno do mais alto interesse. Fóra do gabinete, no angulo direito da sala, sem que as cortinas mexessem, á direita de Maria, ouve-se como o deslocamento d'uma cadeira, e vejo sobre o soalho uma cousa branca que se eleva e toma rapidamente uma forma. E' Bien Boa materialisado como o vimos ha pouco. Dirige-se

para a abertura das cortinas, passo incerto, como se a marcha lhe fosse difficil. Emfim, entra completamente e cerra as cortinas.

Distingue-se ainda uma ou duas vezes na abertura superior a cabeça de Bien Boa, e a sessão termina.

Nunca vi tão bem o espirito nem tanto tempo. Parece familiarisar-se á medida que as sessões são mais frequentes e o grupo mais homogeneo.

Mostra-se muito affavel, prestando-se ás condições que lhe propõem. Pediu-se-lhe de consentir em respirar n'um frasco e respondeu affirmativamente.

E' certo que o phantasma se formou á nossa vista, fóra do gabinete, sem duvida possivel; e não é como outr'ora, levantando as cortinas e passando por debaixo, que se mostrou, mas *formando-se directamente na sala.*

E' uma prova certa, de que Bien Boa, que ha pouco photographamos, é um ser differente do medium.

Não póde allegar-se nem allucinação, nem disfarce, nem manequim; para mim a prova é absoluta; é ainda a mesma apparição, que vimos desapparecer ha instantes deante do general sem deixar vestigios. O que é notavel é a rapidez do reconstituição: não leva mais de 5 a 6 segundos.

Quando o phantasma funde, é, litteralmente, como se sumisse n'um alçapão, que aliás temos a certeza de não existir. Até ao ultimo momento, tudo que falta por desapparecer é tão nitido, tão solido, como se o resto do corpo se não tivesse dissolvido. Depois, chegada a cabeça ao pavimento, bruscamente se dissipa.

Se uma grande paciencia é necessaria, chegamos emfim a resultados que nada deixam a desejar. O espirito conseguiu constituir completamente seu corpo. A gordura de Bien Boa é normal, os braços e o tronco são cheios, podendo até considerar-se um pouco nutrido.

(Continúa). GABRIEL DELANNE.

IMPRESSÕES D'UM MEDICO

NO LIMIAR DA ETERNIDADE

A ultima obra «*A personalidade humana*» do profundo investigador F. Myers, documenta-se com factos d'um altissimo interesse, entre os quaes destacamos hoje o relato do Dr. Wiltse, que foi publicado no Jornal de Medicina e Cirurgia de São Luiz (novembro de 1889).

Este facto foi recolhido pela Sociedade de Investigações Psychicas, tão prudente nos seus inqueritos; mas ainda o Dr. Hodgson e F. Myers o declaram de maior importancia, depois do estudo pessoal que fizeram do seu relator.

E' a propria narração original abreviada do Dr. Wiltse que vamos reproduzir:

«...Quando emfim se me dilataram as pupillas, começou a vista a desapparecer-me e faltou-me a voz.

Invahido pela sensação d'um entorpecimento geral, fiz um violento esforço para distender os dedos, pude collocar os braços sobre o peito; depois tornando a fechar os dedos crispados, fui rapidamente avassallado por um estado de inconsciencia completa. Durante quatro horas fiquei sem pulso nem movimento perceptivel de coração, segundo informações posteriores do meu medico assistente Dr. Raynes.

Durante este tempo muitas pessoas presentes me julgaram morto, e como a noticia se espalhasse, os sinos da povoação dobraram a finados.

...O Dr. Raynes enterrou-me uma agulha na carne, em varios pontos desde os pés até á cabeça, sem que eu désse o menor signal de vida.

Durante estas quatro horas dos signaes descriptos, houve meia hora em que a morte se apresentava com toda a apparencia.

Perdi toda a faculdade de pensar e todo o sentimento de existencia; encontrava-me na absoluta inconsciencia... Quando a consciencia me voltou, reconheci que ainda estava no meu corpo, mas entre mim e o corpo nenhum interesse commum existia.

Na admiração e na alegria, estudava-me a mim mesmo; via o eu, o *Ego* real encarcerado no não—eu, como n'um sepulcro d'argila. Com a curiosidade de medico, contemplava as maravilhas da physiologia corporea, com a qual me confundia, alma viva d'este corpo morto.

E então analysava com calma o meu estado, raciocinando assim: —Estou morto, segundo a linguagem dos homens, e comtudo, mais do que nunca, continúo a ser homem.

Eis-me prestes a sahir do corpo.

Seguia o processus interessante do desprendimento da alma.

Por uma força que não parecia sair de mim, meu *Ego* era como sacudido d'um e d'outro lado, similhantemente ao balançar d'um berço, e isto ajudava-o a libertar-se dos laços do tecido corporal.

Ao fim d'um instante, suspendeu-se este movimento, começando eu a sentir e como que a ouvir, ao que me parece, numerosas picadas, formando pequenos circulos, nas solas dos pés, desde os dedos até ao calcanhar.

Depois d'isto o meu *eu* começou a retirar-se vagarosamente das extremidades inferiores em direcção á cabeça; e quando esta assenção chegou aos quadris, reflexionava:

—Agora já não ha vida para baixo, nos pontos abandonados.—

Nenhuma lembrança tenho de haver atravessado o abdomen e o peito, mas lembra-me claramente ter feito a seguinte reflexão, quando eu todo estava concentrado na cabeça:—Eis-me completamente todo na cabeça; não tardará a que me desprenda d'ella—.

Como se eu fôra vasio, atravessei o cerebro, comprimindo-o e ás suas membranas, ligeiramente; e emfim appareço no centro, entre as suturas do craneo, emergindo como fasciculo de folhas tenues d'um involucro membranoso. Quanto á forma e á côr, recordo-me nitida-

mente de que eu me parecia, a mim mesmo, qualquer cousa como uma meduza.

Prestes a desprender-me apercebi duas senhoras sentadas á minha cabeceira. Calculei a distancia entre o leito e os joelhos da senhora vis-á-vis, concluindo que havia um espaço sufficiente para eu ahi poder ficar em pé, mas via-me extremamente embaraçado com a lembrança de que ia apparecer despido deante d'ella.

Comtudo, reflectindo que, com toda a probabilidade ella não poderia vêr-me com os olhos do corpo, pois que eu era um espirito, ousei sahir.

Desde que sahi, senti-me fluctuar mais alto, mais baixo; á direita, á esquerda, como uma bola de sabão que ainda adhére á extremidade d'uma palha, até que por fim, me desliguei do corpo, cahindo ligeiramente sobre o pavimento, d'onde me levantei, tendo tomado a apparencia exacta d'um homem. Eu era transparente como uma chamma azulada, e encontrava me completamente desnudado. Com uma penosa sensação de constrangimento, escapei-me até á porta entre-aberta, para furtar-me ao olhar das senhoras que ficavam defronte, assim como de outras pessoas, que eu sabia estarem em volta de mim; mas tendo attingido a porta, encontrei-me vestido. Tranquilisado quanto a este ponto, voltei novamente para junto das pessoas que tinha deixado. Havia junto á porta dois cavalheiros, e eu ao passar toquei com o cotovelo esquerdo o braço d'um d'elles.

Com grande espanto meu, o braço passou sem resistencia atravez do meu, cujas partes divididas se aproximaram sem difficuldade, voltando a reunir-se como o ar.

Então attentei vivamente na physionomia d'esse cavalheiro, para vêr se elle tinha sentido o contacto, mas d'isso nenhum signal deu, e conservou-se em pé olhando fixamente o leito, que eu ha pouco tinha abandonado.

Dirigi o olhar na direcção do seu e vi meu proprio cadaver. Elle lá estava, immovel na attitude que tanto me custou a dar-lhe, ligiramente inclinado sobre o lado direito, os pés juntos, as mãos cruzadas sobre o peito. Fiquei surprehendido com a pallidez das faces. Desde ha muitos dias, não me tinha visto ao espelho, e por isso julgar-me-hia menos descorado que a maior parte das pessoas igualmente doentes. A mim mesmo me felicitei da attitude decente que tinha sabido dar ao meu corpo, nã esperança de que meus amigos se impressionariam menos á minha vista.

Vi muitas pessoas, umas sentadas, outras em pé, rodeando o meu corpo; e em particular notei duas senhoras, que pareciam ajoelhadas á minha esquerda. Depois soube que eram minha mulher e minha irmã, mas n'aquelle momento não tinha consciencia das individualidades: esposa, irmã, amigo, para mim tudo era a mesma cousa.

Depois d'isso quiz chamar a attenção das pessoas, para vêr se as confirmava na certeza da sua propria immortalidade. Fazia-lhes graciosas saudações e enviava-lhes comprimentos com a mão direita, collocando-me no meio d'ellas, mas nenhuma attenção me deram. Então reconheci o comico da minha situação.

Eu pensava que isto devia ser percebido, mas não parecia, porque ninguem tirava a vista do meu cadaver. Commigo mesmo reflectia:

—Os outros só veem com os olhos do corpo, não podem vêr os espiritos.

Vélam aquillo que tomam por mim, mas eu estou aqui mais vivo do que nunca.

Depois atravessei a porta, desci a escada e segui até á rua. Ahi, olhei em volta de mim. Nunca tão distinctamente tinha visto essa rua como n'aquelle momento. Notei a côr rubra do sol e as poças d'agua deixadas pela chuva. Olhei anciosamente em volta de mim, como aquelle que vae ausentar-se do lar por muito tempo. Descobri então que era maior do que na minha vida terrestre e isso me alegrou.

Corporalmente eu era um pouco mais baixo do que desejava ser, e então, pensava, na minha nova vida talvez será realisado o meu desejo.

Notei tambem que o meu vestido se accommodava á nova estatura, e perguntava a mim mesmo com admiração, d'onde tinha vindo esse vestido, e como me achava com elle sem eu saber.

O fabrico era parecido com uma especie de tecido d'Escocia um bom vestido, não luxuoso, mas conveniente.

Como me sinto bem, pensei eu, e ha alguns minutos apenas estava horrivelmente doente e soffria; eis aqui a mudança que nós chamamos morte e de que tanto eu me horrorisava!

Mas deu-se; e sou eu ainda um homem vivo e pensante?—Sim, certamente, pensante com maior lucidez do que nunca; e que bem-estar eu sinto; nunca mais estarei doente, nunca mais morrerei!

Na exaltação de meu espirito, saltava de alegria, e logo a minha forma e o meu vestuario me chamavam a attenção.

De repente notei que podia vêr uma tenue costura nas costas do vestuario; e como posso vêr as minhas costas, reflectia eu?

De novo verifiquei olhando para as costas do vestido e parte posterior das pernas até aos calcanhares.

Levei a mão á cara para tocar nos olhos, encontrando-os no seu logar; mas seria como o môcho que póde dar meia volta completa á cabeça? Tentei fazel-o sem resultado.

Occorreu-me então, que, sahido do corpo por um instante, teria talvez a faculdade de vêr pelos olhos materiaes d'elle, e voltei, olhando para traz, pela porta entre-aberta, a verificar se a cabeça do meu corpo podia vêr-se em linha recta d'onde estava.

N'esse instante descortinei um fio tenue como uma teia d'aranha sahindo-me de traz dos hombros e ligando-me com meu corpo, por inserção na base do pescoço. Fiquei n'esta conclusão: que em virtude de tal laço, podia servir-me dos olhos do corpo e tornei a descer para a rua.

Dados apenas alguns passos, perdi de novo a consciencia. Quando voltei a mim, estava no ar sustentado por mãos que levemente me apertavam.

O dono d'essas mãos, se acaso o tinham, estava por traz de mim e impellia-me para cima de modo rapido mas agradavel. Com o tempo comprehendi melhor a minha situação; fui elevado e deposto á vontade na entrada d'um caminho estreito, bem construido e que subia com uma inclinação de pouco menos de 45 gráos.

Levantando os olhos, o ceu e as nuvens pareciam á altura habitual; abaixando-os, via o cimo verdejante dos bosques, e pensava que as arvores em baixo ficavam á mesma distancia que as nuvens em cima.

Examinei os materiaes do caminho, sendo quartzo côr de leite e de bella areia.

Tomei um grão e examinei-o attentamente; recordo-me muito bem que tinha no centro uma pequena mancha preta, e aproximando-o dos olhos, vi que era uma pequena cavidade, apparentemente causada pela acção chimica de qualquer metal.

Tinha chovido, fazendo-se sentir o fresco.

Notei que apezar da inclinação, nenhuma fadiga sentia na marcha, sendo meus pés leves e os passos incertos como os de uma creança.

Ao subir, acudia-me a lembrança da minha doença recente e alegrava-me da actual saude e força nova.

Depois invadiu-me um grande sentimento de desolação, e desejando a sociedade, raciocinei que, morrendo gente a cada instante, era muito provavel que em meia hora alguem viesse áquellas montanhas e assim teria companhia.

Aguardando, examinava a paysagem em volta de mim.

A nascente havia uma longa cadeia de montanhas, e em baixo estendia-se a floresta até aos flancos e para além dos seus cumes. A meus pés estendia-se um valle guarnecido d'arvores onde corria um soberbo rio, cujas aguas se quebravam em flocos d'espuma d'encontro a pequenos cachopos. Comparava o ao rio Emeraude e as montanhas assemelhavam muito o pico de Waldron.

A escarpa das rochas negras á esquerda do caminho, fazia-me lembrar Lookont Mountain no sitio em que a via ferrea passa entre o rio Tenessée e a montanha.

Assim as tres grandes faculdades do espirito, memoria, juizo e imaginação funccionavam ainda na sua integridade.

Esperei um companheiro durante quasi meia hora, mas não veio.

Lembrou-me então que talvez cada um, ao morrer, fizesse sua jornada individualmente, obrigado a viajar só; pois que não havendo duas pessoas absolutamente iguaes, podia succeder que, no outro mundo, não se encontrassem dois viajantes na mesma estrada.

Comquanto não pensasse em pessoa determinada que de preferencia desejasse vêr, tinha para mim como certo que alguem viria ao meu encontro.

Anjo ou demonio, reflectia eu, um virá, e tenho curiosidade de vêr qual.—Recordava-me de que não nutrira fé nos dogmas orthodoxos; tendo verbalmente professado uma crença livre, que julgava melhor. Todavia ponderava commigo:—nada sei; ha aqui logar para a duvida, logar para o erro? Quem sabe se sigo o caminho d'um des-

tino terrivel!—Aqui occorre uma cousa difficil de descrever; em volta de mim e de differentes pontos sentia a invasão de pensamentos expressos:

—«Não tenhas receio!

Tu estás salvo!»

Nenhuma voz ouvia, nem via pessoa alguma, mas tinha perfeita consciencia de que, a diversas distancias, de pontos diversos alguem pensava estas cousas a meu respeito. Como tinha eu d'isto consciencia? o facto era tão mysterioso que duvidava quasi da sua realidade. Um sentimento de duvida e de receio me invadiu e começava já a julgar-me bem infeliz, quando um rôsto cheio de ineffavel amor e ternura me appareceu um instante, fortificando a minha fé.

Na minha frente, a alguma distancia, subito tres prodigiosos rochedos apparecem cortando-me o caminho; á sua vista suspendi, admirado de que estrada tão bella podesse estar assim bloqueiada.

Em quanto perguntava a mim mesmo o que devia fazer, uma nuvem sombria, cuja extensão avaliei em mais de 2.000 pés, appareceu por cima de minha cabeça.

Em breve essa nuvem era sulcada de traços d'uma chamma viva e movediça, que não se apagavam ao contacto da nuvem, porque eu os via atravessando-a, como se veem os peixes na agua profunda.

A superficie da nuvem abriu-se como uma tenda immensa e volveu lentamente em volta do seu eixo vertical.

Logo que voltou tres vezes, tornei-me consciente da presença de um ser, que eu não podia vêr, mas que eu sabia vir da parte meridional. Sua presença não era como uma forma, era como uma vasta intelligencia que enchia a nuvem. Não era como eu, pensava; minha forma enche um pequeno espaço que fica vasio quando me desloco, em quanto que ella póde encher a immensidade quando quizer e mesmo sem deixar a nuvem.

Então dois flancos d'essa nuvem foram projectados dois jactos semelhantes a linguas de vapor, suspendendo-se docemente de cada lado da minha cabeça.

Logo que me tocaram, pensamentos que não eram os meus entraram-me no cerebro.

São, disse eu, os seus pensamentos e não os meus; poderiam ser em Grego ou Hebreu e do mesmo modo os comprehendia. Mas quanto devo agradecer na minha lingua materna por poder assim comprehender toda a sua vontade!

Comtudo, ainda que a minha percepção fosse em inglez, essa linguagem estava tanto acima do que posso exprimir, que differe da realidade como a traducção d'uma lingua morta differe do original. Assim, para exprimir:—E' este o caminho que conduz ao mundo eterno—a phrase só tinha quatro palavras. Nem uma unica phrase, se houvesse de escrever-se, podia conter-se n'um só periodo, tal era a complexidade do sentido. Eis a summula como a posso dar:—«E' este o caminho que conduz ao mundo eterno. Os rochedos marcam a fronteira entre os dois mundos e entre as duas vidas. Uma vez passada a méta, não poderás mais voltar ao corpo. Se o teu fim

é escrever as coisas que viste e dar ao acaso a sua publicação, relatando-as particularmente, no segredo da intimidade, se é isso apenas, tens concluido e podes passar além d'aquelles rochedos. Se, porém, conclues, depois de teres visto e reflectido, que é preciso publicar e escrever o que presenceaste e que isso deve attrahir e instruir, tua tua missão não está cumprida e podes voltar ao teu corpo.

... Encontrei-me em frente e junto dos rochedos, onde havia quatro passagens: uma muito escura, á esquerda, entre a escarpa e o ultimo rochedo d'este lado; outra, em arco abatido, entre a rocha da esquerda e a do meio; uma similhante entre esta e a da direita; e emfim um atalho muito estreito, contornando o rochedo da minha direita, sobre a borda do caminho...

Pensava eu vêr em breve anjos ou demonios, ou uns e outros talvez, quando vi estas duas formas, taes quaes muitas vezes a minha imaginação as creou.

Examinando-as de perto, reconheci que não eram reaes, mas uma simples imagem de meus pensamentos e que qualquer forma podia ser produzida d'esta maneira.

Que mundo maravilhoso, reflecti eu commigo, em que o pensamento se torna tão intenso que reveste formas visiveis!

Quanto vou ser feliz n'este reino do pensamento!...»

Sendo obrigados a resumir este artigo, que excede o espaço que lhe destinamos, diremos que o Dr. Wiltse ia a resolver-se a atravessar a fronteira mysteriosa, quando uma força o paralysou, fazendo-lhe de novo perder a consciencia; e sem esforço os olhos se abriram no quarto onde seu corpo estava.

Foi uma verdadeira decepção o encontrar-se de novo alli, o que lhe fez exclamar: «Ser-me-ha preciso morrer ainda outra vez.»

No livro de Meyers, *A personalidade Humana*, apparecem junto á narração do Dr. Wiltse, as testemunhas que confirmam a materia de facto verificavel d'aquella narração; isto é, a posição real das pessoas que assistiam á pseudo-agonia, a presença de dois cavalheiros junto á porta, o tempo chuvoso... e todos os outros factos que viu o doente durante o periodo d'inanição e morte apparente.

Nós mesmos que vamos firmar este artigo, além de conhecermos varios factos d'exteriorisação, observados por outros investigadores, temos ouvido o relato de factos analogos originaes, ás proprias pessoas com quem succederam.

Sousa Couto.

BODAS D'OURO DE WILLIAM CROOKES

No dia 10 d'abril passado celebraram-se em Londres as bodas de ouro de William Crookes, tomando as proporções d'uma consagração publica.

O grande sabio e investigador, que com a mesma hombridade que publicára as suas descobertas chimicas e physicas, proclamára

a realidade da materialisação dos espiritos, recebeu a prova universal de quanto o seu nome era respeitado e venerado.

Elle mesmo ficou captivado do numero immenso de congratulações, que lhe enviavam de toda a parte do mundo civilisado.

A Allemanha, a França, a Italia, os Estados-Unidos, a Australia, a India, etc., Institutos, Universidades, individuos das mais elevadas cathegorias scientificas, pagaram o tributo d'estima ao eminente physico.

D'aqui tambem, aproveitando o momento, o director dos *Estudos Psychicos,* admirador do sabio eminente e pessoalmente grato ás suas attenções, lhe envia a mais sincera felicitação.

RECTIFICAÇÃO

Enviou-nos o sr. conde Albert de Rochas os dados para a seguinte rectificação:

A pedido da redacção da revista franceza *Je sais tout* remetteu-lhe o sr. conde um artigo, intitulado *Revenants et fantômes,* em que resumia o relato de Ch. Richet sobre as experiencias da Villa Carmen, sendo o intuito do artigo mostrar, que a materialisação mais ou menos completa d'um ser humano não é mais do que a phase extrema d'uma serie de manifestações observadas desde a mais alta antiguidade.

Ora a direcção do *Je sais tout,* impressionada por versões que depois foram desmentidas, supprimiu essa parte do artigo, e dando a photographia de Bien-Boa, acompanhou-a d'uma legenda arguindo de falso o phantasma.

E' contra esta legenda que o conde de Rochas protesta, pois que, não tendo presenceado, presta mais credito aos relatos documentados d'um homem de sciencia, competencia e probidade conhecidas, do que ás declarações e insinuações de pessoas sem credibilidade. A direcção do *Je sais tout* fez tambem egual rectificação.

Rogamos a todos os assignantes dos *Estudos Psychicos* a continuação de suas assignaturas, para que a Revista possa desempenhar em Portugal a missão a que está destinada.

Se fazemos este pedido, é porque razão sobeja temos para isso.

Já que as descobertas n'este ramo de investigações se cultivam e publicam por toda a parte, nós devemos entrar como factor n'esse movimento, de que ha a esperar os maiores beneficios.

Para tanto é preciso o concurso de todos, o auxilio a uma publicação que se inicia confiada na acceitação publica. E este favor que pedimos aos nossos assignantes confiados na sua protecção.

N.º 2 JULHO DE 1906 2.º ANNO

ESTUDOS PSYCHICOS

REVISTA MENSAL DE ANIMISMO
E ESPIRITISMO EXPERIMENTAL

Director — DR. SOUSA COUTO

COLLABORADORES — Drs. Maxwell, Laurent de Faget, De Reyle, Wolowski, Marzorati, Roso de Luna, Quintin Lopes, Martins Velho, etc.

Escriptorio — Rua do Ouro, 149, 2.º LISBOA

A CRITICA E OS CRITICOS

(Conclusão)

VIII

Era nossa intenção dar a esta serie de artigos o amplo desenvolvimento que ella requeria, para deixar bem marcada, como regra geral, a falta de preparação e d'ahi o prematuro juizo de quantos temerariamente ousam entrar no debate dos phenomenos psychicos.

Foi este o nosso intento inicial, mas a sua execução nos levaria largo tempo, porque seriam precisos muitissimos artigos para o realisar.

Sem renunciar definitivamente á idéa de o fazermos em opportuna nova serie, temos hoje de rematar a materia, para dar entrada a outros assumptos de não menor interesse, como cumpre á indole d'esta revista.

Uma verdade queremos erguer solemnemente, e seria ella o pensamento dominante de quanto escrevessemos n'esta ordem de idéas: para auctorisar uma opinião sobre os phenomenos animicos e espiritas, ha só um elemento de valor — é um longo e reflectido estudo das experiencias alheias e uma grande copia de experiencias proprias.

E' cousa bem digna de notar-se, sem excepção, a ausencia d'esse elemento, d'essa condicão cardial nas criticas passionaes de opposição e egualmente nas discussões verbaes sobre assumptos de espiritismo.

Todos querem emittir parecer, todos se arrogam o direito de decidir, todos se julgam habilitados a formular opinião segura; e quão poucos possuem ao menos a elementar condicionalidade necessaria a uma interpretação justa!

Nos largos annos de palestras e discussões sobre esta materia, temos colhido frisantes exemplos da extranha modalidade dos juizos humanos.

Cada um faz a apreciação de qualquer assumpto pelo prisma personalissimo do seu criterio.

Ora o criterio de cada um, como funcção de elementos variadissimos, noções, interesses, organisação logica, etc., diverge de individuo para individuo, n'uma incontavel variedade de fórmas.

Para uns, o pleito é dirimido *á priori:* tratando-se d'um facto que reputam impossivel, como tal altamente o proclamam, e, ou não en-

tram em controversia sobre elle, ou recorrem sempre a essa impossibilidade dogmatica, pondo de parte a adversa affirmação positiva.

Esta fórma de raciocinio tem innumeros proselytos entre os commodistas, os pertinazes, os pretenciosos de todas as edades e posições, que se envaidecem na presumpção de possuirem a omnisciencia.

Em seu entender, a natureza desvendou o ultimo mysterio e a sciencia disse a ultima palavra.

Ha individuos considerados doutos, e o que é mais, cultores d'uma especialidade, que julgam encontrar n'ella a chave de todos os enygmas e solução a todos os inqueritos.

Com este modo de julgar, o progresso nunca teria dado um passo, nem teria vencido os obstaculos, que em todas as épocas lhe levantou a pobresa de taes conjecturas.

Para outros, a duvida systematica, esta duvida que podemos chamar imprudente, no sentido originario do termo, satura-lhes todas as faculdades mentaes, e com ella, como n'uma ambiencia suspeita, o raciocinio não se aclara, a deducção nitida não se produz.

Para estes, os factos não são realidades; todos os investigadores mentem; todos teem interesse ou falta de probidade; os nomes mais illustres, as capacidades mais provadas, se deixam suggestionar por uma idéa, embora falsa, e não pódem anniquillar a sua influencia.

O que podemos affirmar é que uns e outros, os que negam e os que duvidam, nenhum esforço fazem para adquirir uma convicção fundamentada sobre tal assumpto.

Discutem-n'o e julgam-n'o segundo os preconceitos ou segundo as noções que constituem o fundo da sua mentalidade, imaginando-se habilitados a formar um juizo seguro ou ter um voto decisivo no problema.

Mas se os interrogamos sobre as obras especiaes que leram, declaram cathegoricamente que nada teem lido ou que não querem lêr. Sobre experienciaes pessoaes, a mesma resposta: não as teem feito nem pretendem fazel-as; teem receio de se desorientarem; temem ficar dominados, subjugados nas suas faculdades intellectuaes. Outros ha ainda que suppõem estes phenomenos sobrenaturaes, e por isso os não estudam. E' preciso reagir contra esta falsa idéa.

A ninguem affugente a idéa do sobrenatural. Milhares de vezes se ha affirmado que o sobrenatural não existe: tudo é natural, subordinado a leis immutaveis da natureza, que não tem caprichos, que nunca os teve nem os terá.

Sempre assim succedeu; emquanto um phenomeno parece contrariar ou derrogar as leis naturaes, classifica-se de sobrenatural, mas desde que se reconhece que as leis reguladoras d'elle são constantes, deixa perder aquelle caracter.

E' por isso que os modernos investigadores, que teem estudado os phenomenos psychicos e suas condições, repellem completamente a denominação de sobrenaturaes.

As experiencias que se teem realisado sobre a transmissão do pensamento, nos estados propicios, quer a perto, quer a distancia, a influencia que alguns individuos pódem exercer sobre certas pessoas

sensitivas, a visão a distancia, as manifestações da força psychica pela percussão, levitação, os phenomenos de materialisações, de apports, de escripta directa, etc., revelando uma intelligencia, são hoje do dominio da sciencia positiva, d'um ramo da biologia, já que sobre elles se pódem exercer os sentidos e os processos de investigação.

Não ha pois sobrenatural.

Temos lido um grande numero de criticas sobre os phenomenos psychicos, quer em livro, quer em artigos dispersos em varias publicações; e bem dolorosa é a impressão sentida perante a incompetencia accusada em todos esses trabalhos.

Um grande e commum defeito se nota em todos elles: sempre a mesma falta de cultura especifica, a mesma ausencia de experimentação pessoal.

Não seria muito mais rasoavel estudar bem um assumpto antes de o atacar ou antes de formular sobre elle prematura convicção?

Não será este o caminho naturalmente indicado pelo bom senso, pela propria necessidade scientifica, que prefere os factos ás negações, pois é sobre elles que tem de fundar o seu edificio?

A este respeito, não póde haver duas opiniões differentes;—o unico methodo que deve empregar-se na conquista da verdade é o estudo dos factos positivos em que ella se funda, serenamente, friamente, como se todos os nossos conhecimentos anteriores não existissem ou de nada servissem para contrariar a nova descoberta.

Substituir a este processo o da invectiva graciosa, o do conceito individual, o da especulação mais ou menos phantasista, é sem duvida abandonar o caminho logico e seguro da rasão, contrariando o passo austero da sciencia.

Por vezes temos feito aqui um sincero appello aos homens doutos, a fim de que dispensem umas horas de estudo a este momentoso objecto e nunca será demasiada a instancia, já que a reincidencia da critica imperfeita está sendo um symptoma bem caracteristico de desinteresse pela questão mais importante para a humanidade.

Bem sabemos que a marcha do progresso é lenta e que toda a evolução se faz por graus imperceptiveis de ascenção.

Mas lenta e imperceptivel, é tambem vigorosa e tersa a cruzada.

A pouco e pouco, a luz se vae fazendo; novos factos veem confirmar os anteriores, e como sempre, a verdade triumphará dos obstaculos que ignaramente lhe levantam.

E' de todos os tempos a tendencia dos homens para criticarem o que não conhecem; cumpre a todos os que observam esse errado trilho, chamarem-n'os ao terreno da experimentação, incitarem-n'os ao estudo flagrante dos factos, embora seja fatigante a tarefa, para que a sciencia alargue os seus horisontes.

E' o que temos feito, é o que faremos denodadamente.

Sousa Couto.

INVESTIGAÇÕES SOBRE AS MATERIALISAÇÕES DE PHANTASMAS E OUTROS PHENOMENOS

PELO DR. PAULO GIBIER

(Conclusão)

VII

4.º — *As materialisações ou estas personagens que nos fallam com sua propria voz são o que dizem ser?*

Vimos anteriormente (nota D) que Ellan não pôde ou não quiz par-me explicação sobre a desmaterialisação, quando lh'a pedi. Pois menos reservado foi quando lhe perguntei se não era uma segunda personalidade ou uma personificação emergindo do sub-consciente do medium, d'onde emanariam tambem todas as outras materialisações. Declarou-me emphaticamente que elle mesmo, assim como os outros «espiritos» que se manifestam pelo medium, seu instrumento, são entidades, personalidades distinctas, espiritos desincarnados, cuja missão é demonstrar-nos a existencia da outra vida. Accrescentou que é em virtude das «forças materiaes» (?) emanadas do medium, que conseguem manifestar-se sobre o nosso plano.

Sem acceitar cegamente asserções da natureza das precedentes, não será permittido suspendermo-nos um momento para reflectir a tal respeito, e mesmo esperar que o phenomeno da materialisação nos fornecerá n'um futuro proximo a solução d'este problema inquietante, que hoje defronta a psychologia: sub-liminal ou espiritos? ou ambas as cousas? ou nem uma nem outra?

5.º — *Se não são o que dizem, que pódem então ser?*

Se os espiritos (materialisações n'este caso) não são intelligencias, almas que animaram corpos humanos, «sobre o nosso plano», como gostam de dizer, não faltarão hypotheses para explicar o que elles não dizem ser.

E, primeiramente, dizem *elles* sempre que são espiritos desincarnados? Julgamos saber o contrario, mas não insistamos.

Seria prematuro abordar esta questão n'este momento e como elle requeria; contentemo-nos pois em encarar a unica hypothese, que actualmente é permettida em psychologia: seriam estas materialisações manifestações subjectivas do inconsciente do medium?

Nas escolas de psychologia, as menos suspeitas do «psychismo», admitte-se hoje que o inconsciente póde fallar sanscrito ou mesmo marciano ou personificar perfeitamente pessoas fallecidas de que nunca ouviu fallar, mas cujos caracteres percebe (sem duvida, talvez) na subconsciencia d'um vivo presente ou distante (telepathia).

Em summa, segundo alguns psychologistas, não se póde saber de quanto é capaz o subliminal (como lhe chama Myers).

Não nos detenhamos por tão pouco e já agora digamos que bem poderia o subliminal, que nos dá que entender com os hystericos, hypnoticos, somnambulicos, etc., conseguir exteriorisar, ao mesmo tempo que uma segunda ou qualquer personalidade do medium, uma

quantidade de substancia bastante a produzir momentaneamente um homunculo, ou um phantasma com mais ou menos apparencia de vida.

Seria uma variedade poderosa de telekinesia.

Daria assim a illusão d'esta personalidade, que lhe aprouve imitar e cuja imagem physica ou moral póde ter colhido no subliminal dos assistentes, como n'outros casos imita a voz, as maneiras, a escripta d'essa personagem sem sahir do medium.

Nos casos como o de Maudy, poder-se-hia admittir que se trata d'uma reminiscencia, e que Maudy não é senão a representação do medium na edade de 8 annos; mas tudo isto é bem complicado.

Esperaremos ainda antes de formular uma opinião, e teremos paciencia na esperança de vêr realisar-se o accordo entre «os espiritos» e os psychologistas. Porque é preciso tambem dizer: Longe estamos de poder crêr sobre palavra em tudo que estas fórmas materialisadas contam, como o que emana dos outros modos da chamada communicação entre os mortos e os vivos.

Mais se estuda, observa, lê ou experimenta, mais se vêem lacunas ou contradicções nas diversas manifestações, que em verdade nos dão por vezes a impressão de qualquer cousa, como o inconsciente de Hartman.

Um devoto não hesitaria em reconhecer ahi o «espirito da mentira.»

Comtudo, é preciso nao perder a coragem e no meio dos productos que vemos sahir do filao dos factos psychicos, é possivel encontrar bastante mineral precioso, para que sejamos pagos do nosso trabalho, e, ousamos dizer, amplamente pagos.

6.º — *Se elles são o que dizem ser, que devemos concluir?*

O que acabamos de dizer no paragrapho precedente poderia dispensar-nos de examinar este ponto, que comtudo é preciso mencionar, porque naturalmente nos occorre ao pensamento.

Pois bem! Pensamos muito simplesmente que as consequencias d'este facto teriam um alcance incalculavel, dado o grau de evolução a que chegaram hoje os outros ramos da sciencia. Mas não insistiremos mais sobre este ponto, que já tratámos n'um trabalho precedente. (1)

Taes são as questões e as hypotheses, que surgem deante do espirito do investigador, em presença dos phenomenos que acabamos de estudar.

Accrescentarei apenas uma nota com respeito ás materialisações. E' a seguinte: nas reuniões que têm por fim assistir a este phenomeno, as fórmas materialisadas mostram-se muito timidas, ao principio, mesmo com um bom medium. Quando os assistentes se conhecem e entre elles e o medium se estabelece uma confiança mutua, as fórmas mais facilmente permittem que nos approximemos e as toquemos. Exemplo: tinha tido numerosas conversas com «Ellan», que me per-

1 *Analyse des choses*. Paris, 1889.

mittiu de lhe cerrar a mão, mas que se dissolveu e desappareceu, desde que uma outra pessoa, que apenas conhecia, se approximou. «Maudy» tinha grande predilecção para com uma das senhoras que assistia ás nossas experiencias, e que conhecia pelo menos ha quinze annos. *E' preciso ganhar sua confiança.* Esta nota poderá ter sua utilidade, para os que se entregarem ao estudo d'estes phenomenos.

Conclusões

Espero que me perdoarão de fallar aqui de reminiscencias pessoaes; mas é que ellas estão ligadas com os factos de que acabo de fallar.

Em 1886, quando publiquei o resultado de minhas investigações sobre certos factos psychicos, sabia muito bem o que me esperava, como prova o prefacio que publiquei n'essa época. (1)

Todavia julgava que não seriam precisos quinze annos para a verdade apparecer á luz. Esquecia que a verdade é eterna e que quinze annos não são sequer um instante para o que dura sempre. A verdade tem tempo para esperar; mas nós, pobres mortaes, «ephemeras» materialisações que somos, temos decerto algum direito de estar impacientes, quando sentimos a vida escapar-se de nós como a agua da mão que busca apertal-a.

Quando, por ter proclamado um facto, porque julgavamos saber que existia, vemos fecharem-se deante de nós as portas do caminho que nos parecia destinado, e até nossos mestres, collegas e amigos mais presados, darem ouvidos a baixas calumnias e afastarem-se de nós; quando nosso domquichotismo nos conduz ao exilio e nos faz passar estes quinze annos longe da patria e de quanto ella encerra de querido para comnosco, temos decerto, repito-o, alguns direitos á impaciencia.

Mas, emfim, é chegado o momento em que temos a satisfação de vêr a avalanche dos factos engrossar todos os dias. O que hontem não passava d'um floco imperceptivel, vae em breve, n'um poderoso impulso, irromper no campo da sciencia.

Devo aqui fazer uma pausa: acabo de fallar da sciencia.

Estamos auctorisados a introduzir n'ella o estudo d'estes phenomenos? N'outros termos, não deveriamos evitar que a sciencia se misturasse assim com a sciencia occulta?

Em resposta a esta objecção que me foi feita, aproveito a occasião que se offerece para declarar cathegoricamente que eu não creio na existencia das duas sciencias. A sciencia é uma só: e o esforço para o conhecimento das leis naturaes, é o estudo da natureza de tudo quanto n'ella se passa. A chimica, a physica, foram outr'ora sciencias occultas; quem falla hoje de occultismo em physica ou em chimica?

Ha sómente duas classes de estudiosos da sciencia: d'um lado, os

(1) *Spiritisme,* loc. cit.

que buscam levantar a cupula do edificio antes de estabelecer solidamente os alicerces, e pretendem interpretar a natureza antes de conhecer os elementos de suas leis. Do outro lado, ha aquelles que avançam prudentemente, passo a passo, depois de se terem assegurado da consistencia do terreno, os quaes escavam conscienciosamente o solo para descobrir a rocha, sobre que deverão ser assentes os fundamentos do conhecimento. Nós queremos pertencer a estes ultimos.

E' conhecida esta asserção d'um pensador: «Se Deus existe, a sciencia o descobrirá.» Não sabemos se pertence á sciencia fazer esta descoberta, mas podemos esperar que se a consciencia do homem sobrevive á morte do corpo, a psychologia experimental o demonstrará. Alguns scepticos de hontem, hoje credulos ferventes, asseguram que ella já o demonstrou.

Seja como fôr, se esta prova deve um dia ser feita, se nós a queremos completa, brilhante, irrefragavel, accumulemos as observações e as experiencias, pois que, como escrevia Buffon no seculo passado, os livros em que ellas estão recolhidas são os unicos verdadeiramente capazes de augmentar nossos conhecimentos.»

DR. PAUL GIBIER.

AS MATERIALISAÇÕES DA VILLA CARMEN

(Conclusão)

Quarta-feira 30 de Agosto

Sessão á noite nos aposentos de M.me Noel; visita preliminar por M. Richet e por mim. Portas e janellas selladas, prece, magnetisação, lampada vermelha. Os mesmos assistentes, com a senhora ingleza e os mesmos mediums.

Sessão nulla, ou quasi nulla. N'um dado momento, distingue se qualquer cousa brilhante no angulo esquerdo da entrada do gabinete, quasi á altura em que estaria a cabeça da apparição; depois nada mais, apesar d'uma longa espera. Exame nos sellos; estão intactos.

Quinta-feira 31 de Agosto

Inspecção da sala por M. Richet e por mim. ás 4 e meia. Preparativos dos apparelhos de magnesium e da lampada de alcool. Assistentes os da sessão anterior; mediums, Martha e Aicha, que tomam logar no gabinete. Para os assistentes a ordem é sempre a mesma. Accende-se a luz vermelha, assim como o bico Auer, durante a inspecção, prece e magnetisação dos mediums.

Depois da reentrada de M.me Noel, apaga-se o bico Auer.

Quasi immediatamente depois de fechadas as cortinas e durante a sahida de M.me Noel, entrando a luz do dia pela porta semi-aberta, Bien Boa mostra a cabeca pela abertura superior das cortinas, e desapparece logo, quando M.me Noel voltou ao seu logar.

Espera bastante longa.

Uma voz chama a senhora ingleza, que vae ao gabinete e o espirito lhe diz que se poderá photographar, mas que é preciso paciencia.

Essa senhora volta ao seu logar e canta-se quasi durante meia hora.

Depois d'este tempo, as cortinas afastam se, e o phantasma se deixa vêr inteiro, mas não se demora muito tempo.

Um instante depois reapparece e puxa a cortina da direita, o que permitte de vêr um pouco Aicha. Pede-se-lhe para abrir mais; com o braço direito impelle uma segunda vez o pesado reposteiro, depois entra no angulo da esquerda. Estes effeitos mechanicos indicam da parte do phantasma uma certa força muscular. Quando de novo se mostrou, pede-se-lhe para passar á esquerda, de maneira a deixar-nos vêr Martha.

Elle puxa a cortina da esquerda e então vê-se completamente o corpo d'este medium.

Um instante antes tinha dito que elle mesmo daria o signal para a photographia. Espera se.

Ouve-se então sua voz sempre velada, que diz: vá! A luz do magnesium permitte que o vejamos muito bem, inteiro, ao mesmo tempo que Aicha e uma parte do busto e saia de Martha.

A combustão do magnesium continúa ainda um instante depois da descarga, o que nos deixa vêr bem todo o grupo.

Pergunta-se a Bien Boa, se podemos recomeçar. Assim o quer; fecham se as cortinas.

Substituo a placa no meu apparelho, fazendo outro tanto M. Richet e a senhora ingleza.

Foquei. O phantasma mostra-se novamente, depois de ter afastado as cortinas. Dá o signal. Nova descarga; depois entra e cerra as cortinas. São findas as experiencias photographicas.

M. Richet exprime o desejo de vêr ainda a apparição formar-se fóra das cortinas. Bien Boa promette fazel-o.

Decorreram cerca de 10 minutos, durante os quaes se canta. Nossa attenção está fixada sobre o lado direito do gabinete. Quasi no mesmo sitio que na penultima sessão, uma especie de mancha branca apparece, eleva-se, e mui rapidamente, *o phantasma apparece completamente formado á nossa vista.* Dirige-se para o gabinete seguindo a cortina da direita. Antes de entrar, inclina-se sobre M.me Noel como para a abraçar, depois entra. Ainda o vemos a primeira e segunda vez na abertura das cortinas, e a sessão termina.

E' a segunda vez que nós vemos a apparição formar-se sob o nosso olhar, na sala. Esta observação, que se repete a pedido de M. Richet tem um bem grande valor scientifico. Muito se agradeceu a Bien Boa a sua condescendencia, promettendo elle para a sessão seguinte a experiencia da baryta. A apparição tem sempre esta especie de capacete que brilha como o ouro, mas desta vez veio sem turbante, uma especie de veu que cobre a parte superior da cabeça.

Haverá sessão ámanhã.

sexta-feira, 1 de Setembro

Inspecção da sala por M. Richet e por mim. Hoje Aicha está doente, de fórma que Martha será o unico medium.

Folgo com isso, pois veremos se a presença de duas pessoas no gabinete é necessaria para a manifestação de Bien Boa. Assistentes os mesmos; logares os costumados. Hoje não se trata de photographia; estamos certos de que a apparição não é de naturesa hallucinatoria, porque as placas sensiveis nos mostraram imagens do phantasma identicas ás que os olhos nos permittiram observar.

M.me Noel faz a prece e magnetiza Martha, que está no gabinete e dorme rapidamente. Durante a curta sahida de M.me Noel e quasi immediatamente após a magnetisação, apercebe-se a cabeça de Bien Boa, no alto, atravez da abertura das cortinas.

Trata-se agora de ver bem o medium e pedir á apparição para sahir do gabinete e vir junto a nós, depois se tentará a experiencia da baryta.

Após um quarto de hora de espera em que se canta, o espirito mostra-se bem materialisado entre as cortinas, tendo sido vigorosamente afastada pelo braço do phantasma a da direita. Depois de duas tentativas, ainda afasta completamente a da esquerda, vendo-se então Martha adormecida, a cabeça inclinada para traz e as mãos sobre os joelhos. Bien Boa sae do lado esquerdo, inteiro, muito bem formado. A placa metalica que tem sobre a fronte brilha como ouro. Tem bigode e barba. Corre a cortina da esquerda porque a luz incommoda o medium. Depois entra para a parte esquerda, obscura.

Um pouco mais tarde, *pela terceira vez*, desde o começo de nossas experiencias, a apparição produz-se no angulo direito da sala, sempre sob a apparencia d'uma mancha branca que engrandece rapidamente e toma a forma bem conhecida de Bien Boa. Vê-se então o espirito dirigir-se para a abertura das cortinas, e antes de entrar beija M.me Noel, pois que todos ouvem o ruido dos labios. Depois entra no gabinete, diminue brandamente e desapparece no chão, á nossa vista, sem deixar vestigio material.

Canta-se por bastante tempo. De novo se mostra entre as cortinas. Por pedido energico e supplica de M.me Noel, *sae do gabinete*, dirige-se para a direita faceando a cortina, chegando até Maria, voltando depois de vagar. A marcha é lenta. Passa deante do gabinete sem entrar e segue sereno, passando por traz do general Noel e caminhando na sala, em volta da mesa, perfeitamente illuminada pela luz vermelha.

Chegado a M. Richet o phantasma passa-lhe a mão pela cabeça e beija a senhora ingleza. Esta tinha adormecido e Bien Boa disse que esperára porque despertasse para sahir. Segue no passeio circular. Antes de entrar no gabinete, pergunto se me quer dar a mão e elle cerra energicamente a minha atravez da roupagem do vestido e depois penetra no gabinete.

Pouco depois, a cortina da direita avoluma na parte inferior, e Bien Boa sae do gabinete como uma pessoa ordinaria, dobrado; apruma-se, vai até á abertura e entra.

M.me Noel pede para se fazer a experiencia com a baryta, cuja idéa pertence a M. Richet. Sabe se que o ar exhalado dos pulmões contem acido carbonico; para o demonstrar basta soprar n'um balão contendo baryta em dissolução para dar logar ao carbonato de baryta, revelado logo sob a forma de precipitado branco.

M. Richet tinha preparado e levára, uma dissolução de baryta n'um frasco com duas tubuladuras, uma das quaes recebia um tubo de caoutchouc munido d'uma boquilha d'osso. A pedido de M.me Noel, Bien Boa sae do gabinete e vem á meza, junto ao general Noel. N'este momento a cortina da esquerda é afastada e vejo muito bem Martha, toda ella adormecida na cadeira. Comprehendendo toda a importancia d'este facto, por tres vezes differentes, apesar do pedido de M.me Noel para me calar, pergunto a M. Richet se vê bem o medium.

Da primeira vez diz vêr só as mãos, e das outras vezes diz sim. M. Richet toma o frasco, vê a dissolução limpida, pondo o frasco na meza, em frente do espirito, dizendo lhe para soprar pela boquilha. Assim o faz e ouve-se um sôpro forte e regular, mas não se ouve o borbulhamento, porque o espirito não tinha soprado pela extremidade do tubo. O general Noel, mettendo o dedo na bocca, indica ao espirito como deve fazer, o que Bien Boa comprehende e executa. Ouve-se o borbulhar do liquido, e vê-se uma nuvem branca, muito espessa formar-se no liquido. M. Richet toma o frasco com emoção, e todos applaudem; Bien Boa saúda e entra no gabinete.

N'este momento vejo ainda Martha adormecida, sem se ter mexido. Uma vez ainda o espirito se mostra entre as cortinas. Dirige a M. Richet algumas palavras pessoaes, que todos ouvimos distinctamente.

M. Noel julga a principio que é a elle que o espirito se dirige, mas Bien Boa designa com o dedo M. Richet, depois desmorona-se com ruido por terra, desapparecendo. Assim terminou esta memoravel sessão, em que adquirimos a prova de que o phantasma formado deante de nossos olhos, que tocamos, que anda, que falla, é constituido interiormente como um ser humano, pois que queima carbone em seu organismo phantasmal.

*

* *

Para nós, espiritas, esta experiencia da baryta é d'uma importancia de primeira ordem, porque confirma as experiencias que fez W. Crookes com Katie King. Para os nossos leitores que as não conhecem, julgo util transcrevel-as aqui, afim de que observem as similhanças existentes entre todos os espiritos verdadeiramente materialisados. Eis a passagem em que o grande sabio inglez consigna suas notas sobre o aspecto do phantasma e sobre a sua physiologia.

«Vi tão bem Katie recentemente, quando estava illuminada pela luz electrica, que me é possivel hoje accrescentar alguns traços ás differenças estabelecidas n'um artigo precedente entre ella e seu medium. *Tenho a mais absoluta certeza de que M.lle Cook e Katie são duas individualidades distinctas, pelo menos no que respeita a seus*

corpos. Diversos signaes que ha no rosto de M.lle Cook não existem no de Katie.

Os cabellos de M.lle Cook são d'um castanho tão carregado, que quasi parecem negros; um annel de cabello de Katie, que alli está sob meus olhos, *e que a mesma me permittiu cortar do meio de suas tranças luxuriantes, depois de o destacar com meus proprios dedos até ao alto da cabeça, e me ter affirmado de que ahi tinha realmente crescido,* é d'um bello castanho dourado.

Uma noite contei as pulsacões de Katie: o pulso batia regularmente 75, emquanto que o de M.lle Cook, poucos instantes depois, attingiu 90, seu numero habitual.

Appoiando o ouvido sobre o peito de Katie, pude *ouvir um coração bater dentro,* e suas pulsações eram ainda mais regulares que as do coração de M.lle Cook, quando após a sessão me permittia a mesma experiencia. Auscultados do mesmo modo, *os pulmões de Katie* mostraram-se mais sãos que os de seu medium, porque quando fiz a experiencia, M.lle Cook seguia um tratamento medico por uma grande constipação.»

Lendo os relatos publicados por W. Crookes, ninguem póde rasoavelmente pôr em duvida o valor de suas observações, que não fazem mais que confirmar as de centenas de Espiritas, que teem publicado suas investigações sobre o mesmo assumpto.

Apezar do desdem dos incredulos, não obstante a attitude escandalisada dos materialistas, eis os phantasmas que permittem aos principes da sciencia a verificação official da sua existencia, resultando que submettidos aos mesmos processos d'analyse que os seres humanos, revelam a mesma natureza. A materialisação é em verdade uma reencarnação momentanea d'um organismo desapparecido da terra desde ha longo tempo, e unicamente a theoria espirita do perespirito, isto é, do corpo indestructivel da alma, póde explicar esta reapparição, esta resurreição temporaria.

Ainda um pouco de paciencia, e veremos resurgir toda uma sciencia nova, toda uma biologia hyper-physica, que illuminará as obscuridades da sciencia biologica actual, e será a este espiritismo tão diffamado que se ha de dever a mais admiravel scientifica demonstração da immortalidade da alma, que a nossa humanidade jámais conhecêra.

GABRIEL DELANNE.

A EFFLUVIAÇÃO ODICA

VI

Meu caro Dr. Souza Couto

Passemos agora ás suggestões tactís; ás da memoria, ás multiplas e ás mudanças de personalidade.

Um dia suggeri ao passivo a idéa de que tinha um pé coberto de formigas.

Immediatamente tratou de as expulsar; mas como lhe dissesse que ellas iam subindo, elle, desenvolvendo a idéa inicial, em breve se sentiu impotente para luctar com ellas. Era interessantissimo então vêr a afflicção enorme d'elle, sentindo-as treparem-lhe pelo pescoço, entrarem-lhe nas orelhas, etc.

Quando elle já se julgava perdido, fiz cessar o mal com um simples sopro, cuja virtude lhe havia previamente inculcado.

Virgilio em estado magnetico, manifestava (cousa singular) aversão e odio por alguns rapazes da sua edade, de quem aliás é amicissimo, quando accordado. E qualquer dito ou gracejo d'esses individuos o irritava a ponto que por vezes agarrava n'uma regua ou cadeira para lhes bater. Em taes casos evitava o perigo eminente empregando uma suggestão tactil:—«*essa regua ou cadeira está a arder*».

Soltava immediatamente o objecto, e julgava sentir na mão o vestigio da queimadura.

Tal qual como os sentidos, as faculdades intellectuaes estão sujeitas ao imperio da suggestão.

Assim muitas vezes o inhibia de se recordar do seu proprio nome ou lhe fazia trocar o nome dos paes ou a edade d'elles, chegando a fazer-lhe sustentar com a maior naturalidade e energia o absurdo de ser elle muito mais velho do que seus paes.

Outras vezes apostava com elle em como não era capaz de escrever *sem erro* o proprio nome, por isso que elle não sabendo escrever os—i i—os substituia sempre por—a a. Elle sorria se em ar de mofa, como confiando plenamente no seu saber dirigia-se resolutamente ao quadro preto, e traçava a giz, com a maior rapidez:—*Vargalao Rabearo*.

Fazia-lhe sentir que o nome estava errado e mandava lhe lêr o que escrevera. Mas elle lia *Virgilio Ribeiro*, porque elle só estava inhibido de *escrever* os—i i—, mas não do os ler.

E em qualquer phrase que lhe mandasse escrever sob a mesma suggestão dava-se sempre fatal e rapidamente a substituição dos—i i pelos a a.

Muitas vezes a suggestão póde affectar simultaneamente dois ou mais sentidos. Assim por vezes apresentava-lhe um pequeno papel branco, dizendo-lhe:—Como gostas de flores aqui tens este lindo ramilhete.

Vê como são lindas e que aroma que teem!...—Elle tomava na mão o pretendido ramilhete, examinava-o cuidadosamente, aspirava-lhe de quando em quando o imaginario perfume, exclamando enthusiasmado—que lindas são!... Olhe esta rosa amarella, como é dobrada!... e o cheiro!... que bom! que bom!...=E assim ia descrevendo uma por uma as suppostas flores e apreciando-lhe o aroma.

E quando pouco depois lhe tirei o imaginario ramilhete, elle pediu-me com empenho que lhe désse uma pequenina flor, ao que accedi, dando-lhe um bocadinho do mesmo papel, dizendo-lhe ser um botão de rosa.

Elle agradeceu e collocou o pedaço de papel na botoeira do casaco, mirando-o vaidoso de quando em quando.

Quando mais tarde despertou do somno magnetico e viu o papel espetado na botoeira admirou-se de ter ali aquillo.

Disse-lhe que era um botão de rosa que elle proprio ali tinha posto. Riu-se, mostrando incredulidade; porque, uma vez desperto o passivo —*esquece tudo quanto se passou* durante o somno magnetico.

Podia todavia *recordar-se* se, emquanto dormia, lhe impunha a obrigação de recordar-se.

*

* *

E' tão intensa e profunda a acção da suggestão hypnotica que não só pode affectar todos os sentidos, mas ainda a intelligencia, a memoria e a consciencia da propria individualidade, acceitando sem reluctancia e successivamente uma ou mais personalidades de emprestimo, desempenhando esses papeis como o actor mais consummado.

E' a esses casos curiosissimos que se dá o nome de *mudanças de personalidade.*

Um exemplo:

Um dia disse-lhe:— Estes senhores que aqui estão, são musicos e estão dispostos a tocar varias peças do seu reportorio.

— Então porque não tocam elles? objectou elle.

— Por não terem regente, visto ter adoecido. Mas... se tu quizesses substituil-o...

— Eu?.. Como? se não sei musica...

— Ora adeus! Todos sabem que és um *maestro* distincto. Vamos! não te faças rogado.

Depois de uma curta hesitação, procurou uma regua que improvisou em batuta, e começou regendo com toda a seriedade e brio a improvisada orchestra, reprehendendo em termos acres ora este ora aquelle, quando imaginava que algum ou não havia entrado a tempo ou tinha interpretado mal determinado trecho musical.

Em resumo: investiu-se perfeitamente no papel de regente rispido e implacavel, sem que o perturbasse nem de leve a attitude dos circumstantes que estavam perdidos de riso.

N'outra occasião disse-lhe:

Sabes em que anno estamos?

— Sei. Em 1900.

— Enganas-te redondamente; estamos em 1658.

— Como pode isso ser? N'esse tempo ainda eu não era nascido.

— Eras. sim; retorqui. Chamavas-te então D. Sancho Manuel, e eras governador d'esta praça d'Elvas, e fazendo uma transicção para o presente, accrescentei: — Já vês, pois, que estamos em 1658 e que és D. Sancho Manuel, governador d'esta praça. E, emquanto se lhe ia operando na consciencia a suggerida metamorphose, eu proseguia: — Bem vês, D. Sancho, que a cidade está em perigo imminente; o exercito hespanhol rodeia-a por todos os lados, e dispõe se a assaltar as portas e as muralhas. Os deffensores são poucos, mas tanto elles como a população comfiam no teu valor e pericia militar.

— Que hei-de então fazer? volveu elle já convicto da sua nova personalidade.

— Collocares-te á frente das tropas e repellir o assalto dos hespanhoes que já atacam furiosamente as portas.

Elle empertigando-se e tomando uma catadura feroz:

— Ah! elle é isso? A minha espada! onde está a minha espada? clamava furioso procurando em torno de si.

— Dou-lhe uma regua dizendo-lhe: — Eil a aqui!

Elle tomando uma attitude dicidida e marcial, e percorrendo a salla a passos largos:

— Vamos a elles, rapazes!

A vocês esta porta, e pontarias certas! e correndo a outro lado: a vocês, dizia elle dirigindo-se a imaginarios soldados, fica confiado este lanço de moralha. E' forçoso pôr em debandada esses cães que nos assaltam.

E para outros: Assestem essa peça n'esta direcção, as pontarias feitas com rigor, e fogo sem descanço. Coragem! que a victoria ha de ser nossa. Adeus! que eu tenho de correr a outros pontos. A minha presença é indispensavel em toda a parte.

Então para dar mais vivacidade á refrega, disse-lhe:

— Não vês aquelles sujeitos trepando á muralha?

— Vejo, e depois?

— São tres hespanhoes que procuram entrar na praça.

— Ah! elle é isso? espera que eu lhes digo... E começa jogando espadeiradas para um e outro lado e narrando o resultado dos seus golpes.

Julgando em grave risco as vidraças das estantes e outros objectos frageis que havia na sala, tive de pôr um dique á furia bellica do improvisado governador por esta suggestão:

— Bravo D. Sancho! os inimigos fogem já em todas as direcções, a cidade está livre. Os ares resoam com as aclamações da victoria, as musicas percorrem as ruas tocando o hymno da Restauração, e em todos os largos se armam bailes populares para celebrar a sua victoria. Falta porem um bom mestre de dança para dirigir os bailes, e pedem-te para tomares esse encargo.

— Eu? o governador da cidade?... tinha graça. O que diria a cidade?

— Enganas-te, retorqui. O governador foi para o quartel general, e mandou-te para aqui para dirigires as danças populares e ensinar a dançar os que não sabem.

Hesitou um tanto n'aquella baixa de posto; mas como lhe fizesse sentir que não lhe estava bem a elle, um professor de dansa tão eximio, fazer-se rogar por tanto tempo, e n'uma occasião tão solemne; elle resignou-se a acceitar a sua nova personalidade, procurando ensinar a dançar dois ou tres rapazes que se prestaram a auxiliar a nova suggestão.

Não terminaria se tentasse reproduzir aqui a decima parte das suggestões hypnoticas d'esta especie que me deram pleno resultado; porque os dominios da suggestão são tão amplos que só tem como limite a phantasia do magnetisador.

E por isso na proxima carta occupar-me-hei de outro genero de suggestões — *as post-hypnoticas*, mais assombrosas é certo, mas tambem mais difficeis de obter.

MARTINS VELHO.

UMA FORMA DE MEDIUMNIDADE INTERESSANTE

As faculdades medianimicas affectam por vezes, segundo a disposição ou possibilidade dos mediums, variedades as mais diversas e bem curiosas.

Entre essas modalidades destacaremos hoje a de Fernand Desmoulin, o gravador bem conhecido nomundo artistico de Paris, e a cujos desenhos medianimicos se referiram, não ha muito, varias publicações.

Não deixa de ter interesse a maneira como esta aptidão se desenvolveu no insigne artista, que soube firmar uma merecida reputação em muitos trabalhos, valorisados por uma grande energia e persistencia.

Mas subito, sem previos ensaios ou tentativas, sem nenhum trabalho preparatorio ou fim determinados em tal sentido, e apenas pelo facto de assistencia a diversas sessões espiritas com alguns amigos, essa faculdade desabrochou, começando a produzir obras com incrivel rapidez de execução. Nem a precepção previa do motivo, nem a vontade de Desmoulin tinham a menor participação no trabalho, que rapidamente surgia como traçado por uma intelligencia alheia.

O phenomeno passava-se como com Victorien Sardou: d'um só traço saiam-lhe da mão desenhos á pena, d'uma execução tremula e leve, com um vago sabor architectonico. Mas em breve, involuntariamente, via-se compellido a tomar o lapis negro e os de côr, para com elles continuar; e n'esta phase, n'uma agitada execução, involuntaria e rapida, ia deixando traços ligados, penumbras, dentre as quaes despontavam por encanto cabeças sem contornos definidos, mas d'uma estranha e intensa expressão.

Nenhum d'estes desenhos deixava de ter uma assignatura differente da do medium, a modo de paternizar a obra, e essas assignaturas eram ora de *Astarté,* ora de *Instituteur* ou *vieux maître.*

Pelo menos cem desenhos assim foram produzidos, mantendo entre si um grande diversidade e não quebrando o seu alto valor.

Algumas das figuras teem uma grande severidade na expressão doloridamente marcada no abatimento e na angustia: e ao contrario outras apparecem banhadas de aurora, esbatidas n'um limbo santo, luminoso; e ha-as tambem que nos absorvem como a contemplação d'um sonho intraduzivel e emocionante: paira n'ellas a tinta do ultraterrestre, abrindo nos um horisonte de desusada estetica.

Quanto a Desmoulin, como o fazem em geral os mediums desenhadores, e mesmo todos os mediums, elle vê esta obra fóra de todo o merito pessoal. E' a delicada machina posta ao dispôr d'uma força desconhecida.

Nem a sua reputação se prende ao facto, nem o seu amor proprio se envaidece; a responsabilidade do artista cede o logar á involuntariedade da execução que elle considera *obra alheia*. E tanto que, conservando a sua independencia de critica, interpreta e discute estes trabalhos como se fossem alheios, de qualquer auctor conhecido ou desconhecido.

Exposto o interessante phenomeno, é natural que façamos sobre elle algumas considerações, deduzindo, se é possivel, em face dos connecimentos actuaes, alguma illação proveitosa.

Estes desenhos serão devidos unicamente á subconsciencia de Desmoulin, ou serão devidos a espiritos que se apossam d'elle e os assignam com diversos nomes?

Por outra: o phenomeno será animico ou será espirita?

Antes de mais nada convem assentar algumas verdades de facto, para nos auxiliarem na interpretação rasoavel do phenomeno.

E' fóra de duvida que os factos se produzem da maneira a mais sincera e expontanea.

O proposito fraudulento está absolutamente posto fóra da discussão por uma serie de razões poderosissimas.

Desmoulin, com o seu nome feito, a sua reputação consummada de artista, seria o primeiro a afastar do seu caminho uma sombra de suspeita, que nenhuma gloria ou interesse lhe podia dar, e ao contrario nenhum merito lhe trazia, como é o primeiro a declarar. Depois, a forma como os desenhos são executados, a sua especialidade e caracter, o grande esforço, despendido n'este exercicio fatigante, e que bem melhor poderia ser empregado n'uma festejada carreira artistica, nos mostram tambem que tal hypothese é inadmissivel.

Cumpre não esquecer a fórma automatica da execução d'estes desenhos, forma bem caracteristica e inattingivel fóra das circumstancias em que se produzem.

Mas bastará isso a attribuir-se-lhes uma origem espirita? Esse trabalho embora anormal, não poderá filiar-se n'um desdobramento da consciencia de Desmoulin, com recurso a uma reserva latente, que n'esses momentos se manifesta?

Não póde a distracção, a alheiação de momento dar causa ao phenomeno, visto que tantos exemplos ha de obras produzidas em igual estado de inconsciencia?

Quantas obras primas, na musica, verdadeiras inspirações do genio, não teem sido assim compostas?

Estas objecções teem valor e ha quem as eleve á cathegoria d'uma theoria decisiva.

Vejamos, porém, se ella póde satisfazer a todos os dados da questão.

E' certo que Desmoulin sabia, como auxiliar importante da sua arte, o desenho, embora o conhecesse e praticasse por um modo e com um fim bem differentes do exercicio da mediumnidade, em que a feição e a maneira de operar, rapida e involuntaria, são caracteristicas d'estas manifestações.

Esse conhecimento todavia não nos basta para a interpretação integral e satisfatoria do phenomeno. Embora alguns psychologos mo-

dernos, tratando do automatismo, se contentem com essa theoria, em verdade ella não nos dá a rasão efficiente, a evidencia do effeito, contido na causa, e antes salienta lacunas que não póde preencher.

Que inexplicavel capricho da subconsciencia a levaria a personalisar-se, até a poly-personalisar-se, para rubricar esses desenhos com assignaturas differentes?

Como póde comprehender-se que, no estado de vigilia, impere sobre a consciencia desperta o subliminal, para a dominar e lhe dictar suas leis?

Como explicar as desegualdades, os erros, as maneiras de desenho, que o proprio medium é o primeiro a reconhecer e apontar?

Os conhecimentos de Desmoulin, a sua technica, a sua feição artistica assistem impassiveis á producção do phenomeno, que nem pódem contrariar, nem disciplinar, nem submetter á sua auctoridade consciente. E'-nos licito porventura buscar differente explicação, em harmonia com muitas outras formas de mediumnidade, mais eloquentes talvez e para as quaes o automatismo não acha plena solução. Essa explicação seria a intervenção d'uma intelligencia ou intelligencias extranhas, como succede com muitos outros phenomenos no entender de profundos investigadores.

E tanto mais assim é, que com Desmoulin occorrem outros phenomenos, totalmente insubmissos áquella theoria; assim, alem dos desenhos, tambem se produz medianimicamente a escripta com variantes caligraphicas e litterarias. Não se trata de escripta normal, mais ampliada ou mais restricta, mas de typo, ligações, formas diversas, como dependendo de influencias tambem diversas e alheias.

E sobretudo, um facto se tem realisado que muito mais nos inclina á acceitação plausivel d'esta hypothese.

Desmoulin tem desenhado, no estado descripto, mais de dez retratos de pessoas fallecidas que inteiramente desconhecia, a comtudo esses retratos representavam com verdade essas pessoas.

Poder-se-ha invocar para este caso a transmissão do pensamento? — Não parece; e não parece mormente notando-se que não se realisam as condições de transmissão, quer n'elle que não pensa em receber a ideia, quer em qualquer extranho, transmissor, pois ninguem se tem accusado de procurar transferir essa imagem.

Factos como estes accentuadamente medianimicos, têm-se produzido com outros mediums nomeadameute com Esperance e Hugo de Alesi, cujos retratos de pessoas fallecidas foram reconhecidos como verdadeiros pelos parentes d'essas pessoas. Seria extenso enummerar aqui phenomenos d'igual natureza; pelo momento limitar-nos-hemos a dizer, qua temos presenceado a producção de desenhos medianimicos muito interessantes e que possuimos dois retratos tambem medianimicos, obtidos nas mesmas condições.

Sousa Couto.

O PROFESSOR LAPONI E O ESPIRITISMO

Segundo noticias publicadas na imprensa periodica e recebidas com o natural alvoroço, que a indole do facto importa, o medico italiano, doutor Laponi, pronunciou-se abertamente ácerca dos phenomenos do Espiritismo, por affirmações claras sobre a realidade d'elles.

Como se sabe o dr. Laponi é medico particular do actual Pontifice, Pio X, a quem o ligam as melhores relações, e d'ahi a importancia d'este facto não só pelo objecto, como pelas considerações a que dá logar.

E' do *Journal des Débats* que reproduzimos a noticia, tal como ahi foi dada. — O professor Laponi que é o medico do Soberano Pontifice e uma das auctoridades scientificas do Vaticano, acaba de publicar uma volumosa obra, intitulada «*Hypnotismo e Espiritismo, estudo medico critico*».

Desde ha muito que o eminente professor se occupava do problema espirita. O seu volume resume as mais recentes experiencias dos Lombroso, Schiaparelli, Crookes... n'esse mysterioso dominio e reune um grande numero de casos, que parecem demonstrar a realidade de nossas relações com o *além*.

Depois refere M. Laponi as experiencias de que tem sido testemunha. Viu em pleno dia, mediums que se elevam no ar, até tocar o tecto da habitação e deixar ahi escriptas suas palavras; viu que taes mediums, pela exclusiva força da vontade, ou de um poder secreto, faziam fluctuar no ar como se foram pennas, os moveis mais pesados; viu a materialisação d'um espirito... «Formou se no meio da sala uma nuvem, e do centro d'ella desenvolveram-se as linhas e os contornos; esta forma materialisou-se, animou-se, tomou côr, até apparecer um rosto sorridente, uns olhos que brilhavam, um peito que se ouvia respirar, um coração cujas pulsações os assistentes podiam contar.

Ao cahir da tarde (pois a experincia realisou-se em pleno dia, á luz do sol), este espirito feminino desappareceu a todos os olhares, sem que ninguem podesse descortinar para onde tinha ido ou por onde se havia escapado. Este facto e outros semelhantes provam ao professor Laponi, que os espiritos dos que falleceram, abandonam algumas vezes as suas moradas, para visitar os logares em que viveram, para tornar a vêr as pessoas e as cousas a que votaram affecto.

O livro do dr. Laponi produziu, como era natural esperar, uma agitada curiosidade nos meios ecclesiasticos. Attenta a situação de seu auctor, ninguem põe em duvida, que antes de o publicar, deveria ter solicitado e obtido auctorisação pontificia, o *imprimatur*. E causa, em verdade, certa admiração vêr estes phenomenos tão perto do Vaticano».

SOUZA COUTO.

UMA EXPERIENCIA DE KARL DE PREL

E' do seu excellente livro *Psychologie Expérimentale*, a interessante narração que vamos publicar.

«Pedi a M. Notzing, de Munich, nosso hypnotisador nos trabalhos feitos com M.lle Lina para tentar esta experiencia: Dar a Lina, durante a hypnose, a ordem posthypnotica de sonhar na noite seguinte com determinada pessoa, de relacionar-se com ella, não esquecer o sonho e relatal-o no dia seguinte.

Esta ordem indicava portanto uma funcção transcendente psychologica do dominio da imaginação, cuja execução era confiada ao tempo normal do somno.

Algumas razões tinha para confiar no resultado da tentativa, pois que podem produzir-se hallucinações no estado de vigilia por ordens posthypnoticas.

Sendo o sonho uma serie de hallucinações, é evidente que uma hallucinação posthypnotica pode aprazar-se para o tempo do somno normal e até produzir-se mais facilmente n'este estado.

Mas como a confiança pessoal não deve interferir nas experiencias scientificas, e sómente o seu resultado deve impôr a convicção, dei aos experimentadores a escolha da pessoa com quem Lina devia sonhar, para afastar a conjectura d'um accôrdo com ella.

Pelo que, os que fizeram esta experiencia deram a Lina a ordem de sonhar na noite seguinte com Mr. F. L., que ella nunca tinha visto, nem cousa alguma sabia ácerca do logar onde elle morava.

Esta ordem posthypnotica implicava por conseguinte uma hallucinação, que não podia realisar-se sem uma faculdade transcendente, a clarividencia.

Tal experiencia deu pleno resultado. Lina foi convidada a ir na tarde seguinte a casa d'um dos experimentadores; assim o fez e contou como uma cousa assombrosa e inexplicavel, que tinha sonhado toda a noite com o individuo apontado. Descreveu com toda a exactidão a sua pessoa, deu diversos pormenores sobre o seu modo de fallar, a sua roupa, etc. Viu-o descançar n'um fauteuil deante da casa; fallou da vista que de cima da casa se gosava sobre um lago, da visinhança d'esse lago, da presença d'um cão de S. Bernardo, indicou a côr d'esse cão, que era preto, etc.

Tudo isto podia, é certo, ter estado na imaginação dos experimentadores; e se isto assim foi realmente admitto que é possivel a hypothese da transmissão do pensamento. Mas accresce que Lina disse tambem — *cousa que nenhum dos assistentes sabia* — que na casa havia alguns cães pequenos, facto que mais tarde se verificou ser realmente exacto.

Contou ainda, que o referido individuo tinha estado a tratar d'uma senhora, cuja descripção fez e não se referia á esposa de Mr. F. L. e sim a uma amiga da familia, como se reconheceu pelo retrato que d'ella fez.

O sonho de Lina, não correspondia evidentemente á situação em que n'esse momento estava Mr. F. L., pois que durante a

noite elle não estava fóra da casa e outros habitantes do predio dormiam então. Para a producção do souho foi preciso portanto que tivesse logar a visão a distancia, quer no passado, quer no presente. Esta faculdade de visão a distancia foi muitas verificada em Lina, e existem varias notas redigidas e assignadas, *antes do facto se realisar*, para depois poderem comprovar o phenomeno.

Devemos accrescentar que este *suget*, Lina, embora tenha o mesmo nome, não é o mesmo com quem o conde de Rochas fez varias experiencias notaveis, relatadas por elle. Esta Lina da experiencia de Karl de Prel é de Mucich, e revela notaveis faculdades para receber suggestões verbaes, musicaes ou apenas mentaes.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Um precioso livro nos acaba de enviar a incançavel livraria editora de Barcellona «Carbonell y Esteva».

E' o *Thesouro de consolos,* repassado de inspirada doutrina, onde cada um póde encontrar refrigerio ás dores moraes, alento para os combates da vida. O precioso livro é prefaciado pelo nosso querido amigo, Esteva Marata, uma grande alma, um devotado apostolo do bem. Pena temos de, pela estreiteza do espaço, não podermos publicar ao menos a integra d'esse sincero prefacio, e veria o leitor que encendrado ardor anima a propaganda de Esteva Marata. Mas a omissão não impede a nossa admiração e o nosso reconhecimento.

EXPEDIENTE

Mais uma vez pedimos, muito e muito encarecidamente, aos nossos presados assignantes, o grande favor de prevenirem a administração dos *Estudos Psychicos,* quando mudem de domicilio, para que a entrega se possa realisar.

Se rogamos esta fineza, é porque muitos n.^{os} nos são entregues com a nota de que o destinatario se mudou, e isso nos dá muito trabalho para saber o novo domicilio.

Esperamos essa attenção dos nossos estimados leitores.

N.º 3 AGOSTO DE 1906 2.º ANNO

ESTUDOS PSYCHICOS

REVISTA MENSAL DE ANIMISMO
E ESPIRITISMO EXPERIMENTAL

Director — DR. SOUSA COUTO

COLLABORADORES — Drs. Maxwell, Laurent de Faget, De Reyle, Wolowski, Marzorati, Roso de Luna, Quintin Lopes, Martins Velho, etc.

Escriptorio — Rua do Ouro, 149, 2.º LISBOA

DESCOBERTAS E PRECONCEITOS

I

Todos os que conhecem, mais ou menos, a marcha do progresso humano, não pódem deixar de ficar amargamente impressionados com a inflexibilidade d'esta lei historica: toda a recente descoberta, toda a innovação, por generosa e fecunda, soffre nos seus inicios os mais rudes combates, as mais duras impugnações.

A historia do pensamento humano é o quadro synoptico d'esta lei; nenhum facto tem podido d'ella emancipar-se, posto seja grande o seu alcance, e firmissima a base em que assenta.

Não seria porventura difficil, discreteando sobre a logica das cousas, encontrar a sua rasão de ser, os motivos plausiveis da sua existencia, já que toda a acção engendra virtualmente uma reacção correspondente, e até a propria vibração da luz, para produzir-se, carece de combater a quietação das trevas.

Mas não é com divagações que pretendemos demonstrar a existencia d'esta lei; é sim com factos bem conhecidos, factos realissimos, accusados sempre que a analogia das circumstancias os provocava.

Não nos occuparemos por isso das impugnações soffridas pela idéa religiosa ou politica, em cada successiva phase da sua evolução, porque queremos especialmente frisar o nosso escopo nos dominios da idéa scientifica.

E' sobretudo n'este campo que o combate tem sido mais porfiado, como se o bloco da sciencia fosse impenetravel floresta, onde as veredas se abrem a incontaveis golpes dos peoneiros.

Poderá haver exemplo mais eloquente do que o de Galileu calumniado, processado e condemnado, por proclamar o movimento da terra, verdade revolucionaria na astronomia e fecunda em consequencias scientificas do mais alto alcance?

Mas não foi só no seu tempo, sob o opprimente dominio das idéas da época, que elle teve acres impugnadores. Quando as suas affirmações se tornaram uma conquista imperecivel para a sciencia, pela crescente observação dos que lhe seguiram os passos, os detractores não desappareceram

Causa até assombro que, ainda em 1815, Mercier, do Instituto de França, escrevesse estas palavras: «Por mais que os astronomos fa-

çam e digam, nunca me persuadirão de que eu giro no ar como uma pela.»

Celebres cosmographos do seu tempo, viam em Colombo não a visionação possivel d'um novo continente, mas uma loucura rematada, que o levaria a perder-se em interminos mares; e comtudo elle descobriu e trouxe á civilisação um novo mundo.

Galvani não supportou menos o despreso alheio ao affirmar a sua descoberta, importantissima para o estudo da electricidade dynamica, uma das maiores forças da natureza, como elle dizia. E não obstante, a verdade triumphou da ignorancia dos seus contemporaneos.

Harvey, descobrindo a circulação do sangue, despertou nos proprios collegas tanta animadversão e tão deshumana crueza, que lhe inutilisaram as faculdades de trabalho, reduzindo-o á ultima necessidade. E quem duvida de que essa descoberta assignala uma data memoravel no progresso da medicina?

O proprio Newton não escapou a esta lei. A sua descoberta da gravitação universal, deducção d'um verdadeiro genio, foi considerada como um brado heretico contra os ensinos orthodoxos, e mais uma vez a ignorancia pretendeu apagar este foco radiante de luz.

Jenner, descobrindo a vaccina, tornando-se um benemerito da humanidade e abrindo o larguissimo campo da microbia, pagou egual tributo á mesma lei. porque foi alvo dos mais envenenados ataques.

E o suicidio de Leblanc, o que representa? Depois de persistentes trabalhos, esforços sem conta e grande paciencia, descobre o processo de extrahir a soda do sal marinho (chloreto de sodium), e este processo é empregado e utilisado para essa industria; apesar d'isso, taes obstaculos e opposições lhe levantaram, que os desgostos o levaram a pôr termo á vida.

O proprio Franklin encontrou cerradas as academias á sua descoberta. Arrancar o sceptro aos tyrannos ou o raio ao céo não era a mesma cousa; e se se desculpava a primeira revolta, não se lhe perdoava a segunda. O pára-raios era então considerado como uma injuria feita ao poder celeste. (!)

E Vesale, condemnado por pretender entrar no verdadeiro caminho do estudo anatomico do corpo humano? Como poderia substituir-se esse elemento de investigação, unico campo de analyse, insubstituivel, imprescindivel?

E' que o corpo humano era considerado como uma cousa sagrada, tabernaculo santo, que, mesmo morto, não podia invadir o bisturi da curiosidade humana!

Quando Bell estudou as funcções dos nervos espinaes, cujas raizes serviam ao movimento e á sensibilidade, igual onda de desdem, d'impugnação e de desprezo viu surgir contra o seu trabalho honesto e pertinaz. Sempre a mesma reluctancia pela novidade, pelo desconhecido, sejam embora os factos as mais promettedoras esperanças para o nosso anceio de saber!

Com a theoria de Young relativamente ás vibrações da luz succedeu ainda a mesma cousa; não faltaram apodos, ridiculos lançados

sobre o mais scientifico systhema de interpretação dos phenomenos luminosos.

Darwin, antes que se reconhecesse o fundo valioso da sua obra e das suas deducções, antes que os institutos scientificos fizessem justiça á sua doutrina evolucionista, viu-a repellida por toda a parte, viu-a negada sem exame e sem attenção de especie alguma.

E' bem conhecido de todos o celebre exemplo de intolerancia ou de insensatez dado pelo professor Rouilland de Paris, quando pela primeira vez ouviu o phonographo. Para o seu juizo, para a sua possibilidade de comprehender, a exhibição era inadmissivel, porque então ficariam subvertidas todas as noções de physiologia; depois, continuando a ouvir o apparelho, entendeu que, a unica explicação estava na ventriloquia, e como isso era um escandalo affrontoso para a sua sapiencia, passou a vias de facto contra o pobre operador do phonographo. E era este Bouilland um sabio confiante no seu dogmatico saber...

Em todos os tempos, com todas as descobertas, a hostilidade inconsciente ou má é a companheira indefectivel da novidade.

Que impugnação enorme não tiveram os primeiros trabalhos chimicos tendentes á demonstração exacta de que os corpos simples eram numerosos, e que portanto erronea era a classificação antiga dos quatro elementos, *terra, fogo, ar* e *agoa!*

Ainda muito postoriormente á descoberta de Lavoisier não queria admittir-se que a agoa fosse composta de hydrogenio e oxygenio. E' que, mesmo nas sciencias experimentaes, a cada novo passo nova impugnação, que a seu turno igualmente soffreram a chimica e a physica.

A descoberta do gaz illuminante suscitou uma opposição enorme e uma descofiança quasi invencivel.

Quando Arago apresentava á Academia de Sciencias de Paris a applicação do vapor á navegação, a mesma tempestade se levanta, considerando a tentativa impossivel.

A muralha da ignorancia tem-se ido a pouco e pouco derruindo, mas a obra só póde continuar sem que affrouxe a energia do golpe e o ardor do ataque.

(Continúa). SOUZA COUTO.

REGRESSÃO DA MEMORIA

Envia-nos o sr. Conde de Rochas o estudo que adeante se segue, pedindo para se lhe communicar qualquer observação da mesma natureza. Se algum dos leitores conhecer factos analogos e lh'os quizer enviar, póde fazel-o por nosso intermedio, remettendo-os para a redacção dos *Estudos Psychicos,* que a seu turno os mandará para o seu destino.

Regressão da memoria

«As experiencias que venho fazendo desde ha tres annos com *sujets* magnetisados, aos quaes faço reviver vidas passadas (pelo menos segundo suas affirmações, que são muito difficeis de verificar) dão uma particular importancia aos phenomenos de *regressão da memoria* durante a vida actual, phenomenos cuja realidade absoluta se póde averiguar, mas que até ao presente têm sido sómente *observados* um pouco ao acaso. Julgo pois de utilidade reunir alguns casos que encontrei descriptos aqui e além, rogando aos leitores d'esta revista o favor de me communicarem outros que porventura conheçam.

1.º caso referido pelo Dr. Henri Freeborn (1)

Trata-se d'uma mulher de 70 annos de edade, que gravemente enferma em virtude d'uma bronchite, esteve em delirio completo desde 13 a 16 de março de 1902, voltando-lhe depois a rasão pouco a pouco.

Na noite de 13 para 14, notou-se que ella fallava uma lingua desconhecida ás pessoas que a rodeavam.

Por vezes parecia que dizia versos e n'outras occasiões que conversava. Por diversas vezes repetiu a mesma composição em verso.

Por fim veio a reconhecer-se que a lingua era a hindoustani.

Na manhã de 14, a esta lingua começou a misturar-se um pouco de inglez; e d'esta fórma a doente se entretinha com os paes ou amigos da infancia, ou, ainda fallava d'elles.

A 15 o hindoustani tinha por seu turno desapparecido, dirigindo-se a enferma a amigos que tinha conhecido mais tarde, empregando o inglez, o francez e o allemão.

A senhora em questão tinha nascido na India, que abandonou aos tres annos, vindo para Inglaterra após quatro mezes de viagem, antes de perfazer 4 annos; até ao dia em que desembarcou na Inglaterra fôra confiada a criados hindous e não fallava o inglez.

Ao que parece, no delirio do dia 13, ella revivia os seus dias de infancia e fallava a primeira linguagem que tinha ouvido. A poesia foi reconhecida como sendo uma especie de toada que os *ayahs* teem o costume de cantar ás creanças; conversando, dirigia-se sem duvida aos criados hindous; assim percebeu-se, entre outras cousas, que pedia para a levarem a uma loja, a fim de lhe comprarem bonbons.

Podia reconhecer-se uma ligação em todo o decurso do delirio. Primeiro, foram as pessoas com quem a doente tinha estado em contacto durante a primeira infancia; depois passou em revista toda a sua existencia, até que chegou, em 16 de março, á época do casamento e em que teve filhos que foram crescendo.

E' curioso observar, como após um periodo de 66 annos, durante os quaes nunca fallou o hindoustani, o delirio lhe rememorou esta linguagem da sua primeira infancia. Actualmente, esta senhora falla com

(1) *Lancet*, de Loudres, n.º de 12 de junho de 1902.

tanta facilidade o francez e o allemão como o inglez; mas, posto conheça algumas palavras do hindoustani, é absolutamente incapaz de fallar esta lingua ou compôr n'ella sequer uma unica phrase.

2.ª observação do Dr. Vial (1)

Esta observação é relativa a uma senhora, P... de 32 annos, hysterica e submettida ao methodo de resensibilisação successiva pela hypnose do dr. Sollier. No seu trabalho, diz elle, «levei-a até á edade d'um anno; então parecia mamar; depois teve a sua convulsão tanto á ida como á vinda, quero dizer, tanto na regressão como no avanço da personalidade.»

3.º Observação do Dr. Bain (2)

Trata-se ainda d'uma doente de 29 annos de edade, morphinomana e submettida ao mesmo tratamento. «Depois de termos operado sobre o tronco, visceras e membros, procedemos ao despertar da cabeça. Assistimos a uma regressão de personalidade, não n'uma só sessão, mas em muitas, fazendo-a voltar 17 annos para traz: a doente achava-se aos 12 annos, revivia todos os periodos da sua vida movimentada, com um desdobramento completo de personalidade. Seria muito longo darmos mesmo em resumo a historia da doente, historia a que assistiamos como se tiveramos o receptador d'um telephone e escutassemos a conversa d'um só interlocutor: eram as scenas da vida d'uma pobre obreira que se prostitue para viver, e que doente, se entrega á morphina; accusada de roubos, é julgada 2 vezes, cumpre em Saint-Lazare, depois em Nanterre a pena de um anno de cadeia; scenas de familia, de atelier, de amantes de passagem, horas rapidas de prosperidade, horas consecutivas de mizeria, a vida em Saint Lazare e Nanterre. Em janeiro de 1902, senão curada, muito melhor, a doente pediu alta no asylo; tinha engordado muito, dormia expontaneamente a noite, era activa e trabalhava.

A nosso pedido redigiu uma nota em que referia todos os incidentes da sua vida. Esta nota confirmava todas as informações que nos tinha dado na hypnose, achando sua sensibilidade cerebral».

4.º Caso de M. Cottin (3)

Na sua ultima ascenção o balão *Montgolfier* era capitaneado por M. Perron, presidente da Academia d'Aerostação e M. Cottin, administrador da Associação Scientifica Franceza.

N'uma rapida fuga, ás 4 h. 24, o balão attingia 700 metros; foi então que rebentou, começando a descer mais rapidamente do que tinha subido, até vir despenhar-se ás 4 h. 27 na casa n.º 20 do beco

(1) Dr. Sollier—*Phenomenos de autoscopia*, pag. 108.
(2) Id. pag. 105.
(3) Extrahido do *Espiritismo e Anarchia*, de J. Bouvery, pag. 405.

Chevalier em Saint-Oüen. Depois de ter alijado tudo o que podia aggravar o accidente, refere-nos M. Cottin, «uma especie de quietação, de inercia talvez, se apoderou de mim; mil recordações longinquas se precipitam, se chocam na minha imaginação; depois os factos se accentuam e todo o panorama da minha vida vem desenrolar se deante do meu espirito attento. Tudo é definido: esperanças, decepções, a lucta pela existencia, e o conjuncto no seu logar inexoravel imposto pelo destino... Quem julgaria, por exemplo, que eu me tornei a vêr, aos vinte annos, sargento do 22 de linha... Pois revi-me, digo eu, de saco ao hombro, cantando pela estrada, em Vendôme, por um bello sol de primavera!

Que nitidez em todas as particularidades! A' direita, meu amigo d'infancia, Le Levir; ao fundo no valle, Cloys, o paiz privilegiado, e ao longe, Châteaudun...»

Assim, em menos de tres minutos, pois que as remimiscencias só se precisaram um pouco depois do começo da queda, M. Cottin viu toda a sua vida defilar perante a memoria.

5.º Caso do almirante Beaufort (1)

O almirante Beaufort, sendo novo, cahiu de bordo na enseada de Portsmouth. Antes que o podessem soccorrer, desappareceu; afogava-se. A' agonia do primeiro momento succedera um sentimento de calma, e posto que Beaufort se julgasse perdido, já não se debatia. Era sem duvida a apathia, mas não era a resignação; e parecendo-lhe que o afogar-se não era tormentoso, nenhum desejo tinha de ser soccorrido. De resto, nenhum soffrimento. Pelo contrario as sensações eram de natureza agradavel, participando d'este vago bem-estar que precede o somno causado pela fadiga.

Com o descripto entorpecer dos sentidos coincidia uma extraordinaria sobre excitação da actividade intellectual (2); as ideias succediam-se com incrivel, inconcebivel rapidez.

A principio o accidente que acabava de dar-se, a impericia que lhe deu origem, o tumulto que devia ter-se seguido, a dor que seu pae ia soffrer, outras circumstancias estreitamente associadas ao lar domestico, foram o objecto de suas primeiras reflexões. Depois lembrou-se do ultimo cruzeiro, viagem assignalada por um naufragio, logo a escola, os progressos que ahi tinha feito e tambem o tempo perdido, e emfim suas occupações e aventuras d'infancia. Em summa, o refluxo inteiro do rio da vida, e quão precisa, quão pormenorisada!

Eis as suas palavras: «cada incidente de minha vida atravessava successivamente a memoria, não como esboço ligeiro, mas com as

(1) Extrahido do *Jornal de Medicina de Paris,* citado por J. Bouvery (O Espiritismo e Anarchia, pag. 403).

(2) Muitas pessoas têm affirmado que nas quedas que deviam ser mortaes, não somente a morte lhes não parecia pavorosa, como não soffriam os choques terriveis que recebiam, tal era a concentração do pensamento sobre as consequencias mortaes da queda.

minucias e accessorios d'um quadro perfeito! Noutras palavras, minha existencia inteira prepassou deante de mim, n'uma especie de revista panoramica; cada facto com sua apreciação moral ou reflexões sobre sua causa e effeitos.

«Pequenos successos sem consequencia, ha muito esquecidos, se cerravam na minha imaginação, como se apenas fossem da vespera.» Tudo isto se passou n'um tempo cuja brevidade se vae apreciar: o futuro almirante foi recolhido em menos de dois minutos após a queda.

6.º— Casos referidos por M. de Varigny (1)

«Conheço, diz Goethe (n'um dialogo com Eckermann) o facto d'um velho, pertencente á classe baixa, que, no leito da morte, começou de repente a recitar passagens gregas, n'uma linguagem muito elegante. Como era sabido que não comprehendia uma palavra de grego, o caso pareceu miraculoso e algumas pessoas habeis logo o exploraram á custa dos credulos. Por sua infelicidade, todavia, descobriu-se em breve, que durante a sua juventude esse velho aprendera de cór e declamara grego para facilitar a tarefa a um filho de boa familia mas de mediocre intelligencia.

D'essa fórma tinha mecanicamente apprendido uma tintura do grego, sem comprehender uma unica palavra do que dizia.

E só foi á hora da morte, 50 annos mais tarde, que as palavras ôcas de sentido lhe vieram á memoria e passaram aos labios.

Outro facto do mesmo genero, citado por Coleridge, é respeitante a um velho montanhez, que, tendo passado toda a mocidade nas fronteiras polacas, só fallou esta lingua até ao momento em que foi residir n'uma região allemã, em que nunca mais fallou senão o allemão durante trinta ou quarenta annos.

Tendo sido anesthesiado para uma operação, fallou, cantou e orou durante duas horas sómente em polaco, lingua de que absolutamente nunca usava no estado de vigilia.

ALBERT DE ROCHAS.

PHENOMENOS DE MATERIALISAÇÃO

(Conferencia feita na Alliança Espiritualista, de Londres, por M.me E. d'Espérance)

Antes de reproduzirmos o texto d'esta celebre conferencia, devemos dar algumas informações prévias.

Trata-se de E. Espérance, grande medium inglez, cuja obra «*No Paiz das Sombras*», nenhum investigador ou estudioso de psychismo deve desconhecer.

Pela grandesa e variedade dos phenomenos que E. Espérance pro-

(1) *Sonhos Ancestraes*. Folhetim scientifico do *Temps*, n.º de 13 de novembro de 1902.

duziu em tantos meios diversos e perante tão cultos experimentadores, sabios e professores, pelo valor de analyse e informação com que tão naturalmente escreve, aquelle livro é uma fonte preciosa de estudo e empolgantes provas.

A completal-o vem a conferencia que vamos trasladar, a muitos respeitos interessantissima.

*
* *

«De todas as manifestações que se teem imposto á attenção dos iuvestigadores na ultima metade do seculo, nenhuma ha que tenha sido menos comprehendida nem que tenha encontrado mais incredulidade do que o phenomeno das materialisações.

Julga-se haver descoberto um tamanho numero de fraudes — ou de pretendidas fraudes — que bem comprehensiveis se tornam as suspeitas da maioria dos investigadores, com relação á authenticidade d'este genero de phenomenos. As condições que a sua producção exige favorecem em verdade a simulação dos factos, e além d'isso, o phenomeno comporta em si mesmo um caracter tão maravilhoso, tão extraordinario, que necessariamente deve suscitar a desconfiança, antes que a sua authenticidade seja admittida.

A quem quer que possa ter feito uma idéa da demencia e fraquezas de seus similhantes, é mais facil acreditar n'uma fraude vulgar ou farça de máo gosto, do que n'uma manifestação espiritual da mais alta importancia.

Conheço até muitos espiritas declarados, que, posto admittam sem reservas os factos de vista ou audição a distancia, de inspiração e de escripta automatica, conservam todavia suas duvidas pelo que respeita ás materialisações.

Eis a razão porque, entre todas as manifestações que são familiares aos espiritas, a que em todos os paizes tem suggerido mais descredito, é a materialisação.

Que anjos (ou espiritos materialisados, como em nossos dias se chamam) tenham passeado, tenham comido e conversado com os homens nos antigos tempos, é um facto que sem hesitações acceita a fé dos christãos orthodoxos; mas essa mesma orthodoxia entendeu dever prégar a impossibilidade de taes visitas nos tempos modernos. Não sei em virtude de que direito se julga auctorisada a dictar taes ensinos, nem jámais pude descobrir a sua justificação.

Durante os primeiros annos das minhas experiencias no terreno psychico, muitas vezes me succedeu, a mim e aos meus collaboradores, ouvir fallar n'este phenomeno de materialisações; mas como frequentemente estes factos eram attribuidos ao dolo, era muito pouca a importancia que lhes ligavamos.

D'uma vez, viajando em comboio, ouvi um cavalheiro contar a um outro viajante, o que na noite anterior tinha presenceado n'uma sessão, realisada em Weir's Court, New-Castle — on — Tyne, e a que elle tinha assistido.

A sua convicção era, dizia elle, que o pretendido Espirito que se manifestava, só podia ser um macaco, que se tivesse occultado na sala.

Quanto a mim, escutava esta conversa que me interessava, e veio-me á idea que essa hypothese podia bem fornecer uma explicação plausivel do mysterio!

Tendo tido em tempo um macaco, havia-me familiarisado com seus habitos e inclinações; tinha notado que os sons d'um certo genero excitavam invariavelmente o animal a acções determinadas, e que quando eu imitava esses sons, a consequencia infallivel era produzirem se n'elle esses actos especiaes.

Tendo observado n'outros exemplares as mesmas particularidades, suppuz que se me acontecesse vêr o «espirito materialisado», me seria possivel descobrir, se tal papel era realmente desempenhado por esse animal.

Em consequencia, aproveitei a primeira occasião que se me offereceu, para assistir a uma d'essas sessões, no intuito de satisfazer a minha curiosidade, a esse tempo bem accentuada.

Umas vinte pessoas, se não mais, achavam-se reunidas em New-Castle, n'uma pequena sala.

O medium foi examinado com a maior attenção, foi ligado, sellado e prendido a uma cadeira, segundo o methodo barbaro empregado n'essa epoca.

Diante d'elle correu-se uma cortina, e os assistentes ficaram na espectativa, sob o peso d'uma atmosphera viciada.

Por fim a cortina abriu-se, e d'ahi sahiu uma cousa informe, d'um pardo esbranquiçado, que veio agitar-se diante de nós. A obscuridade era bastante profunda para nos permittir distinguir-lhe os traços e o aspecto; tanto quanto me foi possivel julgar, aquillo podia ser uma creatura humana, da mesma forma que um velo animado.

A unica cousa que apenas pude concluir, foi que esta apparição não era em qualquer caso um macaco. Mas egualmente eu não podia acreditar que este objecto pardo-fosco fosse um espirito vindo das espheras celestes.

As experiencias d'essa noite, em summa, foram para mim antipathicas, e sem uma visita que depois recebi de M. Alexandre Aksakof, talvez tivesse ficado por alli.

M. Aksakof viera a Inglaterra com o intuito de obter sessões de materialisação com diversos mediums. Permittiu-me elle de o acompanhar a essas sessões e deu me algumas instrucções respeitantes á maneira de observar, o que era, dizia elle, d'uma importancia maior do que a propria vista.

Foi elle ainda, que me aconselhou a abster-me de tirar conclusões ou, pelo menos, a não formular opiniões, antes de as fundar n'uma base solida, e a usar, além d'isso, de prudencia, com o receio de me deixar induzir em erro. «Deveis vêr, me disse elle, com os olhos um tanto desconfiados, porque estas fórmas não são taes como vol-as tendes representado.»

Tinha rasão, provavelmente, e quanto a elle não se limitava a vêr, observava, pondo em jogo todas as suas faculdades e tomando nota

de todas as suas observações para d'ellas fazer uso em qualquer tempo e logar.

Durante cerca de sete annos, eu e meus amigos proseguimos nas nossas experiencias, tendo com regularidade sessões uma ou duas vezes por semana.

Desde o principio, os resultados nos tinham interessado no mais alto grau e este interesse em tempo algum foi desmentido. E tinhamo-nos de tal modo habituado a estes maravilhosos phenomenos, que o que nos parecia espantoso era o facto de termos podido viver tanto tempo n'este mundo, sem que essas entidades tivessem vindo ao nosso conhecimento.

Eramos como creanças abandonadas n'um parque novo, que lhes offerecesse todas as variedades imaginaveis de jogos desconhecidos e encantadores.

Quanto ás condições, o que conhecemos é nada ou muito pouca cousa.

Todavia, podémos reconhecer que os melhores resultados eram obtidos, quando não admittiamos extranhos no nosso grupo, embora desejosos de fazer parte dos relatos de nossas descobertas, pois a presença de pessoas alheias viemos a consideral-a como circumstancia molesta e prejudicial.

Relativamente ás causas d'estes obstaculos não nos démos ao trabalho de a investigar.

O que eu tinha visto respeitante a materialisação não me tinha creado o menor desejo de fazer essa experiencia no nosso grupo, por muito que fosse o enthusiasmo que esses factos tinham despertado em um ou dois dos membros do grupo.

Nossos amigos os Espiritos nos tinham dito que não estavam absolutamente conhecedores dos meios empregados para crear uma forma, e em consequencia, contentavamo-nos com nossos trabalhos habituaes.

Foi uma noite de chuva que, nos fins do sexto anno, attrahiu a nossa séria attenção sobre o phenomeno das materialisações. A sessão não tinha dado resultado algum. Chovia a cantaros, e ninguem ousava abandonar a sala, em que estavamos abrigados. N'um dos angulos do aposento havia um gabinete e propoz-se que qualquer pessoa ahi se sentasse na obscuridade, para vêr o que resultaria.

Tendo-se resolvido um asssistente a occupar esse logar, o resto do grupo collocou se em frente do gabinete e começou a entoar uns cantos. Creio que todos esperavamos que esse senhor se preparasse a fazer-nos qualquer partida. Mas elle ao contrario, acalmado por nossos cantos ou talvez a despeito d'elles adormeceu profundamente. Ora este modo de operar não nos agradou, e assim pedimos-lhe para deixar o logar.

Em seguida uma senhora foi occupar a mesma posição por detraz das cortinas, e em breve declarou que no gabinete havia qualquer cousa que se agitava e que por isso não queria continuar ahi sósinha na escuridão.

Querendo mostrar aos meus amigos que era mais corajosa, fui eu substituil-a; porem essa minha coragem não durou muito, e não exa-

géro em dizer que fiquei meia petrificada de terror sentindo distinctamente qualquer cousa que se movia no ar e que por momentos vinha roçar-me a cabeça e os hombros. Por isso apressei-me tambem a sahir do gabinete. Comtudo, pouco depois a curiosidade triumphou sobre o medo.

Inspeccionou-se attentamente o interior do gabinete, e tendo-me eu convencido de que ahi absolutamente mais nada se encontrava a não ser a cadeira, de novo me installei.

Um instante depois, um dos membros do grupo exclamava:

«Reparem! uma figura d'homem mostra se entre as cortinas.»

Todos os assistentes a viram, fizeram se commentarios, dirigindo-se-lhe varias perguntas, ás quaes respondeu por gestos intelligentes.

Quanto a mim nada via, e naturalmente minha curiosidade estava excitada ao mais alto ponto.

Por detraz das cortinas, onde eu estava, a escuridade era muito profunda, para que podesse exercitar bem o olhar, de maneira que quiz levantar me e sahir para examinar a apparição.

Mas foi-me impossivel mover os membros, cousa que me espantou. O phenomeno, comtudo, terminou, a figura desappareceu e começou a discussão a proposito d'este curioso phenomeno.

Por escripta obtivemos a informação de que esta figura era a de Walter, um dos nossos espiritos amigos. Mostrava-se extremamente orgulhoso por esta façanha, e annunciou-nos a intenção de recomeçar na primeira occasião.

Não tinha, dizia elle, vestidos, e não sabia como havia de os confeccionar.

Respondemos-lhe que não devia ter cuidado com isso, pois nós lhe forneceriamos o necessario. Foi o que fizemos, utilisando para isso umas cortinas de mousselina, de que fizemos uma especie de robe-de-chambre, que se pendurou no gabinete para a sessão seguinte, que esperamos com a maior impaciencia.

O PHENOMENO PSYCHICO DA MORTE

Vamos em seguida reproduzir um interessante trecho do livro de Jackson Davis, instruido em conhecimentos medicos e dotado de notavel clarividencia (1).

«A morte é uma modificação não da personalidade, mas da constituição dos principios elevados do ser humano.

Tudo o que vive se transforma, e *cada transformação é acompanhada d'uma morte apparente,* mas jámais se dá a extinção da vida nem a destruição d'um principio material ou espiritual no universo. Assim todo o germen que se lança á terra é modificado e desenvolvido; sua forma primitiva e modo de existencia *morreu,* porém depois d'esta morte apparente, uma nova organisação sae do germen, ou por outra, desabrocha um novo corpo.

(1) Citado por Alfredo Erny «Le Psychisme Experimental».

Minhas faculdades de vidente—diz J. Davis—me permittiram estudar o phenomeno psychico e physiologico da morte á cabeceira de um moribundo.

Era uma senhora de sessenta annos, que muitas vezes tinha recorrido aos meus conhecimentos de medicina.

Quando a hora da morte chegou, eu encontrava-me felizmente *n'um estado perfeito de saude*, o que me permittiu exercer com toda a liberdade as minhas faculdades de vidente. Tomei logar appropriado para não ser notado nem incommodado nas minhas observações psychicas, e puz-me a estudar os mysteriosos processos da morte.

Vi que o organismo physico já não podia satisfazer ás necessidades do principio intellectual, mas diversos orgãos internos pareciam resistir ao desprendimento da alma.

O systema muscular como que buscava reter as forças motoras.

O systema vascular debatia-se para sustentar o principio vital; o systema nervoso luctava energicamente contra a extincção dos sentidos physicos e o systema cerebral esforçava-se por conservar o principio intellectual.

Corpo e alma, como dois esposos, resistiam á sua separação absoluta.

Estes conflictos internos pareciam ao principio produzir sensações penosas e perturbadoras, por isso foi com prazer que reconheci que estas manifestações physicas não indicavam *a dôr ou o mal-estar*, mas simplesmente a separação entre a alma e o organismo.

Pouco depois, a cabeça envolveu-se-lhe n'uma atmosphera brilhante; em seguida, d'um só lance, vi o cerebro e o cerebello distenderem-se interiormente e suspenderem suas funcções galvanicas, penetrando-se de principios vitaes de electricidade e magnetismo, que invadiram as partes secundarias do corpo. Por outras palavras, o cerebro tornou-se dez vezes mais preponderante do que era durante o estado normal Este phenomeno precede invariavelmente a dissolução physica.

A seguir observei o processo, pelo qual a alma ou espirito se desprende do corpo. O cerebro tornou-se um foco poderoso de energia, attrahindo os elementos de electricidade, magnetismo, movimento, vida e sensibilidade, espalhados em todo o organismo.

A cabeça tornou-se como illuminada, e notei que ao mesmo tempo que as extremidades eram invadidas pelo frio e pallor mortal, *o cerebro ganhava um brilho particular.*

Em torno d'esta atmosphera fluidica que cercava a cabeça, *vi formar-se uma outra cabeça,* que se foi desenhando mais e mais nitidamente, adquiriu um fulgor, que com difficuldade a podia fixar; mas á medida que esta cabeça etherea se condensava, a atmosphera brilhante desaparecia.

D'esse facto deduzi, que estes principios fluidicos, attrahidos ao cerebro de todas as partes do corpo e ahi elimidados sob a forma de atmosphera particular, estavam antes estreitamente unidos, pelo principio superior de affininidade do universo, que sempre se manifesta em cada parcella da materia. Com surpreza e admiração fui seguindo as phases do phenomeno.

Do mesmo modo que a cabeça fluidica se tinha desprendido do cerebro, vi formar-se successivamente o pescoço, os hombros, o tronco e emfim a totalidade do corpo fluidico.

Foi para mim evidente que as partes intellectuaes do ser humano são dotadas d'uma affinidade electiva, que lhes permitte aggregarem-se no momento da morte. As deformidades e defeitos do corpo physico tinham quasi inteiramente desapparecido do corpo fluidico.

Emquanto este phenomeno espiritualista se desenrolava perante minhas faculdades particulares, por outro lado, aos olhos das pessoas presentes no quarto mortuario, o corpo do moribundo parecia dar symptomas de mal estar e de angustia, mas esses signaes eram ficticios, pois apenas provinham da corrente das forças vitaes e intellectuaes, retirando-se do corpo para se concentrarem no cerebro e depois no organismo novo.

O espirito (ou intelligencia desincarnada) elevou-se em angulo recto acima da cabeça do corpo abandonado, mas antes da ruptura final da ligação, que por tanto tempo tinha reunido as partes materiaes ás intellectuaes, vi uma corrente de electricidade ou energia vital formar-se entre a cabeça do moribundo e a parte inferior do novo corpo fluidico.

Isto deu-me a convicção de que a morte não era senão um *renascimento* da alma ou do espirito, elevando-se d'um estado inferior a um estado superior, e que o nascimento d'uma creança n'este mundo, ou a volta d'um espirito ao outro eram factos identicos; nada falta, nem mesmo *o cordão umbilical, que era representado por um fio de electricidade vital.*

Este laço subsistiu durante algum tempo entre os dois organismos.

Descobri então uma cousa que não tinha apercebido nas minhas investigações psychicas, e é que uma pequena parte do fluido vital tornava para o corpo material, logo que o cordão ou laço fluidico se quebrava.

Este elemento fluidico ou electrico, espalhando-se no organismo obstava á immediata dissolução do corpo.

Não é prudente enterrar o corpo antes da decomposição ter começado. O cordão umbilical fluidico de que fallei, muitas vezes não está ainda quebrado.

E' o que succede quando pessoas, parecendo mortas, voltam á vida, ao fim d'um ou dois dias e contam suas sensações.

Este estado tem sido denominado lethargia, catalepsia, etc.; mas quando o espirito fica prezo quando se desintegra do corpo, só raramente o cerebro retem a lembrança do que se passou.

Este estado de inconsciencia póde parecer similhante á anniquilação para um observador superficial, e esta suspensão temporaria da memoria tem servido muitas vezes de argumento contra a immortalidade da alma.

Logo que o espirito da pessoa que eu estava observando, se desprendeu dos laços tenazes do corpo, notei que o seu novo organismo fluidico era apropriado ao seu novo estado, tendo o conjuncto similhança com a apparencia terrestre.

Foi-me impossivel saber o que se passava n'esta intelligencia *revi-*

vente, mas era manifesta a sua tranquillidade e *a admiração pela dôr profunda dos que choravam junto ao cadaver.*

O que me pareceu é que o espirito conheceu a ignorancia d'essas pessoas quanto ao que realmente se tinha passado.

As lagrimas e os excessivos lamentos dos parentes ou amigos apenas proveem do ponto de vista falso em que a maioria da gente se colloca, isto é, da crença materialista em que tudo acaba com a morte do corpo. Posso affirmar por minhas diversas experiencias, que se uma pessoa morre naturalmente, nenhuma sensação penosa recebe a alma.

O periodo de transformação que acabo de descrever dura *cerca de duas horas,* mas essa duração não é a mesma para todos os individuos.

Se vós podesseis vêr com os olhos psychicos, aperceberieis junto ao corpo rigido uma fórma fluidica, tendo a mesma apparencia do ser humano que acaba de morrer, porém esta fórma é mais bella e como que animada d'uma vida mais elevada.»

JACKSON DAVIS.

A EFFLUVIAÇÃO ODICA

VII

Meu caro Dr. Souza Couto

Suggestões *post-hypnoticas* são as que são dadas ao passivo durante o somno magnetico; mas *que só hão de produzir o seu effeito mais tarde no estado de vigilia,* passados alguns minutos, algumas horas, ou mesmo alguns dias.

Tentei produzir estas suggestões em varios estados do somno somnambulico; mas só me deram resultado as que foram dadas *durante o estado de somnambulismo.* E não basta para que sejam efficazes o simples desejo manifestado pelo magnetizador; é *indispensavel* que seja incutida no animo do somnambulo *em tom imperioso, repetida duas ou mais vezes, e como uma imposição fatal* a que elle não pode desobedecer. E é egualmente *indispensavel* declarar-lhe uma ou mais vezes *o dia e hora* em que a suggestão se ha de realisar.

Mas, para que bem se comprehenda quanto ha de maravilhoso n'esta especie de suggestões, importa fazer recordar um facto importante e é—que todos os actos, palavras e phenomenos realizados pelo passivo durante o tempo em que se acha immerso *em qualquer dos estados magneticos,* tudo quanto se disse ou fez na sua presença durante esse periodo de tempo,—*tudo isso o passivo esqueceu completamente, logo que despertou:* isto, bem entendido, a menos que durante o somno se lhe não *tenha imposto a obrigação de se recordar.*

Mas, adormecido novamente o passivo, *volta-lhe* immediatamente a memoria fidelissima *de tudo quanto se disse ou fez nas sessões magneticas anteriores.*

No somnambulo manifestam se assim duas personalidades distinctas, duas vidas independentes — a *normal* ou de *vigilia* e a *anormal* ou *somnambulica*.

Assim como na vigilia mantemos a recordação dos factos que se succedem dia após dia, assim tambem na vida somnambulica essa recordação persiste como de *factos consecutivos* de uma mesma personagem. Mas essas duas vidas são completamente independentes *como se pertencessem a duas pessoas diversas*.

E de facto assim devia ser, desde que se admitte no homem *duas entidades — espirito e corpo*.

Já vimos pelas experiencias anteriormente narradas que a vista, o ouvido, o paladar. o tacto, a rasão, a memoria, etc. — *existem* e *funcionam* independentemente dos orgãos corporaes a que *normalmente* andam ligados.

Por consequencia, no somno magnetico, como os orgãos corporeos *não intervieram* n'esses phenomenos, no cerebro *não ficou impressão alguma, a memoria normal nada reteve*, salvo a hypothese de o magnetizador *ter imposto ao samnambulo a obrigação de as recordar*.

Assim pois, suppondo que se deu ao somnambulo uma suggestão qualquer, para elle realizar depois de accordado, algumas horas mais tarde ou mesmo alguns dias, accordado o somnambulo, entra na vida normal sem ter a mais leve reminiscencia da imposição que lhe foi feita. Mas, chegado o momento fatal, appossa-se d'elle a necessidade de realisar uma determinada acção, como uma resolução sua propria, sem suspeitar nem de leve que a idéa que lhe domina o cerebro é uma imposição alheia. E, se alguem lhe disser que aquillo não é idéa d'elle, mas encommenda alheia, elle indignar-se-ha por uma tal supposição, affirmando convicto que o acto é propriamente seu e de mais ninguem.

Ora assim como vimos que a suggestão *hypnotica*, dada no *estado de credulidade*, actuava sobre o physico e moral do passivo por uma forma irresistivel, assim tambem agora vamos ver que a suggestão *post hypnotica* actua por uma forma intensissima sobre todas os orgãos externos e internos do passivo, e sobre as suas faculdades intellectuaes. E é por isso que a suggestão *post-hypnotica* está sendo actualmente empregada por medicos eminentes como um meio terapeutico de primeira ordem, sobretudo para debellar radicalmente doenças gravissimas do systema nervoso, rebeldes a todos processos curativos. E assim que clinicos abalizados como os drs. Bottey, Foveau de Courmelles, Luys, Marcel Briand, Voisin e outros teem logrado operar curas maravilhosas.

Perturbações e allucinações visuaes, auditivas e dos outros sentidos, hemiplegias nervosas, contracturas, a hystero-epilepsia, a dipsomania, o alcoolismo e tantas outras perturbações gravissimas do systema nervoso encontram na suggestão post-hypnotica a sua cura radical.

Mas, basta de theoria e vamos aos factos.

*
* *

Um dia disse ao somnambulo: — «Logo, dez minutos depois de estares perfeitamente acordado, has de approximar-te d'esta cadeira, e como te sentirás então muito fatigado, hasde cahir sobre ella; mas, apenas estiveres sentado, os olhos fechar-se hão, e ficarás immerso em somno magnetico profundo.»

Terminada a sessão e despertado completamente o passivo, este entreteve-se passeando e conversando alegremente com uns e outros; mas apenas passou o praso fatal, elle, sentindo em todo o corpo um quebramento irresistivel, approximou-se subitamente da cadeira e sentou-se n'ella pesadamente. As palpebras começaram a tornar-se-lhe pesadas, e apezar dos esforços desesperados que elle fazia para as abrir, não o conseguiu. Estava cataleptico.

*
* *

Outra vez disse-lhe no estado somnambolico:

«Esta noute depois de te deitares, e logo que adormeceres, has de sonhar que és imperador da China e esse sonho hade durar até á madrugada, vendo as cousas mais bellas e gozando de todas as riquezas e ostentação do imperador do Celeste Imperio. Quero que ao acordares te recordes do que tiveres sonhado, e ámanhã logo que seja meio-dia has-de ir á pharmacia de F.... diriges-te ao filho do pharmaceutico que lá ha de estar, e contas-lhe o sonho que tiveste.»

Mas elle objectou: Não; não me mande ahi, porque pode lá estar gente de fóra, e envergonho-me de contar essas cousas diante de pessoas extranhas.

Não tem duvida. Has de ir; porque n'essa occasião só lá ha-de estar o filho do pharmaceutico e eu. *Ninguem mais!* — Podes olhar bem, *que não verás lá mais ninguem.*

A suggestão, de uma complexidade e duração extraordinaria, *realisou-se integralmente* nas suas partes — o *sonho* e a *narração.*

Ao bater do meio dia do dia seguinte — o rapaz entrava resoluto na pharmacia, onde eu estava já e cinco ou seis pessoas que elle conhecia. Olhou para um e outro lado para vêr se via alguem; não viu ninguem e por isso não cumprimentou senão a mim, perguntando-me desde logo pelo filho do pharmaceutico, que estava no laboratorio; e logo que este chegou, pôz-se a contar-lhe o sonho com grande enthusiasmo, narrando em voz alta as maravilhas que vira e riquezas que disfructara, lamentando apenas que aquillo não passasse de um sonho. E, cumprida que foi a suggestão, sahiu da pharmacia abruptamente, *sem vêr* os circumstantes que admiravam o facto, e o olhavam absortos.

*
* *

O bom resultado d'estas primeiras suggestões animou-me a tentar outras mais complexas.

Assim, n'uma sessão ulterior, disse-lhe: — «Ámanhã ao meio dia, estejas onde estiveres, diriges-te immediatamente á Escola Industrial, entras sem bater, cumprimentas, em geral, as pessoas presentes, e, tomando uma das cadeiras pelas costas, appoias-te a ella inclinando-a e collocas-lhe um joelho sobre a palhinha, e, dirigindo-te a mim, dizes:

— «*Ah! monsieur, excuzez-moi, je vous prie; mais je suis très fatigué, je ne puis plus.*»

E deixas-te cahir sobre a cadeira.

Mas, quasi no mesmo instante, has de sentir no joelho direito uma viva dôr, que te ha de obrigar a pôr de pé e a gritar. Mas apenas collocares a mão sobre o joelho, a dôr passa completamente, e muito satisfeito dizes:

— «*Je suis dejà bon. Je m'en vais.*»

E retiras-te immediatamente sem te despedires de ninguem.

Deve notar-se que n'esta época o somnambulo *não conhecia uma unica palavra da lingua franceza,* pois só mais tarde começou a aprendel-a.

Esta suggestão foi lhe feita *uma só vez,* mas obriguei-o a repetir tudo o que eu lhe havia dito, a fim de o habituar á pronuncia que elle desconhecia. Pois no dia seguinte, e á hora prefixa, o rapaz entrou na escola e repetiu com toda a seriedade todos os actos e palavras ordenadas, sem falta de uma só, nem troca na sua ordem, com grande pasmo dos circumstantes, que estavam perdidos de riso. E, o que é mais para admirar, o rapaz deu ás palavras francezas uma pronunciação tão nitida e entonação tão apropriada, como só poderia dar-lh'a quem comprehendesse o que estava dizendo e tivesse muitos mezes de aprendizagem da lingua.

*
* *

N'outra occasião dei-lhe uma outra suggestão do mesmo genero, mas muito mais complexa. E se bem que ella falhasse *quanto ao dia marcado,* é ainda assim bastante importante para que mereça ser narrada summariamente.

Consistia ella tambem em ir á Escola Industrial no dia seguinte ao meio dia, e ahi praticar determinados actos, proferir varias phrases de francez, sentir uma dor viva que lhe passaria logo que acudisse com a mão ao sitio dolorido.

No dia seguinte á hora prefixa debalde o aguardei; o rapaz não appareceu n'esse dia nem no immediato.

Encontrando-o casualmente no terceiro dia perguntei-lhe se na

ante-vespera pelo meio-dia não tinha sentido necessidade de falar commigo.

Respondeu-me negativamente; mas accrescentou:—hontem porém, por essas horas, é que senti uma coisa exquisita:

E disse-me então que sahira da cidade pelas 11 horas da manhã com um outro rapaz, e que pelo meio dia estava elle e o seu companheiro tomando banho n'um ribeiro, quando subitamente começou a sentir-se mal e a desejar estar longe d'ali. Ao mesmo tempo acudiam-lhe ao pensamento muitas palavras exquisitas de uma lingua desconhecida que não entendia.

E, quando já ia para sahir do banho, deu-lhe uma dôr vivissima n'uma perna que o obrigou a gritar; mas a dôr desappareceu como por encanto, apenas lhe poz a mão em cima.

Perguntei-lhe se me poderia repetir as palavras exquisitas que lhe acudiram ao espirito. Disse-me que lhe haviam esquecido quasi todas por serem muitas, e que apenas se lembrava de umas quatro ou cinco, que me repetiu, e que de facto faziam parte das phrases suggeridas.

Vê-se pois que esta suggestão, apesar do erro de dia, viria a realisar-se um dia depois, se a essa hora do dia o somnombulo não se achasse a mais de tres kilometros do logar onde ella deveria realisar-se.

*

* *

Notei por varias vezes que, sempre que a suggestão dada *repugna á consciencia, á intelligencia* ou *á vontade do passivo,* ella não se realisa. Porque a verdade é que essa pretendida *abolição da vontade* do passivo durante o estado somnambulico, não passa em regra de uma ideia extravagante propagada pelos romancistas, mas que bem poucos homens de sciencia ousam sustentar.

A minha experiencia pessoal levou-me ao convencimento de que a vontade do passivo (quando somnambulo) *póde reagir,* não se deixando supplantar pela do magnetizador, sempre que por qualquer motivo a suggestão repugna á sua consciencia. Assim a meu vêr não se deve admittir *como these geral* que, pela suggestão *post-hypnotica,* qualquer somnambulo póde ser arrastado irresistivelmente á pratica do crime.—O somnambulo honesto e de consciencia pura *reagirá sempre e não cumprirá a suggestão.* (1)

---

(1) Em materia de efficacia ou imperio da suggestão, entendemos que nenhuma escola deve tirar conclusões absolutas.

Bem sabemos que o fundo moral do *suget* reage fortemente contra as suggestões tendentes a contrariar-lhe o caracter ou austera conducta, mas tambem sabemos que exemplos ha em que a suggestão se realisa na pratica de actos que o suggestionado seria incapaz de praticar sem esse impulso.

E mesmo a Escola de Nancy funda-se em factos para tirar as suas conclusões, e como se sabe os factos são argumentos poderosos.

O que nos parece é que sendo differentissima a impressionabilidade ou receptividade dos *sujets,* e por outro lado diversos tambem os graus que a imposição da suggestão póde tomar, impossivel é dizer, ou *á priori,* ou absolutamente qual a força determinante, coercitiva da suggestão.—*N. da R.*

Só o somnambulo de *consciencia prevertida,* ou que tenha *latente* a *bossa da criminalidade* a aceitará, porque não repugna então ao seu senso intimo.

A vontade do passivo só é nulla nos estados *lethargico, cataleptico e de credulidade.*

Adhiro por isso á opinião auctorisada de Puysegur, Deleuse, Aubin, Gauthier, e dos drs. Brouardel, Charcot, Gilles de la Tourette e todos os magnetizadores, que combatem a Escola de Nancy, unica que sustenta a annullação completa da vontade do somnambulo.

MARTINS VELHO.

MANIFESTAÇÕES EXPONTANEAS

Casas assombradas (hantées)

Como ainda não temos referido facto algum de manifestações, que por vezes inesperadamente e sem que a causa seja bem averiguada, se observam em certas casas, vamos dar hoje um exemplo d'esse phenomeno, resumindo o que a proposito dos casos de *Valence en-Brie* e *Yzeures,* escreve o Dr. Dupouy na sua obra «Sciencias Occultas e Physiologia Psychica».

«As ultimas casas assombradas que teem occupado a imprensa e excitado a polemica dos scepticos e dos positivistas, que apenas querem acreditar nos factos revelados pelos sentidos — são as de Valence-en-Brie e de Yzeures perto de Châtellerault.

De mais os phenomenos observados são sempre os mesmos: ruidos de differente natureza e de diversa intensidade, objectos partidos, deslocamento de moveis, algumas vezes contactos de mãos fluidicas, etc.

Invariavelmente, ha na casa uma menina e é o medium que serve á producção dos phenomenos, que geralmente se observam de noite, pois a luz em regra é pouco favoravel ás materialisações.

Relativamente á casa assombrada de Yzeures, a familia Sabourault deixa o primitivo logar e vem fixar residencia em Poitiers com a pequena Renée, sob a influencia da qual se produzem os phenomenos.

Do mesmo modo que com a familia Fox (de Heydesville) os phenomenos reproduzem-se em Poitiers nas mesmas condições.

E' sobre tudo na occasião das refeições que em Poitiers os phenomenos se produzem com maior intensidade; a meza agita-se, salta, desloca-se algumas vezes de um a muitos metros, em quanto a baixella e louças entram em desordenado movimento. Ao contrario as noites são mais calmas do que em Yzeures; parece que o invisivel perseguidor da familia Sabourault tambem carece de descançar; mas de manhã indemnisa-se e recupera o tempo perdido; cada dia, pelas sete horas, os ruidos começam, durando um tempo variavel entre alguns minutos até uma hora.

Scepticos endurecidos teem observado estes factos extranhos, e

em consequencia teem sido vencidos pela evidencia: é assim que um preparador da Faculdade de sciencias e sua esposa ouviram no decurso de muitos dias e durante vinte e cinco a trinta minutos por dia, os ruidos habituaes, em condições que tornavam a fraude impossivel e excluiam toda a explicação natural; elles fizeram perguntas e obtiveram respostas; pediram um numero determinado de pancadas e obtiveram-n'o, e todos estes factos denotam uma intelligencia.

Um outro collega d'aquelle, viu uma creança lançada da cadeira e esta deslocando-se e levantando-se, apezar dos esforços que lhe oppunham.

No domingo de Ramos, phenomenos ainda mais extranhos se produziram: em presença de M. Duplantier, advogado, Aviron, pintor, Dr. Corneille e outras pessoas, a creança, bem como a cadeira em que estava sentada, foi levantada uma dezena de vezes á altura de 30 a 40 centimetros.

D'uma das vezes, a creança e cadeira foram transportadas a muitos metros, com tal força, que os esforços de 2 assistentes, não poderam suspender o movimento. Outros factos se observaram, redigindo-se uma acta d'estas observações.

Na 4.ª feira seguinte, foi a creança conduzida a casa do Dr. Corneille e os phenomenos a seguiram. Durante 15 dias o doutor, conhecedor dos factos medianimicos, observou *em sua casa* os mesmos phenomenos, e conseguiu, até certo ponto, provocar á vontade a sua producção.

E' assim que obteve, *por sua ordem,* pancadas, deslocamentos de objectos, levitações e muitos outros resultados interessantes, que tenciona submetter, logo que terminadas suas observações, á Sociedade de Sciencias Psychicas».

Dr. Edmond Dupouy.

EXPEDIENTE

O director dos *Estudos Psychicos* tenciona ir passar o proximo mez de setembro fóra de Lisboa; por isso roga a todos os srs. assignantes ou pessoas que com elle hajam de ter correspondencia ácerca de assumptos da revista, a fineza de esperarem pelo seu regresso, em principios de outubro. E desde então ficará plenamente ao seu dispôr.

N.º 4 SETEMBRO DE 1906 2.º ANNO

ESTUDOS PSYCHICOS

REVISTA MENSAL DE ANIMISMO
E ESPIRITISMO EXPERIMENTAL

Director — DR. SOUSA COUTO

COLLABORADORES — Drs. Maxwell, Laurent de Faget, De Reyle, Wolowski, Marzorati, Roso de Luna, Quintin Lopes, Martins Velho, etc.

Escriptorio — Rua do Ouro, 149, 2.º LISBOA

DESCOBERTAS E PRECONCEITOS

II

Continuando a verificar a systhematica opposição a todos os descobrimentos recentes, reconhecemos que a sua acção abrange o conjuncto de todas as ideias novas, logo que ellas contrariem as noções vigentes ou o modo de sentir geral.

Mais uma vez e com desusado vigor, esta contrariedade se mostrou, quando os phenomenos do magnetismo se começaram a proclamar.

Sem lançarmos vistas mais largamente retrospectivas do que ao tempo de Mesmer, bastará pensar apenas no que desde então se passou, para resaltar com toda a evidencia quanto uma ideia nova custa a romper, a penetrar na espessa muralha da vetusta cidadella da ignorancia.

E muitas vezes não é só feita de ignorancia a barreira que se levanta á expansão da ideia: o interesse não poucas vezes cerra tambem fileiras para atalhar a marcha da conquista nascente.

Desde 1766, em que Mesmer apresentou em Vienna a sua dissertação inaugural, os mais acalorados debates se feriram, as mais violentas discussões se travaram, contra as proposições mesmerianas, que afinal um grande fundo de verdade encerravam.

Mais d'um seculo se consumiu n'esta encarniçada lucta d'exterminio, em que o sarcasmo e o ridiculo eram as armas não menos usadas.

Não tendo Mesmer conseguido senão o desdem na sua terra, veio para Paris, onde o odio e desprezo de muitos o obsediaram implacavelmente.

Apezar de tudo isto, a fé de uns e a convicção, pelo facto, de outros muitos crearem-lhe enorme renome; mas tão oppostos eram os phenomenos ao chamado senso commum e á sciencia official de então, que sendo nomeada, sob Luiz XVI, uma commissão d'inquerito e parecer sobre o magnetismo, as suas conclusões foram-lhe desfavoraveis; e mais ainda, a Sociedade Real de Medicina de Paris formulou tambem opinião adversa, baseando-se em rasões que no estado actual de conhecimentos, não poderiam resistir á mais superficial critica.

Não obstante estas contrariedades, o magnetismo foi fazendo inesperados progressos, dando logar a que tambem novas impugnações surgissem, porque impossivel é d'um jacto só estabelecer-se e diffundir-se uma verdade nova.

Puységur descobre o somnambulismo provocado; outros investigadores, como Deleuze, Faria, Noizet, Bertrand, Dupotet, etc., vão sondando e radicando a verdade dos factos, alargando-se o ambito das investigações e tornando-se cada vez mais patentes e irrecusaveis os phenomenos.

Todavia ainda estavam para desencadear-se as maiores tormentas e os maiores combates, no seio das corporações sabias, contra a proclamação d'esta descoberta, que no fundo assentava em factos observaveis, em materia de possivel verificação, de que todos podiam convencer-se, desde que longamente, persistentemente a estudassem n'uma experimentação cuidadosa e assidua.

Esta nova e decerto mais ardente phase de impugnação, começou desde que o medico Foissac, convencido por observações pessoaes, apresentou á Academia de Sciencias e á Academia de Medicina de Paris uma memoria sobre magnetismo.

O fanatismo scientifico é muitas vezes tão auctoritario como o fanatismo religioso. D'esse fanatismo deu exemplo typico M. Renauldin, da Academia de Medicina, n'estas textuaes palavras: «Não devemos occupar-nos com tolices; o magnetismo animal está morto e enterrado desde ha muito, e á Academia não pertence desenterral-o».

Sómente para decidir, se sim ou não a Academia devia occupar-se d'este assumpto, a discussão foi das mais acesas e modelares, no sentido de mostrar quanta reluctancia existe sempre em nós para a acceitação de factos, a cujo estudo não estamos habituados.

N'essa discussão (10 e 24 de janeiro de 1826) ficaram memoraveis as palavras d'alguns academicos, que mais se insurgiram contra a admissão de tal assumpto.

Não era só a inconsistencia das razões e por vezes a notavel pequenez de vistas d'estes adversarios: eram mesmo terçadas as invectivas e as mais desnaturadas injurias contra os que sustentavam o dever de estudar uma materia, que apenas tinha contra si a novidade, mas que se impunha aos que a estudavam devotada e sinceramente.

Quando appareceu o relatorio favoravel da commissão d'exame e estudo, presidida por Husson, e não obstante a longa serie de observações provantes, em que as conclusões se baseavam, reappareceu de novo, aqui e alli, o antigo espirito de opposição. Houve ainda, quem julgasse os factos verdadeiros milagres, houve quem os considerasse impossiveis pelo argumento de que, se verdadeiros fossem, *viriam destruir metade dos conhecimentos physiologicos.*

E no meio d'esta indisciplina geral, ao tempo em que a natureza tinha ainda cerrado aos homens o mais rico filão dos seus arcanos, a Academia ficou perplexa, dividida por ventura, mas indecisa, incapaz de tomar uma rasgada iniciativa.

Foi talvez para recuar um pouco, para voltar ao antigo systhema

de incredulidade formal, que alguns annos se passaram, até que o incidente Oudet veio outra vez chamar a attenção da Academia sobre os phenomenos magneticos. Tratava-se de uma operação sem dôr, realizada com o auxilio do magnetismo.

Nova commissão, novo relatorio, cujas conclusões se afastavam mais da verdade e da critica judiciosa, do que as do relatorio Husson.

E n'este declive foram propendendo os animos para a duvida e para a negação.

Havia já experiencias concludentes, phenomenos bem observados, trabalhos impeccaveis d'indagação, a que se não podia irrogar precipitação ou imprudencia, e não obstante a Academia não hesitou n'uma decisão, que hoje podemos taxar de intempestiva, anti-scientifica.

Essa decisão memoravel fechava de futuro as suas portas ao magnetismo, tão obstinadamente, como se se tratasse do motu-continuo ou da quadratura do circulo.

Mal diriam os que votaram n'esse momento tal moção, como canon infallivel da sciencia, que mais tarde novas luctas haviam de fazer abrir as trancadas portas d'esse templo de Minerva, como em Roma as guerras faziam abrir as do templo de Janos.

Quando a verdade começa a alvorecer, os obstaculos só conseguem demorar algum tempo a incubação; mas chegado o termo, a verdade consegue triumphar.

Foi assim que não obstante aquella sentença, que dir-se-hia de eterna proscripção, o estudo continuou a generalisar-se e o phenomeno a accentuar-se por toda a parte, concitando muitos ao exame e convencendo-os de que havia um inestimavel fundo real no meio d'essas manifestações.

Braid contribue, com a denominação nova de hypnotismo, com a sua theoria e processo de provocação, a desfazer preconceitos contra o antigo magnetismo, e teve a sua obra a vantagem de chamar a attenção de varios compatriotas seus para esta materia. Na Inglaterra, pois, algum incremento tomou este estudo pelos esforços de Darting, Brewster, Carpenter, etc.

E por seu turno na França, a campanha não amorteceu, destacando-se n'ella nomes de tanto valor, como os de Mennier, Dr. Charpignon, Broca, Durand, (de Gros) etc.

Todavia os trabalhos de Braid ficaram até então quasi desconhecidos e nem mesmo toda a dedicação de Durand (de Gros) conseguiu das Academias suscitar-lhes o interesse, que esta materia por tantas rasões merecia.

Em verdade numerosas foram as phases d'esta cruzada quasi secular, em que tantas actividades se consumiram, tantas convicções se viram incomprehendidas, antes que a sciencia official se dignasse dispensar mais cuidado a este assumpto, até o converter n'um dos mais interessantes capitulos de suas pesquizas.

Para este resultado muito contribuiram o Dr. Azam, Richet, Charcot e muitos outros, com experiencias susceptiveis de fundamentarem principios positivos.

Mas estaria a contenda dirimida? Quantas batalhas não havia ainda a sustentar quanto á suggestão, até que as duvidas desapparecessem?

(Continúa) SOUZA COUTO

PHENOMENOS DE MATERIALISAÇÃO

(Conferencia feita na Alliança Espiritualista, de Londres, por M.me d'Espérance)

II

Walter (um dos espiritos amigos) renovou a experiencia. Tomou o vestido que tinhamos preparado, examinou-o attentamente, depois enrolou-o como para fazer uma especie de péla e atirou o á sala. Pouco depois esse espirito sahia para fóra, usando um vestido que nos apresentou como sua propria obra e que se gabou de ter podido confeccionar.

Desde esse momento, esta nova especie de phenomenos tornou-se uma das nossas preoccupações principaes; quanto aos successos que d'ahi resultaram, foram elles publicados, ha alguns annos no livro: *No Paiz da Sombra,* e tambem nas obras de dois ou tres auctores, que se tinham interessado no assumpto. Recusei-me formalmente a occupar-me d'estas experiencias, se n'ellas não podesse tomar uma parte tão activa, como os outros membros do grupo. Disseram-me que se eu me mergulhasse n'uma especie de somno hypnotico, o trabralho dos espiritos seria largamente facilitado; mas eu não quiz por forma alguma submetter-me ás suas condições. A minha recusa appoiava-se sobre o facto de que qualquer pessoa só póde ser considerada responsavel pelas acções praticadas conscientemente, posto que muita gente seja de opinião contraria; mas julgava que era necessario ser tanto mais circumspecto, quanto se tratava aqui de manifestações d'um caracter duvidoso.

Pouco disposta me achava a servir de joguete inconsciente de forças que não comprehendia e a vir a ser victima de investigadores tão ignorantes n'esta materia, como eu mesmo o era. Uma outra rasão, no meu entender, mais séria ainda, é que interessando-me n'este estudo tanto como os meus amigos, entendia não dever perder nenhuma occasião de instruir-me no conhecimento d'este poder mysterioso, que residia na base de phenomenos tão novos e tão estranhos.

Tendo-nos a nossa experiencia pessoal demonstrado de maneira irrecusavel o facto da materialisação, bastou nos durante certo tempo havermos adquirido esta certeza; porem em breve surgiram certas difficuldades, e outras questões se levantaram a que não nos era possivel responder. Achavamo-nos em face de factos de menor importancia, que era preciso aclarar, para estabelecer a sua relação com todos os outros phenomenos, se queriamos harmonisal-os com a nossa theoria d'estas creações. Por isso discutiamos sobre os pormenores

de cada experiencia com Walter, que parecia ser, como elle a si mesmo chamava, *o chefe da fabricação* de todas as formas materialisadas, que se nos manifestavam; as informações que elle nos forneceu ácerca do seu modo de proceder, não foram, todavia, completamente satisfatorias. Recommendando-nos para nos servirmos de nossos olhos, não parecia pôr em duvida as difficuldades contra que tinhamos a luctar para exercer a visão n'uma meia obscuridade. Foi um outro Espirito, Humner Stafford, mais sob certos aspectos, que nos veio auxiliar, e foi a elle que dirijimos a candente pergunta:

—«O que é uma materialisação?»

Vou referir, palavra por palavra, as suas respostas taes como foram dadas por escripta automatica e inseridas nos nossos relatos. Um membro do grupo tomava nota d'ellas pontualmente em cada sessão.

—«O que é uma materialisação?—perguntámos nós.

—«Respondei-me primeiramente e dizei-me o que é a materia».

O director das sessões respondeu:

—«Segundo o que nos ensina a escola, a materia e toda a substancia tangivel, perceptivel pelos sentidos e obedecendo ás leis da gravitação».

—«De que é composta a materia?»—torna Staffort.

—«D'atomos mais ou menos densos, unidos pela força de cohesão».

—«O que é um atomo?»

—«Um atomo é a menor parte da materia que possamos conceber; são precisos milhares d'elles para formar a mais pequena quantidade visivel aos olhos humanos».

—«Quaes são as composições dos atomos?»

—«Tanto quanto se póde saber, um ou muitos gazes».

—«Que são os gazes?»

—«São o ether ou materia no estado de etherisação.»

—«Que são os etheres?»

—«Não sei. Quanto nossos conhecimentos o permittem, são vácuos, são nadas. E todavia, se buscamos analysal-os, pareceria que são tudo».

Stafford então proseguiu:

«Nada ha no universo, quando retrospectivamente lhe procuramos descobrir a origem, que nos permitta chegar a outra consideração: não existe outra materia senão a que póde resolver-se nos seus elementos originarios.

«Nada, cousa alguma, um nada mais assombroso, mais imponente, mais poderoso, que tudo quanto o mundo material tem produzido. Este nada, em que reside o poder que creou «os ceus e a terra e tudo que conteem», poder que a mais subtil intelligencia humana é incapaz de abraçar ou comprehender, ao qual se teem dado muitos nomes; o ultimo inventado por homens instruidos e sabios é: «A vontade Cosmica». Outros mais simples e que se contentam com nomes familiares, chamam-lhe «Deus».

«A materia manifesta-se sob tres fórmas: solida, liquida e gazosa. Os solidos e liquidos se resolvem facilmente em gaz, por meio do calor. Submettendo-se á acção do calor pezadas massas de ferro ou

de rocha tornam-se liquidas; elevando-se a temperatura os liquidos se transformam em gazes, que evaporando-se no espaço, são para os sentidos do homem como se não existissem.

«Pelo mesmo processo se realisam e existem estas transformações em tudo que é material. Cada cousa volta incessantemente aos seus elementos primordiaes, que a seu turno se reabsorvem em fórmas novas — do ether á materia — da materia ao ether — n'um circulo interminavel.

«Em parte alguma e em cousa alguma, ha um unico momento de repouso. As variações são algumas vezes rapidas, mais vezes porem são lentas no ponto de vista humano. O chimico no seu laboratorio usa da sciencia para engendrar novas formas e novas combinações; acceléra por meios artificiaes os processos de transformação e desaggregação.

«Toda a substancia animada ou inanimada é uma fonte de emanações. A atmosphera que respiraes é a emanação da terra em que viveis. E' reabsorvida e novamente, por intermedio do organismo da vida animal e vegetal, vem fazer parte da terra solida.

«Se reflectirdes sobre este trabalho d'emanação, absorção e reconstrucção que eternamente se produz, as materialisações na sala d'experiencias não são tão extraordinarias nem tão pouco naturaes como parecem á primeira vista.

«A sala das sessões é o laboratorio dos Espiritos chimicos; é ahi que construem novas formas, accelerando ou augmentando os effluvios dos assistentes (1), e servindo-se da materia assim condensada para revestir e tornar visivel e tangivel qualquer individualidade espiritual.»

Segundo a minha experiencia pessoal, continúa E. Espérance, e as minhas repetidas observações, posso affirmar, que nas palavras acima não está uma simples theoria, mas um facto, no que respeita pelo menos ás manifestações em sessão. Quando algumas pessoas se acham reunidas numa sala, em que reina uma semi-obscuridade, os effluvios de seus corpos podem ser (2) percebidos por muitos — sem que a dupla vista seja de absoluta necessidade.

Esses effluvios mostram-se sob a fórma de vapor ligeiramente luminoso por cima da cabeça, nos hombros cotovellos, por vezes nos joelhos e pés. Muitas vezes se accumulam pouco a pouco nos dedos augmentando a densidade, até tomar a apparencia d'uma leve nuvem transparente ou de algodão cardado luminoso. Taes effluvios são frequentemente visiveis por todos os assistentes, mas não offerecem resistencia ao tacto.

Por uma especie de força de attracção, quer inherente, quer produzida por qualquer agente exterior, essa radiação parece conden-

(1) A palavra assistentes, versão do inglez *sitters*, é tomada em sentido restricto: assistente tributario. Não é qualquer assistente como méro espectador, é assistente operante, tomando parte na cadeia, e contribuindo com seus fluidos, para auxiliar o phenomeno. E' esta a verdadeira significação.

(2) *Podem ser*, mas para isso é preciso que haja mediumnidade e repetidas experiencias, do contrario o phenomeno póde não ser apreciado.

sar-se, e quando chega a um certo gráo de cohesão, tem-se algumas vezes observado que é possivel percebel-a pelo tacto. As teias d'aranha que se vêem pela manhã d'um dia de estio sobre as arvores ou moitas, podem, segundo creio, dar uma ideia bastante exacta d'este genero de producção.

No correr d'uma sessão de materialisação muitas pessoas sentem no rosto e mãos como o roçar d'um objecto, cujo contacto parece ser d'uma teia d'aranha. Não só foi minha esta impressão, mas senti distinctamente, esfregando as mãos e a cara, que os dedos se empregnavam d'uma substancia, semelhando os tenues filamentos d'uma teia d'aranha.

A attenção dos assistentes muitas vezes foi attrahida sobre esta substancia quasi impalpavel, que desapparecia logo que sobre ella incidia a acção da luz.

Esta emanação dos assistentes durante uma sessão, é frequentemente acompanhada, senão sempre, d'uma sensação de arrepio, semelhante ao que se experimenta n'um leve accesso de febre: mas n'aquelle caso, não ha augmento de temperatura do corpo. Comtudo, se se trata de pessoas com disposições medianimicas, ou em quem as emanações são mais ou menos intensas, o pulso accusará consideravel acceleração e a cabeça póde tornar-se muito quente; as fontes baterão com violencia, e as mãos, pés e outras partes do corpo tornar-se-hão frias ao tacto.

Todos estes symptomas demonstram uma tensão consideravel dos nervos, e no fim das sessões, essas pessoas experimentarão uma fadiga e cansaço proporcionaes, de que não se libertarão senão passadas algumas horas de repouso ou de somno.

Como é que a Forma se constitue? Como se construe e como se anima? Taes são as perguntas que formulamos tambem a Stafford.

Em resposta, recommendou-nos que procurassemos a solução n'uma observação minuciosa e no estudo dos phenomenos.

Foi pois de nossos proprios recursos que precisamos de lançar mão; tivemos de usar de nossas faculdades, de observar e discutir sobre o valor de nossas acquisições. A muitos respeitos isto nos foi de grande utilidade, tornando-se nossos conhecimentos tanto mais preciosos, quanto sabiamos o que nos tinham custado.

Os theosophos para responder, admittem segundo creio, que todas as manifestações psychicas—inclusive a materialisação—se produzem pelo desprendimento do corpo ethereo do medium, animado por sua consciencia subliminal e não pela dos espiritos desincarnados, ao contrario do que estes seres materialisados nos affirmam por si mesmos.

Esta explicação, no meu entender, apresenta numerosas difficuldades, e não me pode satisfazer. Em qualquer caso, tal explicação é bem difficil de comprehender, e quando conseguimos fazer d'ella uma idéa approximada, somos lançados n'uma multidão de theorias, absolutamente transtornadoras. Por que recusaremos crêr nas affirmações dos espiritos, quando elles mesmos dizem ser os espiritos de pessoas fallecidas e que após a morte se convenceram de que

ella é apenas uma mudança de vida, e que além d'isso acharam meio de vir até nós e communicar-nos a sua descoberta?

Por que rasão, em vez d'isto, prefeririamos attribuir aos mediums faculdades fabulosas, permittindo-lhes, pelo exercicio da vontade e concentração de pensamento, produzir uma forma humana e—depois de a ter produzido—dotal a do talento d'um actor de primeira ordem, da habilidade de um Machiavel, da memoria d'aquelle cujo papel desempenha e da duplicidade propria ao maior mentiroso?

Os que seguem taes theorias pódem ser comparados, sob muitos aspectos, ao cão da fabula, que deitou á agua o seu boccado para correr atraz da imagem reflectida d'elle.

O medium póde, pelo exercicio da vontade, entravar em qualquer tempo as manifestações.

Mesmo a opposição d'uma das pessoas presentes póde fazer obstaculo ao trabalho dos agentes invisiveis; mas, quanto trinta annos d'experiencia me permittem julgar, nenhum medium até ao presente pelo poder da sua vontade, em concentração do seu pensamento, conseguiu constrangir um espirito a manifestar-se».

(Continúa). E. D'ESPÉRANCE.

O CASO «D'IDENTIDADE ESPIRITA» DO CHATEAU NIRVANA [1]

Pau, 19 de maio de 1906

Sr. Dr. Richet.

Foi com um sentimento d'incredulidade um tanto desdenhosa que, como muitos outros, comecei o estudo dos phenomenos chamados espiritas. Presentemente estou ainda, como sabe, no periodo do scepticismo, no sentido etymologico da palavra, no periodo de livre exame.

Tendo ultimamente observado um facto dos mais interessantes, peço licença de lh'o apresentar, deixando-lhe o cuidado de vêr se merece ser publicado.

N'uma nota separada e com auctorisação dos interessados dou-lhe confidencialmente, como era meu dever, o nome da senhora que parece ter-se manifestado medianimicamente depois da morte.

Se tomei a liberdade de o tomar por intermediario, em vez de enviar esta communicação directamente aos *Annaes de Sciencias Psychicas,* é que, julgo como v., que nunca é de mais reforçar as garantias, a que n'esta materia o publico tem direito.

V. sabe que é um magistrado que tem a honra de lhe escrever; pelas palavas d'offerecimento, que já se dignou receber, de uma de minhas publicações, poude v. convencer se talvez, de que o methodo positivo é o unico que eu admitto na investigação philosophica. Se

[1] *Annaes de Sciencias Psychicas.*—Maio de 1906.

assim julgar dever transmittir esta communicação aos *Annaes,* é que terá ajuizado de que lhe não falta nem a sinceridade nem a exactidão.

Eis agora o facto:

A 4 d'abril passado, M.me A. (1), um mez depois de ter dado á luz o seu primeiro filho, morria na cidade de ***.

Decorridos quatro dias, reuniram-se M. e M.me Draper Speakman, M.lles Mac-Cance e Dobson, no castello Nirvâna, em Gelos, perto de Pau, isto é quasi 92 kilometros a direito, distante d'aquella cidade.

Estas quatro pessoas tinham conhecimento da morte recente de M.me A., mas M.elles Mac-Cance e Dobson não a conheciam pessoalmente, e M. e M.me Speakman, embora se correspondessem com a fallecida ou com o marido, não a tinham visto desde Julho de 1905.

De mais n'essa correspondencia nunca tinha havido allusão ao sônho de que vai tratar-se.

Escuso dizer que garanto a perfeita honradez e sinceridade, por mim avaliada, das pessoas de que acabo de tratar.

No decorrer d'aquella reunião de 8 d'abril, essas pessoas fizeram experiencias de espiritismo com o apparelho chamado ouija (2). Ao produzir-se a communicação que vai lêr-se, Mac-Cance e Dobson tinham as mãos sobre a prancheta pequena, M.me Speakman fazia as perguntas e soletrava as respostas, escrevendo-as n'uma caderneta á medida que se produziam; Mr. Speakman era simples espectador.

Sobre a prancheta collocára-se uma carta, em que o marido da finada annunciava a Speakman a morte imminente de sua mulher e em que esta tinha escripto a lapis as palavras «até á vista» com a sua assignatura. (Vi essa carta).

O que precede foi-me relatado por M. e M.me Speakman por occasião da visita que lhes fiz em 12 d'abril ultimo, entregando-me M.me Speakman a caderneta, cujos dizeres vou copiar:

Pergunta:—A. (Maria) póde aqui vir ou dar novas suas?

Resposta:—Conservai-vos sempre com a mesma fé (3).

P.—Dizei o vosso nome.

R.—Por elle me chamaste; não soffro já.

P.—Mas sois A. (Maria)?

R.—Sim.

P.—Dai uma communicação para vosso marido.

R.—Brevemente lhe virei fallar. Dizei-lh'o da parte de sua pequena Maria.

P.—Qual é o nome de vossa filha?

---

(1) Esta letra não é a inicial do nome da pessoa de que se trata na presente communicação. Empregou-se essa letra para clareza da narração.

(2) Este apparelho compõe-se: 1.º d'uma prancheta sobre que estão escriptas as letras do alphabeto; 2.º d'uma outra prancheta mais pequena em forma de ferro d'engomar, montada sobre tres pés. Uma ou duas pessoas. (segundo o gráo de «mediumnidade») collocam a mão sobre esta ultima e o pé da frente pára sobre a letra que o «espirito» quer designar.

(3) M.me Draper Speakman assegurou-me, que a finada, differentemente de seu marido, não era espirita.

R.—O meu nome; mas para mim será sempre a pequerrucha Amada.

P.—Dai então uma prova para vosso marido.

R.—Cumprirei o palavra; elle saberá.

P.—Mas dai-lhe como prova um facto conhecido sómente de vos dois.

R.—(Depois d'um longo silencio): lembrai-lhe o meu sônho.

P.—Um sônho recente?

R.—Sim.

P.—Onde tivestes esse sônho?

R.—Em casa de minha mãe.

P.—Depois que nasceu vossa filha?

R.—Não, antes.

P.—De que é que sonhastes?

R.—De mim mesma.

P.—Dizei com precisão.

R.—Tudo é muito mais facil de comprehender do que me parecia n'este sônho. Separação, uma falsa ideia.

P.—Estais-vos referindo ainda ao vosso sônho?

R.—Sim; mas era falsa a ideia de que nos separariamos.

Deve notar-se que até este dia M.elles Mac-Cance e Dobson sempre obtiveram suas communicações «em inglez», sua lingua materna, e a presente foi dada em francez; que aliás comprehendem e fallam bem.

A caderneta menciona depois a suspensão rapida da communicação.

Além d'isso tenho em meu poder um relatorio assignado pelas quatro pessoas presentes, certificando a exactidão do que precede.

M.me Speakman informou-me tambem em seguida, que esta «communicaçã» tinha sido immediatamente transmittida ao marido da finada, que elle tinha logo respondido, contando o sônho de que se trata, e que essa resposta estava na mão de Mac-Cance e Dobson.

Pouco depois, chegava o correio para M.me Speakman, e entre a correspondencia vinha a referida carta, que Mac-Cance e Dobson devolviam.

Transcrevemos d'ella a passagem seguinte:

«10 de Abril de 1906.

«Meus bons amigos, acabo de receber a vossa carta, ficando muito commovido. A menina chama-se I... Maria... d'onde uma inexactidão. (Se bem que a mãe era Maria, e a menina tem esse nome em segundo logar).

«Faz duas semanas, tendo eu ido passar dois dias em..., de regresso, Maria disse-me: «Na noite passada tive um pesadello medonho, horrivel, que muito me fez soffrer. Sonhei que estava separada de ti para sempre, havia entre nós como um immenso vácuo, não sei quê, que eternamente nos separava. Não te ausentes mais, dize, não me deixes mais; tenho mêdo d'uma desgraça». Deveis presumir a minha emoção ao lêr a vossa carta. .»

Talvez se notasse, que segundo a «communicação» o sonho se attribuia a *data anterior* ao nascimento da creança, e segundo a carta do marido, elle teve logar *depois* d'esse nascimento, pois parecia-lhe ter-se dado 15 dias antes da data d'essa carta (10 de abril), tendo a creança nascido um mez antes da morte da mãe (4 d'abril).

M. e M.me Speakman affirmaram-me não terem apontado ao marido da finada esta discordancia.

Ora em 4 de maio, este escreveu-lhe expontaneamente: «Disse-vos que o sônho era exacto, mas quanto á data commetti um erro; hoje as minhas reminiscencias são mais precisas. Foi *antes* do nascimento da menina que Maria teve o sônho. Foi na vespera do parto que ella m'o contou.

Emfim, n'uma outra carta de 8 de maio, elle nos refére a *emoção profunda* de sua mulher, ao contar-lhe o seu *pesadello terrivel,* accrescentando que ella ficou *angustiada,* causando um verdadeiro susto aos que a cercavam.

Tal é o facto. Por mim limito-me a attestal-o, deixando aos mais competentes o cuidado de o commentar. Queira acceitar, caro doutor, etc.

A EFFLUVIAÇÃO ODICA

VIII

Meu caro Dr. Souza Couto

Com o relatorio das suggestões post-hypnoticas narradas no meu artigo anterior, posso dar por terminada a exposição da parte phenomenal dos meus estudos magneticos.

Taes são os factos que observei na sua esmagadora evidencia; e commigo presenciaram-os muitas dezenas de pessoas, nas melhores condições de observação. Negal-os, seria loucura, porque os factos — *veem-se, palpam-se.* Negal-os, seria fechar propositadamente os olhos á luz e affirmar que o sol não existe. Antes porém de concluir estes artigos, importa justificar o seu titulo, que á primeira vista parece completamente alheio aos phenomenos narrados.

Nem o espirito humano se contenta com a mera exposição de phenomenos.

Observados elles, e estabelecida a sua realidade, procura desde logo elevar se á lei que os domina, e conceber a theoria que os explica.

Não é por isso descabido, antes pelo contrario faz parte integrante d'estes artigos apresentar aqui em brevissima summula, a theoria explicativa dos phenomenos magneticos, theoria que se liga intima e profundamente á concepção geral do Universo.

São varias as theorias que para tal fim se teem emittido, mas, na impossibilidade de as expôr aqui todas, limitar-me-hei a dar um ligeiro esboço d'aquella que nos parece mais clara e fundamentada.

*
* *

Todos os corpos do Universo estão impregnados de um fluido imponderavel que enche os espaços estellares e que dá vida e movimento á materia toda, desde o atomo invisivel que constitue a cellula fundamental até aos mundos giganteos que fluctuam no espaço.

Esse fluido, a que bem poderiamos chamar *-a Vida Universal,* é admittido por todos os physicos e astronomos sob o vago nome de *Ether*.

E' elle que actua entre os atomos, *attrahindo-os* para formar a molecula inorganica, e chamam-lhe *affinidade*.

E sob o nome de *cohesão* actua entre as moleculas para constituir todos os corpos.

Manifesta-se no seio das massas sideraes sob o nome de *gravidade,* e nos espaços interplanetarios com o nome de *gravitação*.

Esse fluido está em toda a parte, porque tudo penetra, e a tudo dá vida e movimento. E' uma força *una,* manifestando-se na pluralidade dos phenomenos.

E consoante a frequencia e modo de ser das vibrações que imprime ás moleculos dos corpos, dá origem aos phenomenos acusticos, caloríficos, luminosos, electricos e magneticos.

Impregnando com a sua essencia todos os corpos, ou antes, *talvez,* constituindo-os pelas modalidades da sua condensação em corpos distinctos e apparentemente autonomos, essa força modifica-se consoante a natureza e destino especial de cada um.

E', *quando menos,* o *meio* em que evolucionam todos os seres, e reservatorio immenso da *vida universal*.

Até aqui temos *sciencia pura, authentica, incontroversa;* mas chegados a este ponto, levanta-se deante de nós uma interrogação tremenda, e entra-se no campo das conjecturas.

Se o *ether* é o pelago immenso da *vida universal,* se elle tudo vivifica e anima, será tambem elle que constitue a parte pensante dos animaes, e o principio individualista destes e dos vegetaes?

Ou haverá, além do *ether*, um outro *quid,* um outro principio de autonomia individual, a que devam attribuir-se esses phenomenos?

O materialista nega, *por systema,* esse novo principio; o positivista, confinado no acanhado ambito do seu campo evolutivo, não trata de o estudar—*de mininis non curat pretor:* mas o physiologista, independente de preconceitos de escola, estuda tudo sem reservas, nem receios; como o navegador audaz devassando novos mundos, elle rasga ante si novos horisontes, alargando pela observação persistente e audaz os dominios da sciencia. E é assim, de observação em observação, que elle chega á conclusão de que esse principio animico é *indispensavel* como causa determinante do individualismo dos seres, e razão sufficiente e imprescindivel dos phenomenos psychicos.

O estudo attento e porfiado dos phenomenos magneticos, telepa-

thicos e espiritas, junto com a tradição e conhecimentos profundos, conservados pelos occultistas e theosophos, teem feito progredir extraordinariamente o estudo da psycho-physiologia durante a ultima metade do seculo passado.

Hoje, a psychologia é uma sciencia *positiva* como a physica e a chimica, e, como estas, baseada unicamente na observação e na analyse.

Ora é só valendo-nos dos conhecimentos que a psycho physiologia moderna nos ministra ácerca da constituição intima do homem, que pódem ter uma explicação racional e acceitavel os phenomenos magneticos que ficam relatados, e além d'estes muitos outros de ordem superior e mais transcendentes.

*

* *

Hoje admitte-se que o homem é um composto de tres substancias distinctas:

— 1.º o *corpo material;*

— 2.º o *corpo astral, perespirito* ou *força vital;*

— 3.º o *espirito* ou *alma.*

O *corpo material,* composto de elementos materiaes, organicos, está sujeito ás leis immutaveis da chimica, aggrega-se e desaggrega-se, e com a morte dissolve-se para entrar cada molecula em novas combinações organicas.

O *corpo astral* ou *perespirito* é uma substancia *aeriforme* (ether provavelmente), *normalmente* invisivel, e apenas perceptivel aos nossos olhos em determinadas condições de *materialisação* maior ou menor. Immortal por natureza, apparenta *quando visivel* a fórma exacta do corpo a que pertence e de que é como que o *substractum,* e póde em determinadas circumstancias *exteriorisar-se* mais ou menos completamente, visivel ou invisivelmente, não só por morte, mas mesmo em vida do individuo. Tal é o caso das *apparições telepathicas,* das *duplas* de um mesmo individuo, dos *phenomenos magneticos* conhecidos pelos nomes de *exteriorisação da sensibilidade, dupla vista* e outros phenomenos somnambulicos, etc.

Porém nem todo o *perespirito* tem a faculdade de poder, *em vida,* emancipar-se do corpo; tal é a parte d'elle que se acha localisada *nas cellulas* do corpo material, e que constitue a vitalidade de cada uma d'ellas.

Mas a maior parte do perespirito acha-se localisada *nos ganglios do grande sympathico,* e é essa que em determinadas condições *pode sahir* do corpo material.

A terceira e mais elevada parte do composto humano — a *alma* ou *espirito,* é uma substancia *invisivel, imponderavel, eterna e perfectivel,* principio da *individualidade* humana, que, desenvolvendo-se no tempo e no espaço, *aspira* incessantemente á perfeição. E' ella que constitue o *homem* propriamente dito, é o *Ego* dos philosophos, o *substractum,* a *essencia indestructivel* do homem.

Posto isto, pode-se agora dar uma ideia, summaria sim, mas tão clara quanto possivel da theoria dos phenomenos magneticos.

*

* *

A acção magnetica dirige-se e actua immediatamente sobre o *perespirito* ou *corpo astral,* como dizem os occultistas.

E essa consiste essencialmente em *interromper* ou *interceptar* o nexo que normalmente liga este ao corpo material.

D'esta sorte, dada esta *interrupção,* o corpo material do passivo *obedece* por uma attracção inconsciente ao corpo astral do magnetisador, que actua sobre elle pela força da sua vontade.

Assim se podem explicar as *attracções e movimentos inconscientes* do periodo lethargico e os phenomenos *catalepticos,* bem como a *insensibilidade cutanea* caracteristica d'estas duas phases do somno magnetico.

E quando, pelos passes transversaes ou pelo sopro se faz passar o passivo ao estado de *credulidade,* a intensidade do somno diminue consideravelmente; o *nexo* ou *liame* entre o *perespirito* e o *corpo material* está restabelecido, se bem que por uma forma *não completamente autonoma e consciente,* por isso que a observação mostra á evidencia, que elle *pensa, sente, raciocina* e faz *uso seguro* de todas as suas faculdades physicas e psychicas, sempre que o magnetisador o *não fascina,* impondo-lhe uma sensação ou ideia differente, á qual elle não pode resistir.

E, se passarmos agora a considerar o estado magnetico superior, denominado—*exteriorisação da sensibilidade,* veremos que elle acha ainda a sua explicação logica e rigorosa na mesma theoria.

Vimos com effeito que, durante esse estado psychico especial, uma *effluviação odica, atmosphera aeriforme* ou *corpo astral* irradiou em torno de todo o corpo do passivo, formando um envolucro invisivel, *mas tangivel,* de uma espessura variavel conforme a capacidade exteriorisante do paciente. Vimos que ao passo que o corpo material ficava, *completamente insensivel* á dôr, essa *atmosphera odica* gosava de uma hyperexcitabilidade sensoria extraordinaria.

Ora como o *corpo astral* é constituido pela parte *exteriorisavel* do perespirito e esta continua mantendo intimas relações com a outra parte do mesmo, que anima todo o organismo, d'aqui resulta que, quando se fére o *corpo astral,* a dôr é resentida pelo *corpo material,* ao passo que, ferindo-se este, como a faculdade sensoria *já não reside n'elle,* o corpo não accusa dôr alguma, porque está completamente inerte, e sem vida sensitiva.

Os orgãos dos sentidos lá estão intactos, mas *sem vida sensoria;* porque esta é cousa diversa, e pode alhear se d'elles. O orgão jáz mudo nas cathedraes, emquanto a vontade do organista não inocula na sua tubagem o sopro vivificante do ar.

MARTINS VELHO.

UM NOVO MEDIUM DE FLORES NA ALLEMANHA

Para os que teem assistido ao estranho phenomeno d'apports, sobre tudo em condições d'absoluta fiscalisação, o facto torna-se corrente e não é impossivel obterem-se flores, ás vezes, raras e indigenas de pontos distantes. Desde as observações de Justinus Kerner até ás do tenaz investigador, Visconde de Torres Solanot, repetidas vezes se tem podido captar em notavel evidencia esse extraordinario phenomeno, e já agora vamos juntar á numerosa lista alguns factos, com os nomes das pessoas que os presenciearam. O resumo é extrahido do penultimo numero do «*Vebersinnliche Welt,* orgão d'algumas sociedades d'estudos psychicos de Berlim e Munich. Trata-se do relato de tres sessões realisadas em Leipzig pelo medium Henri Melzer de Dresd. Eis o resumo fiel d'essas sessões:

A primeira realisou-se em 29 de Novembro passado, 1905; e durante ella a sala conservou se illuminada todo o tempo.

Antes foi o medium completamente revistado e logo envolvido n'um grande panno e cuidadosamente atado, empregando-se nós e alfinetes. O medium, que apenas tinha as mãos livres, ficou entre os assistentes.

Depois de ter entrado no estado de «transe», diversas personalidades se manifestaram por sua bocca. Então os assistentes começaram a pedir a essas individualidades (que se diziam «espiritos») que lhes dessem «apports» de flores, ao que invariavelmente respondiam, que isso só podia realisar-se por intervenção do espirito chamado Curadiasamy, indiano.

Emfim, de subito, este manifestou se, começando o medium a agitar-se e a fallar n'uma linguagem que se julgou ser o hindou; em seguida o medium entrou n'um pequeno gabinete que se tinha feito por traz d'elle e que tambem havia sido attenciosamente revistado; ahi ouve-se fallar o allemão e o supposto hindou, sendo que quando Curadiasamy falla o allemão reconhece-se um accento estrangeiro.

Por indicação do mesmo, extingue-se a luz e evita-se tocar no medium.

Ouve-se então cantar, depois gemer e fazer movimentos, cujo ruido é facilmente percebido pelas pessoas presentes. Emfim sae do gabinete. Ao mesmo tempo dois dos espectadores veem no tecto uma claridade, e o medium entrega qualquer cousa ao experimentador, que se encontra mais perto d'elle, do lado esquerdo.

Accendem-se entretanto as lampadas, e vê-se o medium em pé, tendo nas mãos um pequeno vaso com uma flôr, em quanto que o referido espectador da esquerda, encontra na mão um pequeno myrtho.

Depois d'uma curta suspensão, a sessão continuou. Apenas se tinha acabado de apagar a luz, uma exclamação se ouve: — Luz! — E accendendo-se a luz, está o chão coberto de flores e de folhas.

A acta d'esta sessão está assignada por os assistentes, Paulo Horra e familia, Ernest Fiedler, livreiro e esposa, M.me Starke, Karl Lüttgens, naturalista e esposa, Paul Vahl, Anna Plaschke, Hans Hiller, Feine e Zawadsly, estudante de philosophia.

A segunda sessão realisou-se em 13 de Fevereiro passado. Para ella, expressamente se tinha confeccionado um vestido especial afim de que o medium ficasse inteiramente seguro e sem fato algum seu.

Esse vestido tinha só tres aberturas. O medium foi despido por completo, encerrado n'esta especie de sacco, e as tres aberturas selladas.

Começou depois a sessão, apagando-se a luz, visto ficar o medium nas mais seguras condições. As personalidades que se manifestaram não eram differentes das da primeira sessão. Algum tempo depois observaram-se numerosas flores.

Terminada a sessão verificou-se que os sellos estavam intactos. Trese pessoas assistiram a esta sessão, entre as quaes estavam as que acima referimos como presenceaes da primeira sessão.

A terceira sessão effectuou-se a 17 de março passado. Antes mesmo do começo da experiencia, o medium entrou em transe, e foi em vão que se tentou despertal-o. N'esse estado, ainda assim, foi despido, e com bastante trabalho, mettido no sacco descripto.

Depois dos phenomenos habituaes de mudança de personalidade, o medium tomou a mão de M. Fiedler e em seguida a de M. Horra, accusando este uma sensação de grande humidade na mão do medium. Em breve M. Horra apercebeu que tinha uma pequena planta na mão. Entretanto accendem-se as luzes; M. Fiedler tinha uma bella orchidea, e M. Horra verifica que o que tinha na mão era um ramo com tres rosas brancas. As flores estavam intactas, mas a frescura não podia dizer-se absoluta.

Verificados os sellos do sacco, reconheceu-se que estavam intactos. A familia Horra, Fiedler, o estudante Zawadsky assistiram tambem a esta sessão, bem como Mutze, filho do editor do *Psychische Studien,* M.me Mutze, o jornalista Scheider e Geissler, proprietario dos «Banhos Hélios» etc.

Concluindo, devemos dizer, que as condições da producção dos apports não são as mesmas para todos os mediums.

Uns precisam de certa obscuridade para o phenomeno se produzir, outros mesmo com luz o produzem, sendo estes incontestavelmente os que melhor podem ser fiscalisados, e carecendo aquelles de muito mais rigor d'observação.

Souza Couto

UMA ENTERVISTA COM A PRINCEZA KARADJA, DE STOCKOLMO (1)

«Ha alguns dias bati á porta da Princesa Karadja, na sua habitação. Fui introduzido no seu gabinete de trabalho, uma pequena sala muito confortavel, mobilada com um gosto esquisito e caracteristicamente pessoal, onde me recebeu da maneira a mais amavel.

(1) Este artigo foi reproduzido do «Stockolms Fidningen pelo «Espiritualismo Moderno». A princeza Karadja, alem de escriptora distincta, é notabilissima por seus trabalhos, entre os investigadores da Suecia.

A Princesa tinha um ar de grande fadiga, o que não me admirou, quando me descreveu a enorme quantidade de trabalho que teve de realisar, por causa das ultimas sessões celebradas em sua casa, e ainda em virtude da volumosa correspondencia que era obrigada a manter por causa do espiritismo. Frequentemente esta correspondencia attinge uma media de 18 cartas por dia.

Por isso me declarou desde o começo de nossa conversação, que não sentia forças de se prestar a uma entervista propriamente dita, mas que ainda assim desejava, visto o interesse que eu parecia ter por estas questões, dar-me varias informações a tal respeito.

A nossa conversa que durou duas horas, tomou o caracter d'uma pequena conferencia, dada pela Princesa, em quanto que eu me limitei em geral, a manter o papel de ouvinte mudo.

Mais ella avançava no assumpto, mais se animava. Seus gestos se accentuavam expressivos e vivazes, e seu olhar intelligente testemunhava o ardor posto na defeza da causa, de que se tem tornado indefesso campeão.

Um alegre sorriso ou um dito gracioso mostravam de tempos a tempos, que possue um bom fundo de temperamento satirico, que não receava manifestar em termos um tanto vivos, sobre tudo quando se tratava de desarrasoados adversarios do espiritismo.

Declarou-me comtudo de passagem, que só luctava pela causa em si mesma e que as alfinetadas dirigidas contra a sua vida particular a deixavam completamente indifferente.

Entramos então no interessante assumpto das ultimas sessões aqui realisadas, sendo a Princesa de opinião que ellas deviam ser consideradas entre as mais interessantes da historia do espiritismo, pelos resultados brilhantes que tinham dado.

Na primeira sessão, appareceram tres espiritos e um d'elles sobrepassava o medium a altura da cabeça.

Mesmo na sessão, que se classificou de abortada, revelaram-se seis espiritos, e na sessão de quarta feira, houve a apparição d'um ser feminino d'uma belleza supra-terrestre, impossivel de descrever-se por palavras.

Esta apparição radiosa vinha envolta n'um véu, que parecia tecido de raios de luar, ou, como o fez notar um dos assistentes, de fios de christal

Esta forma bella trazia sobre a cabeça uma coroa de myrtho, cujo effluvio perfumou toda a sala. Com seu gesto gracioso, o espirito tomou um ramo d'essa coroa e lançou-o a dois assistentes, que n'essa apparição tinham reconhecido sua filha morta.

—Mas como explicar a presença d'esse myrtho natural? — perguntei eu.

— Ou foi materialisado n'aquelle momento, ou já alli estava em virtude «d'um apport»,— respondeu a Princesa.

Aquillo que é materialisado meramente á custa dos fluidos do medium, desapparece; mas se um objecto existe e é tomado tal qual pelo Espirito e trazido por elle (aport), então não desapparece.

Depois d'isto Karadja entrou n'uma dissertação a fundo, sobre o

que é o apport, dissertação que sou obrigado a omittir, com receio de commetter algum erro ao querer reproduzir suas palavras.

Para me fazer comprehender o que é a materialisação d'um espirito, a Princesa mostrou-me a reproducção de algumas photographias de espiritos. Pessoalmente muitas vezes ella assistiu a materialisações, contando-me até, que tinha cerrado a mão a uma forma materialisada. Essa mão tinha-lhe parecido quente ao contacto; distinctamente sentiu as pulsações da vida, mas a mão em seguida dissolveu-se pouco a pouco.

A ultima sessão tinha tambem dado bons resultados.

Proporcionou-me, se o desejasse, examinar n'essa occasião as actas que de taes experiencias se fizeram, pois que ella por precaução tinha feito de maneira, que cada assistente, logo no fim das sessões e antes de communicarem uns aos outros as suas impressões, redigisse um relato dos factos que tinha observado.

A leitura de taes peças levou-me um certo tempo, e forçoso me é confessar a verdadeira admiração de ver tantas pessoas (cêrca de sessenta) ter uma opinião unanime sobre os pormenores de que tinham sido testemunhas.

O que particularmente me chamou a attenção, na leitura destas actas, foi em parte alguma se fazer menção d'um espirito com o rosto negro, que, segundo um artigo publicado n'um jornal d'esta cidade, se teria manifestado na sessão de quinta feira.

Tendo informado a Princesa da minha decepção a tal respeito, respondeu-me ella com uma phrase satirica, deixando perceber, que o tal rosto negro, não tendo sido visto nem por ella nem por nenhuma das pessoas presentes, não era provavelmente outra cousa senão a imagem reflectida da alma do auctor do artigo, imagem apenas visivel por elle mesmo.

Ainda acrescentou que n'um dos espiritos que se manifestaram, se reconheceu M.me Anna Larsen, fallecida a 24 de Março de 1899, e cujo retrato executado por ella Princesa Karadja, n'um desenho automatico, se encontrava na brochura «*Uma replica a M. Herrlin*».

Na sessão de 5.ª feira ultima, o medium *em transe* tinha pedido umas tesouras, que lhe foram dadas por uma das senhoras presentes, e em seguida fez no ar o movimento de cortar qualquer cousa, e logo entregou á filhinha da Princesa um annel de cabellos loiros e sedosos, que reconheceu como os d'um seu filhinho fallecido. E mostrou-m'os como uma recordação do mundo dos espiritos.

Exprimindo lhe eu a minha admiração por este phenomeno extraordinario, respondeu-me que não era tão raro, como eu parecia julgal-o. A filha da minha amiga condessa de Moltke — acrescentou, designando com a mão um retrato suspenso na parede — por muitas vezes cortou anneis de cabello aos espiritos materialisados.

Isto e muitas cousas ainda me foram ditas pela Princesa, a respeito das quatro sessões tão interessantes, que tiveram logar com o medium M.me Abend. Não posso mencional-as aqui senão de fugida, mas o publico poderá em breve lêr a descripção completa na brochura:

Replica n.º 2 a M. Herrlin, que a Princesa vai publicar e em que egualmente serão reproduzidos os 60 relatos.

Em seguida fallamos das medidas de precaução tomadas nas sessões de M.me Abend.

Deixei aos meus convidados a liberdade de escolherem por si, a sala onde queriam que a sessão se realisasse. O gabinete que devia ser empregado, era apenas guarnecido por alguns moveis de madeira, e as quatro cortinas eram singelas. Os assistentes é que escolhiam os seus logares. O medium, M.me Abend foi despido por muitas senhoras, que egualmente lhe pesquizaram a bocca, orelhas e lhe desfizeram o penteado. Seus proprios vestidos foram trazidos para fóra da sála, vestindo se-lhe uma camisa de seda vermelha, uma saia preta e uma blusa de riscas. Não havia em toda a sala um unico fio branco, circumstancia que a Princesa considerava como sendo d'uma grande importancia, porque os espiritos materialisados appareciam de branco.

Depois da sessão *abortada,* o medium ficou descalço. O gabinete foi sempre minuciosamente examinado antes do medium ahi entrar.

A Princesa mostrou-me tambem duas lampadas, que serviram para illuminar a sala durante as sessões, uma das quaes tinha um reflector e outra um abat-jour vermelho ordinario. A sala era sufficientemente illuminada, para com attenção, se poder lêr um jornal.

Tendo perguntado á Princesa, se M.me Abend era bom medium, disse-me com muita animação: sem duvida, é um dos mais notaveis da Europa. Durante a viagem que o anno passado fiz a Inglaterra, tive ensejo de travar conhecimento com os mediums mais celebres que existem, e esse era o fim da minha viagem. Pois não vi nunca tão bellos espiritos, como os materialisados por M.me Abend. Esta tinha partido immediatamente após a ultima sessão para Lund, afim de realisar ahi uma experiencia. Segundo um telegramma que a Princesa tinha recebido, esta sessão tinha dado bom resultado. De Lund M.me Abend iria a Copenhague para dar ahi algumas sessões e d'ahi voltaria a Berlim. Segundo o que me confiou a Princesa, duas pessoas interessadas vivamente no espiritismo, offereceram a este notavel medium uma quantia importante para realisar duas sessões, mas não foi possivel obter a sua annuencia.

Não é uma prova, disse a Princesa, de que ella veio a minha casa por affeição?

A isto nada eu tinha a responder.

M.me Abend é, como se diz, um medium de materialisações.

Além d'isso, seria capaz de responder a perguntas mudas que lhe fossem dirigidas e isso na mesma lingua em que lhe são feitas, suéco, russo, finlandez ou hebreu, sendo que o medium apenas falla a lingua materna.»

EXPERIENCIAS SOBRE A EXTERIORISAÇÃO DOS SENTIDOS (SENSIBILIDADE)

No ultimo numero do «Jornal do Magnetismo,» correspondente ao segundo trimestre de 1906, vem relatada, entre outras, uma curiosa experiencia relativa ao titulo acima dado, a qual vem mais uma vez confirmar a emigração da sensibilidade — descoberta de larguissimas consequencias no campo de psychologia experimental.

E' como se segue o resumo d'essas experiencias:

«M. de Sard, advogado em Barcelona, correspondente da Sociedade Magnetica de França, de passagem em Paris, apresenta experiencias de exteriorisação da sensibilidade, tendo como *suget* uma jovem hespanhola.

M. de Sard, que adormece e desperta o *suget* por acção mental, sem fazer o menor gesto, realisa todos os phenomenos obtidos por Albert de Rochas e os experimentadores da Sociedade, mas além d'isso Sard obtem a exteriorisação dos sentidos do olfato e da audição.

As experiencias que realisou perante a Sociedade Magnetica tiveram por objecto demonstrar a exteriorisação do sentido auditivo.

O sujet foi adormecido mentalmente e pelo mesmo processo exteriorisado; e sendo posto depois em *rapport* (relação) com o experimentador só a elle ouvia. Tomando o experimentador um objecto susceptivel de armazenar a sensibilidade do *sujet*, uma vela por exemplo, e collocando-a durante tres a quatro minutos junto ao ouvido do *sujet*, o objecto carrega-se de sensibilidade auditiva.

Tomando depois esse objecto qualquer pessoa e fallando junto ao mesmo objecto, o *sujet* ouve-o e sustenta com elle mui facilmente uma conversação, ainda mesmo que o experimentador que conversa se encontre a tal distancia, que de forma alguma póde ser ouvido pelas pessoas assistentes.»

Eis o resumo da experiencia assim realisada e que realmente tem um grande interesse scientifico.

Rogamos a todos os nossos leitores muita desculpa da tardia distribuição d'este n.º dos *Estudos Psychicos*, o que foi devido a circumstancias absolutamente extranhas á vontade do seu director.

N.º 5 OUTUBRO DE 1906 2.º ANNO

ESTUDOS PSYCHICOS

REVISTA MENSAL DE ANIMISMO
E ESPIRITISMO EXPERIMENTAL

Director—DR. SOUSA COUTO

COLLABORADORES—Drs. Maxwell, Laurent de Faget, De Reyle, Wolowski, Marzorati, Roso de Luna, Quintin Lopes, Martins Velho, etc.

Escriptorio—Rua do Ouro, 149, 2.º LISBOA

DESCOBERTAS E PRECONCEITOS

III

Como no artigo anterior esboçavamos, o magnestismo gastou largos annos em estereis arremettidas, antes que as academias scientificas lhe abrissem as suas portas.

Mas se foi difficil acceitar a realidade d'esse somno provocado e os phenomenos ligados ás suas diversas phases, muito mais difficil foi admittir a possibilidade da suggestão, embora ella desde ha muito fosse affirmada por prudentes investigadores, e constituisse até um facto repetido na historia do espirito humano.

E não admira essa invencivel reluctancia na acceitação de phenomeno tão extraordinario.

A suggestão, que podemos chamar a inoculação d'um pensamento no animo alheio, sem que este aperceba a sua origem, era em verdade difficil de comprehender, e a mesma independencia do nosso criterio nos leva naturalmente a repellir aquillo que não sabemos explicar.

As primeiras affirmações d'este facto, carentes d'uma theoria que o podesse claramente abraçar, limitavam se ao testemunho da sua realidade e da sua repetição; mas isto só não bastava a que os não-experimentadores desde logo o acceitassem.

Exemplifiquemos com factos concretos esta indisposição, ou melhor diremos, esta prevenção, que sempre se manifestou logo que uma ideia nova, mas incomprehendida, se apresentava para ser inscripta no numero das descobertas scientificas.

As sessões de 26 d'abril, 3 e 10 de maio de 1884 da *Academia das Sciencias Moraes e Politicas,* de Paris, foram vivamente agitadas na discussão d'este assumpto.

Dois dos mais illustres membros d'essa corporação—Franck e Desjardins—empregaram o melhor dos seus recursos em combater as conclusões da memoria de Liégeois, e bem a descoberto apparece no meio da longa contestação, a innata repugnancia por um phenomeno, que mal podia disciplinar-se pelos conhecimentos officiaes de então.

Ora, são considerações d'ordem generica, que *à priori* fundamentam deducções inapplicaveis; ora é a critica ligeira e mal sasonada

dos factos, como para suscitar a duvida sobre a sua realidade; ora o emprego do argumento pessoal, dirigido contra os experimentadores, em menos preço da sua competencia.

Emfim, nas discussões d'esta natureza não costumam poupar-se as armas tribiaes, que a intolerancia de todos os tempos e de todos os cultos tem empregado contra os seus adversarios.

Nas sessões academicas que acima referimos, M. Franck, pretendendo contrariar a suggestão hypnotica, entre outras muitas considerações, empregava este raciocinio:

«Se nós não sabemos sequer o que é a hysteria, ignoramos ainda muito mais, se é possivel, o que é o somnambulismo magnetico ou o que é o proprio magnetismo... Não está em meu proposito negar a existencia dos phenomenos hypnoticos, o que quero é simplesmente dizer que os que nos apresentou M. Liégeois (phenomenos de suggestão) não offerecem garantia alguma de certesa.»

M. Desjardins, discreteando aliás com bastante sagacidade sobre o hypnotismo, insurge-se contra a suggestão, chegando a traduzir o seu voto discrepante n'estes termos:

«Se assim fosse, assistimos á maior revolução que se tem realisado. Terminou a liberdade humana e o mundo moral está extincto. A humanidade se divide em tyrannos, os hypnotisadores, e em escravos, os magnetisados. Aquelles são senhores do universo.»

Como se vê, estes exageros são proprios dos veteranos da sciencia official, e bem caracteristicos do accintoso desdem pelas descobertas ou do invencivel pavor pelas innovações.

Infundados receios; a suggestão existe e a humanidade continúa tambem a existir sem correr o perigo imaginado nas academias.

Vem a proposito dizer que quando se inventou o vapor e se tratou de o applicar ás locomotivas, tambem um sabio não hesitou em impugnar essa applicação, com o argumento de que a velocidade seria tal, que necessariamente havia de produzir a congestão cerebral aos passageiros.

E afinal essa locomoção existe e não consta que, por isso, morram congestionados os que viajam nos grandes rapidos.

Seria interminavel a referencia, se fossemos a expôr todas as fórmas de impugnação e o grande numero de contendores, que em varias occasiões e logares, por palavra ou por escripto, buscaram atacar a suggestão hypnotica.

Mas a indole d'estes artigos não permitte fazer d'elles um tratado completo.

O que nos cumpre fazer salientar é que não se tratava sequer da suggestão mental, incontestavelmente mais interessante e mais inacreditavel, e apenas da suggestão hypnotica por palavras ou actos.

E era esta mesma que se repellia, que se não acceitava, considerando-se facto sobrenatural que um individuo adormeeido podesse receber inconscientemente o germen d'uma idéa ou o estimulo para uma acção futura.

Que contra a suggestão mental se levantassem sinceros argumentos, rasões intransigentes, comprehende-se, porque ella sobrepassava

por certo os conhecimentos da epoca e assumia as proporções d'um phenomeno miraculoso; mas que igual reluctancia despertasse a suggestão hypnotica é que não parece logico, pela explicação scientifica que ao tempo se lhe dava.

Paulo Janet, a cujos esforços grandemente se devem a discussão e admissão d'esta materia, attribuia-lhe já o terreno seguro da experiencia.

«A suggestão (hypnotica) dizia, repousa sobre duas leis bem conhecidas em psychologia e physiologia: a da associação das ideas e a da associação dos movimentos, que podem combinar-se e dar logar a duas ordens de phenomenos novos, a saber, as ideas provocando os movimentos e reciprocamente os movimentos provocando as ideas.»

Apesar da simplicidade e comprehensão d'esta theoria, ainda assim eram numerosos os adversarios da suggestão; porque não a tendo experimentado e custando-lhes a pôr de parte os seus preconceitos, achavam melhor viver em paz com elles do que abrir o espirito a novas e perturbantes luzes.

O que se disse com relação a esta especie de suggestão póde reproduzir-se mais intensamente com respeito á suggestão mensal.

Aqui é que o combate foi mais acceso e com rasão mais disputado o terreno.

De feito, o phenomeno da suggestão mental, pela sua propria natureza e extranho caracter, era de molde a concitar a mais justificada guerra.

Se o pensamento d'um individuo podia exercer directamente a sua acção sobre outro pensamento, incompletas eram as noções physiologicas existentes e abalados ficavam os principios laboriosamente adquiridos até então.

Para que a suggestão mental podesse existir, era preciso renunciar ás ideas correntes nas escolas: urgia a intervenção d'um vehiculo, que podesse servir d'instrumento a essa transmissão.

Esse vehiculo, qualquer que fosse, devia necessariamente existir e tinha até alli escapado ás indagações da physiologia.

Era isto que custava a admittir; era essa nova creação, tão avêssa aos conceitos geraes e tão fóra do dogmatismo apregoado scientifico, que se não queria acceitar por impossivel, e, em consequencia, por inexistente.

Mas se os factos se impunham, como haviam de repellir-se?—A verdade só consegue triumphar á custa de luctas persistentes.

(Continúa)

SOUZA COUTO

PHENOMENOS DE MATERIALISAÇÃO

(Conferencia feita na Alliança Espiritualista, de Londres, por M.me d'Espérance)

III

Quanto ás minhas observações pessoaes relativas á producção d'uma fórma materialisada, não posso dizer coisa que não tenha sido dita pelos que teem observado a operação. Póde dizer-se que essa operação é diversa em razão da habilidade ou talvez do saber do operador invisivel; não ha dois cujo methodo seja identico.

Reparei bem na formação da claridade brumosa levemente luminosa de que já fallei; vi-a condensar-se, tomar consistencia até tornar-se visivel aos olhos de todos. Por vezes essa luz tomava o tom pardacento, outras vezes o d'alvura cadaverica, e outras ainda um tom um pouco luminoso, cujo grau ia subindo á medida que parecia condensar-se até irradiar um fraco luar sobre os objectos circumstantes. Essa luz ao contacto dá impressão sedosa, parecendo algodão cardado bem penteado e liso; depois transforma-se subitamente e mesmo sob os nossos dedos n'um verdadeiro tecido saindo do tear. Muitas pessoas teem visto essa claridade que parece sair do flanco do medium.

E' evidente que a organisação physica dos *sujets* medianimicos é favoravel ao processo da emanação mas não é unica que apresente esta faculdade, pois todas as pessoas mais ou menos a possuem. E' certamente o medium que attrahe a si e centralisa os materiaes espalhados no grupo. Pretendem uns que elle os absorve, emquanto outros affirmam que esses materiaes apenas mudam de caracter, misturando-se aos que o medium a seu turno emitte.

Como exemplo podemos dar o vapor que se transforma e se torna visivel quando entra em contacto com o ar exterior. Como esta observação foi feita ao principio por pessoas ainda inexperientes, suppoz-se então que o medium era o unico a fornecer estes materiaes. Ora esta phase da manipulação é todavia quasi a ultima e não a primeira. Porque a materia torna-se então um objecto distincto, independente e individualisado, que se condensa sobre o pavimento, elevando-se e desenvolvendo-se em altura e volume até em breve se mostrar sob a apparencia d'uma forma humana.

Esse corpo assim formado manifesta uma agitação continua; faz o effeito d'uma espessa nuvem, em cujo centro estivesse uma creatura humana activamente occupada em agital-o por todas as especies de contorsões.

Dir-se-ia um fluxo de vapor em ebullição derramando-se e condensando-se alternativamente. Ao fim d'alguns instantes o envolucro exterior d'esta massa movediça transforma-se n'um verdadeiro véo de tecido mais ou menos delicado e em breve este tecido é posto de parte deixando a descoberto a forma d'uma pessoa de apparencia tão solida e tão material como qualquer assistente do grupo, e cada um comtudo pôde-a vêr surgir d'este todo poderoso—d'este nada—para o qual contribuiu com a sua parte.

Como é que este prodigio se pôde realisar? Em muitos casos o trabalho foi feito sob o olhar dos *assistentes,* que acompanharam todas as phases desde origem, mas que não podem comprehender o mysterioso desenvolvimento da creatura viva e sensitiva que apparece no meio d'elles, bem como não podemos comprehender muitos outros phenomenos mais communs de que somos constantemente testemunhas.

O desenvolvimento, por exemplo, d'uma planta emanando d'uma pequena semente, a intelligencia que ella emprega em tirar d'atmosphera os gazes necessarios ao seu desenvolvimento e o recurso de que lança mão em toda a occasião propria para conseguir o seu fim, sem se inquietar do bem estar das suas visinhas por um egoismo que, sob muitos aspectos se pode comparar ao que é corrente na humanidade.

Este processo de materialisação é lento nos vegetaes, mas ha uma outra especie de manifestação ordinaria que tem analogia com a das sessões: é o methodo dos mineraes que se depositam sobre certos objectos postos em solução em meios especiaes, ou agoas de natureza especial.

Existem fontes—são mesmo bastante communs n'este paiz—cujas agoas são claras, transparentes e sem sabor. Cousa alguma as distingue na apparencia das outras agoas e comtudo se uma flôr, uma folha ou outro objecto delicado vem a mergulhar-se n'ellas por espaço d'algumas horas, cobre se d'um residuo pardacento, terroso, duro e quebradiço, que parece constituido por terra.

A forma do objecto fica perfeita, porém a belleza de suas cores está recoberta pela grosseira substancia material de que se revestiu por affinidade ou por attracção natural.

Esta transformação pareceu-me sempre comparavel ao methodo de materialisação realisada por um espirito nas sessões, e é certo que as observações d'outros investigadores confirmam em grande parte as minhas proprias.

Eis um extracto traduzido d'um artigo de Max Rahn no *Vebersinnliche Welt* acerca do que observou durante uma sessão de materialisação a que assistiu em Berlim ainda ha pouco tempo.

Depois de ter fallado de ligeiros raios luminosos, pairando em volta dos joelhos das pessoas reunidas em sessão—raios que pareciam attrahidos para o gabinete no qual desappareciam—e como, tendo-se approximado para vêr atraz das cortinas, apercebesse qualquer coisa que similhava a luzes vacilantes, prosegue assim:

«Minha terceira observação que é incontestavelmente a mais importante de todas, foi a do *modo de operar* a construcção material da forma espiritual.

E augmenta o seu interesse pela circumstancia de ser tambem verificada pelo meu amigo Weinholtz.

«No meio da abertura do gabinete, vi apparecer, por traz do medium e bastante acima da sua cabeça, uma nuvem luminosa d'um branco de leite, que desceu lentamente até ao soalho, transformando-se em seguida n'uma columna de cinco a seis pés d'altura. De repente, na visinhança immediata do medium, elevou-se qualquer cousa vaporosa, que parecia emergir do seu flanco. Essa emanação veio associar-

se á massa vaporosa, e realisada esta reunião phantastica, achamo nos em presença d'um espirito de vestes luminosos, que começou a circular no grupo.

«Levantei-me assombrado, e em despeito do que acabava de vêr, approximando-me do medium, encontrei-o tranquillamente na sua cadeira e prompto a responder ás minhas perguntas.

«*O medium e o Espirito eram evidentemente duas individualidades distinctas*».

«Affirmo portanto que tive o feliz ensejo de ser testemunha do processo mais importante da materialisação, o que me permitte lançar um pouco de luz sobre um assumpto tão mysterioso».

Um phenomeno do mesmo genero se acha relatado n'uma obra franceza de M. Aksakof e do coronel de Rochas. Teve logar ao cahir da noite, n'uma tarde de verão em Paris, na sala de nossas reuniões, em que se achavam reunidas em conversa, depois de jantar, algumas pessoas de nossas relações. Eis o que escreve M. Aksakof. (Estas notas são traduzidas do francez).

«Meu sobrinho Boutlerou estava sentado n'uma cadeira ao lado do sofá do medium e conversando com este. Eu estava sentado vis-á-vis do medium, á distancia do comprimento d'um braço.

A meia claridade da sala tinha um certo encanto depois do sol e grande calor do dia. As janellas estavam abertas e ainda não se tinham accendido as lampadas. Meu sobrinho chamou-me a attenção sobre um singular nevoeiro ou nuvem que parecia condensar-se entre elle e M.me Espérance, partindo, segundo dizia, do flanco d'esta ultima. M.me Espérance estava a conversar com o coronel de Rochas e uma outra senhora, não parecendo ter consciencia do que nós estavamos notando.

As mãos de meu sobrinho, que repousavam sobre os joelhos, estavam cobertas d'esta substancia esbranquiçada, e fechando elle os dedos sobre essa substancia, ella contrahiu-se como se fosse sensitiva e desappareceu quasi inteiramente.

Fiz lhe então tranquillamente signal para não transtornar o phenomeno.

A nuvem continuou a augmentar, o que chamou a attenção das outras pessoas.

M.me Cauvin tornou se nervosa e ganhou medo. Tentei então acalmal-a, mas sem resultado. A massa branca, vaporosa, por sua altura e um tanto por sua forma, fazia o effeito d'uma creança de seis annos, que estivesse em constante movimento dentro d'um vestido que fosse grande para o seu corpo; mas a estatura não augmentou. Pouco a pouco foi diminuindo quasi immediatamente e em breve já nada restava. Segundo a declaracão cathegorica de M. Boutlerou foi reabsorvido pelo medium, que observou o phenomeno com tanto interesse como elle mesmo.

Posto que já fosse um tanto noite, ainda se via o bastante para se poder vêr tudo o que se passava na sala; e tanto mais interessante era quanto o facto se tinha produzido inopinadamente. Eu lamentei extremamente o estado de excitação de M.me Cauvin.

As conclusões que tirei de minhas numerosas e variadas experiencias, foram as seguintes:

Emquanto os materiaes que servem á producção de fórmas visiveis d'Espirito são tirados inteiramente dos *assistentes* e principalmente das pessoas medianimicas d'um grupo, a intelligencia que anima a força é absolutamente extranha e independente da intelligencia e da consciencia dos mediums e dos assistentes.

Um adepto em producções materialisadas

Pelo que respeita aos methodos da creação de fórmas materialisadas, o que adoptou o Espirito «Yolande» (1) fez muitas vezes o objecto de minhas observações.

Podia crêr-se que a pratica tinha feito d'elle um verdadeiro adepto n'esta arte, e raras vezes lhe succedia variar seus processos. Esse Espirito tinha vencido, ao que parecia, a maior parte dos effeitos desaggregantes da luz, pois que, depois de algumas centenas de experiencias, tinha conseguido realisar a materialisação n'um grau de claridade sufficiente para permittir aos *assistentes* observar todas as minucias da operação. O livro *No Paiz da Sombra* dá uma boa descripção de seus methodos, feita por uma testemunha ocular, que tivera muitas occasiões de estudar este phenomeno.

No decorrer dos phenomenos, as minhas observações pessoaes eram identicas ás dos *assistentes,* mas o mesmo não succedia com as minhas sensações, que eram d'uma extranha natureza.

«Yolande» ia e vinha, sem que minha vontade n'isso tivesse o menor effeito.

Se eu perdia o meu poder physico, durante as manifestações, não perdia sequer uma parcella da minha individualidade.

A paralysação de minhas forças physicas parecia, ao contrario, desenvolver as minhas outras faculdades. Qualquer barulho longinquo, que no estado normal me seria impossivel perceber, chegava então aos meus ouvidos e fazia-me soffrer; se um dos *assistentes* fazia qualquer movimento, meus nervos, meu systema nervoso se excitava; uma exclamação subita me causava uma sensação de terror; os proprios pensamentos das pessoas presentes me impressionavam, quasi como poderiam fazel-o objectos materiaes.

Se alguma d'essas pessoas estivesse doente, eu podia sentir a sua dôr; se estivesse triste ou agoniada, não podia eu reter as minhas lagrimas. Mas o desejo de não deixar escapar cousa alguma do que se passava, era ao mesmo tempo bastante vivo para me dar força de resistir ao desejo de pôr termo aos meus tormentos.

Eu notava que «Yolande», quanto á sua existencia material, estava sob a minha dependencia; que se eu me deixava dominar por minha terrivel fraqueza e não me esforçava por a veneer, «Yolande» se via obrigada a voltar, a reintegrar-se em mim.

---

(1) «Yolande» era o espirito que nas sessões de M.me Espérance se materialisava mais bella e plenamente.

A' medida que recuperava minhas forças, ella em compensação perdia as suas.

Succedeu um dia, no momento em que uma sessão ia começar, que se apegou o fogo á manga do meu vestido, queimando-me o braço, o que me fez soffrer regularmente. Ora notou-se durante as manifestações, que «Yolande» coçava levemente o braço, como se a dôr se tivesse transportado para ella.

Por meu turno, reconheci que o soffrimento se tinha completamente dissipado e nem me reappareceu durante toda a sessão. Mas, n'uma outra occasião, tendo deslocado um hombro, fui obrigada a trazer o braço ao peito durante alguns dias, e «Yolande» apresentou-se sem mostrar signaes do menor mal; nem sequer ella manifestou qualquer fraqueza, pois facilmente levantou com a mão direita uma bilha de agua, o que a mim me teria sido impossivel no estado em que me encontrava.

Para explicar estas contradicções, é preciso presumir que «Yolande» tinha tirado, n'esta occasião, o material necessario dos membros do grupo, que n'esse dia eram mais de vinte, emquanto que no dia em que tive a queimadura, não estavam presentes nem dez pessoas.

Poderia mostrar, por numerosos exemplos, que a consciencia do medium, subliminal ou outra qualquer, nada tem de commum com a intelligencia que anima as fórmas materialisadas. Mas um só bastará. Escolhi-o de preferencia, porque foi bem affirmado e fez sensação no paiz onde teve logar.

Ha alguns annos, um couraçado russo desappareceu mysteriosamente. Impossivel foi saber como ou onde se poderia encontrar.

O facto tinha-se passado n'uma noite de outomno calma e clara, sendo ainda o vapor visto á tarde, com as caldeiras accesas, e no dia seguinte nem vestigios appareceram.

A angustia, as suspeitas e os commentarios eram tanto mais vivos, quanto se julgava ser portador d'uma certa quantidade de documentos de grande importancia. Dizia-se tambem que o governo russo recompensaria bem a posse de taes haveres.

N'essa occasião encontrava me eu na Finlandia, e um de meus amigos, official de elevada patente, desejoso talvez por se distinguir, disse que queria pedir a assistencia dos Espiritos, para vêr se descobria o que succedera ao navio.

Tendo-se organisado uma sessão, consultou-se Walter (espirito), que prometteu de vir em nosso auxilio, ou tentar fazel-o. Entre Walter e o general tinham-se estabelecido os laços d'uma seria amisade.

(Continúa).

E. D'ESPÉRANCE.

A EFFLUVIAÇÃO ODICA

IX

Meu caro Dr. Sousa Couto

Resta applicar ainda a mesma theoria ao estado mais elevado do somno magnetico—*o somnambulismo lucido.*

Actuando mais energicamente, pelos passes, sobre o corpo astral do passivo, a sensibilidade cutanea restabelece-se, pelo menos em parte; mas a acção do magnetisador logra emancipar o *espirito* dos laços corporeos, e envolto no *corpo astral* em que residem todas as *potencialiadades sensitivas,—vista, ouvido, tacto, olfacto* e *paladar,* —eil-o prestes a viajar no espaço, sem carecer dos olhos para vêr, dos ouvidos para ouvir, nem dos outros orgãos para apreciar as qualidades das cousas.

Entre o corpo, que jaz quasi inerte e sem vontade propria, e o espirito que viaja ás ordens do magnetisador mantem-se um laço fluidico, que estabelece entre as duas partes do mesmo todo uma como que *telegraphia sem fios* que permitte ao somnambulo traduzir por palavras e gestos o que a *outra parte* do seu ser está vendo, ouvindo, ou sentindo ao longe.

Assim o somnambulo lucido, tendo o seu *corpo astral* em contacto directo com todos os circumstantes e objectos com que é posto em relação, *vê os, sente os, palpa-os, aprecia lhes as formas e demais qualidades caracteristicas.* Como porém tem de correlacionar as sensações variadas que *psychicamente apercebe* com as que está habituado a conhecer e distinguir no seu estado normal, d'aqui resulta muitas vezes uma certa difficuldade em traduzir o que apercebe no seu estado de lucidez somnambulica.

Vimos que a *lucidez somnambulica* não é um estado psychico *mathematicamente equivalente* em todas as occasiões, antes pelo contrario está sugeito a *intermittencias* de intensidade, que muitas vezes o magnetisador pode corrigir, mas que muitas tambem é impotente para dominar.

Dá-se esta ultima hypothese geralmente, quando o meio ambiente não é homogeneo, isto é, quando entre os circumstantes ha individuos mais ou menos *hostis* ou *antipathicos* ao passivo, ou se este não está n'um estado de *placidez prefeita e alheio* a quaesquer distracções (que as ha mesmo n'este estado); pois n'este caso os esforços do magnetisador *não podem* vantajosamente luctar com a rebeldia ou excitabilidade do somnambulo que se cança improficuamente reagindo contra a vontade do magnetisador.

E' por isso que, quando o magnetizador reconhece que o somnambulo está contrariado por qualquer cousa, ou não possue uma lucidez perfeita e mais ou menos constante, deve ou acordal-o, ou passal-o a um outro estado magnetico, pois que, se insistisse nas experiencias de lucidez, as declarações do somnambulo seriam quasi todas erroneas.

Mas onde os phenomenos do magnetismo humano attingem o seu

ponto culminante, que tocaria as raias do incrivel, se por ventura fosse licito argumentar contra factos, innumeras vezes provados em circumstancias, que excluem *toda a possibilidade racional de duvida,*—é quando o magnetizador, mediante o simples emprego da sua vontade, *envia a distancia,* e a um *ponto determinado* do espaço o *corpo astral* do passivo, afim de *ahi ver e examinar* o que se deseja que veja e examine.

E note-se que essas viagens do *corpo astral* operam se, com egual facilidade, tanto a algumas centenas de metros, como a algumas centenas de kilometros, sendo em qualquer das hypotheses a viagem quasi instantanea. Apenas se exige, para que essa viagem se realise em boas condições, que o somnambulo conheça a rua ou a cidade, villa ou aldeia onde é enviado. Assim, por exemplo, mandar, de um ponto qualquer da provincia, a Lisboa ou Porto, um somnambulo que nunca tenha estado n'essas cidades, é trabalho, se não impossivel, pelo menos quasi perdido.

Seria equivalente a mandar a essas cidades um surdo-mudo, sem bussola, nem conhecimento da posição geographica d'essas localidades, nem ter a possibilidade de, por meras informações, se orientar sobre o caminho a seguir.

E' realmente maravilhosa esta faculdade de *deslocação do corpo astral* atravez do espaço: mas, se nos recusarmos a aceitar como um facto esta deslocação psychica facultativa, e, recorrendo a *meros palavrões sonoros* mais ou menos gregos de derivação, tentarmos explicar a visão a distancia por uma forma qualquer que tenha por base uma pretendida *hyper-excitabilidade* da globo occular ou da retina, (que se acha impossibilitado de funccionar, visto que o nosso somnambulo tem as palpebras cerradas e cobertas com uma espessa venda, em dobras, de seda escura), a explicação do phenomeno attingirá as raias do absurdo, que não já do maravilhoso. Porque, em verdade, a vista *d'esses olhos fechados e vendados,* deixando a perder de vista o telescopio de Lord Ross, atravessaria o espaço, furaria paredes e montanhas, desviar-se-hia da linha recta para se amoldar á curvatura da terra, e, chegando ao ponto do seu destino, iriam esses *abençoados raios visuaes* observar *nitidamente* (e por vezes ás escuras), as maiores minudencias, reconduzindo pela mesma via á retina as impressões visuaes vindas de tão longe!!!...

E' forçoso confessar que nos dominios do absurdo seria difficil ir mais longe.

Não póde ser.

A visão é uma faculdade *psychica* e não corporea; os olhos são *apenas* os orgãos destinados pela natureza a conduzirem ao cerebro as impressões visuaes recebidas *durante a vida normal.*

A theoria que adoptamos é pelo contrario *racional* e simples, baseando-se apenas n'uma hypothese, que está hoje demonstrada—*a possibilidade de se separar do corpo physico o perespirito ou corpo astral.*

Essa possibilidade é hoje *um facto que o sabio prudente não ousa negar.*

Dormindo, o somnambulo vê ou sente os objectos distantes, porque o seu *corpo astral,* (onde reside a *potencialidade* de todos os sentidos) *está junto dos objectos.*

Ha um facto que repetidas vezes observámos, o qual tende a demonstrar isto mesmo, e que alem d'isso nos leva a crer que o estado de somnambulismo lucido é apenas a *exteriorisação animica completa*, e nada mais do que isso.

No estado de *exteriorisação de sensibilicode* é *apenas* a faculdade sensoria que se exteriorisou; emquanto que no *somnambulismo lucido* acham-se exteriorisadas *todas as mais faculdades componentes do sêr psychico.*

D'aqui resulta que no 1.º estado, achando-se o corpo physico em estado lethargico, está inhabilitado de fallar, emquanto que no 2.º estado, não havendo lethargia nem catalèpsia, o corpo gosa de todos os seus movimentos, podendo fallar e traduzindo-nos assim pela palavra todas as impressões ressentidas pelo corpo astral exteriorisado.

O facto a que alludimos e que demonstra haver perfeita analogia entre os dois estados, sendo o 2.º apenas como que o grau superlativo do 1.º, é o seguinte:

Quando o passivo se acha no estado de *exteriorisação da sensibilidade,* se pozermos nm objecto de ouro em cantacto com o *aerosoma* ou *corpo astral* que o envolve —o passivo accusa immediatamente a *sensação de uma queimadura.*

Pois exactamente o mesmo se dá com o *somnambulismo lucido:* quando o somnambulo descreve o trajo dos circumstantes ou os objectos que teem nas algibeiras, se porventura o corpo altral depara com um objecto de ouro, accusa logo *a sensação de viva queimadura.*

Similhantemente nos succedeu muitas vezes, quando enviavamos o *corpo astral* do somnambulo a uma casa distante da sala das experiencias algumas centenas de metros, este *qúeimar-se psychicamente* na chamma de um candeeiro ou nas brazas de uma fornalha.

O que isto demonstra é que é de facto o *corpo astral* do passivo, pondo-se em *contacto immediato* com esses objectos de ouro ou corpos em ignição *nos proprios logares* em que se acham, experimenta essas sensações *reaes* e *não ficticias;* pois que é no *corpo astral* que reside a *potencialidade* das sensações.

Aquelles que, embuidos nas doutrinas materialistas, que ainda hoje imperam na *sciencia official,* não teem podido emancipar-se d'essa *tulella intellectual,* acanhada e esteril, não poderão de boa mente acceitar como moeda de lei a theoria que deixamos esboçada; e os phenomenos magneticos, como tantos outros, ficarão para elles inexplicados, porque de facto, no dominio restricto da materia inerte, não pódem ter explicação racional.

Mas aquelles que, emancipados do *magister dixit* da sciencia official, não admittem *columnas de Hercules* no camqo scientifico, e que livres de preconceitos de escola buscam nas sciencias occultas os conhecimentos precisos que ellas lhes podem dar, esses por certo que reconhecerão a theoria exposta como a mais racional e a mais simples.

MARTINS VELHO.

ALGUMAS SESSÕES COM O MEDIUM MILLER

I

E sempre um acontecimento para os Espiritas Parisienses a chegada d'um medium de materialisações, sobretudo quando vem precedido d'uma reputação fundada em testemunhos que parecem serios. Tal é o caso para M. Miller, de São Francisco.

Devem recordar-se sem duvida d'um artigo celebre, publicado o anno passado, no mez de julho, pela *Revista Espirita*, em que M. Van der Naillen, auctor de diversas obras, e director d'uma escola de engenheiros, «affirmava que em excellentes condições de fiscalisação, tinha podido verificar apparições multiplas, tão perfeitamente materialisadas, que fallavam e podiam ser reconhecidas pelos assistentes.»

Sabendo por M.me Noeggerath da chegada de M. Miller á Europa, tive o mais vivo desejo de o conhecer; mas elle apenas passára por Paris, dirigindo-se á Italia, de fórma que foi-me forçoso esperar pelo seu regresso.

M. Miller ficou quasi arruinado com a catastrophe que destruiu a cidade de São Francisco. Sua casa e os numerosos objectos d'arte que continha foram totalmente reduzidos a cinzas, de maneira que elle viaja para reconstituir as suas collecções.

Graças aos obsequios de M. Letort, pude saber a morada de M. Miller logo após a sua vinda, apresentando me a elle sob os auspicios de M.me Priet, da sua amisade e de M.me Noeggerath, a quem aquella o tinha recommendado.

No correr da conversa, M. Miller informou-me de que não tinha intenção alguma de dar sessões espiritas.

Disse-me que desde ha 15 annos tinha fornecido numerosas provas da sua faculdade, mas que agora a unica occupação era o seu negocio; e como receava as indescripções dos reporters, pediu-me instantemente para não dizer a ninguem a sua morada. Comtudo, perante a minha insistencia, consentiu em dar-me tres sessões sem a menor remuneração, além d'outra sessão que promettera a M. Letort. Combinou-se, pois, que eu procurasse um local retirado, e que as sessões tivessem logar no domingo 22, terça-feira 24 e quinta-feira 26 de julho.

M. Miller tem cerca de 36 annos de edade. De estatura regular, é robustamente constituido e apresenta uma physionomia calma e aspecto placido, que me parece differencial-o d'outros mediums que tenho conhecido de temperamento nervoso.

Julgo do meu dever expôr primeiramente com imparcialidade os factos que observei e depois assignalar as criticas que tem sido feitas. D'este modo, o publico poderá por si fazer juizo do grau de prova que estas experiencias comportam.

A primeira sessão teve logar sexta-feira, 20 de julho, em casa de M. Letort, na sala de jantar.

O gabinete é formado por dois pedaços de flanella preta de algo-

dão, que se juntam em angulo recto e que pendem livremente até ao pavimento. Estas cortinas correm em vergas de ferro fixas ao tecto. Um dos lados do rectangulo assim formado mede 1 metro e o outro 1 metro e 32. O empregado de M. Miller, que o acompanha sempre, estava n'uma outra sala, cuja porta ficou aberta; estava encarregado de augmentar ou diminuir a luz, segundo as indicações que lhe fossem dadas pelo medium.

A partir do começo da sessão, elle não penetrou nunca na sala de jantar, em que os assistentes estavam sentados em cadeiras pela ordem seguinte:

M. Miller junto ao gabinete, dando-lhe a direita, depois eu, M. B., M. e M.me White, M. Letort, M.mé Ber, M.me de M., Camille Chaigneau, Albin Valabrégue, M.me Louise, M.me Chambeau, M.me Renoult, M.me Basse, M.me Letort, que fechava o circulo no outro lado do gabinete. O exame d'este foi feito um pouco antes do começo da sessão.

As cortinas eram singelas, o que tornava o exame muito facil. M. Chaigneau sellou a porta que dava para o gabinete e collocou duas tiras de papel gommado sobre a porta d'um armario ahi existente, escrevendo o seu nome a lapis, metade sobre o papel e metade sobre a madeira.

Uma cadeira de pau macisso foi voltada em todos os sentidos, assim como um tapete de cama, feito de pelles de cabra, e nada se encontrou digno de reparo.

A luz era fornecida por uma pequena lampada de essencia, attenuada por uma tulipa de vidro côr de rosa, e o todo envolvido por um jornal enrolado em fórma de cylindro.

E como a luz se encontrava na sala contigua, a obscuridade era quasi completa, porque a unica janella da sala de jantar era totalmente coberta pelas cortinas, que não deixavam abertura. Estando tudo n'estas condições, os assistentes sentados e eu junto a Miller, que estava proximo do gabinete, uma caixa de musica tocou algumas áreas, até que uma voz, vinda do gabinete, declarou que isso não era util.

Vou enumerar rapidamente as fórmas que appareceram, ao tempo em que o medium estava ao meu lado.

Digo intencionalmente as *fórmas,* porque era impossivel, em virtude da pouca luz, distinguir outra cousa que não fossem luares brancos, alguns dos quaes sómente tinham a vaga apparencia d'um ser humano. Em nenhum caso me foi possivel vêr claramente um rôsto, mas apenas, na segunda parte da sessão, o espaco correspondente a um rosto, n'uma fórma. Na primeira parte da sessão, as vozes eram sempre enfraquecidas. Dir-se-hiam antes murmurios, produzidos por organismos mal formados ou incapazes d'expressão.

Primeiramente appareceu uma fórma branca, que disse chamar-se Luiza Robert, e que ninguem reconheceu.

Depois veio uma pequena apparição esbranquiçada, mostrando-se no angulo formado pelas duas cortinas um pouco afastadas. Suppôndo que era uma forma infantil, M. Letort disse: —E's tu, meu René? —Sim, foi a resposta, René, mamã.

A luz é tão fraca que nada se pode vêr distinctamente.

Quasi em seguida, ouvem se pancadas no gabinete, uma massa branca é visivel, um instante e é pronunciado o nome de Margarida.

A assistente, M.me Luiza diz que esta manifestação é para si.

Do interior do gabinete uma voz que se annuncia ser de Betzy— um guia do medium — diz que se acha lá uma mulher que se enforcou. M.me Basse diz que sabe de quem se trata. Então, de novo uma cousa branca se mostra entre as cortinas, e ouço difficilmente um nome, como de Fanny Harven, ou Harveit. Não é o nome da mulher que se suicidou, que se chamava Stephania Wetzel, segundo vejo no relatorio de M. Letort.

Eis agora dois episodios dos mais interessantes:

Uma fórma branca, bastante grande, aparta as cortinas e diz dois nomes, dos quaes o ultimo, White, é muito distincto; e diz tambem: «Mamã» voltando-se para M. e M.me White. O nome de Harry é pronunciado; M. White pergunta se Harry está com esta forma, que suppõe ser seu filho, e responde-se-lhe que sim. Ouvem-se pancadas no gabinete, como formando marcha e ouve-se assobiar. Tenho ideia de que M. White me disse que seu filho tinha esse costume.

Quasi a seguir mostra-se uma outra fórma, que sempre voltada para M. e M.me White, diz distinctamente: «Margaret Temple» e accrescenta: «avó». M. White declára que é em verdade o nome de sua avó. Circuntancia a notar, M. White, que vive na Europa desde ha muitos annos, não conhece absolutamente Miller e este nem sequer sabia que White devia assistir á sessão.

Uma outra fórma, de grande estatura, mostra-se por um instante e pronuncia com carregado assento inglez o nome de Allan Kardec.

Durante toda esta primeira parte, o medium está assentado ao meu lado, não dorme e responde ás minhas perguntas. Não posso vêr o seu braço direito, mas sinto o contacto do seu braço esquerdo.

Então, a voz de Betzy pede para se inspecionar o gabinete, em que agora Miller deve entrar. Letort e Chaigneau tomam a lampada e examinam as cortinas, a cadeira, o tapete da cama, os sellos e declaram que tudo está normal.

Voltam ao seu logar; abaixa-se a luz; faz-se a cadeia e a caixa de musica toca uma área.

De repente, uma cousa branca, parecendo um braço, mostra-se no ar; á altura da parte superior das cortina; parece ter cerca de o,5o centimetros de comprimento. O medium não está em transe, intervindo por vezes na conversação

Passados poucos instantes, uma bóla esbranquiçada é visivel no ar; desce, baloiçando-se á direita e á esquerda até ao soalho, perto da minha perna direita. Vê-se este núcleo agitar-se, augmentar em altura, engrandecer progressivamente, fóra do gabinete, mas perto da intersecção das cortinas. Emfim distingne-se o todo d'uma fórma humana, envolta em roupagens brancas, ouvindo-se uma voz que nos diz em inglez chamar-se Lily Roberts, de Philadelphia, e que seu pae Jonathan Roberts fundára o primeiro jornal espirita, que se chamava *Espirito e Materia* (Mind and Matter).

Accrescenta que morreu em 1866, na edade de 66 annos.

Do meu logar, distingo a fórma dos braços que se agitam, mas a luz é bastante fraca para me permittir vêr o rosto: distingo apenas o contorno arredondado d'uma cabeça cingida de veus. Esta fórma volta ao gabinete.

Poucos momentos depois, uma outra forma, menos distincta apparece entre as cortinas, pronueciando o nome de Antonio e depois um outro que se não comprehende. M.me Letort pergunta se algum asssistente conhece este nome. Uma senhora responde affirmativamente e pede á apparição para dizer o seu nome de familia. Silencio. A fórma entra no gabinete, e feito o pedido para dar alguma prova, ouvem-se 27 pancadas, numero que corresponde ao dos mezes desde que morreu Antonio. —Ver-vos-hei? —Perguntou-se. Muitas e repetidas pancadas foram dadas.

Ouve-se tambem assobiar no gabinete. Letort e White declaram que esta especie de marcha é a mesma que foi ouvida, ha alguns mezes, com o medium Peters.

E' egual á que o filho de M. White tinha o costume de trautear machinalmente quando era vivo.

Ao meu lado, portanto á direita do gabinete (com relação aos espectadores) apparece uma fórma branca, cujo perfil delicado parece d'uma mulher. Não posso distinguir a cara, mas vejo uma especie de banda luminosa que lhe circumda o cimo do que devia ser a cabeça. A luz é fixa, levemente azulada e não irradia.

Depois, distinctamente, sobre a esquerda, apparece uma segunda fórma um pouco maior, de corôa luminosa, ou antes, uma banda de claridade á altura presumida da fronte, pois que não se distingue a physionomia. Estas fórmas não são immoveis; deslocam-se ligeiramente e parecem deslisar; a ultima inclinou se mesmo duas vezes. Dizem chamar-se Effie Deane e Carrie West, e ser espiritos guias do medium. Estas fórmas desapparecem e Betzy annuncia que o medium está agora em transe e que é inutil fazer a cadeia.

Ao fim de alguns momentos, espalhou-se gradualmente na sala um perfume muito snave, que fazia lembrar vagamente o de rosa, e quasi ao mesmo tempo sente-se uma corrente de ar frio, que circula a pouca distancia do pavimento.

Como a temperatura na sala é muito elevada, sinto perfeitamente o fresco.

Para me assegurar de que não estou allucinado, pergunto ás pessoas da extremidade se percebem alguma cousa. Muitas affirmam sentir a corrente de ar fresco que me refrigera os pés.

Afastam se as cortinas e apresenta-se uma fórma de pequena estatura, dizendo se Catherina Leblanc.

Posto que eu não veja o rosto, distingo de cada lado da cabeça duas tranças negras, assás longas, que parecem de cabello e que se destacam do fundo pardacento de suas vestes.

Com voz gutural diz que morreu no seculo XV, queimada em Paris, por causa do Espiritismo. Declara que é a primeira vez que póde materialisar se.

«— Estou muito contente de ter podido vir, meus filhos.» — «Sois feliz?» pergunta-se-lhe. — «Mais que feliz, meu filho! Rogarei por vós.» Depois desapparece.

Um pouco mais tarde, uma fórma de estatura regular sae por completo do gabinete. Vem junto á senhora sentada á minha esquerda.

Ao contrario das outras formas, a cabeça, redonda, está núa! — «E's tu?»

— Pergunta minha visinha.

Tres vezes o nome de Jorge é pronunciado, é o de seu marido fallecido. Depois a apparição entra no gabiuete, e a voz de Miller annuncia que aquelle espirito veio para a senhora que tem o seu retrato n'uma medalha em forma de coração, que traz ao peito.

No anno passado publiquei o retrato espirita d'uma menina, Angela Marchand, que foi obtido em S. Francisco.

Uma forma sae do gabinete e diz ser Angela Marchand. Pronuncía o meu nome e o de M.me Letort, e pede para se escrever a sua mãe, contando-lhe esta sessão. A voz um pouco baixa, tem um leve accento inglez.

Mais tarde o medium diz-nos que ella fallava o francez, mas que tinha nascido e sido educada na America.

Depois ha outra apparição bastante grande, que avança um pouco na sala e diz ser o Dr. Benton, outro guia do medium.

Pronuncía em inglez um verdadeiro discurso, em voz distincta, mas não se volta e não lhe posso ver a cara. Promette que as manifestações irão augmentando de intensidade, e que ficaremos plenamente satisfeitos. Depois entra no gabinete.

A voz de Bitzy pede que se cante. Uma assistente canta «*Colinette*», acompanhada por outras pessoas.

Betzy reclama depois uma canção dos pretos, muito popular na America. Emquanto M.me White nos delicia, ouve se no gabinete uma voz bastante forte que a acompanha. Depois Retzy mostra-se entre as cortinas, dizendo que falla muito pouco o francez mas que o comprehende bem, porque foi educada em Nova Orléans. Esteve ao serviço dos paes de Miller, mas este nunca a conheceu em vida. Depois M.me White canta e Betzy, visivel, acompanha a área com uma voz forte e bem timbrada.

Terminada a canção, Betzy desapparece, e o medium sae immediatamente, como se uma poderosa força o projectasse na sala. Parece em transe e volta lentamente a si.

Devo consignar que as vozes que ouvi, me pareceram bastante differentes umas das outras, não sómente como timbre, mas tambem como volume e intonação.

Logo que o medium despertou, inspeccionou-se de novo o gabinete, estando os sellos intactos e não apparecendo nada de suspeito.

Nos proximos numeros darei os relatos das outras sessões, e discutirei em seguida as differentes hypotheses que tem sido emittidas para explicação d'estes phenomenos. Veremos se as criticas podem explicar todos os factos observados.

(Continúa)

GABRIEL DÉLANNE.

A MORTE DO INVESTIGADOR LUIGI VASSALLO

Não foi possivel, apesar nosso, dar mais cedo a noticia do fallecimento e alguns dados biographicos do denodado investigador italiano, Luigi Vassallo, cuja actividade deixou assignalados serviços prestados aos assumptos psychicos.

Julgamos cumprir um dever, prestando hoje singela homenagem ao seu merito e á sua obra, e protestando a nossa grande veneração pela sua memoria.

Luigi Arnaldo Vassallo fôra especialmente conhecido na Italia como um grande humorista. Os seus estudos do caracter e costumes da pequena burguezia democratica consagraram-n'o no genero. Foi o fundador e director do *Capitão Fracassa,* em que Gabriel d'Annuzio tentou os primeiros passos, e depois, dirigiu durante muitos annos o *Seculo XIX,* de Gênes.

Para authenticar o valor d'esta noticia, deixamos a palavra ao Doutor Venzano de Gênes (por extracto dos *Annaes de Sciencias Psychicas)* que a tal respeito diz o seguinte:

«Nos primeiros dias do mez d'agosto, morreu, em Gênes, o publicista Luiz Arnaldo Vassallo.

Jornalista de primeira ordem, fundador de alguns dos mais estimados jornaes da Italia, dotado d'um senso pratico verdadeiramente raro, escriptor e artista notavel, consagrou desde a juventude as concepções geniaes da sua intelligencia ás causas que lhe pareciam dignas de attenção, e sempre feriu a nota justa mesmo nas mais arduas e mais difficeis questões.

O estudo das obras de Joseph Mazzini, de que fôra um ardente admirador e fervente discipulo, fizera nascer n'elle tendencias para o espiritualismo; depois occupou se, sobretudo nos ultimos annos, de investigações medianimicas; tomou parte na fundação do *Circulo Scientifico Minerva,* sendo seu presidente e consagrando-lhe, além do prestigio do seu nome, o melhor das suas forças.

A obra do *Circulo Minerva,* sob a direcção de Vassallo, foi activa e fecunda; com effeito, o mundo scientifico ficou impressionado com as sessões memoraveis que Eusapia Paladino, o medium bem conhecido, deu em Gênes, promovidas por aquelle *Circulo.*

A importancia d'estas sessões repousa tanto sobre a natureza dos phenomenos ali obtidos, como sobre a auctoridade scientifica de alguns dos experimentadores. O relato d'uma serie d'essas sessões foi feito por Vassallo, que as recolheu n'um de seus livros, cheio de factos e intitulado: *No mundo do invisivel.*

*

* *

Foi no correr d'uma d'estas sessões que Vassallo adquiriu a firme convicção de communicar directamente com seu filho unico, fallecido ha 15 annos; d'ahi colheu tão profunda impressão, que desde esse momento, o espiritualista não hesitou mais em declarar-se espirita.

Não mostrou a coragem da sua opinião unicamente no livro, mas tambem nas conferencias publicas que deu em Roma, na séde da Associação da Imprensa, e n'um theatro de Spezzia.

As declarações abertas de Vassallo, levantaram, como póde imaginar-se, as coleras dos oppositores intransigentes; mas elle fez face a todos, assistindo, com a sua seriedade habitual, aos debates quotidianos dos jornaes e das revistas, respondendo por vezes em artigos finos e mordentes, notaveis por esta imperturbabilidade, que é propria dos que teem a consciencia das suas convicções.

A sua actividade, pois, poderia manifestar-se na producção de outras obras de valor, se a doença, que acabou por vencel-o, não tivesse vindo quebrar a sua resistencia physica, porque a energia moral se conservou intacta; a lucidez intellectual, que sempre foi um dos seus traços caracteristicos, jamais o abandonou, mesmo nos derradeiros momentos da sua existencia. E isto prova a falsidade do conceito de certos polemistas, que quizeram ver uma prova de decadencia mental de Luigi Vassallo na sua acceitação das doutrinas transcendentes.

*

* *

Não é esta a occasião de se discutir as doutrinas em questão, e sobre tudo, se devem ser consideradas como um pouco prematuras.

Como já tivemos ensejo de declarar, cremos firmemente que a evolução progressiva das doutrinas biologicas poderá um dia reduzir muitos phenomenos medianimicos ao campo da sciencia positiva.

Não obstante, é preciso confessar que as declarações tão decisivas de Vassallo nos impressionaram profundamente, e domina-nos um sentimento de consolação ao pensar que a sua fé firme e inabalavel na sobrevivencia do Eu, pôde, como já succedera com aquella intelligencia tão elevada e tão poderosa que foi Frederico Myers, suavisar-lhe os ultimos annos da vida — dores que foram supportadas com a firmeza do estoico e com a resignação do crente.

UM CASO FRISANTE DE TELEPATHIA

(Publicado na revista «A Iniciação»,
e reproduzido nos «Mysterios das Sciencias Occultas», pag. 412).

«Na epoca em que eu frequentava a Universidade, uma grande amisade me ligava a um outro estudante, chamado Jarois Blair. Muitas vezes discutiamos ambos sobre diversos assumptos, mas raro era que chegassemos a accôrdo. Um dos assumptos discutidos era de quando em quando a questão da immortalidade.

Jarois Blair affirmava que as almas dos finados apparecem algumas vezes, em quanto que eu sustentava a these absolutamente contraria.

No dia em que deixamos a Universidade, o meu amigo Jarois, que era d'uma tenacidade pouco commum, tornou ao seu thema favorito, e fez me a singular promessa de que, se o destino o fizesse desapparecer do mundo antes de mim, viria mostrar se, dando-me assim uma prova da sua crença.

A partir d'esse dia, tendo terminado nossos estudos, separamo-nos, e partindo cada um para o seu destino, apenas tivemos de futuro relações puramente epistolares. Quasi um anno depois, mudei de estado, e escrevi ao meu amigo Jarois Blair, dando-lhe parte do meu casamento. A sua resposta era concebida n'estes termos:

«Querido amigo, é provavel que me verás mais cêdo do que pensas; pretendo fazer te uma visita, a ti e a tua esposa.»

Duas semanas se passaram sem que eu recebesse a menor noticia do meu amigo Blair. Ora uma manhã, em que eu estava estudando no meu gabinete, era ainda lusco-fusco, um como ligeiro impulso me fez levantar a cabeça de cima dos livros, e vi Jarois Blair em pé sobre o limiar da porta de entrada. Suppuz que elle tinha sido introduzido por meu criado sem me avisar e quiz levantar-me para l'ho dizer. Mas foi-me impossivel deixar o logar, sobre o qual estava como que cravado.

Meu amigo me pareceu extremamente pallido.

«Então, Jayme, disse-me elle, acreditas-me agora? A verdade não está de meu lado?—Que verdade?—respondi eu.

—Não estou ainda completamente morto, continuou Blair, mas pouco falta. Afastei-me do meu corpo por um curto instante, julgam-me a dormir, e é preciso que sem demóra eu volte para lá. Tinha me posto a caminho para te fazer uma visita, mas em Richemond cahi gravemente doente; se queres já partir chegarás a Richemond justamente a tempo para me vêr morrer».

Depois de ter dito estas palavras, Blair dissolveu-se na atmosphera e desappareceu. Devo confessar humildemente que senti um terrivel arripio: jámais em minha vida me tinha encontrado em situação similhante.

Apenas rompeu o dia claro, fui contar a minha mulher esta extranha aventura.

«Creio—lhe disse—que a minha visão não foi meramente hallucinatoria; comtudo não me admiraria se n'esta singular apparição houvesse qualquer pequena parcella de verdade».

Julguei que minha mulher se ia rir de mim; mas com grande surpreza minha, ella persuadiu-me a partir para Richemond, na persuação de que o convite feito era serio, partindo d'um amigo que morre e não simples effeito d'uma hallucinação.

Cedi aos conselhos de minha mulher, e meia hora depois tomei o comboio para Richemond.

Chegado ao meu destino, dirigi-me ao hotel habitualmente frequentado pelos viajantes do norte. Encontrava-se o chefe á porta, e como me conhecia, veio ao meio encontro e logo me informou que o

meu amigo, Dr. Jarois Blair, estava muito doente. E logo um creado me acompanhou a uma sala do primeiro andar e bateu a uma porta. Apresentou-se immediatamente um enfermeiro e pedi-lhe noticias do doente. «Está prestes a expirar» me disse elle. Entrei no quarto e vi o meu amigo com a cabeça immovel sobre o travesseiro. Tinha os olhos cerrados e a cara, d'uma pallidez extrema, era tal qual me apparecera na visão.

«Está em agonia—me observou o enfermeiro—esta noite julgava-se já morto».

Subito, meu amigo recuperou os sentidos: «Jayme, me disse elle, tu és o marido d'uma mulher digna. Dize-lhe que lhe agradeço o ter-te instado para vires, sem o que eu não poderia tornar-te a vêr pela ultima vez; que Deus vos abençõe a ambos e me receba em seu seio».

Ditas estas palavras, fecharam-se para sempre os olhos do meu amigo».

*

* *

Não creio, commenta-se ainda na citada obra, que se possa inventar uma historia tão extranha, tão empolgante e que excede muito as creações dos poetas. A propria simplicidade do estylo, completamente despido de galas, favorece a sinceridade do narrador.

Estaria elle hallucinado?

Seria um visionario? E' uma questão que merece ser examinada. Tudo que posso dizer é que o caso não é unico e poder-se-hia citar grande quantidade d'outros.

Seja como fôr e seja qual fôr a causa a que se póde attribuir a explicação d'estes phenomenos, é curioso e racional recolher todos os casos possiveis, mesmo os mais inverosimeis, porque só quando se tiver uma longa serie de observações seguras, se poderá tentar as bases d'uma theoria».

N.º 6 NOVEMBRO DE 1906 2.º ANNO

ESTUDOS PSYCHICOS

REVISTA MENSAL DE ANIMISMO
E ESPIRITISMO EXPERIMENTAL

Director—DR. SOUSA COUTO

COLLABORADORES—Drs. Maxwell, Laurent de Faget, De Reyle, Wolowski, Marzorati, Roso de Luna, Quintin Lopes, Martins Velho, etc.

Escriptorio—Rua do Ouro, 149, 2.º LISBOA

DESCOBERTAS E PRECONCEITOS

IV

Na ordem de considerações que temos exposto, desejamos apenas contribuir, consoante o logar permitte, para a demonstração de que só á custa de persistentes esforços, e, ás vezes, de luctas seculares, se consegue vêr admittida e consagrada uma verdade nova.

Este facto, caracteristico da reacção que tem concomitado o progresso humano, tem-se produzido atravez das edades e entravado grandemente a evolução.

Vimos ultimamente como elle se patenteou quando foi annunciada a descoberta do magnetismo ou todas as vezes que novas convicções se apresentaram na defeza d'essa causa, proclamando os seus phenomenos.

Entre elles, o que soffreu das mais irreductiveis impugnações foi a suggestão hypnotica, por palavra ou acto, mas por tempo a evidencia impoz se e a verdade estabeleceu-se em bases indestructiveis.

Vamos hoje vêr, que a mesma attitude foi tomada com respeito a suggestão mental, quando pelas primeiras vezes se annunciou; mas que, resistindo a toda a critica e a toda a analyse adversa, pôde emfim alçar se á altura d'um verdadeiro dogma scientifico.

Para fazer justiça a quem a tem, devemos dizer, que a maior parte d'este triumpho pertence á Sociedade d'Investigações Psychicas, de Londres, que á custa de muita persistencia e de muito trabalho, conseguiu vêr coroado um dos principaes capitulos do seu programma, qual era: «a transmissão de pensamentos definidos, d'um cerebro a outro, por meios que não dependem dos orgãos ordinarios da sensação.»

Nós podemos dizer d'uma maneira generica que até 1882,—a suggestão mental era relegada para o dominio das utopias.

A este termo não se ligava uma idéa de verdade; e como expressão fallaz, enunciado de phenomeno irreal, não só se reputava improprio d'uma investigação séria, como se repellia das discussões scientificas.

E' certo que esse phenomeno vinha sendo affirmado por diversos invertigadores e garantido com a mesma sinceridade com que o foram primitivamente as outras conquistas acceites; mas faltava-lhe um valioso testemunho collectivo, resultante de experiencias *ad hoc* preparadas, repetidas, univocas e irreprehensiveis.

Esta tarefa tomou-a intrepidamente sobre os hombros a *Sociedade d'Investigações Psychicas,* e conseguiu leval-a ao cabo com excesso de todo o esperado exito.

Comprehende-se facilmente qual não foi a surpreza geral e que profunda mudança na opinião se operou e continuou a accentuar-se depois que o comité, nomeado por essa Sociedade, proclamou a verdade da suggestão mental, e á mesma conclusão chegaram, por series de experiencias, diversos grupos trabalhando no mesmo intuito.

Não era só uma extraordinaria descoberta, um principio fecundissimo em consequencias, que vinha inserir-se na psychologia hodierna; era uma extraordinaria, uma insolita verdade, que parecia contender com os conhecimentos até então professados no ensino classico.

Quem poderá hoje, presando-se de conhecer o caminho percorrido n'esta região, pôr em duvida a suggestão mental?

Ninguem. Que para fazel-o seria preciso pôr de parte a propria dignidade.

Actualmente, sabe-se que a suggestão mental é um facto tão verdadeiro, como verdadeira é a onda hertziana ou a existencia do radio.

Mas não foi sem um trabalho singular e collectivo, pertinaz e longo, que esta conquista se realisou; e é este o intuito principal que nos propomos tratar.

Em 1876, o professor Barrett, de Dublin, leu na Associação Britannica uma memoria expositiva d'uma serie de experiencias que n'este terreno havia realisado.

Esse longo e cuidado trabalho experimental levára-o a crêr que, dadas certas condições, podia operar-se um transporte de pensamentos e idéas, d'um cerebro a outro cerebro, independentemente dos orgãos sensoriaes conhecidos.

Em conclusão, pedia que se constituisse um comité de homens de sciencia para estudar este assumpto, bem como o das manifestações chamadas espiritas, que tinham sido attestadas por homens distinctos como William Crookes e o Dr. Russel Wallace.

Apesar da insistencia do illustre professor, relatando novos factos provantes no *Espectator* e na *Nature* (julho de 1881), o seu esforço não deu fructos immediatos, mas concorreu sem duvida para a fundação da *Sociedade d'Investigações Psychicas.*

As sociedades e revistas scientificas não se occupavam dos assumptos, que consideravam anormaes ou transcendentes, como se elles não fossem dignos de exame; e d'aqui a necessidade d'uma aggremiação para estimulo e estudo d'estas pesquisas, que a sciencia orthodoxa considerava fóra do seu programma.

Foram estas considerações que levaram Barrett a preparar os fundamentos d'uma associação especial, com intuito de desbravar o terreno e chegar a conclusões positivas.

A escolha dos associados, pela sciencia e pela experiencia, foi o mais escrupulosa, constituindo-se definitivamente esta corporação em

20 de fevereiro de 1882, com os nomes mais illustres, sob a presidencia do professor Sidgwick.

Os fins expressos d'esta Sociedade mostram claramente a coragem e a prudencia dos seus fundadores ao tentarem esta grande empresa, como se revela d'estas considerações estatuarias:

«É sentimento unanime que nos encontramos no momento opportuno, para tentar um esforço organisado e systematico com o fim de estudar o vasto grupo de phenomenos sujeitos a contestação, designados com o nome de magneticos, psychicos e espiritas.»

«Segundo o testemunho de muitas pessoas competentes, no passado e no presente, comprehendidas as observações recentemente feitas por homens eminentes de sciencia, em diversos paizes, parece que entre muitas illusões e fraudes, nos encontramos em frente d'um bloco importante de phenomenos notaveis, á primeira vista inexplicaveis perante qualquer hypothese geralmente reconhecida, mas que, se fossem estabelecidos de modo incontestavel, teriam o mais alto valor.»

A tentativa então posta em obra carecia em verdade d'uma grande dedicação e denodo da parte de quem ousava emprehendel-a.

Pela distancia e mudança dos tempos, nós mal podemos fazer ideia d'esta abnegação, que aliás resalta das proprias palavras proferidas na assembleia geral de abertura d'esta sociedade, em julho de 1882 e que parecem ser escriptas hoje:

«... penso que é bom proclamar a nossa unanimidade, em dizer que o actual estado de cousas é uma vergonha para o seculo esclarecido em que vivemos. Uma vergonha, que ainda agora se esteja a discutir sobre a realidade d'estes phenomenos maravilhosos—cuja importancia scientifica é impossivel exagerar, se apenas a decima parte do que é attestado por testemunhas dignas de fé, podesse ser demonstrada como verdadeira.

«Repito que é uma vergonha, quando tantas testemunhas competentes teem affirmado a sua convicção e tantas pessoas teem profundo interesse na elucidação da materia, vêr ainda discutir a realidade dos factos, e tanta gente instruida guardar, em massa, a attitude da incredulidade!...

«A incredulidade scientifica levou tanto tempo a crescer, tem tão poderosas raizes, que não a mataremos—se conseguir-mos extirpal a no que respeita a uma d'estas questões, teremos de a enterrar sob um montão de factos».

«E' preciso que juntemos experiencias a experiencias. Parece me tambem, que não devemos procurar convencer os incredulos, insistindo sobre a importancia d'um facto isolado, mas é no conjuncto de provas que devemos confiar, para conduzir á certeza...

«Não podemos fazer mais do que pôr o critico na necessidade de suggerir que o investigador é cumplice.

«Será a solução que ha de tomar, quando lhe não restar nenhuma outra..

«E' preciso reduzir aquelle que tem objecções a fazer á posição

seguinte: ser forçado a admittir os phenomenos como inexplicaveis, ao menos para elle, ou a accusar os investigadores quer de mentira, quer de fraude, quer de cegueira ou falta de capacidade, tal como um mentecapto».

A Sociedade de Investigações Psychicas não se occupa só dos phenomenos de transmissão de pensamento, pois que os seus inqueritos se dirigem a outros aspectos psychicos, que podemos epigraphar em cinco grandes capitulos:

Transmissão de pensamento e telepathia; magnetismo, hypnotismo e applicações medicas;

Faculdades não desenvolvidas ou não reconhecidas—*consciencia subliminal;*

Apparições e logares em que as manifestações se dão;

Provas da existencia de intelligencias extranhas ás pessoas vivas, e realidade das communicações.

As nossas vistas, porém, n'este artigo, estão apreciando sómente o aspecto da suggestão mental.

Antes que esta douta Sociedade tivesse seguramente captado a realidade d'este phenomeno, podemos dizer que a opinião geral e scientifica era não sómente hostil á possibilidade de se transmittir uma ideia por outro meio que não fosse a via ordinaria da sensação, mas até se oppunha ferrenhamente a qualquer investigação sobre este ponto.

Considerava-se então a chamada «leitura do pensamento» á falta de expressão mais adequada, como cousa impossivel, e physiologistas e psychologos, em commum desdem, desterravam tal conceito do campo dos seus conhecimentos.

Essa attitude, porém, da opinião publica e culta mudou-se profundamente desde essa época até agora.

E' difficil hoje fazer juizo exacto do enorme despreso votado n'esses tempos aos que se consagravam a este genero de investigações.

Esse despreso revestia todas as fórmas, desde a aggressiva e intolerante, propria das edades barbaras, até á compassiva e mesquinha, reveladora da falsa piedade.

Para encerrar hoje este artigo, devemos dizer que pelos trabalhos e experiencias da *Sociedade d'Investigações Psychicas,* apesar de toda a reluctancia do passado, scientificamente se demonstrou, que sem contacto e sem o vehiculo dos sentidos ordinarios, póde um cerebro exercer uma acção mental sobre outro cerebro.

Souza Couto

PHENOMENOS DE MATERIALISAÇÃO

(Conferencia feita na Alliança Espiritualista, de Londres, por M.me d'Espérance)

IV

No dia seguinte tivemos a nossa sessão habitual, a que assistiram entre quinze a dezoito pessoas. O relatorio do Comité (nomeado pelos assistentes do grupo), publicado em differentes jornaes e conforme a traducção em inglez que d'elle faço d'um jornal da Finlandia, é concebido n'estes termos:

«Alguns minutos depois de nos termos installado nos nossos respectivos logares «Walter» (o espirito) annunciou-nos que tinha encontrado alguem que podia auxiliar-nos.

Esta noticia provocou uma sobre-excitação e uma impaciencia que durou um certo tempo; até que em fim as cortinas do gabinete deram passagem a um homem de estatura mais que regular e corpulento que se dirigiu para o medium sentado deante das cortinas.

Essa apparição era-nos desconhecida; nunca a tinhamos visto em nossas sessões.

Parando em frente do medium, tomou o papel e o lapiz que estavam sobre os joelhos d'este. Depois recuando um ou dois passos, e appoiando o papel contra a face da parede do paravento que formava o gabinete, começou a traçar em cima d'esse papel qualquer cousa.

Não se via o bastante para se lhe distinguir o rosto, mas os seus movimentos eram todos perfeitamente visiveis.

Como é natural estavamos muito agitados e interessados, e constantemente interpellavamos o medium, melhor collocado do que nós para vêr o que fazia este homem, e para satisfazer á nossa curiosidade.

De vez em quando ella (o medium) dizia-nos o que via, mas não lhe era possivel dizer o que a apparição escrevia.

Então o medium pediu nos para cantarmos, pois era evidente que a nossa sobre-excitação se communicava ao espirito e causava prejuizo a seu trabalho.

Mas apenas tinhamos começado, o canto interrompeu-se bruscamente. O medium dirigiu-se então a um professor presente, dizendo que era melhor elle cantar alguma cousa, ordenando ás outras pessoas para estarem tranquillas, se não queriam entravar a sessão.

Emquanto o medium fallava, a apparição collocou-lhe de novo o lapis e uma folha de papel branco sobre os joelhos, e outra folha entregou-a ao official, retirando-se em seguida para traz das cortinas do gabinete.

Examinou-se esta folha de papel e n'ella se encontrou a carta geographica d'uma parte da costa da Finlandia, entre Abo e Helsingfors. As posições de dois pharoes e d'um baixio, situado a cerca de vinte e cinco milhas ao sul, ahi estavam indicados; ao centro estava traçada uma cruz, com estas palavras em finlandez: «E' aqui que encontrareis o Russalka».

Quando mais tarde se reconheceu a exactidão d'esta carta geogra-

phica, verificou-se que a escala era perfeita, sendo certamente obra d'um profissional em materia de cartas maritimas, e que conhecia bem as costas da Finlandia.»

Chamarei aqui vossa attenção sobre um facto, a saber, que emquanto o Espirito materialisado estava empenhado n'um trabalho que exigia cuidados, reflexão e intelligencia, toda a attenção do medium estava dividida entre o desejo de tomar notas sobre os movimentos do Espirito e a necessidade de manter nos assistentes a tranquillidade, que parecia ser a condição indispensavel do bom resultado.

Posso accrescentar tambem que a turbulencia das pessoas que assistiam, tinha posto de muito mau humor o medium, que era eu mesma.

Talvez que alguns dos meus ouvintes gostarão de saber que o desenho foi apresentado ao governador de Finlandia e que elle se decidiu a proceder, guiado por esta indicação. Foi fretado um vapor, munido de todo o material e dos machinismos necessarios; foi contractado o pessoal, e a expedição estava prompta para partir para o seu destino, quando chegaram ordens positivas do quartel general de S. Petersburgo, prohibindo a expedição e mandando que cessasse toda a pesquisa do navio desapparecido.

O governo russo sabia provavelmente melhor do que outrem qualquer o que tinha a fazer, mas a sua decisão causou um vivo desapontamento aos que desejavam estabelecer a prova da exactidão das indicações dadas pelo extranho Espirito materialisado.

Merece tambem ser assignalada uma outra circumstancia relativa a um sentimento de antagonismo entre o medium e um Espirito materialisado.

Esse facto encontra-se n'um relatorio sueco, assignado por vinte e uma pessoas, que todas foram testemunhas occulares d'essas manifestações. Eis a traducção:

«Tendo-se o Espirito revestido da parte material necessaria, mostrava uma tão evidente alegria com o seu novo corpo, que fez um violento esforço para se exhibir fóra do gabinete; mas como a substancia se desaggregava, foi compellido muitas vezes a vir até junto do medium, e d'uma d'essas vezes, ao recuar, tocou-lhe na fronte, involuntariamente.

Com isto ficou o medium tão assustado, que quiz lançar-se da cadeira e sahir do gabinete. Mas foi-lhe impossivel mexer-se, e quando se apercebeu d'esta falta de forças, teve medo, abriu completamente as cortinas, e chamou nossa attenção sobre o Espirito, exclamando, toda angustiada: «Vêde este homem que alli está em pé! Tenho-lhe um tal medo!» accrescentou ainda.

Esta apparição deu alguns passos para a frente, e dois dos *assistentes,* emocionados pelo estado nervoso do medium, abandonaram seus logares, que eram perto do gabinete.

Então um outro assistente e eu (Mathieu Fidler, o relator) viemos ambos occupar esses dois logares abandonados. Ambos nós vimos muito distinctamente o phantasma, notando-lhe as particularidades. Esse outro assistente fez até rapidamente um esboço. Essa appari-

ção masculina estava toda sorridente e fazia-nos cumprimentos affectuosos.

Tinha um bigode farto, castanho carregado ou escuro; o rosto, d'um tamanho regular, era extremamente branco. Depois de o termos sufficientemente examinado, desappareceu e fechou as cortinas; mas o medium, abrindo-as em continente, exclamou: «Não me deixem! Segurem-me as mãos! Tenho medo!»

Tanto eu como o outro assistente viamos ao mesmo tempo essa fórma e o medium, que tremia convulsivamente e a quem esse assistente tomou as mãos, emquanto eu examinava a apparição, que estava de pé, ao seu lado.

Ao observar-lhe o rosto, notei que diminuia pouco a pouco; e com effeito, a fórma inteira parecia ir decrescendo gradualmente.

Sobre este facto chamei a attenção dos outros assistentes, e muitos d'elles approximaram-se vagarosamente, para melhor poderem avaliar o que se passava, de fórma que tambem viram o medium com as mãos dadas, como se disse, e simultaneamente a apparição que diminuia com lentidão, sem deixar de conversar com o medium.

Este dizia não comprehender por que se assustava d'aquella maneira, mas que não estava mais na sua mão: essa apparição, o homem, era muito real.

Emquanto o medium fallava, a *apparição* sorria e fazia saudações; evidentemente era feliz e mostrava não duvidar de que estava sob o imperio de certas condições necessarias ao equilibrio dos materiaes de que se tinha revestido, pois emquanto o examinavamos, reduziu consideravelmente a altura.

Com effeito, continuando a conservar a apparencia de edade madura, não passava, em tamanho, as dimensões d'uma creança.

A substancia corporal dissipou-se, até que não restava mais do que alguns fragmentos no logar correspondente á base do peito, se bem que os hombros se encontrassem quasi ao nivel da parte superior da cabeça.

E durante esta operação, o homem parecia absolutamente inconsciente d'esta transformação; o ar satisfeito, o sorriso benevolente e os gestos com que subelinhava as nossas observações só cessaram com a sua completa desapparição.»

O relato dos successos d'esta noite foi redigido e assignado por vinte e uma pessoas, que d'elles foram testemunhas.

O medium interrogado sobre as rasões por que se assustou, respondeu:

«Não posso dizer que o Espirito me causasse o menor susto, emquanto me não tocou; mas o seu contacto era tão real que me amedrontou. A sua personalidade era-me antipathica, e quando, ao querer levantar-me da cadeira, senti a impossibilidade de o fazer, torneime nervosa e tomei medo. Este *homem* causava-me uma repugnancia invencivel. Sabia bem que elle não me fazia mal algum, mas não gostava d'elle e receava que viesse tocar-me novamente.»

Era injusto; porém, póde acontecer, mesmo aos mediums, não serem rasoaveis.

(Continúa). E. D'ESPÉRANCE.

A EFFLUVIAÇÃO ODICA

X

Meu caro Dr. Sousa Couto

Para muitas pessoas que não conhecem intimamente o magnetismo e que consequentemente o não praticaram, *magnetismo animal e hypnotismo* são uma e a mesma cousa, porque os seus effeitos são analogos. E' um erro que convem desfazer.

Porque os effeitos são analogos ou mesmo eguaes não se pode concluir que a causa que os produz seja precisamente a mesma.

Argumentando assim poderiamos chegar á conclusão absurda de que o lume e o acido sulphurico são uma e a mesma cousa, por isso que applicadas sobre a cutis produzem ambos uma queimadura.

Se bem que haja bastante analogia nos effeitos produzidos, o magnetismo differe do hypnotismo no *modus faciendi, causa productora,* no estado *psycho-physiologico* do passivo, na intensidade dos phenomenos, e nas consequencias que de um e outro processo podem resultar.

Expliquemo-nos:

O *hypnotismo,* segundo Braid e outros distinctos cultores do hypnotismo, é—*um estado particular do systhema nervoso, determinado por manobras artificiaes, tendendo, pela paralysia dos centros nervosos, a destruir o equilibrio nervoso.*

Este estado physiologico consiste em produzir no cerebro uma accumulação *anormal* da força nervosa, d'onde resulta um estado pathologico particular.

Portanto, segundo a confissão preciosa dos grandes mestres do hypnotismo, este consiste em tirar partido de um *desequilibrio* da força nervosa; que se faz concentrar no cerebro.

Como se produz este desequilibrio? Por varias formas, que afinal se podem resumir em uma só; e que consiste em fazer convergir fixamente, e durante algum tempo, a vista do passivo sobre um objecto brilhante collocado a uns 25 a 40 centimetros de distancia do passivo e n'uma posição superior ao nivel dos olhos.

Ora d'este artificio resulta em primeiro logar o *cansaço do orgão visual,* e consequentemente uma *perturbação cerebral* de que resulta o somno hypnotico, que nos passivos histericos ou nimiamente nervosos pode apresentar as tres phrases classicas—*lethargia, catalepsia* e *somnambulismo simples,* mas raras vezes *lucido.*

Ha muitos experimentadores que, apezar de se dizerem magnetisadores produzem o primeiro grau do somno mais ou menos á maneira dos hypnotisadores.

Alludimos aos *fascinadores* que produzem o somno mediante a fixidez do olhar, ou os que, como o abbade Faria, mandam sentar o passivo, impõem lhe o recolhimento, gritando-lhe depois ao ouvido com voz retumbante—*dorme!*

E' certo que os olhos e a voz são vehiculos efficassissimos do fluido magnetico; mas estes processos, actuando exclusivamenteso bre

o cerebro, tendem a produzir o mesmo desequilibrio nervoso que se dá com o processo de Braid.

Se compararmos agora estas manobras mais ou menos violentas com os processos magneticos que empregam simplesmente os passes, ver-se-ha que elles differem essencialmente entre si: pois, emquanto que os hypnotistas e fascinadores *atacam exclusivamente o cerebro,* produzindo ahi o *desequilibrio nervoso;* os magnetisadores, actuando pelos passes sobre o corpo todo, concentram especialmente os seus esforços sobre o epigastro e systema nervoso ganglionar, procurando equilibrar o melhor possivel a corrente nervosa, de maneira a obter a mais alta expressão da autonomia funccional do ser. Aquelles destroem pela fadiga o *Eu consciente,* estes elevam-o ao grau synthetico mais elevado.

O verdadeiro magnetisador tem nos *passes* e nas *imposições,* diversamente feitas um meio efficacissimo para *graduar e regular* o somno magnetico.

O seu intuito consiste *isolar* o passivo de tudo quanto o rodeia. Esse isolamento, *anniquilando* todas as sensações *que veem do exterior,* permitte ao passivo *concentrar* a sua attenção muito melhor do que o poderia fazer no estado de vigilia; os seus sentidos, *synthetisados* em certo modo n'uma exaltação do *Eu sensorio,* dão-lhe uma sensibilidade exquisita que o *estado de relação* põe exclusivamente á disposição do magnetisador.

N'este *estado de relação* só pelo magnetisador pode ser tocado, ouvido e obdecido, só por elle pode ser dispertado, porque, n'esse estado *ninguem mais existe* para elle.

Attrahido pelo fluido magnetico, de que os passes vão como que impregnados, o corpo astral do passivo isola-se do corpo material, liberta-se das peias a que este o sugeita habitualmente, e, gozando de uma *extrema mobilidade magnetica,* pode, como o pensamento, *viajar por onde lhe apraz,* ou *seguir a orientação* que lhe é imposta pelo magnetisador.

Quanto ao passivo hypnotico, esse está longe de attingir as eminentes qualidades que distinguem o passivo magnetico.

E isto principalmente porque *nem está isolado* nem *concentrado:* e tanto assim é, que *póde sentir e sente* o contacto de *qualquer pessoa, ouve e obedece a todos,* e pode ser adormecido hypnoticamente ou dispertado *seja por quem fôr.*

Adormecido hypnoticamente o passivo fluctua entre dois estados extremos—*a lethargia e a catalepsia.* No primeiro caso todas as vias que levam ao cerebro as impressões sensorias estão *hermeticamente fechadas;* no segundo caso todas as sensações vindas do exterior, ouvido, paladar, olfacto e o tacto estão dotados de uma agudeza ou hyperesthesia tal que apercebe os minimos sons, os minimos aromas, os mais subtis contactos, mesmo a uma grande distancia.

Distrahido por tudo o que o rodeia em virtude d'essa acuidade sensitiva, ou fechado, na outra hypothese, a todas as sensações externas o passivo hypnotico, em qualquer d'esses estados é inapto para receber qualquer *suggestão mental,* podendo apenas receber *suggestões verbaes.*

O *hypnotisado — é o que é;* quero dizer, só produz os phenomenos que a sua natureza hypnotica *expontaneamente dá:* não pode ser regulado nem aperfeiçoado. Pelo contrario o passivo magnetico pode ser regulado e aperfeiçoado dentro de certos limites.

Por meio das imposições e passes acciona-se mais ou menos intensamente o cerebro ou o epigastro, procurando-se manter um justo equilibrio entre esses dois centros da vida nervosa.

Pelos *passes longitudinaes* carrega-se o passivo de fluido, pelos *transversaes* e pelo *sopro frio* liberta-se; finalmente, pelos *passes geraes* de *grandes correntes* regularisa-se a distribuição de fluido magnetico.

O processo hypnotico todo *artificial* e mesmo *brutal* (permitta-se-nos o termo), fatiga o paciente e traz muitas vezes complicações nervosas: o processo magnetico, quando sabiamente dosado, produz apenas um *bem estar ineffavel,* que, após o somno, deixa o passivo tão calmo e fresco como antes da sessão, por mais longa e agitada que esta haja sido.

Para se attingir este benefico resultado influe tambem poderosamente a *ideosyncrasia* do passivo, o *temperamento* do operador e o seu modo de operar.

Taes são as differenças mais importantes entre o magnetismo animal e o hypnotismo.

*
* *

O magnetismo animal não é apenas, como se poderia pensar, o agente mysterioso productor de uma serie interminavel de phenomenos physio-psycologicos dignos da attenta observação do sabio, ou do estudo porfiado do psychologo.

O magnetismo animal é, além de tudo isso, que seria já muito, um agente natural poderosissimo, o mais poderoso talvez, para alliviar e curar a humanidade que soffre.

E' o ogente therapeutico mais poderoso para debellar e triumphar de innumeras doenças, mórmente das que a medicina qualifica de *incuraveis.*

O magnetismo animal é a acção do fluido vital que emana de um homem são, e que tem o seu principio na fonte inexgotavel do fluido ou vida universal.

A *saude* consiste na harmonia funccional do organismo, no perfeito equilibrio de todas as forças vitaes; a *doença* é o desequilibrio d'essas forças.

Para viver necessita o homem de *assimilar a si* as substancias exteriores que lhe pódem ser uteis, assimilação que se opera mediante os orgãos respiratorios e digestivos.

Succede, porém, que em resultado de uma defficiencia de vitalidade, o poder de assimilação diminue.

Todo o organismo se resente, o individuo definha, torna-se *anemico.*

Para reparar este desequilibrio, o que importa fazer? Dar-lhe tonicos? reconstituintes? Talvez; mas se os orgãos houverem perdido quasi toda a sua vitalidade, os tonicos e reconstituintes não serão assimilados, e o doente irá de mal a peior.

Importa por isso atacar a *causa do mal* e não os seus effeitos.

É o que se consegue empregando o magnetismo.

Para restituir a saude ao doente, o que importa é restabelecer o equilibrio funccional dos orgãos, infundindo-lhe a vitalidade que lhes falta.

O magnetisador, bebendo no ar ambiente a vida universal, e affeiçoando-a ao seu proprio organismo, *inocula a no doente,* restabelecendo-lhe a normalidade na circulação e no funccionamento de todos os orgãos,—*dá lhe a saude.*

As curas geralmente attribuidas *à mudança de ar, á agua, ás plantas, aos imans, á electricidade,* devem antes ser attribuidas ao *fluido magnetico universal,* a que essas substancias servem de vehiculo natural em maior ou menor dose.

Isto não quer dizer que a medicina do futuro *deva renunciar* por completo aos remedios chimicos e ás substancias vegetaes. Nada d'isso. Mas o que é certo é que o magnetismo, dando ao corpo desequilibrado a *energia, a vitalidade* que lhe falta, restitue ao corpo doente a *capacidade funccional* para assimilar as substancias medicamentosas e os alimentos.

E, como o magnetismo animal actua especialmente sobre o systema nervoso, d'aqui resulta supporem muitos que o campo morbido em que o magnetismo tinha a exercer a sua acção reparadora, era unicamente o das doenças qualificadas de nervosas.

Quando mesmo a sua acção se confinasse n'este ambito, era ja amplissimo o campo de acção do fluido magnetico, tanto mais quanto é certo que são as doenças do systema nervoso aquellas em que a acção da medicina usual se mostra habitualmente mais impotente.

Mas, felizmente para a humanidade que soffre, é muito mais amplo o seu campo de acção.

A experiencia de muitos annos tem demonstrado que, despertando no organismo uma reacção vital equilibrante, as praticas magneticas triumpham com egual successo de todas as perturbações funccionaes, das doenças inflammatorias, desvios organicos e degenerescencia dos tecidos.

E de facto são innumeros os exemplos de cura radical das doenças mais graves e variadas, taes como—a arthrite chronica, hemiplegia, kystos, febre typhoide, intermittente ou cerebral, doenças da matriz, intestinaes, dôres locaes, paralysias, a epilepsia, a hysteria, a cataracta, a gaguez, a mudez e a surdo mudez, apoplexias, tumores, gastrites, e muitas outras doenças graves que seria prolixo enumerar aqui.

Não queremos dizer com isto que *todos* os doentes n'estas condições hajam colhido do magnetismo a sua cura radical.

Não; porque muitos doentes só recorrem ao magnetismo *in extremis;* mas apesar d'isso, em muitas d'essas doenças a percentagem das

curas e dos que experimentaram assignaladas melhoras é de 70, 80, 90, e n'algumas de 100 por cento.

Dada assim uma ligeirissima idéa da incomparavel utilidade que a medicina poderia tirar do magnetismo no tratamento dos doentes, terminaremos estes artigos fazendo votos por que não tarde o dia em que a therapeutica magnetica faça parte obrigada dos cursos medicos das escolas.

MARTINS VELHO.

ALGUMAS SESSÕES COM O MEDIUM MILLER

II

As sessões cujo relato se segue, tiveram logar em casa de um de meus amigos, que se dignou pôr a sua morada ao nosso dispôr. Como elle occupa uma posição official, não estou auctorisado a declarar o seu nome, mas respondo absolutamente pela sua inteira bôa-fé, tanto mais que, não sendo espirita, nem conhecendo o medium, não teria o menor interesse em favorecer qualquer fraude.

Aqui lhe exprimo os meus agradecimentos por sua gentil hospitalidade.

O logar das sessões é um salão grande, de fórma quasi quadrada. O gabinete das materialisações está installado no angulo da esquerda, relativamente á entrada, e é formado por pannos pendentes d'uma corda, presa nas extremidades ás paredes, na altura approximada de $1^{m},80$. Uma outra corda em diagonal e levada ao angulo opposto da casa, dá a fórma rectangular ao gabinete, cujo interior é guarnecido de flanella azul, pregada superiormente nas paredes. As cortinas e mais pannos foram por nós fornecidos e não têm fôrro.

Antes de todas as sessões, um pequeno guarda-vento junto ao gabinete e este, foram examinados por alguns assistentes, e certificando-se que não estava ali ninguem, sellaram-se tanto a porta do guarda-vento, como a d'este para o gabinete. As outras portas do salão estiveram fechadas, como regra, e as pessoas sentadas diante d'essas portas verificaram que não se poderia ter penetrado no circulo, muito cerrado, dos assistentes.

Uma janella e uma porta de vidraça sobre o terraço estavam tapadas por grandes cortinas. A luz, infelizmente muito fraca, estava collocada sobre uma meza pequena e velada por um cartuxo de jornal, que no topo só deixava passar uma luz diffusa, pouco illuminante.

Mr. Klébar, empregado de Miller, sentado ao pé da luz, estava encarregado de a modificar, segundo as indicações vindas do gabinete.

A 22 de julho teve logar a primeira sessão. Vinte e cinco pessoas tomaram parte n'ella, porque Miller me tinha declarado que o numero dos assistentes lhe era indifferente, comtanto que não fossem hostis.

N'estas condições, eu tinha convidado um certo numero de membros do comité da *Sociedade Franceza de Estudo dos Phenomenos Psychicos,* cujos nomes deviam ser tirados á sorte. Portanto, eu mesmo ignorava quaes eram os membros do comité que deviam assistir em aquella noite á sessão, e os seus logares estavam indicados nas cadeiras com a palavra: Comité.

O que é dito, para mostrar que o medium via estas pessoas pela primeira vez e não podia conhecer seus nomes.

Em primeiro logar, o gabinete foi inspeccionado minuciosamente. Apenas continha uma cadeira de palhinha e um tapete de cama, do dono da casa; e os pannos examinados em todos os sentidos, não continham nenhum tecido dissimulado ou pregado nas paredes.

Selladas as portas referidas e terminado tudo, Miller sentou-se a direita do gabinete, ficando eu ao lado d'elle e as outras pessoas em volta do salão.

Na extremidade opposta do circulo, estavam duas senhoras que conheço particularmente, e posso affirmar que estavam decididas a exercer a mais activa fiscalisação.

Não póde, pois, suppor-se connivencia alguma da sua parte.

Como a sessão era dada a titulo gracioso, o medium não foi previamente apalpado nem despido, como devia sempre fazer-se para evitar as discussões ulteriores.

Decorridos alguns minutos, durante os quaes os assistentes conversavam brandamente, mostrou-se uma forma esbranquiçada na abertura das cortinas, e pronunciou o nome de Julia com um outro de familia, e desappareceu, fechando as cortinas.

Então, M.me Hoileux disse que tinha perdido uma prima de treze annos d'edade, que tinha aquelle nome; e Miller que continuava estando comnosco no circulo, annunciou que aquelle Espirito tinha uma rosa branca na mão, posto que eu a não visse. M.me Hoileux disse que tinham posto um ramo de rosas brancas no seu caixão.

Quasi immediatamente depois, uma outra fórma, maior, mas sempre indistincta, appareceu e pronunciou muito claramente o nome de Joanna Perret, que toda a gente ouviu. O secretario de nossa sociedade, M. Perret, perdeu uma irmã que assim se chamava; morreu em 1896.

Depois mostraram-se entre as cortinas pouco afastadas diversas apparições, mui pouco distinctas, uma das quaes parecia representar uma creança que diz: mamã, emquanto que as outras, maiores, deram os nomes de Margarida Derieux e Maria Gaillard, que não foram reconhecidos. Depois mostrou se, segundo o testemunho de muitos assistentes, uma especie de velha, mas que eu não vi, por ser do lado do gabinete opposto ao meu logar.

Angela Marchand, facil de reconhecer por sua voz doce, sempre a mesma, mostrou-se um instante, dizendo que voltaria mais tarde. Ainda uma pequena fórma, pouco nitida, que pareceu ser d'uma creança, e o medium pediu que o gabinete fosse inspeccionado antes que ahi entrasse.

O exame feito por quatro pessoas mostrou que nada havia ahi occulto.

Tendo cada um voltado ao seu logar, e estando ainda o medium junto de mim, e baixando-se a luz, appareceu uma fórma entre as cortinas e pronunciou o nome de Georges B., que é o d'uma dama presente, tendo perdido seu marido. Esta apparição não foi reconhecida, bem como uma outra que deu o nome de Anna G... posto que diz ser uma segunda tia da mesma senhora.

Depois veiu outra fórma que pronunciou, com voz pouca nitida: «A ...ina Delanne.» Então perguntei: «E's tu, mãe?» E como a terminação *ina* correspondia ao nome de minha mãe, eu disse sem reserva que ella se chamava Alexandrina.

Então a fórma mostrou-se de novo e disse distinctamente: «Alexandrina Delanne. Gabriel, que Deus te abençôe» accrescentou, desapparecendo no gabinete. Infelizmente por causa da luz fraca e da pouca abertura das cortinas, não pude vêr melhor esta fórma do que as outras, e o timbre da voz não me permittiu reconhecer a de minha mãe.

Uma outra fórma branca é visivel, e pronuncía o nome do dono da casa, o qual lhe pergunta se é sua mãe e ouvem-se pancadas que parecem dadas dentro do gabinete.

Ainda uma forma se mostra na intersecção das cortinas, repetindo com difficuldade os nomes de Carolina e depois Texier ou Letessier, que ninguem reconhece.

Pancadas parecendo partir do gabinete, indicam que desejava ser identificada, o que não tem logar.

Até então, Miller esteve sempre sentado na cadeira junto á minha, e devo dizer, bem que não podesse vêr a sua mão e braço direitos, por causa da fraca luz, que não percebi nenhuma agitação anormal da sua parte, nem qualquer movimento suspeito. Elle não estava em transe e por vezes trocava commigo algumas palavras.

A segunda parte da sessão começou com a entrada de Miller no gabinete. A voz de Betzy, guia do medium, pede que se forme a cadeia e que se cante a meia voz. Passados instantes, dois ou tres minutos, vejo no gabinete duas formas immoveis, luminosas, depois, um pouco mais longe, uma terceira.

Alguns assistentes declaram que ha 4 apparições luminosas, visiveis simultaneamente, mas eu só vi tres. Não posso dizer se estas formas eram exteriores ao gabinete, porque a luz não era sufficiente para as localisar com exactidão. Estas apparições duraram apenas alguns segundos.

A seguir uma fórma unica, de grande corpulencia, sempre luminosa, mostrou-se e deu o nome de Blawatsky. Depois sahiram ligeiramente duas apparições, que na sessão precedente tinham dado os nomes de Effie Dean e Carry West.

Notei ainda a auréola luminosa acima da cabeça, mas menos brilhante do que na sessão anterior. Uma das formas dirigiu-se para o meu lado, parecendo facear o gabinete; depois desappareceu. Não pude acompanhar com a vista a segunda, que se tornou invisivel para mim, por estar encoberta pela cortina.

N'esta occasião, pede-se do interior do gabinete para se fazer a ca-

deia, porque as manifestações são difficeis de produzir. Decorridos momentos, vejo uma apparição bastante grande, volumosa, envolta n'um tecido similhante a mousselina, sahir do gabinete e dar tres passos á frente.

Diz chamar-se Lily Robert; manifestára-se já em casa de M. Letort. O som da sua voz é distincto, parecendo-me o mesmo que eu já ouvi.

O phantasma estende um braço; distingo o contorno da carne e a mousselina que pende, em leque, desde a mão até ao tronco. E' que, n'este momento a luz é um pouco mais forte, mas não tarda a baixar de novo. Lily Robert entra no gabinete, torna a sahir e dissolve-se, á frente das cortinas.

Uma forma pouco distincta apparece apenas, para dar logar a uma outra, que pronuncia o nome de Joseph e diz ser um espirito guia do medium.

N'esse momento Betzy chama a nossa attenção sobre uma phenomeno que vae produzir-se; um espirito deve materialisar se pelo lado de fóra das cortinas.

Vê-se ao principio apparecer no alto e á frente das cortinas um floco esbranquiçado; esta nuvem balanceia-se da esquerda para a direita; após algumas oscillações, assaz accentuadas, pois chega a tocar-me levemente a cabeça, desce ao pavimento. Ahi vae avolumando até tomar a forma d'uma especie de pyramide; e subito, uma forma se desenha e avança ligeiramente, dizendo: «boa noite, meus amigos», depois dá o nome de Luiza Michel. Observei que as roupagens pareciam cahir em pregas rigidas, e vi bem que a forma estava completamente fóra do gabinete, onde depois entrou rapidamente.

O Dr. Benton (espirito) que ouvimos fazer um longo discurso em casa de M. Letort, constitue-se d'uma maneira analoga. Sae totalmente do gabinete, diz-nos que é feliz em estar comnosco e dirige-se a uma senhora que está no meio do circulo; ella deixa o logar, avança e dá a mão ao phantasma; este beija a assaz fortemente para que se ouça o ruido produzido pelos labios.

Esta senhora diz ter conhecido o Dr. Benton em vida, quando elle fazia conferencias em S. Francisco e tel-o visto depois materialisado um certo numero de vezes, em casa de Miller, na America.

Interrogada immediatamente, para saber se o phantasma tinha barba, essa senhora affirmou não terem barba os labios que a beijaram, emquanto que o medium tem um espesso bigode.

Seguiu-se uma outra forma, que parecia ter uma creança ao cólo. Disse ter perdido a vida n'um incendio de Chicago.

Outro phantasma de aspecto bizarro parecia ter uma cabelleira, que lhe cahia nos hombros. Deu o nome de Star Eagle (Aguia Estrellada) e retirou-se depois de ter pronunciado algumas palavras incomprehensiveis.

A apparição que se mostrou depois foi pequena, como d'uma creança.

Com toda a evidencia, o seu volume era menor que o das fórmas precedentemente apparecidas, e comtudo sahiu do gabinete e veio

sentar-se um instante ao meu lado, sobre a cadeira que Miller tinha abandonado ao entrar para o gabinete. N'esse momento pude vêr mui de perto a sua estatura e configuração, que eram d'uma menina. A sua voz tinha um som agudo e fatigante. Tinha risos intempestivos e tagarellava como uma menina que pretendia ser e ter sete annos.

Cantou, falsete, uma especie de romanza, que interrompeu rapidamente.

Ao approximar-se do gabinete, vi-a elevar-se no ar, movendo se para um e outro lado e continuando a fallar.

N'essa occasião, recebi do gabinete, sem vêr quem m'o dava, um objecto metallico, que julgo fôra tomado de sobre um movel e que eu puz na chaminé, atraz de mim.

A fórma infantil desceu até ao pavimento e ahi se dissipou, produzindo um ligeiro choque que todos os assistentes poderam ouvir.

Então mostrou-se Betzy, guia do medium, dizendo que Angela Marchand ia reapparecer.

Com effeito, a voz doce d'esta apparição fez se ouvir, mostrando-se ella um instante entre as cortinas. Emfim, Betzy cantou, como precedentemente, uma canção negra, estando visivel entre as cortinas como uma apparencia esbranquiçada.

A voz pareceu-me ser bem similhante á que tinha ouvido em casa de M. Letort e cujo timbre é bastante caracteristico para ficar na memoria.

Apenas Betzy acabou de cantar, Miller appareceu completamente vestido no circulo: se é uma transformação da sua parte, é preciso confessar que Fregoli, com todos os seus auxiliares, não o faria melhor.

O medium recuperou lentamente o estado normal; inspeccionou se o gabinete e os sellos da porta que communica com a sala de jantar; tudo estava intacto e tal como se tinha deixado no começo da sessão.

O gabinete não continha nenhum objecto extranho.

(Continúa). GABRIEL DELANNE.

APPARIÇÃO D'UM MORTO A TRES PESSOAS, POUCO TEMPO APÓS A MORTE

O caso que vai lêr-se, relatado por Charles Tweedale, membro da Sociedade Real Astronomica de Londres, acaba de ser communicado aos Annaes de Sciencias Psychicas, outubro passado, por Camillo Flammarion.

Damol-o na integra.

«Para um grande numero de pessoas, não devendo por forma alguma a apparição d'um «phantasma» ser considerada como uma realidade, o facto torna-se absurdo e só póde ser acolhido com troça e ridiculo.

Assim pensam os que fazem gala de seus gostos, de suas aspira-

ções scientificas e da infallibilidade de seu juizo, posto que em verdade esta attitude seja completamente anti-scientifica.

Regeitar à priori e desdenhar d'uma cathegoria de phenomenos, porque se não comprehendem, e negar a sua realidade, porque ainda está envolta em mysterio, tal fórma de proceder é por certo indigna d'um espirito verdadeiramente scientifico.

Quando eminentes sabios como o professor Crookes e Oliver Lodge —para não citar outros—estão convencidos da evidencia d'estes phenomenos, não deveria este facto impôr silencio aos que, audaciosamente, affirmam que nenhum sabio póde rasoavelmente crèr em taes cousas?

Tem-se objectado, é verdade, que as vestes de que se ataviam os phantasmas mostram desde logo a irrealidade das apparições, e se suscita a pergunta: por que é necessario que o phantasma se apresente vestido como um ser vivo, com um vestido que nos é familiar e conhecido?

A resposta que logo nos accode á mente é «que é para se fazer reconhecer». Se o ser desencarnado se manifestasse sob uma fórma desconhecida, o objectivo da sua apparição, na maioria dos casos, ficaria frustrado. Por vezes, a visão é sublinhada d'um traço caracteristico, accentuando a personalidade, ou attrahindo especialmente a attenção do observador sobre a identidade do phantasma ou sobre qualquer cousa referente á sua morte ou vida terrestre.

De certo, é facil suppôr que a apparição e os vestidos são puramente subjectivos e creados na imaginação pela lembrança do observador. Mas esta hypothese é prestes combatida por numerosas observações de casos bem authenticos, em que o phantasma apresentou no corpo ferimentos, *dos quaes o observador não tinha conhecimento anteriormente,* ou appareceu vestido de fórma que nunca tinha visto. Ora, após inquerito, verificou-se que esses ferimentos e vestidos não eram o effeito d'uma allucinação de observador, mas que tinham effectivamente existido.

Para mais amplo esclarecimento d'estes casos, bastante numerosos, enviarei o leitor ás *Actas da Sociedade de Investigações Psychicas* (de Londres) e tambem á preciosa e notavel obra de Myers, *A Personalidade humana e sua sobrevivencia,* em que escrupulosas observações demonstram claramente a evidencia da vida futura ao espirito imparcial, mostrando-lhe que a morte *não é o termo da vida humana.*

O verdadeiro dever do sabio é observar pacientemente estas extranhas manifestações, chamadas sobrenaturaes, á falta de palavra mais apropriada, *e que se nos apresentam inopinadamente.*

Estes factos não teem logar com regularidade, posto que provavelmente se não passe uma semana ou talvez um dia, em que se não produzam algumas manifestações d'este genero.

Pessoalmente, posso ajuntar uma observação que me é propria, ao assumpto tão controvertido dos vestidos dos phantasmas.

Verifiquei cuidadosamente todos os pormenores, escrevendo se os testemunhos que, se tanto fôr necessario, poderão ainda ser certificados por duas outras pessoas. Em summa, eis os factos:

«Na sexta-feira, 10 de janeiro de 1879, á noite, fui-me deitar cedo.

Tendo despertado no meio do primeiro somno, vi, pela janella do sul, a lua, cujos raios claros me illuminavam o quarto. Sob o meu olhar ficavam as portas d'um armario, cavado na parede, lado nascente, e n'aquella posição fui seguindo o luar que a illuminava; mas fixando minha attenção d'este lado, vi em breve apparecer uma fórma, em frente de mim, sobre as portas do armario.

Indistincta ao principio, tornou-se gradualmente mais e mais nitida, até ao momento em que reconheci o rosto de minha avó. Observava a ha já alguns segundos, quando essa visão se dissipou lentamente, desapparecendo na luz lunar. Feriu-me uma particularidade, gravando-se no meu espirito, e é que minha avó trazia uma coifa de folhos á moda antiga.

Não me atemorisei, e julgando ser presa d'uma illusão, causada pelo luar, voltei-me e de novo adormeci.

Na manhã seguinte, ao almoço, comecei a contar esta apparição da noite, quando meu pae, com grande surpresa minha, se levantou bruscamente da mesa, muito agitado, e sahiu apressadamente da sala, deixando o almoço quasi intacto.

Quando elle se dirigia para a porta, olheio-o com admiração, dizendo a minha mãe: «que é que o pae tem?»

Minha mãe fez-me signal de silencio, e quando ficamos sós, repeti a pergunta.

Então respondeu-me minha mãe: «Carlos, vou-te contar a cousa mais extraordinaria de que tenho ouvido fallar. Esta manhã, quando accordei, teu pae contou-me que tinha accordado de noite e que tinha visto a mãe d'elle em pé, perto da cama, mas que, quando se levantou para lhe fallar, ella tinha desapparecido».

Esta scena e esta conversa tiveram logar ás 8 e meia da manhã de sabbado, 30 de janeiro; ora antes do meio dia recebemos um tele gramma, participando que minha avó tinha morrido durante a noite.

Este assumpto, porém, não termina aqui, porque meu pae soube em seguida, que sua irmã, moradora a mais de 30 kilometros de distancia, tinha tambem tido a apparição de minha avó pouco tempo depois da morte. Assim *tres* pessoas, *independentemente umas das outras,* tiveram a mesma visão, que attribuiram a uma allucinação.

Que esta apparição foi d'uma pessoa passando pela mudança a que chamamos morte, não offerece duvida alguma, attento o momento em que teve logar a triplice apparição.

Lembra-me perfeitamente que meu pae fixou o instante preciso da visão ás 2 horas da manhã.

Quanto a mim, não me levantei para vêr as horas, mas calculei-as com approximação. A casa está exposta ao sul, e a janella do meu quarto abre-se para esta parte.

Quando tratei de verificar os pormenores, pedi a M. Wesley, secretario da Sociedade Astronomica Real de Londres, para me dar a hora de passagem da Lua pelo meridiano, na noite de 10 a 11 de janeiro de 1879. A indicação dada por *The Nautical Almanack,* n'aquelle anno ,era ás 14 horas e 19 minutos, isto é, ás 2 horas e 19 minutos

da manhã. Quando a Lua passa no meridano, as duas paredes, leste e oeste estão egualmente illuminadas, bem como a parede norte, ao fundo do quarto. Portanto, estou certo de que a Lua estava perto do meridiano, no momento da apparição, e que eram cerca de 2 horas da manhã, o que confirmava perfeitamente o tempo fixado por meu pae. Minha tia tambem collocou o momento apparição de que foi testemunha, *depois da morte,* a qual teve logar á meia noite e quinze minutos, provando assim que não se tratava d'uma manifestação telepathica ou subjectiva (1), produzindo-se antes ou no proprio instante do fallecimento; mas d'uma apparição realmente objectiva, tendo logar depois que a vida deixou o corpo; e d'ahi pode concluir-se que a fallecida, comquanto apparentemente morta, estava ainda sufficientemente *viva* duas horas mais tarde, para se mostrar a differentes pessoas, separadas umas das outras por distancias apreciaveis.

Voltando ao «vestido das apparições», recordo que apenas descrevi a meus paes a visão, tal como a tivera, sem tentar verificar o extranho vestuario e os accessorios que me tinham chamado a attenção. Ha algumas semanas, com o fim de obter pormenores exactos sobre o mysterio, escrevi a meu tio (minha tia finou-se em 1900), pedindo-lhe para me precisar certos pontos interessantes, e enviando-lhe um desenho da minha visão, feito de memoria. Farei notar que jámais fallára com meu tio a tal proposito, e, por outro lado, que ha muitos annos não tinha visto minha avó, quando ella morreu.

Eis um extracto da resposta que recebi:

«Posso certificar a exactidão d'estes pormenores, porque tua avó morreu em minha casa no sabbado de manhã, 11 de janeiro de 1879, á meia noite e 15 minutos. Entrou em agonia na sexta-feira, e expirou pouco depois da meia noite, como então apontei na minha agenda.

Minha filha e eu lembramo-nos bem, em que termos tua tia nos contou a apparição que presenceou.

Perguntas me se o esboço do bonnet que me enviaste tem alguma semelhança com a coifa mortuaria da finada. A semelhança e frisante.

E' perfeitamente a coifa de folhos que tua avó trouxe durante o tempo em que esteve doente e quando morreu, e tambem a descripção do phantasma *combina plenamente* com o aspecto da moribunda.

E' esta a expressão da verdade, e posso, sendo preciso, certifical-a sob a fé do juramento.»

Está pois demonstrado que o «vestido», isto é, a coifa, que eu nunca tinha visto antes da apparição, existia objectivamente.

Meu pae falleceu em 1885, mas minha mãe vive ainda, e recorda-se de toda a scena de que foi testemunha.

Eis como confirma os pontos essenciaes:

«Li attentamente a narração de meu filho, relativa á extranha visão que elle teve, bem como meu finado marido, dr. Tweedale.

(1) Telepathica ou subjectiva não são termos equivalentes; e de certo o narrador não quiz dar-lhe esse sentido, visto que ha casos telepathicos com accentuado caracter objectivo.—N. da R.

Lembro-me perfeitamente como meu filho nos descreveu a apparição e meu marido me referiu a sua visão, bem como da participação de minha cunhada sobre esse facto, que a impressionou na mesma noite.»

O phenomeno que acabo de referir apresenta tantas garantias de authenticidade, que, penso, não poderá olhar se como suspeito. Aconselho aos incredulos attenta leitura dos factos notaveis contidos na *Personalidade Humana,* de Myers, e tambem dos referidos nas *Actas da Sociedade de Investigações Psychicas,* 16 volumes, que se pódem consultar utilmente.

Aos meus leitores, que quizerem aprofundar estes extranhos problemas com um *verdadeiro* sabio, citarei W. Crookes, Oliver Lodge, bem como muitos outros eminentes membros do conselho da Sociedade.

Seja como fôr, observo que ha muitos phenomenos interessantissimos e authenticos, que estão por explicar.»

CHARLES TWEEDADE

(Membro da Sociedade Real Astronomica de Londres).

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

A *Bibliotheca Universal* (Rambla da Cataluña — 118 — Barcelona) que se não tem cançado na vulgarisação das boas obras do assumpto que nos occupa, anda agora publicando a obra magistral de Aksokof «Animismo e Espiritismo» cujo enorme valor intrinseco só poderá avaliar quem a lêr com attenção.

A versão hespanhola é feita com todo o cuidado e ao alcance de todas as bolsas, custando cada caderneta a modica quantia de 25 centimos.

Recommendamos vivamente esta publicação e felicitamos cordealmente o nosso querido amigo Esteves Marata pela sua rasgada iniciativa. Em qualquer livraria se poderá obter a assignatura para o livro do grande investigador russo.

—Recebemos tambem o «Almanack de la Paix», publicado pela «Associação da paz pelo direito», e varias revistas espiritas, que agradecemos e de que daremos opportuna conta.

N.º 7 DEZEMBRO DE 1906 2.º ANNO

ESTUDOS PSYCHICOS

REVISTA MENSAL DE ANIMISMO
E ESPIRITISMO EXPERIMENTAL

Director—DR. SOUSA COUTO

COLLABORADORES—Os srs. Conde de Rochas, Maxwell, Laurent de Faget, De Reyle, Wolowski, Marzorati, Roso de Luna, Quintin Lopes, Martins Velho, etc.

Escriptorio—Rua Augusta, 138, 2.º LISBOA

DESCOBERTAS E PRECONCEITOS

V

O intuito a que temos subordinado estes artigos não póde ser tão amplo, que pretenda abraçar o omnimodo ataque do preconceito contra o caminhar incessante do progresso, em todas as edades, em todas as regiões, em todas as conquistas humanas.

Para historia tão completa não bastaria um limitado espaço em uma revista d'esta indole: seriam precisos nutridos volumes d'indagação universal.

O que temos pretendido visa a mais restricto alcance. O nosso fim é encaminhar o raciocinio n'esta ordem de ideias, baseando-o em factos de verdade incontroversa, para, sem esforço, chegarmos a esta natural conclusão: o que se tem passado com os phenomenos animicos e espiritas, desde que começaram a ser submettidos ao exame dos primeiros investigadores até ao presente, a impugnação que desde logo soffreram até aos hodiernos embates da ignorancia ou da indifferença, são usuaes e esperadas consequencias d'aquella lei, já antes enunciada—a lei de reacção contra toda a ideia nova, toda a descoberta recente.

Talvez que nenhum outro facto d'observação scientifica, nenhum outro estudo de ramo novo e inexplorado, resentisse jámais egual refracção de meio, semelhante contrariedade na acceitação, como o estudo dos phenomenos psychicos, nas extranhas formas que modernamente estão revestindo.

Mas os factos são cousas recalcitrantes, que a dialectica mais acúta não póde destruir.

Os factos são manifestações incoherciveis de leis invariaveis, que a ignorancia do homem ou a sua vã fatuidade não podem aniquilar. Surgem na hora precisa; não respeitam a conveniencia, o interesse, a idiosymcracia da geração que os vê apparecer, nem o legado intellectual das gerações precedentes.

E' a historia que depõe, e o seu testemunho é salutar e imparcial.

Fazer a historia das descobertas mais importantes no terreno animista e espirita, é relatar a serie de combates, de luctas, de incessantes torneios, a que essas descobertas tiveram de submetter-se.

Essa historia não se póde fazer, nunca se fará, accumulando ape-

nas phenomenos sobre phenomenos, precauções sobre precauções, datas sobre datas.

Os annaes do espiritismo são os seus fastos de gloria; são uma cruzada unica e grandiosa, com todos os accidentes de combate encarniçado, de lucta sem treguas, cheia de abnegações, de valentias, de heroismos.

E só á custa de tantos sacrificios e esforços se tem podido abrir uma larguissima expansão a estas pesquizas, interessar n'ellas muitos dos primeiros pensadores da actualidade e fazer rarear notavelmente as outr'ora cerradas phalanges dos indifferentes ou dos impenitentes negadores.

Mas por que preço não ficou esta conquista! Quanto custou ao pensamento humano a iniciação aberta e patente no avançar, no evolucionar, no emancipar-se de tantos e tão temerosos obstaculos!

Sem recuar mais longe na serie dos tempos, bastará recordarmos as obscuras epocas em que a censura mais restricta e anti-scientifica esmagava a consciencia, a ideia, sob um jugo de ferro pesadissimo.

Era então o pensamento escravo submisso da auctoridade.

Nem uma palavra se podia manifestar, nem um raciocinio exteriorisar, que os não os reprimissem logo as punições mais severas.

E nem sequer o pensamento intimo, no fôro reservado da consciencia de cada um, era livre, porque, trahido por um gesto que fosse, presentido, advinhado, o livre-pensador ia pagar caro o exercicio d'este direito sagrado e originario:—o da sua actividade mental.

Não é sem horror que hoje contemplamos as humilhantes, deshumanas torturas, a que sujeitaram a humanidade para lhe incutirem a fé que não tinha ou lhe coarctarem manifestações expontaneas e naturalissimas, rigorosamente agora classificadas nos dominios da hysteria, do animismo ou do espiritismo.

A inquisição tinha latissima e incontestada jurisdicção para conhecer e castigar factos d'esta ordem. Porem não tendo conhecimentos especiaes nem elevada orientação para os apreciar e valorisar na sua essencia, comprehende-se bem que tremendos erros judiciarios, que crudelissimas e ignaras injustiças devia commetter para com os desventurados que cahissem sob a acção torturante da sua alçada.

Os sortilegios, a advinhação, a obsessão e outros phenomenos hoje submettidos a valiosos e acuradissimos estudos, eram denunciados e julgados como negregados crimes, e tanta era a ignorancia sobre esta materia e tal a intolerancia fomentada á custa do interesse ou do fanatismo, que todos aquelles factos se confundiam, se malsignavam e se sanccionavam com as mais barbaras penalidades.

A expontaneidade da apparição do phenomeno não conseguia innocentar o infeliz accusado, que nenhuma culpa tinha, pois era impellido por leis superiores á sua vontade.

Se outras vezes a curiosidade d'algum mais ousado se interessava na provocação dos phenomenos, igualmente rigidos e deshumanos se mostravam os juizes inquisitoriaes; porque vogava ao tempo a sceleraда doutrina de que o homem não podia devassar os segredos da na-

tureza, como se segredos podesse haver interdictos á incessante pesquiza da sciencia!

O que para nós importa é frizar bem que muitos d'esses phenomenos não pódem ter interpretação fóra dos actuaes conhecimentos magneticos e espiritas, e não obstante, banidos então do estudo, desconhecidos na sua genése e importancia, pretendia a obscura justiça d'essas epocas extirpal-os com as torturas dos seus carceres ou as labaredas das suas fogueiras.

Para quem conhece as diversas variantes das manifestações psychicas, para quem tem pessoalmente observado estes phenomenos, nas suas condições, nos seus symptomas, nas suas modalidades, é frizante, é absolutamente empolgante o parallelo entre os modernos e antigos factos.

Os desventurados que outr'ora supportaram a dupla dureza da lei e do julgador, a duplicada fereza dos legisladores e dos executores, hoje seriam attenciosa e carinhosamente tratados e estudados e não pequenos ensinamentos de taes estudos resultariam.

Uma das cousas que mais impressiona, nesses execraveis processos, é a obscuridade que reina em todas as suas peças, a indecisão palpavel dos proprios accusadores, as confissões mais inverosimeis, os testemunhos mais suspeitos e inconsistentes.

E em tão impuros elementos de convicção, não já de certeza, se fundava uma sentença de morte.

Para conhecermos a logica dos tempos e a viciosa ministração de justiça, que envergonharia ao presente o espirito mais rudimentar e selvagem, basta attender ás consequencias do julgado, attingindo pessoas e cousas muito fóra do alcance d'elle.

Vemos nos «documentos ineditos» *Torquemada e a Inquisição*, de Emile Molènes, pag. 182, uma sentença d'aquelle tribunal contra Benito Garcia, que não condemna sómente este accusado, mas fére tambem toda a sua familia, absolutamente innocente e nem sequer envolvida na accusação. Vae como especimen do genero.

Além do relaxamento ao braço secular, confisco de todos os bens etc., os inquisidores accrescentam:

«Além d'isso, pronunciamos e declaramos, os filhos, os netos e os descendentes em linha masculina do referido Benito Garcia, inhabeis, infames, incapazes, e, como taes, ficarem privados, em virtude do crime de seu pae e avô, de todos os officios e beneficios, tanto espirituaes como temporaes. Nós os declaramos privados de todas as dignidades e canonicatos ecclesiasticos, de todas as prebendas, pensões, redditos, prestações, qualquer que seja a sua natureza e qualidade...

«Elles não poderão ser nem clerigo, nem sacerdote, nem doutor, nem licenceado, nem bacharel, etc., e se o forem já, deixarão de o ser. Do mesmo modo, os declaramos excluidos de todas as honras e officios publicos, tanto os que já tiverem obtido, como os que podessem esperar. Não serão corregedor, nem regedor, nem jurado, nem alguazil, nem deputado, nem advogado, nem procurador, nem mordomo, verificador, cambista, negociante, notario, etc.

«Officios e beneficios que declaramos vagos e interdictos para os

filhos de Benito Garcia, afim de que nem elles, nem nenhum d'elles, nem outrem por elles possa desempenhal-os ou tirar d'elles proveito, quer os tenham obtido antes que seu pae e avô commettesse o crime, quer os tenham obtido depois. Nem poderão ser merceeiro, albergueiro, taverneiro, porque é preciso que o sangue maldito e infestado de heresia, de Benito Garcia, seu pae e avô, os acompanhe, os siga e que por isso sejam punidos como o exigem e dispõem as leis para casos semelhantes.»

Pois esses juizes, não satisfeitos com tão satanica decisão, ainda ampliam mais o alcance da sentença, até ás cousas minimas do vestuario da descendencia do accusado. Diz mais:

«Igualmente, pronunciamos, sentenciamos, mandamos e prohibimos, que os filhos, netos e netas do mencionado Benito Garcia, em qualquer tempo, por qualquer causa ou sob o pretexto que fôr, possam vestir brocado de ouro ou prata, velludo carmezim, nem qualquer outra seda de côr, usar ouro, prata, coral, ambar, perolas, pedras preciosas ou outras joias, nem objectos prateados ou dourados sobre suas pessoas ou nos cabellos, etc... não poderão montar em sela a cavallo, nem trazer armas, excepto uma faca sem ponta para cortar o pão...»

Será superfluo qualquer commentario. Admiremos e execremos a espessa ignorancia, o feroz preconceito d'essas eras, a ferrea intolerancia que por tantos seculos atrophiou o expandir do pensamento livre.

Obsoletas ideas, tempos obscuros, tudo a evolução calca, desfaz, reforma e modifica.

Que enorme avançada se tem feito! Mas quantas luctas, quantos sacrificios, quantas batalhas sangrentas!

Souza Couto.

PHENOMENOS DE MATERIALISAÇÃO

(Conferencia feita na Alliança Espiritualista, de Londres, por M.me d'Espérance)

V

PERIGOS

A questão do perigo nas sessões de materialisação merece ser estudada com a maxima circumspecção. O medium e os proprios assistentes ahi estão expostos a verdadeiro perigo e serios riscos. Ninguem deveria assistir a sessões d'este genero sem conhecer a natureza d'estes perigos.

Como já demonstrei, os materiaes necessarios para revestir e tornar a forma espiritual visivel á vista normal, são tirados, por processos que não conhecemos, ás pessoas presentes—assistentes e medium.

Durante este tempo, elles estão sob o poder dos Espiritos, e talvez em opposição com o que nós julgamos ser as leis ordinarias no

plano physico. Se as cousas correm bem, esses materiaes são novamente entregues aos seus proprietarios legitimos em virtude de qualquer attracção magnetica, e reabsorvidos, quando a entidade espiritual que os detinha, os restitue.

E' facil de comprehender que uma intervenção subita ou uma suspensão nos processos do operador póde ter uma desastrosa influencia sobre uma ou até sobre muitas pessoas. E' o que, infelizmente, mais d'uma vez pude verificar. N'uma occasião, resultou-me a ruptura d'um vaso sanguineo e uma doença que durou mezes a sarar.

Outras vezes era uma prostração e uma fraqueza nervosa, que me custava mais a restabelecer, do que se fôra qualquer doença pulmonar.

Foi preciso concluir, que este perigo era para mim a circumstancia representativa do lado enfadonho da mediumnidade; por isso todas as vezes que eu entrava n'uma sala de sessão, onde devia ser o medium, sentia-me em anciedade e perguntava a mim mesma, se de lá tornaria a sahir. Em regra geral, sempre tive o sentimento de que confiava a minha vida ás pessoas assistentes, e que estas tinham muito menos consciencia d'este perigo do que eu mesma.

De ordinario, comtudo, tranquilisava-me, com o pensamento de que se arriscava a vida, era apenas a minha, de que eu tinha o direito de dispôr.

Nunca me passou a idéa de que outros tambem se expunham como eu; mas, esta illusão me foi tirada, d'um modo singularmente penoso.

Uma antiga e querida amiga tinha organisado em sua casa uma sessão, ao tempo em que eu ahi estava como visita. No momento em que iamos entrar na sala destinada á sessão, um filho d'esta senhora veiu pedir auctorisação para assistir com alguns estudantes e seus amigos, que o tinham vindo procurar.

Pediu-se o meu consentimento, que aliás não podia recusar, visto tratar-se do filho da minha hospedeira; e assim foi elle admittido com seus camaradas.

Não tendo a sessão dado resultado, estava para se terminar; porém n'esta occasião pareceu-me que era attrahida para o lado, e voltando a cabeça vi uma cousa longa e branca partir do gabinete, situado atraz de mim, e dirigir-se para o lado dos rapazes, a poucos passos de distancia.

No primeiro instante, não comprehendia o que se passava; mas sentindo-me sempre attrahida, veio-me á idéa que um espirito se tinha materialisado atraz de mim, e que alguem tinha procurado agarral-o e o arrastava para fóra do gabinete. Assustada, gritei á minha amiga, sentada perto de mim, que alguem tinha segurado a apparição; minha amiga só respondeu por gemidos, appoiando sobre mim todo o seu corpo.

N'um instante tudo estava em agitação. Irritada, ordenei ao culpado para largar a roupagem branca, mas elle não se decidiu a obedecer, senão quando foi ameaçado pelos outros assistentes, que o intimaram para se submetter aos meus avisos.

Restabeleceu-se então a ordem e terminou se a sessão. Transportou-se a minha amiga ao seu quarto, que ella não mais deixou até ao termo da sua doença, aggravada ainda pelo facto de ter sabido que a causa fôra seu proprio filho.

Quanto a mim, este incidente não me foi prejudicial. E' provavel, que os Espiritos que operavam, reconhecendo que minha amiga era dotada de faculdades medianimicas, se aproveitaram antes d'ella do que de mim; talvez tambem que ella fosse mais fraca do que eu e offerecesse menor resistencia áquelle abalo. Nada posso dizer; mas pude em todo o caso convencer-me—se convicção ainda me fosse precisa—que cumpre não fazer joguete d'estas forças, que fazem objecto de nossas experiencias.

Condições requeridas para obter materialisações satisfatorias

Se me fosse permittido fazer a critica das condições geralmente admittidas em Londres para as *materialisações,* diria que ellas não são o que devem ser. As manifestações podem ser authenticas, posso mesmo affirmar que o são, tanto quanto pude verificar; mas as condições são de natureza a inspirar desconfiança e descontamento pois não fornecem ao paciente investigador ou trabalhador do *além,* senão materiaes irregulares e pouco satisfatorios.

De tempos em tempos ouve-se fallar d'uma sessão de maravilhosos resultados.

Os leitores concluem, em face d'esses resultados publicados, que basta ir a casa do mesmo medium para obter outro tanto.

Vão de facto, mas soffrem decepção, e ficam irritados por vezes contra o que leram relatado.

Nada viram que, em sua opinião, não possa ser produzido pelo proprio medium, o qual suppõem ter querido enganal-os. Não occorre á idea de muitos investigadores, que deveriam submetter-se a condições especiaes; que tal pessoa contribue naturalmente melhor que tal outra a fornecer estas condições. Julgando que uma unica sessão basta, ficam por alli. Ao mesmo tempo accusam o medium, attribuem os phenomenos á fraude e lamentam os que se dão por satisfeitos depois de taes sessões.

Podem comprehender-se estas apreciações. Mas, reflectindo no caracter necessariamente delicado e complexo da operação, nos materiaes que fornece o *assistente* noviço e nos conhecimentos indispensaveis ao Espirito operador para conseguir utilisar e empregar estes materiaes, se alguma cousa ha a admirar, é que o successo seja tão frequente como em verdade é.

O Espirito que deseja manifestar-se, na maioria dos casos, é totalmente ignorante do methodo a empregar, e como este trabalho é novo para si, elle o desempenha mais ou menos incompetentemente, quando é certo que para chegar a bom resultado, até um Espirito precisa forçosamente de pratica e de experiencia.

Julgar por uma só vez não é equitativo; igualmente não é justo

exigir d'elles que façam boa obra com materiaes imperfeitos e insufficientes.

Se o phenomeno da Materialisação é verdadeiramente importante, merece ser estudado nas condições mais favoraveis para a sua realisação.

E' um assumpto que não póde ser estudado nem em uma, nem n'uma dezena de sessões, quando as condições e os assistentes de cada vez se modificam.

Não pretendo que as condições que melhores me pareceram no decurso das minhas experiencias, sejam as unicas boas, porem são as melhores, segundo o meu conhecimento. O que adquiri n'este terreno, tive de o pagar caro, á custa de numerosas attribulações.

Admittindo que alguem tenha desejo de conhecer o resultado das observações minuciosas que fiz ácerca d'esta condicionalidade, vou enuncial-as tão brevemente quanto possivel.

No numero dos investigadores que obtiveram o melhor resultado, conto alguns dos meus amigos norueguezes. Sob muitos aspectos, eram pessoas excepcionaes. Interessavam-se n'estas questões por fórma a fazer sacrificios, quando se tratava de obter um fim positivo. Um d'elles era então director dos telegraphos, outro presidente da direcção dos tramways, assistia tambem um juiz do tribunal criminal, o editor d'um dos primeiros jornaes, um sacerdote da egreja lutherana, um escriptor, um medico, tres professores da universidade, um advogado, um ou dois negociantes, bem como quasi outras tantas senhoras, na sua maioria escriptoras e pintoras, todas conhecidas na arte, de que faziam sua especialidade; ao todo cerca de vinte e cinco pessoas.

Todas ellas tinham estudado a questão e eram do meu conhecimento; todas egualmente tinham já experimentado, durante um tempo mais ou menos longo. Cada uma d'ellas propunha-se fazer um estudo preparatorio para chegar a comprehender o que os Espiritos entendiam por estas condições necessarias, sobre as quaes insistiam com tanta frequencia.

Os assistentes se comprometteram a abster-se por completo de alcool, tabaco e quaesquer bebidas, durante seis mezes. Só ao fim do primeiro trimestre deviam emprehender uma serie de doze sessões — uma por semana.

Durante esta serie, não seria admittida nenhuma outra pessoa, e nenhum dos membros devia ausentar-se, sob que pretexto fosse, salvo o caso de doença.

Pediram-me para adherir a estas condições e assim o fiz. Comprometti-me tambem a fazer cada semana a viagem de cerca de quinze horas de comboio.

Estas sessões obrigavam a longos trajectos alguns dos outros assistentes; e apenas um d'elles faltou uma unica vez, sendo d'isso causa um accidente de caminho de ferro.

Cada pessoa tomava nota de suas observações, cujos resultados foram conhecidos ao fim das series.

Muitos membros do grupo deram á publicidade pormenores d'es-

tas sessões, quer em fórma de livros, quer em brochuras ou nos jornaes.

Eis alguns extractos d'um d'estes livros, intitulado:—*Harper i Luften (Harpas no ar)*, escripto por um advogado, que n'elle publica os nomes da maior parte dos assistentes, mediante a sua auctorisação:

«Estavamos em meados de abril e não sabiamos o que fazer relativamente aos cortinados. Quando a sessão começou havia ainda claridade do dia; mas na sala contigua ficaram as lampadas accesas, embora attenuadas, esperando a opportunidade de serem precisas. Um dos assistentes foi encarregado da sua manutenção para o momento em que a luz do dia desapparecesse; comtudo a claridade era pouco satisfatoria, ora a sala muito sombria, ora a luz bastante forte.

Com grande satisfação e surpresa nossa, o Espirito, cujo trabalho parecera prejudicado pela luz, annunciou a intenção de a regular por si mesmo. Esperámos um instante. Os assistentes, sentados perto da porta, afastaram-se, para deixar a passagem livre, e o Espirito, uma grande forma, deslisou por entre elles junto á porta, parou e ao depois retirou-se tranquillamente; ficou um momento ao pé do medium, depois como se lhe *viesse* uma nova idéa, tirou-lhe o chaile dos hombros, envolveu-se n'elle, e tomando o medium pela mão, o trouxe até ao lado da porta aberta.

D'esta vez chegou até á porta, mas sem poder passar além o bastante.

Tal circumstancia nos proporcionava no emtanto uma excellente occasião para examinar o nosso visitante. Desde os pés á cabeça estava envolto n'uma materia d'um branco pardacento, parecendo tão tenue como uma teia de aranha, sem todavia deixar vêr outra cousa que não fosse a mão, que segurava a do medium, e os olhos anciosamente fixados para o lado da luz.

Essa apparição fez um esforço para avançar á frente; mas parecia haver uma barreira invisivel, como levantando um obstaculo á sua passagem.

De novo se retirou, deixando ahi o medium. Provavelmente a luz era demasiado intensa.»

(Continúa). E. D'ESPÉRANCE.

ALGUMAS SESSÕES COM O MEDIUM MILLER

III

—Sessão de 24 de Julho.—

A sessão teve logar onde se realisou a precedente e as disposições geraes eram as mesmas.

Como já disse, o medium dava graciosamente as sessões, e por attenção, não se tinha até ali pedido para ser examinado ou despido, pois que seria uma prova de desconfiança, que nada legitimava. A suspeita de fraude é sempre possivel, tratando-se d'um profissional, que

tem interesse material no resultado das suas experiencias, mas justifica-se difficilmente perante o que só cede a instancias reiteradas, feitas para obter o seu concurso no estudo dos phenomenos de materialisação.

Todavia, Miller, ao chegar n'esse dia, propoz expontaneamente para se despir e vestir qualquer roupa que lhe fornecessem. Esta offerta foi acceite; e assim, em companhia de M. Gaillhard, Hepp e muitas outras pessoas, assisti á substituição de fato de Miller. Primeiramente despiu o casaco, collete e camisa, ficando só com as calças; e como não estavamos prevenidos com um fato para substituição, empregou-se um avental negro de senhora, que foi applicado directamente ao corpo. Em seguida o medium despiu as calças pretas e o mais, ficando a carne a descoberto, desde o peito para baixo, de maneira a tornar-se certo, como vi, que nenhuma moussellina existia em roda d'elle.

As calças foram inspeccionadas nos bolsos e em todas as dobras, mesmo interiormente, mostrando-se que nada havia ahi escondido. Tambem se examinaram as meias e os sapatos. Posso, pois, affirmar, como o fiz ao entrar na sala das sessões, que o medium não tinha um unico fio branco comsigo.

O exame do gabinete teve logar como do costume e puzeram-se sellos na porta de communicação.

A assistencia era muito numerosa. Antes de sentar, a uma luz muito fraca Miller passeou no grupo e fez mudar de logar a um certo numero de pessoas. M. Klébar, empregado de Miller, auxiliou-o em esta tarefa, de maneira que por algum tempo estiveram um ao pé do outro. Sem esta circumstancia infeliz, que tira uma grande parte de valor á inspecção feita, poder-se-ia considerar esta sessão como excellente, sob o ponto de vista de fiscalisação. Comtudo vamos vêr que, sob diversos aspectos, a sessão offereceu o mais vivo interesse.

Miller sentou-se junto de mim e a sessão começou. Ao fim de alguns minutos, mostra-se na abertura das cortinas uma forma branca, que diz chamar-se Sophia Weiler. Ninguem a reconhece, e retira-se.

No rebordo das cortinas uma cousa branca se deixa vêr e diz: Mamã, depois, Maria, e mostra-se muitas vezes, para em seguida desapparecer definitivamente. Uma fórma dá o nome de «Joseph de Saint-Martin»; tambem não foi identificada, embora um doutor assistente tivesse este nome.

Diversas outras formas se mostram successivamente, dando os nomes de: Maria Hervé, Maria José e Anna Guillon; ninguem as reconhece, bem como a uma forma pequena, que parece d'uma menina.

Uma senhora chamada Froelich, desconhecida do medium, devia assistir a esta sessão, mas não poude vir por estar no campo. Comtudo, uma forma se apresentou, dando o nome de Elisa Froelich. Depois M. Letort escreveu a esta senhora, perguntando-lhe se conhecia alguem assim chamado. Essa senhora respondeu que tal nome era o de uma sua cunhada fallecida, que não conhecera em vida.

Então veiu uma apparição para o Dr. Duzart que assistia á sessão;

como elle tomou notas immediatamente depois, reproduzo o relato, pelo que diz respeito:

«Apresentou-se em seguinda uma forma da estatura d'um adulto; eram bem visiveis as pregas do seu vestido branco, mas os traços não se distinguiam.

Perguntado o nome, respondeu com voz forte e bem timbada: «Henri Duzart.»

Era o nome do meu pae; saudei-o e disse-lhe que era feliz em o vêr.

Respondeu com voz um pouco rouca, mas forte:

«Que felicidade!» e desappareceu.

Pouco depois appresentou-se uma outra forma de adulto, que á pergunta que lhe foi feita, respondeu: «Adelia Dusart», o nome de minha mãe.

Pedi-lhe se podia vir até mim; a forma lançou-se, mas não tendo sufficiente materialisação, abismou-se no pavimento sob a forma d'uma massa vaporosa branca, que se alongou quasi até mim e se desvaneceu.

«Diversas pessoas collocadas mais proximo do gabinete, disseram que junto a minha mãe, vinha uma pequena forma.

«Após alguns instante de reflexão, eu disse que nada me occorria para responder a este facto, senão, tratar se d'um menino dado á luz aos seis mezes e que não viveu. Do feito, alguns assistentes viram como eu uma criancinha núa, que correu para o meio da sala, e se dissolveu antes de chegar á primeira fila de assistentes.

«Perguntei então se alguns dos meus parentes e amigos se achavam presentes, e a cada nome que pronunciei,, tres pancadas foram dados no gabinete.

«Ouviu-se então ahi o nome de Antonio, e Betzy me disse que era um parente que havia sido soldado e fora morto d'um tiro.

Lembrei-me que na minha infancia me fallavam d'um segundo tio com este nome, morto em Marengo; tres pancadas comfirmaram que era elle.

Betzy accrescentou: está aqui tambem um de vossos amigos, que tem um relogio na mão e diz que sabeis o que isso quer dizer. Respondi que era sem duvida um amigo, morto ha pouco ainda, a quem uma amisade sem mácula me ligára por mais de cincoenta annos, e cujo relogio eu trazia no bolso do meu collete. Tres pancadas confirmaram as minhas palavras.

Betzy disse emfim, que via o algarismo 7 e que me dizia respeito, mas não pude ainda attinar com o que este numero significará.

Depois d'isto, por pedido do medium, fez-se a inspecção do gabinete, que nada mostrou occulto; Miller entra n'elle; faz-se a cadeia e canta-se.

Decorrido pouco tempo, como succedêra já na ultima sessão, uma pelota esbranquiçada fluctua bastante alto, despois desce em zig-zag ao longo da abertura das cortinas.

Chegada ao soalho, esta massa avoluma, augmenta em altura, e uma apparição não muito grande, desenhando o todo d'um ser humano envolto em véus, avança ligeiramente e pronuncia em voz alta o nome

de Eduardo Marchand. Diz que é o pae de Angela Marchand, que é a primeira vez que se materialisa na Europa e pede que o participem ao professor Reichel.

Depois a estatura diminue, sempre a fallar, e em breve a forma parece desapparecer no pavimento, mas mesmo junto ás cortinas, não podendo dizer-se que não entrou ahi.

Então a voz de Betzy pede do gabinete, que se colloque uma cadeira em frente da abertura das cortinas; tomo a cadeira antes occupada por Miller e colloco-a no sitio indicado, com as costas voltadas para a sala.

Immediatamente, como uma pelota branca, algodoada, cae do alto das cortinas sobre o assento da cadeira, e depois dos movimentos ondulosos em altura e largura, destaca-se uma forma em pé, chegando as vestes até ao chão. Annuncia-se como sendo filha de Wesleyien e diz chamar-se Genina Clarke.

Depois desce da cadeira, toma-a pelas costas e colloca-a a alguns passos á frente do gabinete, no qual entra.

Quando a forma desceu da cadeira perto de mim, senti, n'um momento, o contacto da roupagem, que me produziu a sensação de tulle fortemente gomado e aspero.

De novo se produziu o phenomeno das formas luminosas, que me é impossivel localisar, isto é, saber se estas formas estão no gabinete ou áquem das cortinas, por causa da luz da sala ser fraca.

Em qualquer caso, estas formas, em numero de cinco, são antes esboçadas, do que fortemente materialisadas. Depois succedem-lhe outras, que teem a faxa luminosa na cabeça e uma especie de tira de luz sobre o peito. Quatro são simultaneamente visiveis; nóto que as duas do meu lado se deslocam e parecem desapparecer, mergulhando na obscuridade. Dão os nomes de Effie Deane e de Carrie West; e estão acompanhadas de Lilly Roberts e Angela Marchand. Sinto que os rostos sejam absolutamente indistinctos. Por mim, só vejo uma especie de brancura oval no logar correspondente ao rosto.

Emfim, duas formas, luminosas tambem, sahiram claramente do gabinete; eram visiveis ao mesmo tempo e disseram chamar-se, uma, Margarida Fox, que veio junto de mim, e outra, Lea Fox, que se approximou do assistente que formava o extremo da cadeia, no lado opposto.

Estas apparições entraram em seguida, uma após outra, no gabinete.

Entoam se diversos cantos durante alguns minutos, quando apparece uma forma, bem materialisada, de aspecto feminino.

Ao contrario das outras apparições, esta faz o effeito de estar envolvida n'uma roupagem escura. Em volta da cabeça tem uma circulo luminoso, e na frente do peito, desce-lhe uma faxa de luz azulada desde cerca do pescoço até á cintura. O vestido parece ter uma cauda mais branca do que a parte restante superior. Esta forma tem uma apparencia bastante cheia. Adianta-se na sala, caminhando até ao centro do circulo e diz em inglez chamar-se Mona, rainha d'Atlantida.

Annuncia que vae tentar exprimir-se em francez, e de facto, de-

pois de ter voltado ao gabinete e sahido depois, pronuncia uma especie de predica, que se não distingue pelo merito, no gosto das praticas protestantes.

Depois de ter-se approximado de diversas pessoas, que desejavam vêl-a de mais perto, reentra no gabinete, tendo estado visivel cerca de dez minutos, pelo menos.

Ainda vemos a apparição de Angela Marchand sahir do gabinete. A sua voz a denuncia. Pede para se escrever a sua mãe, a fim de lhe participar que elle pôde manifestar-se. Pergunta tambem se todos a poderam vêr bem. Então uma senhora assistente propõe-lhe para a beijar, o que ella fez. Como o anno passado reproduzi a photographia espirita de Angela Marchand, peço-lhe que se approxime, a fim de permittir-me vêr bem o seu rosto. Ella vem junto de mim, mas a luz é bastante fraca para me permittir vêr outra cousa do que seja um pequeno rosto, sem poder distinguir-lhe as feições. A fórma volta ao gabinete e Betzy pediu para se apagar a luz: ficámos então em completa obscuridade.

Uma especie de mão esbranquiçada, visivel por si mesma, sae do gabinete e avança na sala. Muitas pessoas sentem-se tocadas, umas no joelho, outras na cabeça.

Então no circulo e em differentes logares, ouvem-se successivamente as vozes diversas do Dr. Benton, da menina e de algumas das apparições que se tinham mostrado e que tinham fallado.

Passados alguns minutos a voz de Betzy pede para se accender a luz e annuncia que a sessão está terminada. O medium desperta lentamente, e examinando-se o gabinete, bem como os sellos, encontra-se tudo intacto.

Juntamente com outras pessoas assisto ao acto do medium se despir, e verifico que não tem com elle qualquer objecto escondido.

Aqui, ainda, é para sentir que a obscuridade absoluta tenha precedido immediatamente o fim da sessão.

No proximo numero, darei o relato da ultima sessão, e fal-o-ei seguir d'uma breve discussão dos factos.

(Continúa). GABRIEL DELANNE.

O CASO «FERNANDO DE LACERDA»

Alguns jornaes de Lisboa têm-se occupado, desde ha tempos, do facto que vamos referir. Um redactor do «Jornal da Noite» teve comnosco a tal proposito uma entrevista, que foi publicada no seu n.º de 30 Novembro passado, havendo o mesmo jornal voltado ao assumpto por diversas vezes e sob differentes formas d'inquerito e apreciação.

E como sempre foi nossa opinião que o jornal não é assento proprio para discussões d'esta natureza, que melhor quadram a obras fundamentaes ou a revistas da especialidade, entendemos dever tratar aqui do caso «Fernando de Lacerda» para qne fique integrado n'esta publicação, n'um relato desapaixonado, singelo e justo.

Como vae vêr-se, rasões d'ordem pessoal, conhecimento do modo de producção e uma longa experiencia de phenomenos psychicos, dão nos a consciencia de podermos dar ao facto em questão todo o relevo que merece.

Se d'elle não formularmos decisivo parecer, forneceremos ao menos valiosos elementos para auxiliarem poderosamente uma interpretação acceitavel.

Relatemos primeiramente e em brevissimas palavras os factos, para depois produzir as provas respeitantes e por fim fazer uma imparcialissima critica do phenomeno e das diversas theorias chamadas á sua explicação.

Fernando de Lacerda tem produzido desde ha algum tempo até agora uma serie do que, em linguagem espirita, se chamam «communicações», firmadas com os nomes de varias pessoas fallecidas e cujo contheudo e estylo estão muito acima dos seus recursos scientificos e litterarios.

Essas communicações no fundo e na forma dão nos a impressão de que só as poderia escrever o punho do escriptor cujo nome as paternisa, muitas vezes com notavel similhança caligraphica.

Lacerda, ao começar um escripto, não sabe que nome lhe correrá dos bicos da penna ao fim d'essas bellas e inesperadas paginas.

Os conceitos, os contrastes, os imprevistos d'essas communicações, são para elle uma verdadeira surpresa, porque a sua consciencia não lhe accusa a elaboração d'esse trabalho mental, e elle mesmo é o proprio a reconhecer se incapaz de o produzir.

Frequentemente surgem palavras cujo sentido ignora, outras cuja propriedade lhe parece contestada, mas o recurso ao diccionario faz-lhe vêr que esses termos desconhecidos ou accepções ignoradas estão com justeza no seu logar. Na critica final faremos mais demorada analyse de todas estas circumstancias.

Lacerda ás vezes chega a vêr, segundo a modalidade que podemos classificar «medianimica» (palavra creada e que exprime o facto, sendo por isso escusado empregar outra), a fórma correspondente á entidade que se manifesta; outras vezes ouve-lhe a palavra, mas tem mais difficuldade na retenção auditiva e por isso busca fixar pela escripta o que pretendem communicar-lhe.

Nem todos os momentos são eguaes para a producção da escripta.

O exito depende d'um estado especial, que não se póde definir, mas que podemos dizer que não é de reluctancia ou indifferença, pois que n'estes dois casos o resultado é nullo ou pobre.

Esse estado favoravel é, póde dizer-se, presentido e sentido: ha como que um impulso, uma marcada inclinação para escrever. E então escreve agilmente, sem emendas, sem hesitações, levemente, sem o menor cansaço, sem o menor esforço intellectual, sem o menor entrave.

N'essa condição o cerebro está como parado, a vontade abolida, toda a acção mecanica indesejada.

A mão, porém, vae correndo, a escripta deslisando, sem que elle saiba o que vae sahindo e menos a ligação com o que virá.

Igualmente não sabe quando a escripta acaba. Para elle tudo são surprezas até o proprio remate da communicação.

Todos estes pormenores são o resultado do nosso inquerito pessoal, repetido e attento, ácerca da condicionalidade do phenomeno, que, demais, temos presenciado, no seu modo de producção.

Succede tambem que durante a escripta, por vezes Lacerda como que ouve as palavras, assim como phonographicamente produzidas no cerebro, e a escripta então traceja exactamente o que a audição lhe accusa. O que elle affirma, é que o cerebro consciente não preside ao phenomeno, não dirige a associação ideologica, não dicta, n'uma palavra; e tanto que, como temos presenceado, generalisada uma palestra nos circumstantes, Lacerda intervem, adduz, raciocina, com inteira independencia do que a mão vem escrevendo.

Encaremos agora o facto por outra face, de nimia e imprescindivel importancia para o seu estudo: a face moral do seu agente.

Quem é Fernando de Lacerda?

Fernando de Lacerda é sub-inspector de policia administrativa em Lisboa, modelar no zelo, na competencia e na bondade com que desempenha o seu cargo.

Os seus camaradas de funccionalismo, superiores e inferiores, sabem sentir e fazer-lhe esta justiça, a que, por merecida, suas consciencias não podem faltar.

Nas relações privadas, com seus amigos, com aquelles que mais de perto e diuturnamente o conhecem, revela-se sempre a mesma inteireza de caracter, de probidade, de isempção magnanima, que todos sincera e incondicionalmente lhe reconhecem.

Não lhe faltam, pois, qualidades as mais lidimas, de bondade e de altruismo.

Mas não é só isto. O que é necessario precisar bem, é a sua boa fé, a sua completa lealdade e sinceridade na affirmação do phenomeno e no relato despretencioso e singelo do modo como se produz.

Sobre tudo isto são unanimes todos os seus amigos, todos os que de perto o conhecem, e é este testemunho que prevalece ás conjecturas d'extranhos.

O signatario d'estas linhas, bem como o Dr. Martins Velho, o Dr. Anacleto d'Oliveira, Dr. Xavier da Silva, Dr. Francisco Namorado etc., que de proposito escolhemos pelos seus titulos e qualidades periciaes, e muitos outros, com quem sobre o caso temos fallado, fazem todos esta devida e inteira justiça a Fernando de Lacerda.

Devemos ainda esclarecer que durante seis annos, as escriptas que por vezes obteve, sob o mesmo impulso já descripto, eram pobres de conheudo, malevolas, insultuosas, e sempre vinham, todas ellas assignadas por um nome que em vida conhecera, e cujo caracter parece que renascera posthumamente, vincado com os antigos laivos d'impuresa.

Só modernamente é que Lacerda começou a obter outras communicações, que nós consideramos interessantissimos modelos do genero, dignos de exame e de estudo, pelo que intrinsecamente valem e pelo que d'ellas se pode colher.

Vamos dar algumas d'essas communicações, e por fim faremos o devido estudo d'ellas e dos phenomenos a que andam associadas.

«18 de Novembro de 1906»

«*Meu querido medium:*

«Ainda te não pude fallar depois da tua communicação ao Silva Pinto. Eu estava presente quando a fizeste. Em frente dos dois examinava, commovido, as impressões que se iam produzindo na alma illuminada d'aquelle illuminado sonhador.

A sua face parada; o seu olhar vagueando pelo infinito, dando a impressão de duas lentes pelas quaes se procurasse prescrutar o mysterio, parecia a estatua da Atonia.

Entretanto, no fundo impenetravel da sua grande Alma tumultuava um mundo novo de paixões, de crenças e de desenganos.

Acima de tudo, a querer subjugar a lucidez d'aquelle generoso espirito, o orgulho maldito e torturante arremessava-lhe ao cerebro irritantes prejuisos infantis, apertando-o na ferrea corôa inquisitorial da vaidade e do preconceito.

O seu talento enorme batia se a largas rajadas de bom senso. Via bem que o que lhe lias, era meu e bem meu. Que era eu que lhe fallava d'aqui, a gritar-lhe, na afflictiva ancia de um irmão quasi perdido a que se não perdesse tambem.

Elle via-o, elle sentia-o. O seu coração dizia-lhe alto, apressado, anhelante, que era bem a Alma de Camillo quem lhe fallava assim, que elle, Silva Pinto, ermo de affectos, orphão da amisade, desenganado do mundo, não podia ter outro que assim o advertisse e aconselhasse senão elle.

A sua rasão e a sua logica procuravam convencel-o, demonstrando-lhe, com a tenacidade mathematica de um pendulo e com a força perfurante de um parafuso mechanicamente comprimido, que tu mal o conheces para que pozesses toda a tua alma nas palavras magoadas como gritos de dôr de mãe, que constituiam a carta que elle ouvia lêr, assombrado, perplexo; mas o orgulho gritava-lhe:—Olha que tens que aniquillar a tua obra de riso e de odio; olha que tens de destruir o teu bloco de egoismo e de aborrecimento; olha que tendo que perdoar, humilhas-te, tendo de esquecer, aniquilas-te, olha que, se crês, subordinas-te, e um homem nem a um Deus deve ser subordinado... Eu tambem ouvi durante muitos annos esses gritos horrorosos como berros de precito; eu tambem os ouvi por meu mal; e por mal maior até deliciosos cantos de sereia pareciam á minha consciencia pela vaidade obsecada.

Eu tambem os ouvi; e por bem os conhecer o quiz pôr de atalaya contra elles.

Louvores a Deus, muito consegui!

N'aquella alma confrangida pela dôr sem refrigerio, as minhas palavras puzeram a duvida. E' a primeira alavanca para derruir o edificio. A primeira e a mais poderosa.

A sua rasão sente-se abalada. Elle vê oscilar todo o edificio de

dôr e odio levantado pelo soffrimento com sanguentos materiaes que a desillusão e a ingratidão carrejaram dedicadamente.

Vê que tudo oscilla e treme, e a fraqueza da sua força apavora o com a lembrança egoista de que tem de refundir toda a sua vida, n'um esforço titanico e supremo. Esquece de que um outro grande espirito, ao chegar-se ao umbral mysterioso e terrivel do desconhecido, renegou n'um grito toda a sua vida de erro, dizendo ao mundo e ao futuro que «sabia morrer quem viver não tinha sabido».

Não viste nunca, amigo, como um cabouqueiro arranca um bloco que destruiria um regimento na passagem e arrasaria uma povoação?

Vae o pobre e miseravel cabouqueiro armado da sua marreta e de uma pequena cunha ferrea.

Olha a rocha que parece desafiar os elementos e os seculos. Misero verme de quem a sombra mal se projecta no sopé! Rodeia-a, bate-a, sonda-a, examina-a. Descobre-lhe uma fenda. E' o calcanhar d'aquelle collossal Achiles de granito. Mette a cunha. Insignificante ponto na monstruosa pedra. Bate-a, profunda-a, arranca-a. Mette a em outro sitio. A ajudal-o tem dois grandes obreiros, os maiores de todos os tempos:—a paciencia e a persistencia. Insiste. Fére novos golpes pequenissimos. A sequencia d'esses golpes abre fendas maiores.

Insiste mais. A rocha parece que se ri dos esforços maximos de aquelle minusculo luctador. Prosegue, golpeia, bate, lucta, insiste, durante horas successivas até que consegue aluir um pouco o colosso.

Insiste mais, insiste ainda, insiste sempre, sem afrouxar, sem desfallecer, com a inteira certeza de que vencerá. As brechas augmentam; os golpes do camartello são mais certeiros; o ruido menos firme, e a rocha parece tremer. Mais um esforço, mais outro; a rocha alue-se nos seus fundamentos seculares; e um impulso mais desliga a da terra mãe. Eil-a vencida, subjugada, partida. O misero cabouqueiro fez o que não fez o tempo, supremo destruidor, o vento, a mais poderosa alavanca, a agua, o mais violento corrosivo, o raio, a mais fulminante força.

Sejamos nós o cabouqueiro.

Mettamos a pequena cunha da duvida na rocha do orgulho de Silva Pinto.

Persistamos pacientemente, tenazmente. Desfaçamos em aquella alma amargurada o que o mundo tem feito. O mundo e elle. Firamos luz n'aquella alma entenebrecida pelo soffrimento que ella mesma acalenta e em que voluptuosamente se compraz.

Façamos-lhe sentir que não ha maior fraqueza do que a fraqueza da opinião. Que não ha mais condemnavel obcessão do que a do vidente que fecha os olhos para não vêr a claridade. Digamos-lhe que ha alguma cousa superior á coragem de sustentar o erro a todo o transe: —é a de confessal-o e destruil-o.

Tem alguma cousa de maior, de mais bello e de mais altruista e exemplar que conservar uno, compacto, inquebrado e inquebravel o bloco da sua obra: é o quebral-o, deixando d'elle só o quartzo aurifero e arremessando fóra a lama, o lodo, a vasa, o excremento, o fel, seccos, solidificados, que por desgraça n'esse bloco possam existir.

Ficou pequeno? Não, ficou grande, ficou maior, descommunalmente maior, porque ficou purificado, porque ficou rico, porque ficou brilhante como o sol, como que um pedaço do luminoso astro, a elle arrancado pelo talento e pela bondade.

A persistencia no erro conhecido é dos fatuos e imbecis, e será o mais fatuo e o mais picaro imbecil de todos os que a idiotia humana possa ter produzido o que por longinquas suspeitas de lembre da possibilidade de que o Silva Pinto seja um imbecil.

Na minha e na vida d'elle ha um fundo, um sangrento, um luminoso exemplo da grandeza que existe na comfissão do erro e na abjuração da mentira e no desprezo da vaidade...

E d'esse exemplo quanta alegria, quanta felicidade, quanta amizade e reconhecimento intimo e mutuo brotou... Quanta seiva pujante e generosa brotou d'elle ainda para me incitar á lucta que venho mantendo para que a sua vista exausta e cançada veja agora o que não soube ver quando era nova e de lynce; para que se deixe illuminar pelo seio divino, pela claridade celestial da fé, da resignação e da piedade; para que o seu coração, tão grande como o seu cerebro, faça quebrar o ferreo arganel do preconceito e expellir o fel do azedume paciente e longamente segregado pelas attribulações da sua vida sempre incerta, sempre martyrisada, deixando que aquelle herculeo musculo onde a convenção humana localisou a bondade, se mostre grande, radiante, feliz e doce, como Deus lh'o entregou; para que o seu cerebro tão grande e tão bello como o seu coração deixe irradiar, liberto e brilhante, as ondulações luminosissimas do prodigioso talento que Deus lhe deu, e vá acariciar consoladoramente, como a benefica luz do sol, as chagas postulentas e carbunculosas que a sua analyse e a sua dor teem posto a nu no esqueletico e syphilitico corpo da sociedade.

Assim, livre do orgulho, da vaidade, da prevenção, que constituem a fraquesa doble do seu alquebradissimo cavername de luctador de pensamento, poderá morrer tranquillo, confiado, sem soffrimento e sem remorso, e entrar na grande vida onde ha a suprema paz e a suprema angustia, o supremo amor e o martyrio supremo, sereno e consciente, de ter cumprido o seu dever.

E quando não existisse essa vida?

Eu, menos do que ninguem, quero fazer a Silva Pinto a grave injustiça de suppôr que a sua consciencia esteja tão cega e tão desequilibrada, que lhe não tenha feito vêr nos seus longos momentos de cogitação, que mesmo que a morte o conduzisse ao aniquilamento, era bem mais digno da sua envergadura de luctador e mais bello, mais grande e generoso descer á terra-mater, ao refugio ultimo, com a serenidade no olhar, a paz no intimo, o sorriso nos labios, fazendo pairar por todo o seu ser em evolução derradeira a doce uncção que se exhala da bondade e da generosidade e nimba os humildes e os santos, do que desapparecer com o odio a fulminar dos olhos e a torturar o coração; o rictus contorcendo-se na raiva como a serpente no fogo, a physionomia a convulsionar-se no esgare macabro da duvida e do pavor, que não deixaria de premir e convulsionar o proprio

Atheismo, a propria Negação, se esses dois dilectos filhos do orgulho e do egoismo da humanidade se podessem personificar na hora ultima da vida carnal.

Amigo Silva Pinto: alija de ti essa horrorosa tunica de Nessus! Sou eu, o grande Camillo, como me chamavas, que entrou na immortalidade envolvido n'essa tortura, que te grita como se gritasse ao vêr um filho querido, com os olhos vendados, á orla extremenha de um abysmo insondavel:—Recúa! Recúa! Salva-te! Salva-te! que a teus pés está o abysmo pavoroso, onde o teu corpo ao cahir póde fragmentar-se em esquirolas insignificantes e em cada esquirola pódem condensar-se em uma dôr todas aquellas que na tua vida inteira te trucidaram e trituraram pavorosamente!

Recúa, amigo, recúa, que Deus te estenderá a mão! Recuar será avançar para a luz; avançar será cahir nas trevas.

E que trevas, meu Deus! que trevas!!!...

A ti, Fernando, instrumento bonissimo das minhas supplicas e do meu desejo, o meu perduravel reconhecimento.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.»

«27 de Novembro de 1906»

Extranha cousa é esta!

Quando na terra, tive occasião de assistir a experiencias que interessaram muito o meu cuidado de observador. Em Paris, um dia effectuou-se uma sessão em minha casa, a que assistiram entre outros, o Navarro e o Faria; e ali obtivemos noticias que nos pareceram authenticas, de pessoas idas.

O assumpto era serio de mais para que eu lhe prestasse o meu amor *blasé,* e deixei-o. Camadas sucessivas de tempo cobriram essa impressão, e era necessario depois esforços grandes da minha vontade para acreditar eu proprio que não tivessemos sido victimas de mysticação.

Os tempos passam, novos tempos vêem, e eu passei d'ahi para aqui.

Nos ultimos tempos do meu macerado corpo na terra, eu procurava levantar as camadas endurecidas que escondiam aquellas curiosas experiencias a que havia assistido, e queria ver se o meu espirito doente no corpo doente, podia, n'uma acuidade suprema, prever a verdade do singular mysterio de morte. Mas elle recuou mais uma vez ante a seriedade de uma cousa para que se confessára fraco.

E eu que não queria extinguir-me, armei dentro em meu peito, um luminoso altar ao Deus da minha mãe; aferroei-me a elle, e reflecti:—Deve ser verdade a existencia de Deus e da vida eterna.

Uma ideia não atravessava os tempos sempre firme e sempre grande, vencendo todos os obstaculos que a maldade dos homens lhe antepõe, se não fosse a eterna e indestructivel verdade.

E depois minha mãe crê, e quero crêr tambem.

Tenho espalhado tanto riso, e concentrado tanta dôr, que bem

× aferroei-me

posso agora pôr a minha alma a rir, no momento final em que o meu alquebrado corpo vae consummar a dôr derradeira. Assim, passei eu. O meu eu, mineiro empobrecido da mina da ironia, entrou na vida sonhada e querida, á força de vontade, sorrindo e feliz por ter despido o porco escaphandro em que atravessára este immundo charco que se chama o mundo.

Nunca tiveste a sorte grande, não?

Não; mas os que a hajam tido que te expliquem a sensação de assombro, de alegria doida que os toma ao terem a almejada noticia. Entretanto elles não jogaram nunca senão para terem essa sorte.

Espantam-se d'uma cousa que foi sempre a sua mais fagueira e aferrada esperança.

Ora foi o que me succedeu.

Nos ultimos momentos que vivi n'esse valle de lagrimas... de corcodillo, enclavinhei as minhas unhas de naufrago na taboa derradeira da esperança no resurgimento, como um jogador *enragé* na esperança da sorte maxima. Pois fui tomado de egual assombro ao vêr que essa sorte me tinha sahido, e que este corpo, só de ossos feito, jazia estatelado no fôfo colchão onde finalisou a sua marcha, e eu — o meu appetecido eu espiritual — me despegava d'elle como de uma vestia inutil e cebosa, sahindo d'aquella desengonçada prisão, como um pintasilgo de uma gaiola velha.

Não sei bem se o pintasilgo, ao sentir-se livre, canta logo hymnos á liberdade querida; eu é que, confesso, não me senti logo com muita vocação para a cantoria.

E' que n'esse ramo de *bella arti di canto* fui sempre um desgraçado.

Trauteava ás vezes, baixinho, a medo de me surprehender eu proprio no extranho caso, um fadinho bregeiro ou uma modinha de Villa do Conde; e qualquer d'estas cousas não tinha na grandesa a solemnidade do acto nem o *entrain* de uma *marseillaise* celestial; por isso senti grande embaraço na conjunctura.

A minha consciencia — o tal guarda-livros feroz a que ante-hontem te alludi, deu-me um repellão furioso e tirou me do embaraço; e cruzando os braços deante de mim, perguntou-me em fera catadura:

— Vamos, *blasé*, vamos, vencido da vida (oh! oh!) vamos, ironista, vamos, idiota, dize lá o que fizeste?

Por onde andaste que chegas com esse phenomenal riso de parvo?

Que bagagem dás ao manifesto, ao passar a aduana celestial?...

Senti-me aterrado. Nunca nas minhas mais phantasticas concepções imaginei que houvesse aqui uma succursal da aduana portugueza.

Era a mesma delicadesa e a mesma curiosidade!...

Estaquei de assombro, e reflecti que devia ser bem poderosa a minha patria lusa, para estender as suas raias até além da immortalidade. Procurei equilibrar-me, e reflexionei: — Vamos, tendo de haver aqui guarda fiscal e não sendo franceza, prefiro então que seja minha patricia. E quiz parlamentar.

Mostrei a minha rica bagagem.

— Olhe, aqui tem. Este é o crime da Estrada de Cintra — o meu primeiro crime...

Abriu muito os olhos e respondeu:

—Isto aqui não é Boa-Hora. Diga o que traz. Eu não tenho nada com os seus crimes...

—... O crime do Padre Amaro...

—Já lhe disse que isto aqui não é Boa-Hora...

Que tenho eu agora com o crime do Padre Amaro?

Padres criminosos têem aqui passado muitos...

—... O Primo Bazilio...

—Não preciso conhecer a familia... Adeante.

—... O Mandarim...

—Mau! Você está a brincar comigo?

Que tenho eu com mandarins?

Nós não estamos na China, no celeste imperio; estamos no imper o celeste.

—Achei graça ao trocadilho garrido do cerbéro aduaneiro; e continuei:—Maias, Fradique Mendes, Reliquia, cartas de varios partes do globo terraqueo, artigos de revistas, jornaes, contos...

—Homem, páre lá! Mas que tenho eu com isso?...

Fez-se luz para mim. Esquecia-me de que a guarda fiscal portugueza não sabia lêr!!!

—Pois, senhora guarda fiscal, não trago mais nada util.

—Pois senhor viajante, será mais verdadeiro se disser que não traz nada util.

Bagagem avariada, bagagem avariada!

Pode passar sem pagar despacho, mas não lhe auguro nada de bom ahi mais para deante. Vae lhe succeder como á cigarra de La Fontaine:—Cantou, mas vae dançar agora...

Aterrorisei-me. Que me iria succeder?

Quiz commover a minha patricia. Fallei-lhe no portuguez mais commovente que sabia, e ella desatou a rir. Comprehendi então que nunca foi o meu forte fazer chorar os outros... senão de raiva ou de inveja; e lamentei não ter estudado no meu diccionario os palavrões que pucham a lagrima e sensibilisam os corações aos soldados e ás matronas. O que sabia era de meu uso proprio, especie de camisa de noute, qualquer cousa pessoal como uma escova de dentes, ou umas pantufas de manhã, e d'isso não podia offerecer para a sensibilidade alheia.

Lembrei-me de lhe cantar a palinodia de Juvenal, de que *ridendo castigat mores;* mas o Cerbéro estava como o meu medium:—não sabia latim.

Desisti. Passei, cabisbaixo.

A' sahida encontrei caras conhecidas que estavam á espera de vêr como eu me sahia do apuro, e tive o desprazer de constatar que nem aqui deixava de encontrar quem estivesse á espreita da dôr e do soffrimento alheio para o libar como precioso nectar.

Desconcertei-os.

Ficaram com cara de palmo e meio. Segui, e lá fui com a minha bagagem á desinfecção.

Entreguei-a com a ridente esperança de que os empregados do

posto fôssem tambem portuguezes; e que por isso gostassem de ler, ler muito, mas... de graça; e que por algumas horas de amena despreoccupação de espirito, fossem mais benevolos e tolerantes do que a minha consciencia ..

Enganei-me. Fiquei desgraçado. Era uma peste de tal ordem a minha obra, que a queimaram toda. Auto de fé puro e simples. E aqui tens, meu amigo, a minha entrada triumphal na immortalidade.

Ao mesmo tempo que eu, grande na minha terra, litterato laureado, candidato notavel ao posto de guarda portão do Monteiro Milhões, era assim tão rudemente tratado, via serem recebidos com todo o carinho e acceitação, bandos successivos de miseraveis esfomeados, farrapentos, torturados; anonymos dos hospitaes e das mansardas, que traziam o soffrimento marcado nos fundos sulcos do rosto, como os antigos forçados traziam a marca do ferrete braseado.

E puz me a cogitar: mas que gente é esta aqui, que recebe tão hospitaleiramente os maltrapilhos, e repudia e mal trata as pessoas limpas como eu?

Observemos. Isto deve ter por força explicação extranha.

Antes de proseguir no meu caminho para o destino que me haviam assignalado, colloquei-me em observação.

Não me metti de permeio com a turba multa porque me enojei. Lembrei me d'aquellas maravilhosas peregrinações a Lourdes, trescalando a humanidade, a suor e a porcaria; e puz-me a sitio largo mas conveniente.

Comecei a ver. Eram pobres que tinham passado pela terra curvados ao jugo ferreo da dôr, sempre resignados, sempre crentes em Deus, sempre bons!

Companheiros inseparaveis da lagrima e da fome, passaram todo o tempo como párias pacificos, louvando ao Deus que lhes mandava as suas privações e os seus tormentos, sem um grito de revolta, sem uma blasphemia de maldição.

Todos elles traziam na sua rôta carcella uma bôa acção, pelo ménos; uma prova de bondade, de dedicação e de carinho.

Noites desveladas á cabeceira de um pae ou de um filho, orando ao Deus de paz e amor que mal sonhavam existir, bemdizendo o Deus de dôr e de tormento que lhes levava esse filho ou esse pae; dias avergados ao trabalho extenuante para entreter a fome dos filhos andrajosos, sem um protesto, com o riso nos labios, o carinho na alma e o agradecimento ao Deus invisivel que lhes dava aquelles filhos, que eram o instrumento do seu cansaço e do seu martyrio, o riso do seu amor, e a felicidade da sua vida!

Filhos dedicados que se privaram do indispensavel para darem o bastante, e ás vezes o superfluo, aos seus tremulos velhinhos, pedindo ao Deus, que não conheciam, a conservação d'esses velhinhos, que eram o tormento material da sua vida, mas a alegria consoladora da sua alma. Estranhos que amavam e serviam o seu similhante, n'uma abnegação para mim desconhecida e que supporia impossivel na terra. Legião enorme de boas almas, que não conheciam grammatica, mas que praticavam o bem e o amor; onde se não cultivava a ironia, a

mordacidade ou a maledicencia, mas onde se afervorava o culto pela amisade, pela bondade, pela abnegação.

E pasmei então por nunca ter encontrado na terra similhante gente. Pareciam-me de um outro mundo; magos esfarrapados de longinquas regiões orientaes, onde as castas abastardadas vegetam na torturada abjuração do ideal emancipado. E ria-me d'elles no egoistico confronto das nossas diversissimas personalidades; e a cada momento interrogava-me sobre o que iria succeder áquella multidão cosmopolita e babilonica, onde o cabello fulvo se mesclava com as tranças azevidicas; onde a tez morena, muito minha conhecida e amada das mulheres de Avintes, e das bohemias de Andaluzia, se baralhava no branco lacteo das londrinhas ou das pallidas e rochunchudas hollandezas.

Vasto ciclorama; tandemonio universal onde se fallava ao mesmo tempo todas as linguas conhecidas nas ruidosas arengas de uma feira sevilhana, ou na disputada conversação de sete algaravios meus patricios.

Aquelles a quem a ignorancia terrena não permittiu libar o phalerno da asneira, nem rilhar a maçã da sabedoria, lá iam, humildes, resignados, como grandes rebanhos de ovelhas brancas, despindo os andrajos e envergando tunicas alvas como o jaspe; cantando hymnos, e subindo, subindo, em luminosas ondulações, como ciclopicos cachos de anjos nas gravuras de Gustavo Doré; e outros a quem a tarantulla da vaidade ou o lacrau do orgulho havia envenenado o sangue dessorado do seu tortulhado corpo carnal, desciam, ruindo blasphemias, sem a consolação de um olhar carinhoso nem o vislumbre de uma esperança cara, para as regiões das trevas, para os plainos do horror.

Comecei então a comprehender, e aos meus ouvidos começaram a martellar aquellas lindas phrases do Evangelho: — *Os ultimos serão os primeiros. Deixa vir a mim os pequeninos e os humildes, porque d'elles é o reino dos Ceus.*

Arranquei-me d'aquella contemplação. Quiz convencer-me de que não era bem um d'aquelles sonhos com que o estonteante clima de Paris me delirava o cerebro, depois de uma ceia no Mabile ou no Café Inglez, onde o champagne se bebesse pelos bicos rosados das tetas das cocottes, até cahirmos sob a mesa que os crystaes baratos e as eguarias *raffinées* da cosinha franceza pejavam e ornamentavam no bacchico deslumbramento de uma orgia *hors ligne*.

Não foi cousa facil, tão extranho e tão imprevisto era o quadro que successivamente se deparava ao meu olhar espantado.

Valeu-me ainda a minha consciencia, que gritou n'aquelle velho tom de tarimbeiro que eu lhe conhecia ha longos annos, que accordasse, que eram horas de seguir o meu destino.

Obedeci, atordoado. Segui passivamente no primeiro rancho, onde deparei o riso.

Não podia viver sem elle. Os que, sahindo dos andrajos repellentes, entravam nas suas roupagens brancas como toupeiras que se envolvessem em algodão em rama, não me seduziam.

Choravam e resavam, e eu não soube nunca haver-me bem com

quem resasse ou choramingasse. Lá me fui de longada com os que riam, despreoccupados, indifferentes, de consciencia serena, sem ambições nem desfallecimentos, sem tristesa nem doloridas manifestações de arrependimentos tardios. Artistas, poetas, estroinas, mulheres galantes, a quem a virtude não pesou muito, bohemios sem bagagem, carcella vasia e pelle ao léo.

Por lá nos espalhámos, apertando as mãos e rindo, rindo, n'uma grande commoção de riso e alegria:—hymno monumental composto de notas crystallinas como as de crystal de rocha, ao Pae, ao Deus, que n'uma magnanima manifestação da sua bondade divina permittia que nós lançassemos o riso bom atravez os mundos e atravez os tempos, como supremo protesto contra os grotescos da exotica personalidade humana.

E agora, amigo, que me fiz justiça, adquiri direitos de justiçar os outros.

E. de Queiroz».

CONDE DE ROCHAS

Damos aos leitores dos «Estudos Psychicos» a agradavel noticia de que o Snr. Conde de Rochas se dignou prestar-nos a sua authorisada collaboração; facto que registamos com o maximo prazer e agradecimento, tanto pela honra concedida, como pelo valor intrinseco da sua competencia, universalmente reconhecida e incontestada. Collaborador effectivo dos «Annaes de Sciencias Psychicas», é o Sr. Conde de Rochas um tenaz investigador sagacissimo nos dominios dos phenomenos animicos.

Attestam-n'o eloquentemente as suas numerosas e apreciadissimas obras sobre a especialidade: *Os estados superficiaes da hypnose; Os estados profundos da hypnose; A exteriorisação da sensibilidade; A exteriorisação da motricidade; As fronteiras da sciencia,* e muitos outros trabalhos, em volume, opusculo e artigos, todos elles magistraes e conduzidos com aquella firmeza de inquerito e deducção, que é propria dos cerebros privilegiados.

Assim como não póde, na actualidade, haver investigador algum que desconheça os trabalhos experimentaes do Snr. Conde de Rochas, do mesmo modo não póde haver um unico cultor de psychismo, que lhe negue um logar primacial, e para sempre conquistado, na vanguarda d'estes estudos. Admiradores, gratos e sincerissimos amigos do Snr. Conde de Rochas, aqui lhe consignamos a nossa maxima gratidão.

Brevemente publicaremos um artigo, que teve a amabilidade de nos enviar.

ANIMISMO E ESPIRITISMO

Como se sabe, a obra «*Animismo e Espiritismo*», de Alexandre Aksakof, é uma das mais completas, senão a primeira, sobre este assumpto.

Estando esgotada a edição franceza, era difficil e caro obtel-a. A «Bibliotheca Universal», de Barcelona (Rambla da Cataluña, 188), começou a publicar a sua versão em hespanhol, fazendo ao publico um enorme beneficio. Como se vê do prospecto, que é distribuido com este numero da revista, a obra constará de 2 tomos e póde obter-se por subscripção, em fasciculos semanaes de 32 paginas, ao preço de cerca de 40 réis cada um. Virá assim a obra completa a custar pouco mais de 1$000 réis.

Os que quizerem obter esta obra importantissima podem dirigir-se directamente á «Bibliotheca Universal» ou á redacção dos *Estudos Psychicos,* Arco do Bandeira, 104, 1.º D., Lisboa, pois que enviaremos as requisições ao seu destino.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Da mesma bibliotheca recebemos: «*Os phenomenos chamados de materialisação, realisados na Villa Carmen*» (dr. Charles Richet), impresso em magnifico papel e com numeresas gravuras.

E' escusado encarecer o interesse d'este livro tanto pelo seu objecto, como pelos novos documentos e controversia scientifica que o caso suscitou.

Bastará para lhe dar incontestavel merecimento o magistral trabalho d'apreciação, ahi feito pelo nosso illustre collaborador, Dr. Maxwell, em que com mão de mestre são derruidas todas as criticas suscitadas contra esses phenomenos.

Preço, 3 pesetas.

—Recebemos da Livraria Academica *Perrin & C.ª*, de Paris, um volume de 477 pag., intitulado «*Le magnetisme Humain, L'Hyspnotisme et le Spiritualisme moderne*» pelo Dr. L. Moutin.

O auctor é já bem conhecido e apreciado por outros trabalhos anteriores, como «*Le nouvel hypnotisme*» e «*Le diagnostic de la suggestibilité*»; a sua ultima obra confirma e consolida os seus merecidos creditos.

O livro divide-se em tres partes, merecendo especial lembrança a que se refere ao «Espiritualismo moderno», documento claro da confissão do Dr. Moutin sobre a realidade dos phenomenos e sobre a origem espirita d'aquelles, que não podem ter outra interpretação.

O Dr. Moutin refere o seu primitivo estado d'incredulidade, os seus estudos, as suas experiencias, e d'ahi o fundamento do seu juizo, como se vê nas textuaes palavras: «Assistimos a numerosas sessões, fizemos muitas experiencias pessoaes, o que nos auctorisa, com conhecimento de causa, a fazer conhecer a nossa opinião sobre este perturbante assumpto.»

Felicitamos o Dr. Moutin pela coragem e independencia com que faz estas declarações sinceras. Preço, 3,50 fr.

A redacção e administração dos «Estudos Psychicos», muda-se para o Arco do Bandeira, 104, 1.º D.—Lisboa.

N.º 8 JANEIRO DE 1907 2.º ANNO

ESTUDOS PSYCHICOS

REVISTA MENSAL DE ANIMISMO
E ESPIRITISMO EXPERIMENTAL

Director—DR. SOUSA COUTO

COLLABORADORES—Os srs. Conde de Rochas, Maxwell, Laurent de Faget, De Reyle, Wolowski, Marzorati, Roso de Luna, Quintin Lopes, Martins Velho, etc.

Escriptorio—Rua do Arco Bandeira, 104, 1.º D. LISBOA

A SUPERSTIÇÃO DOS SABIOS

Abrimos hoje nova epigraphe para quebrar a monotonia dos artigos anteriormente apresentados. Porventura estas considerações poder-se-iam subordinar ao mesmo titulo, mas para não entrar na historia completa das investigações psychicas, de cujo novo ataque resultou novo progresso, sempre e indefectivelmente, restringimos d'esta forma o campo da explanação, para ir ministrando successivamente varias noções proveitosos.

Por agora lançaremos as nossas vistas sobre um ponto restricto: «a superstição dos sabios».

Ao empregarmos a palavra «sabios» temos apenas em vista usar d'uma expressão consagrada, especie de idolo da veneração geral, contra o qual se não póde erguer heretico olhar.

Mas abalado uma vez esse culto, deposta uma analyse fria sobre o valor real da expressão, lançado um momento o reagente do nosso raciocinio sobre essa entidade quasi sobrenatural, o que resulta?

O sabio como que desapparece, e quando muito fica apenas o estudioso d'uma especialidade.

Não ha muito ainda, que um grande physiologista, no Congresso de Psychologia de Roma, proferia estas sensatas palavras: «*Mas quando se lhes pergunta (aos psycho-physiologistas) em que cellulas reside este pensamento e como se modificam as cellulas que pensam, e por que vias o pensamento se propaga e que forças physico-chimicas são postas em acção por elle, apenas podem responder por um doloroso silencio*».

Esqueceu se o douto congressista de que nem todos usam d'esse mutismo prudente, que devia em verdade ser, em casos arduos, o refugio dos sabios.

Muitos ha que perante essas interrogações ponderosas fariam peremptoriamente affirmações claras.

Estes, talvez em maior numero, obedeceriam ao estimulo das suas superstições.

A palavra superstição, pela propria força da sua etymologia, quer significar um conceito falso no logar em que deveria estar uma noção verdadeira; e taes substituições são mais frequentes do que ostensivamente parece.

Quem poderá vangloriar-se de as não ter, de não ser escravo de

ellas, de não embaraçar a justeza dos seus juizos com ideias inconsistentes, embora adquiridas em laborioso estudo?

Certamente que ninguem; comtudo a mais volumosa fonte d'estes erros vem sem contestação do illogico criterio de chamar á solução de quaesquer problemas os dados singulares d'uma outra cultura especifica. Seriam manifestas as inconsequencias do silvicultor que quizesse trazer á educação da infancia os seus processos; seria desastrado o electricista que quizesse adoptar os seus conhecimentos á resolução das questões juridicas; seria incoherente o chimico que pretendesse applicar as suas formulas á solução das operações mathematicas.

O prisma pessoal decompõe diversamente a côr das cousas, como o juizo de cada um se disciplina pelos elementos que funccionaram na sua elaboração.

D'aqui as «superstições dos sabios». Ha sabios tão supersticiosos, como os mais analphabetos mortaes, succedendo até por vezes que a sua superstição se torna mais arraigada e inextrincavel, dado o tegumento pseudo-scientifico que a envolve.

Nós só concedemos a relativa sciencia áquelle que ao estudo de *determinado* assumpto tem consagrado com proveito longos annos da sua vida.

Esse estudo constitue a sua especialidade e dá-lhe com justiça a aura d'auctoridade peculiar que o seu esforço merece.

Ora, se o especialista sae fóra do ambito da sua pericia, da sua seiencia circumscripta, e, esquecido d'um rudimentar conselho do simples bom senso, procura resolver questões, que lhe são alheias, com os seus conhecimentos da especialidade, torna-se pelo facto mesmo, escravo da superstição, porque ás noções indispensaveis á nova materia substitue erradamente outras inapplicaveis.

Ninguem ha a quem um momento de reflexão não faça conhecer estas verdades incontestaveis; mas ellas são de todos os dias e bem difficil é a cada um poder emancipar-se do seu imperioso dominio.

Sob a nossa vista teem passado innumeras obras, em que esta inconsequencia do criterio humano se nos apresenta na nudez eloquente d'uma grande lição.

Quantos escriptores, preparados apenas na pesquiza d'uma área definida, se arvoram em criticos de zonas que quasi completamente desconhecem?

Quantos, adestrados sómente no manejo d'uma arma, procuram combater com todos os materiaes d'um arsenal inteiro?

Será audacia; mas principalmente o que é, é caracterisada temeridade.

Uma solução não se póde achar n'um lance de temeridade; o que depende de estudo pertinaz e longo não póde dirimir se por tentativas desordenadas.

Aquelles que se crearam o renome de sabios, teem a maxima obrigação de o conservarem immaculado, na esphera do saber que os illustrou; e nunca esse titulo lhes bastará a fazer indefensaveis excursões em regiões que desconhecem.

Se as fizerem, dão de si um desmentido formal e pernicioso exemplo d'uma insensata superstição.

Quem é supersticioso? o que se confina ao estudo attento de certos factos, da sua condicionalidade, das leis que os subordinam, ou o que desconhecendo os, não os querendo estudar, fugindo ao seu exame, os nega irracional e contumazmente?

Quem é supersticioso? o que, despido d'antecipadas ideias, limpo d'estorvos intellectuaes, pretende apossar-se d'um phenomeno novo, n'uma apreciação intemerata mas imparcialissima, ou o que se acérca d'elle munido d'um utensiliario improprio, impediente e nocivo?

Não póde haver votos divergentes na resposta a estas perguntas.

Os chamados sabios, titulados tão sómente n'um ramo de conhecimentos, que pretendem afferir pelo seu ponto de vista, todas as indagações ou mesmo as especulações que lhes são extranhas, dão nos o triste exemplo da pequenez e intolerancia dos espiritos mais tacanhos.

São como christãos em terra de mouros: o meio hostilisa os e põe a sua mentalidade á prova de desdem.

Se quereis ser sabios, merecer-lhe o apanagio e o nome, sede tambem prudentes.

Cavai na vossa seára e não malsineis os fructos da alheia.

A sciencia verdadeira respeita os factos, baseia n'elles as suas theorias, mas não os despreza, nem deprecia os que dispendem o seu tempo no estudo d'elles.

O sabio que o contrario faz é um supersticioso, e é bem lamentavel que a superstição se sente com o mesmo despalnte n'uma cathedra, como n'uma tripeça.

Souza Couto.

PHENOMENOS DE MATERIALISAÇÃO

(Conferencia feita na Alliança Espiritualista, de Londres, por M.me d'Espérance)

VI

Foi n'esta sessão que obtivemos um pequeno ensinamento de nossa bella visitante da sessão anterior. Nunca ella se apresentou com tanta belleza como n'esta occasião. Apesar do meu grande respeito e admiração por todas as damas, bellas e amaveis, das minhas relações, sinto a obrigação de dizer, uma vez mais, que nunca meus olhos viram nada comparavel a esta deliciosa creatura — mulher, fada, deusa, ou fosse o que fosse; e não sou eu só, porque n'este ponto faço-me ecco da admiração de todos os mais assistentes.

Apresentando-a eu a uma senhora presente, que de carteira na mão se occupava a tomar notas do que se ia passando, esta ficou um instante a examinal a, e perguntou-lhe se desejava escrever alguma cousa na carteira, entregando-lh'a ao mesmo tempo com o lapis. A fórma materialisada tomou-os, começando a escrever, e essa senhora levantou-se do seu logar, indo ficar em pé junto ao espirito, para examinar como executava a escripta.

Uma e outra estavam ao lado do medium, n'um plano pouco posterior e os assistentes viam todos os tres e os examinavam com grande interesse. «Ella está escrevendo» nos disse a mesma senhora, e as suas duas cabeças inclinavam-se sobre os dedos em movimento.

Depois foram-lhe restituidos a carteira e o lapis e a assistente voltou triumphante ao seu logar.

«Examinando a escripta, reconhecemos que era dos antigos caracteres gregos, lisiveis, mas nenhuma das pessoas presentes os comprendia. Porém, no dia seguinte, foi tradusido do grego antigo para o grego moderno e d'este para a nossa propria lingua. «Sou Nepenthes, tua amiga. Quando te occorrer alguma cousa séria de desgosto ou cuidado, chama-me — Nepenthes — e eu virei em teu auxilio».

«Feliz mortal» — lhe dissemos nós, felicitando-a.

Quinta sessão

O medium veio sentar se no meio de nós e começou a conversar tranquillamente. «Nepenthes» sahiu quasi immediatamente do gabinete que acabava de se estabelecer. Vinha tão bella e tão graciosa como precedentemente e trazia na cabeça o mesmo diadema brilhante, que fazia ainda resaltar mais a sua extraordinaria belleza.

Ainda n'este momento em que escrevo, a alguns annos de distancia, posto que o tempo tenha feito sua obra e arrefecido o enthusiasmo que me inspirava «Nepenthes», a belleza maravilhosa d'esta figura radiante sob o seu fulgoroso diadema apodera-se do meu pensamento, como uma illusão phantastica dos velhos contos de fadas.

Essa fórma sauda-nos a todos, deslisa lentamente no meio das pessoas e pára deante d'um assistente. Este levanta-se, dando um passo á frente e estendendo-lhe as mãos e assim fica banhado no limbo luminoso projectado por suas vestes. Ambos estão perfeitamente visiveis.

E emquanto a fórma lhe dá a mão, elle inclina-se e n'ella depõe um beijo, e ao levantar a cabeça, «Nepenthes» inclina a sua, para tocal-o na fronte com os labios.

Este assistente explica mais tarde que a mão dava o contacto impressivo d'uma mão viva, fresca e firme, e posto que delgada e delicada, tinha cerrado a sua com força.

Os labios eram suaves e quentes. A claridade, dizia elle, parecia irradiar do corpo e não dos vestidos, como tinhamos supposto, pois nos declarou que quando a fórma se inclinou para elle, foi como que deslumbrado pelos raios projectados do seu peito.

Não podia comparar esta claridade a nenhuma outra; era como d'uma lampada electrica diffusa, ou por ventura, de neve illuminada pela lua, mas d'um brilho mais vivo ainda.

Moldagem da mão de Nepenthes

Uma das principaes experiencias que desejavamos fazer era a moldagem da mão ou do pé d'um de nossos Espiritos visitantes materia-

lisados, e para tal fim, todas as noites collocavamos no interior do gabinete dois baldes, um dos quaes continha parafina derretida, e o outro agua fria.

M. Sjostedt que escolheramos para presidir ás sessões, perguntou a «Nepenthes», se ella quereria tentar esta experiencia, affirmando-lhe que com isso nos prestaria um grandissimo serviço e que muito felizes seriamos em poder conservar uma lembrança, provando que a sua presença no meio de nós tinha sido uma realidade. Depois de ter prestado ouvido attento ao nosso pedido, «Nepenthes» deu nos a entender que faria a experiencia.

De novo recorro ao livro já citado «Harper i Luften» para a narração d'esta tentativa:

«Ouvindo a agua marulhar, a nossa curiosidade não conheceu limites.

«Daria o resultado desejado?

«Nossa sobre excitação communicou-se ao medium, que nos disse: «E' melhor não me fallarem. Cumpre que eu esteja calma, façam então por estar tranquillos.»

«Durante alguns minutos ouviu se o ruido d'um objecto mergulhando na agoa e fazendo a saltar atraz das cortinas; depois viu-se a brilhante figura branca inclinar-se sobre os baldes. Depois do que, levantando-se, veio para entre nós, sempre vestida da roupagem que lhe formava uma especie de véu e cahia em prégas graciosas ao longo de sua forma aprimorada e esbelta.

«Na extremidade via-se um objecto que não se distinguia o bastante para se saber o que era.

«Nepenthes—pois era ella—olhou em volta e quando viu o assistente a que acima alludimos, um pouco encoberto por outro assistente, dirigiu-se a elle e entregou-lhe o objecto.

«Ella deu me um pedaço de cêra» nos disse elle, accrescentando immediatamente d'um tom sobre-excitado: «Não, é o molde de sua mão, que deixou dissolver para a poder retirar. E' a mão inteira até ao pulso.» Ainda elle fallava, quando a forma se retirou em silencio para a sombra do gabinete, deixando-lhe o molde na mão.

Este interessante phenomeno, que durante tanto tempo tinhamos em vão tentado obter, acabava emfim de se realisar.

Depois da sessão, o molde foi examinado.

Exteriormente era espesso, disforme, grosseiro, constituido por muitas camadas de parafina. Atravez da pequena abertura do pulso, via-se a impressão de cada um dos dedos. Era uma pequena mão.

No dia seguinte levava-se este objecto a casa d'um artista, vindo de Paris (Signor Almivi), que o reproduziu.

Seus operarios e elle mesmo ficaram muito admirados á vista d'este molde de parafina, e fizeram observar que devia haver ahi alguma cousa de feiticeria, porque não podia formar-se sobre uma mão, que houvesse de tirar-se pelo pulso.

Quando a prova terminou, deparou-se-nos uma mão extremamente delicada, completa até ao pulso. As unhas eram todas bem formadas, assim como as linhas finas da pelle, as articulações e a palma da mão.

Os dedos delgados e perfeitamente modelados, mais que tudo surprehenderam o esculptor e o convenceram do modo sobrenatural de producção, pelo motivo de que estando recurvados, não podiam, em caso algum, obter-se d'uma mão humana, apresentada n'esta posição.

(Continúa). E. D'ESPÉRANCE».

ALGUMAS SESSÕES COM O MEDIUM MILLER

IV

A quarta e ultima sessão teve logar quinta-feira, 26 de julho, no mesmo local, mas não foi tão boa como as precedentes, já por virtude d'uma affluencia inesperada de assistentes que foi preciso admittir, já por causa de certa hostilidade manifestada desde o principio por certos espectadores. Esquece-se muitas vezes que o medium é um sensitivo e como tal se impressiona pelos sentimentos malevolos da assistencia. N'esta noite, sellada a porta de communicação com a sala de jantar e inspeccionado o gabinete, quando todos estavam já sentados, um dos assistentes fez notar n'um tom algo aggressivo que o medium não tinha sido apalpado.

Como já fiz notar, tal medida de precaução, excellente com um medium pago, não podia ser exigida na conjunctura. Por isso Miller se mostrou vivamente desgostoso, tanto mais que na sessão anterior tinha sido plenamente examinado. Queria retirar-se; a instancias dos mais presentes, ficou, mas os phenomenos resentiram-se d'estes incidentes desagradaveis.

Sentando-se o medium ao meu lado, passou-se bastante tempo, talvez um quarto d'hora, antes que qualquer cousa se podesse vêr.

A luz era bastante fraca. Emfim mostra-se entre as cortinas, uma cousa branca indecisa nos contornos, e retira-se sem fallar. Uma outra, um pouco melhor formada, tambem nada diz. A terceira apparição diz chamar-se Celina, mas não póde dar seu nome de familia. Uma quarta forma se apresenta um instante, sem pronunciar palavra; depois, passados minutos, uma outra forma branca pronuncia o nome de Emilio Pennés. Um menina presente diz que é o nome do pae de um mancebo que ella conhece.

A seguir succedem-se formas que pouco se demoram entre as cortinas e pronunciam nomes. Uma d'estas diz: Adelia. Pergunta-se se é Adelia Duzart, e por pancadas responde affirmativamente. Uma outra diz: Alexandrina Delanne, e accrescenta: Gabriel; emfim ouve se o nome de João Thomaz que não é identificado.

Uma pequena apparição sae um pouco do gabinete, dando o nome de Nini, e uma outra faz alguns gestos.

Logo depois produz-se um phenomeno muito interessante. Atraz de mim, sobre a chaminé e á altura d'um homem dão-se pancadas na parede. N'este momento a assistente a meu lado inclina-se sobre mim e toma as duas mãos de Miller, que está sentado. De novo se

bate sobre a chaminé e deslocam-se objectos. Durante este ruido pergunto á assistente, se tem seguras as mãos do medium, o que ella affirma.

Quasi que immediatamente, depois do ruido, a assistente do outro lado do gabinete, é tocada nos joelhos, emquanto Miller continúa seguro, sem se mexer.

E' um dos episodios mais nitidos de que conservo memoria. Algumas pessoas dizem ter visto a mão que batia na chaminé. Continuando Miller a meu lado, em breve se vê uma massa esbranquiçada apparecer por cima das cortinas durante alguns instantes.

O medium pede depois, que se inspeccione o gabinete, o que faz o Dr. Moutin. Miller entra no gabinete e ouve-se a voz de Betzy que recommenda para cantar e fazer a cadeia.

Decorridos minutos, como nas outras sessões, vejo uma massa branca apparecer no alto das cortinas e descer, balançando-se, até ao pavimento. Ahi esta cousa avoluma, toma a forma d'uma pessoa en volta em mousseline, avança ligeiramente e estende o braço. A mousselline que o cobre cae em leque desde o punho á base do vestido e parece em prégas.

O braço está nú, bastante forte e bem formado. Ouço o nome de Antonietta, depois algumas palavras que não destinguo. A voz é pouco distincta. Esta forma volta ao gabinete.

Quasi a seguir succede-lhe outra forma, que se mostra depois da apparição d'uma massa esbranquiçada na parte superior das cortinas. A apparição diz em inglez chamar-se Star Light (estrella luminosa) e ser um espirito guia do medium. Sente se feliz por nos ver e vae fazer todo o possivel para que se manifestem espiritos francezes.

Posto que a luz fosse augmentada um pouco, não é possivel distinguir os traços d'esta apparição que passa para traz das cortinas.

Até então estas fórmas não eram luminosas; mas eis que se apresentà Effie Dean com a faixa luminosa em volta da cabeça.

Procuro vêr-lhe a cara, mas não o consigo.

Sinto o contacto da roupagem branca, ligeiramente; produz-me a sensação já experimentada de tulle grosso e gommado. Em rasão do meu logar junto á chaminé, a parte rectangular do gabinete obsta a que veja uma segunda apparição notada pelos assistentes, a de Carrie West, tambem com uma faixa luminosa em volta da cabeça, fórma que sahiu conjunctamente do gabinete; e ahi tornam passados instantes.

Sae depois uma fórma grande com um turbante na cabeça, e diz chamar-se Josephina Case. Levanta os braços no ar, e depois, antes de reentrar, pergunta se toda a gente a vê bem. Em seguida veio a fórma muito mais pequena de Angela Marchand. E' sempre a mesma voz doce, como nas sessões precedentes. Conta que nasceu em São Francisco, de mãe franceza, sendo a rasão por que falla a nossa lingua, não obstante com um leve accento inglez. De novo lhe peço se póde approximar-se afim de eu a reconhecer. Avança, colloca-se deante de mim, inclina-se um pouco, mas a luz não é sufficiente para permittir-me destinguir-lhe os traços. Dá as boas noites e depois retira-se.

Canta-se ainda durante alguns minutos, quando o Dr. Moutin, que

occupa a terceira cadeira a partir do gabinete, diz que é tocado na cabeça por uma pequena mão, que julga ser d'uma menina.

Decorridos alguns momentos, uma fórma de pequena estatura sae precipitadamente do gabinete, soltando sons bizarros, com uma voz áspera, posto que velada, e depois desapparece entrando no gabinete.

A voz de Betzy nos faz saber que é uma jovem india, que tem costume de se manifestar assim. Em seguida este guia mostra-se entre as cortinas.

Diz em inglez que não foi possivel fazer melhor esta noite, porque as condições não eram favoraveis; depois repete esta phrase em francez.

Pede-se lhe para cantar; promette fazel-o e annuncia que quando tiver terminado, o medium será projectado immediatamente fóra do gabinete. Então o empregado de Miller canta uma canção americana, acompanhada pela voz forte de Betzy, que apenas a terminou, logo desappareceu, apparecendo subito o medium fóra do gabinete, a alguns passos de distancia, em pé deante de nós e completamente vestido.

De tal modo terminaram estas sessões, sobre as quaes desejo apresentar algumas observações criticas que julgo necessarias para precisar a orientação, que sempre deve presidir a estas investigações.

Discussão

Os relatos até agora publicados sobre estas experiencias põem em evidencia duas mentalidades extremas, com que temos quasi sempre de defrontar-nos: d'um lado a narração enthusiastica, que omitte todos os incidentes duvidosos, para salientar apenas os factos demonstrativos; do outro a narração truncada, infiel, passando em silencio os phenomenos produzidos, para só pôr em relevo os lados fracos, contentando se com ensaios d'interpretação, completamente insufficientes. Sem duvida alguma uns e outros andam de boa fé, mas as suas apreciações são quasi sempre condicionadas não exclusivamente pelo que veem, mas por suas crenças anteriores sobre o assumpto.

Busquemos portanto abstrahir de toda a idea preconcebida, para apresentar argumentos puramente objectivos.

Parece me que os criticos teem um tanto perdido de vista as condições em que as sessões foram dadas. M. Miller não era um accusado, um medium fraudulento, cuja boa fé se tratasse de estabelecer. Se elle consentiu em prestar me o seu concurso, a perder quasi 15 dias para ser agradavel aos espiritas parisienses, a fatigar-se até ao completo cançaço, e isto a titulo puramanente gracioso, quando seus negocios lhe reclamavam a presença na Allemanha, penso que todos os que assistiram ás suas sessões lhe devem ser gratos, em vez de tomar para com elle um tom comminatorio, que só seria justificavel perante um culpado, cujas fraudes estivessem a descoberto.

Todos os dias pedimos mediums; conhecemos que é por elles que podemos estabelecer o bem fundado de nossas theorias, e quando temos a boa fortuna de possuir um, em vez de o encorajar, de o de-

fender, apressamo-nos a emittir, após uma unica sessão, as duvidas mais injuriosas!

Não é por ventura assim que incitaremos estes mediums a voltar e fazer sacrificios por uma sciencia, cujos cultores pouco benevolentes, dão prova de caracter rude.

Sem duvida alguma, é absoluto o direito de critica, mas deve exercer-se com tacto, com medida, sem a attitude d'uma suspeita irritante. Todos os experimentadores com uma longa pratica d'estas investigações hão de reconhecer a justeza d'estas palavras. O medium é um sensitivo que convem não indispôr, se queremos obter bons resultados. M. Miller não tendo retribuição, tinha direito ás attenções devidas a todo o que se presta a fazer nos um serviço, e parece me que isto foi esquecido por alguns dos convidados.

E' preciso ainda repetir que Miller, chegando de São Francisco, tinha tido a noticia da destruição completa da sua casa de commercio, e após o abalo moral causado pelo desastre, o seu unico fim era reconstituir as suas collecções por compras feitas em diversos paizes da Europa. Pelo que de pouco tempo podia dispôr, e bem sentia eu toda a minha indiscripção ao pedir-lhe o sacrificio de oito dias para dar sessões. Era minha intenção indemnisal-o por esta perda de tempo e despezas supplementares resultantes, mas elle me atalhou desde as primeiras palavras, dizendo-me que não acceitaria remuneração alguma.

A sua resolução era não se prestar mais a sessões, pois os sabios com quem tinha experimentado na America, o tinham tão brutalmente ligado, que os estigmas lhe ficaram nas pernas durante muitas semanas. Fiz vêr que não procederiamos assim, e depois de muitas instancias, prometteu-me as tres sessões de que acima fallei. Eis por que Miller não foi atado nem examinado antes das sessões. Mas a ausencia d'este exame será uma razão bastante para lançar o descredito nas nossas observações? Não o julgo assim e passo a expôr já a rasão porquê.

E' conveniente notar de passagem, que estas discussões mostram que os espiritas não são, na generalidade, os ingenuos de que a cada passo fallam os nossos adversarios.

Se em nossas fileiras ha exaltados, pessoas a quem a idéa de severidade para com o medium faz levantar ao ceu os braços indignados, ha outros, numerosos, que procuram observar o que se passa á sua vista, e que não acceitam os factos como reaes, senão a beneficio d'inventario, reservando-se formular um juizo até ao momento em que pode ser fortemente fundado.

Em toda a minha vida tenho buscado fazer parte da segunda cathegoria, rasão porque desejo expôr sinceramente algumas observações que pude fazer durante estas experiencias.

(Continúa). GABRIEL DELANNE.

O CASO «FERNANDO DE LACERDA» [1]

Antes de fazermos, como promettemos, uma apreciação final sobre este caso, damos mais algumas communicações mediunimicas, obtidas nas mesmas condidões anteriormente descriptas.

Por anormal parecerá a muitas pessoas inverosimil o phenomeno.

Toda a critica prematura corre o risco de ser precipitada. Estudemos; busquemos uma ponderada base aos nossos juizos. Aos menos soffridos d'animo, que queiram cortar já o nó a lanhadas de vituperio, pedimos aquella calma que é precisa a todas as indagações sérias. Eis as communições:

«20 de Novembro de 1906»

«Para te ser agradavel volvo a terra.

A minha passagem por aqui não me deixou saudades.

Fui um triste. As minhas pobres obras rescendem todas a esse vago olor de tristesa, como uma egreja rescende a rosmaninho depois das festas da paixão do Senhor.

E' que representavam já tambem a recordação das festas idas da minha mocidade e dos meus sonhos.

Os meus personagens eram os meus amigos.

A cada um eu dava um pedacito da minha alma; em cada um eu fazia um figurino pelo qual desejaria ver uniformisada a humanidade. Era um idealista, bem o sei; e por isso as minhas pobres obras são faltas de calor.

N'ellas tudo é tranquillo, n'ellas tudo é simples, como eu idealisava a vida no meu alvorecer d'ella.

Pouco a pouco esse ideal desfazia se. Eu ia entrando pela vida fóra e ia ficando como uma pobre arvore enfesada, a que um mau desenvolvimento não tivesse deixado dar flores nem fructos e a que um outonal vento precoce arrancasse, uma a uma, as amarellecidas folhas. Obra de um triste, herança para tristes. Ainda assim, como seria feliz o mundo se Deus permittisse que todas as garridas fossem como Clara; todas as irmãs fossem como Margarida; todos os prevaricadores como Daniel; todos os padres como o Reitor, todos os medicos como o meu querido João Semana!

---

(1) Nas communicações publicadas no numero anterior, sob a epigraphe «O caso Fernando de Lacerda», sahiram varios erros de composição, que impossivel seria rectificar aqui inteiramente.

Entre elles destacaremos, todavia, na communicação da pagina 135, linha 23, a palavra *elle,* que deve lêr-se *eu;* a pagina 137, linha 37, *grave injustiça,* deve lêr-se *gravame injusto;* na pagina 138, linha 10, *aferroei me,* deve lêr-se *afervorei-me;* na pagina 142, linha 6, *emancipado,* deve lêr-se *emancipador;* idem, linha 12, *londrinhas,* deve ler-se *londrinas;* idem, linha 14, *tandemonio,* deve lêr-se *pandemonio;* etc.

Houve tambem omissões de palavras, mas não podem remediar-se agora essas lacunas, que bem involuntariamente e a pesar nosso, não poderam evitar-se a tempo.

Cito os meus filhos das Pupillas, porque são os dilectos do meu coração, com quanto muito queira aos outros tambem, porque cada um representa um sentimento novo por mim adorado e um desejo por mim manifestado á face de uma sociedade onde já me não dava bem. Creava em cada personagem mais uma *pessoa* para a minha sociedade ideal.

Com elles vivia, com elles amava, com elles me enternecia.

Tinha a doce illusão de que aquelle pequenino mundo por mim creado era o mundo real. N'elle me recolhia, n'elle me escondia e n'elle amava e soffria.

Fallava com os meus amigos illusorios como o faria com amigos reaes se a realidade m'os desse d'aquelle estofo; e a Deus devo mercê de me ter incarnado tanto n'essa illusão que permittiu que a vida na terra me não deixasse os resaibos de amargura que costumam affligir os tristes e os incomprehendidos como eu.

Podes comprehender assim, meu irmão, que tudo me havia de deslisar tranquillamente, e que até a morte havia de tranquillamente chegar para mim.

E assim foi. Pouco a pouco o meu corpo foi-se desfazendo pela tuberculose, a doença dos sonhadores e dos poetas; e eu ia-me sentindo morrer suavemente como se fosse entrando n'um doce sonho dos da minha infancia. Tinha a sensação e parecia que a esperança de ir entrar no mundo que a minha fantasia havia creado, e que ia encontrar lá a minha Margarida, a minha Lena, a minha Cecilia, a minha Bertha, o Thomé, o Manuel Quintino, o Reitor, o João Semana, todos, todos, todos os meus amigos, todos os meus filhos, todos os representantes de um sonho não realisado.

A vida desapparecia suavemente. Os mais zelosos e cariciosos cuidados não a prolongavam. Nem amigos, nem enfermeiras conseguiam que se additasse mais um dia áquelles que me estavam destinados. As minhas continuas mudanças de terra eram mais para condescender com a amisade afflicta que me rodeava do que para satisfazer ao meu desejo de viver. Passava horas e dias embevecido no sonho, alheado ao mundo exterior que me rodeava.

A tuberculose, que tem para todas as suas victimas o caracteristico de lhe desfazer a vida n'um permanente sorriso da esperança, não foi avara para mim na distribuição desse piedoso sentimento. Só houve uma differença, nascida naturalmente do meu modo de ser e de vêr:— é que essa dôce esperança que illuminou os meus ultimos tempos e aconchegou tepidamente os meus derradeiros dias, não me dava a illusão de melhoras;—dava-me a certeza da morte e a consoladora visão da vida eterna, bebida nas orações que minha santa mãe me ensinava nos longos serões provincianos.

Que amor podia eu ter a um mundo que não comprehendia? Não me queixo delle porem. Se algum de nós tem queixas do outro, é elle que as tem minhas e não eu. Elle é assim, com os seus contrastes, com as suas dôres, com os seus enganos; e quem quizer aprecial-o e gozal o tem de o acceitar tal qual Deus o fez.

Os que o não acceitam assim é que o offendem.

Uns revoltam-se, outros lamentam se e outros resignam-se. Eu fui dos ultimos. Comecei por lamentar-me quando me sentia isolado. Não era este o mundo que o meu coração e o meu cerebro apetecia; e dahi as minhas lamentações entristecidas dos meus primeiros versos. Gemidos de aves levadas para regiões desconhecidas e inhospitas para ellas! Reconheci que tinha de transigir depois e transigi.

Não podendo aclimar-me ao mundo onde me encontrava, não sentindo em mim ideas de revolta nem temperamento para a lucta, enveredei por caminho novo: — creei um mundo para mim só. Não seria um mundo perfeito nem ideal; mas era um mundo como eu o desejaria.

Tambem n'elle se debatiam paixões; tambem n'elle havia largo logar para amar e soffrer; para fazer o bem e fazer o mal; mas o soffrimento e a maldade eram só o corolario preciso para fazer sobresahir a bondade e o bem, e que por fim se deviam confundir na grande harmonia universal.

Perdoa-me, meu amigo, que eu tenha fallado só de mim, mas é que sendo a primeira opportunidade que tenho depois de d'ahi ter sahido, de fallar de mim e da minha obra, quero justificar-me e justifical-a.

Graças a Deus, creio que, apesar da sua insignificancia, não é por essa obra que virá mal ao mundo; e sinto-me tranquillo e feliz na sua lembrança por ver que se n'ella os fortes não encontram instrumentos para a demolição; os tristes, os simples e os sonhadores, encontrarão refugio e refrigerio. E n'este mundo todos teem direito ao seu quinhão de goso, visto que todos teem o seu quinhão de dor.

JOAQUIM GUILHERME GOMES COELHO».

«20 de Novembro de 1906»

(Excerpto)

«.....

De duas cousas leves vou tratar. Começarei pela ultima por ser a primeira na ordem da minha attenção. Quero referir me á communicação que acabas de obter. E' realmente ella d'aquelle doce ideologo que immortalisou o pseudonimo de Julio Diniz.

Vê, amigo, vê que descommunal contraste entre a sua communicação simples, tranquilla como a alma de um justo, e as minhas, refervendo dôr e remorso. Uma é o lago onde se espelha o ceu azul e onde as rosas da margem se debruçam e remiram; as outras são o tumultuar das ondas indomitas, refervendo o lodo e a vasa; arremeçando contra as rochas escarpadas e arrendadas a mil agulhas o corpo dilacerado e sanguento de um naufrago infeliz do batel da vida.

As nossas communicações são as nossas obras; por ellas avaliarás tu nosso trabalho ahi e o seu producto aqui.

A sua obra no mundo é o jardim florido e ensombrado como assumpto de um quadro de Wateau, onde os namorados se acolhem, escondidos do mundo e da dor, para viverem amando e amar sorrindo, na idylica satisfação de uma felicidade apenas sonhada; a minha é a floresta

virgem do machado do lenhador, eriçada de silvedos e de espinheiros, onde toda a gente se perde, onde se ama soffrendo, onde se soffre maldizendo; onde a alma mais candida se revolta, onde a cada passo se encontram as feras de hiantes guellas escancaradas, que se chamam traição, latrocinio, despreso, odio, ironia, ridiculo, raiva, desespero e morte. Ahi tudo ruge. As flores são como a mancenilha e a arruda. Matam ou fedem. Os passaros são agourentos como a coruja ou o mocho, repelentes como o vampiro ou carnivoros como o abutre. A cada momento se encontram venenosos e viscosos reptis que nos dilaceram e envenenam; e as creaturas boas que pertendem attravessar essa ruim floresta fazem-no cheias de lagrimas e cheias de soffrimento.

Alguma cousa ha porem de util na minha obra.

De util e de bom. Tambem n'essas florestas existem as grandes arvores, ricas de essencias desconhecidas e que a custo se alcançam por grande preço; as madeiras odoriferas e sans para as construcções monumentaes; a urze e o tojo para o aquecimento do homem; mas que de trabalhos e riscos para se ir na conquista para a utilidade geral d'essas riquezas a tão ruim logar!

Quantos ao irem buscar a somora que refrigera encontram a mancenilheira que os matta; a flôr que os encanta encontram os espinhos que os dilaceram; a madeira para o seu edificio, encontram a trave que os esmaga; a urze que os aqueça e encontram nella o reptil que os morde!! Só os fortes, os revoltosos e os intemeratos conseguem arrancar della o bem sem muito se contaminarem do mal.

Os fortes? E quem são os fortes? São os audazes ou são os reflectidos? Os audazes são os aventureiros, os loucos; os reflectidos são os serenos, são os dominadores.

As obras serenas são a melodia da grande orchestração universal. Deleitam, commovem, avassallam e dulcificam.

Fazem menor ruido mas enebriam mais a alma.

As obras audazes e revoltosas ouvem-se mais longe; provocam o ruido das trovoadas. Escorcham, deslumbram, ensurdecem. Lembram marchas de guerra, troar de canhões, gritos convulsos de muribundos, berros selvagens de triumphadores. Como que cheiram a polvora e a sangue; evocam a dôr e a destruição.

As obras reflectidas e suaves rescendem á murta e ao rosmaninho; lembram a frauta do pastor tocando modinhas populares ás trindades no campo; consolam e ameigam como canticos de virgens em festa aldeã ou commovem e sensibilisam como a primeira missa d'um presbytero. Tudo paz, com a acariciadora claridade de um dia outonal.

Quem serão realmente os fortes? Os simples e bons como Gomes Coelho ou os revoltosos e torturados como eu?

Emquanto se lêr portuguez ha-de lêr-se, e talvez amar-se a minha obra; emquanto houver bondade e amor no mundo ha-de comprehender se e estimar-se a obra de Julio Diniz.

.....

Camillo Castello Branco».

«21 de Novembro de 1906»

(Excerpto)

«..... .....

Depois que liquidamos o nosso debito ao aperfeiçoamento terreste e passamos ás regiões serenas da luz eterna, vemos o mundo no seu pleno valor; e dá-nos a sensação de o vermos pelas lentes invertidas de um poderoso oculo de alcance. Nitido, mas pequenissimo e longinquo.

E em verdade o que é este ponto infinitamente insignificante no baratro collosal do Universo?

Na terra tudo é relativamente grande.

O aldeão que sóbe ao mais elevado monte do seu povoado crê que o mundo não vae alem do minguado horisonte que a sua vista alcança; o sabio crê que o universo não é maior do que o que a sciencia de successivos aldeões lhe ensinou. A differença consiste em que o aldeão primitivo viu o que a vista abrangeu; o aldeão illustrado, herdeiro atavico de todos os seus antecessores, viu até onde o pé humano fincou pegada.

E ahi crystalisou a sabedoria. Para alem é o nada; Deus é uma hypothese; a Alma um sonho. Realidade só a sua sciencia. Infallivel só ella. Infallivel em todo o tempo, e em todos os tempos modificada, renegada, substituida.

O que era hontem um dogma é hoje uma heresia; o que era hontem uma conquista dos mais celebrados sabios, é hoje um anachronismo, e será amanhã uma infantilidade piegas.

Apesar disso a sciencia humana, em qualquer altura em que seja vista é sempre intangivel e infallivel!!!

Suprema imbecilidade, suprema petulancia!

Na terra é tudo vão, chimerico e convencional; mas o intellecto humano é tão pretencioso que, depois de crear essas leis que o egoismo e a philaucia lhe dita, as crê sagradas e inatacaveis; e ai do iconoclasta que ousa pôr em duvida a sua origem semi-divina, ai delle!... E' crucificado como Christo; queimado como Savanarola, torturado como Galileu.

E' sempre a acção a provocar a reacção. Acção ou inacção, porque é a immobilidade, o conservantismo, a inapetencia para a acceitação das ideas novas, do progresso, da evolução na sua marcha ascencional e eterna, que conduz á reacção.

E depois a ignorancia ou a malevolencia humana é sempre a mesma em todos os tempos. Não se modifica, por mais experiencia que tenha. Não ha lição de que colha fructo.

Vê todos os dias surgir novos factos que lhe abrem novos horisontes ou lhe alargam até ao infinito os horisontes conhecidos; e apesar d'isso presiste sempre na sua immobilidade chineza; crystalisa na sua reacção contra o que é novo, contra o que constitue um avanço no limitadissimo saber humano.

Desde todos os tempos que ha dois principios que, para quem os adopta, constituem axiomas dogmaticos: — um o de que se sabe tudo

já, de que nada mais se pode acceitar como verdade, e que fóra da sciencia estabelecida não existe nada possivel; — outro de que a sciencia conhecida é nada comparado com a vastidão do campo do desconhecido.

Uns representam a saciação do saber na sua quietitude budhica; os outros a ancia do desconhecido no seu luctar incessante. A'quelles se deve a morosidade do avanço do aperfeiçoamento humano; a estes se deve o *quantum* d'esse saber na hora actual.

E' a poder de muito esforço, de muito sacrificio, de muito sangue que os denodados campeões do ignoto conduzem attravez o tempo o o carro triumphal do progresso humano, vencendo pouco a pouco todos os obstaculos de que a inercia de uns, a malevolencia de outros e o egoismo de todos os seus adversarios, lhe vae semeando o caminho.

Não se comprehende o prazer que a indolencia cerebral sente em negar qualquer idea nova que demande o mais pequeno esforço para se fazer comprehender.

E' facilimo dizer:—não creio, não é verdade. E com esta negação suppõem resolver tudo. Se se lhe pergunta porque não crê, responde petulantemente que é porque não pode ser, que é porque não é crivel, que é porque vae de encontro ao que os grandes homens e grandes sabios do passado e do presente teem definitivamente arrumado como possivel.

Ditas estas generalidades ôcas, banaes, vasias de consciencia e de verdade, ficam-se felizes e contentes, como se houvessem descoberto o systema de Ptolomeu, ou as leis de Newton.

Não querem recordar-se, porque lhes afadiga o mimoso cerebro compacto e massudo, que o sabio de hoje se ri do que o sabio de ha um seculo tinha como difinitivo e incontestavel; que o sabio de ha um seculo se riu do que no seculo anterior era assente e dogmatico; e que como principio geral, uniforme e indestructivel está assente tambem na lucida consciencia humana que não ha nada immobilisado na natureza; que tudo se transforma, tudo caminha, tudo progressa.

Ha epochas em que o evolucionar avança tão rapida e tão seguramente que mais parece uma revolução permanente e persistente, do que uma evolução lenta e gradual. E' que o homem tem que conquistar ás vezes terreno e tempo perdido pela acção enervante e de retrocesso dos conservadores e cretinos. Se se podesse deixar caminhar o mundo na sua marcha mechanica como que movido por um collossal apparelho de relojoaria, o progresso viria sem obstaculos, na hora propria, com a segurança das cousas mathematicas, como a evolução de todos os corpos que estão fóra da acção do homem. Os mundos e os planetas teem a sua rota definida, mathematica, mechanica, fatal, porque a lei a que obedecem não obedece á vontade sempre variavel e inconstante do homem; mas as cousas minimas que constituem as cousas maximas da terra, que obedecem á vontade do pitoresco rei da creação, essas são variaveis como a *dona* da canção do Rigoleto.

Ora como tudo tem por fim, que chegar a tempo, Deus, o supremo

relojoeiro, ás vezes, se o machinismo por que a terra se rege ou devia reger, se atrasa, dá-lhe um impulso violento para lhe accelerar a marcha, e pôr em dia o que se achava atrasado pelos entraves creados pela ignara inercia, ou pela maldade ignara dos que por por conveniencia ou malevolencia fazem demorar o andamento da grande machina do aprefeiçoamento.

Serve se para isso de meios que variam até ao infinito, como infinita é a sua vontade, o seu poder e a sua grandesa.

A's vezes um acto insignificante na vida de um homem obscuro é a faisca que lança fogo ao rastilho que vae conflagrar a humanidade inteira.

A guerra, a sempre maldita guerra, quantas vezes tem sido o bemdito instrumento da liberdade e do progresso?

Quanto deve a civilisação actual e todas as civilisações extinctas quanto deveram á acção rapida, revolusiva, cauterisante, depuradora e restauradora, das guerras?

Quantas vezes tem sido ella que leva adeante de si as ideas generosas, altruistas, emancipadoras e redemptoras?

A historia do mundo está cheia de milhares de exemplos d'esses; e é incontestavel para quem desapaixonadamente os estude, que as luzes mais brilhantes que illuminam as trevas do passado foram accesas pela espada e pela lança.

A epocha presentemente é outra. A missão civilisadora das guerras parece ter findado no começo do seculo passado, sendo Napoleão — o grande — o ultimo enviado de Deus para a dissiminação da idea libertadora e progressiva attravez o mundo pelo conducto guerreiro.

A tomar-lhe o logar vieram outros enviados. Foram os que descubriram o vapor, a electricidade, a força dos elementos, as leis da mechanica, da physica, da chimica; e por isso na segunda metade do seculo XIX, o mundo progrediu de uma maneira assombrosa, materialmente fallando. Foi o salto nos ponteiros do relogio atrasado.

Não podia, porem, sem desiquilibrio grave na natureza, progredir só na parte material do eu humano e nas cousas materiaes a elle destinadas. Tinha que avançar tambem na parte intellectual, que vinha crystalisando nas velhas doutrinas religiosas ortodoxas de todas as religiões, ou na negativa vasia e irracional da Descrença e do Atheismo; e então mandou Deus factos e pessoas destinadas a pôr a par o progresso espiritual e o progresso material. Appareceram os primeiros adeptos de uma sciencia nova, ou uma nova religião, que baseando-se nas doutrinas sempre bellas, sempre novas, sempre divinas de Jesus, e tomando-o a Elle como mestre e guia universal, se propunha a dar a prova da existencia real, immorredoura do eu humano, elevando-o assim á altissima graduação de ente superior, e pretendendo aprefeiçoal-o pela bondade e pelo amor, como á sua superior cathegoria compete.

A sua apparição foi recebida com zombaria primeiro e com a preseguição e o odio depois. Foi a eterna repetição da descaroavel recepção de novos ideaes pelo conservantismo e pela ignorancia. Redicu-

larisados, perseguidos, desprezados, elles continuaram no seu caminhar lento e seguro, porque era fatal e predestinado. Os factos appareceram simultaneamente nos mais remotos e extranhos pontos do globo, n'uma conformidade completa, n'uma certesa de manifestação que bem se conhecia obedecerem a uma lei fatal e indiscutivel. Paralellamente a idea christã, obliterada, deturpada, horrorosamente mutilidada, apparecia, surgindo da nova d'outrina, radiante e nova como a Phenix da fabula nascida das proprias cinzas, e illuminava com um poder de intensidade e uma grandeza de raio que dominava o mundo civilisado.

Aos primeiros apostolos seguiram-se outros, todos com a vivesa de crença e a firmeza de fé dos primitivos christãos; e era tanta a força irradiada da sua acção, que aos primeiros embates muitos milhões de almas boas se rederam ao novo apostolado.

A doutrina do Mestre Divino, resurgindo purificada e explendorosa, avassallava outra vez o mundo, a despeito de todos os obstaculos que a má fé, a ignorancia, o egoismo, o medo e a ancia preversa de dominar a materia, conseguiram oppor ao seu caminhar.

Pela segunda vez ella se impunha, como a verdade, que é, verdade eterna, verdade indestructivel, verdade dominadora, verdade destruidora, verdade purificadora, verdade divina.

Attenda-se desapaixonadamente, livre de preconceitos, e ver-se-ha se alguma outra idea conseguiu avançar tão rapida e seguramente nos ultimos seculos.

E' que ella representa uma necessidade fatal da civilisação actual; representa a natural e indispensavel correção ás ideias utilitarias, egoistas e de desagregação que o progresso material havia lançado no espirito humano; e é ella que na sua marcha segura e rapida, ha-de collocar em justo equilibrio, n'um curto lapso de tempo, o aprefeiçoamento material, moral e espiritual da humanidade, conforme o grau que no modo de ser eterno das cousas, competir ao estado actual da evolução de homem na terra.

Podem reagir aquelles que por qualquer modo tenham interesse ou amor pelo estacionamento espiritual humano, que essa reacção terá só o merito de accelerar mais a acção benefica e redemptora dos levitas da doutrina renovada.

Ella não parará. Não pode parar, como a terra não pode parar na sua marcha incessante em volta do astro luminoso que a aquece e illumina; não póde parar porque ella representa a semente lançada por Deus e a idea d'Elle proprio.

Não pode parar porque se manifesta em tudo:—na grandesa, na simplicidade, na uncção, na bondade, no perdão, no carinho e no amor que d'ella dimana e de que ella se compõe; nas provas materiaes, visiveis, auditiveis e palpaveis que faculta a todo aquelle que paciente e honestamente a queira estudar, armado da mais rigorosa precisão analytica, ainda que da mais sincera desconfiança.

Uma idea que falla á alma, ao coração, á razão e ao sentimento, e que ao mesmo tempo presta factos em todos os recantos do mundo, que podem subordinar-se á analyse e ao exame mais rigorosamente

scientifico, e á experiencia e verificação do mais rude e do mais simples investigador, é uma idea que ha-de triumphar apesar de tudo; que ha-de impôr se e dominar.

Ha-de ser assim, porque ha-de ser assim. E' fatal, é necessaria. E' imposta pelos acontecimentos, é imposta por Deus. Que importa que uma pretensa sciencia, composta de formulas vãs e de convenções pretenciosas se lhe oppunha? Que importa que a descrença, a ignorancia inerte, ou a ignorancia malevola lhe queira antepôr obstaculos?

Fragilissima opposição, que só terá o merito de lhe fazer realçar o triumpho.

Por negarem que a terra se movia, não a fizeram parar; por dizerem que o mundo era plano não lhe tiraram a esphericidade; por dizerem que o vapor era um brinquedo de creanças não evitaram que elle modificasse o modo de ser das relações mundiaes; por dizerem que a electricidade era um passatempo de laboratorio não impediram que ella revolucionasse a dynamica e que metamorphoseasse o mundo; por ridicularisarem e apodarem o magnetismo, o hypnotismo e a suggestão, não deixaram de ser já outras tantas conquistas delumbrantes e mysteriosas da humanidade.

Todos estes factos são porem de uma utilidade pratica, e a besta humana não hesita em acceital-os, apesar da reacção, porque lhe encontra utilidade immediata, goso e satisfação ás suas ideas egoistas e aos seus commodismos materiaes.

A idea espiritual porém, essa, que só promette gosos para mais tarde áquelles que se privem de muitos para já, essa é que lhes merece mais reluctancia e até horror.

Inventem porém todos os obstaculos que o vasto arsenal da vaidade, do orgulho e do egoismo humano, possa produzir, que cahirão um a um como folhas de arvore secca, ou desfazer se-hão como frocos de espuma batidos contra as rochas que marginam os oceanos.

E' que acima do poder e do querer do homem está a vontade de Deus, que é a Suprema e Unica lei do Univerno inteiro; e o progresso da humanidade, mau grado della, é uma das manifestações mais bellas dessa Suprema vontade.

ALEXANDRE HERCULANO».

UM PHENOMENO DE PREMONIÇÃO

Lê-se na autobiographia de W. Colville um interessante facto premonitorio, que não terá facil e acceitavel interpretação fóra da theoria que admitte a interferencia d'intelligencias extranhas. Esse facto foi publicado na revista *Harbinger of Light*, parecendo-nos que merece ser agora reproduzido. E' assim que W. Colville se exprime:

«Achando-me um dia em S. Francisco da California, tinha tomado o compromisso de fazer uma conferencia no theatro de Los Angeles. Para esse fim tomei um bilhete, ficando ao meu dispôr um beliche

no vapor que devia partir na proxima quinta-feira e tinha de chegar no sabbado, pelo meio dia, a S. Pedro, porto de Los Angeles.

O tempo estava magnifico e os transportes costumavam chegar todos á hora fixa.

Portanto julgava-me eu perfeitamente seguro de que chegaria a Los Angeles, pelo menos com um avanço de 24 horas antes da minha entrada no theatro e de que assim poderia cumprir sem falta a minha palavra. Grande foi por isso a minha surpreza, quando ao atravessar Market Street, ouvi atraz de mim uma voz que dizia nitidamente.

«Troca o teu bilhete; parte no primeiro comboio; o vapor só chegará na segunda-feira».

A principio não prestei attencão a este extranho aviso, limitando-me a perguntar a mim mesmo d'onde é que elle podia provir.

Mas quando elle me foi repetido uma segunda vez, resolvi não desprezar de futuro um conselho que para mim tinha importancia, e acto continuo voltei ao escriptorio onde tinha tomado o bilhete. O que ahi fiz foi trocar o bilhete do vapor por um de caminho de ferro, não obstante a declaração formal do empregado, de que os vapores chegavam constantemente á hora, e de que eu podia estar certo de realisar o meu compromisso, se quizesse fazer a viagem no vapor segundo a minha primeira deliberação.

Depois que eu tinha já em meu poder o bilhete de caminho de ferro, formulei para commigo esta pergunta: «Mas que incidente causará tal demora?» E então muito claramente ouvi a seguinte resposta: «Haverá avaria na machina; d'isso não resultará perigo algum; mas o vapor regressará para reparações e não chegará ao seu destino senão na segunda feira».

Quando no sabbado de manhã cheguei a Los Angeles, os meus amigos extranharam o eu não ter aproveitado o bello tempo que corria, para fazer a viagem por mar, tanto mais que n'essa região os vapores eram muito mais aceiados do que os wagons do caminho de ferro.

Ponderei lhes que tendo de fazer duas conferencias annunciadas para o dia seguinte, me era absolutamente necessario chegar antes do vapor, que ia ter um atraso na travessia.

De facto, passou o sabbado, passou o domingo, e o vapor não chegou.

Já eu tinha realisado as minhas duas conferencias, quando, emfim, se viu chegar o vapor na segunda feira, e soube-se então, que em virtude d'uma ruptura na *helice,* elle fôra forçado a voltar ao porto de partida, e só depois das devidas reparações é que pudéra ter emprehendido a viagem definitiva.»

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«*Ultra*.—Revista theosophica di Roma».

Recebemos o n.º 1.º d'esta excellente revista, correspondente a janeiro do corrente anno.

Em face do exemplar que temos presente, podemos affirmar que esta revista, pelo valor intrinseco dos assumptos e pela forma conscienciosa como os trata, se apresenta optimamente, vindo assim tomar um logar importante no movimento theosophico.

Orgão do Grupo «Roma» da Sociedade Theosophica, o seu intuito não é o lucro, mas a diffusão da doutrina, para beneficio da humanidade, como diz o seu presidente, general Ballatore, n'uma circular de recommendação.

O nosso applauso e agradecimento.

Assignatura por anno, 6 lyras. Direcção e Administração, Via Campo Marzio, 48—Roma.

EXPEDIENTE

Rogamos uma vez mais aos nossos queridos assignantes o favor de participarem á administração dos «Estudos Psychicos», as suas mudanças de domicilio, para evitar a devolução dos numeros, com o que as collecções não ficariam completas.

Essa participação pode ser feita, mesmo em bilhete postal, que será devidamente attendida.

Egualmente rogamos todo o favor dispensado a esta revista, diffundindo-a e arranjando-lhe novas assignaturas, para que entre nós possa preencher a funcção a que se destina.

Todos os paizes da Europa e da America, possuem centros de investigação e publicações especiaes, cumprindo que Portugal vá tambem acompanhando esse movimento renovador e utilissimo.

A redacção e administração dos «Estudos Psychicos», é na rua do Arco do Bandeira, 104, 1.º D.—Lisboa.

N.º 9 FEVEREIRO DE 1907 2.º ANNO

ESTUDOS PSYCHICOS

REVISTA MENSAL DE ANIMISMO
E ESPIRITISMO EXPERIMENTAL

Director—DR. SOUSA COUTO

COLLABORADORES—Os srs. Conde de Rochas, Maxwell, Laurent de Faget, De Reyle, Wolowski, Marzorati, Roso de Luna, Quintin Lopes, Martins Velho, etc.

Escriptorio—Rua do Arco Bandeira, 104, 1.º D. LISBOA

EXTRANHA LOGICA!

O estudo dos phenomenos psychicos é ainda hoje considerado por muitos como tentativa impropria d'uma mentalidade séria.

As mais extraordinarias opiniões se aventam a tal respeito, e muitas vezes não sabemos que mais admirar, se a falta absoluta de conhecimentos especiaes, se a temeridade dos conceitos e a pura infantilidade dos seus fundamentos.

São variadissimas as objecções que commummente costumam oppor-se a este estudo—variedade differenciada na leveza, na ponderação, no valor ou na insignificancia. Por hoje, algumas d'essas opiniões adversas, ao acaso.

Uma das exordiaes impugnações, mais frequentemente empregada, consiste esse dizer, que o proprio facto d'um individuo se occupar de estas investigações, denota uma manifesta fraqueza d'espirito, tal pobreza de juizo que só pode ser uma consequencia hereditaria d'obscuras idades.

Vamos de vagar.

A haver de afogar se no homem o desejo de saber, tinha seguramente de esmagar-se o germen de todo o seu progresso, o irreductivel estimulo de toda a evolução.

Se alguma coisa ha de superior no espirito humano, alteando-o por sobre toda a fauna que o rodea, se alguma coisa de grande e de nobre existe n'elle, é, sem controversia, este insaciado desejo de saber, esta ancia indefectivel do desconhecido, que o tem levado ás mais persistentes luctas e d'onde tem resultado as mais prestimosas descobertas.

Estacionária seria a marcha da sciencia se não fosse perenne este pungir anhelante de descerrar a natureza.

Nas especulações philosophicas, como nos descobrimentos positivos, não tem tido outro instrumento a cultura da nossa intelligencia.

O esforço é a lei, é a energia que dynamisa as nossas faculdades e que valorisa o nosso patrimonio, nos successivos e melhorados estadios d'este caminhar ascencional, que fez do selvagem da edade de pedra o homem civilisado da epoca actual.

Ninguem poderá dizer com inteira justiça, que nullos e de irrito fructo foram os systhemas philosophicos atravez das edades.

E' claro que a verdade não podia residir n'um singular systhema:

a interpretação cosmica não se podia fazer pela concepção d'um homem só; mas todos elles alguma coisa de verdadeiro e de bom deixariam.

Foi com o residuo util d'esses labores mentaes, que se preparou o advento de escolas e doutrinas mais acertadas, de descobertas mais proveitosas, de conhecimentos mais solidos.

N'esta escala ascendente de riqueza intellectual, nenhum dado se póde desprezar, nenhum factor se deve abandonar, que o mesmo seria tirar ao edificio os seus alicerces.

O estimulo de que vimos fallando, acompanha e alenta ainda hoje o espirito humano com o mesmo e por ventura mais intenso vigor, e é d'elle tambem que temos a esperar a continuação da obra, a perfuncção da civilisação planetaria.

Sendo assim, por quê malsinar os esforços desinteressados de tantos investigadores sinceros que põem toda a sua boa vontade na solução d'um problema, a tantos respeitos importantissimo?

Com qne rasão justiceira se busca demonstrar que esse problema é indigno d'uma intelligencia bem equilibrada?

Será pelo valor intrinseco, pelo contheudo invalioso do proprio problema? Será pelos methodos que estão sendo empregados na intertação d'elle?

Facil nos será responder e patentemente verificar, que nem um nem outro flanco se prestam a vantajoso ataque: nem o problema deixa de ser grande, empolgante, saluberrimo, nem os methodos empregados são outros que não sejam os severamente recommendados nas mais acuradas investigações scientificas.

O primeiro asserto impõe-se por si mesmo. O estudo da natureza tem sido a preoccupação constante da intelligencia; conhecer a estructura das coisas, a sua composição, a sua utilidade, as leis que regem os phenomenos sob o aspecto chimico, physico, psycologico, cosmico, eis o grande thema de locubrações.

Inde, conhecer-se a si mesmo, resolver a incognita do seu destino. E tanto tem sido este o acerbo espinho, mordendo a consciencia quasi universal, que em todos os tempos, pensadores, philosophos e messias têm deixado indeleveis testemunhos do seu empenho na descoberta da verdade.

Os negadores e indifferentes hão apenas constituido uma apoucada minoria.

Indifferentes? . . . Estamos convencidos de que no imprescutavel fundo do mesmo negador não ha, não pode haver, supina indifferença perante tão momentosa questão.

Quanto aos methodos actualmente empregados, egual insufficiencia logica encontramos para a ceva d'uma critica ponderada.

Comprehende-se sem esforço, que se nas investigações psychicas dos nossos dias se usassem os mesmos methodos outr'ora empregados, exclusivos, estereis, nenhuma luz nova era de esperar, nem applauso podiam ter os que vãmente se empenhassem em constituir noções exactas sobre deducções precarias ou especulações indemonstradas.

Mas actualmente o campo pisa-se com segurança e com instrumentos de precisão.

O methodo empregado no estudo dos phenomenos psychicos é o mesmo das sciencias naturaes: é o methodo experimental. Os seus instrumentos são os mesmos de laboratorio — a balança, o dynamometro, a chapa photographica, etc.

Seria loucura querer impôr uma verdade que não fosse pesquizada pela experiencia e que não fosse authenticada pelos meios auxiliares, e necessarios á demonstração incontroversa do facto.

O facto, eis o ponto d'appoio dos actuaes conhecimentos psychicos.

Quem despreza este estudo, despreza os factos, despreza a base inamobivel de toda a sciencia, a pedra angular de toda a verdade.

E são os factos que se buscam, são as provas irreductiveis que se accumulam, são estes documentos inatacaveis que se exhibem.

Quem procura factos, procura a certeza.

Fóra do facto, fóra do phenomeno, é que não ha mais do que phantasia, mais do que especulação.

Em summa, desconceituar um estudo que tão bem secundado se apresenta, que tão denodadamente sonda a phenomenalidade e n'ella fundamenta as suas acquisições, é desconceituar a mais segura base, a base unica do saber humano.

Experimentemos, estudemos sempre. Nenhum estudo é indigno do nosso intellecto.

Não o julgaes assim, indolentes negadores?

Extranha logica!

SOUZA COUTO.

PHENOMENOS DE MATERIALISAÇÃO

(Conferencia feita na Alliança Espiritualista, de Londres, por M.me d'Espérance)

VII e ultimo

NEPENTHES PHOTOGRAPHADA

No decorrer de nossas sessões fizeram-se experiencias de differentes generos, e entre ellas, o ensaio de photographia de fórmas materialisadas.

Procuramos explicar ao espirito «Nepenthes» o nosso methodo, mas sem apparencia de successo. Comtudo ella comprehendia a operação e tomava interesse por ella. Emfim decidiu-se a deixar tirar-lhe o retrato e eis a descripção que d'esta experiencia faz o auctor de «Harper i Luften»:

«Pedimos-lhe para se conservar muito quieta ao lado do medium durante dois minutos, pois a luz ordinaria não era bastante viva para que uma demora de menos tempo podésse dar o resultado desejado. Com a luz anteriormente utilisada, tinhamol-a achado d'uma pallidez mortal, fazendo-nos o seu rosto parado lembrar antes uma mascara de cêra do que d'uma creatura viva.

Em compensação agora, com o emprego da luz usada em photographia, os traços sahiam perfeitamente; eram sem duvida os mesmos que tinhamos visto precedentemente, mas cheios de vida e de mocidade. Era uma beldade verdadeiramente celeste. A pelle era d'um moreno levemente dourado; os olhos, grandes e sombrios, irradiavam intelligencia e pareciam triumphantes. A estatura era direita, alta e elegante. As dobras do seu vestido tinham a apparencia d'um tecido de raios de luar, e os seus negros cabellos luzidios, coroados d'um resplendente diadema davam lhe um realce d'imagem, que todos nós, quem quer que fossemos—advogados de cabeça obstinada, philosophos ou doutores não poderemos jámais esquecer.

O medium voltou-se na cadeira, examinou attentamente a apparição, como nós mesmo faziamos, e disse, com uma voz que apenas se ouvia, mas de que todos os assistentes se fizeram écco: «Que admiravel belleza!»

Durante todo o tempo em que a luz brilhou com toda a sua claridade, «Nepenthes» conservou-se junto ao medium; mas quando a luz diminuiu, encaminhou-se para nós passeando, ou melhor, fluctuando para um e outro lado, saudando-nos, já com a mão, já com acenos da sua cabeça encantadora.

Depois parou no meio do grupo, tendo ligeiramente inclinada a cabeça, onde brilhava o maravilhoso diadema.

Em alguns minutos, sem o menor ruido, a celeste «Nepenthes», tão bella, animada, cheia de vida e de intelligencia, não era mais que uma pequena nuvem luminosa, do tamanho d'uma cabeça humana, sobre a qual se via ainda o diadema radioso.

A breve trecho, desapparecia tambem esta mesma claridade e assim findava o espectaculo. Por quanto diz respeito a «Nepenthes», podiamos represental-o como se tivessemos sido embalados n'um sonho.

A's vezes, quando voltamos a fallar d'estes extranhos successos com as outras pessoas que d'elles foram testemunhas, pergunto a mim mesma se não fomos hypnotisadas no decorrer d'estas doze noites magicas.

Mas não; ficaram-nos provas demonstrando incontestavelmente que a hallucinação não teve que vêr com estas maravilhas: esta mão direita superiormente moldada, cuja reproducção possuem alguns d'entre nós e o fragmento d'escripta em grego antigo, que devidamente encaixilhado está suspenso no gabinete de trabalho d'um professor assistente, que o considera como o objecto mais precioso que possue.

O relato do proprio medium sobre as suas experiencias pessoaes, e que está junto á acta lavrada após a sessão, é assim concebido: «Nepenthes» parece-me ter menos similhança com um ser humano commum, do que qualquer outro Espirito materialisado que tenho visto, salvo o que respeita ao porte e ao rosto; e tambem quanto a este ponto, ella é bem mais bella e mais graciosa.

Nunca vi nada semelhante. Tenho o sentimento de ter pouco ou nenhum direito de propriedade sobre Nepenthes: julgo que não posso attribuil-a a mim, nem material nem mentalmente. E' absolutamente

independente de mim mesma, e por mim sente bem menos interesse que por muitos dos outros. Quando lhe offereci a mão para a acompanhar á sala proxima, que estava mais illuminada,hesitou um instante, depois acceitou, mas de tal modo que pensei que só o faria para não susceptibilisar o meu amor proprio. Creio que ella quereria entes ser acompanhada por outro assistente-

A sua mão era fresca, macia e pequena, parecia uma mão humana. Dir-se-hia que deslisava e não que andava. Os seus movimentos traziam-me á idéa os dos patinadores. As minhas sensações especiaes para com ella apenas eram de admiração e curiosidade; por ventura os joelhos sentiam alguma fraqueza quando eu marchava, mas não tinha difficuldade alguma nos movimentos, como frequentemente succedia durante outras sessões. Quando nos approximámos da porta da sala mais illuminada, Nepenthes hesitou e recuou, emquanto que eu fiquei immovel.

Depois avançou e recuou uma segunda vez, e antes que eu podésse dar um passo na mesma direcção, tinha desapparecido atraz das cortinas do gabinete. Eu não sentira a sua mão desprender-se da minha. Recordo-me de lhe ter apertado instinctivamente a mão com mais força, quando recuou da primeira vez, porém não tenho idéa de que ella buscasse retiral-a.

Nenhuma mudança notei no seu rosto. A minha intenção era unicamente conduzil-a á sala illuminada, e a mim mesmo perguntava o que iria d'aqui resultar. A sua retirada foi para mim uma surpreza».

Foi assim que terminou esta série d'experiencias, as mais interessantes de todas aquellas a que eu tive a boa fortuna de assistir. Eram o remate de muitos annos de trabalho e d'estudo que as tinham precedido, e foram para mim uma feliz recompensa. O seu influxo, á similhança dos effeitos da pedra lançada na superficie d'um lago, se diffundiu em circulos successivamente maiores.

Pódem observar-se os resultados consequentes na litteratura d'estes ultimos annos, em que muitas vezes se tem fallado de «Nepenthes», assim como dos quadros de um ou dois pintores famosos que no assumpto se inspiraram.

Desde então tenho assistido a um grande numero de sessões; varios relatos teem sido muitas vezes publicados. Nenhuma d'estas sessões se approxima ou póde ser comparada áquella.

Deve attribuir-se este resultado ao cuidado havido na escolha dos *assistentes,* ás precauções que foram tomadas, e ao interesse sincero e unanime com que concorriam a estes trabalhos, ao qual qualquer outro interesse devia estar subordinado.

Penso, finalmente, que a causa principal de nosso successo tem sua origem na perfeita confiança e inteira boa fé, mantidas e estabelecidas entre os assistentes e o medium.

E. d'Espérance».

ALGUMAS SESSÕES COM O MEDIUM MILLER

V

D'um modo geral, é certo que seja o medium quem for, é preferivel, sob o ponto de vista scientifico, assegurarmo-nos, quando é possivel, por uma revista minuciosa á pessoa e vestidos do medium, de que nenhum accessorio traz com elle (mousselina, ou tecidos leves, mascara, arames, materia luminosa, etc., etc.), por meio dos quaes poderia desfarçar-se ou simular uma apparição.

Em segundo logar é urgente, que na assistencia não tenha nenhum auxiliar.

Emfim tanto quanto é compativel com as condições da experiencia, é muito para desejar que haja bastante luz para os assistentes poderem mutuamente fiscalisar-se e para que seja possivel distinguir nitidamente os phenomenos que se produzem.

Examinemos summariamente cada um d'estes pontos.

Nas sessões realisadas com Miller, salvo na terceira, nenhuma inspecção se fez ao medium, o que é para lamentar; mas já expliquei que n'aquellas circumstancias, não se podia proceder d'outra forma. Vêr-se-ha no correr d'esta discussão, que nenhuma rasão séria tenho para contestar a realidade das manifestações, sendo todavia obrigado a reconhecer que na unica sessão em que se fez a revista ao medium, algumas circumtancias concorreram a diminuir o valor d'esta medida de precaução.

Primeiramente foi o medium que escolheu, d'improviso, o dia em que este exame se fez. Depois, já mostrei que depois de revistado, o medium se encontrou a uma luz bastante fraca, ao lado do seu empregado, para dar nova collocação ás pessoas assentadas. Não observei nenhum movimento suspeito do medium ou do seu empregado, e tambem ninguem notou que entregassem quaesquer objectos, sendo certo que esta proximidade foi uma circumstancia desgotante, acrescendo que antes do fim da sessão foi pedida obscuridade absoluta.

Para os que querem vêr a fraude em tudo, é evidente que um medium, habil em prestidigitação, poderia receber de seu cumplice um certo numero de pequenos pacotes contendo todos os objectos necessarios ao disfarce, empregal-os durante a sessão e restituil-os depois durante a obscuridade, passando-lh'os por cima da cabeça dos assistentes formando a cadeia. Tem-se visto executar maiores difficuldades do que estas. Porem a questão é saber com que fim Miller se entregaria a taes fraudes.

Não é para ganhar dinheiro, pois se recusa a dar sessões pagas, nem quiz acceitar 5oo francos que lhe offereci a titulo de lembrança. Não é tambem por causa de celebridade, pois evitava os reporters e só cedeu ás minhas istancias reiteradas. A sua reputação está feita na America desde ha 15 annos e nem seria acrescida pela referencia d'algumas sessões dadas em Paris com espiritas. Assim não descubro o mobil que poderia ter levado Miller a uma simulação que o exporia sem proveito algum á deshonra, se tal se descobrisse. Dito isto, vou continuar as minhas considerações.

Li n'um relato que o medium escolhia as pessoas que deviam ficar ao pé d'elle ou na outra extremidade da cadeia, junto ao gabinete.

A verdade obriga-me a dizer que assim não foi, pois fui eu que em todas as sessões lhe pedi para ficar junto d'elle e para ficarem determinadas senhoras na outra extremidade da cadeia. Respondo absolutamente pela inteira probidade d'estas senhoras, tendo a certeza de que não havia cumplices entre os convidados, que, salvo dois, eram meus conhecidos e extranhos ao medium.

Tendo conhecimento do relato das sessões com Miller, publicado no anno ultimo por Wan der Naillen na *Revista Espirita*, julguei que as apparições que se manifestavam com elle podiam supportar uma luz intensa. Talvez que assim fosse em S. Francisco, mas em Paris a luz foi sempre manifestamente insufficiente, pois me não foi possivel, mesmo de perto, vêr os rostos das formas que sahiam do gabinete. De mais, á distancia de tres cadeiras, era-me muito difficil distinguir a cara das pessoas que formavam o circulo. E' certo que esse facto constitue uma circumstancia a lamentar, pois se sabe quanto uma fraca claridade favorece as illusões e torna difficil a apreciação exacta das figuras. Juntemos a isto os cantos e a conversação que se devia manter, e ter-se-ha a enumeração d'algumas das criticas, que é possivel fazer sobre as condições em que a fiscalisação se pôde exercer.

As apparições

Pelo que respeita ás formas que se mostraram, duas grandes divisões se pódem fazer: as que se produziram emquanto o medium estava com os assistentes e as que tiveram logar quando elle estava no gabinete. Examinemos primeiramente aquellas.

Pareceria que a presença do medium sentado ao meu lado na sala, devia offerecer uma garantia sufficiente da sinceridade do phenomeno. Mas não foi assim, porque um critico emitte—sob a forma d'hypothese, é certo—a possibilidade do medium fraudar pelo modo seguinte: (1)

«Durante todas estas apparições, Miller estava assentado na sala. A sua presença não offerece sombra de duvida. E não estava em transe, muitas vezes tomava parte na conversação; a sua figura era mesmo vista por alguns experimentadores; M. Delanne declarava de vez em quando tel o ao pé de si e tocar-lhe o braço esquerdo.

Mas as cortinas estavam distantes apenas meio metro do seu hombro direito. Em taes condições é permittido perguntar se Miller não repetiria o *truc* conhecido de que varios mediums foram accusados e alguns convencidos, isto é, se tendo o braço direito livre, não poderia tirar do bolso mousselina branca, suspensa por uma armação ou outros meios, que na obscuridade quasi completa, bastaria a constituir estas formas esbranquiçadas.

Cumpre todavia reconhecer que um tal manejo teria difficilmente

(1) De Vesne. *Annales des Sciences Psychiques;* 1906, pag. 506.

podido sempre escapar á attenção de M. Delanne, que era o unico observador collocado em posição de fiscalisar *por ventura* os movimentos do seu visinho.

Além d'isso, qualquer coisa como um nucleo branco appareceu n'um certo ponto ao cimo das cortinas, certamente fóra do alcance da mão do medium, estando assentado e não tendo uma vara para tal fim. E durante este phenomeno, uma senhora sentada á esquerda de M. Delanne, diz ter segurado as mãos do medium, as quaes sentia perfeitamente nas suas.

Tudo isto infelizmente se passou bastante depressa e confusamente, o que me faz confessar não poder apresentar este ultimo phenomeno como d'uma authencidade innegavel».

M. de Vesme falla como d'uma coisa muito conhecida, da fraude que certos mediums teriam empregado estando com os assistentes para simular com o braço direito as apparições no gabinete. Declaro que apesar de 20 annos d'estudos sobre este assumpto, é a primeira vez que ouço fallar d'esta fraude, e pelo menos que eu saiba nenhum medium celebre foi arguido por usar de este estratagema especial.

Examinemos se póde sustentar-se tal hypothese.

Pergunto como um medium sentado ao meu lado e conservando durante este tempo uma immobilidade quasi completa, pois que nunca se levantou, nunca o vi inclinar-se para o gabinete—teria podido produzir estes effeitos.

Sem duvida a luz era bastante fraca para me permittir fiscalisar bem a sua mão direita com segurança, mas para simular as apparições entre as cortinas, seria preciso realisar uma serie d'operações muito difficeis de executar sem eu dar por isso. E' preciso lembrar que um panno branco se distinguia bem, mesmo para as pessoas sentadas em frente do gabinete, na extremidade da sala, como verifiquei pondo um lenço branco sobre os joelhos.

Por isso se Miller tirasse do bolso ou do peito pacotes de mousselina, seriam elles visiveis, a menos de serem pequenissimos para poderem dissimular-se na mão, supposição pouco provavel, dadas as dimensões das apparições, e se estivessem envolvidos em panno preto furtar-se-iam á vista, mas seria preciso desembrulhal-os atraz das cortinas, fazer desapparecer o envolucro, coisas bem difficeis de realisar com uma só mão.

De mais, em certos casos, eram verdadeiras formas que se apresentavam. Algumas avançavam e sustentavam d'ambos os lados as cortinas, como se com as duas mãos as retivessem. Estando o medium sentado e immovel, quem teria podido produzir artificialmente esta serie de cousas? Para dar o relevo d'um corpo, é preciso que o panno branco seja appoiado n'uma carcassa; d'onde a teria tirado o medium e como poderia estabelecel a no gabinete com uma só mão, sem mexer e sem auxilio de luz? Tudo isto me parece bem arriscado como supposição, tanto mais que é preciso complicar nossas hypotheses com a intervenção d'uma vara, munida d'um gancho, para fazer comprehender como, estando o medium sentado, podiam apparecer formas luminosas por cima das cortinas.

Póde imaginar-se uma especie de canna de pesca, cujas partes se adaptem umas ás outras, de modo a occupar um pequeno volume quando as peças estão concentradas, porem uma difficuldade mais vem juntar-se ás outras, quando se pensa na quasi impossibilidade de adaptar um manequim á extremidade d'uma haste, atraz das cortinas, com uma só mão e sem fazer movimentos apparentes. Como estender esta haste e dar-lhe o cumprimento desejado? Que succederia ao manequim durante esta operação; estando elle em terra, como encontral-o?

Dir-se-ha que o panno representando a apparição era simplesmente pregado ás cortinas, pela parte interior, o que supprime o mecanismo. Responderei que tal não é possivel para certas formas que tinham a estatura humana, isto é, excediam muito a altura de nossas cabeças quando estavamos sentados, e n'este caso o medium não poderia conservando se immovel, dar lhes o relevo necessario, nem fazel-as avançar.

Se bem se reflectir, notar-se-ha logo, que todas estas operações, faceis de imaginar escrevendo, são por assim dizer, impraticaveis na realidade.

Alguma coisa me parece decisivo a este respeito. É que se quer á força que uma pessoa, extraordinariamente habil, possa realisar estas operações com um gabinete formado de pannos descosidos, em cuja abertura o braço se possa introduzir, o facto torna-se impossivel se a parede do gabinete é d'uma só peça, sem aberturas. Ora assim foi em casa de M. Letort, e comtudo vimos na primeira parte da sessão, apparecerem entre as cortinas as mesmas formas brancas, que se apresentaram nas sessões anteriores. Emfim, uma ultima observação importante, é que seria preciso bastante tempo para executar estas diversas manobras, ao passo que nas tres sessões de bons resultados, apenas se passavam dois ou tres minutos depois que nos sentavamos até apparecer a primeira fórma. E tão verdadeiro é o facto, que em casa de M. Letort, eu fiquei surprehendido pela rapidez com que se mostraram as primeiras apparições e assim o manifestei em voz alta, pois que vinha de assistir na provincia a outras sessões em que os phenomenos só se produziam ao fim d'um quarto de hora, e até mais, estando aliás Miller no gabinete. Em fim, seria necessario que o medium recolhesse a si todo este apparato antes da 2.ª parte, porque sempre pedia que se inspeccionasse o gabinete antes de ahi entrar.

Para quem quizesse fraudar seria em verdade multiplicar imprudentemente as occasiões de poder ser descoberto.

(Continúa). GABRIEL DELANNE.

O CASO «FERNANDO DE LACERDA»

Publicamos ainda n'este numero mais tres communicações medianimicas escriptas pelo sr. Fernando de Lacerda e firmadas por personalidades differentes.

Poderiamos ter escolhido entre os escriptos de origem similar outros especimens de mais riqueza d'estylo ou de marcada individualidade, mas limitamo-nos a determinadas manifestações, propositadamente apartadas entre muitas outras, para nos servirem ao estudo critico, que no numero seguinte iniciaremos.

Cumpre desde já dizer, que a publicação d'estes escriptos não envolve sombra de desrespeito aos nomes que os firmam. Quem tal julgasse ajuizava mal e torturava-se na preversidade de malevolente ignorancia. Trata-se d'um caso que friamente devemos estudar, á face dos actuaes conhecimentos scientificos e da materia de facto analogo, que possa vir em auxilio interpretativo.

«11 de Janeiro de 1907»

«Não sei que mysteriosa attracção me conduz a ti para vir olhar ainda para a terra. Gosto proprio não é; assim como te não posso agradecer a gentilesa da recordação. Não sendo pois por expontaneidade nem por convite teu, acho-me surpreso para explicar esta singular força que me impelle a ti e acciona extranhamente o meu desejo para vir enfileirar-me entre a já notavel cohorte dos meus companheiros de ultra-tumba que se querem manifestar por ti, dando ao mundo signal da sua vida, e desmentido á sua morte.

Seja como fôr, o caso é que sou eu a quem cabe n'este momento o logar de fóco, e procurarei desempenhar-me dessa obrigação conforme o emperramento do meu engenho me fizer mercê.

Não fui surprehendido com o encontrar-me vivo e são depois da minha morte ahi. A minha intelligencia tinha orientado a minha fé, e sentia bem viva na minha consciencia a crença em Deus e na immortalidade da alma. Não tinha grande merito n'isso, porque era sem exforço e sem lucta que eu assim cria. A minha constante admiração pela Natureza e pelo Universo levaram-me naturalmente a acreditar em Deus, como um regato conduzirá quem por junto d'elle suba até onde está a sua nascente. O regato não correrá sem nascente; a Natureza não existiria sem auctor. O Auctor define-se por Deus, logo era em Deus que eu cria. Isto era logicamente sem complicações philosophicas nem preoccupações metaphysicas.

O meu estudo de homem a quem Deus distribuiu regular quinhão de intelligencia levou-me a admirar o homem na sua evolução atravez o tempo.

Encontrando o homem como no momento actual se manifesta, sem curar saber o seu passado nem de prever o seu futuro, olhando para elle como se olha para uma estatua de pedra, talvez se ache natural que elle á estatua de pedra se assemelhe, e que não contenha em si mais do que uns litros de sangue que lhe enchem as veias, e uns

graus de calor natural que lhe conservam a fluidez desse sangue, e que o calor desapparecerá um dia por falta não sei de que combustivel, e que com o arrefecimento do sangue tudo terminará nessa maravilhosa machina de complicada estructura.

Quem alongar porém a sua vista pelo tempo alem e vá encontrar o homem nas primitivas eras, coevo do silex e de mamouth, vivendo nas brenhas e nas cavernas, irmanando com as feras, e vivendo na promiscuidade dos seres, e o acompanhe no seu evolucionar lento, moroso mas seguro e progressivo, até ao momento actual, ha-de comprehender sem exforço, que na entidade humana ha um laço especial e mysterioso que a prende eternamente; um quid que escapa á analyse tactea ou vizual, mas que é incontestavel para a analyse da rasão e da reflexão. O homem sem esse traço de ligação entre o seu passado e hoje seria uma cousa inconcebivel.

Ora esse traço tinha para mim que era a alma.

Não sabia bem como; mas havia muita cousa que eu não sabia como era feita e que existia.

Eu proprio era uma cousa que ninguem sabia explicar como se achava feita, nem por que singular transformação havia sido encaminhada desde que findou o periodo gestatorio no ventre de minha mãe, até ao momento em que, curvado e velho, a cabeça cheia de brancas e o coração quente de fé, me acercava da sepultura; e entretanto ninguem podia negar a minha existencia.

Depois da minha passagem é que comprehendi: — o laço era realmente a alma, e o progresso humano fazia-se á custa das reincarnações.

Em cada reincarnação se conseguia certo cabedal de saber que acompanhava o espirito no seu caminhar pela eternidade fóra, e que ia deixando o seu rasto assignalado no mundo. Cada espirito contribuia com um atomo de esforço; e esses atomos espalhados no ambiente moral das sociedades e dos tempos, concretisavam-se ás vezes em manifestações subitas de arte, de sciencia ou de guerra. Outras vezes vinham-se empregando suavemente, sem attricto e sem ruido, não deixando por isto de ser tanto ou mais efficazes do que aquellas subitas explosões. No primeiro caso era o irrompimento quasi instantaneo de um grande clarão de luz, por largo espaço vedado; no segundo era a distribuição regrada da luz diffusa e morna.

Se a alma humana não existisse como laço ininterrupto entre o homem primitivo da terra e o homem actual, e como canhenho immutavel onde se assignalassem as parcellas de saber e de prefectibilidade atravez as idades, nós seriamos fatalmente hoje o que eramos quando apparecemos sobre o globo.

Tudo quanto eu sabia e quanto advinhava, me davam a certesa de que existia a alma; portanto não tive surpresa ao encontrar-me aqui, na vida onde me volvi depois da sahida da terra.

Nessa nossa passagem fragmentam-se todas as theorias philosophicas que tantos annos e tantos exforços de imaginação consomem para se engendrarem. Tudo se parte, tudo cahe. O homem na sua monomania de engrandecer-se, procura de quando em vez inventar

theorias, descobrir leis, architectar systhemas que se destroem uns aos outros, na gloria vã de se supporem mais prefeitos e racionaes.

Todas essas leis, theorias e systhemas, filhos da vaidade, productos da fragilidade humana e da pretenção prophetica e vidente, teem a duração ephemera dos castellos de areia movediça. Estavel, duradouro, eterno, só aquillo que pretendem destruir: — o sentimento que chamarei religioso, que impelle todo o homem a admirar e a amar alguma cousa de maior do que elle, de mais imponderavel e de mais grandioso.

Tem sido esse sentimento a base de todas as seitas e de todas as religiões; impéra tanto no crente e no sabio civilisado, como no selvagem primitivo. E' ainda elle que obriga o pretencioso e o orgulhoso, que não crêem em Deus por ser velharia em que sempre se tem crido, a buscar aquellas leis e theorias fóra da razão universal para pelo deslumbramento da novidade e do exoticismo, criar proselytos e conseguir adhesões, na mira de com essas cousas novas e raras prehencher a necessidade nutural que todo o ente humano sente de admirar e adorar alguma cousa superior.

Como os selvagens fazem manipanços e amuletos elles fazem doutrinas e philosophias; mas todas estas cousas feitas de palavras ôcas esboroam-se e precipitam-se ante a morte terrena e na sua passagem á vida universal.

São estes que passam a vida a querer adormecer o seu sentimento natural de crença, a recordação vaga das suas vidas anteriores, que se surprehendem e apavoram ante o espectaculo novo que lhes depara o correr do panno desta maravilhosa scena. Reconhecem então a fragilidade de tudo que fizeram, e lamentam-se e soffrem do tempo perdido em fazerem mal ou em não produzirem nada.

O muito saber, como a muita luz, deslumbra, e cega por vezes.

J. M. Latino Coelho.»

«12] de janeiro de 1907»

«Aqui nada nos passa desapercebido; e portanto não podia furtar-se a essa lei o convite por duas vezes já feito á minha manifestação.

Parece que é sobre leis que me quereriam ouvir, visto eu ter sido homem de leis, e de leis ser quem me solicitou opinião. Pois apezar disso não tratarei as leis terrenas. Isso aqui tem tanto valor como um punhado de cascas d'alhos para um festim real; e bem farto fiquei dellas ahi para que ainda depois de me ter visto liberto de tão terrivel pesadelo, volte a buscal-o voluntariamente.

Quero dar conta de mim, mas para mais uma vez dizer o que pensei nos ultimos tempos da minha estada nesse infecto planeta: — que isto de leis e justiça são a consagração social do bandoleirismo e da desigualdade.

Apresenta-se a justiça com a mascara ferrea da igualdade e da incorruptibilidade, mas não ha quem viva nella, com ella e por ella que

não saiba que a sua mascara representa um mendigo mascarado de rei em uma cegada carnavalesca.

O estudo das leis equivale ao estudo das pick-pockets inglezes para o furto. E' cada qual apurar a sua argucia, a sua intelligencia, a sua maneira, para melhor poder provar que o branco é preto e o preto é branco, e que onde está o A devia estar o Z do abecedario e onde está o Z devia estar o A. Quem não tiver consciencia nem bojo para fazer e dizer isso, morre de fome e passa por uma nullidade despresivel.

Os meus principaes triumphos, os principaes louros por mim conquistados que aureolaram o meu nome, raro representaram o triumpho da justiça. E é tão porco o ambiente que respiramos no convivio dos delinquentes, dos pulvorolentos infolios, dos sujos calhamaços de processos patifes, que inevitavelmente nos corrompemos, obliterando em nós a noção da justiça.

E' vulgar por isso todo o nosso empenho, todo o nosso mais feroz encarniçamento em procurar a absolvição de um patifão confesso e reconhecido, creatura que nem do nosso desprezo chega a ser digna; e quando o conseguimos, marcamos esse acto condemnavel sob o ponto de honestidade e justiça absoluta, como um remarcado triumpho da nossa carreira.

Não nos ensoberba nem nos vangloria levarmos a justiça á rectidão de fazer justiça; o que nos envaidece é torcer as leis, subjugar os jurys, enredarmos os juizes, esmagarmos os nossos collegas, e ás vezes nossos amigos, com o poder da nossa argucia, da nossa eloquencia, e por vezes da nossa rabulice, afastando da vista de todos o que sob essa vista está, e fazendo-os ver só aquillo que queremos fazer ver.

Será uma pouca vergonha? E'; mas é o que a sociedade quer.

Ella quando enverga o seu sujo traje de matrona e de puritana, finge desapprovar esse modo de ser da justiça humana; mas habitualmente, só enaltece aquelles que conseguem distinguir-se nesses processos de bandoleirismo legal.

Isso ahi já me enojava, mas não podia deixar de viver disso. Era o habito, era o vicio, a paixão. Era a minha vida. Creio que os moços da limpeza municipal, nas suas horas de limpeza individual se enojarão de carregar e encher todos os detrictos da materia podre; mas é a sua vida.

Os advogados são os moços da limpeza social.

Carregam e limpam toda a porcaria moral.

São elles que veem o fundo da alma humana na terra, são elles que veem, sem poderem medir, os fundos e pavorosos abysmos, negros e infectos, de muita consciencia com que teem que lidar, e como os pobres varredores municipaes veem o fundo nauseabundo dos barris do lixo; e comquanto lhes repugne o aspecto e o fedor, não podem alhear-se disso, porque é a sua vida.

A lei e a justiça, que deviam vestir de branco como a virgem na primeira communhão, que deviam ser como a mulher de Cesar, é isto que se vê.

E quem ha de endireitar o carroção social, por modo que cada cousa se posesse em seu logar?

Ninguem. Não o endireitou Christo, e ninguem o endireitará. E' assim porque tem de ser assim. Creio que o mundo tal qual é, representa os antigos juizos de Deus: — quem estava innocente, podia pôr os pés nús sobre ferro candente, ou beijar um crucifixo em braza, que se não queimaria, segundo era crença.

O mundo é um lameiro onde as almas são arremeçadas: — quem fôr justo e puro salie d'elle niveo e limpo como um archanjo. A lama não o sujará; mas quem não tiver em si a sufficiente dose de bondade e de justiça pura, sahirá escorrendo lodo e fedendo a pus.

E não ha cousa peior na terra, senhores, do que a justiça injusta.

Viva Deus, porém que ainda encontrei justiça justa, tambem; mas essa era timida, escondida, como que envergonhada da sua pureza e não fazia carreira. Vejetava, desamparada e pobre como enteada de madrasta ruim. E todos vós a conheceis.

Manifesta-se na toga russa do juiz, nas botas cambadas do escrivão, na habitação modesta, nos calotes ao tendeiro e ao alfayate de todas as creaturas que servem o templo da justiça, desde o beleguim honesto, até ao conselheiro honesto do Supremo.

Caracteres de tempera rija, consciencia impoluta, juizo são, culto venerando pela verdade. Podem errar porque a sua visão os atraiçoou, a sua intelligencia claudicou, a sua sciencia não chegou á apreciação plena da justiça; mas fazem n'o crentes de que serviram a Deus e á justiça, e vão de consciencia serena e tranquilla comer as sopas magras e dormir o somno dos justos e innocentes.

Quem os não conhece? Quem os não aponta?

Os outros, os voluntarios da justiça, os servitas da lei, advogados e procuradores, tambêm ha d'isso, tambem os ha. Ha até muitos que são honestos dentro da sua deshonestidade. Mas ai daquelles que só acceitem causas justas e que só pleiteem pela verdade santa!

Morrem de fome, e teem que concluir por vender os seus codigos aos alfarrabistas e vir procurar vida nova. Não lhes appareciam clientes; um cliente em regra geral, tem só a noção de que a justiça é aquillo qne elle deseja; e se um advogado lhe põem em duvida essa justiça, o menos que lhe succede, alem de lhe não entregar a causa, é chamar-lhe estupido. E' de todos os dias. Toda a gente sabe que é assim; e sendo-o, como o é em verdade, quem não ha de buscar nas torcedelas dos artigos e paragraphos da babilonica collecção de leis de qualquer paiz, as tangentes por onde se faça valer a justiça que cada qual julgue possuir?

E' um officio como o de deitar tombas ou fazer pucaros de barro. Ora sendo a justiça um officio, de que os instrumentos são os codigos e leis, como ha de ser servida com rectidão?

Quem pode crer a justiça na justiça, senão esporadicamente, como amostra da fazenda para lhe conservar o nome?

E queriam que eu fallasse de leis...

Aqui teem. Fallei sem querer.

E' que eu reputaria a maxima covardia da minha consciencia

se na primeira vez que, depois de dahi ter vindo, posso escancarar a minha janella sobre esse atoleiro, não berrasse a plenos pulmões o que penso de tudo isso, agora que presumo ver de alto e mais claro.

E eu, que sempre soube dizer o que pensava e queria mesmo quando as conveniencias e as amisades exigiam o contrario, não podia deixar de o fazer, quando não ha sentimento nenhum no meu ser que me não impilla a fazel-o.

E' a verdade, é o remorso e a justiça, que me obrigam a dizer, que isso de leis e de justiça na terra, é, em regra geral o que ha de mais immoral, illegal e injusto, sob o ponto de vista da moralidade, da legalidade e de justiça absolutas, como depois da morte, as vimos encontrar na esplendorosa irradiação da vontade de Deus.

Aos que amem e praticam a justiça na terra, como em justiça deve ser, saudo-os.

Aos que a mercadejam, offendem e prostituem, desprezo-os;—como me desprezo a mim proprio por todas as vezes que o fiz—se algumas o fiz conscientemente.

EDUARDO ALVES DE SÁ.»

«MEU AMADO AMIGO:

«Não ha na terra cousa que te mereça a mais ligeira apoquentação. Deixa que Deus guie o teu barco, que elle chegará a pôrto e salvamento.

Póde, em determinados momentos, elle singrar mais a um ou a outro lado; guinar de prôa ou metter a popa debaixo d'agua; rebentar um gurupés, quebrar-se um mastro ou mastareu, romper-se a bujarrona, ou fugir algum velacho com o vento; mas tudo isso são accidentes na viagem que servirão só para te fazer vibrar a alma em emoções extranhas que, quando em terra firme e no convivio adorado dos teus amigos, contarás, feliz, como recordações de um agridoce adoravel.

Costuma se dizer que o tempo tem a propriedade de até nos fazer ter saudades das dôres passadas.

Pois, meu querido amigo, ao terminar a tua viagem pelo mar tenebroso da vida, quando dobrares o Cabo da Boa Esperança da morte, terás, senão saudades, pelo menos agradaveis recordações das vagas alterosas sobre que a quilha do teu batel passou, que se o fizeram gemer e adornar, tambem a impelliram mais violentamente para a India da perfectibilidade.

Navegas muitas vezes sob a temporal desfeito; e o teu peito habituado á lucta com os elementos, treme e por vezes apavora-se, mas crê, crê, meu querido amigo, que o piloto do teu barco veste de branco e illumina o mundo com a luz que irradiou do seu divino cerebro; e o armador do teu navio tem-no seguro na sua soberana vontade e não o deixará perder.

Podes encontrar grossa borrasca, nevoeiros cerrados, cerração densa; mas não receis que vás dar sobre recifes, nem vás quebrar o barco sobre os cachopos da margem, nem varal-o na praia, pois a tempo opportuno se fará ao largo, mudando de rota a tempo de se livrar da rascada.

Bem sei que poucos são os dias em que encontras calmaria pela prôa, e muito menos aquelles em que navegas com vento de feição; mas sempre que possas põe-te de capa, ou navega á bolina, e dá cordel ao barco sem receio.

Essas poucas occasiões de descanço na tempestade servirão para refazeres a tripulação, para tomares mantimentos ou fazeres aguada.

Tu, como capitão de barco, não descanças porém.

Vigia tudo. Examina escotilhas, cabos, mastros, velame, machinismo e tudo que na hora propria te será preciso. Terás muito tempo para descançares, quando chegares ao porto abrigado, termo da tua derrota, onde o Armador Supremo te dará o preço da viagem, e o tempo necessario para refazeres as forças exhaustas pela fadiga.

Até então não descançarás, meu querido amigo, até então não descançarás.

Mais uma vez ainda, não receis nunca o temporal por maior que seja. O Sant'elmo acompanhará o tope do mastro mais alto do teu navio; e o piloto não deixa de velar nem de guiar ao leme.

Presta attenção aos ventos, para mandares orçar á tempo proprio. Cartas a examinar—a tua consciencia. Bussola, a tua fé, esperança em Deus, e ao largo.

Boa viagem. Que a Senhora dos Navegantes te acompanhe.

1 de dezembro, 1906.

Um marinheiro que te estima.»

SESSÃO DE MATERIALISAÇÃO EM PLENA LUZ

Extrahido de uma carta dirigida a M. Herman Grômwall director do «Eko», jornal sueco

«MEU CARO AMIGO

Isso que eu julgava impossivel deu-se entretanto n'uma sessão realisada aqui, em Berlim, e na presença de varias pessoas: por quatro vezes vi o espirito de minha mulher, e isto em condições que excluiam toda a possibilidade de fraude ou de allucinação.

Este facto parece me agora tão natural, que realmente me admiro do meu scepticismo anterior.

Vou pormenorisar como o caso se passou e V. fará sobre elle o seu juizo.

Ha aqui um excellente medium, M.me Abend, mulher de um sapateiro, uma agradavel creatura de pouco corpo e parecendo dotada de muito boas qualidades. Não é medium de profissão; a condesaa de M., que a conhecia, é que lhe pediu se prestasse a uma sessão para a Princeza Karadja, Miss Frisk, de Stockolmo, e eu.

V. sabe que em certas questões é difficil convencer me e, assim, eu ia disposto a proceder ao mais rigoroso exame da sala e dos assistentes. São tão frequentes as fraudes que toda a precaução é desculpavel. Foram porem os donos da casa, quem nos pediu, logo desde o principio, que revistassemos todos os objectos, dizendo que lhes seria extremamente penosa qualquer suspeita de embuste. O medium despiu-se diante das senhoras e deu as roupas a examinar; isto passou-se na propria sala, e depois d'isso o medium não teve mais contacto com pessoa alguma. O compartimento tinha uns 70 metros quadrados; os moveis eram apenas duas pequenas mezas proximo das janellas, um sofá encostado á parede e algumas cadeiras. Nas paredes nada mais que trez candieiros pequenos, e sobre uma das mezas estava um outro candieiro maior; não havia espelhos. N'um dos cantos um fogão de barro vidrado, n'outro um pedaço de arame sustentando duas tenues cortinas encarnadas, de trez metros de altura, pendendo de maneira a encobrir um pequeno gabinete. Examinei esse pequeno esconderijo com o mais minucioso cuidado; percuti as paredes em varios pontos, e o soalho; revistei as cortinas, bem como a cadeira destinada ao medium, emfim, creio que não me escapou logar onde pudesse occultar-se um alfinete.

A sala achava-se bem illuminada, pois que estavam accesos os quatro candieiros. Fechou-se a porta, cuja chave me entregaram e eu guardei.

A sessão começou ás 9 horas. Os assistentes eram a Princeza Karadja, a condessa M., Miss Frisk, eu e dois parentes do medium. Collocamo-nos em semi-circulo, a trez metros, pouco mais ou menos, do gabinete em que o medium tomou logar. Um irmão do medium pronunciou uma curta prece; em seguida, M.me Abend, seu marido e seu irmão entoaram suavemente um hymno que o ultimo acompanhou tocando em uma cythara. Era para facilitar o transe, que em breve se declarou com os caracteres do verdadeiro transe descriptos pelo dr. Hogdson nos *Proceedings* da Sociedade de investigações psychicas. O medium tinha os olhos muito abertos, mas sem apparencia de visão: a luz penetrante do candieiro, cujo vidro e abat-jour tinham sido retirados, incidiu n'elles durante cerca de meia hora sem que se lhes notasse o mais leve pestanejar. As linhas do rosto permaneceram immoveis.

Começou então a falar, com uma voz suave e melodiosa. Seus parentes disseram-nos reconhecer n'aquella voz a de uma de suas irmãs, já fallecida, e que se apresenta sempre como guia do medium. Dizia: «Dai graças a Deus, meus amigos, que hoje tudo está preparado, tudo será bello. Todos vós sois bons, as forças são grandes, os fluidos estão em harmonia, a nossa irmã está bem disposta, os bons espiritos esperam, mas é preciso paciencia! Sem a paciencia nada conseguireis, etc., etc.»

O medium então acochou-se na cadeira, parecendo profundamente mergulhado em transe, com os olhos enormemente abertos e sempre e sempre fixos na luz. Como porem eu não posso supportar a luz de um candieiro sem abat-jour, pedi ao dono da casa que os puzesse em

todos; elle assim o fez e a claridade tornou-se então mais suave na sala.

Miss Frisk propoz que se fechassem as cortinas do gabinete para facilitar a condensação dos fluidos, mas os parentes do medium disseram que isso não era necessário, que nunca o faziam, e que as formas de espiritos se materialisavam á vista d'elles, ao lado do medium e com a sala bem illuminada, Todavia as senhoras dispozeram-se segundo o parecer de miss Frisk e as cortinas foram corridas. Cerca de meia hora se passou na espectativa, e eu começava a suppor que nada obteriamos quando, de repente, se formou uma estrella na parte alta do gabinete, onde permaneceu visivel durante todo o tempo de materialisação. Momentos depois senti um calefrio caracteristico (V. sabe que eu sou medium), e duas das senhoras assistentes experimentaram tambem a mesma sensação. As cortinas entreabriram-se, e nós vimos no gabinete uma forma esbatida, vaporosa, de côr azulada, banlançando-se suavemente, como uma canna agitada pela aragem. Não encontro outra expressão que melhor dê ideia d'aquelle movimento. Em seguida, em um dos lados, formou-se um braço, estendido para nós, um braço e uma mão de uma correcção de formas magnifica, mas quasi transparentes. Esse braço recuou e tornou a avançar, tendo então o aspecto de um verdadeiro braço humano. As cortinas fecharam-se por alguns minutos e quando de novo se abriram vimos uma figura branca, de pé, a cabeça inclinada para traz, o rosto muito branco; tinha as mãos juntas e o aspecto geral era o de uma nuvem illuminada e condensada, radiante mas indistincta; dava a ideia de um corpo amortalhado. *Ao lado via-se o medium na sua cadeira.*

Novamente se fecharam as cortinas por um momento, abrindo-se em seguida para nos deixarem vêr um espectaculo maravilhoso: era uma esbelta figura de mulher, vestida de noiva, com um longo véu branco que lhe cahia da cabeça aos pés; mas que veu! Parecia tecido de raios fluidicos luminosos! E com que emoção eu reconheci aquelle rosto! Ha doze annos conduzia eu essa mulher, então viva, ao altar!

Em silencio, estendi o braço para ella, mas as cortinas fecharam-se. Essa forma espiritual *permaneceu de pé junto do medium* durante quinze segundos pouco mais ou menos.

Decorridos alguns minutos vimos novamente apparecer a pessoa cujo retrato a Princeza Karadja havia desenhado, sem conhecer o original, ha justamente um anno, em 24 de fevereiro de 1900. Como estava bella, com o veu sobre o seu cabello escuro, os seus hombros, os seus olhos negros fitando-me, e a estrella brilhando lhe no alto da cabeça! Os meus olhos ficaram pregados n'aquelle amado rosto até que as costinas m'o occultaram outra vez.

Minha mulher mostrou-se ainda mais uma vez, e a recordação d'esse momento é para mim immensamente grata, porque a tornei a vêr como ella era em nossa casa. Avançou até perto de mim, e ahi se manteve com os braços estendidos e levantados. Seus cabellos negros formavam-lhe em volta da cara o mais bello dos quadros; tinha os braços nús, e cobria-lhe o esbelto e airoso corpo um longo vestido branco de neve. Fitou-me com os seus olhos negros, luminosos; tor-

nei a vêr a sua expressão affectuosa, a sua attitude: era a minha mulher de outr'ora, mas a apparição revestia uma belleza geral e uma harmonia mais sublimadas, um conjuncto ideal que nenhum ser possue na terra.

Murmurei o seu nome, e um sentimento de felicidade immensa, de gratidão inexprimivel se apoderou de mim. Ella deslisou silenciosamente para o gabinete, cujas cortinas se uniram logo após a sua passagem. Miss Frisk disse-me baixinho: «Peça a Anna que lhe deixe um bocado do seu veu.» Dirigi esse pedido a minha mulher, mas sem pronunciar as palavras, e immediatamente a voz melodiosa do espirito guia me respondeu pela bocca do medium: «Sê calmo; terás o que o teu coração deseja. Espera com paciencia e receberás o veu.» Pouco depois ouvimos rasgar um tecido pouco resistente, exactamente na direcção em que minha mulher tinha desapparecido, e um veu branco, de trez metros de comprimento por um de largo foi lançado para fóra do gabinete por cima das cortinas. Uma das senhoras presentes apanhou o immediatamente: era um tecido extremamente delicado, sem o menor signal de estar sujo ou amarrotado e exalando um cheiro particular. Pelo que julgo poder dizer, este veu é inteiramente similhante ao de minha mulher, do qual possuo alguns fragmentos, mas parece-me mais fino.

Alguns instantes depois, a cadeira com o medium adormecido foi empurrada para fóra do gabinete. A referida cadeira não tinha rodizios.

Varios outros phenomenos extranhos se deram, e d'elles lhe falarei em outra occasião. Tenha presente que a sala estava bem illuminada e que os assistentes se mantiveram com toda a calma e seriedade. Não esqueça tambem *que o medium esteve visivel durante todo o tempo da apparição;* havia mesmo uma differença notavel entre o aspecto e a estatura do medium, e o encanto, a belleza radiante do espirito nas suas differentes manifestações.

E demais, o veu aqui está, como prova indiscutivel do que se passou e como facto que elimina toda a hypothese de allucinação.

A unica explicação que me parece natural é a seguinte: o veu foi tecido com a mesma materia que o espirito emprega para se tornar visivel aos olhos humanos, e essa materia é haurida principalmente do medium mas tambem das pessoas presentes que tenham faculdades medianimicas. Tal materia tem a sua origem nas emanações do corpo humano, o que está provado por essa forte sensação de frio a que acima alludi e que indica simplesmente uma perda de calorico. As vibrações do calor manifestam-se por debeis e temporarias emanações luminosas, — *od* — que algumas vezes se observam nas sessões escuras sob a fórma de globos de luz, maiores ou menores, percorrendo o compartimento em varias direcções.

Luz! Calor! Onde está a differença? Sómente no numero de vibrações durante o mesmo espaço de tempo. O augmento ou a diminuição na rapidez das vibrações póde produzir um ou o outro, e d'ahi á condensação, á fórma substancial, que distancia vae? Foi assim que o veu se formou, e que eu contribui para a sua materialisação, pois que

no dia seguinte de manhã eu estava muito fatigado, tinha os olhos embaciados, e os meus cabellos e barba tinham embranquecido um pouco. E' evidente que me tinha sido subtrahida muita força physica. Em poucos dias o meu corpo readquiriu o seu vigor, mas isto mostra que as pessoas dotadas de poderes medianimicos fazem bem em serem cautelosas.

Eu creio no progresso do Espiritismo como creio na lucta incessante que conduz á conquista da verdade. Póde-se dizer que para o espirito humano não ha limites. O que, nos segredos da natureza, não é conhecido acaba sempre por ser desvendado. O horisonte apresenta-se-nos cada vez mais extenso. Sobre todas as questões de — vida, morte, infinito—ha de vir a fazer-se a luz, mas é preciso esperar.

Quando regressar a minha casa poderei mostrar-lhe o veu, que seria bom examinassemos com um microscopio. Seu, etc.

Berlim, fevereiro de 1901.

Georg Larsen.»

AS SESSÕES DA VILLA CARMEN

Para os que quizerem conhecer o nullo valor das apreciações suscitadas contra as sessões da Villa Carmen, a que assistiu o dr. Charles Richet, recommendamos o consciencioso trabalho de analyse e critica do dr. I. Maxuell, nosso estimado collaborador, publicado nos Annaes de Sciencias Psychicas e no livro *Os phenomenos chamados de materialisação realisados na Villa Carmen,* da Bibliotheca Universal de Barcelona.

Cremos bem, que perante o valor d'esse magistral documento, cessarão todas as duvidas.

Pedimos desculpa aos nossos queridos assignantes do involuntario atrazo com que é distribuido o presente numero. Esperamos de futuro ir remediando este inconveniente.

N.º 10 MARÇO DE 1907 2.º ANNO

ESTUDOS PSYCHICOS

REVISTA MENSAL DE ANIMISMO
E ESPIRITISMO EXPERIMENTAL

Director—DR. SOUSA COUTO

COLLABORADORES—Os srs. Conde de Rochas, Maxwell, Laurent de Faget, De Reyle, Wolowski, Marzorati, Roso de Luna, Quintin Lopes, Martins Velho, etc.

Escriptorio—Rua do Arco Bandeira, 104, 1.º D. LISBOA

TESTEMUNHO PROPRIO E ALHEIO!

A reluctancia em admittir o que se não viu ou o que se não observou, está tão integrada no modo pessoal de apreciar o testemunho alheio, que não raro se manifesta mesmo n'aquelles que dão ao depoimento proprio um valor incontestado.

Aquillo que nós presenceamos, o facto que se desenrola á nossa vista de observador, é facilmente assimilado e fica constituindo uma acquisição positiva dos nossos conhecimentos; mas quando outro facto de egual ou diversa natureza nos é referido por terceira pessoa, seja embora a sua observação meticulosa e a sua affirmação ponderada, sentimos desde logo um profundo abalo na nossa credibilidade, e por mais pezo que revistam as declarações do narrador, mui pouco ou quasi nenhum conceito ligamos ás suas asserções cathegoricas.

O que deixamos dito constitue quasi uma lei geral no dominio psychologico do nosso raciocinio: grande confiança nas nossas faculdades de observação e pouquissimo valor attribuido a similares faculdades alheias.

Onde, sobre tudo, esta regra se manifesta mais patentemente é na observação dos phenomenos psychicos.

Individuos ha, que tendo procurado a obtenção de certos phenomenos d'esta ordem, o teem conseguido, e desde logo lhes ficam prestando uma plena adhesão: não mais esses factos lhes offerecem duvidas; a realidade surge como cousa incontroversa e para sempre demonstrada.

A sua observação bastou a crear um estado de certeza, que nenhuma objecção pode destruir; e tanto que, se alguem, ao ouvir a narração, mostra a menor duvida ou formúla um simples reparo que possa envolver sombra de suspeita acerca da authenticidade do phenomeno, é logo rudemente atacada a duvida ou a objecção e reforçada a materia de facto com novas affirmativas pessoaes.

Invertamos agora os papeis.

Até agora era o experimentador que narrava os factos por elle averiguados e que proclamava a insophismavel realidade da sua existencia.

Agora passa elle a ouvir o que os outros lhe referem, a escutar o testemunho alheio sobre outras experiencias que não presenceou, sobre resultados que de observação propria não colheu. Por mais que lhe garantam a verdade d'estes novos resultados, por mais requi-

sitada e evidente que seja a prova e a precaução d'elles, o seu espirito não recebe essas affirmações como cousas valiosas, nem lhes presta o culto que ha pouco exigia para os seus assertos.

Em seu conceito, só elle merece fé, só as suas palavras são dignas de credito; as dos outros são suspeitas, por mais auctorisados que sejam os que as proferem, por mais merito que tenha o seu trabalho indagador.

*
* *

Esta serie de considerações, que mais extensamente podiamos desenvolver, é-nos suggerida pela doutrinadora lição da experiencia e da larga leitura sobre o objecto de trabalhos psychicos.

A desconfiança no testemunho alheio não é uma excepção; ao contrario constitue quasi a regra geral no modo de julgar as experiencias realisadas pelos outros.

Innumeras vezes temos notado esta desconfiança tacita ou declarada nos escriptos de experimentadores, aliás apreciaveis, cujo unico defeito será porventura desejarem para si o monopolio do credito.

Os investigadores dos phenomenos animicos, como os dos chamados espiritas, têm deixado atravéz dos seus trabalhos eloquente confirmação do que deixamos dito.

Os que nunca viram senão uma phase magnetica, difficilmente acreditam nas outras. Aos que nunca presenciaram mais do que a simples catalepsia, custa-lhes a crer na dupla vista. Os que apenas conhecem casos de telepathia, reluctam em acceitar os phenomenos de manifestação posthuma.

Emfim, os que teem observado alguns dos phenomenos espiritas, embora affirmem e proclamem como inatacaveis verdades esses phenomenos, por si observados, não consideram egualmente verificados os phenomenos d'outra ordem, embora proclamados por muitos e competentes investigadores.

Poderiamos exemplificar o que acabamos de referir, com casos e nomes do conhecimento geral, mas a estreiteza do logar só nos permitte chamar a proposito um auctor emerito e celebre, cuja escolha não podia ser mais adequada.

Fallamos do professor James Hyslop.

Sabe-se que este illustre professor, depois de ter levantado varias objecções criticas e duvitativas ás investigações do Dr. Hodgson, com o medium M.me Piper, foi por si mesmo repetir essas experiencias e por ellas chegou á conclusão de que a telepathia era insufficiente para explicar as communicações recebidas

Seu pae, tios e primos, fallecidos em diversas epochas, se manifestaram com factos provantes de identidade, factos que nem Hyslop nem o medium conheciam e que um inquerito posterior mostrou exactas. Em consequencia erguia-se sobre as outras, e com especiaes garantias, a hypothese espirita, que o Dr. Hyslop não teve duvida em acceitar, vistos os factos da sua investigação.

(Vide *M. Sage M.me Piper e la Societé des Recherches Psychiques).*

Não obstante, o douto professor de Colombia não crê senão nos phenomenos que pessoalmente observou!

E' isto que se deprehende do seu ultimo livro «*Enigmas of Psychical Research*, preciosissimo a muitos respeitos, mas ao mesmo tempo documento bem significativo de como sacrifica o trabalho de pesquisa alheia, quando excede a phenomenalidade restricta por elle estudada.

Crê o dr. Hyslop nas manifestações authenticas do estado de transe; observou revelações, que não pódem filiar se em outras theorias; parece lhe que essas mensagens são legitimas communicações do além e que só a hypothese d'uma vida ulterior as póde plenamente abraçar; e apezar d'isto, os phenomenos medianimicos de ordem physica, movimento d'objectos sem contacto, apports, materialisações, etc., são para si como não existentes; nenhuma convicção tem a respeito d'elles.

E porque? Porque os não encontrou no seu caminho; porque a sua investigação não os colheu.

O scepticismo é tambem um methodo, mas tem o inconveniente de desvalorisar o proprio trabalho do sceptico.

Admitte-se que um homem se mostre convencido só por factos determinados recolhidos nas suas experiencias; admitte-se que se defendam esses factos, com garantias na mão e com a evidencia do criterio; isso, porém, nunca deve ir até á duvida sobre as verificações realisadas pelos outros, os seus resultados e as suas provas.

São tão exactos, tão reaes os phenomenos d'ordem physica, como os phenomenos medianimicos presenciados pelo professor Hyslop.

Se elle não observou aquelles, é porque não buscou as condições da sua producção, um medium e ambiencia favoraveis.

Bem sabia elle que M.me Piper não era medium de effeitos physicos, e como tal não os podia produzir. As suas experiencias não visavam, pois, a esses effeitos. Mas busque-os e encontral-os-ha.

Porque eu nunca vi a India, hei de dizer que o Gama nunca lá foi?...

Souza Couto.

EXPERIENCIAS DE BILOCAÇÃO [1]

É do nosso illustre collaborador, Conde de Rochas, o seguinte artigo que fez o favor de nos mandar:

«A realidade dos phenomenos classificados hoje com o nome de phenomenos psychicos, é actualmente admittida por todos aquelles que teem estudado a questão.

Ha numerosas theorias, bem differentes umas das outras, tendentes a explical-os; aquella, porém, que ao presente me parece mais perto da verdade, é a do corpo astral; pelo que, todas as experiencias que tendam a provar a sua existencia e a definir-lhe as propriedades, teem

[1] Phenomeno a que tambem se dá o nome de desdobramento.

por certo consideravel importancia. É um dos phenomenos que menos se presta a outra interpretação.

Limitar-me hei a recordar aqui, que numerosos casos se teem observado na vida dos santos, e passo em seguida á sua reproducção experimental.

Os auctores dos *Phantasms of the living,* citam sete casos perfeitamente attestados, que todos os leitores dos *Annaes de sciencias psychicas,* devem conhecer.

Eis aqui mais quatro que se produziram ha alguns annos, na familia de M.me Agatha Haemmerlé, a illustrada amiga de Karl de Prel, cujas principaes obras traduziu.

O auctor do relato é sua filha Alma, então de cerca de 18 annos, e a quem dou a palavra.

ALBERT DE ROCHAS.

1.ª Experiencia

«A primeira experiencia teve logar em Kerson (Russia meridional) onde meu irmão ultimava os estudos no Gymnasio. Seus condiscipulos frequentavam nossa casa, e como minha mãe se occupava d'estes assumptos, que nos interessavam a todos, resolvemos uma noite proceder a experiencia.

Para isso fixamos a hora, em que dois condiscipulos de meu irmão, Stankewitch e Serboff, procurariam na noite seguinte envíar nos o seu duplo: sendo um ás 11 horas da noite e outro ás 11 e meia. Acertaram-se os relogios, e convencionou-se que o primeiro procuraria apparecer a meu irmão no quarto de dormir, emquanto que o outro appareceria no salão.

Na noite seguinte minha irmã Irma sentou-se na sala de jantar, d'onde podia vêr a porta aberta dando para o salão. Meu irmão como se havia combinado, ficou no seu quarto, estendendo se sobre o leito para melhor poder concentrar a attenção sobre o phenomeno que esperava.

O quarto de dormir confinava com a casa de jantar.

Tendo eu ficado uns instantes ao pé de minha irmã, entrei no quarto de meu irmão, e debruçando-me aos pés do leito, perguntei-lhe que horas eram. Examinando o relogio, declarou-me que eram precisamente 11. Um candieiro de suspensão acceso na casa de jantar illuminava este quarto, luz sufficiente para se distinguir os objectos. No mesmo instante senti qualquer coisa que me tocava no hombro e vi ao meu lado a forma bem distincta de Stankewitch; pude distinguir seu uniforme de tom escuro com os botões de metal branco. Simultaneamente diz-me meu irmão: «Eil-o ao pé de ti». «Viste-o?» accrescentou elle quasi a seguir, pois que a apparição tinha-se desvanecido após a primeira pergunta.

Minha irmã, ouvindo-nos fallar, approximou-se, dizendo que acabava de vêr a mesma fórma entrar pela porta do salão, passar junto á meza da sala de jantar e depois desapparecer á sua vista. Tambem o tinha visto em uniforme e tinha podido distinguir os botões de metal branco.

Logo depois, entrámos todos tres no salão, onde penetrava a luz da casa de jantar, afim de esperarmos a apparição de Serboff. Só chegou á meia noite. Esta apparição affigurou-se-nos mais pallida que a precedente e menos distincta. Entrou pelo vestibulo até ao salão, onde parou um momento perto da porta, avançando para uma estante á direita e depois para outra á esquerda; depois desappareceu de repente. Julgando que voltaria, ainda guardamos silencio durante algum tempo; mas foi em vão.

Meu irmão escreveu então minuciosamente em duas folhas de papel o resultado das experiencias, encerrando cada uma em seu enveloppe lacrado. Ao outro dia no Gymnasio perguntou aos seus dois amigos se não se tinham esquecido da sua promessa; os quaes começaram a contar deante dos camaradas, todos os permenores que correspondiam exactamente a quanto meu irmão tinha escripto. Então meu irmão entregou-lhes os enveloppes lacrados, que foram abertos e o contheudo lido em voz alta deante dos assistentes.

Depois de ter lido o que lhe dizia respeito, Serboff disse que no momento de entrar no salão estava indeciso quánto á estante de que desejava approximar-se na intenção de a abrir e tirar de lá um livro; mas que perdeu a força de concentração e despertára. Sentindo-se cançado, não pôde recomeçar a experiencia. Stankewitch acrescentou que estava admirado de sentir uma resistencia ao approximar-se da cama, pois não suspeitava da minha presença e julgava que a resistencia provinha da sua approximação da parede, e de resto só vira meu irmão.

De Stankewitch não temos noticia, mas Jorge Serboff é advogado e reside actualmente em Kerson; meu irmão Alfredo Haemmerlé habita em Odessa, rua Catharina, n.º 14.

2.ª experiencia

Minha irmã Irma foi passar alguns dias ao campo, para casa de uma amiga nossa, emquanto eu fiquei com meus paes.

Era a primeira vez que eu me separava de minha irmã gemea; e como esta ausencia me era penosa, resolvi tentar vêr o que ella fazia.

Ao dár das 11 horas já eu estava deitada. Pouco tempo decorrido, vi-me eu no quarto que minha irmã occupava com a nossa amiga; e então apercebia-a deitada na cama, de livro na mão e lendo á luz de um candieiro velado por um abat-jour verde.

Sentiu minha presença, levantou os olhos e viu-me junto á estufa. Quando notei que minha irmã olhava para mim, procurei occultar-me atraz d'aquelle movel, pois não tinha a certeza d'ella me haver reconhecido e receava que a apparição lhe causasse susto.

No dia seguinte escrevi-lhe, relatando pormenorisadamente o que acabo de referir, e com data do mesmo dia recebi depois uma carta em que ella me contava a minha apparição da vespera, ás 11 da noite junto da estufa.

Por vezes eu e minha irmã renovamos ainda esta experiencia, mas nem sempre obtivemos resultado.

3.ª experiencia

Encontrando-me uma noite em casa da familia Spechnieff, onde ha 4 irmãs minhas amigas, disse-me a mais velha, M.lle Anna, apprehensiva, que seu irmão (official que devia partir no dia seguinte para Vladivostok) acabava de ter subitamente um accesso de febre.

Ao vêr minhas amigas tão inquietas, resolvi, de regresso a casa, tentar a cura do enfermo por suggestão mental.

Senti-me então transportada ao quarto do doente; fixei-o, empregando toda a minha vontade, suggerindo-lhe mentalmente um completo restabelecimento. Quando ao outro dia, fui visitar minhas amigas, para saber noticias do irmão, M.lle Anna me informou de que elle tinha partido bem disposto, e que de manhã lhe havia dito que durante a noite tivéra uma apparição: vira-me ao fundo do quarto, e sentira que minha presença tinha uma influencia calmante e para logo o abandonava a febre.

Ainda d'uma outra vez as minhas amigas me viram, como se convencionára que eu lhes apparecesse.

4.ª experiencia

Um dos meus primos, que muito se interessava por estes estudos, fez bastantes experiencias de desdobramento.

Costumavamos passar alguns dias no campo, em casa de minha tia, e uma noite, desejando saber se ella se apercebia de minha presença, resolvi ir vel-a sem a prevenir antecipadamente.

O nosso quarto era situado na ala direita ao fundo do pateo, e o da minha tia na ala esquerda, sendo meu desejo entrar pela janella que dava para esse pateo. Tentei primeiro abrir o postigo, mas sem resultado; então decidi entrar por um simples acto da minha vontade.

O ruido que eu tinha feito ao procurar abrir o postigo, accordou uma minha prima, que saltou do leito para ir vêr o que era; e de facto viu a minha apparição deante d'ella, mas sabendo a minha intenção tranquillisou-se. No outro dia contou me a sua surpreza, por ter podido verificar que o corpo astral tinha a faculdade de fazer mover os objectos.

M. Alma».

M.lle Alma que eu magnetisára na sua estada em Paris, para ficar em *rapport* com ella, devia tentar enviar-me o corpo astral, partindo de Mardö, na Noruega, aonde se dirigia com sua mãe e irmã para uma propriedade de familia.

A experiencia frustrou-se em virtude de varias causas, entre as quaes a minha aposentação pelo general André, o que me levou a deixar Paris e recolher-me á minha casa de campo de Agnélas, onde M.lle Alma nunca tinha ido.

Eis a descripção que ella me faz d'esta tentativa infructuosa.

«Mardö, noite de 26 para 27 d'agosto de 1902.

Ao deitar-me á noite, sentia-me disposta á experiencia. Ao principio fiz uma tentativa e vi a seis passos de distancia meu corpo deitado no leito. Voltei a mim e pareceu-me que me achava em estado de fazer uma maior experiencia. Depois senti-me transportada a França, mas não tendo fixado o itinerario indicado na carta de v. perguntava a mim mesma onde seria Agnélas. N'esse instante occorreu-me a idea de que bastava ao effeito pensar em V. Um momento depois achava-me ao pé do seu leito. Via o extendido e fixava-o com a intenção de que tambem reparasse em mim. V. sentou-se olhando em volta, a modo de procurar alguma cousa, pestanejando, como se costuma ao acordar subitamente de noite. Tinha V. uma camisa de dormir com um collarete baixo; o peito um pouco descoberto e os cabellos desalinhados. Emvolta via eu apenas a almofada branca e o rebordo dobrado do lençol.

Sinto não ter tido a idea de observar todo o quarto.

Eu achava-me ao lado direito junto ao angulo dos pés da cama.»

Os phenomenos que M.lle Alma indica são exactos, mas a vulgaridade tira-lhes toda a importancia. E' muito possivel que eu me sentasse no leito, procurando saber o que me tinha despertado, mas não me recordo d'isso.

Ensaios d'esta natureza renovei-os com M.me Henriqueta, cujo relato acaba de publicar o *Boletim da Sociedade d'Estudos Psychicos de Marselha;* mas nada se conseguiu porque certamente não sou de temperamento propicio á percepção de taes impressões. Mas estas experiencias negativas não devem prejudicar em nada as positivas: eis aqui uma, um pouco esquecida hoje, que é excellente. Traslado-a do livro do Dr. Charpignon, intitulado: *Physiologia, Medicina e Metaphysica do magnetismo.*

«Em outra occasião, uma de nossas somnambulas (de Orléans) desejou n'um dos seus somnambulismos ir vêr a irmã que estava em Blois. Conhecia o caminho e seguiu-o mentalmente.

— «Espera, exclamou, onde vae M. Jouanneau?

— «Mas onde estaes?»

— «Estou em Meung, para as bandas de Mauves, e vejo M. Jouanneau todo aceiado, que vae decerto para algum arraial.

«Depois o somnambula continuou a viagem.

Ora a pessoa que expontaneamente se lhe tinha deparado era um habitante de Meung, conhecido de muitas pessoas presentes, e escreveu-se-lhe para averiguar se de facto passára no sitio designado e hora indicada.

«A resposta confirmou minuciosamente o que disse M.lle Celina».

Quantas reflexões! quantos estudos psychologicos n'um facto tão fortuitamente produzido!

A visão d'esta somnambula não tinha *saltado,* como tantas vezes se observa ao logar desejado; percorrera toda a distancia d'Orléans a Blois, e tinha visto n'esta rapida viagem, o que podia attrahir sua attenção.

ALBERT DE ROCHAS».

ALGUMAS SESSÕES COM O MEDIUM MILLER

VI e ultimo

Para terminar com os effeitos physicos da primeira parte de cada sessão, lembrarei um episodio que seria impossivel simular: o facto de se produzirem varias pancadas sobre a chaminé, atraz do medium, emquanto uma senhora ao meu lado tinha seguras as duas mãos do mesmo medium.

O testemunho d'esta senhora parece-me tanto mais seguro, quanto é certo que ultimamente tivera eu com ella uma viva discussão a proposito de experiencias de materialisação a que ambos tinhamos assistido e em que ella dera amostras d'um excessivo sceptícismo.

A esta ultima sessão de Miller, tinha ella vindo com a intenção de fiscalisar attentamente o medium, e foi por isso que ao ouvir bater sobre a chaminé, subito se inclinou completamente sobre mim, tomando bruscamente as mãos do medium, que a isso não fez a menor opposição. Perguntei a essa senhora se tinha a certeza de ter seguras ambas as mãos do medium, o que ella me confirmou com energia, e foi precisamente durante este tempo que de novo se ouviram as pancadas e o deslocamento de objectos sobre a chaminé.

Quanto a mim, não vi a mão que produziu estes ruidos, mas outros assistentes declararam tel a visto.

As presumpções em favor da realidade das manifestações crescem ainda quando se attende a que um certo numero dos nomes que foram dados pelas formas eram conhecidos dos assistentes.

Esta circumstancia nem póde attribuir-se ao acaso nem tão pouco ao conhecimento anticipado d'estes nomes e sobrenomes pelo medium, pois lhe eram extranhas essas pessoas e, em regra, não sabia que ellas teriam de assistir á sessão.

Nomeadamente é este o caso do Snr. e Snr.ª White, da Snr.ª Hoileux, do Snr. Perret e do Dr. Duzart, aos quaes pessoalmente conheço. Com relação aos nomes d'Elisa Froelich e d'Emilio Pennés não posso ser tão affirmativo, posto que nada me permitta suspeitar do testemunho das pessoas que os identificaram.

Pelo que respeita a minha mãe que em quanto viva era bastante conhecida, é possivel que seu nome tivesse chegado ao conhecimento de Miller, mas nada o prova: é uma simples inducção.

As vozes que se ouviram durante a primeira parte de cada sessão eram em geral pouco distinctas, e poder-se-hia suppôr que provinham de esforço gutural do medium ou que eram produzidas por ventriloquia; não insistirei sobre este ponto, se bem que as apparições nitidamente materialisadas e sahidas do gabinete, exprimiam-se muitas vezes em voz alta, com timbres differentes e sempre os mesmos para cada personagem, nas diversas sessões.

Na segunda parte, as manifestações tinham uma intensidade muito maior. As formas frequentemente sahiam do gabinete, avançavam para o centro da assistencia e por vezes discorriam durante muitos minutos, como succedeu entre outras com a apparição do Dr. Benton e com a forma que deu o nome de Atlantis.

E' evidente que aqui a garantia é menor do que na primeira parte, porque o medium, não sendo inspeccionado, podia á vontade empregar qualquer disfarce no gabinete. Mas isto apenas é uma supposição que seria necessario appoiar em factos precisos para que podesse seriamente sustentar se. A algumas pessoas de minha confiança pareceu terem visto barba n'uma forma feminina das que se mostraram.

Sem discutir a possibilidade d'um engano — e se um prestidigitador tão habil e tão exercitado como seria preciso suppôr o medium teria commettido esta falta grosseira de não occultar a barba — devo dizer que nunca observei semelhante cousa, e certos factos parecem estabelecer: que pelo menos algumas das apparições não podiam ser realisadas pelo medium disfarçado.

Na sessão de 22 de Julho, a apparição que sahiu das cortinas tinha a estatura d'uma creança de dez annos quando muito. Essa forma marchou livremente e não como qualquer pessoa que andasse de joelhos, e veio sentar se ao meu lado sobre a cadeira que o medium deixou desoccupada. O seu corpo era delicado e em nada parecia com a robusta apparencia do Miller; demais essa creança fallou com uma voz sibilante e desagradavel, cantou em falsete e approximando se depois das cortinas elevou-se no ar, desceu e pareceu dissolver-se no pavimento precisamente deante da abertura do gabinete. Na hypothese d'uma fraude, pergunto como poderiam simular se estes phenomenos.

Inexplicaveis tambem seriam as apparições *simultaneas* de duas fórmas, que disseram chamar-se Marguerette e Lea Fox das quaes uma veio junto de mim e a outra se dirigiu para a pessoa que estava na outra extremidade do circulo. Essas fórmas fallaram e moveram-se independentemente uma da outra e entraram successivamente no gabinete estando afastadas uma da outra pelo menos um metro e meio de distancia. Se uma d'estas fórmas era o medium disfarçado, quem fazia mover livremente a outra?

E' a unica vez que tenho visto em boas condições duas apparições, ao mesmo tempo, mas na ultima sessão produziu-se tambem uma apparição dupla como resulta do testemunho d'outras pessoas que assistiram á experiencia.

Ser-me-hia preciso mais tempo do que actualmente posso dispôr para relatar outros phenomenos dignos de chamar attenção, como o da corrente de ár frio que precorreu a sala na primeira sessão e que foi nitidamente percebido pelas pessoas do circulo as mais afastados do gabinete em que se encontrava o medium.

A hypothese de que os nomes exactos dados então pelo medium e não pelas fórmas, seriam devidos a transmissão de pensamento dos assistentes, suppõe implicitamente que Miller é medium intuitivo, pelo que possuiria já uma faculdade supra-normal e não seria um simulador puro e simples, o que me parece certo egualmente por causa dos effeitos physicos produzidos sobre a chaminé. Demais creio que a transmissão de pensamente não desempenha aqui funcção, porque o nome de Antonio, revelado ao Dr. Dusart estava muito longe da sua mente, como tambem succedeu com relação á avó do sr. White e se deu com outros experimentadores.

Emfim seria necessaria uma extraordinaria habilidade a Miller para se projectar quasi instantaneamente na sala, inteiramente vestido, quando o espirito de Betzy, visivel e cantando, acabava apenas de desapparecer por detraz das cortinas.

Em resumo, se nós não tivemos provas absolutas da realidade das apparições taes como resultariam da visão simultanea do medium e d'uma fórma nitidamente materialisada fóra do gabinete ou de suas photographias, existem fórtes presumpções da mediumnidade de Miller, a quem devemos grande reconhecimento pela amabilidade e desinteresse com que procedeu.

Quanto a mim, julgo que teriamos podido conseguir resultados plenamente decisivos se mais tacto e benevolencia se houvesse mostrado para com elle. Esperemos que sejam mais prudentes os futuros observadores.

GABRIEL DELANNE».

O CASO «FERNANDO DE LACERDA»

Analyse critica

Promettemos um estudo final d'apreciação aos escriptos chamados medianimicos do sr. Fernando de Lacerda.

Começamos hoje a cumprir a promessa nos limites do logar e do proposito.

Fernando de Lacerda tem continuado a obter diversas communicações sobre varios assumptos, firmados por differentes nomes e o conjuncto forma já agora um nutrido tomo.

Tendo por vezes incitado o mesmo senhor á publicação d'esses escriptos em volume, o que constituiria uma quasi novidade entre nós, util sem duvida pela natureza interessante do facto e pelo saber e ensinamento doutrinatario, devemos no prefacio d'essa obra mais largamente inquirir sobre a producção do phenomeno e sobre a sua possivel interpretação em face dos modernos estudos de alta psychologia.

Essa rasão nos dispensa de dar á presente analyse um demasiado e devido desenvolvimento, para o limitar a um ligeiro escorço da materia.

Nos n.os 7, 8 e 9 dos *Estudos Psychicos*, publicamos oito communicações obtidas por Fernando de Lacerda e respectivamente assignadas por Camillo Castello Branco (duas), Eça de Queiroz, Joaquim Guilherme Gomes Coelho, (Julio Diniz), Alexandre Herculano, J. M. Latino Coelho, Eduardo Alves de Sá e um «marinheiro».

Como se vê os cinco primeiros são nomes de conhecidos escriptores portuguezes, o penultimo é d'um abalisado jurisconsulto e o ultimo d'um anonymo.

Estes escriptos foram escolhidos entre muitos outros, para sobre elles se basear o estudo que vamos fazer.

I

Condicionalidade circumstancial do phenomeno

A paginas 132 d'esta revista (2.º anno) expozemos já o modo como estes escriptos, a que demos o nome de convencional de «communicações», se produzem.

Relembremos as particularidades principaes, colhidas da propria observação do phenomeno e da declaração uniforme e constante de Fernando de Lacerda:

A sua intelligencia não preside á manifestação do *phenomeno;* a consciencia normal é-lhe alheia; a sua vontade não o dirige.

Muitas vezes tenta a escripta, a que chamaremos tambem convencional e provisoriamente «medianimica», sem que uma palavra sequer seja traçada.

Previamente, Lacerda ignora o assumpto que vae tratar-se, o nome que o firmará, e terminando o escripto, por vezes tambem o guarda sem saber o seu contheudo, e só d'elle se inteira, quando ulteriormente o lê.

O estado de indifferença ou reluctancia é impropicio para estas manifestações. Tem succedido tambem, que, mesmo com somno e dormitando, o escripto se produza, e suspensa a communicação em qualquer ponto, se continúa em outro dia sem quebra de unidade e harmonia.

Algumas vezes n'esta condicionalidade medianimica o acto d'execução é acompanhado pela sensação de presença extranha, e outras por uma especie de phonação produzida no cerebro, como dictando-lhe as palavras a traçar.

Estas affirmações de Fernando de Lacerda são invariavelmente referidas com a sinceridade que nenhum dos seus amigos lhe contesta. E as suas rasões suasorias, despretenciosas, ingenuas mesmo, vão tanto mais fundo calando no animo dos outros, quanto mais o conhecem, o ouvem e lhe aquilatam a valia do caracter.

Genése

Para tratar convenientemente a materia em discussão, prespectivando-a sob as multiplas faces, seria preciso um grosso volume.

De feito muito haveria que dizer com respeito a varios phenomenos intimamente ligados com o presente e sobre o qual deviam projectar não pequena luz.

Mas a opportunidade não o permitte, e assim destacaremos quanto possivel o phenomeno do bloco de outros factos, tocando ao de leve apenas aquelles que mais estreitamente se lhe enlacem.

Qual será a fonte dos escriptos de Fernando de Lacerda? A sua elaboração será animica ou será espirita, no sentido classico da palavra?

E no primeiro caso, terá origem no proprio escriptor ou n'um agente extranho? E no segundo caso, as communicações serão genuinamente espiritas ou haverá elementos espurios, embebendo-se parasi-

tariamente nas communicações, a desvirtuar mais ou menos a sua pureza?

Só poderemos satisfazer a este questionario, considerando em separado estas diversas hypotheses.

Subconsciencia

Dever-se-hão attribuir os escriptos em exame á subconsciencia ou automatismo psychologico?

A decisão não póde tomar-se sem ponderação funda e sem reservas.

É certo que successivos e especiaes estudos teem alargado a alçada do inconsciente, fazendo-o comprehender muitos factos anormaes outr' ora ininterpretados. Um dos mais interessantes capitulos d'estes estudos seria o que tratasse da funcção sub consciente nas producções do genio.

Na arte, na litteratura, na sciencia, o seu sopro alentador tem vivificado as mais bellas manifestações do espirito humano.

Tanto na edade juvenil em que o cerebro ainda não tem adquirido todo o seu desenvolvimento, como em certos estados de alheiação, em que a consciencia parece isolar-se do mundo exterior, tem havido producções geniaes, que excedem muito a possibilidade normal de quem as executa.

Taine, na sua obra notavel «*Da Intelligencia*» refere um facto d'esta natureza: «Vi uma pessoa que conversando, cantando, e sem olhar para o papel, escreve phrases seguidas e mesmo paginas inteiras, sem ter consciencia do que escreve. A meu vêr, a sua sinceridade é perfeita: ora ellà declara que ao fim do escripto, nenhuma idea tem do que traçou sobre o papel; quando depois o lê, fica admirada, por vezes alarmada. A escripta é differente do seu modo de escrever ordinario. O movimento dos dedos e do lapis é rude e parece automatico.

O escripto termina sempre pela assignatura d'uma pessoa fallecida e tem o cunho de pensamentos intimos, d'um fundo mental que o auctor não queria divulgar.

Certamente nota-se aqui um *desdobramento* do eu, a presença simultanea de duas series de ideas parallelas e independentes, de dois centros d'acção, ou, n'outros termos, duas pessoaes moraes justapostas no mesmo cerebro.»

A psycologia dos grandes homens, das grandes celebridades, dá-nos a este respeito preciosos ensinamentos.

Nas biographias e até nas auto-biographias dos privilegiados do talento, qualquer que seja a especialidade da manifestação, artistica, phylosophica, litteraria, scientifica e mesmo messianica, encontram-se traços e provas significantes do papel sub consciente nas producções do genio.

A inspiração, que é um facto hoje incontestado, não tem outra nem melhor explicação.

Ora durante o somno, ora em vigilia, sem que á elaboração presida a consciencia normal, teem-se obtido producções, que não envergonhariam o proprio eu consciente.

Uma das mais bellas obras de Cardan, segundo elle mesmo declara, foi inteiramente composta em sônho.

Do mesmo modo foi composta a fabula de La Fontaine: «os dois pombos» com Musset, Arago, Michelet, factos analogos se deram. E nós mesmos, alem do facto pessoal da solução d'um problema no estado de sônho, conhecemos tambem um mathematico, a quem muitas vezes succedeu durante o sônho, acclarar e intrepretar nitidamente demonstrações e formulas, que em vigilia apenas tinha rapida e incomprehendidamente passado sob a vista, sem demorada analyse.

Poderiam fazer se a proposito muitas citações, mas convem antes, por analogia com o caso «Fernando de Lacerda», estudar a faculdade subconsciente no estado de vigilia.

Aqui, egualmente, são numerosos os exemplos.

Com Balzac dava se essa alheiação, a entrega quasi plena da intelligencia ao trabalho subliminal.

Segundo o testemunho de Theophilo Gautier, a sua attitude era d'um extatico, d'um somnambulo dormindo com os olhos abertos, como perdido em profundo sônho, sem ouvir o que lhe diziam.

São bem conhecidos tambem os exemplos de Mahomet, Socrates, Schopenhauer, e outros muitos em que esse phenomeno por vezes se apresentava bem caracteristico. Este ultimo citado diz abertamente que os seus postulados philosophicos foram produzidos sem a sua intervenção consciente, tendo como a vontade adormecida e a consciencia inactiva.

Pertencem á mesma cathegoria de manifestações inconscientes, ou como taes podem considerar-se as de certas creanças prodigios que precocemente deixam revelar anormaes faculdades.

Mangiamini, Pascal, Mozart, Saunderson, Erieson e muitos outros exemplificam este facto, aliás assignalado em varios individuos e em grau diverso de intensidade.

Poderemos assimilar com estes factos o que se passa com Fernando de Lacerda, dizendo que os seus escriptos são meramente devidos ao psychismo inconsciente?

Mais adeante veremos a disparidade entre os casos citados e aquelle que nos occupa, em virtude de elementos concorrentes que não é licito desattender na sua interpretação.

Por esses elementos se verá que a hypothese da subconsciencia não resolve plenamente nem abrange todo o problema.

Quando a manifestação subconsciente se caracterisa por uma perfeita independencia, costuma dizer-se que ha uma dupla ou multiplapersonalidade em que se desdobrou a individualidade normal.

Este estudo está feito e largamente criticado.

As nossas investigações pessoaes e o estudo de numerosos trabalhos alheios teem-nos levado a concluir que muitos casos rubricados meramente com o nome de automatismo psychologico ou de poly-personalidade, não teem sido vistos e ponderados a toda a luz, que só uma experiencia ininterrupta, larga e fecunda deve adquirir, luz que

a phantazia não póde supprir mas que só o trabalho persistente consegue alimentar.

Algumas vezes toma se por dupla personalidade o que é apensa uma variante no estado de consciencia, um mais ou menos extenso ambito de remomeração.

Outras vezes classifica-se como automatismo, aquillo que realmente o não é, devendo por isso mais acertadamente chamar-se heteromatismo em virtude d'uma inequivoca interferencia d'uma agencia extranha.

O discernir com prudencia ou pelo menos o approximar-se quanto possivel da verdade, só póde ser o fructo do exame aturado do complexo assumpto animico e espirita, sobre a base principalissima d'experiencias pessoaes.

Surgem estas considerações sobre tudo de varias obras publicadas a este respeito e nas quaes se nota a estreiteza e inconcluencia dos casos observados, para que sirvam, como seus auctores em regra pretendem, a dirimir toda a mais phenomenalidade.

As obras do dr. Azam, de Binet, de Bourru e Burot estão muito longe de nos dar a chave de todo o enygma.

As personalidades duplas ahi descriptas, quer de manifestação provocada, quer expontanea ou associada a certos estados, ou representam o despertar de noções e idéas dormentes ou são creações suggestionadas, sem a menor realidade e que desapparecem com a mesma facilidade com que se fizeram surgir.

Por outro lado, se succede apparecer no decurso da experimentação d'algum investigador, um caso que seria digno da mais auctorisada e profunda analyse. muitas vezes é levianamente qualificado de automatismo, sem o cuidado sequer de sondar com rigor se elle apresenta faces insubmissas a essa explicação. Felizmente alguns investigadores teem já feito obra de criterio e competencia.

Em homenagem á verdade citaremos as indagações e conclusões de Hagdson e do dr. Hyslop com medium M.me Piper.

O caso Fernando de Lacerda poderia, para quem passe um méro theorico, pouco lido, receber sem reticencias a explicação automatista; mas nós temos obrigação de ser cautelosos no juizo, que nunca será valioso se fôr precipitado.

Opportunamente diremos por que razões não acceitamos para o phenomeno em discussão, incondicionalmente e sem restricções as hypotheses apontadas.

Interferencia animica

N'esta epigraphe queremos comprehender as differentes modalidades d'acção d'um cerebro extranho sobre o cerebro de Fernando de Lacerda.

Para clareza da exposição, analysemos separadamente as possiveis e classicas fontes de que poderia provir essa acção inter-cerebral: leitura de pensamento, telepathia e suggestão.

É hoje bem sabido que fóra do medianismo e do hypnotismo, á

leitura do pensamento é um phenomeno um tanto raro, e quando se depára é instavel e mais ou menos fugidiamente.

É escusado documentar esta preposição com o testemunho de auctoridades competentes.

Todos os investigadores o sabem e o affirmam.

E no caso sugeito, qual seria o pensamento, qual o cerebro, fecundo, sempre prestes a transmittir a Fernando de Lacerda as communicações até hoje recebidas, tão variadas e ricas no estylo, tão differentes no conceito philosophico, uberrimas na substancia doutrinaria?

Onde o cerebro extranho capaz de o fazer, e dando muitas vezes á communicação a caracteristica caligraphica, idiologica, sentimental e artistica correspondente á entidade signataria?

Julgamos sempre de bom aviso não buscar esclarecer um facto por meio d'uma theoria mais obscura que o proprio facto; obscura, incomprehensivel e incomprehensora.

As hypotheses devem ser simples, claras e de logica applicação.

Se a leitura de pensamento no estado de vigilia é rara, intermittente e fraccionada, não devemos chamal-a para explicação do phenomeno que estamos estudando.

Quanto á telepathia quasi as mesmas considerações se podem deduzir.

A telepathia na sua essencia reduz-se a uma impressão intensa recebida em somno ou vigilia, referente a um successo presente ou mais ou menos remotamente passado ou futuro, mas verdadeiro.

Na telepathia o que predomina é essa impressão, ás vezes recebida pelos orgãos sensorios, outras vezes engendrada sem seu concurso.

Espontanea ou solicidada, a telepathia tem sempre um agente, um transmissor; bem como um receptor; mas realisada a impressão, o acto telepathico desapparece.

Ora ninguem ha de dizer que este phenomeno é o que se dá com Fernando de Lacerda. A manifestação psychica que com elle se opéra, exorbita do molde e essencia da telepathia. Correlacionar os dois phenomenos, ou pretender esclarecer um com o outro, seria desconhecel-as e desnatural-os.

Cumpre-nos por isso proseguir n'esta indagação de causas, a vêr se encontramos alguma que mais se legitime como verdadeira.

Suggestão

Para vêr até que ponto a suggestão poderia entrar como coefficiente n'estas communicações, realisámos algumas experiencias com Fernando de Lacerda, e d'ellas vamos dizer e dos resultados obtidos.

A primeira serie d'essas experiencias consistiu no ensaio de transmissão, sem que Lacerda tivesse o menor conhecimento prévio d'esse intuito.

Para isso escrevemos n'um papel e intencionalmente fixámos na memoria algumas palavras simples, correspondendo a substantivos concre-

tos de facil representação mental, e durante quasi dois mezes tentamos transmittil-as consciente ou inconscientemente a Fernando de Lacerda.

Conscientemente todas as vezes que o encontravamos, formulando vivo tacito desejo de realisar a transmissão; inconscientemente, nos intervallos d'estas experiencias, já que essas palavras entrando, no nosso dominio subliminal, poderiam em tal estado ser transferidas.

A segunda serie experimental revestiu outra condicionalidade, tal como costuma empregar-se nos tentamens d'esta ordem.

Prevenido Fernando de Lacerda e acceite o meu desejo de ensaiar caucionadamente a suggestão mental, não teve a menor duvida em prestar se á experimentação, para verificar até que ponto um intenso pensamento alheio o podia impressionar.

As experiencias foram feitas em momento de disposição e calma propicia a taes phenomenos.

Escolhemos tambem varios objectos simples, cuja imagem póde bem crear-se e reter-se, como foram um *annel,* um *lapis,* um *dedo,* um *cravo branco,* etc.

Na primeira parte da experimentação, Lacerda conservava-se em pleno repouso cerebral, em perfeita quietação mental, sem procurar exteriorisar o pensamento em busca da palavra transmittenda: era o estado de passibilidade adequado á captação da idéa ou da mensagem.

Na segunda parte, forcejava elle, com a maxima actividade volitiva, vir encontrar a palavra ou a noção no meu cerebro, que entretanto se conservava n'um intenso estado monoideico, arredando, persistentemente, toda a distração ou elemento perturbador.

O insuccesso de todas estas experiencias, tanto as da primeira como as da segunda serie, foi completo.

Nem uma só palavra, nem uma unica idea ou noção conseguimos transferir.

Não houve sequer um incidente rapido que podesse attribuir-se á suggestão, quer directa e caracteristica, quer derivada por virtude de associação de ideas, qualquer que fosse a forma por que esta associação se podesse encadear.

Occorreu-nos depois a natural duvida respeitante ao modo de operar.

As comunicações de Fernando de Lacerda são obtidas por meio da escripta, a cujo mecanismo especial seria preciso attender. Acaso succederia que só por esse vehiculo, digamos antes, por esse tramitte a suggestão se podesse realisar.

Era um caminho explorado, uma funcção creada, como instrumento de manifestação, e era essa funcção que agora se devia pôr em prova.

Tentou se, portanto, tambem este meio de communicação.

Fernando de Lacerda tomou o lapis, collocou-o sobre o papel, concentrou se; buscou as mesmissimas condições de inactividade psychica, que sempre costuma empregar para a obtenção dos escriptos medianimicos.

A nosso turno, buscamos, como na segunda serie de experiencias

acima descriptas, intensamente representar e transmittir uma imagem, uma idea simples, empregando o maximo cuidado em manter bem definida por largo tempo essa imagem ou idéa.

O resultado foi egualmente infructuoso. O lapis conserva-se parado, sem o menor traço nem o menor indicio de leve suggestão.

Pelas declarações de Fernando de Lacerda, durante este periodo, quer na phase de passibilidade, quer na outra, tambem ensaiada, d'actividade prescrutando o que eu pensava, nenhuma impressão recebeu, nem o mais tenue desejo ou inclinação para escrever.

Parece-nos, por isso, que as communicões de Fernado de Lacerda se não podem attribuir á suggestão mental.

(Continúa). SOUZA COUTO.

UMA REVELAÇÃO VERDADEIRA

Em 6 de outubro passado, o *Matino,* de Napoles, que é o diario mais importante d'esta cidade, publicou uma carta do advogado Zingaropoli, na qual se contém uma importente communicação obtida n'uma sessão espirita. Zingaropoli é um dos mais doutos e conscienciosos escriptores que se occupam de sciencias psychicas em Italia. E porque á sua probidade junta incontestada auctoridade, entendemos dever publicar na integra essa interessante carta.

«Na noite de ante-hontem, á meia hora depois da meia noite, dirigi-me á redacção do *Matino,* e mandando chamar o chefe dos reporters, perguntei lhe se não tinha a noticia relativa ao suicidio de um tenente de infanteria e occorrido no quartel de Piédigrotta. Mas como elle não soubesse do tragico acontecimento, contei-lhe então que n'uma sessão espirita d'onde eu acabava de chegar, um medium nos tinha referido esse facto.

Julgo pois util fornecer agora certos pormenores attinentes, que não são destituidos de interesse, especialmente para aquelles que cultivam os estudos psychicos.

Na noite de sexta-feira tive uma sessão com um cavalheiro vindo a Napoles pela primeira vez da Italia septentrional e que me tinha sido apresentado pelo sr. Marzorati, director da revista espiritualista *Luce e ombra* de Milão. N'essa sessão estavamos apenas os tres: o sr. Marzorati, eu e o medium, que é um homem ainda novo, e para o qual tenho uma grande affeição.

A's *6 horas da tarde* veio elle para minha casa e nunca mais se afastou um instante sequer.

A's 7 e meia horas sahimos ambos, sem demora, para ir encontrar o outro assistente, que nos estava esperando na Galeria Humberto I. D'aqui nos dirigimos á *Regina d'Italia,* onde jantámos *todos tres,* e *pouco depois das 8 horas,* installámo-nos n'um quarto do *Hotel Piemonte,* situado na Galeria, *sem o menor contacto* com outras pessoas.

A's 11 horas o medium estava em transe e manifestou-se uma entidade, que disse vir saudar nos com a maior brevidade possivel, pois devia ir prestar a sua assistencia a uma pessoa, que acabava de suicidar se muito pouco tempo antes, que era o segundo tenente de infanteria Guilherme Paternostro; indicou tambem que a morte tivéra logar ás 9 horas e que o infeliz se tinha suicidado na caserna de Piédigrotta fazendo uso d'um rewolver.

Ao principio não prestei muito credito a esta communicação, e depois que o medium despertou, julguei mais prudente não lhe fazer referencias ao facto para não o incommodar.

Depois que nos separámos é que me dirigi á redacção do *Matino,* inquirindo ahi por méra curiosidade; mas como nada se sabia, o chefe propoz-me para esperar os reporters, que ainda andavam em serviço.

Hontem, porém, a leitura d'aquelle jornal confirmava-me o acontecimento, deixando-me profundamente impressionado!

Eis nos em presença d'uma manifestação espirita de grande importancia, que ultrapassa todas as hypotheses telepathicas possiveis, todas as conjecturas do subconsciente ou do romance subliminal, se se attende bem ás circumstancias de tempo e logares que acima indiquei.

Relato este facto, não como uma simples particularidade de chronica, mas porque tenho a certeza de que o infeliz suicida sobrevive ao corpo e de que é possivel levar-lhe algum allivio, bem como á familia e ás pessoas que o estimavam.

F. Zingaropoli».

DISSOCIAÇÃO DA MATERIA SOB A ACÇÃO DA LUZ E DO CALOR

O Dr. Gustavo Le Bom acaba de communicar, sob este titulo, uma nota á Academia de Sciencias, de Paris, cuja analyse vamos dár.

O Dr. Le Bom tem até agora realisado numerosas experiencias tendentes a demonstrar a dissociação dos corpos por meio da luz.

Em Inglaterra, Ramsay e Spencer, teem a seu turno feito as mesmas experiencias, e por ellas chegado resultados analogos.

Assim, teem reconhecido que, sob a influencia dos raios luminosos, a materia soffre uma verdadeira desintegraçãa, cujos productos são particulas electricas capazas, como os raios cathodicos, de atravessar delgadas laminas metalicas e de ser desviadas por um campo magnetico.

Ramsay chega a affirmar até que no metal dissociado se operou uma verdadeira transformação.

As experiencias de Ramsay e Spencer, repetidas sobre um grande numero de corpos simples ou mesmo compostos, permittiram-lhes determinar o gráo de dissociabilidade, isto é, a maior ou menor aptidão dissociativa de diversas substancias.

Cumpre pois admittir que a luz dissocia a materia; mas se a sua

intensidade é sufficiente para aquecer as substancias por ella acciodas, tem tambem o effeito de expulsar uma pequena quantidade de elementos radio-activos, que todas as substancias conteem, em virtude da sua dissociação expontanea.

Para pôr em evidencia esta qualidade ou disposição, basta internar a bóla d'um electroscopio carregado n'um cylindro metalico delgado.

Se se expõe o cylindro ao sol, verifica-se que as folhas ou laminas de ouro se approximam alguns gráos; mas em breve se suspende a descarga, e não recomeçará emquanto se não substituir por um novo metal o anterior exposto ao sol.

Obteem-se os mesmos resultados, operando na obscuridade, quando se approxima do cylindro envolvente um corpo elevado a 400 ou 500 gráos de calor, ou ainda os gazes d'uma chamma encaminhados por um tubo até junto do cylindro.

Produz-se então uma descarga correspondente a uma centena de volts, o que se póde reproduzir bastantes vezes, mas ao fim de pouco tempo, o metal não reage mais, quaesquer que sejam as lavagens ou limpezas a que se sugeite. Só depois de muitas semanas de repouso, é que o metal regenera a propriedade de descarregar o electroscopio.

Se o metal recupera tão rapidamente esta ultima propriedade sob a influencia d'um calor moderado e não superior a 20 gráos, é que pela acção d'este calor se produz uma expulsão da pequena reserva de particulas radio-activas, a qual se fórma expontaneamente em todos os corpos, sendo pelo repouso que se restaura quando esgotada.

A experiencia referida é uma nova demonstração da radio-actividade universal da materia, propriedade que o radium e o uranium possuem em gráo muito elevado relativamente aos restantes corpos que a manifestam muito mais fracamente.

Mas não é apenas pela acção do calor que os corpos debelitam e perdem a faculdade de emissão radio-activa; a luz produz o mesmo effeito, se bem que em menor gráo e mesmo quando a fonte luminosa não elevou sensivelmente a temperatura.

Um metal capaz de produzir a descarga quasi instantanea do electrometro, torna-se lenta e successivamente menos energico. Ramsay e Spencer dão a este phenomeno o nome de *cançaço dos metaes,* e attribuem este *cançaço* a uma modificação de equilibrio dos elementos atomicos da superficie, em rasão da perda d'uma certa quantidade de electrons, produzidos pela desintegracão da materia.

APPARENCIA E REALIDADE

Estudando os nossos sentidos, reconhecemos que nos enganam por completo.

Vemos o sol, a lua e as estrellas darem volta ao redor do nós; é falso. Sentimos a terra immovel; é falso. Vemos que o sol se levanta sobre o horisonte; pois ainda está a baixo d'elle; o que vemos é a refracção.

Tocamos os corpos, e consideramol-os inertes; mas os atomos estão em movimento.

Sentimos sons harmoniosos; o ar, porem, não transmitte mais do que ondulações silenciosas.

Admiramos os effeitos da luz e da côr, que fazem viver a nossos olhos os esplendores da natureza; e na realidade não ha luz nem côres, mas unicamente vibrações obscuras do ether. Applicando o fogo a um de nossos pés, julgamos sentir alli dôr quando em verdade a sensação está no cerebro.

Fallamos de calor e de frio; não ha no universo nem calor, nem frio, senão unicamente movimento. D'ahi, bem poderemos dizer que sensação e realidade são cousas mui differentes.

Ainda não é tudo. Nossos sentidos são insufficientes para apreciar o que nos rodeia: não vemos o ar, os gazes, os aromas, a electricidade, e um grande numero de vibraçõas do ether passam despercebidas por nossos sentidos.

No entanto, temos de servir-nos com o que nos concedeu o creador. A fé diz á rasão: «querida, apenas tens um tenue pharol para te guiar; apaga-o e deixa que eu te conduza».

Não é esta a minha opinião. E' certo termos um unico pharol e mui deficiente, mas apagal-o seria o cumulo do obsurdo. Ao contrario, reconheçamos em principio, que a rasão, ou, se quizerem, o raciocinio deve em tudo e sempre ser nosso guia. Fóra d'ahi com cousa alguma se póde contar.

Comtudo não circumscrevamos a sciencia n'um circulo estreito. O desconhecido de hontem é a verdade de amanhã.

Camillo Flammarion.

N.º 11 ABRIL DE 1907 2.º ANNO

ESTUDOS PSYCHICOS

REVISTA MENSAL DE ANIMISMO
E ESPIRITISMO EXPERIMENTAL

Director — DR. SOUSA COUTO

COLLABORADORES—Os srs. Conde de Rochas, Maxwell, Laurent de Faget, De Reyle, Wolowski, Marzorati, Roso de Luna, Quintin Lopes, Martins Velho, etc.

Escriptorio—Rua do Arco Bandeira, 104, 1.º D. LISBOA

CARACTER DOS PHENOMENOS PSYCHICOS

E' frequente ouvir-se attribuir tanto a alguns phenomenos meramente animicos, como a outros classificados espiritas, o caracter sobrenatural, procurando-se assim relegal-os do campo da investigação, como cousa vedada ao inquerito humano.

Essa objecção formúla se a cada passo, quer nas discussões oraes sobre esta materia, quer nas obras de combate contra ella, parecendo querer-se d'essa forma apregoar o mysterio d'estas pesquizas e tornal-o impenetravel para sempre ao nosso esforço intellectual.

Esta falsissima proposição, venha embora sob a comminatoria aprencia do anathema, revela por si só a absoluta carencia de verdade e de conhecimentos de quem a apresenta.

Póde ella ensombrar a reflexão tão somente dos menos preparados pela experiencia e pelo estudo, ou menos dotados de bom senso, pois que aos investigadores e aos lidos n'este assumpto apenas faz a impressão do mais pobre e inconsistente argumento.

Seria o maior dos paradoxos que a natureza nos desse phenomenos sobrenaturaes; seria o mais extra-racional conceito o que suppuzesse que na manifestação cosmica algum facto podia existir, tendo a sua origem fóra do mesmo cosmos, ou a sua essencia o collocasse fóra de toda a lei.

Não póde, nunca poderia ser assim.

Basta um facto existir, basta uma modalidade realisar-se, um phenomeno produzir-se, para *necessariamente* haver uma lei que o regule, uma norma que o subordine. E essa lei, essa norma pertencem ao patrimonio da natureza, são do seu dominio, não pódem desintegrar-se d'ella.

Por que rasão plausivel, acceitavel, por que principio logico se ha de attribuir aos phenomenos animicos e mórmente aos phenomenos espiritas o caracter de sobrenaturaes?

Como póde o nosso juizo acceitar tão frisante absurdo?

Será porque julgam desconhecer-se totalmente a origem d'esses phenomenos?

Se o pensam assim os sequazes do *sobrenaturalismo,* dois graves erros commettem no mesmo lance: um respeitante aos conhecimentos actuaes, e outro relativo á refalsada illação que d'aquelle principio fazem derivar. Os estudos emprehendidos desde ha annos sobre psy-

chismo na sua completa pbenomenalidade, teem levado celebridades scientificas do mais reconhecido e justificado merito, a attribuirem essas manifestações a um principio imperecivel, existente no organismo humano, principio d'essencia material, que durante a vida póde exteriorizar-se, como succede nos trabalhos de hypnose e outros expontaneos, e que pela morte se desintegra, mas subsiste como unidade e como individualidade.

Se, pois, este elemento animico, este *substractum,* existe na natureza, anima o corpo humano e se patenteia nas variadas formas da phenomenalidade que lhe é propria; se elle está demonstrado em numerosissimas experiencias do mais impeccavel rigor, como ousará algum dizer que se trata d'uma cousa sobrenatural?

A palavra sobrenatural não tem sentido, não é exacta na significação, quando applicada a uma realidade que a natureza contem e exhibe. Póde essa palavra entrar bem nas obras da phantasia ou nas producções de devaneio poetico, mas não tem cabimento nas expressões rigorosas de que se devem servir a verdade e a sciencia. Mais uma vez ainda: nenhum facto, nenhum phenomeno, nenhuma modalidade, nada, emfim, na natureza se póde chamar sobrenatural.

Mas, quando mesmo sobre a origem de certo grupo de phenomenos houvesse ou duvidas, divergencias, ou a plena inopia de noções verificaveis, nunca deveriam taes phenomenos apodar-se de sobrenaturaes.

Pretender-se com esse rodeio desvial-os do caminho do progresso, arredal-os, vedal-os á nossa curiosidade, ao nosso anceio de saber e descobrir, é desconhecer os ensinamentos da historia; é repetir lamentavelmente os entraves que tantas vezes se teem posto á nossa marcha ascensional.

Essa lição, que devia a estas horas ser mais proveitosa, nos ensina que muitas conquistas modernas pareceram, na sua origem, obscuras, impossiveis, e como taes de genése sobrenatural.

A valer esta primordial apparencia, e a valer tambem a vontade retardataria, dogmatica ou estulta, de quem queria oppôr-se á sua indagação e ao seu estudo, ficaria para sempre a humanidade n'uma infancia prolongada, velha, que pouco se differenciaria do cretinismo.

Pareceu impossivel que a terra pudesse volver sobre si em 24 horas; pareceu sobrenatural que um laço invisivel ligasse esta móle ingente ao sol, fazendo-a trasladar periodicamente em redor d'este centro de luz e força. Mas a ignorancia foi vencida e o que parecia sobrenatural cahiu no dominio naturalissimo das leis da gravitação.

Pareceu impossivel e sobrenatural que a suggestão mental existisse, que um cerebro podesse accionar outro cerebro, impressionando-o a seu bel prazer.

Porém a suggestão demonstrou-se e tornou-se um facto positivo e natural do dominio da experiencia psychica.

Mais uma vez a ignorancia derruiu, não conseguindo assustar com palavras troantes, mas vazias, a contumacia dos estudiosos.

Pareceu impossivel e sobrenatural que meia duzia de punhados d'agua chilra, ou dormente de qualquer lago, podésse conter em si a força tremenda d'expansão que é o musculo poderoso de toda a mecanica moderna.

Mas o vapor desentranhou-se do seio da agua morta: e a sua força mede-se por milhões de cavallos.

Pareceu impossivel, inacreditavel, sobrenatural tambem, que o pensamento podésse ser lançado a distantes logares por um tenue fio, e a telegraphia estabeleceu se; e mais inacreditavel pareceu, que sem fio mesmo, essa transmissão se podesse fazer; mas a onda hertziana é hoje uma descoberta incontestavel que veiu desmentir todas as incredulidades.

E quantos mais exemplos d'esta ordem! Quantas mais remomorações se poderiam fazer a este proposito, demonstrando todas de modo eloquente que o sobrenatural do passado é o natural de hoje, e que o que hoje parece sobrenatural ámanhã parecerá naturalissimo!

E' preciso não classificar de sobrenatural o que se não conhece.

Qualquer problema em equação não constitue uma formula sobrenatural, mas apenas uma incognita a achar.

* * *

Não quer isto dizer que a phenomenalidade espirita seja um cerrado problema; ao contrario, os que amplamente a estudam, attingem um estado de convicção e de deducção, que de fórma alguma se pódem classificar de dubio ou problematico.

O que com o exposto queremos accentuar bem, é que o caracter dos factos em que se fundam os estudos psychicos é incontestavelmente natural, pois são phenomenos que a natureza nos apresenta.

Não ha sobrenaturalismo, não ha milagre; não os póde haver, não os haverá, pois que as leis da natureza são inflexiveis, incoerciveis, insophismaveis.

As transgressões da lei, ou as excepções abertas aos seus preceitos são cousas que não se decretam nem se executam no vasto laboratorio da natureza.

Longe estamos do tempo em que celebridades ou obscuridades, crentes ou incredulos acceitavam taes idéas e lhes ligavam qualquer sentido.

Não fugiu a este errado pensar o proprio Virchou, como se vê do seu relatorio a proposito de Louise Lateau, cujos estigmas tanto déram que locubrar aos peritos da épocha.

Foi assim que concluiu: *fraude* ou *milagre*.

E hoje afoutamente qualquer investigador diria: a fraude precauciona-se, o milagre não existe.

Estudemos, pois, de animo sereno; arranquemos á natureza os segredos que ella nos póde dar, e não nos detenham velhos conceitos sem sentido.

Souza Couto.

ULTIMAS SESSÕES D'EUSAPIA PALADINO COM LOMBROSO, EM TURIM

O relato d'estas sessões foi publicado na *Stampa,* o jornal mais importante de Turim.

As experiencias realisaram-se n'uma sala de clinica de Psychiatria da Universidade, em fevereiro passado.

O professor Lombroso foi auxiliado n'estas experiencias por seus dois ajudentes, drs. Audenino e Imoda, e avisadamente procurou afastar o costumado erro em que tinham cahido outros sabios ao abordarem as mesmas investigações, o qual era reduzir a assistencia a dois ou tres experimentadores peritos, mas improprios á obtenção ou producção de taes phenomenos.

Eis como era composta a assistencia d'estas sessões de Turim: além de Lombroso e de seus dois ajudantes, faziam parte do grupo o dr. Norlenghi, o dr. Joseph Roasenda, Joseph Bocca, advogado, Jannacone, professor da Universidade, Pomba, engenheiro, conde Guy Borelli, René Maris e Jacques Barbaroux, advogados, Jean Roggeri, *Miss* Frances Griffin, D. Emilia Dalmazo, Emilio Barbaroux e M. Mucchi, artista. Este ultimo é o auctor dos relatos publicados na *Stampa.*

Todas as pessoas referidas são bem conhecidas em Turim, onde occupam posições em evidencia, e alguns, como o engenheiro Pomba e D. Emilia Dalmazo pertencem a familias convencidas dos phenomenos espiritas desde ha bastantes annos; é isto que contribue a explicar o notavel resultado d'estas experiencias.

M. Mucchi refere minuciosamente as precaucões que se tomaram para frustrar toda a possivel tentativa de fraude. Além de que, accrescenta elle, nenhum dos mais importantes phenomenos que se produziram poderia dar logar á menor suspeita de *truc.* Todos elles são de tal natureza que não poderiam ser imitados pela mais habil prestidigitação.

Ao lado do medium ficam dois medicos, para o fiscalisarem; do tecto pende uma lampada electrica de dez velas, illuminando claramente a sala. Eusapia pede a uma das pesssas que formam a cadeia, para bater sobre a meza com a palma da mão, formando um rythmo qualquer.

A pessoa bate tres vezes e appoia levemente a mão no sitio em que bateu. Um instante depois, ouve-se no mesmo ponto, a repetição, como um ecco, do rythmo exacto.

A côr da luz é substituida; em vez da lampada branca, accende-se uma lampada vermelha.

Um tamborete de madeira que se tinha collocado no gabinete medianimico treme, agita-se; as cortinas fazem outro tanto; de traz d'ellas uma mão por muitas vezes toma as mãos estendidas dos assistentes, sacudindo-as, acariciando-as.

Subito, com grande surpreza geral, uma pequena mão, fechada, tendo o braço coberto d'uma manga escura, apresenta-se em plena luz, bem visivelmente; é uma mão rosada, roliça, fresca. A admira-

ção não nos impede a perfeita fiscalisação do medium: as mãos estão rigorosamente seguras pelas dos dois medicos encarregados.

Passados instantes, um sôpro frio sae das cortinas, que se abrem de repente, como se fossem afastadas por duas mãos: e surge uma cabeça humana, rosto pallido, descarnado, aspecto desagradavel. Conserva se um instante e desapparece.

O tamborete de madeira eleva se no ar e parece querer sahir do gabinete, impellindo as cortinas. Desembaraçam n'o d'ellas e assim continúa a subir n'uma posição inclinada, dirigindo se ao grupo dos assistentes.

Varias mãos se estendem para seguir o curioso phenomeno e tocam ligeiramente o movel, mas eis que a pequena mão de mulher reapparece junto ás cortinas, toma um dos pés do tamborete e o impelle.

O collaborador da *Stampa* permitte-se romper a cadeia, e toma rapidamente esta mão delicada e quente, que logo parece dissolver-se e desapparece. Em continente, procuramos assegurar-nos se as mãos de Eusapia estão bem seguras, e reconhece-se que realmente assim é. O tamborete continúa subindo, passa sobre a cabeça d'um dos assistentes, mas n'este momento o medium opprimido, exclama: «Vai-vos molestar, segurae o!...» As mãos que seguiam o pequeno movel tomam n'o, então, para o tirar d'esta posição critica, porém uma força invisivel lh'o retira para o centro da meza, onde finalmente repousa.

No fim da sessão, o relator colloca a mão sobre a profunda cicatriz, que o medium tem no parietal esquerdo, e d'ella sente sahir um sôpro frio, forte, contínuo, como o d'uma bocca. Em seguida notava-se a mesma sensação de sôpro frio, posto que mais tenue, sahindo das extremidades digitaes.

Segunda sessão

Para eliminar toda a suspeita de que algum assistente possa produzir ou favorecer os phenomenos, decidiu-se reunir todas as pessoas n'uma dupla cadeia: seis pessoas em volta da meza e as oito restantes intercaladas, n'uma segunda fila. D'esta fórma qualquer movimento seria notado pelos vizinhos.

Collocaram-se no gabinete duas pequenas mezas, sobre as quaes ficaram um piano de criança, um autoscopio para experiencias scientificas, um pandeiro, uma campainha de cabo, uma trombeta e mais alguns pequenos objectos.

O estado de transe é annunciado d'esta vez pelo famoso «tiro de peça»; á vista de todos, emquanto o medium tem as mãos e os pés bem presos pelos dois encarregados, presenceamos vibrar o centro da meza sob uma pancada forte, que se poderia comparar á produzida pela biqueira d'uma bota solida, contundindo por baixo.

Esta experiencia é repetida muitas vezes durante a sessão; para a tornar mais convincente, Eusapia pede a um dos assistentes para lhe segurar um dos pés debaixo da meza e seguir-lhe os movimentos: o medium levanta então ligeiramente o pé e a pancada produz-se na superficie da meza. Ao mesmo tempo o outro pé é rigorosamente fisca-

lisado; de mais, Eusapia durante as sessões apenas calça umas chinelas de lã.

Um outro exemplo de synchronia nas pancadas produzidas: Eusapia levanta a mão segura pela do fiscal da esquerda e faz movimentos como para dar pancadas no ar; simultaneamente com uma synchronia perfeita, as pancadas resôam sobre as mesas no interior do gabinete medianimico. O medium bate com os dedos sobre a mão d'um fiscal, e os experimentadores ouvem o ruido correspondente dentro do gabinete referido.

Tendo-se exprimido o desejo de ouvir o som do piano, começou no interior do gabinete um trabalho preparatorio: ouve-se o deslocar de moveis, o tinir de vidros e de outros objectos. Observa-se por fim, que a meza sobre a qual estava o piano é arrastada para junto do medium, como para sahir: o fim d'esta manobra é provavelmente attrahir á esphera d'actividade mediánica o piano, que se encontrava mesmo ao fundo do gabinete.

N'um dado momento agitam-se fortemente as cortinas; uma das extremidades é impellida até ao meio da mesa, e vê-se apparecer uma caixa de madeira branca, fechada á chave e lacrada, tendo uma folha de papel esfumado. Este objecto pára durante alguns segundos sobre o braço do fiscal da direita, depois, como se fosse agarrado por uma mão real, mas invisivel, é trazido na direcção do centro da meza, movimentado, como para se deixar vêr, e projectado ao meio da meza, arrancando a todos uma exclamação de surpreza e admiração.

«O phenomeno, diz M. Mucchi, foi com effeito completo, muito visivel em todas as suas phases, nitido, incontestavel e muito convincente.»

Cinco pancadas chamam a attenção das precauções; o pequeno piano que muitas vezes se ouvira mover e abrir-se, é por fim tocado com um dedo que procura as notas, não ao acaso, mas com uma intenção vagamente musical. Não é um rythmo bem definido, mas tão pouco não é o charivari que faria uma creança sobre o teclado. Ha em summa, intenção de ordem musical, assás claramente manifestada.

Algum tempo depois, uma ovelhinha de creança, das que se fazem balar pela pressão d'um pequeno folle, e que tinha ficado no gabinete, apparece por cima da cabeça d'Eusapia, onde pára algum tempo, e em seguida é lançada ao meio dos assistentes por uma mão invisivel.

Desejou-se de novo ouvir o piano, e com effeito algumas notas se fazem sentir.

Um dos experimentadores exprime a duvida, se estes sons viriam do autoscopio, e então este instrumento é lançado a seu turno sobre a meza; verifica-se que os sons vinham realmente do piano.

Eusapia pede ao advogado Bocca para que se colloque de joelhos sobre a meza, e elle então poude sentir atraz das cortinas uma mão que aperta a sua, a uma altura que Eusapia não poderia attingir — phenomeno que vimos já produzir-se com Barzini em Genova.

Em seguida dá-se o phenomeno das luzes, que partem da cabeça do medium, descrevendo uma pequena trajectoria, como se fossem pequenas faiscas.

Terceira sessão

Algumas addições importantes são introduzidas no gabinete medianimico: uma lampada electrica vermelha com reflector é pendurada na parede do fundo, á altura de dois metros, e póde muito bem illuminar o interior. Esta modificação é destinada a permittir vêr o desenvolvimento dos phenomenos no logar onde as mais das vezes se produzem; um «tambor» Marey ostenta a sua curiosa estructura de cylindros e agulhas sobre uma meza collocada ao pé do gabinete; um tubo de caout-chouc liga-o no interior do gabinete com um cardiographo Marey; um outro tubo com um apparelho de Morse collocado sobre a meza das experiencias.

O fim é registar sobre o papel esfumado do tambor simultaneamente a pressão exercida pelo dedo do medium sobre o apparelho Morse, no exterior, e a pressão feita pela «entidade» sobre o botão do cardiographo, no interior, e verificar a synergia dos dois phenomenos.

Uma meza redonda de quatro pés, com o peso de 11 kilogrammas, occupa o angulo esquerdo do gabinete, tendo em cima 27 kilos de greda, perfeitamente lisa e coberta d'um panno molhado, para moldagem.

Depois que o medium cahiu em transe, ouve-se no interior do gabinete o movimento da pesada meza que tem a greda.

A curiosidade dos assistentes volve-se immediatamente para este ponto. Vêr-se-ha formar o decalque d'um rosto ou d'uma mão?

A resposta não se faz esperar, e tem um caracter inesperado e um tanto irreverente. Uma bola de terra molhada é lançada do interior do gabinete e vem achatar-se sobre o pollegar do que tinha feito a pergunta.

Eusapia começa a executar pequenos movimentos, pequenas contracções, e ao mesmo tempo a meza se approxima com ruido alguns centimetros das cortinas.

Isto dura cerca de um quarto de hora, depois do que a greda se encontra atraz para a direita de Eusapia, á distancia de 1 m. 80 approximadamente.

Por pancadas é indicada menos luz; apaga-se então a lampada interior, que não é necessaria á fiscalisação, mas perde-se assim a possibilidade de vêr produzir o phenomeno.

Ouvem-se grandes pancadas sobre a meza, e a que tem a greda tambem bate a seu turno com os pés: a moldagem está feita.

«Pedem-me, escreve o relator, para tomar a moldagem; procuro, portanto, entrar no gabinete, mas sou repellido por duas mãos, «feitas de nada», que me afastam. Sinto-as ageis e promptas, que me agarram e me repellem. A lucta dura algum tempo; as mãos parecem deleitar-se em me contrariar; se quero entrar, obstam, se quero recuar, seguram-me.

Por fim tomo o pedaço de greda, que estas endemoninhadas mãos persistem em querer disputar-me; quando me retiro, impellem-me com violencia, que ia atirando tudo ao chão».

Observam-se então sobre a greda tres ou quatro impressões como as poderia fazer um punho cerrado.

Um dos assistentes é rogado para tomar um bandolim que estava na sala, e collocal-o na meza onde estivera a greda. Este senhor encontra a seu turno a hostilidade d'estas mysteriosas mãos que queriam e não queriam deixal-o entrar.

Receoso de lhe tirarem o bandolim, colloca-o rapidamente na meza interior com as cordas voltadas para baixo.

O bandolim não tardou a ser d'ahi levantado inexplicavelmente, e trazido sobre a meza das experiencias, onde, *á vista de todos, tocou sósinho,* ao principio n'uma corda apenas, som nitido produzido como pelo desferir d'uma unha, depois em todas as cordas, como fazendo correr um dedo sobre ellas.

Roga-se a um assistente para imitar o bandolim sobre os dedos de Eusapia; a cada contacto corresponde o som d'uma corda, e se o gesto é mal feito, o som sae incompleto e estridente.

Em seguida, uma mão que se materialisa instantaneamente, toma o instrumento pelo braço, colloca o sobre o hombro do experimentador, e ahi, á vista de todos, as cordas se agitam e arranham, até a mão se dissolver e desapparecer.

O bandolim volta sobre a meza, e como se um fio o movesse, recúa e avança; as cordas gemen sob a acção d'este contacto invisivel.

«Durante todo este tempo, diz Mucchi, a precaução foi muito rigorosa. A' minha direita, um assistente em pé e bem attento ao que se passa, sente o index agarrado e puxado para cima, não se oppõe, mas não parece satisfeito com isto; com effeito sente que o dedo maior é preso pelos dentes d'uma bocca que está atraz das cortinas. Desejava saber qual é a entidade invisivel, e a mão desconhecida leva a sua á altura d'uma cara para lh'a fazer tocar. Pergunto a este assistente se pôde reconhecer, se era um homem ou uma mulher, e a mão é levada a reconhecer as ondulações d'um rosto que se move atraz das cortinas. A mesma mão repetidas vezes lhe bate no hombro, e nós ouvimos o som correspondente, secco e caracteristico.

Eusapia quer então ter ao pé d'ella um veneravel velho que conhece ha muitos annos e tem experimentado largamente com ella.

Este assistente inclina-se para o gabinete, e nós ouvimos um pequeno ruido de beijos. A luz vem n'este momento d'uma lampada electrica vermelha, collocada exteriormente, um pouco atraz e á esquerda do gabinete medianimico; por isso a parede esquerda da sala está bem illuminada e constitue um fundo claro, sobre que se destacam os perfis do medium e do velho.

O medium appoia a cabeça sobre o hombro do fiiscal da direita; as suas mãos estão seguras pelas d'elle.

Subito, as cortinas se agitam fortemente, sae d'ellas um sopro frio; depois uma forma humana coberta pelo leve tecido da cortina desenha-se sobre o fundo claro.

Uma cabeça de mulher instavel e titubeante approxima-se da cara do velho; move se com o tremulo d'uma venlhinha; parece in-

clinar-se, tocar o assistente idoso, beijal-o talvez; o velho encoraja; a forma retira, volta, parece não ousar, depois avança com resolução.

E' um momento de emoção invencivel. Sceptico como sou, adversario do toda a fórma de mysticismo, sinto a angustiosa impressão, que se evola d'esta scena muda...»

(Continúa). MUCCHI.

O CASO «FERNANDO DE LACERDA»

Analyse critica

(Continuação)

Referimo-nos no artigo anterior a algumas das causas que poderiam invocar-se para explicação do caso que estamos apreciando. Mas ha uma outra ordem de phenomenos, que devemos lembrar tambem, já que o seu conhecimento importa summamente ao estudo da hypothese.

Seria lacuna grave e censuravel não chamar á discussão, para confronto e poderoso auxiliar hermeneutico outros factos, na actualidade bem verificados, seguramente de origem transcendente, e nos quaes parece intervir uma causal de outra natureza.

E dizemos assim, porque negada essa interferencia, os phenomenos ficariam sem possivel interpretação, sem cabimento em qualquer das outras theorias.

II

Phenomenos medianimicos d'ordem especial

N'esta denominação queremos comprehender diversos factos de tão extranha origem, que só a hypothese espirita os pode plenamente abraçar.

Ha uma lata e complexa modalidade phenomenal d'esta ordem, formando diversos grupos ou cathegoriaes, a que não é difficil reconher a communhão de proveniencia.

Porem na analyse presente só parece apropositada e nos basta a manifestação graphica, e n'ella encontraremos claros exemplos de que o escripto não pode ser atribuido ao automatismo, á subconsciencia, á telepathia nem á suggestão.

Entre os muitos factos de tal indole, que poderiamos referir, vamos esboçar apenas alguns de proveitoso ensino e alcance.

Um dos mais instructivos e frizantes casos d'esta natureza é o de Stainton Mosés, professor da Universidade *Collége School,* a que numerosos trabalhos têm feito referencia, e que mais extensamente se relatam nos seus livros «Ensinos espiritualistas» e «Identidade dos Espiritos», versão franceza do Dr. Duzart.

Stainton Mosés era um grande medium escrevente, cuja faculdade se desenvolveu lenta e gradualmente, não sem uma lucta entre a duvida e a deducção logica, até crear-se-lhe a convicção de que as comunicações recebidas vinham em verdade do mundo espiritual.

Mas a severidade e o rigor do seu criterio eram assaz exigentes para que facilmente pudesse subordinar a sua rasão a uma idéa que vinha derruir-lhe todas as crenças e conceitos anteriores. Foi preciso que as provas se impuzessem com um pezo extranhamente dominador.

Eis como elle mesmo descreve as phases que atravessou o seu estado de consciencia:

«Durante muito tempo esperei a prova reclamada... Pouco a pouco, ora por um aspecto ora por outro, por fragmentos e por degráos em cujas minucias não posso aqui entrar, esta prova chegou, e como meu animo estava preparado a recebel-a, seis mezes continuos gastei em esforços diarios, ininterruptos, para fixar bem em mim a demonstração de persistencia do espirito humano e sua faculdade de communicação commigo, dando-me a prova da conservação da sua individualidade, bem como da continuidade, sem solução, da sua existencia.

Alguns espiritos que se manifestavam me eram conhecidos da vida terrestre, podendo eu assim verificar as suas affirmações, maneira de ser, particularidades de dicção, originalidades que eu recordava como pertença sua.

Mas na maior parte me eram desconhecidos... Traziam-me o seu testemunho e contavam-me o seu destino, depois que d'aqui foram. Alguns pertenciam a paizes os mais inverosimeis e grande trabalho tinhamos, eu e meus amigos, para poder verificar as suas affirmações; uns e outros apresentavam-se com um cunho de sinceridade e franqueza bem digno da comprehensão do elevado alcance da sua missão. Todos elles, sem uma unica excepção, referiam a seu respeito a mais estricta verdade, tanto quanto nos foi possivel verifical-a... Nunca pude destruir as suas affirmativas, nem surprehendel-as em flagrante delicto de fraude, apezar das mais attentas investigações.»

Relata ainda Mosés que a escripta assim obtida era mecanica, no estado de vigilia (salvo alguns casos de transe, em que se produziam tambem phenomenos physicos), mas a sua consciencia não dirigia o phenomeno, nem a sua intelligencia sabia o que se ia escrevendo.

«As opiniões enunciadas, diz elle, eram contrarias á minha maneira de vêr. Em quanto eu escrevia, tratava de occupar o meu pensamento n'outra cousa, como lêr uma obra abstracta, seguir um raciocinio cerrado, emquanto minha mão escrevia com uma regularidade impeccavel».

Numerosas paginas eram assim escriptas, correctas e limpidas, n'um estylo por vezes bello e vigoroso. Varios nomes assignavam esses escriptos e cada um tinha a sua caligraphia, o seu estylo, a sua logica e a sua orientação, marcando claramente individualidades distinctas.

A estas caracteristicas, porém, accresceram outros factos que lhe vieram cimentar a convicção a que acima alludimos.

Provas de valor pujante em verdade, e não sabemos que solida orthodoxia houvera de ser capaz de resistir á sua força ineluctavel. Vae um exemplo da supremacia de taes provas.

Uma vez Stainton Mosés, para vêr se a entidade tinha uma exis-

tencia independente, perguntou-lhe se podia lêr n'um livro a distancia.

Essa entidade respsndeu que não tinha tal possibilidade, mas que ia chamar um outro que o podia fazer. Depois a caligraphia mudou, e perguntando novamente se podia lêr n'um livro, disse que sim, mas com difficuldade. A primeira prova que Mosés pediu foi a transcripção do ultimo verso do 1.º livro da *Eneida,* e realmente o verso, ignorado pelo médium, foi escripto. Mas podia isto ser tirado da sua subconsciencia. Pediu segunda prova, ao acaso, d'um livro que não conhecia, nem mesmo de titulo, e cuja lombada não podia lêr, mas divisava ao longe. Era o penultimo da 2.ª divisão d'uma estante, e pediu para se lhe reproduzir alli o ultimo periodo da pagina 94.

Esse periodo, comportando algumas linhas, foi escripto; e indo Mosés verificar certificou se com estupefacção de que era exacto. Havia, apenas, uma palavra substituida por um synonimo, mas a entidade explicou que foi engano seu, que aliás não poude corrigir durante o phenomeno, pelo esforço extraordinario que demanda.

Em seguida essa individualidade para mostrar a sua autonomia escreveu outros trechos, ignorados de Stainton Mosés, e pediu lhe para verificar na estante, nas obras e paginas que indicou. Eram ainda communicações exactas.

Estas provas são incontroversamente de gravidade e vem corroboral as aquella distincção acima posta, em que a primeira personalidade declarou que não tinha possibilidade de realisar este phenomeno.

Se elle fôsse producto da subconsciencia, porque é que ella logo não o produziu? Não mostra este exemplo uma definida independencia de agentes? (1)

***

Passemos a dar outros casos d'analogia.

Ha um romance de Charles Dickens, intitulado *Edwin Drood,* começado pelo auctor e que foi terminado depois da sua morte por um medium sem illustração, novo, sem a menor educação litteraria.

Era James esse medium, de profissão mecanica, incapaz de produzir tres linhas, quanto mais uma obra notavel, d'uma unidade perfeita, sem ser possivel conhecer o ponto de inserção entre a parte escripta por Dickens e a communicação ulterior.

Esse medium escrevia no estado de inconsciencia, de que era preciso por vezes tiral-o ao fim do exercicio medianimico.

Em 1873 a imprensa dos Estados Unidos relatou e commentou amplamente este facto, apurando, por meio de testemunhas oculares, o seu modo de producção e os seus resultados.

A parte escripta por James representa 400 paginas. A caligraphia do médium alterava-se e tomava uma notavel semelhança com a de Dickens.

(1) Stainton Mosés escreveu tambem uma obra intitulada *Psychographia*, e entre os testemunhos d'essa obra cita notabilidades bem conhecidas, como o professor Wach, Zolner, Fechner, O'Sullivam, que foi ministro dos Estados Unidos, em Portugal, etc.

Mas o que mais chama a attenção dos investigadores, n'este phenomeno, é a realisação plena do pensamento, da cohesão litteraria e deducção da trama em todo o decurso da obra, até ao remate.

Segundo a critica do correspondente do *Daily Union (Springfield)*, as personagens mantinham o perfil exacto, a linha inconfundivel do caracter proprio.

A parte medianimica era uma integração hemogenea da concepção. A ortographia era mantida, as particularidades, a technica, o processus, os conhecimentos topographicos de Londres, que o medium não tinha, mas que vinham com a precisão da verdade, tudo, emfim, era perfeito e completo.

Segundo a opinião de Mr. Harrison, o genio e o sentido artistico que este trabalho revela, não poderiam conciliar-se com o instincto frudulento.

* * *

É tambem conhecido e classico o caso de medianismo produzido com Hudson Tuttle, simples camponez que não teve o menor lustre de educação scientifica. Na edade de 18 annos, sem preparação alguma, e n'uma inconsciencia plena do que traçava, não tendo tambem conhecimentos para sequer comprehender a profundidade philosophica da sua producção, escreveu a magnifica obra «*Arcanos da Natureza*» cujo primeiro volume foi em 1860 publicado na Allemanha (Erlangen) pelo Dr. Acker com o titulo «*Historia e leis da Creação*».

E era tal o valor intrinseco da obra que Büchner d'ella se soccorreu por vezes, fazendo até citações textuaes.

Comprehende-se qual foi a decepção de Büchner, quando em viagem pela America do Norte teve uma entrevista com Tuttle, que quiz conhecer, e que contra toda a espectativa, lhe appareceu na sua rude ignorancia, na sua ingenua simplicidade!

* * *

Na mesma cathegoria de escriptos devemos citar as producções medianimicas de Louis Michel «*Chaves da vida*» e «*Vida universal*». Este medium era um simples aldeão, que não conhecia cousa alguma; apenas sabia escrever, servido por poucas noções d'uma instrucção primaria incompleta.

E comtudo aquellas obras são, sob o aspecto philosophico e scientifico, magistraes locubrações d'uma grandeza sem egual.

Renucci, se nos não engana a memoria (pois possuimos a sua obra, mas de prompto não a podémos encontrar), occupa-se largamente d'este trabalho medianimico, e colloca-o acima de quanto até hoje se tem escripto e sob-põe, n'uma terceira classe, quanto de melhor o genio humano ha produzido.

Estes mesmos elogios são rasgadamente feitos n'um opusculo a proposito, caloroso e justo, publicado pela casa Chamuel de Paris em 1895, aqui presente.

Quem lêr estes livros, d'uma synthese grandiosa e penetrante, fica desde logo avassallado pela idéa de que elles não podiam ser elaborados pela mentalidade d'um pobre aldeão sem cultura alguma.

* * *

Innumeros exemplos poderiamos citar d'esta indole; mas não queremos alargar demasiadamente o quadro.

Comtudo, ha factos relativamente recentes, que não devemos omittir n'este ensaio critico, pois constituem elementos tributarios d'estima incontestada.

Tal é o de M.me Piper, que em estado de transe expontaneo dá communicações de diversas individualidades, e o estudo approfundado, attento, severissimo, d'essas communicações, tem levado os investigadores á convicção de que a origem das mensagens é posthuma.

O Dr. Hodgson, membro da «Sociedade de Investigações Psychicas de Londres» foi expressamente estudar estas manifestações, e o resultado d'estas pesquizas trouxe-lhe aquella inabalavel convicção.

Cortando por digressões, cumpre-nos apenas consignar os effeitos.

Segundo as proprias palavras de Hodgson, encontram-se no seu relatorio asserções cathegoricas que não deixam vestigios de duvida.

«Durante doze annos, diz elle, pela mediumnidade de M.me Piper, obtive communicações com os espiritos dos que eram mortos desde ha algum tempo.

Ao principio, e posso em verdade dizer, durante os primeiros annos, não acreditava n'esta faculdade de M.me Piper. Tinha um unico fim: descobrir a fraude. Devo ter a franqueza de dizer que n'essa época eu ia a casa de M.me Piper com o intuito de a desmascarar....

Entrei n'esta casa profundamente materialista, não crendo na existencia depois da morte, e hoje digo simplesmente: *«creio. A demonstração foi-me feita por fórma a tirar mesmo a possibilidade d'uma duvida!!»*

Conhecedor das diversas theorias, investigador feito, modelar, prudente, o Dr. Hodgson, percorreu-as, ensaiou-as, buscou adaptal-as a esta phenomenalidade, mas não pôde esquivar-se ao predominio da hypothese espirita para a mais justa interpretação das suas observações. E proclamou-a!

O amplo estudo investigante do Dr. Hodgson, carecia d'um desenvolvimento condigno, e é possivel que em artigo especial, n'outro ensejo, o exponhamos de fórma merecida. Aqui não póde dar-se-lhe maior explanação.

Cumprirá sim e apenas dizer, que reencetado o mesmo caminho experimental, e continuado o estudo das faculdades medianimicas de M.me Piper pelo Dr. James Hyslop, professor da Colombia, as conclusões a que chegou foram as mesmas, as affirmações egualmente cathegoricas e o immotalismo proclamado.

Pódem vêr-se a este respeito os Annaes da sociedade acima citada, as obras de Sage e varios trabalhos modernos.

* * *

Na obra intitulada «Que sou eu?» refere Serjeant Cox, com a sua grande auctoridade e competencia n'esta materia e mesmo na littera-

tura, as communicações obtidas por um medium sem instrucção, as quaes excediam totalmente todos os seus recursos ou possibilidades. Declara Serjeant Cox que ouviu este rapaz medianimicamente sustentar um dialogo com um grupo de philosophos sobre a «Rasão e Presciencia, «A Vontade e o Destino», mantendo elevadamente a sua opinião contra todos elles.

Suscitadas as questões mais arduas da psychologia, vinham logo as respostas mais attinadas, sempre reflectidas, sabias, invariavelmente expressas n'uma linguagem fina e escolhida.

E comtudo, passados minutos, logo que se dissipava esse estado de mediumnidade, era esse rapaz totalmente inhabil para responder ás mais simples questões sobre materia philosophica, e nem sequer encontrava termos para exprimir a idéa mais banal.

Não foi uma só vez que este facto se deu. Cox repetiu estas experiencias varias vezes e sempre d'ellas obteve a confirmação de que um factor extranho funccionava n'estas communicações.

As manifestações do medium M.me Thompon deverão tambem cathegorisar-se n'aquellas que se radicam n'uma personalidade extranha ao medium.

No relatorio que Myers apresentou ao IV Congresso Internacional de Psychologia, de Paris (Compte rendu da casa Felix Alcan, 1901) descrevem-se as faculdades d'este medium e fundamentam-se as conclusões sobre a sua authenticidade.

M.me Thompson entrava em transe, dando a communicação verbal e ás vezes escripta e attribuindo o facto á possessão d'um espirito.

A apparencia era de somno natural e a entidade manifestada tinha a mesma lucidez, quer fosse quer não fosse previamente conhecida d'ella.

«O successo, diz Myers e dependia sobretudo de que houvesse uma pessoa amiga desejosa de se communicar com o consultor, e que conhecesse a maneira de o fazer. E, cousa tantas vezes notada pelos investigadores, era melhor o resultado quando se tomava por base a hypothese espirita, attribuindo se ás fontes de informação a natureza que ellas mesmo pretendiam».

Entre os ensinos colhidos n'estas manifestações, um grupo, embora não numeroso, era desconhecido dos assistentes e só conhecido d'essas personalidades.

E assim raciocina o incomparavel psychologo: «A accumlação gradual dos factos d'este genero torna-se um forte argumento em favor da authenticidade d'estas pretendidas communicações. Creio ter boas razões para attribuir estas mensagens a pessoas que já viveram, conhecidas de mim ou de meus amigos e cujos pensamentos pôde traduzir o organismo do medium».

* * *

A somma dos factos observados é já enorme, dispersa por muitas obras e revistas que ao objecto se consagram; e desde ha muito,

desde antigos agiologios até á actualidade, por observações recentes no genero. D'estas podemos citar a de M.me Verrall, de que se occupa o fasciculo 53 do 20.º vol. dos Annaes *(Procedings)* da Sociedade de Investigações Psychicas, de Londres.

M.me Verrall começou por ensaios medianimicos que, sobre tudo, desde o principio de 1901 tornou mais methodicos e persistentes. Foi preciso muita paciencia para não desanimar. O desenvolvimento era lento; mas passados tres mezes a faculdade desabrochou com violencia, obrigando a a tomar o lapiz d'uma maneira que lhe não era habitual. Muitas vezes adormece e a escripta continua até ao fim.

Uma condição grandemente favoravel é ter a attenção presa n'um assumpto extranho, como a leitura; do contrario nada se produz. Seria longo seguir passo a passo a phase do phenomeno, que no original occupa muitissimas paginas. Diremos só o essencial.

Quanto ao contheudo das communicações, ha cousas interessantes a notar. Com frequencia veem citações d'escriptos, sobre tudo neoplatonicos, que Verrall ignorava e de *que veiu a ter conhecimento só depois de verificar a exactidão.*

Occorrem por vezes formulas inteiramente diversas das que empregaria para exprimir o mesmo sentido, reconhecendo se até incapaz de as construir; por isso a cada passo são os diccionarios que a auxiliam a interpretar o escripto, que aliás ficaria incomprehendido.

Verrall conhece varias linguas, mas não são as mais conhecidas ou suas familiares as preferidas para estas manifestações, como pareceria que devia ser.

A lingua latina é especialmente escolhida para lhe dar conselhos, avisos, consolações; a grega para as reflexões philosophicas, em longas citações d'auctores, sendo os signaes e pontuação geralmente correctos.

Os escriptos repetidas vezes apparecem assignados por nomes de pessoas mortas ou vivas, conhecidas ou desconhecidas e a assignatura d'alguns parece-se com a das proprias pessoas, e comtudo Verrall affirma que nunca lhe foi possivel imitar qualquer assignatura. Ha tambem manifestações em longas poesias, mórmente em inglez, mas o medium affirma tambem a sua negação para este genero.

Quanto á anctoria do phenomeno, é mesmo Verrall, como com tantos mediums succede, que se encarrega de movimentar as suas duvidas primitivas e o combate que teve de pleitar no seu fôro intimo, por todas as formas, por todas as faces e inqueritos, para poder formular um juizo imparcial, sereno e fundado, sobre a causa real da manifestação.

Com o tacto delicado d'um psychologo feito, Verrall destaca e pondéra tudo, defrontando aquellas duvidas, os pontos caracteristicos que podem servir á determinação d'origem efficiente, propria ou extranha, etc.

A entidade escrevente emprega para si o pronome *Eu* e para Verrall, como terceira pessoa, o pronome *Vós*.

Certas communicações vêem assignadas, terminando por dizerem-lhe adeus, como se faz entre duas pessoas.

Quando o medium não entende certas communicações, é accusado de pouco intelligente, e até menos delicadamente tratado.

Na affirmação de que é realmente uma personalidade distincta, é tenaz e intranzigente essa entidade.

Quando as provas não correm tão bem, essa entidade attribue o á falta de crença de Verrall, e por crença entende não a que vem por si mesma, mas a que a sua razão lhe deve impôr.

Se M.me Verrall, sentindo o impulso para escrever, não o faz, mais tarde a entidade exprime se assim: «Já hoje aqui vim, mas não estaveis disposta».

Muitas outras razões accorrem, que levam o medium a esta naturalissima e logica consideração, de que era em verdade difficil de comprehender estes escriptos sem a intervenção d'uma personalidade alheia.

Esta idéa deu-lhe um melhor resultado do que o fermento da duvida que até alli a acompanhava.

Este effeito resentiu-o bem a entidade escrevente, pois que em setembro de 1903 lhe declarava o enorme auxilio que essa disposição lhe trazia.

Uma critica desapaixonada d'estas manifestações deve inclinar-nos a admittir um agente extranho.

Avisos, conselhos, opposição de idéas, controversia, trechos desconhecidos, passagens incomprehendidas, termos ignorados, caligraphias similhantes, affirmação de independencia, tudo emfim, nos leva a acceitar essa hypothese.

* * *

Muitas vezes o phenomeno que vimos exemplificando apparece ainda em condições mais extraordinarias, e difficilmente se encontra um flanco vulneravel, por onde possa dar-se-lhe decisivo golpe.

Referimo-nos ás producções dos mediums analphabetos, ás das creanças em tenra edade e ao facto repetidamente observado do escripto vir em lingua que o medium inteiramente desconhecia. No n.º 1.º do 1.º anno d'esta revista, expuzemos já o relato de experiencias pessoaes, com um medium, que, não conhecendo um *a*, não sabendo pronunciar uma unica syllaba, deu varias communicações typtologicas sem lhe faltar uma letra.

Cita Gabriel Delanne a este respeito as experiencias de Dusart e Broquet, como modelos no genero e reproduz as provas graphicas obtidas, não sabendo absolutamente o medium escrever.

Não obstante, essas communicações são bem legiveis e accusam á evidencia a intervenção d'um agente extranho, d'uma intelligencia que possuia conhecimentos e que sabia exprimil-os por escripto.

Em varios numeros dos *Estudos Psychicos* temos publicado alguns escriptos medianimicos, que excedem não só toda a previsão como toda a possibilidade d'execução, e para elles remettemos os leitores d'este ensaio critico

Nas experiencias referidas de Broquet, é narrado tambem o facto d'uma creança, chamada Célina, de tres annos e meio de edade, que,

automaticamente escrevia e produzia communicações claras e definidas na forma e na intenção.

Não se tratava de resultado estudado, d'ensino preparatorio, mas d'um facto anormal, com a mesma condicionalidade que se nota no exercicio medianimico.

A creança tomava o lapis, trahindo-lhe a physionomia uma viva inquietação. Seguiam se movimentos rapidos e nervosos, até que, dominada a crise, o lapis corria destramente sobre o papel, sem se levantar, e d'um traço só, ligado, mas formando todas as palavras e intervallos, sahia a communicação inteira.

Ha tambem outra fórma de manifestação, por varias vezes observada, que excede absolutamente a interpretação animista: é a de communicações em linguas inteiramente desconhecidas do medium e dos assistentes.

Nós já tivémos occasião de presencear este extranho phenomeno.

Seria intérmino o dissertar, se houvessemos de percorrer e expôr aqui, sufficientemente, estas diversas modalidades de mediumnidade que hoje nenhum douto, por decôro, deve pôr em duvida.

Para confirmar o que deixamos dito, lembramos a leitura de Russell Wallace, de A. Akzakoff, de Oxon, G. Delanne, Leon Deniz, etc., e as collecções de revistas sobre psychismo.

Todos estes dados nos servirão de valioso elemento para melhor apreciar o caso «Fernando de Lacerda».

(Continúa). SOUZA COUTO.

MARCONI E O ESPIRITISMO

Todos sabem quanto a sciencia e a humanidade devem a Marconi, pelo que tem contribuido para o seu avançar no progresso. A telegraphia sem fios, cujas vantagens seria pueril encarecer, é hoje um facto, uma conquista inegualavel, e tão grandiosa descoberta ficará para sempre ligada ao nome illustre de Marconi.

Pois ultimamente tem resoado em toda a Italia o seu nome, atravez da imprensa, dando-o não só como interessadissimo pela psychologia experimental, mas ainda convencido já da realidade dos phenomenos, que são a base positiva do espiritismo.

Diz-se que a sua attenção para este grupo de factos está bem definida e que a sua convicção na veracidade d'elles veiu por intermedio da princeza Antuni del Drago, que parece ser um medium de notaveis recursos.

Marconi era considerado como um homem pratico, uma intelligencia robusta e perspicaz para os assumptos de caracter scientifico e positivo, não tomando interesse por cousa alguma além d'essa esphera, afóra as suas incursões tambem na arte e na historia. Mas é possivel que o mesmo problema telegraphico o levasse a prevêr mais largos horisontes para *desideratum* da sciencia.

O que parece indubitavel é que a princeza del Drago realisou por vezes sessões no seu palacio e que n'algumas se deram phenomenos muito notaveis

Quem lhe apresentou o celebre inventor foi a marqueza de Pinolecce, mas ao tempo Marconi attribuia os phenomenos psychicos a um fundo de irrealidade, que bem se coadunava com a sua descrença.

A princeza Antuni del Drago convidou-o a assistir a alguma experiencia, que depois realisou com ella, com o medium bem conhecido Politi e com Marconi.

Os resultados da sessão não os sabemos, mas o que se commenta é que quando Marconi sahiu tinha ja uma idéa bem diversa e tal convencimento, que resolveu estudar scientificamente esta materia.

Como amigo de William Crookes, parece que mostrou desde logo desejos de trocar impressões com elle, para se fortificar mais no proposito ou orientar-se n'estes estudos.

E será este mais um soldado da grande crusada, a caminho já da conquista e libertação da verdade, prisioneira do erro e da ignorancia.

UMA APPARIÇÃO ANNUNCIADA MEDIANIMICAMENTE

Ha cerca de onze annos, encontrando-me eu n'uma grande anciedade ao vêr minha mulher soffrer d'um cancro do estomago, fui informado de que o medium White tinha dado provas muito notaveis de faculdades supranormaes.

Fui procural-o, sem comtudo me dar a conhecer, pedindo-lhe uma sessão, ao que de boa mente accedeu.

No decorrer d'essa sessão, apresentou-se uma entidade que affirmava ser irmã de minha mulher, e dizia chamar-se Maria, e em verdade este nome era exacto; depois continuou fallando de assumptos de familia, absolutamente conformes á verdade; deu me com exactidão o nome de minha mulher — Elisa Anna; descreveu a doença de que padecia; predisse-lhe o desenlace fatal, assignalando que apenas lhe restariam alguns mezes de vida.

Surprehendido por tantas informações rigorosas, perguntei: «Como devemos então chamar estes phenomenos? Psychismo? Somnambulismo? Como?

A entidade, supposta Maria, respondeu: «Bem sabia que me ieis fazer essa pergunta; tinha-a descortinado em vosso pensamento.»

— Mas então tiraes do meu pensamento, tudo quanto dizeis?

— Não: e para vol o provar, direi alguma cousa, que aliás não está na vossa mente: «Annuncio-vos que d'aqui a tres dias Elisa Anna dirá que eu lhe appareci, ao mesmo tempo que nossa mãe, pois tenho esperança de a levar commigo.»

Devo aqui notar que a mãe de minha mulher tinha fallecido ha quarenta e cinco annos e Maria, irmã de minha mulher tinha-se finado sete annos antes.

Como era natural, guardei todo o segredo sobre o que acabo de referir. Decorridos tres dias, veiu a enfermeira de minha mulher, correndo, toda agitada, para advertir-me que o estado d'ella tinha peorado, que dava signaes evidentes de delirio e que ao mesmo tempo tinha, subito, chamado sua mãe e sua irmã Maria e logo em seguida se

havia lançado fóra do leito, correndo para a porta a gritar: «Fica, mamã! Pára, Maria! Não vos retireis tão depressa!»

Depois d'esta prova tão frisante, fui ainda consultar White. Logo depois do começo da sessão, apresentou-se a mesma entidade. A minha preoccupação era grande n'essa época, porque ha algum tempo, que minha mulher não conservava já os alimentos, solidos ou liquidos, o leite ou a agua que fosse. O seu abatimento era profundo, tanto mais que a não deixava repousar uma insomnia implacavel.

A entidade «Maria» aconselhou-me para lhe administrar café muito forte e muito quente, com um pouco de créme, assucar e biscouto.

Posto que esta indicação me surprehendesse, decidi executal-a. A doente tomou-a de boa vontade, digeriu-a perfeitamente e poude em seguida dormir por largo tempo.

Durante muitos dias não viveu de outra cousa; pouco a pouco, porém, nem sequer este alimento podia sustentar.

Voltei ainda a consultar novamente este medium; «Maria» aconselhou-me para dar á doente algumas colheres de sumo de limão, por diversas vezes ao dia, afim de suscitar-lhe appetite e auxiliar a tolerancia do alimento. Este conselho teve um successo pleno, mas foi temporario. Tornou depois ao antigo estado, peorando de novo. Pela quarta vez fui consultar, perguntando a «Maria», por quanto tempo ainda teria minha mulher de soffrer.

A sua resposta foi, que não estava habilitada a dizel-o, mas que procuraria avisar-me.

«A' primeira vez—disse ella—que a doente disser que me viu, não deveis mais afastar-vos de ao pé da cabeceira.»

Alguns dias depois, pelas tres ás quatro horas da manhã, fui substituir a enfermeira que me disse: «*Mamie* (fazendo allusão a minha mulher) disse ha pouco ter visto novamente sua irmã Maria».

Passados alguns instantes, murmurou a doente: «Vou partir» e ditas estas palavras, exhalou o ultimo suspiro.

E. Paige».

(Annaes da Sociedade de Investigações Psychicas, de Londres, vol. VIII, pag. 227).

UM CASO DE TELEPATHIA

Entre os medicos e intellectuaes de Vienna, suscitou grande impressão um interessante phenomeno telepathico, que vem referido na revista «*Luce e Ombra,*» de Milão, e que tambem foi narrado pelo correspondente da *Ora* de Palermo, e publicado no mesmo jornal.

Perto de Litmeritz, vive uma velhinha cega, de 70 annos, chamada A. Bernhelm, a quem ha sete annos foi um filho para os Estados Unidos a tentar fortuna. Mas parece que o desventurado moço encontrou o destino adverso, porque apesar de todo o esforço e boa vontade, não pôde sequer conseguir sombra de bem-estar.

Ainda assim, á custa de economia e de insano trabalho, conseguia enviar a sua desventurada mãe, uma pequena mensalidade, para a abrigar da extrema miseria.

Haverá quatro mezes a triste ceguinha foi uma noite atormentada

com um terrivel sonho. Parecia-lhe que d'uma torre via um extenso mar, açoutado por uma medonha tempestade.

Um navio luctava desesperadamente contra a furia das ondas, que a cada instante ameaçavam submergil-o. Veiu a náu approximando-se e já perto sossobrou ao peso das vagas.

No momento em que um dos naufragos ia para sempre desapparecer no abysmo das aguas, soltou um grito de horror e chamou-a pelo nome. Pareceu-lhe que era seu filho.

O terror que experimentou a velha ceguinha por aquelle sonho macabro, deixou-a sobresaltada, pois tinha uma fé inabalavel nos seus sonhos que guardava como vaticinios mysteriosos, inspirados por seu anjo da guarda.

Por isso ficou firmemente convencida de que alguma desgraça tivesse vicimado seu filho.

No dia seguinte contou o sonho a varios visinhos.

Como sempre succede com estas narrações, todos procuraram dissipar do seu pensamento as tristes apprehensões, que tanta dôr moral lhe causavam.

Porém, A. Bernhelm tinha como certo que alguma cousa grave havia succedido ao filho, se não fosse mesmo a maior das desgraças.

Na noite seguinte um outro sonho, não menos extraordinario que o primeiro, se produziu.

Encontrou-se como na praia d'um mar revoltoso, e, de repente, sobre as ondas appareceu uma forma, que veiu dirigindo se a ella. Era o filho, que saudando-a, lhe disse: «Minha mãe, venho do mundo d'além; era minha signa que encontrasse precocemente a sepultura no mar; digo-te o ultimo adeus. Os teus ultimos dias são tristissimos. A noite da tua intelligencia está proxima e será para ti grande felicidade. Ver-nos-hemos n'um outro mundo que os olhos mortaes jámais viram ou poderão ver».

Este segundo sonho impressionou a cega não menos do que o primeiro, e a partir d'esse momento a sua anciedade attingiu um alto gráo, tanto mais que foram passando os dias e nenhuma noticia vinha da America.

Então pediu para lhe escreverem duas cartas: uma dirigida ao filho, e outra á familia onde estava alojado.

Decorreu mez e meio até que chegou a noticia de que Ludwig Bernhelm morrêra n'um naufragio. Do confronto das datas resultou verificar-se, que a data da perda do navio em que elle viajava, coincidia com a mesma noite em que a mãe tinha tido o primeiro sonho.

A dôr que soffreu a infelicissima cega com aquella fatal noticia não se póde descrever

Dicidiu morrer de fome.

Recusou por alguns dias qualquer alimento. O medico da povoação teve de recorrer á alimentação forçada, empregando a sonda gastrica.

Ultimamente appareceram «symptomas muito alarmantes. Manifestaram-se signaes de loucura, em virtude do que se impôz o dever de a mandar internar n'um manicomio, onde continúa em condições desesperadas. Não ha mesmo esperança alguma de restabelecimento».

N.º 12 MAIO DE 1907 2.º ANNO

ESTUDOS PSYCHICOS

REVISTA MENSAL DE ANIMISMO
E ESPIRITISMO EXPERIMENTAL

Director, proprietario e editor — DR. SOUZA COUTO

COLLABORADORES—Os srs. Conde de Rochas, Maxwell, Laurent de Faget, De Reyle, Wolowski, Marzorati, Roso de Luna, Quintin Lopes, Martins Velho, etc.

Administração—Rua do Arco Bandeira, 104, 1.º D. LISBOA

Composto e impresso na typographia A PUBLICIDADE de Santos & C.ª — Rua do Diario de Noticias, 147 a 151

O SCEPTICISMO... EM MATERIA DE FACTO

Como systhema philosophico, como criterio mental na apreciação das locubrações da intelligencia, póde admittir-se o scepticismo, a fórmula da descrença sobre questões méramente sugeitas ao dominio da especulação individual.

E' um criterio prudente, é um juizo cauteloso, que nos previne contra a adopção irreflectida e muitas vezes perniciosa de doutrinas irreaes, que, bellas embora na concepção, seductoras na forma e na promessa, carecem todavia de contra prova irrefuctavel, de demonstração objectiva de verdade.

Construir um systhema não é impôl-o.

Um systhema impórta uma theoria, e esta envolve a maneira particular, por que o seu actor visionou um problema philosophico, procurando solucional-o segundo o ponto de vista em que se collocou, ou a orientação que lhe pareceu mais acertada.

Estamos no campo abstracto, da especulação, em que as opiniões se dividem, e as idéas se contradizam, constituindo a diversidade de escolas philosophicas, tão differenciadas entre si, como a patria, a epoca, a estatura, a côr e a raça de seus auctores.

N'este campo, o scepticismo tem de necessidade o seu logar proprio: é util, é congruente.

Ninguem é obrigado a acceitar como boa e de lei a obra da phantasia alheia, aproveite ella embora noções prestadias e ponderosos conceitos para base de suas deducções.

*

* *

O mesmo, porem, não póde dizer-se, tratando-se de factos sujeitos á nossa observação ou de resultados que conseguimos colher na experiencia.

Perante uns e outros é que o scepticismo perde o seu valor e renega á sua funcção logica.

Todas as opiniões, todos os juizos pódem estar expostos á arguição da invalidade ou da incerteza; todas as doutrinas, todas as philosophias podem merecer reparos de acceitação incondicional.

O mesmo principio, comtudo, não deverá nunca arvorar-se em

face das investigações concretas, de phenomenos palpaveis e objectivos, captados por nossos sentidos e fixados por apparelhos d'exacta verificação.

Parecem-nos tão judiciosas estas considerações, tão sãos e inatacaveis estes principios, que não podemos occultar o nosso assombro ao vel-os tantas vezes quebrantados e esquecidos, por aquelles mesmos em quem a sua inobservancia era menos de esperar.

E' frequente vermos individuos doutos, mentalidades formadas á custa de laborioso afan intellectual, consciencias equilibradas pela posse d'um bom senso ostensivo, e pelo uso d'um tacto perfeito e normalissimo nas coisas praticas da vida, desmentirem completamente estas qualidades ao emittirem opinião sobre materia de facto que lhes é desconhecida, e proclamando a tal respeito o seu emphatico scepticismo.

Vem á discussão um facto, um phenomeno novo, que não observaram ainda; mil testemunhos o confirmam; mil experiencias o certificam; obras d'alta indagação o proclamam; vestigios indeleveis attestam a sua existencia; apparelhos scientificos verificaram a sua realidade; comtudo não o viram, elles homens doutos, praticos e positivos. E' de bom tom escudar-se no seu sceptícismo e á sombra d'elle dizer pseudo-sabiamente — «não creio».

Paradoxalmente: se, credores, o devedor tiver firmado o titulo da sua obrigação, crêem firmemente no facto e no direito que teem a compelil-o ao pagamento; se, malevolentes, alguem lhes revelar a nodoa do visinho ou do amigo, facilmente crêem que o acto aviltante é certo, e por ventura o retocam de mais escuras tintas; se, queixosos, uma unica testemunha lhes vem revelar a infidelidade do seu servo, logo demasiado acreditam que é uma verdade incontestada o furto domestico, de que se presumem logo victimas.

Em tudo mais assim, invariavelmente.

Os incidentes vulgares da vida, esta ordem corrente de cousas que dizem respeito ao nosso viver quotidiano, na familia e na sociedade, são factos que se admittem sem reluctancia e quasi sem prova; acceitamol-os sem os attrictos da duvida systhematica, e póde dizer-se que por elles regulamos a nossa conducta, até mesmo sob os seus aspectos mais graves e mais momentosos.

Esta credulidade não é um defeito: facilita nos a orientação e evita-nos o trabalho enorme de apurar em tudo e para tudo uma prova massiça e desnecessaria.

Se não é um defeito esta credulidade, defeito é, por certo, a ausencia d'ella, pelo que respeita a factos veracissimos, factos de observação, contra os quaes seria anti-scientifico levantar a barreira d'um scepticismo demolidor e esteril.

Sceptico contra os factos! Sceptico contra os phenomenos!

Porque? Em que broquel seguro e bastante forte se ha de abrigar uma negação contra o que é real, exacto, irreductivel?

Negar o gelo, o radium, o ozone, a nuvem; negar a maré, o simoum, o aroma, a gravidade, não é propriamente negar, — é dementar-se.

*
* *

Os factos excluem a negação; o scepticismo não os attinge.

Na ordem de conhecimentos exactos, de verdades irrefragaveis está, a par das melhor demonstradas, a phenomenalidade psychica, esse conjuncto de factos documentadissimos, que constituem a promettedora colheita de tantos trabalhadores infatigaveis.

Temos até hoje, nos «Estudos Psychicos» publicado muitos d'esses factos, o que representa apenas uma parte infinitesimal do enorme acervo de tantos outros.

E n'este mesmo numero, como no antecedente, damos o resumo da rigorosa investigação de Lombroso, abrigada de todas as objecções pelo emprego d'apparelhos registadores dos phenomenos.

Para os que duvidam, ou buscam no commodismo sceptico bastião de defeza ou de sufficiencia, lembramos as similares experiencias, largamente relatadas pelo nosso illustre collaborador, Conde de Rochas, no seu livro magistral «*Extériorisation de la Motricité.*»

A obra do sceptico não é obra de trabalho creador e fecundante; é uma obra de estagnação.

Estará acaso tudo descoberto? Descerraria já o homem o ultimo arcano da natureza immensa e mysteriosa?

Será alentador o juizo á-priorista, de que tudo se descobriu até agora, não havendo portanto nada mais a esperar dos nossos esforços?

Os que assim o julgam, enganam-se a si mesmos, condemnando-se a uma illusão nefasta, porque nenhum incentivo póde propulsar a sua actividade.

Budhistas da sciencia consummada, em cuja veneração passam contemplativamente o tempo precioso, não poderão dar um passo ávante, para não desagradar ao idolo do seu culto.

Idolo mudo é esse, que não corresponde ás exigencias da nossa rasão, nem responde ás perguntas do nosso anceio.

Queremos saber, queremos indagar; indaguemos, pois, e saberemos.

A naturesa não nos dicta, de palavra, as suas leis, nem nos apresenta codificados os seus preceitos; mas tambem não é ella tão avára que os esconda eternamente em sacrario inviolavel.

Não. Ella tem uma expressão muda e eloquente na manifestação de seus phenomenos, na exibição patente de suas energias, na constancia com que executa as suas operações.

N'uma só jornada não póde percorrer-se a immensa estrada; mas insistamos, pesquizemos sempre, e pouco a pouco nos iremos senhoreando dos seus segredos.

Não desprezemos os factos — o ensinamento supremo — a lição empolgadora — a voz docente, que todos os scepticismos jámais poderão calar.

Souza Couto.

ULTIMAS SESSÕES D'EUSAPIA PALADINO COM LOMBROSO, EM TURIM

Quarta e ultima sessão

(Conclusão)

Retiraram se da sala e do gabinete, tanto quanto possivel, todos os pequenos objectos: bandolim, trombeta, etc., que podiam distrahir a attenção das entidades mysteriosas.

O nosso vivo desejo era poder reduzir a força desconhecida ao circulo estreito de alguns apparelhos scientificos, que para tal fim tinhamos preparado.

O primeiro acto que se realisou foi tomar á luz do magnesium a photographia d'uma levitação completa da meza. Esta photographia sahiu perfeitamente, quando a mesa se encontrava muito elevada.

As condições de fiscalisação eram plenas, mas os investigadores verificam que a cada levitação corresponde uma contracção dos musculos, das pernas e uma rigidez de todo o systhema muscular do medium.

«Junto á minha cabeça—escreve M. Mucchi—sae uma mão das cortinas; primeiramente mostra o punho fechado, e depois abre-se e alonga os dedos... Por muitas vezes se repete este phenomeno; todos os assistentes o observam bem, porque esta mão materialisada destaca se sobre o fundo illuminado da parede.

Em seguida a mesma mão toma a prancha de madeira que formava o gabinete e sacode-a com violencia.

A meu turno, vou eu executar a mesma cousa, e sinto que o esforço necessario para o fazer é muito gtande.

Em quanto estou praticando esta operação, a mão invisivel toma a minha, cerra-a, depois deixa-a, dando-lhe uma palmada amistosa nas costas.

Deixo em seguida o meu logar de fiscal, e vem substituir-me o engenheiro Pomba. Em quanto se estão repetindo alguns phenomenos communs, observo o dynamometro, trazendo a repectiva agulha a zero.

Esta operação é comtudo percebida pela subconsciencia do medium que pede para que «este objecto» seja collocado sobre a mesa.

«—Que objecto?—pergunta o fiscal da direita.

«Nem por sombras eu julgo que se trate de mim, pois estou n'um logar, onde o medium absolutamente não póde vêr-me.

Mas Eusapia insiste, e em fim, por um gesto de cabeça, indica que se dirige a mim; apresso-me a contental-a. Parece em verdade que o medium tem a faculdade de poder exercer seus sentidos a distancia.

«Então Eusapia quer que retenha o dynamometro nas minhas mãos, bastante elevado para que todos o possam vêr.

Assim o faço.

As cortinas avolumam e avançam até á minha mão; por traz d'ellas, o *invisivel* toma-me os dedos, que seguram o dynamometro e sinto uma pressão rapida, mas não forte. Observo á luz que esta pressão não passou de dois kilogrammas. Estamos pois bem longe dos 110 kilos registrados na sessões de Genova. Manifesto a minha

admiração e decepção, e Eusapia, tocada no seu amor proprio, quer recomeçar.

O phenomeno repete-se do mesmo modo. A mão que sae das cortinas segura a minha, collocando quatro dedos do lado da peça oval d'aço, sobre que tenho o meu pollegar, e o pollegar d'ella do lado sobre que eu apoio os meus quatro dedos.

A pressão da mão mysteriosa exerce-se, pois, em parte sobre meus dedos e em parte sobre o instrumento. O esforço faz se sentir mais longa e fortemente, mas não muito mais do que da primeira vez.

Produz-se pelo contrario uma variação subita e curiosa: sigo attentamente um pequeno trabalho do *invisivel*, que quer deslocar a agulha morta do dynamometro para elevar o coefficiente da pressão.

O index d'esta mão mysteriosa separa se do dynamometro busca-lhe a agulha e, em vez de impellir a agulha morta, toca na que está ligada ao systhema de alavancas, fixada na mola d'aço, de tal modo que fazendo a deslocar, produz um som claro de vibrações metalicas; depois, deslisando, vae tocar a outra agulha, fazendo-a avançar por ventura alguns gráos.

O dinamometro marca então 20 kilogrammas.

Evidentemente John King (é assim que se denomina a entidade que se manifesta com Eusapia) tentou um truc. Agora posso ter para mim a explicação de como pôde nas experiencias de Genova, elevar a 110 kilogrammas, resultado muito superior ao que póde conseguir um homem muito possante; e comprehendo egualmente a instabilidade da pressão, já notada em muitas outras experiencias.

Não é unicamente a força de John, mas tambem a malicia que move as agulhas do dynamometro até alturas tão inacreditaveis.

O doutor Norlenghi mostra desejo de que se colloque sobre a mesa do gabinete um pequeno tripé que trouxe comsigo. Tomo-o por um dos pés e dirijo o para as cortinas, com o braço estendido. Antes mesmo de eu chegar ao meio do circulo dos assistentes, o pequeno movel é me arrancado das mãos, levantado, voltado de baixo para cima, agitado durante uma quinzena de segundos.

O doutor Norlenghi quer absolutamente estar seguro da fiscalisação, e em quanto approxima a cabeça das mãos d'Eusapia, para se assegurar de *visu*, de que ellas estão bem presas, pergunta se ella está bem vigiada. Isto indispõe a entidade desconhecida, cuja mão abaixa rapidamente o pequeno tripé sobre a superficie da mesa grande, batendo ahi um golpe violento.

Em seguida o pequeno movel torna a levantar-se; é tomado com violencia, percutido, batido, posto em estilhaços. Dois pés são lançados entre as pessoas que seguravam o medium, o terceiro bate na cara de M. Norlenghi, sem todavia lhe fazer mal algum.

Então, a entidade desconhecida lembra-se de tomar um dos pés assim desmanchados do tripé, e com elle tocar, repetidas vezes, ora uma ora outra das mãos dos assistentes, durante o que a mesa grande agita-se, como em manifestação de riso a seu modo.

No decurso, as cortinas agitam-se e intumecem; a meza bate tres pancadas como para dizer: «attenção!»

O engenheiro Pomba é mimoseado com uma visita do invisivel. Como na sessão precedente, uma cabeça envolvida na cortina, approxima-se d'elle e beija-o, em quanto que duas mãos, que não podemos distinguir, lhe susteem a cabeça com um modo affectuoso.

Este facto observa-se mais d'uma vez. Todos nós nos collocamos do lado direito da mesa para podermos vêr a materialisação, que se desenha sombriamente sobre o fundo illuminado da parede e seguir todos os seus movimentos.

As dimensões d'esta forma humana, segundo noto, apresentam variantes, augmentando ou diminuindo o seu volume visivelmente entre os limites d'um adulto e d'uma creança. Estas variações são evidentemente devidas á emissão da força medianimica, que a forma recebe e cujo gráo resente.

Quando o esforço é mais intenso, a materialisação é mais completa; o medium mostra-se mais fatigado quando o rôsto da apparição adquire um maior volume.

E' um tanto difficil precisar a naturesa d'esta cabeça: a mim parece-me—e o longo exercicio da vista permitte-me crer que não me engano—que ella é igual á da ultima sessão. Os caracteres mais salientes são os mesmos; os gestos, a maneira de sahir e de se approximar de M. Pomba, são tambem os mesmos; a unica differença consiste, a meu juizo, em que na ultima sessão ella representava a velha mãe de um de nós, e n'esta sessão apresenta-se como o pae de um outro assistente (1).

«O doutor Audenino lembra-se com pezar do seu apparelho Marey, que desde ha tres sessões não tem sido utilisado, e procura assegurar-se se o papel esfumado terá alguma impressão.

Mas eis que um pequeno ruido annuncia que a agulha d'aquelle apparelho entra em movimento.

O doutor Audenino põe immediatamente em função o tambor, e nossos ouvidos apercebem durante alguns segundos o morder do estylete que dá saltos largos sobre a superficie enegrecida do tambor, em perfeita correspondencia com a pressão exercida no interior sobre o cardiographo, traçando um diagramma curioso e variado; no gabinete não está absolutamente ninguem, e as mãos de Eusapia estão, como sempre, seguras pelos encarregados da sua fiscalisação.

De mais a mais, a distancia entre o cardiographo e a cadeira de Eusapia é tal que, quando ella o pretendesse fazer, não conseguiria exercer-lhe a pressão com as mãos.

«Esta prova faz emfim cahir por terra toda a suspeita. Não é já o testemunho de nossos sentidos, mas um machinismo de metal que regista, como nós, um esforço desconhecido; um apparelho scientifico bem conhecido moveu-se sem outra pressão que a d'uma força invi-

(1) Estas circumstancias de similhança, devidas bem naturalmente a uma commum origem medianimica das duas apparições e á sua incompleta concretisação somatica, não implicam necessariamente a identidade animica de ambas: bem podem ser engendradas e animadas por dois psychismos differentes.—N. da R.

sivel; fixou se no seu involucro a prova tangivel e mathematica da realidade d'estes phenomenos.

«Em seguida, Eusapia levanta se e a mesa vae com ella e com os que a fiscalisam até ao meio da sala; ahi levanta-se muito alto e depois cae sobre o pavimento com o taboleiro voltado para baixo.

A mesa move-se ainda d'um lado e d'outro, mas o medium conservando-se de pé, parece já muito cançado, sendo preciso que os dois fiscaes o amparem. Então Eusapia dirige-se a um fauteul, onde se deixa cahir, esgotada de forças.

A mesa é levantada pelos assistentes, mas Eusapia Paladino quer mais uma vez fazer a experiencia e com um só gesto de cabeça consegue fazer rolar por terra a meza.

Depois d'isto, o medium cae inteiramente abandonado sobre a cadeira, esconde a cabeça com os braços e parece mergulhar em fundo somno.

E assim terminou a serie d'estas sessões.»

A. M. Mucchi.

APPARIÇÕES DE DEFUNCTOS NO LEITO DA MORTE

Em todos os tempos e entre todos os povos, tem-se observado este facto, que durante a crise suprema da morte, muitas vezes a intelligencia humana dava signaes de prespicacidade e de previdencia extraordinarias, ou que recebia percepções de natureza sensacional, recebidas tambem frequentemente por outras pessoas presentes ou distantes.

Os representantes das sciencias psychologicas primeiramente, e depois os das sciencias metaphysicas, buscaram examinar pelo methodo experimental estas manifestações tão interessantes do periodo pre-agonico, e se facilmente conseguiu fazer-se entrar uma parte d'estas manifestações no circulo das leis do dominio psycho physiologico, não póde em verdade dizer-se que isto succedeu a todas.

Os phenomenos em questão parecem, de feito, immensamente mais complexos do que era de suppôr, e a sua enorme esphera de acção vae desde os simples casos de hypermnesia e de paramnesia até aos de acção e percepção telepathica, desde os casos de lucidez e telesthesia até aos de precognição e retro-cognição.

A tudo isto veem juntar-se ainda episodios sensacionaes de visões extaticas, de visões *panoramicas,* de visões symbolicas e emfim outros episodios de percepção de phantasmas de pessoas fallecidas.

Estes ultimos são os bem mais frequentes, a tal ponto que a experiencia populuar d'ahi tirou uma das suas numerosas generalisações proverbiaes.

Qualquer mulher do povo vos dirá com effeito, que quando o doente *falla com os mortos,* não resta já nenhuma esperança de cura.

E realmente assim succede, noventa e nove vezes por cento.

Como é impossivel desenvolver em simples monographia um thema tão vasto, propônho-me tratar exclusivamente dos phenomenos de *percepção de phantasmas de defunctos durante a crise da morte.*

São estes phenomenos os que mais especialmente chamaram a attenção de alguns sabios eminentes, que acabaram por concluir, que todos estes factos se deviam classificar entre os da cathegoria tão variada, das hallucinações subjectivas, inducções perfeitamente legitimas, pois que ao presente nenhum argumento ha para provar de modo experimental a possibilidade d'uma explicação differente.

Todavia não é menos certo, que pela analyse dos phenomenos em questão, vêem-se apparecer aqui ou além pontos obscuros, constituidos por circumstancias ou coincidencias bastante embaraçosas ou suggestivas, que nos levam a não excluir um exame posterior, pois só é possivel formar uma idéa nitida, extendendo as investigações a um numero sufficiente de casos.

Eis porque me decidi a emprehender a presente classificação.

Nas breves considerações que farei, á medida que fôr citando os phenomenos cada vez mais complexos, hei de recorrer estrictamente aos bons preceitos experimentaes, em que se teem inspirado os illustres sabios em questão, limitando-me a indicar respectivamente os pontos obscuros que ainda não foram esclarecidos, e a notar mais tarde, que se quizermos interpretar no conjuncto todos estes factos, é indispensavel completar a hypothese hallucinatoria pela telepathica, que aliás apparece algumas vezes tão vaga e artificiosa, que a seu turno póde parecer insufficiente.

Os crentes, a quem parecerem demasiado exclusivas e restrictas as regras scientificas a que n'este trabalho me subordino, podem tranquilisar-se com a idéa de que, se a sciencia deve, até prova em contrario, limitar-se a explicações d'esta natureza, não é menos possivel que os factos sugeitos tenham realmente uma origem diversa. Parece de tal modo impenetravel o mysterio envolvente do conjuncto d'estes phenomenos, que, em nome mesmo da sciencia, não se deve admittir uma solução definitiva a seu respeito.

Isto posto, passemos aos factos.

1.ª cathegoria

Casos em que as apparições dos defunctos são apenas percebidas pelo moribundo, e se referem a pessoas cuja morte conhecia.

Taes são as modalidades de manifestação que caracterisam os questionados phenomenos; inutil será dizer que elles são ao mesmo tempo os menos interessantes sob o ponto de vista scientifico. Dado o estado de intensa paixão, em que provavelmente se encontra um moribundo, que conserva a conscincia de si proprio; dado portanto o estado de hyperesthesia dos centros corticaes de ideação, e as condições mais ou menos morbidas do seu funccionamento; dada emfim a inevitavel orientação do pensamento d'um moribundo, que deve dirigir-se com angustia suprema para as pessoas queridas e ausentes, e para os que o precederam no tumulo, concebe-se perfeitamente que tudo isto deva determinar com frequencia phenomenos de hallucinação subjectiva.

Alem de que, estas inducções baseam-se sobre a experiencia.

Devemos todavia notar uma circumstancia, que a hypothese hallucinatoria parece não explicar, e é que se a unica fonte d'estes phenomenos fosse o intenso pensar em pessoas queridas — ausentes ou mortas, — não deveria o moribundo ter exclusivamente hallucinações com o caracter de apparição de fallecidos (muitas vezes quasi esquecidos por elle), e antes devia ter mais frequentemente hallucinações representativas de pessoas ausentes, queridas — o que não succede.

Resulta das investigações especiaes feitas n'este sentido, que fóra dos casos nitidamente telepathicos ou telesthesicos (isto é, casos de successo veridico), não se conhecem exemplos em que um moribundo mostrasse vêr ou fallar a um pretenso phantasma de vivos, pela forma que esta visão e dialogos se produzem com os suppostos phantasmas dos mortos.

Conhecem-se, em verdade, alguns exemplos de moribundos, tendo visões de phantasmas que se julgavam de pessoas vivas; mas n'estas circumstancias, verificou-se sempre que essas pessoas tinham realmente fallecido ha algum tempo, posto que nenhum assistente, nem o proprio doente, tivessem conhecimento d'este facto.

Certamente, estas considerações não teem por si mesmas um grande valor theorico; mas contribuem a fazer resaltar a opportunidade d'uma analyse ulterior e mais profunda da casuistica de que nos occupamos.

Assente isto, passo á exposição d'um certo numero de casos, proporcionado á variedade dos episodios d'esta cathegoria.

1.º caso

Na vida do Rev. Dwight Moody, dos Estados Unidos, escripta por seu filho (p. 485), encontra-se a seguinte narração dos seus ultimos momentos:

«Subito, ouviu se murmurar: — «A terra vae se afastando, abre-se o ceu deante de mim; já entrei nas suas fronteiras; Deus espera-me. Não me chameis; tudo isto é bello; dir-se-hia uma visão d'extase. Se a morte assim é, como ella é doce!...»

A sua fronte reanimou se, e com uma expressão de inefavel arrebatamento — «Dwight! Irene! vejo os meus meninos» (alludia a dois de seus netos que eram mortos).

Depois, voltando-se para sua mulher, lhe disse: «Sempre foste para mim uma boa companheira». Proferidas estas palavras, perdeu a consciencia».

2.º caso

O professor A. Pastor, do Lyceu Real de Genova, n'um interessante artigo publicado na *Fanfulla d'ella Domenica*, n.º 36 de 1887, refere de si mesmo, o seguinte:

«Tive uma doença muito grave. No periodo da crise, em que tinha perdido completamente a consciencia da dôr physica, o poder da imaginação tinha augmentado extraordinariamene em mim, e n'uma confusão bem distincta (duas palavras que parecem inconciliaveis e que todavia são as unicas que podem traduzir o meu pensamento) via niti-

damente a mim mesmo quando creança, mancebo, adulto, nas diversas epochas da minha existencia: nm sonho, mas um sonho mais forte, mais intenso, mais *vivo*. E n'este espaço immenso, azul, luminoso, minha mãe vinha ao meu encontro—minha mãe morta ha quatro annos. E' uma impressão inexprimivel. Depois d'isso, lendo *Phédon*, pude melhor comprehender Socratas.»

3.º caso

Hudson Tuttle refere assim um outro caso, vindo ao seu conhecimento:

«Ha alguns annos produziu-se na cidade de Hartford um facto bem commovente. Quem m'o communicou estava de tal modo convencido da natureza supranormal do que tinha presenciado, que a impressão lhe ficou bem gravada na memoria.

Vive ainda no Estado de Ouest; é um homem pratico, positivo — a pessoa mais incapaz de deixar-se levar por phantasias.

Na circumstancia de que me occupo, velava elle á cabeceira d'um moribundo, typographo de profissão. Na ultima hora o agonisante ia-se extinguindo pouco a pouco. A respiração, cada vez mais opprimida, tornára-se muito lenta e muito difficil. Emfim chegou o momento em que o assistente o julgou morto.

Mas de repente as palpebras se lhe abriram, animados por uma impressão de grande surpreza, como reconhecendo alguem; com o rosto illuminado pela embriaguez d'alegria, exclamou: «Vós, vós, minha mãe!» E cahiu morto sobre o travesseiro.

«Ninguem jámais poderia persuadir-me — diz o relator d'este facto — que este homem não apercebeu realmente sua mãe deante d'elle.» (*The Arcana of Spiritualism*, pag. 167).

4.º caso

Alfredo Smedley, a paginas 50 da sua obra «*Some Reminiscences*» conta da seguinte forma, os ultimos momentos de sua mulher:

«Alguns momentos antes da sua morte, os olhos se lhe fixaram sobre qualquer cousa que parecia enchel-os d'uma viva e agradavel surpreza; então disse-me ella: «Como! Estou vendo minha irmã Carlota, minha mãe, meu pae, meu irmão João, minha irmã Maria. Agora trazem me tambem Bessy Heap!

Estão aqui todos; oh! como é bello, como é bello!

—Não os vês tu?—Não, minha querida—respondi—e bem pena tenho.

—Não os pódes então vêr?—tornou a doente, admirada.—E comtudo estão aqui todos; vieram para me levar com elles. Uma parte de nossa familia atravessou ja o grande mar, e em breve nos encontraremos todos reunidos na nova morada celeste.»

Devo accrescentar que Bessy Heap tinha sido uma nossa creada, muito fiel, muito affecta a nossa familia e que sempre teve uma dedicação particular por minha mulher.

Após esta visão extatica, a doente ficou algum tempo como

exhausta; em fim, volvendo fixamente o olhar para o ceu, e levantando os braços, expirou.»

5.º caso

O doutor Paulo Edwards, em abril de 1903, escreveu ao director da *Light* o que se segue:

«Em 1887, ao tempo em que eu residia n'uma cidade da California, fui chamado á cabeceira d'uma senhora, a quem era muito affeiçoado, e que estava na ultima extremidade por virtude de doença pulmonar. Toda a gente sabia que esta mulher honesta e nobre, mãe exemplar, estava votada a uma morte imminente; ella mesma chegou a sabel-o e quiz então preparar-se para o solemne momento.

Mandando vir os filhinhos ao pé do leito, abraçou-os um por um, depois do que os despediu.

Seu marido foi o ultimo a approximar-se, a fim de lhe dar e receber o suprêmo adeus. Sendo plena a posse de suas faculdadas intellectuaes, começou ella por dizer-lhe: «Newton (era o nome do marido)... não chores, porque eu não soffro e tenho a alma preparada e serena.

Amei-te sobre a terra; amar-te-hei ainda após a morte.

Parto com o proposito de manifestar me a ti, se isso me fôr possivel, e se não fôr, velarei do ceu sobre ti, sobre meus filhos e esperarei por vós. Agora, o meu mais vivo desejo é partir... Distingo muitas formas que se agitam aqui em volta... Todas vestidas de branco... Ouço uma melodia deliciosa... Oh! eis aqui minha Sadie! Está junto a mim e sabe perfeitamente quem eu sou (Sadie era uma filhinha, que lhe tinha morrido ha seis annos.)

—«Sissy—lhe disse o marido—minha Sissy, não vês que estás sonhando?—Ah, meu querido,—respondeu a doente porque me despertaste?

Agora terei mais pena de partir. Sentia-me tão feliz *além;* era tão bello, tão delicioso!»

Decorreram trez minutos e a moribunda accrescentou:

«Vou de novo partir, e agora não voltarei, ainda mesmo que me chames.»

Esta scena durou oito minutos.

Reconhecia-se bem, que a moribunda gosava ao mesmo tempo a visão completa dos dois mundos, porque fallava em seres que se moviam em roda d'ella, no *além*, e ao mesmo tempo dirigia a palavra aos mortaes d'este mundo...

Nunca me succedeu assistir a um passamento mais impressionante, mais solemne.»

(*Light*, 1903, p. 167).

(*Continúa*).

Ernest Bozzano.

O CASO «FERNANDO DE LACERDA»

(Continuação)

Analyse critica

Fizemos até agora uma rapida exposição de phenomenos de diversa indole, mais ou menos affins com o presente caso, para com a possivel garantia o podermos interpretar.

Dividimos esses phenomenos em duas cathegorias — *animicos* e *espiritas*, cumprindo em seguida procurar vêr, em qual dos grupos devemos de preferencia filiar os escriptos de Fernando de Lacerda.

E' obvio que qualquer solução por nós dada á pendencia, não póde ter a pretenção temeraria de verdade peremptoria e dogmatica.

Não; é uma opinião individual, personalissima, que simultaneamente reconhece a mesma independencia de juizo a todas as mais pessoas, com tanto que a valide uma egual competencia.

E fazemos a restricção, porque o problema é deveras melindroso, e cremos excluidos do seu concurso quantos não tenham uma reconhecida habilitação especifica.

Antes porém de emittirmos a nossa opinião, cumpre fazer conhecidos varios factos, occorridos com Fernando de Lacerda, tanto em connexão e concomitancia com o phenomeno da escripta, como fóra da emergencia d'ella, denunciando faculdades anormaes dignas de registo.

Na conjunctura presente, não podemos dar a um e outro ponto o desenvolvimento merecido; o que faremos opportunamente, prefaciando a publicação de todas essas producções; no entanto diremos alguma cousa de interessante e positivo, para base de deducção.

III

Aspecto medianimico

Dissemos já a paginas 132 e 194 d'esta revista como o phenomeno se produzia, esboçando as condições geraes que costumavam acompanhal-o; agora vamos frisar melhor algumas d'essas condições.

O primeiro facto a marcar, por verdadeiro e significativo, é o emprego de palavras, completamente desusadas na expressão correntia de Lacerda.

Nos escriptos medianimicos apparecem muitas d'essas palavras, em quanto que nos seus escriptos proprios, dirigidos pela sua mentalidade consciente, esses termos desapparecem, e nem rebuscando a phrase, elles lhe sáem habitualmente.

Nas oito communicações que foram publicadas nos n.os 8, 9 e 10 dos «Estudos Psychicos» ha muitas d'essas palavras.

Mas seria extenso e desnecessario fazer aqui menção singular de cada uma, tanto mais que essa circumstancia apenas tem, em verdade, valor secundario para este estudo.

Interessa muito mais saber-se, que ha n'esses escriptos muito termos, cuja significação Fernando de Lacerda desconhecia por absoluto,

e tanto que frequentemente teve de percorrer diversos diccionarios, para se inteirar do sentido das phrases.

Como investigador, nossa funcção estava sobre tudo em prescrutar pequenos episodios e incidentes, que podessem auxiliar-nos a formular juizo.

Uma das feições da pesquiza era essa—de verificar bem se algumas palavras eram totalmente apagadas da memoria normal, ou se um grande esforço rememorativo as podia fazer surgir.

E estes esforços por veses empregados logo após a manifestação, mostraram que de facto muitas significações eram inteiramente desconhecidas de Fernando de Lacerda.

Para exemplificação vamos apontar algumas d'essas palavras, colhidas apenas nos escriptos que publicamos.

Na communicação de paginas 135, attribuida a Camillo Castello Branco, pelo minucioso exame n'ella feito, Lacerda desconhecia a existencia e o sentido das palavras: *gravame, nimbar, rictus, premir e extremenha.*

Na communicação de paginas 139, assignada por Eça de Queiros, egualmente desconhecia os termos: *afervorar-se, enclavinhar, a phrase latina de paginas 140, escarcella* (que no original assim está, mas que por ignorancia nossa não foi emendada nas provas), *tortulhado, Mabile e Café inglez.*

Na communicacão de paginas 154, firmada por Julio Diniz, tambem Fernando de Lacerda ignorava o significado d'estas duas palavras: *olor* e *resaibo*

Na de paginas 156 assignada por Camillo Castello Branco (mas que, como n'ella se diz, é apenas um excerpto de maior communicação), do mesmo modo não conhecia as palavras: *Wateau, hiantes* e *frauta.*

No excerpto de paginas 158, que traz o nome de Alexandre Herculano, ignorava tambem os termos: *baratro, quantum* e *progressar.*

Na communicação de paginas 174, subscripta por Latino Coelho, desconhecia as palavras: *mamouth, táctea, canhenho* e *exoticismo.*

Na de paginas 176, supposta de Alves de Sá, tambem não sabia as palavras: *pick-pokets, remarcado,* e *servitas,* ignorando nós mesmos esta palavra, que não se encontra em quasi nenhum diccionsrio da nossa linga.

Finalmente, no escripto de paginas 170, anonymamente assignado por um «*marinheiro*», e empregando a terminologia propria da vida do mar, ha muitas palavras que Fernando de Lacerda totalmente ignorava, quando esse escripto lhe correu inconscientemente dos bicos da penna.

Logo depois de produzido, ouvimol-o lêr, e de facto reconhecemos que muitas palavras empregadas lhe eram inteiramente desconhecidas, como termo e como propriedade.

Entre ellas apontaremos as seguintes: *singrar, guinar, bujarrona, adornar, varar, bolina, Sant'elmo, orçar,* etc.

Como foram só estas as communicações que publicamos, a ellas limitamos a presente analyse; mas devemos acrescentar que Lacerda tem continuado a obter extensas e interessantes paginas medianimicas, e em algumas d'ellas continúa tambem a dar-se este facto curioso, de irem sempre apparecendo palavras, cujo significado lhe é inteiramente extranho.

A proposito vamos referir um incidente demonstrativo, que occorreu ha tempos, mas que bem chamado aqui é.

Em principios de Dezembro passado combinou o illustre medico, sr. Dr. Marques da Costa com Fernando de Lacerda um passeio matinal em automovel e almoço em Cintra.

Fixaram para esse passeio o dia 9, que julgo ter sido um domigno, como mais vago ás occupações d'ambos.

N'esse dia, ao levantar, sentiu-se Lacerda impellido a escrever.

Aproveitou a disposição e procurou vêr quem e o que pretendia.

Foi traçado o nome de João de Deus, e a penna leda, facil, corrente, deixou no papel, em cerca de uma hora, 237 versos, com aquelle sabor peculiar do grande lyrico e versando magistralmente um assumpto bem digno d'elle.

Lacerda, de relogio na mão, contando o tempo minuto por minuto, aguardava a cada instante a chegada do Dr. Marques da Costa, e nem sabia o que se ia produzindo nem quando terminaria.

Por fim chega o automovel, e logo a poesia fechava plena e feita e a mão parava, como machina a que faltasse a corrente.

Lacerda partiu para Cintra sem sequer lêr o que havia sido escripto. Foi ahi, que depois do almoço, se examinou esse escripto.

O que mais nos interessa é que n'elle appareciam duas palavras, que Lacerda completamente desconhecia: eram *flagicio* e *abusão*.

E ellas na poesia occupam um logar d'exacta precisão e de lidima ptopriedade.

* * *

O aspecto medianimico reveste ainda particularidades que devemos relembrar.

O escripto não vem todas as vezes que se busca ou mesmo quando se pretenda.

Póde haver summo desejo de obter-se uma communicação, e todavia, a mão ficar parada, sem o menor impulso e sem traçar uma unica palavra em horas consecutivas.

E ao contrario, póde não ter se esperança de resultado, não haver sequer suasoria intuição, e esse resultado produzir-se.

Parece que effectivamente nos defrontamos com personalidades extranhas, livres, conscientes, que, como nós, nem sempre pódem ou nem sempre estão dispostas a trocar impressões ou transmittir seus pensamentos.

Quando, porém, a manifestação se dá, nem é preciso a concentração e direcção intellectual de Fernando de Lacerda, nem é indispensavel que o meio seja de imperturbada calma e absoluto socego.

Como já dissemos, algumas vezes temos presenciado o exercicio medianimico que estamos apreciando.

Lacerda não o interrompe com o barulho que se faça na ambiencia, e durante elle intervem em assumptos e conversações alheias.

Os factos veem assim confirmar as affirmações respeitantes á sua não interferencia intelligente e volitiva no phenomeno.

Dois factos por agora, em abôno do que acaba de expôr-se.

Em 20 de novembro passado dois illustres officiaes do exercito, e um funccionario superior, que todos valem tanto pela intelligencia como pelo probo caracter, conversando por accidente n'este assumpto com Fernando de Lacerda, mostraram a naturalissima duvida sobre as condições do phenomeno.

Parecia lhes por ventura que era preciso um estado especial, bem proximo do somno magnetico, para o facto poder ter logar.

Lacerda prestou-se logo a uma prova, e ali mesmo, envolvido na conversação geral, intervindo n'ella, corrigindo datas e factos, escreveu rapidamente duas largas paginas, sem uma emenda. sem uma hesitação, em thema substancioso no fundo, na forma elevado, e surgindo alfim a assignatura de Camillo a subscrevel-o.

Outro facto de inteira analogia.

Em 30 do mesmo mez, o bem conhecido medico, Dr. Archer da Silva, encontrou-se com Fernando de Lacerda.

Por este bem humano desejo de inquerito, no presupposto de que taes manifestações poderiam ser devidas a *processus* preparatorio, elaborado mais ou menos conscientemente, ou a certo estado de incubação mental, fomentador propicio do exito, tentou logo um ensaio, fornecendo a these disjunctiva *«se a esmola era um bem ou um mal»*.

A resposta devia ser dada em continente, comportando as caracteristicas de cada respondente.

E de feito, em 4 minutos e meio, amortisados ainda com interrupções de pessoas extranhas, que no ensejo e para fins diversos entraram, foram lançadas em duas paginas de papel grande, cinco respostas, respectivamente assignadas por Eça de Queiroz, João de Deus, Camillo Castello Branco, Castilho e Julio Diniz.

Essas respostas encaram bem e alto a these e vertem-n'a diversamente, como no tanto dos seus limites, o poderiam fazer os signatarios.

Accresce ainda, que a entidade «João de Deus» introduziu na sua resposta uma sextilha, e a entidade «Castilho» traçou o escripto do contexto, formando a letra e assignatura por uma serie de pontos como se traçam as linhas imaginarias na geometria.

*
* *

Impórta tambem conhecer outras particularidades, poderosamente auxiliares d'este estudo, e que indefectivelmente dão amplo tributo á sua comprehensão.

As communicações recebidas por Fernando de Lacerda não são escriptas na sua letra propria e usual. Algumas ha que affectam mais ou menos essa caligraphia, mas muitas d'ellas são completamente diversas d'ella e outras similares ás do punho vivo da personalidade signataria, segundo se tem verificado.

Alguns escriptos apresentam a letra ampla, larga; outros restricta, apertada, intrincada.

Mas o que é de notar, é que as individualidades signatarias conservam irreductivelmente a mesma feição caligraphica desde a sua primeira manifestação até á ultima e todas as vezes que se patenteam.

N'outro dia, consulta feita sobre o titulo a dar á publicação medianimica, essas individualidades vieram dar a sua ideia, assignando todas seu parecer.

Comparadas essas assignaturas com as colhidas em diversas occasiões, em escriptos variamente differençados na época e no motivo, ellas appareciam como reproducção impeccavel, una, persistente de cada uma.

Em reforço:

Ha tempos fomos, eu e Fernando de Lacerda, a Alcantara, observar a faculdade d'um medium incipiente.

A experiencia não passou dos primeiros traços incoordenados da escripta.

Fernando de Lacerda tomou depois a penna, e por desejo de dois commerciantes d'alli, os srs. Sequeiras, amigos do então ha pouco finado, João d'Oliveira Miguens, procurou colher d'elle uma communicação.

Decorrido breve espaço a penna escreveu, arrastando-se com difficuldade, a assignatura usual de Miguens, impressionando fortemente os assistentes, que a reconheceram de exacta, como depois se verificou em confronto d'um autographo. Lacerda nunca fallára a Miguens, nunca lhe vira a letra.

* * *

Dão-se com Fernando de Lacerda outros factos anormaes, do meu conhecimento pessoal, que demonstram por si sós a posse de faculdades de hyperpercepção ou de medianismo peculiar.

O conhecimento d'esses factos interessa, ao menos indirectamente, ao nosso assumpto, e se mais não fôra, representariam taes phenomenos alguma cousa superior ao exercicio ordinario dos sentidos.

Podemos testemunhar entre outros os dois seguintes factos:

Ha mezes finou-se um amigo meu. Relações de muitos annos mantiveram entre nós uma inalteravel affeição, sempre leal e sincera.

Duas vezes apenas Lacerda me encontrou com esse amigo, que lhe apresentei, por mera formalidade, da primeira vez, sem que entre os dois se estabelecesse qualquer gráo de amisade ou de frequencia.

Ultimamente lembrei-me eu de vêr se poderia obter d'esse amigo alguma communicação, se acaso o espirito súbsiste á morte, e para isso fiz sentir a Lacerda o meu desejo.

Devo accentuar, e este ponto é inolvidavel, que antes da tentativa troquei impressões com Lacerda, acerca do meu amigo—era um bom, um despretencioso, sem vaidade, sem um defeito reprehensivel, parecendo nos portanto uma alma de eleição, a quem a morte faria entrar n'um novo estadio de goso e bem-estar.

Essa communicação veio; e qual o nosso assombo ao vêrmos, que era uma manifestação dolorida de soffrimento, de pezar atroz, de an-

gustioso penar, accusando uma situação tremenda, inteiramente diversa da que esperavamos!

Mas o que nos tocou mais, não foi o inesperado, o invez de quanto poderiamos suppôr, foi a revelação dos motivos d'essa prolongada crise afflitiva e as ministradas rasões logicas que a ella conduziram.

Esses motivos e essas rasões eram nos trasidos á consideração, com surpreza nossa, pois os não presuppunhamos, e ao mesmo tempo faziam se acompanhar de prova e de demonstração.

Uma analyse posterior e uma ponderação exacta d'estas rasões, levou-nos a achar extraordinariamente bem justificada esta communicação, que aliás sahiu de todas as nossas previsões, e não se inspirou de modo nenhum no nosso juizo anterior.

***

Por amor da verdade e com o coração bem amargurado, vou referir um outro facto, que me evoca a mais funda saudade e desperta o amor paternal mais acrysolado.

Em Junho de 1905 tinha eu gravemente enfermo um filhinho, que veio a finar-se no dia 20 d'esse mez. Durante mais de quinze dias, foi-me forçado velar á sua cabeceira quasi sem interrupção, a vêr se podia ao menos prologar-lhe a existencia.

Fernando de Lacerda algumas vezes foi confortar-me a minha casa, á Praça d'Alegria, cumprindo abnegadamente o dever d'um bom amigo.

No dia 11 d'esse mez prometteu-me nova visita para o dia seguinte, á noite, pois a doença tomava então um apecto gravissimo.

Passou a tarde e a noite do dia 12, e elle não appareceu, por obrigações do seu cargo. No dia 13 de manhã fui procural-o, e a minha primeira palavra foi de queixa, por me não ter visitado.

Mas elle respondeu:

«*Estive lá de noite. Senti me desprender* e *vi-o a si sentado junto ao sophá na sala, o menino deitado no sophá* e *você acalentando-o com as mãos. Estive ao seu lado esquerdo, passei depois para o direito. Tenho esta noção bem nitida*».

Era exacta a situação que me referia, e normalmente não podia ter tido conhecimento d'ella.

Nas vezes que Lacerda me tinha visitado, meu filho estava n'um gabinete, onde se conservou até ao dia 12.

N'esse dia á noite, entendi que na sala estaria melhor e trouxe o n'um pequeno colchão para cima do sophá da sala.

Desde esse momento até que na manhã seguinte fallei com Lacerda, ninguem sahiu de casa, nem alguem alli foi.

Fernando de Lacerda não podia por isso conhecer o novo logar occupado por meu filho, a não ser, como elle me referiu, pelo *desprendimento* ou pela *visão a distancia*. Tenho narrado este facto a muitas pessoas.

Os que professam um respeito sagrado á memoria de entes queridos, podem avaliar quanto indigno seria inserir seus nomes em narrações menos sinceras.

Souza Couto.

(Continúa).

PHEMOMENO D'ESCRIPTA DIRECTA

Trata se d'uma experiencia, realisada em 2 de dezembro ultimo por M. Zingaropoli, advogado, e M. Ferruzzi, doutor em medicina, e na qual serviu de medium Bartoli.

Esta experiencia teve logar n'uma casa perfeitamente adequada ao effeito pois estava deshabitada. N'ella se reuniram os experimentadores, fechando-a á chave.

Depois procedeu-se com o mais attencioso exame á casa e suas dependencias, escolhendo-se para realisar a sessão uma sala ao fundo, que apenas era servida por uma porta.

Esta porta era pintada de branco por ambas as faces e sobre a pintura não existia cousa alguma que pudesse levantar a menor suspeita.

Para gabinete aproveitou-se a referida sala, a cuja porta se suspendeu, servindo de cortina, um panno de lã escura.

A' frente d'esta cortina collocou-se uma meza, sentando-se o medium de costas voltadas para a porta do gabinete, tendo á sua esquerda Zingaropoli e á direita o dr. Ferruzzi.

A unica illuminação era fornecida por uma lampada electrica, cuja luz se tamisou com um envolucro encarnado.

Primeiramente observou se que a meza se movia por vezes sem contacto algum.

O dr. Ferruzzi affirma ter visto formar-se por cima da cabeça do medium uma especie de nebulosa esbranquiçada.

Decorreram depois dez minutos, ao fim dos quaes o medium caiu em transe. Por seus orgãos vocaes fez se ouvir uma voz de mulher.

Essa voz pediu ao assistente da esquerda, M. Zingarapoli para collocar a mão direita sobre a cabeça do medium, sem comtudo levantar a mão esquerda do contacto da meza. Depois o medium Bartoli levantou-se e tomou o dedo do dr. Ferruzzi, e entrando assim no gabinete, serviu-se d'esse dedo como d'um lapis para escrever sobre a porta e depois d'isto caiu exhausto sobre o pavimento.

Então, a entidade que se estava manifestando, disse: «Está prompto, despertae o medium que está muito fatigado».

Fez-se mais luz. Na face da porta sobre que o dedo do dr. Ferruzzi tinha percorrido nada se encontrou; mas abrindo-se a porta, sobre a outra face appareceu a escripta a lapis, exactamente ao nivel do logar tocado pelo dedo do dr. Ferruzzi.

Reconheceram os assistentes que nenhuma fraude teve logar na producção d'este phenomeno.»

(Da *Luce e Ombra*, Janeiro de 1907).

INDICE DAS MATERIAS CONTIDAS
NO
2.º ANNO DOS "ESTUDOS PSYCHICOS"
(Junho de 1906 a Maio de 1907)

N.º 1. Junho de 1906

		pag.
Um anno de lucta	Sousa Couto	1
Investigações sobre as materialisações de phantasmas e outros phenomenos (VI)	Dr. Paulo Gibier	4
As materialisações da Villa Carmen (continuação)	Gabriel Delanne	8
Impressões d'um medico—no limiar da eternidade	Souza Couto	13
Bodas d'ouro de William Crookes	A Redacção	19
Rectificação	»	20

N.º 2. Julho de 1906

A critica e os criticos, VIII (conclusão)	Souza Couto	21
Investigações sobre as materialisações de phantasmas e outros phenomenos, VII (conclusão)	Dr. Paulo Gibier	24
As materialisações da Villa Carmen (conclusão)	Gabriel Delanne	27
A effluviação odica, VI	Dr. Martins Velho	31
Uma forma de mediumnidade interessante	Souza Couto	35
O professor Laponi e o Espiritismo	»	38
Uma experiencia de Karl de Prel	Karl de Prel	39
Publicações recebidas	A Redacção	40

N.º 3. Agosto de 1906

Descobertas e preconceitos, I	Souza Couto	41
Regressão da memoria	Albert de Rochas	43
Phenomenos de materialisação (conferencia feita na Alliança Espiritualista, de Londres) I	E. d'Espérance	47
O Phenomeno psychico da morte	Jackson Davis	51
A effluviação odica, VII	Dr. Martins Velho	54
Manifestações expontaneas (casas assombradas)	Dr. Edmond Dupouys	59

N.º 4. Setembro de 1906

Descobertas e preconceitos, II	Souza Couto	61
Phenomenos de materialisação (conferencia feita na Alliança Espiritualista, de Londres), II	E. d'Espérance	64
O caso «d'identidade espirita» do chateau Nirvana	Annaes de Sciencias Psychicas	68
A effluviação odica, VIII	Dr. Martins Velho	71
Um novo medium de flores na Allemanha	Souza Couto	75
Uma entrevista com a princeza Karadja, de Stockolmo	Stockolms Fidningen	79
Experiencias sobre a exteriosação dos sentidos (sensibilidade)	Jornal do Magnetismo	80

N.º 5. Outubro de 1906

Descobertas e preconceitos, III	Souza Couto	81
Phenomenos de materialisação (conferencia feita na Alliança Espiritualista, de Londres)	E. d'Espérance	84
A effluviação odica, IX	Dr. Martins Velho	89
Algumas sessões com o medium Miller, I	Gabriel Delanne	92
A morte do investigador Luigi Vassallo	Dr. Venzano, de Genova	97
Um caso frisante de telepathia	A Iniciação	98

N.º 6. Novembro de 1906

Descobertas e preconceitos, IV	Souza Couto	101
Phenomenos de materialisação (conferencia feita na Alliança Espiritualista, de Londres), IV	E. d'Espérance	105
A effluviação odica, X	Dr. Martins Velho	108
Algumas sessões com o medium Miller, II	Gabriel Delanne	112

		pag.
Apparição d'um morto a tres pessoas, pouco tempo após a morte	Charles Tweedale	116
Publicações recebidas	A Redacção	120

N.º 7. Dezembro de 1906

Descobertas e preconceitos, V	Souza Couto	121
Phenomenos de materialisação (conferencia feita na Alliança Espiritualista, de Londres) V	E. d'Espérance	124
Algumas sessões com o medium Miller, III	Gabriel Delanne	128
O caso «Fernando de Lacerda» (continuação)	Souza Couto	132
Conde de Rochas	»	143
Animismo e Espiritismo	A Redacção	144
Publicações recebidas	»	144

N.º 8. Janeiro de 1907

A superstição dos sabios	Souza Couto	145
Phenomenos de materialisação (conferencia feita na Alliança Espiritualista, de Londres), VI	E. d'Espérance	147
Algumas sessões com o medium Miller, IV	Gabriel Delanne	150
O caso «Fernando de Lacerda»	Souza Couto	154
Um phenomeno de premonição	W. Colville	162
Publicações recebidas	A Redacção	164

N.º 9. Fevereiro de 1907

Extranha logica!	Souza Couto	165
Phenomenos de materialisação (conferencia feita na Alliança Espiritualista, de Londres), VII	E. d'Espérance	167
Algumas sessões com o medium Miller, V	Gabriel Delanne	170
O caso «Fernando de Lacerda» (continuação)	Souza Couto	174
Sessão de materialisação em plena luz	Georg Larsen	184
As sessões da Villa Carmen	A Redacção	184

N.º 10. Março de 1907

Testemunho proprio e alheio	Souza Couto	185
Experiencias de bilocação	Albert de Rochas	187
Algumas sessões com o medium Miller (conclusão)	Gabriel Delanne	192
O caso «Fernando de Lacerda». Analyse critica (continuação)	Souza Couto	194
Uma revelação verdadeira	F. Zingaropoli	201
Dissociação da materia sob a acção da luz e do calor	Dr. Gustavo Le Bom	202
Apparencia e realidade	Camillo Flammarion	204

N.º 11. Abril de 1907

Caracter dos phenomenos psychicos	Souza Couto	205
Ultimas sessões d'Eusapia Paladino com Lombroso, em Turim	A. M. Mucchi	208
O caso «Fernando de Lacerda». Analyse critica (continuação)	Souza Couto	213
Marconi e o espiritismo	»	221
Uma apparição annunciada mediunimicamente	E. Paige	222
Um caso de telepathia	Luce e Ombra	223

N.º 12. Maio de 1907

O scepticismo... em materia de facto	Souza Couto	225
Ultimas sessões d'Eusapia Paladino com Lombroso, em Turim (conclusão)	A. M. Mucchi	228
Apparições de defunctos no leito da morte, I	Ernest Busano	231
O caso «Fernando de Lacerda» (continuação)	Souza Couto	236
Phenomeno d'escripta directa	Luce e Ombra	242
Indice das materias do 2.º anno		243